



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

LIBRARIA MODERNA
DE
AGALHÃES & C.
Livreiros Editores

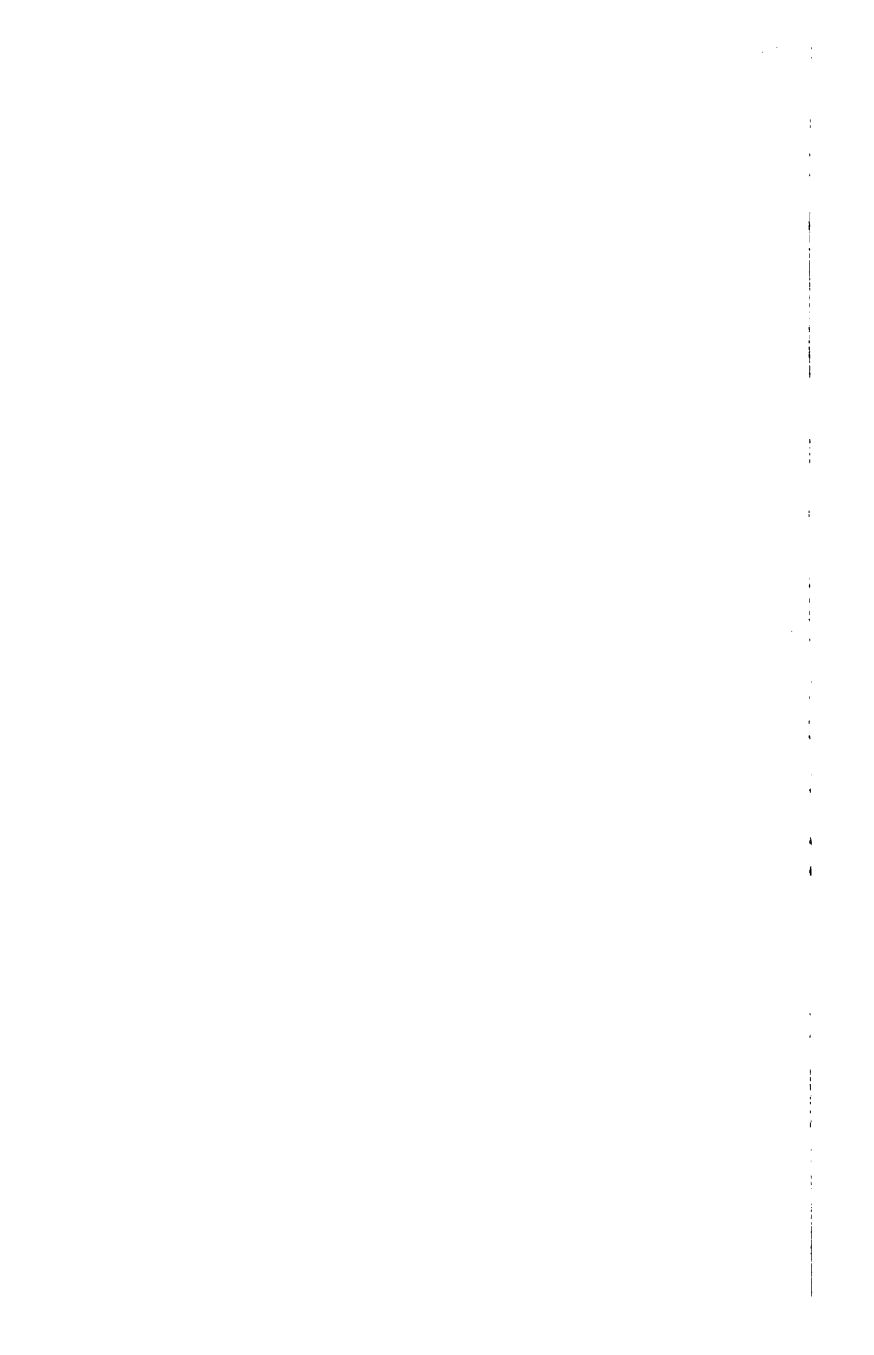
Comprão livros, collecções de sellos, moedas, gravuras,
quadros a óleo, objectos de arte, etc.

ASSIGNATURA MENSUAES

117 RUA DE S. JOSÉ 17

Rio de Janeiro

BY
Brao, T.



1

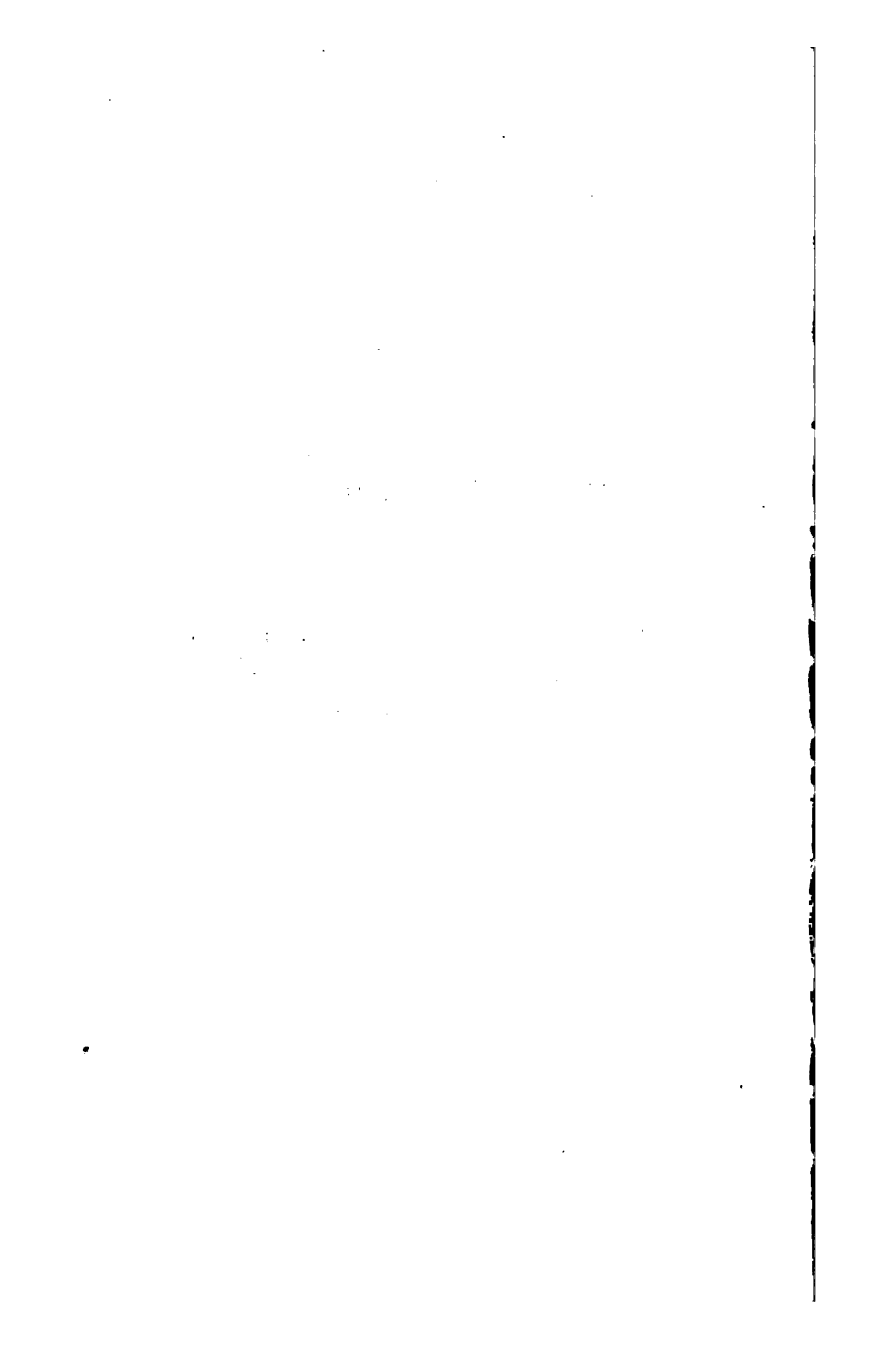
O POVO PORTUGUEZ

NOS SEUS

COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES

II

Brown
BY



Est. 2^a - 418

O POVO PORTUGUEZ

NOS SEUS

COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES

POR

THEOPHILO BRAGA

les vivants sont toujours et
de plus en plus dominés par
les morts.

A. COMTE, *Politique
positive*, t. II, p. 61.

VOLUME II

CRENÇAS E FESTAS PUBLICAS,
TRADIÇÕES E SABER
POPULAR

LISBOA

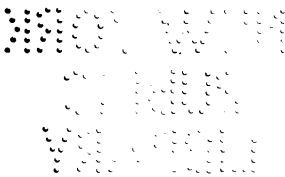
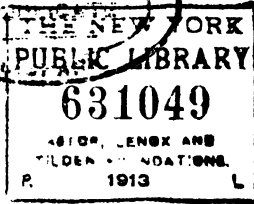
LIVRARIA FERREIRA — Editora

432 — Rua Aurea — 434

1885

Harvard College Library

OCT 7 1912



O POVÓ PORTUGUEZ

NOS SEUS

COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES

LIVRO II

CRENÇAS E FESTAS PUBLICAS

Em qualquer grupo humano a ordem social basêa-se no accordo dos sentimentos. A actividade é motivada pelas necessidades egoistas, e a capacidade especulativa é tão rara e absorvente, que aquelle que pensa torna-se inhabil para a vida pratica. A actividade, pela dependencia do concurso subordina-se ao sentimento, como vemos pela noção de honra, e o pensamento quando influe na transformação de uma epoca, é pelo sentimento que universalisa as ideias abstractas. A acção commum, que distingue a vida publica ou de nação, tira o seu impulso constante das suggestões affectivas. Diz Comte: «o serviço habitual do sentimento exige alternativamente a satisfação dos impulsos e a comunicação das emoções.» (1) As crenças são o elo principal da transição da vida domestica para a vida publica, representando sempre em todos os

(1) *Politique positive*, t. III, p. 79.

seus estados e transformações o esboço espontaneo de uma synthese affectiva. As crenças populares e nacionaes, que formam o objecto d'este livro, dividem-se em dois grupos: as crenças que são *restos de religiões extinctas* que pertenceram ás raças que occuparam a península hispanica, mas que sobrevivem, máo grado o exclusivismo das outras crenças que constituem a *religião do estado*, impostas officialmente, apropriando-se dos elementos mythicos e cultuaes anteriores já desnaturando-os, já perseguindo-os. (*Fas et nefas.*)

O encontro d'estes dois grupos hierologicos determinado por diversas situações historicas provoca um terrivel conflicto, em que a *religião do estado* sendo levada até ao canibalismo da Inquisição, os *cultos decalidos* fortificaram-se na allucinação pathologica da feiticaria e possessão demoniaca. Apesar porém d'esse eterno antagonismo, os dois grupos fusionaram-se como se vê pela persistencia de certas praticas supersticiosas nas proprias festas do catholicismo, constituindo ambos ainda hoje a principal synthese affectiva do povo portuguez.



CAPITULO I

Bases criticas da Hierologia

Importancia ethnica e historica das Superstições populares.— Estados mentaes e sociaes em que se elaboram ou persistem as superstições.— O ponto de vista de Hume, e sua applicação por Buckle ao character supersticioso dos povos peninsulares.— Coordenação historica das Superstições em: Cultos magicos propiciatorios segundo o typo accádico, e Cultos magicos esconjuratorios, segundo o typo egypcio.— Persistencia de um fundo tradicional de superstições da Chaldæa transmittido á Grecia, a Roma, aos Arabes e populações da Edade media.— Nova interpretação das Fórmulas marcellicas, e a região da Aquitania como centro de irradiação das tradições occidentaes.— As vinte oito Fórmulas do palacio de Ninive coincidem ainda com as superstições actuaes.— O Chaldaismo no seculo xi, e sua dissolução na Feiticeria.— Importancia da descoberta dos hieroglyphos para a comprehensão d'este problema.

De todos os phenomenos sociaes que formam o objecto da Ethnologia, é a *Superstição* o mais difficil de coordenar systematicamente, pela incalculavel variedade de elementos descriptivos, provenientes de diversos estados das concepções do espirito humano, dos successivos estadios de civilisação que se foram sobrepondo segundo a corrente historica, circumstancias que actuam constantemente pela conservação das desigualdades sociaes e pelo conflicto das raças, tornando assim esta ordem de phenomenos um verdadeiro cahos moral. Colligir e comparar os dados descriptivos é facil, e já não é pouco reconhecer o valor d'estes factos indicativos de concepções primordiales sobre que se tem de organizar a psychologia anthropologica; achar porém um principio de coor-

denação racional no que é aparentemente absurdo, é esse o intuito scientifico, sem o qual todo o esforço ficará reduzido a uma curiosidade banal. As *Superstições* são o phenomeno capital da sobrevivencia dos costumes; as sociedades transformam-se, mas esta força evolutiva que as impelle acha-se mais ou menos equilibrada com um instincto vago de conservação, que as leva a respeitar o passado. Esse instincto tem manifestações complexas que podem exprimir-se por um termo geral — a *tradição*; no movimento integral de uma sociedade é o *costume*; nos factos industriaes é o segredo e hereditariedade das profissões ou *rotina*; nas concepções racionaes é o *mytho* com todos os seus variados desdobramentos desde o *conto* até às *metaphoras* inconscientes da linguagem; nas crenças que constituem a hierarchia da religião elaborada pelo dogmatismo sacerdotal, é a parte popular que mantém a immobilidade instinctiva, a que persiste a todas as modificações especulativas, exactamente como no phenomeno da linguagem o archaismo se contrapõe ao neologismo.

O caracter de persistencia ethnica da Superstição dá a este phenomeno uma alta importancia para descobrir os estados primitivos do espirito humano, e ao mesmo tempo para deduzir da complicada accumulção de elementos extranhos nos mythos a sua simplicidade inicial. Tornemo-nos mais claro com uma imagem: o mytho é como um ramo de arvore, que se reveste de folhas, de flores, de gômos e de fructos, segundo a estação, até que, passado o calor que provoca esse trabalho organico, as folhas amarellecem e caem e fica apenas um galho sêcco reduzido á sua simples structura. É assim a evolução do mytho, em que collaboram todos os estímulos da evolução social, e sobre o qual desabrocham todos os elementos poeticos da imaginação de um povo; por seu turno o

mytho vae decahindo segundo as modificações de novos interesses, e apenas vae persistindo o fundo primario que o constituiu, em uma simplicidade não comprehendida, por um affêro instinctivo dos mais atrazados pela auctoridade indiscutivel do passado. A Superstição é este ramo sêcco e desfolhado em relação á efflorescencia espontanea dos mythos; o seu estudo presta-se a uma lucida intelligencia dos mythos, cuja verdade não consiste na interpretação allegorica ou symbolica do seu sentido, mas na determinação dos elementos primarios da sua fôrma. É certo que nem todos os mythos são religiosos, ao passo que as Superstições são sempre o vestigio da ruina de uma religião quer na sua parte hierologica, a credulidade nos Espiritos malevolos, quer na sua parte liturgica, os ritos propiciatorios das cerimoniaes auguraes. Pelo estudo das Superstições se chega á determinação das camadas sociaes juxtapostas pela unidade civil, mas profundamente separadas entre si por inacessiveis distancias de capacidade mental; dentro de um mesmo povo, em um elevado gráo de civilização, é facil descer até á inconsciencia primitiva, recompôr as concepções das sociedades rudimentares diante da natureza e dos factos do espirito, e reconhecer até á evidencia que as forças de conservação servem de apoio ao maior numero, e que é sobre ellas que assenta o poder temporal e o espirital todas as vezes que exploram o arbitrio e a mentira. As Superstições na sua persistencia e no seu character temeroso ou maligno são um documento psychologico; nas profundas raizes e analogias de povo a povo, e conservação secreta entre as camadas sociaes degradadas ou atrazadas, são um documento proto-historico pelo qual se pode recompôr o estado social sobre que se desenvolveram as civilizações progressivas. É preciso distinguir o criterio *psychologico* e o *ethnologico*.

A forma e o sentimento que as Superstições apresentam, correspondem a um estado rudimentar da intelligencia do homem: *o terror do desconhecido*. As forças da natureza não são previstas, a vida está exposta aos incalculaveis accidentes de um meio cosmico ainda não adaptado ao bem estar do homem, e conjunctamente o meio social, onde preponderam as paixões egoistas e violentas, ainda não está disciplinado na ordem pela submissão ao facto legal. O Feticchismo primitivo nasceu d'esse terror; o seu desenvolvimento nas raças que o crearam produziu a religião dos Espiritos, e uma vez decahido pela imposição de systemas religiosos superiores, conservou-se na forma de cultos mágicos, e entre as classes sem cultura mental na de Superstições. Por isso que ainda hoje o maior numero é o dos que soffrem os encargos sociaes, o trabalho e a obediencia incondicional, e que, pela necessidade immediata da acção, não têm tempo nem capacidade de se desenvolverem pelo exercicio do pensamento, é entre elles, o povo, que se conserva a Superstição com as mesmas condições da origem e por isso persistindo através das civilisações superiores. Hume, no seu ensaio sobre a *Historia natural da Religião*, accentúa com lucidez este ponto: «Os homens tornam-se mais supersticiosos á medida que *experimentam um maior numero de accidentes*. Os jogadores e os marinheiros são provas frisantes d'esta verdade, ainda que todos os homens os menos capazes de reflectir se vejam entregues aos temores os mais ridiculos, ás superstições as mais frivolas.» (1)

Este facto exemplifica-se melhor na vida collectiva dos povos; (2) a capacidade industrial e artistica dos

(1) *Essais*, t. III, p. 16.

(2) O pensamento de Buckle, já antevisto por Hume, confirma-se com as relações quotidianas; dos Esquimãos, diz o

povos peninsulares contrasta singularmente com a retrogradação systematica que apresentam a Hespanha e Portugal durante os tres ultimos seculos da civilização da Europa. São na realidade extremamente supersticiosos, e essa tendencia foi explorada pelo catholicismo, que, fusionando-se com o poder temporal, chegou quasi a impor-se como uma intolerante theocracia. Buckle comprehendeu admiravelmente a origem d'este atrazo das nacionalidades peninsulares, quando diz: «que as antigas civilizações tropicaes foram acompanhadas de phenomenos extraordinarios, que qualifico como Aspectos da Natureza, os quaes, sobrecitando a imaginação, estimularam a superstição, e impediram que os homens se atrevessem a analysar aquelles ameaçadores phenomenos physicos; ou, por outras palavras, impedindo a formação das sciencias physico-naturaes. E é por certo bem interessante o vêr que nenhuma outra nação europêa é em taes Aspectos tão semelhante ás tropicaes como a Hespanha. Nenhuma outra parte da Europa está, com effeito, tão claramente designada pela natureza como a Hespanha, para ser o assento e o refugio da superstição.—Entre as mais importantes causas physicas da superstição contam-se as fomes, as pestes, os terremotos e em geral a insalubridade do clima, cau-

abbade Morillot: «A phoca, que aparece nas costas da Groenlandia com os primeiros calores, é o principal recurso do Esquimão. Tambem, quando ella falta, porque o verão tarda, uma fome cruel desvasta a ilha. É uma calamidade publica, e a superstição do povo dava-lhe outr'ora por causa a colera de alguma divindade, os sortilegios que era preciso saber combater.» *Mythologie et legendes des Esquimaux du Groenland.* (Actes de la Societé de Philologie, t. iv.) «As pestes e outras crueis epidemias, que muitas vezes assolam a Groenlandia, contribuem muito, comprehende-se, para fazer nascer e propagar as abusões sobre os maleficios das feiticeiras.» (Ib., p. 271.)

sas que abreviando o termo natural da vida, estimulam e augmentam o fervor com que se invocam os auxilios sobrenaturaes contra os males que se crêem de egual procedencia.» Buckle, mostrando que a Hespanha, mais do que nenhum outro povo esteve sempre sujeita a estes phenomenos extraordinarios, deduz como effeito a deformação do character nacional: «Quando a isto se accrescentar, incluindo Portugal, que os terremotos tem sido desastrosos na peninsula, e excitado todas as crenças supersticiosas, que tantas calamidades naturalmente provocaram, podemos formar uma ideia da inseguridade da vida e da facilidade com que um clero astuto, artificioso, e cheio de ambição, soube converter esta instabilidade em instrumento do augmento do seu poder pessoal.» O processo historico de Buckle é pasmoso pela abundancia dos documentos comprovativos.

Em Portugal os factos são tambem eloquentes; as pestes, os terremotos, e conjunctamente as fomes, apparecem desde a Edade media com um character periodico. E quando vêmos no seculo xvi, em que a intelligencia portugueza attingiu o seu maximo esplendor na arte e na litteratura, ser n'esse seculo que o catholicismo se tornou mais obscurantista e intolerante pelo poder da Inquisição e pelo dominio dos Jesuitas, custa-nos a conciliar esta antinomia sem a intervenção de factores que estão fôra da historia; de facto o seculo xvi foi perturbado por continuas pestes e por medonhos terremotos. Em 1512 succede um grande terremoto em Lisboa, de que falla Garcia de Rezende, e o fanatismo de D. Manuel recrudesce contra os pobres e activos Judeus; em 1531, começa a 7 de janeiro um terremoto que se continua por mais de cincoenta dias, terminando com um abalo final analogo ao terremoto de 1755; e D. João III submete-se pouco depois ao estabelecimento da Inquisição. Em 1551,

cae a 28 de janeiro uma chuva de sangue, e succede em Lisboa um terremoto em que morrem duas mil pessoas ; pouco depois estabelece-se a censura contra os livros e fecha-se Portugal á communição intellectual com a Europa. A peste grande de 1569 entrega o animo de D. Sebastião aos planos dos Jesuitas. Emfim tudo conspirava para fazer regressar o espirito do povo portuguez a esse estado mental das superstições, que augmentaram com o terror religioso dos tremendos processos inquisitoriaes de carcere, tortura, procissões canibalescas e de fogueiras, que eram motivados com o fim de extinguir essas mesmas superstições do demonismo, da feiticeria e do judaismo. O catholicismo provocava uma sobrexitação supersticiosa sobre a qual reagia com uma barbaridade selvagem, reduplicando-lhe a intensidade. O estudo das Superstições populares portuguezas só pode fazer-se de um modo completo compilando como elemento descriptivo os assombrosos materiaes que se acham inclusos como peças de accusação nos volumosos *quarenta mil processos* que se guardam na Torre do Tombo. O simples trabalho de compilação só por si reclama uma vida inteira.

Por aqui se vê a importancia do criterio ethnico no estudo das *Superstições*, que muitas vezes são o effeito de uma regressão, como se deve considerar a monomania hallucinada da Feiticeria e do Demonismo no seculo xvi em toda a Europa ; era o conflicto entre duas crenças, a dogmatica e official contra a popular e poetica. O conflicto é antiquissimo, e já nas raças antigas o culto dos povos vencidos e escravizados era prohibido e só se praticava a occultas e com character magico. É essa uma das fórmulas mais vigorosas da Superstição, ainda não reduzida ao seu automatismo consuetudinario. Este diverso vigor das crenças foi conhecido pelos escriptores antigos ; Varrão estabe-

lecia trez especies de theologia, a *civil*, a *natural* e a *poetica*; de facto estas trez cathogorias do mesmo phenomeno correspondem a uma simultaneidade de elaboração social: A *theologia civil*, adoptando as phrases de Varrão, é a crença religiosa disciplinada em unidade cultural, por um corpo sacerdotal, servindo de meio de unificação de uma sociedade que attinge o desenvolvimento de nação. A *theologia natural*, é uma especulação da intelligencia, com tendencia metaphysica sobre os factos do culto civil, estabelecendo para os atrazados uma conciliação allegorica e interpretativa, por onde se chegou á expressão abstracta de dogmas e ás primeiras contemplações philosophicas. A *theologia poetica* é a persistencia das concepções populares que nem entraram na unificação cultural, nem se prestaram ás especulações abstractas; as camadas populares, renovadas pelas guerras e pela escravidão, augmentaram este fundo com cultos decahidos do seu destino social ou com religiões prohibidas na forma publica, transmittindo-se assim pela sua propria estabilidade mental e consuetudinaria em superstição.

Os povos da antiguidade, onde as superstições tiveram maior desenvolvimento, são os Chaldeos e os Egypcios; todos os criticos reconhecem este facto, que tem a sua razão historica. Nos deltas da Chaldéa as doenças pahudosas, os aluimentos do territorio pelas cheias, as incursões de outras raças que subjugaram o elemento accádico, provocavam um grande desenvolvimento de cultos supersticiosos, uns fóra das systematisações dogmaticas, outros supplantados pela religião dos povos vencedores, como se observa nas divindades solares substituidas por divindades lunares. Na demonologia da Chaldéa, é um dos principaes espiritos elementares *Uruku*, o monstro dos charcos, do mar, do deserto, e do vento máo; *Tetal* é o guer-

reiro; *Utug* é o vento do deserto; *Alai*, os destruidores, *Maskin*, o que arma as trapaças; *Namtar* é a peste, como *Nin-dar* é a guerra. A substituição da theogonia solar accadica pelo systema lunar babyonico significa uma sobreposição de raças, e a decadencia de cultos que ficaram constituindo o systema magico da Chaldêa. É por isso que esta decadencia ficou constituída em corpo sacerdotal magico, composto de trez classes: os *Khartumim* (imprecadores ou esconjuradores dos espiritos), os *Hakamim*, (enrandedeiros, analogos aos Chamans das tribus altaicas) e os *Assaphim* (pessoas de virtude, analogas ás nossas beatas.) Tal é ainda o pessoal magico das superstições portuguezas.

No Egypto dá-se tambem o mesmo phenomeno de desenvolvimento dos cultos magicos com equal importancia como na Chaldêa; o fetichismo popular primitivo conserva-se na unificação politica a par dos cultos polytheistas subordinados pelo sacerdocio em triadas allegoricas e moraes. Esse fetichismo é mesmo um vestigio da independencia local dos antigos nomos ou cantões unificados em uma nacionalidade (*Acha-Phta*, Egypto) sob o predominio religioso de Phtah.

É certo que na religião do Egypto se acham os restos de um culto solar, correspondente a uma primitiva população turaniana, e um culto lunar preponderante e peculiar do siderismo kuschita. A decadencia d'esse culto solar da importancia religiosa é que o torna accessivel ás transformações da imaginação popular, que o tratou como objecto de poesia; sobre os restos de mythos solares se formaram os elementos da epopêa osiriana, e a Magia tornou-se essencialmente medicinal, concepção correlativa á das causas occultas das doenças. A Religião no Egypto toca os dois extremos: a activa especulação mental que leva ao allegorismo mystico, e a absoluta conser-

vação nas superstições populares. Uma causa ethnica explica-nos o porquê fundamental do maior desenvolvimento dos cultos magicos na Chaldêa e no Egypto; estas duas grandes civilisações basearam-se sobre um fundo proto-historico de raças amarellas, cujo fetichismo desenvolvido produz, como se observa na China, a religião dos Espiritos; e ficando estacionario, por qualquer causa historica, conserva-se como superstição. Os gregos, os romanos, os judeus e os arabes reconheceram a Chaldêa e o Egypto como as fontes de toda a magia. Sabe-se a influencia da civilisação accádica sobre as raças semiticas; sabe-se que as raças áricas se desenvolveram tambem sobre um grande elemento ethnico turaniano; é portanto natural o poder determinar bases communs que expliquem a identidade das Superstições europêas, e o chegar um dia a reduzi-las a uma certa unidade. Os Romanos trouxeram para a Europa as cerimoniaes magicas do Egypto, bem como os Arabes as fórmas magicas da Chaldêa, e ambos estes dois povos civilisados influiram no desenvolvimento das nacionalidades do Occidente. Antes da entrada da raça árica na Europa, já ella tinha sido occupada por povos da alta Asia, de que os Bascos e Laponios são os representantes degenerados; chame-se-lhe como quizerem, essa raça proto-historica persiste em grande parte ainda com caracteres anthropologicos e mais ainda com numerosas feições ethnicas. É d'esse elemento que vamos derivar as Superstições mais antigas e por isso as mais geraes da Europa, para o que a Peninsula hispanica é um dos melhores campos de exploração. Por aqui passaram iberos, colonias egypcias, phenicias, carthaginezas e maurescas, bem como celtas e romanos, e de todos ficaram detritos persistentes por onde se apura a unidade das superstições fortalecidas por effeito de regressões provocadas pelas assimilações

da mesma raça em diferentes épocas. Por este ponto de vista se determina o methodo para o estudo e classificação das superstições, até hoje irreductiveis a toda a coordenação em systema.

O estudo das crenças dos selvagens baseado sobre as relações dos viajantes leva a recompôr esse estado mental que os ethnologistas explicam sob a forma de concepções *animistas*; o que para nós é um tropo mais ou menos poetico da linguagem, para o selvagem é uma realidade. As cousas têm uma alma, uma vontade, um influxo desconhecido sobre os actos humanos; esta concepção produz um sentimento vago de terror, e a necessidade de aplacar essas influencias malevolas por meio de actos que constituem um culto espontaneo. Tal é o *Agouro*; comprehende esse terror instinctivo do desconhecido, como se observa nas populações atrazadas, e tambem as praticas de observancia rigorosa que são formas rudimentares da superstição. O agouro, pela sua simplicidade, pela sua independencia da intervenção de um qualquer sacerdocio, pertence a uma época social em que apenas existem cultos domesticos, variaveis de familia a familia, e em parte como segredo local; a sua multiplicidade não provém das especulações intellectuaes; como as que desenvolvem os dogmas superiores, mas da complexidade dos actos individuaes submettidos ao influxo do agouro. É por isso que a quasi totalidade dos agouros são indicações de perigo pessoal, que se evita por actos negativos: *in non faciendo*. As superstições comprehendem varias camadas ethnicas correspondentes a diversos estados do grupo humano; a ter de seguir a sua evolução segundo a marcha das sociedades, o *Agouro* é a forma simples e primitiva anterior a toda a organização de culto publico. É entre os povos selvagens que se observa em toda a sua efflorescencia instinctiva este producto de apprehen-

sões tanto mais fortes quanto o egoismo da conservação está mais proximo da animalidade, e quanto os dados racionais estão longe de serem ampliados pela observação empirica. Ideias que se tornaram base moral de religiões superiores, como a metempsychose e a immortalidade da alma, provieram da concepção selvagem do *animismo*; o terror dos mortos, que se desenvolveu no culto dos maiores, e foi a primeira unificação moral da cidade, ainda se conserva no medo das almas do outro mundo, nas suas aparições e transmigrações, que formam o campo mais vasto dos agouros populares a ponto de ser recebido no catholicismo como um culto de suffragio. As relações intimas que existem entre os agouros dos selvagens e os dos povos civilizados da Europa, em uma concordancia pasmosa, devem explicar-se não só pela persistencia tradicional, porque um grande numero de costumes e de actos cannibaeis ainda se manifestam perturbando a ordem social como regressão á actividade primitiva, mas tambem pelo determinismo moral provocado pela mesma ordem de concepções expressas pela designação de animismo. É a sua extraordinaria persistencia, ou como diz Tylor, a sua *sobrevivencia*, que faz com que o *Agouro* mesmo alheio a toda a forma cultural ou religiosa seja considerado um elemento de superstição, por onde o estudo d'esta deve ser encetado. Como um phenomeno de paleontologia moral esta parte das Superstições determina-se na sua maior amplitude e simplicidade nos seguintes estadios humanos, o *selvagismo*, o *barbarismo*, e o *paganismo*.

Cada uma d'estas categorias da especie tem a sua importancia, que a ethnologia distinguirá de futuro; no selvagismo o costume, seja qual for a sua manifestação, é espontaneo, alheio a todo o contacto de outras raças ou sociedades; no barbarismo, ha já um

começo de cultura proveniente do encontro com outros povos, apropriando novos usos ás suas condições inferiores; o paganismo, significa a vida de isolamento dos campos, (dos *pagi*, da Edade media) e presta-se pela falta de estimulação social á regressão aos costumes e crenças primitivas. Os padres da igreja prejudicaram este nome usando-o como condemnação dos usos e crenças polytheistas, que durante a Edade media prevaleciam nas povoações ruraes; para evitar este inconveniente substituiu-o-hiamos no seu emprego ethnologico pelo *vulgarismo*. É n'estas trez camadas humanas que se deve fazer a exploração dos *Agouros*, como formas simples e individuaes das superstições.

As relações da vida vegetal com a humana, que persistem na crença e no costume de plantar uma arvore quando nasce uma criança, apparecem em uma superstição popular açoriana, commum á India, ao Mexico e á Germania. Na ilha de S. Miguel quando vae um rapaz para o Brazil, ou para as baleeiras americanas, pendura-se ao canto da casa uma pequena planta de piteira, a que nos Açores se chama babosa; se a planta se conserva verde, o ausente está de saude, se amarellece é porque morreu. Max Muller notou este uso supersticioso em uma tradição da America central, em que dois irmãos deixaram plantadas duas canas, para durante a ausencia se saber por ellas, se estão vivos ou mortos; no conto allemão colhido pelos sabios Grimm, são dois lirios de oiro, que dirão se os ausentes passam bem, se floresceram, ou se morreram, no caso de marcharem. Grimm determina um paradigma indiano, o que leva a reportar esta crença, não a uma origem indiaña, mas a um solo proto-historico representado pelas raças da America, e pelo elemento peninsular das colonias açorianas.

Lubbock, nas *Origens da Civilisação*, (p. 21) falla

do pasmo que o selvagem tem pela *escripta*; ainda entre o povo portuguez a *letra redonda* tem um grande perstigio de veracidade; as Orações escriptas são trazidas em bolsinhas com poder talismânico, e os cantos raramente os deixa escrever com receio de sortilegios contra a pessoa que os dita. Lubbock, fazendo estudos comparativos sobre as religiões dos selvagens, chega á conclusão importante: «Assim os nossos homens do campo e as classes mais ignorantes das nossas grandes cidades, acreditam ainda na magia; as divindades dos nossos antepassados sobrevivem ainda nos contos das crianças. É pois inevitavel o encontrar em cada povo vestigios, que digo, mais do que vestigios das antigas religiões.» (1) Iremos seguindo os factos compilados systematicamente por Lubbock; em todos os povos selvagens os *sonhos* são uma revelação immediata dos manes ou almas dos antepassados ou dos Espiritos. Durante a Edade media vigorou a arte de interpretar os sonhos, e ainda hoje como nota Tylor, é este assumpto um dos ramos de exploração mercantil das folhas-volantes. As superstições dos sonhos são abundantissimas no povo portuguez, e por isso apontaremos a mais caracteristica: o *Pezadello*. Entre os selvagens da Australia, o pazadello chama-se Koin; agarra o homem que está dormindo, leva-o comsigo sem que o paciente possa gritar, mas ao alvorecer desaparece, e a pessoa acha-se na sua cama descansada. (2) A Edade media fez d'este mal estar das grandes digestões um largo ramo da feiticaria dos *incubos* e *sucubos*. Na ilha de S. Miguel chama-se-lhe o *pezadello da mão furada*.

A *sombra* projectada pelo corpo é entre os povos selvagens considerada como um Espirito que acom-

(1) *Origines de la Civilisation*, p. 204.

(2) *Ibid.*, p. 216.

panha-o homem ; nos *pactos* da Edade media o homem perdia a sua sombra, que ficava pertencendo ao diabo, e na penalidade symbolica o homem banido *perdia a sombra* cavando-se no chão emquanto elle estava amarrado á picota ou ao poste da ignominia. Entre as superstições das provincias do Brazil encontramos esta colligida pelo vigario de Victoria : «Na madrugada do dia de S. João Baptista, quem *não vê a sua sombra* ao chegar á borda de um poço ou fonte, não vive o anno seguinte.» As *pragas*, tão frequentes em certas classes, como marinheiros e arreeiros, e que formam um ramo pittoresco da linguagem, baseam-se sobre a crença em um espirito malevolo, que é preciso increpar com injurias. De uma cousa que se perdeu ou se destruiu, diz o povo : *Deu-lhe o Tanglomango*. Mais abaixo desenvolveremos este vestigio da superstição que se liga ás antigas raças da peninsula ; segundo Lichtenstein, os Bechuanas attribuem ao deus do mal a que chamam Murimo todos os desastres que lhes acontecem, e «não hesitam em arremessar-lhe toda a classe de injurias quando lhes acontece algum desarranjo ou não satisfazem a sua vontade.» (1)

Durante a Edade media o Diabo occupou na imaginação dos povos da Europa este papel da divindade maligna das raças selvagens, e devido a uma regressão provocada pelas invasões tártaras e mais tarde pelas explorações dos ciganos, foi facil operar-se esta incrustação, que ainda persiste nas classes infimas e se lhe chama o *inimigo*. Os Tartaros de Katschintzi têm para si que o espirito maligno é mais poderoso do que o espirito do bem ; (2) a Europa pensou assim durante seculos, e a maior parte das Superstições populares baséa-se sobre esta concepção, sustentada

(1) Ap. Lubbock, *op. cit.*, p. 219.

(2) *Ibid.*, p. 220.

pelo facto das doenças, que a gente do campo attribue ao mau espirito. Para os habitantes da Nova Zelandia, cada doença é produzida por um deus especial; na crença popular catholica os santos têm virtudes especiaes contra determinadas doenças, como Santa Apollonia contra as dores de dentes, Santa Martha contra as doenças de menstruação, Santo Amaro contra as doenças das pernas, S. Marçal contra os incendios, e assim por diante. Além das doenças attribuidas aos espiritos malfazejos, como entre os Cafres Kussas e os Kols de Nagpore, e entre os Chinezes, ha outras doenças produzidas pela vontade dos feiticeiros ou bruxas. (1) Esta ordem de doenças é tambem attribuida em Portugal a pessoas que tem *mão olhado*, ou que fazem *feiticos* e *carantulas* para prejudicarem a quem lhes convem, ou mesmo os gados e as cearas. A esta superstição ligam-se muitas cerimoniaes esconjuratorias cuja parte descriptiva exporemos adiante. Cook, na sua *Viagem do Pacifico* nota entre muitos povos selvagens a crença de que os loucos estão possuidos da divindade, e são por isso respeitadas; entre os Esquimãos, os loucos têm character sagrado, (2) da mesma fórma que os cretinos nas povoações ruraes da Europa e em Portugal. Entre os povos selvagens a morte é geralmente o effeito de magia; entre nós as crianças que morrem de consumpção, de rachitismo ou de afitos são tidas como *embruxadas*, e a pessoa que morre afogada é em consequencia de que o genio maligno do mar tem de devorar todos os dias uma pessoa, como o ouvimos frequentes vezes na ilha de S. Miguel.

Quando se pede algum milagre a S. Antonio, costuma-se amarral-o com uma corda, tel-o em exposição

(1) Abb. Morellot, *Mythes et Legendes*, p. 262.

(2) *Ibid.*, p. 262.

á janella ao ralento da noite, ou conserval-o mergulhado em um poço, até que elle conceda o que se lhe pede; os selvagens de Kamtschatka insultam os seus deuses quando não cumprem o que se lhes pede; os da Nova-Zelandia ameaçam o seu deus Atua, de que o matam e de que o comem, bem como o negro da Guiné espanca o seu fetiche. (1) Nos templos dos Kymytha de Chittagong, as orações começam por toques de campainha para accordarem Buddha, como no templo de Sinto o toque do sino serve para accordar a deusa a prestar attenção ás supplicas. A campainha e os sinos, sobretudo quando dobram a preces, têm no rito catholico a mesma origem barbarica. Segundo Klemm, os Tártaros do Altai figuram o seu deus sob o aspecto de um velho de barba longa, e é esta a figuração artistica e popular do Padre Eterno catholico. Os *eclipses* são ainda hoje entre o povo um signal no céu bastante temeroso, como entre todas as raças selvagens.

A crença nos *phantasmas*, como fôrmas da alma depois do passamento, que é a base da maior parte das crenças dos selvagens, é vulgarissima em Portugal; elles apparecem a pedir o cumprimento de alguma promessa, e fazem um ruido junto da pessoa a quem avisam, simulando o arrastar de grilhões, e chamam-se propriamente *almas penadas*. Na *Chronica dos Vicentes*, um dos mais antigos documentos da historia de Portugal, o cavalleiro Henrique apparece ao seu pagem a pedir-lhe que o mude de sepultura. *Fallar uma alma* em alguém, que é como o povo explica o hysterismo e a epilepsia, acha-se tambem entre os Esquimãos, (2) como nas aldeas portuguezas. O *outro mundo*, onde habitam as almas, é uma concepção analoga á dos

(1) Morellot, *op. cit.*, p. 225 e 226.

(2) *Ibid.*, p. 244.

povos selvagens que crêem que as almas dos mortos vão para uma terra mais feliz. Muitos dos jogos populares, como os *pares e nones*, foram e ainda são entre certos povos selvagens ritos divinatórios.

A superstição das *carantulas*, proibidas no Alvará da Camara de Lisboa, do tempo de D. João 1 por occasião da batalha de Aljubarrota, usa-se como notou Tanner na America septentrional por occasião da guerra; os Romanos tambem lançavam uma boneca ao Tibre, e na India picam essa imagem ou carantula com alfinetes para fazer mal á pessoa que representa. (1) O horoscopo do *nome*, que exprime entre o povo uma fôrma da sua crença na fatalidade, motiva entre as tribus da America do norte e insulares do Pacifico a mudança de nome para evitar o feitiço. Os cabellos, a roupa ou restos de comida, são os objectos mais directos com que fazem os *feitiços* contra uma pessoa; assim as mulheres queimam o cabello que lhes cae ao pentear, e a comida que cresce não deve ter sido tocada, nem o pão ficar mordido dos dentes. Estes objectos prestam-se para o mesmo fim maligno na Polynesia e na Nova Zelândia. Os feiticeiros da Nova Zelândia fazem *covas* no chão para attrahirem ali e sepultarem depois os espiritos dos seus inimigos; o nome de *Covas* de Salamanca dado ás escholas da magia na peninsula provém d'este rito persistente do estado selvagem. Os apparecimentos das Virgens nas grutas são um instincto de reacção clerical contra a superstição popular. Adivinha-se lançando clara de ovo fresco em um copo de agua, sobretudo nas ilhas dos Açores; na Collecção de Viagens de Astley, traz Faira: «Quando Vasco da Gama descobriu a India, alguns feiticeiros de Kalekut mostraram em bacias cheias de agua os trez galeões que elle trazia.» (2)

(1) Ap. Lubbock, *op. cit.*, p. 240.

(2) *Ibid.*, p. 245.— Nas *Cartas* de D. Francisco Manuel de

Em Maskat, diz o mesmo escriptor, «ha feiticeiros tão habéis, que comem o interior de uma cousa só com a vista;» comprehende-se por esta crença a locução popular ainda frequente *comer com os olhos*. Entre os povos selvagens ou barbaros, como os da Siberia, ou os Ahts do noroeste da America, ou da Groenlandia, os dons magicos adquirem-se pelo isolamento, pela privação de alimento e pela exaltação ou hallucinação; são estes ainda os meios como se produzem entre o povo esses estados mentaes das chamadas pessoas ou *mulheres de virtude*, que como todos os bruxos selvagens tomam a serio a sua superioridade e poder sobre os espiritos. É nos retiros das *encruzilhadas* que o diabo acode á evocação.

As dansas nas romarias campestres têm ainda o character de rito religioso como entre os Kols de Nagpore, os Ostiakes, os indigenas da Virginia, e entre algumas tribus do Brazil. As festas do Espirito Santo, nas ilhas dos Açores são acompanhadas de *bailhos*, e de *banquetes* a pobres, ritos obrigados nas religiões selvagens como notam Robertson e Lubbock. Os nomes de pessoas tomados de animaes e plantas revelam um primitivo *totemismo*, que se explica pelo mesmo uso entre os Issinese da Guiné, os Hottentotes, no Congo, entre os Bechuanas, e os Chinezes.

O culto das arvores das raças selvagens, persiste entre o povo, para quem a cruz é a *arvore* da redempção; certas plantas herbaceas, como a arruda e o trovisco, têm poderes magicos para afugentar os espiritos. A raiz da mandragora pelas suas fórmias caprichosas, é citada nas Constituições dos Bispados como empregada pela feiticeria; o funcho é usado nas festas do natal na Madeira e Açores, e os antigos *bos-*

Mello, p. 542, allude-se a esta superstição em Portugal, como adiante veremos.

ques sagrados estão substituídos nos costumes pelas folhagens espalhadas pelas ruas por onde passa uma procissão. Muratori, na Dissertação LIX das *Antiquidades italianas*, cita uma lei de Luitprando, que prohibia entre os Lombardos o culto das arvores; este culto andava ligado ao das Fontes, como se prohibe no Concilio Nannetense. Em Portugal a chorographia ennumera uma extraordinaria quantidade de Fontes Santas e de Aguas Santas, superstição que apparece entre os barbaros da Germania, na Fonte de Urdhar e na arvore de Yggdrasil. Os ramos de *giesta*, por occasião das Maias, e a festa da *espiga* em Lisboa, acham-se usados com character religioso entre populações inferiores, como entre os habitantes de Nicaragua, onde se adora o milho e os feijões. Na ilha de S. Miguel, quando o mar está bravo, lança-se-lhe reliquias de santos para o abonancar; em uma relação de viagem de 1693, conta-se que o rei dos Kabosheers mandou o seu sacerdote aplacar o mar lançando-lhe varios presentes de comer e beber. Nos Açores curam-se certas doenças com *agua das trez marés*. A pia baptismal corresponde aos lagos, tanques e poços sagrados das raças da America e dos Celtas. A superstição de *revolver penedos* para fazer chover, prohibida pelas Constituições dos Bispados em Portugal, pertence aos restos do fetichismo das raças da Europa, bem como o costume das dansas phálicas «trez voltas dei ao penedo — para namorar José» da cantiga popular. A pena infamante do antigo symbolismo do direito portuguez de transportar pedras ás costas, provém de um culto decahido, tornado desprezível. Os habitantes da Nova Zelandia e alguns da Melanesia adoram o *Arco da velha* (o iris); em Portugal ha muitas superstições sobre este phenomeno meteorologico, analogas ás da Birmania e Zululandia, das Vascongadas, Escossia e Bretanha, e até com fórmulas simi-

lares. O *ferro* conserva ainda um caracter magico ou de virtude, tal como na epoca em que o uso do bronze foi perturbado por este novo factor da civilisação ; em um esconjuro popular se diz :

Tu és ferro, eu sou aço,
Tu és demonio, eu te embaço.

A *ferradura* de um cavallo ou mula é um poderoso talisman contra a feiticeria. A tradição poetica das *Ilhas encantadas*, conhecida nos mythos celtas da Ilha de Avalon, e aproveitada por Camões no seu episodio da Ilha dos Amores, acha-se entre os habitantes da Ilha de Tonga, é a ilha phantastica de Bolotoo ; esta mesma crença apparece entre os Esquimãos, e podemos dizer que ainda no seculo xv foi esta tradição no estado poetico que estimulou a imaginação dos Portuguezes para as arrojadas emprezas maritimas. As lendas theologicas da *bemaventurança* tem suas raizes n'este solo inferior das raças selvagens e barbaras.

Na medicina popular encontra-se uma pratica extremamente commum aos povos selvagens ; é a *sucção* no corpo do doente, cuspindo fóra a influencia maligna extrahida pelo feiticeiro. Acha-se este costume entre os selvagens do Paraguay e do Brazil, entre os indios Galibes, Abipons, Guayacurus, na Guyanna ingleza, na California, na bahia de Hudson, entre os Esquimãos, e na Australia ; (1) a esta grande serie de factos accrescenta Lubbock : « Assim encontramos por toda a parte este modo de tratamento primitivo, que consiste em *chupar* a parte doente para fazer sahir o mal, e por ventura os vestigios ainda se conservam entre nós nos costumes das crianças... » De

(1) Ap. Lubbock, *Origines de la Civilisation*, p. 24 a 28.

facto muitas vezes observamos este phenomeno : para calar a criança que se magoou bafeja-se-lhe o logar magoado, ou suga-se-lhe a mão, o dedo, o que ella repete quando alguém se queixa. Entre o povo a *sucção* é ainda empregada nos golpes, e na ilha de S. Miguel as mulheres possessoras de algum espirito ou alma curam-se simulando que vomitam cabellos embrulhados com linhas e alfinetes ; a palavra *chupista* tem entre nós um sentido infamante, e dá-se entre pessoas que usam estas praticas medicinaes. O uso de *cuspir fóra* quando se fala em cousas malevolas, ou como fórmula de esconjuração, é uma parte persistente do rito medicinal da sucção. «Quando se vê um sapo, para não acontecer mal é preciso *cuspir fóra* trez vezes.» (1) As crianças, segundo a crença vulgar, estão sujeitas a serem *chupadas* das bruxas.

Lubbock compara a animadversão de quasi todos os povos selvagens contra as crianças *gemeas*, como entre os insulares de Bali, os Khasias do Indostão, os Ainos do Japão, e na Guiné ; este odio supersticioso ligado á apprehensão da infidelidade da mulher, apparece na Europa consignado no poema do *Cavalleiro do Cysne*. A crença dos Tongans, quebrando as armas d'aquelle que morre, como tambem animadas, e devendo acompanhar o seu dono para o paraiso de Bolotoo, acha-se nas tradições da Edade media, como na *Chanson de Roland*, sentindo-se este ferido de morte e pedindo á sua espada que se deixe quebrar ; o uso de quebrar os copos depois de uma saude especial provém da mesma concepção animista. O uso dos habitantes de Mallicollo e entre os Cafres, segundo Cook e Casalis, de exprimirem a admiração por um *assobio* acha-se entre o nosso povo, especialmente como resposta intencional e exaggerativa. A *tatuagem*, cos-

(1) Ap. *Positivismo*, t. III, p. 7.

tume quasi geral aos povos selvagens, persiste entre os nossos marinheiros, soldados e homens braçaes; as costas das mãos, os braços e o peito são o campo d'essas phantasias do desenho allegorico, que se prende com a credulidade supersticiosa; cruces, meias luas, signos saimões, corações, setas, chaves e vasos de flores são os themas peculiares da tatuagem portugueza, destinados a livrarem aquelle que usa esses signos do máo olhado, ou de lhe entrar o diabo no corpo. Nas classes elevadas o mesmo espirito selvagem persiste no costume de furar as orelhas ás crianças do sexo feminino e de lhes pendurar brincos de ouro, bem como de lhes pendurar *figas* e amuletos ao pescoço durante a primeira infancia. A pintura da cara, para encobrir as rugas da idade, ou a côr tri-gueira, é tambem uma persistencia selvagem, como se vê pelos costumes das Falatah da Africa.

Depois da fôrma *espontanea* das Superstições que comprehende o campo illimitado e caprichoso dos Agouros, vem a fôrma *revelada* que é o segredo de uma classe especial que tem o poder de communicar com os espiritos, de os evocar, ou de os esconjurar. Esta fôrma das Superstições depende de um sacerdocio, que torna o culto commum á sociedade, para a qual fabrica os fetiches, isto é, os objectos materiaes em que se fixam os espiritos malevolos, atalhando-lhes assim o arbitrio e tornando-os accessiveis á propiciação. N'este ponto as Superstições coincidem com as Religiões nas phases do seu desdobramento historico; de facto as Superstições apresentam dois typos fundamentaes, os presagios ou a vaticinação, e a cura das doenças, correspondendo o primeiro ao fetichismo astrolatrico da Chaldéa, e o segundo ao empirismo medico dos ritos magicos do Egypto, ambos differentes entre si. O syncretismó operado pelos Romanos entre estes dois elementos typicos das Superstições

reveladas, e ao mesmo tempo o esforço baldado mas vehemente da Edade media em tornal-as *demonstradas* procurando dar base scientifica á Astrologia judiciaria e á Medicina theurgica, como se viu pela protecção dos astrologos nas côrtes dos reis, e pela crença nos milagres dos santos e das fontes maravilhosas nas doenças, toda esta complicação de factores historicos não deixava vêr claro n'esta ordem de phenomenos que são o sub-soço da civilisação humana.

Assim como para os estudos philologicos, a descoberta do sanskrito foi um raio de luz que aproximou a razão humana da verdade, tambem a leitura dos hieroglyphos e dos cuneiformes veiu dar bases positivas para a systematisação scientifica do phenomeno tão complicado das Superstições. Diz Lenormant: «a decifração dos hieroglyphos do Egypto e das escripturas cuneiformes da bacia do Euphrates e do Tigre, estas duas maravilhosas conquistas do genio scientifico do nosso seculo, fornecem hoje, para o esclarecimento de um tão curioso problema, soccorros que teriam, ainda ha cincoenta annos atraz, parecido inteiramente inesperados. De ora em diante podem-se estudar nas fontes originaes as sciencias occultas do Egypto e da Chaldêa.» (1) É aproximando essa riqueza extraordinaria de factos contidos nos documentos accádicos das praticas actuaes das Superstições do povo portuguez, que se chega a estabelecer uma identidade proveniente da persistencia dos elementos ethnicos dos Iberos na peninsula. Nos costumes, no onomastico local, nos monumentos epigraphicos, nas tradições poeticas, ainda os povos hispanicos conservam pasmosos documentos d'essa raça da alta Asia que precedeu na Europa a entrada dos Arias; as Superstições, cuja abundancia distinguiu sempre o genio das nacionali-

(1) *La Magie chez les Chaldéens*, p. vii.

dades hispanicas, revelando no seu estudo vastas comprovações ethnicas, adquirem pelo criterio comparativo a importancia de uma paleontologia historica. (1)

Causas historicas provocaram a fusão dos diversos ritos magicos do Egypto e da Chaldêa, resultando uma propagação erudita na Europa, chegando a formar uma eschola secreta e uma litteratura apocrypha do chaldaismo. As fórmulas inintelligiveis colligidas pelo medico de Bordenus, Marcello, do quarto seculo da era moderna, ao passo que nos revelam a corrente dominante do chaldaismo, são de proveniencia popular, o que nos comprova a existencia de um fundo ethnico de superstições na região da Aquitania, isto é, onde o elemento iberico resistiu mais tempo ás invasões celticas. O facto de serem populares na Aquitania essas fórmulas, leva-nos a inferir a sua origem iberica, e por tanto tendo relações tradicionaes com os cultos accadicos, e a precisar pela ethnologia a razão da unidade das Superstições occidentaes. Diz Ernest Charrière: «Nós não vemos difficuldades para crer que na peninsula a raça hespanhola e a italiana eram identicas e vinham juntar-se pelo laço natural da Aquitania e pelo meio-dia da Gallia como o indicam todas as relações actuaes. A analogia da raça iberica com esta antiga raça autochtone que apresentam todas as antiguidades da Italia, tão completamente obliterada na historia sob a triplice invasão dos Gaulezes, Etruscos e dos Gregos, deve ter sido anterior mesmo áquella que se estabeleceu depois pela immigração dos Sica-

(1) A phase *demonstrada* das Superstições manifesta-se actualmente na Hespanha no proselytismo *Espiritista*, que é uma transformação do erro animista adaptando-se a um gráo mais elevado da cultura social; destacada da sinceridade popular e do automatismo tradicional, o seu estudo só interessa á psychologia morbida.

nos e Ligurios, e as denominações ibéricas da Italia podem pertencer a esta communhão natural que nós attribuímos ás duas populações.» (1)

Não poderíamos apresentar com mais clareza o problema ethnico do Occidente da Europa, por onde se conhece a importancia do estudo das Fórmulas de Marcello para a comprehensão das mais remotas origens das nossas superstições, tal como a tradição das *palavras desconhecidas*. Na magia popular da Europa conservam-se as palavras de imprecação *Hilca e Becha*, que Lenormant vae encontrar nos livros accádicos da Chaldêa ; (2) este facto indica um caminho para a critica, e poder-se-ha suppôr que as *palavras desconhecidas* a que ainda hoje as superstições populares attribuem certas virtudes serão muitas d'ellas conservadas como fórmulas tradicionaes accádicas, mas sem a consciencia da sua origem. No livro de Marcello *De Medicamentis*, escripto no fim do seculo iv, vêm muitas fórmulas de medicina popular, palavras inintelligiveis de imprecações que o medico burdigalense colligiu dos costumes e transmissão oral, como elle proprio confessa : « *Ab agrestibus et plebeis... dedici.* » Jacob Grimm, que alliou o genio com a erudição, publicou em 1849 um estudo *Sobre as Fórmulas de Marcello*, em que procurava provar que as palavras inintelligiveis eram vestigios de um dialecto gaëlico fallado na Aquitania ; n'esta hypothese cortou as fórmulas em syllabas segundo a conveniencia da aproximação de palavras celticas, apoiando-se ao mesmo tempo nos

(1) *La Politique de l'Histoire*, t. I, p. 81.

(2) Estas vozes acham-se nas palavras *Villias* e *Guacas* da antiga religião peruana, que significam divino, sobrenatural ; eram quaesquer objectos de páo, pedras meteoricas ; as *Guacas* eram tambem as nossas Petrasfitas ou marcos, e os *Guachecoal* correspondiam ás nossas Picotas ou Pelourinhos. Girard *duale, Mythologie comparée*, p. 15.

nomes celticos de plantas empregadas por Marcello. O grande celticista Zeus não se conformou com as explicações de Grimm, adherindo em 1855 ao modo de vêr d'este philologo Adolpho Pictet, o que fez com que Jacob Grimm dêsse um novo vigor ao problema. Belloguet, na *Ethnogenie gauloise* deixa em desconfiança a interpretação de Grimm, porque essa these parte da hypothese que o gaulez da Celtica invadira a Aquitania extinguindo a lingua que ahi se fallava no tempo de Cesar, lingua que se julga ter sido o *ibero* ou basco.

A região a que pertencia Marcello Burdigalense, a Aquitania, onde os Ausci ou Iberos persistiram resistindo ás invasões dos Arias na Europa, leva-nos pela particularidade da sua ethnologia a procurar uma outra solução para este problema. Só depois que em 1868 Rawlison e Norris publicaram as fórmulas da magia accadica, é que se possuiram os elementos para determinar os paradigmas das primitivas superstições da Europa, assim como pelo lyrismo accadico se determinaram tambem os typos das canções trovadorescas occitanicas. No tempo em que trabalharam Grimm e Pictet ainda não eram conhecidos estes inesperados recursos scientificos, e é por isso que os seus resultados partindo de hypothese gratuita apenas chegam a explicações engenhosas. Conhecidas as palavras accadicas, proto-medicas, susianas e assyricas usadas nas imprecações e esconjuros da magia chaldeo-babylonica, é necessario com estes dados novos que se retome o problema como o deixou Grimm, e se considerem as Fórmulas marcellicas que foram colligidas da bocca do povo como vestigios tradicionaes da raça que estacionou na Aquitania, onde resistiu ás invasões celticas. Recuamos o campo historico, e damos-lhe uma base positiva, tomando os ritos magicos e a medicina augural, que os Celtas não tinham mas sim os

Iberos acantonados na Aquitania, para a aproximação e intelligencia das Fórmulas. (1)

(1) Eis a primeira das Fórmulas de Marcello burdigalense (cap. 8):

I. EXCICUMACRIOSUS.

Pela aproximação das imprecações accadiccas leriamos: *Excicu Ma Cr Rios (us)*, que correspondem ás seguintes imprecações: *Asakku*, a febre (em assyrico); *Ma*, o paiz (em accadico); *Kur*, a montanha, e *Rus*, o choque (em accadico.) Ainda hoje nas imprecações populares o mal é repellido para longe, para lá das montanhas, para os mares amarelllos.

Eis a segunda fórmula:

II. TETUNCRESONCO, BREGAN, GRESSO.

Dividimol-a segundo as palavras accadiccas imprecativas em *T-etunc Res Onco Bre-gan Gresso*, a que corresponde a seguinte significação: *Zi* (ou *Ti*) o espirito; *Utug*, demonio favoravel; *Res*, choque; *s'umki*, imperio (em susiano); *Bil-gê*, chamma; *Gurus*, elevado.

III. INMON DERCOMARCOS AXATISON.

Segundo as palavras correspondentes das Fórmulas magicas da Chaldéa, dividimol-a: *In, mon derco mar cós ax sa ta son*, que se traduz: *Inne*, não (em protomedico), *Mum*, bemfazejo (em accadico), *de*, mudar; *hur-ki*, proteger, illuminar; *mar*, caminho; *kus*, dirigir; *as*, imprecações; *sa*, campo; *da*, ir; *su*, forçar (todas em accadico.)

IV. RICA RICA SORO.

Em proto-medico *Ruk* é o homem; *sera*, por.

V. KURIA KURIA KASSARIASOURORBI.

Em accadico *Kurra*, é o oriente; *kas* dois; *hur*, proteger; *As*, encanto; *ir*, o nadir; *ub*, região.

VI. VIGARIA GASARIA.

Dividil-a-iamos em *Vi Garia, Ga Sa Ria*, pela significação: *Ua*, casa (em susiano); *galla*, demonio (em assyrico); *ge*, inferior, em accadico; *zi*, espirito; *ria*, correr (em accadico.)

VII. ARGIDAM, MARGIDAM, STURGIDAM.

Divide-se a fórmula nas seguintes palavras que se aproxi-

Se o nosso ponto de partida, que julgamos admissível, se justifica pelos trabalhos linguisticos dos assyriologos, então pode dizer-se que se determinou a camada das Superstições ante-historicas da Europa, e a verdadeira base ethnica para a unidade das tra-

mam das accadicas : *Ar Gi Dam, Mar Ge Dam, As Tur Ge Dam*, que significam : *Ar*, região ; *ge*, inferior ; *dam*, esposa ; *Mar*, caminho ; *ge dam* (como acima) ; *As*, seis ; *tur*, passar ; *ge, dam* —.

VIII. CRISI, CRASI, CONCRASI.

Em accadico acham-se aproximações, que levam a dividir a fórmula em *C Ris Cra Zi Con Cra Zi*, que significa : *kû*, elevado ; *rus*, choque ; *kra*, face ; *zi*, espirito ; *khon*, feixe ; (todas em accádico).

IX. HEILEN PROSAGGERI UOME SIPOLLA NABULIET ONODIENI IDEN ELITON.

Tomaremos *Heilen*, como nome do deus phenicio *Oulona* (Lenormant, *La Magie*, p. 122) ; *par*, brilhante ; *zakuz*, brilhante (em accadico) ; *ua*, casa (em proto-medico) ; *me*, não, (em acc.) ; *Soubulal*, nome de um deus chaldeo-babylonico (Lenormant, *op. cit.*, p. 110) ; *Nabirtu*, nome de um deus suziano (*ibid.*, p. 321) ; *Tuoni*, nome de um deus finnico (*ib.*, p. 230) ; *Dumyas*, deus cissiense ; *id*, um ; *en*, encanto ; *in Zuma*, o deus Sin (*ib.*, p. 16 e 127).

X. XI EXUCRICONE XU CRIGRIONAISUS SCRISUMIOUELOR EXUGRICONEXUGRILAU.

Aproxima-se das palavras *Zi*, espirito ; *sakri*, filho (em proto-medico) ; *aur kinew*, o ser existente (em assyrico) ; *gur*, restabelecer ; *nasi* senhor (em suziano) etc.

XI. SICYCUMA CUCUMA UCUMA, UMA MA A.

Reduz-se a uma invocação de divindades : *Sikku*, deus cissiense) ; *Khumba*, outro deus cissiense ; *Khumbumume*, id. em suziano. É possível que as palavras para que não achamos analogas nas imprecações magicas da Chaldéa provenham de outras linguas falladas na Europa depois do iv seculo, ou mesmo que estas Fórmulas estejam deturpadas pela pronuncia popular de uma lingua não escripta ou reduzida á escripta sob a pronuncia da baixa latinidade.

dições occidentaes. Tentaremos esta exploração aproximando as imprecações accademicas das superstições populares. Rawlinson e Norris publicaram uma serie de vinte e oito Fórmulas de imprecações da Chaldéa, achadas nas ruinas do palacio real de Nineve, e escriptas no velho accadico, lingua sagrada que foi para a civilisação assyrio-babylonica o mesmo que o latim foi para os catholicos da Edade media da Europa. Estas vinte e oito Fórmulas traduzidas do texto primitivo por Lenormant, encerram riquissimos elementos comparativos para recompôrmos a camada turaniana ou iberica das superstições populares que ainda subsistem. Na primeira fórmula do encantamento deprecatorio cita-se o *demonio do deserto*; (1) nos Açores chama-se-lhe ainda hoje o *Entre-aberto*, e no Algarve o *Homem das sete dentaduras*, e só apparece nos logares solitarios á hora magica do meio dia. O *demonio do mar* corresponde ás *fadas marinhas*, e á crença que o mar carece devorar todos os dias um folego vivo; é tambem no mar que andam os diabos á solta no dia de S. Bartholomeu.

Na segunda fórmula falla-se no *Demonio que se apossa do homem*, e a esta superstição corresponde a possessão demoniaca, que recrudescceu no seculo xvi, sendo o pretexto para os tremendos processos judi- ciarios da Allemanha, e das fogueiras da Inquisição em Hespanha e Portugal. Na terceira fórmula falla-se na *prostituição sagrada*, que reaparece nos costumes da Edade media, e á qual se ligam varias supersti- ções portuguezas como restos de um systema cultural; ai se allude tambem ao periodo magico do *começo de um mez incompleto*, a que torna a referir-se a fórmula quinze. Em uma nota accrescenta Lenormant: «Pa- rece que o *mez incompleto*, expressão que nós não

(1) Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 3.

podemos explicar por ora de um modo satisfactorio, mas que se reproduz muitissimas vezes nos documentos magicos, era um momento particular nefasto.» (1) Nos cantos populares portuguezes e hespanhoes, é frequente este praso magico :

Era pelo mez de Abril,
De Maio antes um dia...

Na fórmula quarta vem a imprecção contra o *demonio que fórma nós*, e contra a *ulcera* que se propaga. O rachitismo é ainda considerado pelo povo como *nós* que embarçam o desenvolvimento osseo da criança, e chamam *atado* ao homem que não pode ter relações senão com uma mulher por effeito de sortilegios. Na medicina popular, os *cobros* ou a *cobrella* são as ulceras que se propagam, as quaes se *talham* com uma oração especial. Na fórmula quinta ha a imprecção contra o *pezadello*, superstição ainda vivissima entre todas as classes sociaes. A fórmula sexta refere-se a superstições persistentemente vigorosas; imprec-se ahí contra *aquelle que fabrica a imagem*, contra o *olho mão* e a *palavra malfazeja*, ou a praga rogada, como adiante descreveremos.

O poder das palavras é tanto maior quanto ellas são mais desconhecidas. As primitivas fórmulas magicas tinham com certeza um sentido, como se descobriu pela leitura e interpretação dos velhos cuneiformes, porém na tradição da Europa repetiram-se inconscientemente, como se vê pelas *Fórmulas marcellicas* e na feiticeria da Edade media. A Igreja por isso condemnou o emprego de palavras desconhecidas ou inintelligiveis. Nas *Constituições do Bispado de Evora*, de 1534, prohibe-se o uso de *palavras innotas*.

(1) Op. cit., p. 7.

Tambem no processo do feiticeiro Luiz de la Penha, elle é accusado de curar com *palavras desconhecidas*. A palavra pelo facto de ser desconhecida ou innota tem um poder magico especial; este caracter conservado ainda na feiticaria moderna, já apparece nos vetustissimos rituaes egypcios, e pode-se dizer que d'elles deriva esta superstição que ainda persiste nos ensalmos populares. Alfred Maury, no seu livro da *Magia e Astrologia na Antiguidade e Edade media* cita um trecho do *Tratado dos Mystérios dos Egypcios*, em que se accentua este poder da palavra abstruza e incomprehensivel: «Considerou-se desde então como indispensavel quando mesmo o magico não comprehendia a lingua a que pertencia o nome do Deus, conservar esse nome sob a sua fôrma primitiva, porque uma outra palavra não teria a mesma virtude. O auctor dos *Mystérios dos Egypcios*, attribuidos a Jamblico, pretende que os nomes barbaros tirados dos idiomas dos Assyrios e dos Egypcios, têm uma virtude mystica e inefavel derivada da alta antiguidade d'estas linguas, e da origem divina e revelada da theologia d'estes povos.» (1)

Com relação aos nomes tomados da lingua dos assyrios, esses nomes são accadicos, e por isso muitos d'elles vieram transmittidos até á Edade media. Sob este aspecto as Fórmulas marcellicas são da mais alta importancia. Com relação ao Egypto, o seu uso remonta a uma antiguidade que o torna uma crença independente do theurgismo da decadencia alexandrina. Diz Lenormant: «Nós encontramos nomes d'este genero dos quaes nenhum é egypcio, designando Set e Osiris, na imprecação magica de natureza funeraria que se lê sobre um papyrus do Louvre, datado do reinado de Ramses II: — Oh *Ualbpaga*! Oh *Kemmara*!

(1) *La Magie*, p. 42, 3.^a Ed.

Oh *Kamalo* ! Oh *Karkkenmu* ! Oh *Aamgaaa* ! Os *Uana* ! Os *Remu* ! Os *Uthun* ! inimigos do Sol. — Os nomes mysticos e magicos de physionomia barbara designando os deuses, têm um logar considerabilissimo nos quatro ultimos capitulos que se acham no fim do *Ritual funerario*... que Mr. Birch considera compostos pela epoca da xvi dynastia ; ali descobre-se com certeza um certo numero de radicaes semiticos. Em termos formaes os nomes do capitulo clx, são tomados da lingua dos Anu da Nubia.» (1) Nomes analogos, como diz Lenormant, são tomados da lingua dos negros do Punt, os *nahasi*, o que revela uma influencia da magia das populações africanas no Egypto.

As fórmulas imprecatorias vii a xi enumeram doencas, que durante a Edade media formavam o objecto da medicina popular, que tinha uma parte obrigada em Orações rithmicas. Diz Lenormant, fallando do character das imprecações accadicas : «Algumas vezes tambem a fórmula de exorcismo amplia-se e toma um character dramatico.» (2) São assim as orações a Santa Apollonia contra as dores de dentes, e outras.

A fórmula xii allude á *sorte má* ; ainda em Portugal a palavra *sortilegio* tem o sentido generico de maleficio que se lança contra uma pessoa, e a noção da fatalidade exprime-se pela locução : «Ninguem pode fugir á sua sorte.» A feiticeria na Edade media era designada pela sorte má (*sorcellerie*). A fórmula xiv servia para defender o homem nos actos quotidianos da vida, quando se deita ou levanta, quando come ou dorme. Na tradição popular portugueza abundam estas Orações rithmicas ; algumas d'essas Orações são cantadas pelas ruas. O facto natural do medo supersticioso é um estimulo do canto, como já o notara Ro-

(1) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 25.

(2) *Ibid.*, p. 18.

berts com relação aos Hindus: «imaginam que um demonio os persegue, e com o fim de vencer o medo, põem-se a cantar, a fallar em voz alta, etc.» A fórmula XVIII ensina um rito para esconjurar o *phantasma*, o *vampiro*, o *espectro* e os *philtros* ou *amavios*; estas variedades ainda persistem na credulidade portugueza. As fórmulas magicas da Chaldêa traduzidas para a linguagem assyrica terminam sempre com a palavra *Amanu*, que entre os povos catholicos se identifica com a palavra *amen*.

Os fragmentos que citamos acima, achavam-se mais desenvolvidos em uns tijolos achados por Layard na sala da bibliotheca do palacio de Kojundjik e publicados por Smith e Rawlinson; é um grande tratado de Magia, da Chaldêa.

Um dos maiores poderes magicos nos cultos da Chaldêa é o *nome secreto* do deus; elle domina todos os males, afasta todos os terrores. Entre os povos semitas propagou-se esta crença, é o *Schem*, a propriedade divina immanente no proprio nome, que se conserva secreto ou não pronunciado, como o de Jehovah entre os Judeus. Diz Lenormant: «Todos sabem que desenvolvimento a crença no nome todo poderoso e occulto do deus teve entre os judeus talmudistas e cabalistas, e quanto é geral entre os arabes. Nós hoje vemos de uma maneira positiva que essa crença veio da Chaldêa.» (1) Em um povo em que preponderou a influencia e cultura arabe, e em que o elemento mauresco provocou a revivescencia do typo iberico primitivo, comprehende-se a conservação da crença na virtude dos nomes. Para o povo, invocar *Santa Barbara!* *S. Jeronymo!* livra das trovoadas; *S. Braz!* livra de morrer engasgado. Vendo-se desfilir um meteoro, diz-se: *Senhora da Guia!* E quando se tem uma ago-

(1) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 41.

nia, um susto, grita-se por *Jesus!* A *nómina* resulta da crença no poder do nome, o qual se traz escripto em uma bolsinha ao pescoço.

A superstição no poder dos nomes (*nomen numen*) apparece condemnada nas *Constituições synodales de Lamego*: «E finalmente se pode pôr exemplo na missa que se manda dizer com certo numero de candêas; e que não haja de ter mais ou menos; ou que hade ser dita por *clerigo que se chame João*, ou de outro certo nome.» O nome de *Bento* é tambem posto á criança que pelo facto do nascimento pode ser lobishomem; a criança emquanto não é baptisada chama-se sempre *Custodio*, para o diabo se não apossar da sua alma; para que as sementeiras sejam fecundas devem ser lançadas á terra as primeiras sementes por uma moça chamada *Maria*; as pessoas que passam uma criança pela fenda do carvalho cerquinho para a curarem da hernia, para que a cura seja efficaz devem chamar-se *João e Maria*.

A *nómina* é a parte dos talismans a que os accadicos chamavam *sabga*, e os assyrios *mamit*. O marco tinha esse character talismânico que se conservou nas *perafitas* e nas *picotas*. As fitas onde se escreviam certas fórmulas accademicas correspondem ás *medidas* de certas imagens, como a do braço do Senhor de Mathosinhos; os *bentinhos* que se trazem ao pescoço, *pedra de ara* para as mulheres gravidas e para os que atravessam o mar, os *chavelhos* contra o máo olhado, a *meia-lua*, a *figa*, o *signo saimão*, o *cornu de veado* são os principaes talismans do nosso povo, alguns com character accadico, como os chavelhos allusivos ao touro Nirgal. Alguns talismans são secretos, e pertencem áquelles que sabem usar os poderes magicos, taes são o *espelho* em que se observa o futuro, e a *vara divi-*

(1) Liv. v, tit. 8. (1639).

natoria. Lenormant attribue o uso primitivo da vara magica ao tempo dos Accadios, passando para a Persia por influencia do Magismo, sendo o *bareçma* uma insignia essencial do culto mazdeano.

Importa notar, que conjuntamente com a espontaneidade das superstições populares nunca se perdeu a transmissão erudita da Feiticeria, chegando estas duas correntes a fecundarem-se mutuamente pelas relações dos curandeiros com o povo. As Fórmulas de Marcello, embora em parte derivadas de elementos populares, devem considerar-se como conservadas por uma tradição erudita, por isso que encerram mysterios theurgicos, que no seculo iv só podiam ser conhecidos pela eschola *chaldaica*, renovada entre os homens cultos pela *metaphysica neo-platonica*. É por esta via que os restos da *theologia chaldeo-assyrica* apparecem no Occidente, sem que aquelles mesmos que os repetiam tivessem consciencia da sua origem. Lenormant prova como: «esta theurgia chaldaica se continuou na Edade media em estado de seita secreta e magica, e dera nascença a uma numerosa litteratura apocrypha, da leitura da qual, no seculo xi, Miguel Psellus se mostra particularmente penetrado. Os adeptos do Chaldaismo de então não sabiam quasi nada da religião dos antigos Chaldeus; elles ficariam bem maravilhados e mais embaraçados se lhes revelassem os nomes verdadeiros dos personagens do seu pantheon. Mas através das alterações profundas de uma mistura de elementos tirados do neo-platonismo, ou de todas as mãos, a tradição transmittida de gerações em gerações fez-lhe chegar alli umas certas noções essenciaes, que tinham certamente tido o seu ponto de partida nos sanctuarios de Babylonia e da Chaldêa.» (1)

(1) *Origines de l'Histoire*, p. 527.

Compreende-se diante d'estes factos o valor das tradições vetustissimas da magia peninsular contidas no processo de Luiz de la Penha, herdeiro dos livros magicos de seu pae (1) e possuidor de muitas fórmulas escriptas, conservando nomes de Deuses e genios malignos como *Martha*, *Maruta*, *Trebuca*, que não devem attribuir-se a um mero acaso, mas a um respeito obrigado, que constitue a força e a essencia de toda a magia. Serão ousadas as nossas conclusões, e o processo critico-historico da coordenação systematica das superstições, mas obedecemos a uma necessidade do nosso espirito.

No estudo das Superstições populares portuguezas evitámos o usual processo de compilação, porque não deixa comprehender a importancia d'este phenomeno de ethnologia. O nosso systema de coordenação consiste em :

1.º Determinar as condições psychologicas da persistencia das superstições nas classes inferiores, como estabeleceu Hume ; d'aqui o confronto de certos usos e superstições selvagens com os que ainda apparecem nas civilisações superiores.— A esta ordem de observações pertence a influencia do meio social, quando n'elle se operam grandes desastres, ou as catastrophes da natureza produzem impressões deprimentes.

2.º Restabelecer por meio de certos grupos de superstições dados systemas cultuaes de Religiões extintas e peculiares de outras raças substituidas na civilisação da Europa. Assim reconstruem-se :

a) Cultos chthonianos ou de hetairismo primitivo.

b) Cultos magicos de naturalismo accadico ou turaniano (*aquitânico* ou *iberico*).

c) Cultos e concepções mythicas proto-áricas e indo-europêas.

(1) Maury diz que a magia é hereditaria em algumas familias dos povos selvagens. *Magie*, p. 21.

3.º Estabelecer as duas divisões fundamentaes das Superstições, derivadas das duas fontes, a chaldaica (ou propiciatoria) e a egypcia (ou medicinal) propagadas pela influencia dos Gregos, Romanos e Arabes, na civilisação da Europa. É esta a base mais geral de uma boa classificação historica, e o meio de fixar o methodo scientifico d'esta ordem de estudos tão importantes para o complemento da Hierologia, como para a emancipação moral das classes mais atrazadas da sociedade.

CAPITULO II

Superstições populares portuguezas

A concepção espontanea das Divindades malevolas: A materia em acção: os Asuras e os Agouros.— Restos d'estas concepções na linguagem usual.— *Classificação dos Agouros*: das Pedras, das Plantas, dos Animaes, do Fogo, do Tempo, do Dia e da Noite e das Estrellas.— Dos Agouros da Casa, das vestimentas, das comidas e bebidas.— Agouro das pessoas, do nascimento, dos namorados, das mulheres, das crianças.— Agouros dos Sonhos, dos Mortos, das Vozes, dos Numeros, e dos objectos de uso.— *Superstições derivadas de uma Religião chthoniana, ou de Prostituição sagrada*: Lameiros e bordas de rio.— Penedo dos casamentos e o Filho das hervas.— Caracter chthoniano do culto de S. Marcos e de Santa Anna.— Fontes Santas, Montanhas sagradas.— As Thiasas e o Sabbath nocturno.— *Superstições provenientes de um culto phalico ou lunar*: A figa, o Canto do Cuco, caracteres phalicos em S. Gonçalo.— O asno e as favas.— As mandragoras.— *Superstições sobreviventes de um Polytheismo sideral, ou solar*: Entreabertos e Homem das Sete dentaduras (Sol que declina); Canto do gallo, Lobishomem (Sol que despontá) Cavallo branco e Cavallinhos fuscros.— Tributo das Donzellas.— *As Entidades magicas e malevolas*: Tanglo-Mango, Provinco, Tanso, Trasgo, Tartaranho, Fradinho, Estrugeitante, Pezadello, Breca, Couuro, Jans, Escholar das Nuvens, Hiram, Olharapos, Fadas, Mãe d'Agua, Bruxa, Anão, etc.— *O pessoal magico popular*: a) Os Esconjuradores dos Espiritos.— Fórmulas magicas portuguezas.— b) Os Curandeiros e a Medicina popular.— Braços e pernas offerecidos a Santos.— Hervas magicas.— Cura das hernias, cobro, parto difficil, dadas.— Fórmulas magicas para talhar cobros, fogo louro.— Semeadores da peste em Portugal.— c) Pessoas de virtude: Os Reis e os Padres.— Orações contra o quebranto e para acompanhar os actos quotidianos.— Os Bentos e os Benzilhões.— Os Adivinhões.— As Prophecias nacionaes, e a vinda do rei D. Sebastião.

O sentimento religioso é um estado psychologico resultante da emoção do terror, que se desenvolve

espontaneamente em fórmulas cultuaes até chegar a systematisar-se racionalmente em dogmas theologicos. Ha portanto um periodo na historia da humanidade em que o sentimento religioso é omisso, e em que a ausencia de qualquer ideia definida sobre divindade se caracteriza pela situação moral e mental de *atheismo*. Os modernos viajantes, como Livingstone, Farrar, Perty, Leighton, Browes, Wilitebourne, Ross, e os modernos ethnologistas Lubbock, Topinard, Letourneau e outros, mostram como esse estado mental de *atheismo*, ainda se observa em certas raças e em um grande numero de povos selvagens, extranhos a essa sugestão emocional. Uma tal observação é de um alto valor philosophico, porque leva a determinar o ponto de partida das concepções supernaturalistas, a começar pela concepção do *Animismo*, tão bem estudada por Tylor, e desenvolvendo-se nas trez phases religiosas successivas, coordenadas por Comte no *Fetichismo*, *Polytheismo* e *Monotheismo*.

Do estado de *atheismo* dos antigos povos peninsulares ainda falla Strabão, escrevendo na sua *Geographia*: «Segundo alguns auctores os *Collaicos* são *atheus* ;...» É um vestigio psychologico importante, que se destacava singularmente do estado moral dos outros povos da mesma peninsula, subordinados a cultos fetichistas e polytheistas. As condições naturaes do sobrenaturalismo que levaram a mente do homem para a religiosidade, ainda hoje persistem impressionando profundamente o vulgo ; entre os phenomenos extraordinarios de natureza cosmica, são a miragem, o spectro de Brocken, o ecco, as estrellas cadentes, bolides, iris, relampago, trovão e raio, vulcões, terremotos, eclipses, cometas, auroras boreaes, grnizo, chuva de sangue, trombas, fogos fatuos e phosphorecencia ; entre os phenomenos de natureza biologico-psychologica são os sonhos, o pezadello e so-

mnambulica, a ventriloquia, a epilepsia, a amnesia, a catalepsia, a apoplexia, a consumpção, e ainda a hallucinação preponderante em todos os instituidores religiosos. Esta somma enorme de impressões convergem para a formação de uma noção subjectiva fundamental, o *Animismo*, em que todos os objectos do mundo exterior se tornam entes ou séres animados, com actividade propria, que o homem teme, e que procura tornar propicios por certas praticas. A aversão ou a affeição que algumas pessoas ainda hoje têm pelos objectos materiaes, especialmente as crianças e o povo rude, são a fôrma espontanea d'essa primitiva concepção do *Animismo*, que persiste como causa da credulidade nos *Agouros* e abusões.

Desde que a concepção animista que nas raças amarellas deu a religião dos Espiritos, se particularisa em determinados objectos, de que se tem medo, esses objectos tornam-se *Fetiches*, isto é a fôrma concreta e material de entidades ou deuses malevolos, contra os quaes o homem tem de precaver-se, praticando actos com diligencia (*religio* o mesmo que *diligio*, ou diligencia) que constituem um systema de culto. Entre os povos selvagens as religiões, essencialmente fetichistas, apresentam um exclusivo caracter malevolo, o qual persiste de um modo indelevel ainda nas religiões superiores dos Chaldeus, Egypcios, Semitas e Arias, vindo em algumas a constituir uma synthese theologica no Dualismo, como entre os *assuras* e os *suras* dos Arias, os *Devas* e *Ahura* dos Persas, Typhon e Osiris dos Egypcios. A propiciação do Fetiche faz-se ainda hoje entre os selvagens batendo-lhe, increpando-o, da mesma fôrma que em Portugal o povo amarra a imagem de Santo Antonio pondo-o ao relento ou mettendo-o em um poço para que faça o milagre que se pede. O Fetichismo apresenta varias fôrmas conforme as cathogorias dos objectos adora-

dos ; se o culto se dirige a objectos inanimados, chama-se *Manituismo*. Justino falla do culto das montanhas entre os Gallaicos, equivalente aos *Bemoth* dos povos semitas, e Strabão descreve o culto das pedras no promotorio Sacro, que correspondem aos *Betylos* dos cananeos : «Os unicos monumentos que ahi viu (sc. Artemidoro) eram grupos de pedras, que os visitantes para obedecerem a um costume local fazem girar n'um sentido, depois n'outro, praticando antes certas libações em cima das pedras, mas sacrificios em regra não consentem n'este logar, e tão pouco é permittido visital-o durante a noite, porque os deuses, segundo a crença, reúnem-se ali.» (1) Entre os Chaldeos de Erech existia o templo das sete pedras negras, d'onde se vê que a descripção de Artemidoro confirma-nos o character anthropologico dos primeiros occupadores da peninsula, que aqui entraram atravessando a Africa.

Quando o Fetichismo tem por objecto o culto dos corpos celestes chama-se *Sabeismo* ; Strabão descreve um culto lunar entre os Celtiberos, dizendo : «mas os Celtiberos e os povos que os limitam ao norte, tem uma divindade sem nome á qual prestam culto formando todos os mezes na epoca do *plenilunio*, diante da porta de suas casas e com todas as pessoas da familia, córos e dansas que se prolongam até ao romper do dia.» (2) A par d'este *culto lunar*, tão caracteristico e precioso para esclarecer a anthropologia da peninsula, (3) Strabão descreve tambem as fórm

(1) *Geogr.*, liv. III, cap. 1, § 4.

(2) *Ibid.*, liv. III, cap. 4, § 16.

(3) Lê-se no livro do Congresso de Anthropologia de 1880: «É em Africa que este culto da lua tem mais importancia e extensão. É sobretudo ali que se encontram as dansas mysticas á lua nova, de que fallam os que têm permanecido entre os Cafres e os Hottentotes.— É impossivel o deixar de admit-

de um *culto solar*, o que leva á inferencia de outra raça, de sobreposição mais recente : «Muitas vezes tambem (os Lusitanos) cortam a mão direita aos captivos, e as offerecem aos deuses. Nos seus sacrificios ao deus Marte, immolam tambem bodes, os prisioneiros de guerra e cavallos.» (1) Segundo o Rig-Veda, o cavallo do sacrificio representa o Sol, devendo immolar-se primeiramente um bode. Nas crenças populares portuguezas persistem os restos d'estes dois systemas cultuaes : quando se vê a Lua nova, diz-se :

Benza-te Deus, Lua-nova,
De trez cousas me defendas,
De dor de dentes
De fogos ardentes
De aguas correntes
E da lingua de má gente.

(Extremadura.)

A saudação á Lua nova, a quem as crianças nos Açores chamam *madrinha*, é commum a muitas terras de Portugal e á Baixa Bretanha; diz-se na Maia e Porto :

Lua-Nova,
Benza-te Deus !
Minha madrinha
É mãe de Deus.

Mostra-se-lhe dinheiro, dizendo :

Lua Nova
Tu bem me vês,
Dá-me dinheiro
P'ra todo o mez.

tir a existencia de elementos africanos nas antigas populações peninsulares.— Ora um facto curioso foi notado na lingua basca, que parece permittir que aquelles que legaram aos Bascos a sua lingua tiveram um culto lunar. » *Op. cit.*, p. 441. Sobre este problema vid. *Povo portuguez*, vol. 1, p. 42.

(1) Strab., liv. III, cap. 4, § 7.

Na ilha de S. Miguel «o dinheiro mostrado á *lua nova*, na primeira vez que ella se vê accrescenta os haveres.» (1)

Esta mesma superstição, como observa Leite de Vasconcellos, é commum á França, Belgica e Suissa, (2) d'onde se conclue a sua derivação de um systema cultural. O costume entre os povos de raça amarella de fazer ruido quando ha um eclipse da Lua, que se conserva na provincia do Maranhão, apparece tambem em Portugal, especialmente na Beira, onde «Quando ha eclipse do sol, rufa-se em caixas para espantar o leão que está comendo a lua.» (3) Adiante recomporêmos este systema cultural, de que ha abundantissimos vestigios.

O ultimo vestigio do fetiche Lua, acha-se no amuleto ou talisman em fórma de *Meia-lua*, que se pendura ao pescoço das crianças para não serem embruxadas; é commum este uso ao Monferrato, na Italia. (4) A generalidade de certas superstições e agouros da Lua nova deriva de um systema cultural, simultaneo com um systema chronologico lunar. A concepção da semana proveiu da divisão do mez *lunar*, ou quadraturas, e d'ahi os diversos caracteres aziagos dos sete dias, que se conservam entre o povo. A terça feira, tanto em Portugal como em Hespanha é dia nefasto; escreve Prestes, no *Auto do Mouro encantado*:

GRIMANEZA : Hoje me ergui
triste, melanconisada.
FERNÃO : Que dia é hoje ? *terça feira*
véde quando vos erguestes
se posestes
os olhos n'*alguma peneira*.

(1) *Alm. do Arch. açor.*, para 1868, p. 408.

(2) *Trad. populares*, p. 20.

(3) *Ibidem*, p. 24.

(4) *Rivista de Letteratura popolare*, t. I, p. 149.

GRIMANEZA : D'isso é.

FERNÃO : Agora soubestes
penetra-vos cem mil pestes,
verdes *penetra* ou *joeira*
ou *trepem*, ou *gato preto*,
ou *meio alqueire pendurado*
às *terças feiras* não é joguete. (1)

Na sentença de Luiz de la Penha, se lê: «E o demonio lhe disse mais quizesse saber algumas cousas, nas noites das *terças e quartas feiras*, se deitasse na cama de bruços, com os pés e as mãos em cruz...» Segundo a pratica de Luiz de la Penha (1626) para as palavras da Carta de toquar terem effeito deviam ser ditas «em trez *sextas feiras* sobre ella, e antes que o sol saia, e depois amde tomala e metella debaixo da terra outras tantas *sextas feiras* n'um adro secretamente, e depois d'isto feito amde faser as devoções que n'ella diz, amde toquar em *terça feira* depois do meio dia, e a *segunda feira* antes que saia o sol...» O character aziago da *sexta feira* já apparece nos *Trabalhos e os Dias* de Hesiodo (γ 38): «No quinto dia andam errantes as Erynnis pelo mundo para castigarem o perjurio, filho maldito da disputa.»

O *septimo dia*, em Hesiodo é consagrado ao Sol; é a modificação do systema cultual e chronologico. Diz se vulgarmente :

Não ha *sabbado* sem *sol*,
Nem alecrim sem flor,
Nem menina bonita sem amor.

Diz-se em Hespanha :

No hay *sábado* sin *sol*,
Ni *doncella* sin amor,
Ni *vieja* sin dolor. (2)

(1) *Autos*, p. 353

(2) *Folk-Lore andaluz*, n.º 8.

Diz-se na Italia, em Livorno :

Non c'è sabato senza sole,
Non c'è donna senza amore,
Non c'è rosa senza spina... (1)

Do character hetairista do culto lunar persiste ainda a superstição. Para saber se um casamento se hade effectuar, queimam-se dois globos de linho em rama dizendo :

Hoje é tua nova ;
Amanhã quarto-minguante,
Quero saber se o casamento
De F. irá por diante. (2)

O culto e systema do computo *solar*, conhece-se ainda nos agouros do dia, e da hora ; vimos no processo de Luiz de la Penha, que as palavras da carta de tocar devem ser ditas *antes que o sol saia*, e tocar com ella *depois do meio dia*. Nas Constituições do Arcebisado de Braga, de 1639, prohibe-se «que nenhuma pessoa tenha agouros e observe ou note os dias e horas em que começam os negocios, obras ou caminhos e serviços e saem de suas casas, esperando ou temendo por essa razão bom ou máo successo...» Depois do dia e hora, pertence ainda ao culto solar a celebração dos dois *solsticios*, base de numerosas superstições populares. Nas Constituições do Bisado de Lamego, de 1639, se lê a referencia aos solsticios, prohibindo «que em dia de Sam João Bautista se colham as hervas e levem a agua da fonte para casa ou se lave a gente e os animaes n'ella, antes do Sol nascer, me-

(1) St. Prato, *Gli ultimi lavore del Folk-Lore latino*, p. 4.— Na ilha de S. Miguel ha a mesma crença. *Alm. do arch. açor.*, para 1868, p. 14.

(2) *Almanach de Lembranças*, para 1868, p. 244.

tendo na cabeça á gente de pouco saber que redundá em honra e louvor do santo. E que depois de nascer o Sol, em outro dia, colhidas as hervas em nome e honra d'elle não terão egual virtude.»

Theocrito falla da hora magica do *Meio dia*, fazendo dizer a um dos seus pegureiros : «É preciso não tocar fruta á *hora do meio dia* ; a esta hora temos medo de Pan, terrível quando elle se repousa das fadigas da caça.» É notavel esta crença da *Caça furiosa á hora do meio dia* nas tradições da Edade media. Na Grecia moderna ainda hoje subsiste a superstição, e as crianças dizem : «Não estejamos fóra de casa ao *meio dia* porque nos pôde acontecer mal.» (1)

Nas Orações populares portuguezas, diz-se sempre :

Nem de noite, nem de dia,
Nem ao *pino do meio dia*...

Nas interjeições da lingua portugueza, existem certas palavras emocionaes, formadas pela contracção de phrases que se referem ao poder magico das *horas* a que o povo chama *Horas abertas*. Nos Autos de Gil Vicente, vem *Eira-má*, usada ainda nos Açores, da locução *Em hora má* ; o adverbio *Embora*, deriva da locução *Em boa hora*. Diz-se ás mulheres gravidas que tenham uma boa hora ; e no anexim :

De hora em hora
Deus melhora.

Nos *Apologos dialogaes* escreve D. Francisco Manuel de Mello : «Perguntou que mais virtude pode ter uma d'essas Orações a tal que a tal *hora* ? Velha conheci eu já, que ensinava ás moças, que as pragas rogadas

(1) J. Jacques Ampère, *Grèce, Rome et Dante*, p. 64.

das onze para o meio dia eram de vez, porque todas empeciam.» (1) Adiante estudaremos o desenvolvimento polytheista d'estas superstições.

Da crença no Solsticio de inverno é a superstição: «No dia de Natal, á meia noite, deve sair-se para o campo e apanhar arruda, alecrim, salva e éra terrestre. A arruda ferve-se em azeite para dar fomentações, e das outras plantas faz-se chá para tomar quando se está doente.» (2)

O Sol é invocado em muitos ritos magicos da medicina popular; em uma fórmula do Porto:

Deus é sol, Deus é lua,
Deus é claridade!
Assim como isto é verdade
Assim tire d'aqui a enfermidade.

E na Figueira, diz-se tambem:

Assim como o Sol nasce na serra,
E se põe no mar,
Assim este mal
Vá lá parar.

Muitas superstições dos dias da semana só podem ser comprehendidas pelo antagonismo entre o *culto lunar* e o *solar*, que correspondem a raças e civilisações diferentes: «A primeira *segunda feira* de Abril e a primeira de Novembro, são os dias mais aziagos do anno. — Na *quarta feira* de Trevas não se deve fiar depois do pôr do Sol, porque foi então que os Judeus fiaram as cordas com que prenderam Nosso Senhor. — Na *quinta feira* da Ascenção como diz o ditado:

Em quinta feira de Ascenção
Quem não come carne

(1) Op. cit., p. 24.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 281.

Não tem coração ;
Ou de ave de penna,
Ou de réz do chão.

«Não é bom rir á *sexta feira*, porque se chora ao *domingo*. E não dobrar linhas á *sexta feira*.—Obras principiadas ao *sabbado* não têm fim.—Não se deve dobar ao *domingo*, porque tem de desdobrar eternamente no outro mundo.» (1) A crença do *homem na lua* em castigo de ter trabalhado ao Domingo, commum a Portugal, Hespanha, Italia, França, Allemanha e Inglaterra, (2) deve a sua universalidade ao predomínio do polytheismo *solar* sobre que se incrustou o Christianismo na Europa, como veremos no estudo das festas de S. João e do Natal. Na Guarda, ainda o Sol é saudado com cantos :

Em louvor do Sol nascente,
Que nos não doa mão nem dente.

E em Vouzella, identificando o Sol com Christo (*Emmanuel*, El ou o Senhor comnosco) dieem :

Lá vem o Manel do dia
Que tudo cria. (3)

Do culto das estrellas, proveniente das populações semitas, conserva a linguagem popular abundantissimos vestígios ; assim *desastre*, e o antigo vocabulo *astroso*, são restos do systema dos horoscopos, de que temos ainda a locução vulgar : «Ninguem pôde fugir á sua *sina*.» Entre os Hebreus a constellação de Scor-

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 332, 276, 79, 110, 322, 76, 65 e 284.

(2) Sobre a extensão d'esta lenda, vid. Stanisláo Prato, *Gli ultimi lavori del Folk Lore neo-latino*, p. 3.

(3) Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 14.

pião ou Orion, era chamada *Kesil*, (1) e entre o nosso povo ainda se diz *quesila* a apoquentação ou zanga; a *Nakhascha*, ou constellação do Dragão que marcava o polo norte, no tempo dos patriarchas, entre a Grande e Pequena Ursa, acha-se na fôrma de *Nagaça*, com que o povo define uma cousa que se agita.

É pela fôrma astrolatica que o Fetichismo se converte em Polytheismo, em que os objectos materiaes só se adoram como representando forças, como se vê no Naturalismo védico. Quando porém o Fetichismo tem por objecto o culto das cousas vivas, plantas e animaes, tem-se-lhe dado o nome de *Totemismo*. Ha entre o povo um grande numero de plantas com poder magico, como as mandragoras, a figueira baforeira, a arruda, o trovisco, a herva da fortuna, e certos animaes, como o gallo, a arvellinha, o cuco, o sapo, a quem attribuem poderes maleficos ou beneficos. Os apellidos de *Coelho*, *Lobo*, *Raposo*, *Pato*, *Ganso* são os ultimos vestigios de um totemismo, caracteristico do periodo social em que a familia se desenvolveu na tribu, sendo esses emblemas de animaes, marcos fronteiros entre as varias behetrias ou gentes. Costa, no seu estudo sobre *A Poesia popular hespanhola* diz que mais de trezentos monumentos representando lobos, cães, touros, javalis, bezerros, cavallos e elephantos se têm encontrado em Portugal, Castella, Andaluzia e Biscaya. (2) Depois que o typo social de tribu se dissolveu no de nação, muitos d'esses *totems* ficaram com poderes magicos, e até alguns empregados como ordalios nas provas judiciaes. Os *auspicios* (avis spicium) os agouros das aves, prevaleceram em algumas civilisações, vindo a apparecer com bastante vigor entre as nacionalidades modernas.

(1) Hoefler, *Hist. de Astronomie*, p. 82.

(2) Op. cit., p. 237, not a.

Quando os povos áricos e semitas entraram na península, traziam já systemas religiosos polytheistas, que facilmente se syncretisaram sobre esse fundo fetichista, actuando sobre uma mais rapida decadencia em praticas supersticiosas. Por seu turno a propagação do christianismo e a decadencia do polytheismo no Occidente, multiplicaram esses elementos da credulidade popular; o christianismo aproveitou-se dos cultos hetairistas transformando-os na crença da Virgem-Mãe, e o polytheismo refugiou-se nas povoações isoladas dos campos (os *paji*, d'onde *paganismo*) onde sobrevive máo grado toda a intolerancia da religião official. Diversos Concilios da Egreja prohibindo essas praticas pagãs, têm para nós o merito de serem um inventario dos costumes hierologicos dos primeiros seculos da civilisação occidental, prestando-nos um ponto de partida para avaliar a antiguidade de certas superstições. O Concilio de Leptines, de 743, prohibe certas praticas cultuaes que subsistiram em Portugal ainda no seculo xvi, ou actualmente em vigor; prohibe os cantos funerarios *Dadsisas* (Voceros e Endexas), as praticas deshonestas do mez de Fevereiro (tivemos a prohibição de tocar adufe n'este mez), os sacrificios nas florestas ou *Nimidás* (temos os carvalhos consagrados) e nas fontes (as nossas Fontes santas); prohibe-se os agouros tirados das aves, dos cavallo, dos excrementos dos bois e dos espirros, bem como o dar miolos de animaes (nos Açores ainda se dá miolos de burro como amavio); condemna as superstições da lareira e da obra começada, o temor do ecllipse da lua em que se grita *Vince luna*, e por ultimo os simulacros salpicados de farinha. A Egreja condemnando essas praticas não as extinguiu; fel-as considerar como obras do diabo, e desenvolveu a hallucinação da Demonomania.

Um dos processos criticos que mais luz derrama

sobre o estudo das superstições populares, é remontar aos documentos que mais demonstrem a sua antiguidade. Os documentos ecclesiasticos enumerando os usos pagãos, ou das povoações ruraes, que a nova religião combatia, dão-nos elementos para fixar epochas precisas sobre a vitalidade de certas superstições que ainda subsistem. Em um sermão de Santo Eloy, do seculo VII, acha-se este precioso quadro das superstições populares, para nós valioso por se acharem todas na sociedade portugueza :

«Eu vos peço e exorto a que renunciéis aos costumes sacrilegos dos pagãos ; não escuteis os *adivinhos*, os *feiticeiros* e os *encantadores*, não os consulteis nem em caso de *doença* nem por outro motivo... Não observeis os *agouros*, nem o *canto das aves*, nem as diversas maneiras de *espirrar*, quando quizerdes fazer uma viagem.— Que nenhum christão não repare no dia em que saia de casa, nem na hora em que entre, porque todos os dias são obras de Deus ; que ninguém se regule pela lua para emprehender qualquer cousa. Que nas calendas de Janeiro se não representem farças ridiculas, transfigurando-se em novilha ou em veado novo ; que á mesa se não entregue a comezainas sob pretexto de festejar este novo dia. Que nenhum christão ligue credito ás rimas nem aos cantos magicos, porque são obras do diabo. Que na festa de S. João, e em outras solemnidades dos santos, que se não faça caso do solsticio ; que se não entreguem a dansas, a jogos, a corridas, a côros diabolicos ; que ninguém invoque o demonio sob os nomes de Neptuno, de Plutão, de Minerva, ou dos genios : que ninguém celebre o dia de Jupiter como dia de festa, nem no mez de Maio, nem em nenhum outro tempo, interrompendo os seus trabalhos ; que ninguém celebre a festa das largartas, nem a festa dos ratos, nem nenhuma outra... Que nenhum christão accenda can-

deias, nem faça votos nos templos pagãos á borda das fontes, ao pé das arvores, nas florestas ou nas encruzilhadas. Que ninguem suspenda amuletos ao pescoço de um homem ou de qualquer animal, ainda mesmo que os clérigos os tivessem preparado e dado como cousas santas... Que ninguem faça lustrações para a prosperidade das ervas ou das cearas. Que ninguem faça passar os seus rebanhos através das arvores ôcas, ou de excavações no sólo, porque é ao demonio que os querem consagrar. Que nenhuma mulher se enfeite com collares de ambar; que ao tecer ou tingir a têa não invoquem nem Minerva nem outra divindade funesta;... Não lanceis grandes brados quando a lua se escurece, porque não é senão em virtude das leis de Deus, que ella se eclipsa em certos tempos determinados. Não temais começar qualquer obra na lua nova... Não invoqueis o Sol e a Lua com o nome de Senhores, não jureis por elles... Não acrediteis nem na fortuna, nem na fatalidade, nem nos horoscopos; não digais que um homem hade ser o que o seu nascimento o fez...» (1)

Poderíamos exemplificar todos estes casos com factos dos costumes portuguezes desde os documentos do seculo XIII até ás persistencias coloniaes, como o auto do *Bumba meu boi* e do *Cavallo marinho*, por occasião do Natal e Janeiras, no Brazil. Preferimos porém seguir as fôrmas espontaneas dos *Agouros*, segundo as variações do Fetichismo a que se ligam, antes de organisarmos os Systemas polytheistas a que a maior parte das superstições populares portuguezas pertencem.

Classificação dos Agouros. — A ideia de agouro traz implicita a de cousa malevola, que convém evitar, por

(1) *Acta Sanctorum Belgii*, t. III, p. 245. (*Bulletins de l'Académie r. de Belgique*, t. XXII, 2.^a P., p. 152 (1855).)

isso na linguagem do vulgo, se diz sempre: *Não é bom*, como fórmula imperativa. O mundo é um pessimismo natural, cujo conhecimento obriga a uma acção negativa.

Começaremos pelas pedras. A *pedra da calçada* é um manitu, que se não deve empregar na construcção das casas, porque se revolve ao fim de sete annos. (Extremadura.) Nos tropos da linguagem do povo as pedras ainda fallam, como na cantiga:

Oh pedras d'esta calçada,
Levantae-vos e dizei,
Quem vos passeia de dia,
Que de noite bem eu sei.

As pedras sanguineas fazem estancar o sangue. Na sentença de Luiz de la Penha, de 1626, descreve-se assim o seu pacto com o diabo: «Eu sou o espirito que te appareceu, e te digo que se quizeres adivinhar tudo o que te perguntarem, hasde deitar *trez pedras* em meu nome em um poço, e quando ellas sairem d'elle, e as tornares a vêr na tua mão então não adivinharás. Dizendo-lhe mais, que se elle não deitasse as *pedras* no poço o havia de atormentar, pois fizera a dita devoção.» Nas Constituições do Bispado d'Evora, de 1534, prohibe-se que se «tome de logar sagrado ou não sagrado *pedra d'ara...*» «Nem *revolvam penedos* e os lancem na agua pera aver chuva...» A pedra d'ara é empregada para ligar e desligar amantes; no material achado a Luiz de la Penha, havia um sacco pequenino com pedra amarella, e dois pequeninos de pedra d'ara. «É para que certa pessoa fosse a sua casa, e a ter prompta para suas torpezas, lhe *tocou com um boccado de pedra d'ara*; e com effeito logo foi a sua casa...» As superstições das pedras apresentam um pronunciado character phallico; proximo da Povoa de Lanhoso ha o *Penedo dos Casamentos*, para o qual

se vira as costas atirando-lhe pedras ; quantas se atiram até acertar outros tantos são os annos a que dista o casamento ; em Prazins, perto de Guimarães, o Penedo dos casamentos é em um *monte* de S. Miguel ; em Baião outro penedo é chamado dos *Cornudos*. (1) Em uma cantiga popular da Beira Alta, ha uma allusão matrimonial ao *penedo* :

Assobi-me ao *penedinho*
Para a agoa ver correr ;
Não sei que amor é o teu
Que não me pôde esquecer.

A relação da montanha com a pedra, no culto phallico, acha-se na *Serra* de S. Domingos, junto a Lamego, onde em um certo *penedo* comprido se vão deitar as mulheres estereis para se tornarem fecundas. Para saber se terá filho ou filha, as mulheres *atiram tres pedras* pela fresta da egreja de S. Miguel do Castello em Guimarães ; se acertam é rapaz, senão é rapariga. Em Requião as mulheres vão chupar em um penedo chamado a *pedra leitai*, e dão *tres voltas* em redor d'elle para terem leite ; em Traz os Montes trazem ao pescoço uma pedrinha a que chamam *leituario* e na Beira Alta, *conta leiteira*.

Existe tambem na Italia esta superstição chamando-lhe *pietre lattaiuolle*, como se vê pelo catalogo dos Amuletos de Bellucci : no Alemtejo, usa-se tambem uma *pedra arguerera*, com poderes de curar os argueiros dos olhos (Elvas.) E em outros logares existe a crença na *pedra de andorinha* : «Quando se encontrar um ninho de andorinha devem cegar-se-lhe os filhos. A andorinha vae buscar uma pedrinha mysteriosa, que tem a virtude de restituir a vista aos passarinhos,

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 90. Vide o nosso 1.º vol., p. 231.

e que ella deixa ficar no ninho. Vae-se então buscar a pedra, e não ha molestia de olhos que resista á sua influencia.» (1) Em Taboaço pendura-se ao pescoço das ovelhas uma bolsa com *pedrinhas de Egreja* contra o quebranto. Quando os rapazes andam encarniçados em *atirar pedras*, jogo a que em Andaluzia se chama *pedréa*, o povo toma isso por prognostico de guerras. (2)

As superstições da *pedra d'ara*, são de que moço que a traga comsigo, é sempre feliz em amores (Fafe e Gaia.) Quando se toca na pessoa diz-se :

Deus te salve pedra d'ara
 Que no mar foste creada ;
 Assim como Bispo nem Arcebispo
 Póde dizer missa sem ti,
 Assim tu
 Não te possas separar de mim.

(Pedroso, *Superst.*, n.º 477.)

Mulher que tirar do altar a pedra d'ara ou benzer a mão n'ella não terá filhos (Santo Thyurso e Moncorvo). (3) Quem vae pela primeira vez a uma terra ou a uma romaria deve metter uma pedrinha na bocca (Taboaço, Carrazeda de Anciães e Rio dos Moinhos). Para que o remedio de *talhar* surta effeito é preciso que se faça ao pé de um *penedo*. (4)

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 471.— Leite de Vasconcellos, *Rev. scientifica*, p. 581.— Esta pedra de andorinha era chamada pelos antigos *Celidonia*; falla d'ella Sá de Miranda. Diz d'ella Brunetti Latini, no *Livro do Thesouro*: «E quant fil perdent la veue par aucune achoison, il apporte une herbe que on appele celidoine, quis les garit et lor rent la veue...» Ed. Chabaille, p. 217. (Na Academia das Scienc.) Acha-se em Hespanha: *Biblioteca de las Tradiciones populares*, t. 1, p. 225, *Superst.*, n.º 45.

(2) *Bibl. de las Trad. populares espan.*, t. 1, p. 236.

(3) L. de Vasconcellos, *Trad.*, p. 92.

(4) *Ibid.*, p. 97.

Os monumentos pre-historicos do nosso paiz, os *Menhir* e *Dolmen*, conservam entre o povo um caracter maravilhoso, como cobrindo thezouros enterrados; e o intuito de descobrir esses thezouros revolvendo os penedos, fez com que tantos monumentos fossem destruidos. Assim como na Bretanha são designados pelo titulo maravilhoso de *Alikorrigan*, a casa das Fadas, em Portugal são tambem casas de Mouras encantadas. A opinião popular sobre as *Antas*, é que são «monumentos que em si escondem thezouros, ou são defendidos por extranhos poderes, edificações de muros.» (1) Existem certos penedos furados, como o *Peneda moura*, e junto do Monte de Saia o *Sino do Mouro*; (2) o Monte do Facho, onde ha restos de uma antiga povoação tambem se chama vulgarmente a *Eira do Mouro*. A destruição de algumas *Antas* fez-se pela auctoridade ecclesiastica, e em uma das obras da Serra d'Ossa achou-se *cinzas e carvões*, vestigios de um evidente rito funerario. Nas crenças populares os thezouros das fadas transformam-se muitas vezes em carvão: «Fadas de mãe são thezouro de moura encantada ou escondida; ao primeiro és não és, eis carvão tudo.» (3)

Diz Prestes em um dos seus Autos:

Que porque vol-a mostrei
Carvão achei..... (p. 400)
 armastes
 Muitos contos, taes enleios
 Que tudo em *carvão* achastes (p. 353.)

As *trez voltas* dadas em roda da Pedra leital, de

(1) Gabriel Pereira, *Dolmens ou Antas dos arredores d'Evo-
 ra*, p. 8.

(2) Idem, *Notas Archeologicas*, p. 62

(3) D. Francisco Manuel, *Apologos dialogaes*, p. 47.

Requião, estendem-se a outras devoções, como ao redor de uma ermida.

Diz Smith : «Os Druidas começavam ou acabavam a maior parte das suas cerimoniaes dando *trez voltas* em redor do circulo do *carn*, ou do altar, junto dos quaes cumpriam suas funcções, partindo do ponto do oriente e seguindo o curso do sol. Chamava-se a esta especie de procissão *deas iul*, o caminho do meio dia, etc. A cerimonia do *deas iul* pratica-se ainda em muitas circumstancias nas montanhas da Escossia. Uma mulher gravida dá *trez voltas* em redor de uma capella afamada, a começar do levante para o meio dia a fim de ter um bom successo. Os doentes esperam recobrar a saude *dando voltas* em redor dos vestigios de algum antigo *carn*.» (1)

Nas Constituições do Bispado de Lamego, de 1563, estabelece-se : «Defendemos e mandamos com que as procissões nam vão a outeiros, nem *penedos*, mas soamente aa igreja...» (2)

No *Penedo Encavallado*, de Mondim da Beira, apparece uma Moura, estendendo *meadas de ouro*; em Cabeceiras de Basto, no monte da Orada, ha uma pedra de Mouro, com haveres assim como na lapa da Talada. Tambem se chamam *pedras cavalgares*. Os montes e outeiros tambem têm o seu primitivo caracter sagrado convertido na superstição das Mouras encantadas. Junto a Vermoim, no monte do Castello de S. Catherina havia uma *moura em fórma de cobra*; em S. Pedro do Sul, diz-se que as mouras andam encantadas pelos outeiros; e quem deitar um pingo de leite em uma *lage* póde alcançar um thezouro. (3) O culto das montanhas, entre os semitas, ou *bemoth*,

(1) *Hist. des Druides*, p. 56.

(2) Tit. xvi, Const. 4.

(3) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 87.

apparece ainda entre os gregos, nos seus montes, séde ou templo das Musas, como o Pindo, o Parnaso, o Pierio, e *bomos* significa a elevação a que se liga a ideia de altar. Todas estas reminiscencias vagamente se conservam na ideia que o povo faz das *Mamóas*, *Antas* e *Antellas* espalhadas pelo nosso paiz.

Por ultimo a pedra, que se emprega no pacto com o diabo, da feiticeria do seculo xvi, ainda se conserva nos costumes de Cabo Verde, na ilha de S. Thiago; dá-se ali o nome de *Fetal* a uma pedrinha magica, do tamanho de um grão de mostardeira, que as pessoas que fazem pacto com o diabo recebem no sitio chamado *Agua de Má-Martha*. A pedrinha é mettida debaixo da pelle, e aquelle que a traz em si, o *Fetalista*, fica para sempre livre de desgraças embora não chegue a ser rico. (1) Esta superstição liga os agouros das pedras ao culto chthoniano dos charcos e das Deusas-Mães, como se vê pela relação com *Má-Martha*, a que no processo de Luiz de la Penha se chama *Martha não a dina*.

As *pedras de raio*, conhecidas da antiguidade pelo nome de *ceraunias*, conservam ainda entre o povo o seu primitivo character magico; segundo a crença, são arremessadas pelo raio, e enterram-se pelo chão abaixo sete varas, voltando á superficie, como se crê na Calabria e em Aveyron, ao fim de outros sete annos, (Traz os Montes, Angerez, Vouzella); em Resende chamam-lhe *cunhas de pedra*, como na Scandinavia, e postas sobre os telhados livram a casa do raio. (Torre de Moncorvo.) (2) As *ceraunias* ou cunhas de pedra são consideradas como instrumentos de silex da epoca ante-historica; só as fulgurites ou vitrificac-

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1880, p. 102.

(2) Leite de Vasconcellos, *Tradições das pedras*, na Era Nova, p. 75 (1881.)

ções por meio da fiação electrica é que poderiam generalisar esta crença commum a todos os povos. A concepção do Fogo celeste, base de um grandissimo numero de mythos áricos, explica uma somma numerosa de agouros, quer das pedras, que eram os *betylos* semitas, quer das plantas com forma de penna, das raizes, como a mandragora, ou dos ramos com que se produzia pela fricção o fogo. O phenomeno meteorologico do nevoeiro, é segundo os contos populares produzido por *cinza* espalhada ao vento.

Os vestigios dos cultos sideraes são os mais completos sobretudo em algumas festas religiosas, como o *S. João* e o *Natal*; as superstições astrolatricas subsistem, mas já sem a importancia que tiveram durante a Edade media. No *Cancioneiro portuguez da Vaticana* encontram-se abundantes referencias á Astrologia; uma canção de Affonso de Cotom traz:

Meestre Incolás, a meu cuydar
é muy boo fisico por nom saber
el a suas gentes bem guarecer;
mais vejo-lhi capelo d'ultra-mar,
e traj'al uso ben de Mompiller. . .

E em *boõ ponto* el tan muyto leeu,
ca per o prezam condes e reyx,
e sabe contar quatr' e cinqu' et seix,
per *strolomya* que aprendeu. . . .

E outras *artes* sabe el muy melhor
que estas todas de que vos faley,
diz das luas como vos direy
que x'as fezo todas nostro señor. . .

(Canç., n.º 1116.)

Na Edade media a *palavra* possuia um poder magico; d'aqui um certo perstigio dos grammaticos e escholares, que passavam por ningromantes. A Grammatica era denominada por excellencia a *Arte*; no *Cancioneiro da Vaticana* allude-se ao typo do escho-

lar : «Chegou Payo de *Maas-Artes.*» (Canç., n.º 1132.) Benoit de Sainte More, no *Roman de Troie*, confunde na *artimaire* (ars major, ou *artimanha* ars magna) a ningromancia e a grammatica.» (1) Em uma canção do Conde D. Pedro, allude-se á superstição astrológica dos escolhares :

Martim Vasques n'outro dia
hu estava em Lixboa,
mandou fazer gram coroa,
ca vyo per *astrologia*
que averia egreja
grande, qual ca el a deseja
de mil libras em valia.

(Canç., n.º 1042.)

Estevam da Guarda, grande privado de D. Affonso III, descreve a crença no influxo dos planetas :

Ora é já Martim Vasques certo
das *planetas* que tragia erradas,
Mars e Saturno mal aventuradas
cujo poder trax em si encuberto ;
cá per Mars foi mal chagad' em peleja,
et per Saturno cobrou tal egreja
sem prol nenhuma em logar deserto.

Outras *planetas de boa ventura*
achou per vezes em seu calandayro
mais das outras que lh' andam em contrairo
cujo poder ainda sobr'el dura...

(Canç., n.º 931.)

E nas canções, n.ºs 928 e 929, que trazem a rubrica : «*feita a hu jogar que se presava destrologo e el nom savia nada...*» diz o mesmo trovador :

Já Martim Vasques da *estrelgia*
perdeu bençom polo grande engano
das *pranetas*, perque veo a dapno
en que tan muyto ante se atrevia...

(1) Ed. Joly, t. II, p. 226.

Na canção 962 da Collecção Vaticana, a palavra *astroso* designa o que está debaixo da influencia maligna dos astros. Os reis tinham os seus astrologos officiaes, que consultavam em todas as determinações difficeis. O rei D. Duarte tinha junto a si *mestre* Guedelha, que lhe prognosticou a morte; na sentença contra Anna Martins, de 1694, ainda se emprega a palavra *mestra* com este sentido, dizendo que não conseguiam «algumas *mestras* que primeiro se benziam a si» curar os achaques dos que as consultavam. No nascimento das crianças tomava-se o *horoscopo* para conhecer a sua sorte ou destino; Camões, na canção x, diz de si:

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado; . . .

Referia-se o poeta ao celebre prognostico de fevereiro de 1524, em que nasceu, no qual se annunciava um grande diluvio pela conjuncção dos planetas no signo de *Piscis*. Espalhou-se pelo mundo o terror de um diluvio, terror renovado pela apagada tradição do millenio, que de vez em quando revivesce. (1) Os meteoros são ainda considerados *signaes no céu*, e os

(1) É singularmente notavel o folheto: *Contra os juyzos dos astrologos*. Breve tratado contra a opiniam de alguns ousados astrologos: q̄ per regras de astrologia nõ bem entendidas ousam em publico juyzo dizer: q̄ ha quatro ou cinco dias de Fevereiro do anno de 1524 por ajuntamento de alguns planetas em ho signo de *Piscis* será grã diluvio na terra. Ho qual tratado pera consolação dos fiees: fez e cõpilou de muytos doctores catholicos e sanctos. ho licenciado frey Antonio de beja, da ordem do bem aventurado padre e doctor esclarecido da egreja sam Hieronimo. e foy per elle dedicado e oferecido aa christianissima senhora ha senhora raynha dona Lianor d'Portugal.— O folheto foi impresso por ordem da propria rainha em Lisboa por Germano Galharde, em 7 de Março de 1523.

cometas prognosticam guerras, pestes e a morte de altos personagens.

Segundo Lange, na *Historia do Materialismo*, o preconceito do perigo mortal ligado ao nascimento dos fétos de oito mezes é devido aos restos da astrologia medieval. Na crença popular chama-se ao meteoro que passa uma *estrella que cae*, e para que não arrase a terra, diz-se: *Nossa Senhora te guie*; (Açores) ou: *Assim corra a minha alminha para o céu*. Em Mondim, tira-se o chapéo, dizendo:

Deus te guie bem guiada,
Que no céu foste criada. (1)

O poder malevolo das estrellas subsiste no agouro: Quem conta as estrellas, nascem-lhe outras tantas verrugas nas mãos. (2) Nas Constituições do Arcebispo de Braga, de 1639, prohibe-se: «nem faça juizo ou levante figuras pelos movimentos ou aspectos do Sol, Lua, ou Estrellas.» Na Sentença de Anna Martins, de 1694, diz ella que se as palavras e cerimoniaes que fazia fossem feitas por outra pessoa não curavam «porque ella era sómente a que tinha aquella *estrella*.»

O mundo vegetal fornece bastantes agouros; taes são nos arredores de Lisboa: Se a herva pinheira, apanhada em dia de Santo Antonio reverdecer em casa, é signal de fortuna.— Se o primeiro fructo de uma arvore não for comido por homem, fica a planta anneira, isto é dando fructo um anno sim outro não (Minho.) Não é bom estar á sombra da figueira, nem

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 31. «Quando se vê uma estrella cadente é bom dizer-lhe: Deus te guie! ou abai-xar-se e pegar na primeira cousa que se achar e mettel-a na algibeira.» *Almanach do Arch. açoriano*, para 1868, p. 109.

(2) Commum á Hespanha: *Biblioteca de las Tradiciones populares*, t. 1, p. 246, n.º 20.

quando faz trovoadas; (1) e quem cae d'ella abaixo quasi sempre morre.

O character phallico da figueira, conhece-se pela crença que «o touro atado ao pé de uma figueira se faz manso.» (2) A confusão de *ficus*, a excrecencia cornea dos Satyros *ficarios*, com o *ficus*, o figo, em S. Jeronymo, motivou esta crença, que se vê mais evidente na superstição do *Feito*. O *feito* ou *feitelha*, semente que o vulgo colhe em um guardanapo na noite de S. João, para aquelle que o possuir se tornar amado, deriva esta sua virtude da crença polytheista dos satyros *Fatuus* ou *Fatuellus*; em uma cantiga popular dos arredores do Porto se diz:

Meu amor não vás a Avintes,
Nem p'ra lá tomes o geito;
Olha que as moças de lá
Trazem a *semente do feito*. (3)

O *junco* ou a planta dos charcos, que no culto eneano da prostituição sagrada é a *hasta*, *hastilia* ou a lança phallica, acha-se com intuito supersticioso na cantiga do Alemtejo:

Dizem que me queres bem,
Inda o heide experimentar,
Na noite de S. João,
Junco verde heide cortar.

(1) Na Andaluzia diz-se, referindo ao ar da figueira:

Anda vete de mi bera
Que tu para mi has tenido
Sombra de negra figuera.

A Guichot, *Bibl. de las Trad. populares espan.*, t. I, p. 230. Não ter *ramo de figueira*, exprime na locução popular o cumulo da pobreza.

(2) Padre João Pacheco, *Divert. erudito*, t. I, p. 355.

(3) *Positivismo*, t. IV, p. 114.

Este uso de *cortar juncos* como sortilegio amoroso, acha-se tambem em Villa Nova de Carros, do concelho de Paredes. As *hastilia* do culto eneano apparecem na *Oração de Martha* (Luiz de la Penha):

com trez *varas* te mandarei ;
quatro cantos catarei,
com a *vara* da maior alçada, etc.

Na *Devação da Estrella fermosa*, ainda figuram as váras :

e nove *varas de zimbro* me colhereis
na mão de Caifás m'as amolareis,
bem amoladas
e bem aguçadas
aguçadas e bem metidas
e bem tranquadas
huma no coração
e outra pelo sentido
que de mim foão
nom seja esquecido, etc.

O *zimbro* ainda hoje é considerado com virtude contra o ár máo. Diz o anexam portuguez fallando da virtude magica da arruda :

Se a mulher soubesse
A virtude da *arruda*,
Buscal-a-hia de noite á lua.

O cheiro do *alecrim* queimado afugenta os raios ; e em ramo tem poder contra os feitiços.— As ervas apanhadas em quinta feira da Ascensão ao meio dia, tem virtude contra sezões e feiticerias.— Não se deve dormir á sombra dos damasqueiros.— Quem queima folhas de figueira em casa onde se cria criança, seca o leite á mãe.— É máo queimar lenha de oliveira, que ficou consagrada pela pomba de Noé, ou porque se

fez d'ella a cruz de Christo.— É máo queimar trovisco, consagrado por ter Nossa Senhora enxugado sobre elle os panninhos do menino.— O cêpo ou *trafogueiro do Natal*, tem grandes virtudes.— Janella onde haja a planta do ensaio (com que os pescadores tingem as linhas da péscia) n'essa casa as raparigas ou os rapazes não casam.— A planta do Azevinho borrifada com vinho na noite de S. João, e levada para casa depois da meia-noite, dá a fortuna a quem a tiver.— Os tremoços e os pinhões são amaldiçoados (por terem denunciado a fugida de Nossa Senhora.)— Quando as batatas grelam em casa é signal de que lhe crescem os bens.— O funcho, o rosmaninho, o sabugueiro e o alecrim colbidos na manhã de S. João livram a casa do raio.— As Ordenações manuelinas prohibem cortar solas em figueira baforeira e ter mandragoras, costume persistente de um primitivo culto phallico.

As plantas solaneas são aquellas que pelas suas virtudes medicinaes impressionam mais directamente a imaginação popular. A valeriana chega a ter uma personalidade com quem se trata para obter fortuna. Gil Vicente, na comedia da Rubena allude á cantiga da *Moliana, moliana*; Arruda Furtado escreve sobre este ponto: «A mais complicada e curiosa superstição michaelense que temos encontrado é a da *boliana*. A *boliana*, contracção de valeriana, é uma planta indispensavel para se ter fortuna; mas para isto carece estar sempre ao pé dos seus trez companheiros, o verbasco, o trovisco e a bella-luz, e que se lhe diga todos os dias esta cantiga:

Bons dias, minha menina,
Como passastes a noite?
Tu commigo e eu sem ti,
E tu no coração d'outro.

Boliana, minha amiga,
Verbasco teu companheiro,
Has' pedir ao meu amor
Que me dê muito dinheiro.

«Quando se rega a boliana é preciso dizer-lhe :

A agua que vem da serra,
Vem de regar os craveiros ;
Tambem te venho aguar
Minha nobre cavalheira.

«Deve ser plantada juntamente com algum fio de ouro ou com dinheiro de *grelha* (em que a corôa está sobre uma esphera armillar) e não deve ser adquirida senão comprada ou furtada. As pessoas que emigram levam comsigo folhas d'ella. O mais curioso d'esta superstição é que o povo crê que de sete em sete annos, na noite de S. João, a boliana dá uma flor que é exactamente do feitio de uma *penna* de pato e com que tambem se pôde escrever. Para a poder colher é preciso ir á meia noite com um guardanapo de olhos pela cabeça, e a flor ao ser cortada dá um grito. Affirma-se que muitos escrivães possuem uma *penna* d'estas e que a isto devem a sua fortuna.»

Escreve Baudry, no bello resumo da grande obra de Kuhn sobre *Os Mythos do Fogo, e a Bebida celeste entre os povos indo-europeus*, que as plantas que têm as folhas em fôrma de penna são consideradas como colhidas da arvore celeste, e ligadas ao culto do fogo, como tambem as parasitarias. A folha do *feito* é comparada a aza da aguia (*pteris aquilina*, Linn.) e nas crenças populares da noite de S. João, o feto colhido n'essa noite tem virtudes, que se relacionam com o mytho do fogo dos povos áricos ; o seu nome em allemão *farn*, e no inglez *fern*, tem nó sanscrito a fôrma de *parna*, a penna.

«Em a boliana murchando, apesar de estar com as

suas trez companheiras, é porque está para haver desgosto em casa. Emquanto se rega deve-se estar a pousar-lhe a mão em cima : — ella põe-se a pular como uma cousa viva, porque é uma rainha encantada. Esta planta é sobretudo querida das meretrizes que lhe dirigem cantigas especiaes, e que depois de a regarem, põem-na entre os pés e andam-lhe com as saias em volta para serem penetradas das suas virtudes, repetindo as cantigas — senão ella fica triste.» — (1) Esta superstição é em tudo semelhante á da *mandragora* na antiguidade e na Edade media. No norte de Portugal existe a mesma superstição, já com o nome de *moliana*, ou com o de outras plantas como a *Herva de Nossa Senhora*, *Azevinho*, e *Laranginha para dar fortuna*. (2) O companheiro da moliana, o *trovisco*, tambem tem o poder de dar fortuna. «As mulheres (Roriz) quando vão á feira vender, cortam o trovisco macho, e levam-no no cêsto para se livrarem de cousas más; dizem ao cortal-o :

Louvado seja
 Nosso Senhor Jesus Christo !
 Venha d'ahi commigo
 Ajudar-me a vender isto.» (3)

Em as cosmogonias da raça árica, o homem nasce das plantas ; entre os povos semitas nasce das pedras. Esta crença primitiva conserva-se em algumas superstições, em que a vida da criança se liga á de uma planta, ou a saude de um ausente é revelada pelo estado em que uma certa planta se mostra. Tal é esta

(1) *Materiaes para o estudo dos povos açorianos*, p. 41. Ponta Delgada, 1884.

(2) Vid. a presente obra, vol. I, p. 174. Na Allemanha as flores magicas que dão fortuna chamam-se *schlüsselblume*, e *glücksblume*.

(3) *Atmanach de Lembranças*, para 1868, p. 214.

superstição da ilha de S. Miguel: «A babosa, planta da familia das nopáneas, mesmo depois de cortada reverdece e brota novas folhas; querendo saber o estado de uma pessoa ausente observa-se essa planta cortada: se continúa viçosa, saude; se vive, mas com pouco viço, doença; se fenece e sécca, morte.» (1) Na nossa infancia vimos na choça de um pobre velho Francisco Caeiro, uma babosa pendurada na cosinha por onde elle sabia da saude de um filho que estava no Brazil. (2)

A cada passo se depara com esta persistencia tenacissima dos costumes; ainda hoje o povo de Lisboa defuma as casas com *alfazema*, como na primeira metade do seculo XVI notava Antonio Prestes, como efficaz contra os espiritos:

Vós defumaes
esta casa com alfazema.

(Autos, p. 398.)

As plantas aromaticas, como a *arruda*, o *mentrasto*, o *orgevão* (verbena) e outras muitas são os especificos peculiares da medicina magica popular, em que o histerismo e o estado febril são *ár máo* ou bruxedo. Adiante veremos como a *mandragora*, prohibida pela Ordenação manuelina, se liga aos cultos phallicos primitivos, explicando-se por elles muitas superstições. O *sabugueiro* é usado com a fórmula de rosarios ao pescoço das crianças para não serem embruxadas; nos ensalmos contra o *fogo do ár* é chamado o *sempre-verde*, com a persistencia do mytho do fogo reconstruido por Kuhn.

(1) F. M. Supico, *Almanach do Arch. açoriano*, para 1868, p. 107.

(2) Vid. o elemento comparativo nos *Contos populares do Brazil*, p. xxxiv.

Nos agouros de fôrma ou cathegoria zoologica, as *Aves* ainda hoje são consideradas com poder magico, principalmente para conhecer o futuro. Muitas vezes a pratica supersticiosa não podendo ser extirpada, foi santificada, como vemos no *corvo* do antigo agouro popular na lenda de S. Vicente onde conserva inconscientemente o seu aspecto fetichista. Diz Lord Backford, na sua Carta xxiv: «Desde tempo immemorial está consignada certa quantia para manença de dois passaros d'aquella especie, e os achamos commodamente aquartelados n'um escondrijo da claustra adjacente á cathedral, bem nutridos, e de certo mui devotamente venerados.» São os corvos da Sé de Lisboa.

Diodoro Siculo falla da adivinhação pelas aves entre os Gaulezes, e tanto Tito-Livio como Justino affirmam que elles consultam o vôo das aves para fazerem as suas expedições.» (1)

Os agouros das aves eram muito familiares na sociedade portugueza no fim do seculo XIII, como se comprova por varias canções da nossa abundante litteratura provençal. Em uma servente de Pedr'Amigo, se lê :

Maria Balteira, que se queria
hyr já d'aqui, veo-me preguntar
se sabia j'aqui *d'aguyraria*
cá nom podia mais aqui andar.

.....
E dixi-lh'eu : Cada que vos deitades
que *esturnudos* soedes d'aver ?

E disse ella : Dois ey, ben o sabades,
e hun ey quando quero mover...

E dixi-lh'eu : Poys aguyro catades
das aves vos ar convem a saber,
vos que tan longa carreira filhades ;
diss'ella : esso vos quer'eu dizer,

(1) Belloguet, *Ethnogénie gaul.*, t. III, p. 193.

ey feryvelha sempre ao sair,
e dixi-lh'eu : Bem podeades vós ir
con ferivelha mais nunca tornades.

(Canç., n.º 1197, do Canc. Vat.)

Estes presagios da vista das aves persistem entre os Tupis do Brazil, os Dayakas de Borneo, e entre os Maoís ; os Tartaros observam estes augurios, que penetraram nas mais altas civilisações. (1) Em uma sirvente de Ayras Peres Veyturom acham-se ainda mais minuciosamente especificados estes augurios :

Poys que don Gomes Çura querria
com *boas aves* ante prender mal
ca ben con outras, nom lhy dé deus al,
erg' estes corvos per que s'el fia ;
e com qual corvo el soubesse escolher,
o leixasse mal andante seer
deus, cá depois em ben tornaria.

Com'el sabe d'agoyria,
se ouvesse bom corvo carnaçal,
ou cornelha a negra caudal
e tal e qual xe don Gomez oya,
o cal lhi deixasse deus perder
a herdade, o corp' e o aver,
ca todo x'el depouys cobrarria.

E poys sab' el tod'alegoria
d'agoyro, quando de sa casa sal,
se ouuess' el hua cornelha tal
qual x'a don Gomez consinaria ;
con a tal visse a casa arder
e lhi leixasse deus morte prender
sen confisson, ca pois s'ar porria.

E con bon corvo foss' el pois caer
en nojo grav' e ficasse em poder
do diaboo, ca pois s'oporria.

(Canc. da Vatic., n.º 1087.)

(1) Tylor, *Civilisation primitive*, t. 1, p. 140.

O prognostico tirado do encontro de certas aves ao sair de casa, tal como se nota no costume consignado na canção acima transcripta, é usado pelos selvagens, com o nome de *angang*. Uma sirvente de Joham Ay-ras de S. Thiago verbera esta superstição geral da Edade media :

Don Pero Nunes era en tornado
e ia-ss' a Santiago albergar,
e o agoiro sol el ben catar,
ca muytas vezes l'ouv' afaçanhado :
e indo da cas ao celeyro,
ouv' hun corvo vorace e faceiro
de que don Pedro non foy ren pagado.

E poys lo el ouve muyto catado,
diz : D'este corvo non posso escapar,
que d'el non aja escarnho a tomar,
com gram perda do que ey gaanhado,
ou da mayor parte do que ouver,
per ventura ou do corpo ou da molher,
segund' eu ey o agoyro provado.

E tornou-se contra seu gasalhado,
e diz : Amiga, muyt'ey eu gram pesar
cá me nom e posso de dano guardar
d'este corvo que vejo tam chegado
a nossa casa, pois filha perfia,
e corv' é já qui sempr' o mais do dia ;
e diz : de noite seas trasffurmado.

(*Ibid.*, n.º 1078.)

Em outra canção do mesmo jogral acha-se referido o agouro *angang* :

Hunha dona, non digu' eu qual,
nom aguyrou ogano mal ;
polas outavas do natal
hya por saa missa oyr,
e ouv'um corvo carnaçal
e nom quiz de casa sayr.

(*Ibid.*, n.º 1077.)

No seculo XIV já o ridiculo atacava esta superstição nas classes cultas, como se vê por esta outra canção de Joham Ayras :

Os que dizem que veem bem e mal
nas aves, e d'agoirar preit'am,
quer en corvo seestro quando vam
alhur entrar, e digo-lhis eu al,
que jhesu christo nom me perdon'
se ant'eu nom queria hun capom
que hum gram corvo carnhaçal.

E o que diz que é muy sabedor
d'agoyr'e d'aves quand' alhur quer hir,
quer corvo seestro sempr' ao partir,
e por en digu' eu a nostro senhor,
que el me dé cada hu chegar
capon cevado para meu jantar,
e dé o corvo ao agoirador.

Cá eu ben sey as aves conhocer,
e com patela gorda mais me praz
que com bulhafre contr' e nen viaraz,
que me nom pode ben nem mal fazer ;
e o agoirador torpe que diz
que mais vale o corvo que a perdiz,
nunca o deus leixe melhor escolher.

(*Ibid.*, n.º 601.)

Em Vouzellã, diz-se esta fórmula imprecativa quando se ouve o pio sinistro do corvo :

Corvo negro do peccado
Não insertes o meu gado,
Nem no negro, nem no branco,
Nem ao que anda misturado.
Vai ao Porto
Que está lá o teu pae morto ;
Come-lhe a carne,
Deixa-lhe os ossos
Para amanhã pela manhã ao almoço. (1)

(1) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 158, onde cita factos analogos da Bretanha franceza e do Tyrol.

Nas Constituições do Arcebispado de Braga, de 1639, prohibe-se fazer «conjecturas por *encontro*, ou voar e cantar das aves e animaes...» e bem assim, pelas Constituições do Arcebispado de Gôa o atravessar «*corações de aves* pera reprovados effeitos.»

Muitas d'estas superstições conservam-se ainda entre o povo. Se o estorninho assobia, é signal de borrasca. (Leiria).— Se a coruja canta em um telhado, ha morte breve.— Gil Vicente allude aos poderes magicos do gallo :

Eu não juro,
Nem esconjuro,
Mas *gallo negro* suro
Cantou no meu monturo.

Nos arredores de Lisboa ainda se crê que o *gallo preto* afugenta as cousas ruins.— Se o gallo cantar quatro vezes antes da meia noite é signal de morte ; o mesmo se canta depois do sol posto.

No Minho diz-se em fôrma de proverbio :

Gallo que fóra d'horas canta,
Cutello na garganta.

Se quando se mata uma ave ella custa a morrer, é porque alguém tem pesar.— Quem tem *pombos* em casa, e depois não quer mais tel-os, cae em desgraça ; — se elles vêm poisar em janella, é signal ruim.— Quando uma gallinha canta de gallo é que está para haver grande calamidade em casa. (Bragança.)

E no Douro corre em proverbio :

Gallinha que canta de gallo,
Quer em breve o amo no adro.

O canto do cuco, prognostica quantos annos as raparigas estarão solteiras :

Cuco de Maio,
Cuco de Aveiro,
Quantos annos
Heide estar solteiro ?

Cuco da ramalheira (carrasqueira)
Quantos annos me dás de solteira ?

Cuco da vid'arada,
Quantos annos me dás casada.

Cuco da carraspuda,
Quantos annos me dás de viuva ? (1)

As superstições dos animaes, ainda tão vivazes, transparecem nos processos da Feiticeria; no processo de Maria Antonia (1683) se lê : «quando queria adivinhar alguma cousa, chamava por elle, (o diabo) e logo lhe apparecia em figura de *gato preto* se era dia...» Maria Antonia confessou que lhe apparecia como mancebo, mas os pés eram como de cabra ou bôde... «Declarou lhe apparecia umas vezes uma *péga preta e branca*, e em outras dois ou trez pintões pretos ou pardos, as quaes aves vinham voando pelos ares até á porta da casa,... se a *péga* lhe apparecia, era signal de que o mal havia de ter remedio; e se os pintões, era mais difficultoso. Essas aves retiravam-se com

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 146, colligiu estes versos na Maia, Pesqueira, Ervedosa, aproximando-os do costume francez. Na *Faune populaire de la France*, t. II, p. 84, traz E. Rolland este mesmo costume, com a fórmula :

Coucou des villes,
Coucou des bois,
Combé ai-z'y d'annés
A me maria ?

vultos maiores ou transformadas n'outras cousas.»
A Maria Rosa (1728) «lhe appareceu em fôrma de
jumento.»

Os agouros e prognosticos do *gato* são numerosos : se lavam o focinho, é signal de visitas ; se lambem as unhas é signal de dinheiro ; se ourinam em roupa de criança é boa sorte ; se o enterram vivo, ha sempre desgraça ; se andam aos saltos, adivinham máo tempo ; se é preto, não entram em casa os máos espiritos ; (1) se o gato lava a cara, no outro dia venta d'essa banda (Arcozello de Gaia) ; e em Cabeceiras de Basto diz-se este prognostico :

Sobe o gato ao forno,
Lava-se para o Nascente,
Chuiva de repente ;
Lava-se para o mar,
Velhas a assoalhar. (2)

Nas crenças populares, o *burro* tem grandes poderes magicos : para as pessoas que dormem muito serem mais espartas devem abraçar um burro recém-nascido. (Lisboa.) Para que o burrinho novo não seja enfeitado, põe-se ao pescoço uma colleira encarnada com uma bolsinha cheia de alhos e arruda. (3) Nas ilhas dos Açores, dá-se a comer *miollos de burro*, como um poderoso philtro para querer bem. Nas concepções mythicas indo-europêas, o asno tem um sentido phallico, como se vê pelas lendas conservadas por Apuleio ; diz Gubernatis : «Durante a noite, o heroe está submettido aos encantos de uma bella fada, conserva a fôrma de um asno ; é sob esta fôrma, debaixo

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 12, 23, 71, 87, 116, 408.

(2) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 171.

(3) Pedroso, *Superst.*, n.º 14 e 147.

de uma pelle de asno, que elle leva os mysterios de Priapo, d'onde, a expressão de Aristophanes, nas *Rãs*, — o asno que leva os mysterios : estes mysterios não são senão as Phallagia ou as Periphallia, de Roma.» (1) Temos um anexim, que diz : *Decoada em cabeça de asno*, que se refere á superstição divinatória. No processo de Luiz de la Penha vem o seguinte *Ensalmo do Asno*, para fazer que outrem obedeça ao nosso mando :

Asno és e filho de burra,
 assim como este asno,
 esta burra não pode estar
 sem albarda
 e silha e sobrecarga ;
 assim como comer
 isto que aqui trago
se torne burra e asno
 e ande a meu mandado,
 e me suba pelos pés,
 e me ponha na cabeça.

(Libello, art. 17.)

Na linguagem popular temos a locução *Pagar as favas que o asno comeu* ; as favas tem um sentido phallico, como veremos nos agouros vegetaes e no ensalmo de Luiz de la Penha. Ha uma outra imprecação para attrahir uma pessoa, em que se invoca o asno :

Anda meu burro albardado,
 Assim como tu és o meu querido
 O meu encabellado,
 Assim como Deus e Santo Erasmo
 Me darás quanto tiveres
 E me dirás quanto souberes.

Esta oração era dita pela feiticeira «estando no tempo em que a fazia com o pé esquerdo descalso, e

(1) *Mythologie zoologique*, t. I, p. 390.

braço e perna da mesma parte nus, e o cabello da parte esquerda desgrenhado, com a janella e porta aberta, e um prato de sal diante de si; e tomando uma mão cheia de sal, chegou á janella, e dizia as seguintes palavras :

Esta mão cheia venho deitar
 Por.....
 Para que sem tino andar,
 Sem tino andar, sem tino andar,
 Me venha buscar,
 Me venha fallar;
 Que venha
 E não se detenha.

(*Atirando punhados de sal pela janella*)

Para Satanaz,
 Para Barrabaz,
 Para Caifaz !
 E logo, logo me venha amar,
 E estes signaes me hão de dar :
Canes a ladrar,
Bestas a passar,
Gatos a saltar.» (1)

O cão é tambem objecto de numerosos agouros populares; quando elle *uiva*, deve-se virar um sapato de sola para o ár; e na Extremadura diz-se, pondo-se em cima do sapato: *Maria dá pão ao cão*. Na Maia, diz-se:

Todo agouro
 Sobre o teu couro.

Nos Açores o diabo é chamado o *cão tinioso* e *cão negro*. Na Extremadura, quando um cão negro nos segue fóra de horas é máo signal; se qualquer cão

(1) *Sentenças das Inquisições* (Coll. de Moreira, vol. II, p. 182 e 183.)

ourina a uma porta, ou no fato de alguém, ou entra em uma casa, é bom signal; quando esgravata a uma porta ou no chão, é porque se hade abrir uma sepultura; se o cão tem sete dedos, chama-se *pessunho*, e nunca se dana; se uiva na rua, é signal de que foge filho de casa, e se ao pé de casa onde ha doente, é porque está para expirar; se se encontra agachado, quando se vae em negocio, sae tudo torto. (1) O cão é tambem considerado com influxos beneficos, como se diz no Algarve:

Bafo de cão
Até com pão.

O lobo nos agouros populares tem um poder enorme: quando avista uma pessoa, antes de se dar por elle, fica a pessoa sem falla. (Vimieiro.) Conta isto mesmo Brunetto Latini, e já o referia Virgilio na Ecloga ix. O character mythico do Lobo, como personificação das trevas, acha-se ainda na crença dos *Lobishomens*, como veremos nos vestigios do culto solar.

Nos monumentos prehistoricos de Portugal, apparecem estatuas de *porcos*, como as duas achadas em Sabroso, e a *Porca de Murça* em Traz os Montos; mas estes monumentos são os *totems* fetichistas de certas tribus, como se vê pelo *genius loci* Obulco, da população modernamente chamada *Porcuna*, ao qual sacrificavam porcos. Nas festas dos povos germanicos a Freya, sacrificava-se um porco, em epoca que corresponde ao Natal, em que se faz a *matança dos porcos* com um vago intuito cultural. Não se deve passar de noite proximo de um chiqueiro de porcos, porque se póde ser atacado pelos diabos. (Cabo Verde.) Ao uso da

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 36, 39, 71, 102, 133, 228, 395 e 536.

matança em determinadas festas religiosas, refere-se a cantiga :

Dia de Sam Thomé
Mata o porco pelo pé ;
E se elle disser *qué-qué*
Diz-lhe tu que tempo é.

Outro anexim, completa o sentido d'esta referencia : (21 de Novembro.)

Entre ti e mim, Thomé,
Trez dias é.

O S. *Martinho* (11 de Novembro) tambem tem relação com a matança dos porcos : «*Cada porco tem o seu S. Martinho.*» Só uma relação cultural com o anno solar é que faz com que esta pratica appareça em França e Irlanda.

Estes costumes explicam o sentido mythico da superstição. Escreve Gubernatis : «Costuma-se na Allemanha, como outr'ora em Inglaterra, servir no festim do Natal uma cabeça de javali cercada de ornatos ; é sem duvida um symbolo do monstro obscuro do *inverno lunar* que é morto no solsticio de inverno, depois do que os dias começam a tornar-se maiores e mais brilhantes. Pela mesma razão é uso popular na Allemanha o ir dormir no Natal em um chiqueiro para ali ter-se sonhos, que são presagios de felicidade.» (1) O S. Martinho das lendas celticas e germanicas tem um character funerario, como o S. Thomé, a quem o mestre apparece, e que elle julga ainda morto. Em uma superstição do Porto achamos : «Sonhar com carne de porco, é signal de morte.»

O encontro do *Porco preto*, é o do proprio diabo ;

(1) *Mythologie zoologique*, t. II, p. 14.

quando se deitam os porcos a fossar mede-se-lhe o rabo e põe-se a *medida* debaixo da pia, para elles voltarem sempre para casa. Nos procéssos da feiticaria portugueza acha-se o feitiço de tomar medidas do corpo, e nas devoções existem fitas com medidas de santos como do *braço do Senhor de Mattosinhos*. No Alvará de 14 de agosto de 1432 prohibe-se *que se meça*. Os animaes tambem prognosticam o tempo: quando os bois berram e marram uns nos outros é signal de vento; para não faltar o leite a uma vacca, amarra-se-lhe ao rabo uma *fita* encarnada; quando a vacca berra é signal de casamento. O *relincho do cavallo* é signal de gosto; (1) se o cavallo anda triste, benze-se com uma camisa de homem; sonhar com cavallos é casamento. Na Bairrada o casamento é sempre acompanhado com uma *cavalgada*.

O *sapo* tem tambem poderes magicos; dando-se-lhe a comer pão já dentado e crivado de alfinetes, definha-se a pessoa que deixou o pão. (Extremadura.) Quando se vê um *sapo*, cospe-se trez vezes, para não acontecer mal. (Minho.) Espetando-se a cabeça de um sapo com alfinetes, fica soffrendo até morrer a pessoa de quem se quer mal; quem bate n'um sapo e não o acaba de matar, elle vae ter á cama d'essa pessoa, (2) ou vae lá urinar. (Penafiel.) Quando se encontra um sapo espeta-se na terra de barriga para o ár; e quem o tirar d'aquella posição tira a fortuna a quem o espetou.

Os insectos occupam bastante a imaginação popular nos agouros: A *aranha*, quando grande é signal de testemunho, e é preciso matal-a com o pé esquerdo; (Lisboa) sendo preta é signal de dinheiro, e

(1) O mesmo entre os Getas. Vid. Bergmann, *Les Getes*, p. 304.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 25, 46, 439 e 495.

branca, de falso testemunho. As *baratas* em uma casa são signal de dinheiro, e não se devem matar; e quando desaparecem é signal de pobreza.— Se uma pulga salta na palma da mão, é signal de presente.— Quando se vê uma *centopéa*, diz-se trez vezes: *S. Bento te tolha!* e então ella pára e mata-se; se desce por uma parede, é signal de chuva, se sobe é signal de sol. (1) Quando o *grillo* canta em uma cozinha é fortuna para a casa. (Beira alta.) Ter grillo em casa, significa ter fortuna; e crê-se que aquelle a quem o grillo chupar uma gota de sangue ficará riquissimo.— Mosca vareja que entra em casa, é signal de visitas. (Porto.) Nas Sentenças do Santo Officio acha-se este esconjuro *Para não ter moscas em casa*:

Moscas, filhas dos ulmos
 Netas dos bugalhos,
 Eu vos encommendo
 A seiscentos mil diabos,
 Para que não tenhaes,
 Humidade não recebaes,
 E d'aqui não saiaes. (2)

As freiras do Carmo, em Guimarães, tambem usavam nas portas dos armarios a imprecação:

Em louvor de Sam Bento,
 Que não venham as *formigas* cá dentro. (3)

As *borboletas* brancas são signal de boa nova, as pretas, de má. (Porto.) Esta superstição subsiste na Grecia moderna, com a borboleta *taxidarikon*.

Na crença popular ha certos animaes phantasticos,

(1) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 133.

(2) Ap. *Boletim da Sociedade de Geographia*.

(3) Leite de Vasc., *Trad.*, p. 138.

como a *Zorra da Odeloca*, ou *berradeira*, que são almas errantes, de finados que andam em pena. Assim os agouros dos animaes ligam-se intimamente com o animismo. Proximo da Ribeira de Odeloca, que nasce entre as serras de Monchique, é que apparece a *zorra*; a tradição acha-se tambem na Galliza. (1) Quando se escarnece os berros que a zorra dá depois da meia noite, ella persegue essa pessoa até á morte. As *almas de mestre*, nome que os marinheiros dão a certas aves que acompanham o navio, têm o nome tradicional resultante d'esta crença animista. (2) O povo crê que a alma se exala do corpo em fórma de *pomba*; as associações funerarias de Roma chamavam-se por isso *Columbaria*. No romance do *Conde Ninho*, depois de mortos os dois amantes:

Ella se tornou em *pomba*,
Elle n'um *pombo* real;
Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar. (3)

Um outro animal phantastico é o *basilisco*, que nasce do ovo que um gallo põe ao fim de sete annos, e que mata só com a vista; no Minho, nasce d'este ovo um lagarto, que mata o dono da casa. Esta crença é commum á Italia, França, Inglaterra e Dinamarca; (4) o

(1) Em Morrazo, que se encontra entre as rias de Pontevedra e Vigo «La Raposa de Morrazo es una alma que Dios no ha querido enviar al inferno por tal cual devocion ú obra buena que hubiesse hecho y que la permitiese volver al mundo á hacer pernitencia.» *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. iv, p. 105.

(2) Garrett, *Camões*, nota ao canto v.

(3) *Cantos populares do Arch. açoriano*, p. 272.

(4) Acha-se largamente estudada por Alexandre Guichot, *El mito del Basilisco* (na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. iii, p. 14 a 83.) E tambem *Revista científica* do Porto, p. 525.

nome tão generico de *Bicho*, com que o povo designa qualquer animal malevolo ou repugnante é proveniente do *Basilisco*, o sauro ou *Lagarto*, a que o povo liga immensas superstições.

No Nobiliario do Conde D. Pedro, tambem se cita o *cavallo magico Pardallo*, que se equipara ao *Párdulus*, ou Leopardo, de Aristoteles; uma grande parte da zoologia maravilhosa do povo proveiu da fragmentada tradição da sciencia da Grecia.

A personalidade humana tambem occupa um logar importante n'este mundo phantastico; taes são *A velha da equa branca*, o *Preto do barretinho vermelho*, o *Homem das sete dentaduras*, e o *do chapéu de ferro*, que estudaremos ao tratar das Entidades demonicas.

A personalidade humana está completamente circumdada de agouros, no seu corpo, nos seus actos, e nos objectos de uso ordinario. O maior poder magico reside nos olhos, a que o povo chama o *máo olhado*. Na canção n.º 984, de Pero Garcia Burgalez, falla-se n'esta superstição:

Fernand' Escalhe leixey mal doente
com *máo olho*, tam coyta'd' assy,
que nom guarrá, cuyd' eu, tam mal se sente,
per quant' oy' eu de Dom Fernando vi;
cá lhí vi grand' *olho máo aver*;
e nom cuydo que possa guarecer
d'este *olho máo*, tant' é mal doente.

E na canção 1094, alludindo á priverança com D. Afonso III, vem:

E poys ora soys tam bem andante
bem era d'ome do vosso logar,
de s' *olho máo* de vos ár quebrar,
e nom andar como andavades ante.

No alvará de 14 de agosto de 1423 prohibe-sè que

se *escante olhado*. Contra o máo olhado o povo usa a seguinte imprecação :

Dens te fez,
 Deus te creou,
 Deus te desolhe
 De quem mal te olhou ;
 Se é torto ou excommungado
 Deus te desolhe do seu máo olhado.

No seculo xvii as damas hespanholas costumavam comer o barro poroso das bilhas de Extremoz ao qual attribuiam varias virtudes contra o veneno, e para as doenças de olhos ou antes contra o *máo olhado*. (1)

A *mão* tem um poder extraordinario, quer propiciando pela benção, quer esconjurando em fórmula de *figa*. No alvará de 14 de agosto de 1423 prohibe-se o *pór a mão* (nem outro si *ponha mão*.) Nas superstições portuguezas a *figa* é um preservativo contra os feitiços ou jetatura ; é o resto de um symbolo phallico da mão, figurado na seguinte fórmula : passa-se o dedo polegar entre o indicador e o dedo grande, tendo assim grande virtude contra o *máo olhado*. Faz-se com a mão ao natural e então torna-se um gesto insultuoso ; fabrica-se como talisman, e é um thema da arte popular, executado em ouro, prata, coralina ou azeviche. Em um Auto de Prestes allude-se a este amuleto commum a todo o occidente :

Lanço-te uma pulha de ganço
 que quando comeres migas
 para ti se tornem *figas*,
 ate, villão, barbas de picanço,
 benzedeiro de bexigas
 curas leicenços a grou.

(Ed. Porto, p. 459.)

(1) M.^{me} d'Aulnoy, *Relat. du Voyage en Espagne*, t. II, p. 66 e 143.

De l'Ancre, no *Tableau de l'inconstance des mauvais anges* falla do uso da *figa* entre as populações bascas com a terrível curiosidade de um sanguinario perseguidor da feiticaria: «Usam impedir os malefícios, e sobretudo para resguardar dos feitiços e quebranto, de uma especie de amuleto bastante vergonhoso, o qual trazem commumente as feiticeiras *remedices* e as crianças e moças que costumam ir ao sabat. É uma mão de ouro, de prata ou de chumbo, azeviche ou de couro, de todas estas materias as tenho visto, a qual tem o polegar passado entre os dois primeiros dedos. Os hespanhoes chamam-lhe *higo*. Os Bascos tem-as por causa da visinhança da Hespanha; não conheço nenhum lugar em França onde *fazer uma figa*, a que na Gasconha chamamos *la higue*, não seja uma acção vergonhosa e sobretudo indigna do pudor de uma mulher honesta, e mais ainda de uma donzella, para fazer o gesto ou trazel-a ao pescoço. E em verdade, aquelle que em França faz a figa, é como acto de colera, de desdem ou de desprezo.» (1) A mão, quando pelas suas linhas fórma um *sino saimão* (*signum Salomonis*) defende a pessoa contra todas as cousas ruins. Este talisman, a que o povo chama tambem *sanselimão*, acha-se já citado na canção 1025 do *Cancioneiro da Vaticana*, e é assumpto da tatuagem dos barqueiros e almocreves, e o thema da arte popular, pintado ou esculpido nas prôas dos barcos e nas cangas dos bois. (2) É evidentemente uma transmissão tradicional da magia erudita, apparecendo na Escossia medieval e nas moedas gaulezas. Na magia negra ou goetica, a *mão do finado* ou *Mão de Gloria* é um talisman tremendo, sobre que o povo conta muitas novellas.

(1) Op. cit., p. 363. Ap. Fr. Michel, *Le Pays Basque*, p. 173.

(2) Leite de Vasconcellos, *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos, etc.*, p. 41.

Lê-se na *Nova Floresta*: «Os arte-magicos e as bruxas e feiticeiras aproveitam-se dos braços dos defunctos: o qual dizem que lhes serve de cirio ardendo, emquanto de noite fazem o seu maleficio nas pessoas que estão dormindo; e accrescentam que o braço começa a arder pelos dedos com uma luz roxa, e sulfurea, mas acabada a obra fica inteiro, porque o demonio o accendia ou representava inteiro.» (1) O vulgo chama-lhe *mão refinada*.

Ainda que a mão, só por si forneça materia para todo o systema da Chiromancia, as *unhas* revelam muitos agouros: se as unhas nascem muito é signal de fortuna; (Lisboa) se apparece uma *malha branca* nas unhas da mão esquerda é signal de mentira, e nas da mão direita de presente; não se devem cortar á *sexta feira*, porque é quando o diabo corta as suas; se se cortam na *lua-nova* nascem espigões. (2)

Entre as superstições bascas o *espirro* é um máo presagio, que tem de ser atalhado. Em Portugal, se se não saúda quem *espirra*, póde o diabo entrar n'essa pessoa. Contra este agouro estabeleceu-se um bom presagio: Quando se espirra já se não morre n'esse dia.

O dedo polegar, tem a virtude de talhar a *má olhadura*, fazendo trez cruces na testa, dizendo em trez noites successivas:

Dois t'ó escanta
Trez te tiram
Que são Padre, Filho
Espirito Santo.

(Bragança.)

O *dedo mendinho*, é o que na credulidade infantil

(1) P. Bernardes, *op. cit.*, t. II, p. 242. Na imaginação popular confundiu-se com a planta *mandragora*, que nascia junto da forca.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 131, 225, 357 e 700.

adivinha; é onde se faz a sangria no *pauto* com o diabo.

Quando duas pessoas *abrem a bocca* ao mesmo tempo estão falladas para alguma cousa; (Porto) ou hão de vir a ser compadres, ou visinhos. (Lisboa.) Não se deve *fallar só*, porque se falla com o diabo; quando estão fallando mal de nós espeta-se uma thezoura no chão, porque emudecem logo. Sobre os avisos da maledicencia a *orelha* tem poderes especiaes; se está vermelha a esquerda, é porque dizem mal de nós, e então atira-se um punhado de sal ao lume, evitando ouvir-lhe os estalidos. Quando se falla desvantajosamente de alguém ausente, diz-se: «Ficaram-lhe as *orelhas a chiar.*» Para que a maledicencia não continue, trinca-se a camisa trez vezes; ou fazem-se cruces com saliva na orelha dizendo:

Assim como rezas medres,
Na forza te pelles;
E depois de pellado
Que te leve o diabo. (4)

Quando se deita fóra *cabello*, deve-se-lhe *cuspir* trez vezes, fazendo-lhe uma cruz, para que por elles não possa vir maleficio. Seguem-se os agouros das anomalias: Quem tem signal negro nas costas (pigmento) está livre de entrar com elle o diabo, ou de soffrer feitiços. Quando se vê um *corcunda*, ou um *vésgo* em jejum fica-se *enguiçado*; para desfazer o enguiço esfrega-se uma moeda de cobre na sola do sapato. Uma cantiga de Oliveira de Azemeis diz:

Se vires o *côxo* hó
Conta-o por novidade;
Do *calvo*, que Deus nos livre,
Do *gago*, que Deus nos guarde.

(3) Pedroso, *Superst.*, 40, 67 e 186.

A *sombra* do individuo é tambem objecto de agouros; quem brinca com a sua *sombra* na parede, brinca com o diabo; não se deve pisar a *sombra* de uma pessoa. Nas crenças populares, temos *duas sombras*, uma do Anjo da Guarda, e a outra do diabo que nos tenta. (Famalicão.) Na Oração da Martha, diz-se, que das trez irmãs :

huma é a *sombra*
outra a *solombra*,
e outra Martha a não dina.

O povo crê que se *perde a sombra*, por effeito malefico; acha-se esta crença em um conto dos zulus, (1) e Antonio José diz em uma das suas Operas: «MERC.: Quem é tão ladrão, que furta o meu nome, tambem *furtará a minha sombra*. SARAM.: Isso é bom para o diabo das Covas de Salamanca.» (2) Segundo a tradição medieval, nas Covas de Salamanca só entravam sete estudantes de cada vez, ali frequentavam sete annos, e só saíam seis *furtando a sombra* a um. (3) É a esta tradição que se prende a lenda portugueza do *Escolar* (ou *Sec'lar*) *das nuvens*. Na madrugada de S. João quem não vê a sua *sombra* ao chegar á borda de um poço ou fonte, não vive até ao anno seguinte. (Madeira.) O Tio de Massarellos *cortava sombras*, espalhando cinza peneirada no ar, dizendo: «*Eu te degrado, sombra; pela graça de Deus e de S. Pedro e de S. Paulo.*» E *degradava sombras* fazendo cruces e lançando agua benta por toda a casa. A voz humana tem poderes magicos; um feiticeiro: «Para saber se uma pessoa

(1) Husson, *La chaine traditionnelle*, p. 127.

(2) *Operas port.*, t. 1, p. 320.

(3) Coll. Ribadaneyra, *Obras escogidas de Philosophos*, p. cxxi, nota 2.

era morta ou viva, dizia á janella : *Côrte do céu ouvi-me ! Côrte do céu fallae-me ! Côrte do céu respondei-me !* Das primeiras palavras que ouvia na rua acharia a resposta.» (1) Na Foz do Douro, costumam as mulheres *andar ás vozes* para inferirem pelas palavras casuaes que ouvem do estado das pessoas que estão ausentes. D. Francisco Manuel de Mello, nos *Apologos dialogaes*, refere esta superstição : «e com o proprio engano com que ellas traziam a outras cachopas de S. João ás quartas feiras, e da Virgem do Monte ás sextas, que vão mudas á romaria, *espreitando o que diz a gente que passa* : d'onde affirmam que lhes não falta a resposta dos seus embustes, se hão de casar com fulano ou não ; e se fulano vem da India com bons ou máos propositos ; ou se se apalavrrou lá em seu logar com alguma mestiça filha de Bracmene.» (2) As vozes tambem se escutam da janella, e a pessoa que se submete a esta sorte prepara-se com uma Oração :

Meu S. Zacharias,
meu Santo bemdito !
foste cego, surdo e mudo,
tiveste um filho
e o nome puzeste João.
Declara-me nas vozes do povo...

Da ilha de S. Miguel escreve Arruda Furtado : «Quando qualquer pessoa quer saber noticias que lhe hão de vir de um amante, vae de noite n'um passeio até ao adro da igreja em que está o Santo Christo, rezando n'umas contas e com outra pessoa atraz para ir ouvindo melhor o que se diz pelo caminho e dentro das casas, e isto sem que nenhuma d'ellas diga uma

(1) Sentenças das Inquisições, ap. *Boletim da Soc. de Geographia*.

(2) Op. cit., p. 24.

só palavra. Quando voltam vem combinando o que ouviram e d'ali concluem que novas hão de vir.» (1)

Depois da Oração a S. Zacharias diz-se o nome da pessoa, ou o caso que se deseja saber. (2) No Porto vae-se rezar á porta da Sé, á Senhora das Verdades, e no caminho é que se colhem as vozes.

Certos signaes do corpo são tambem objecto de agouro, como : ter bico de cabello na testa, signal de vir a ser viuvo ; chave da mão larga, liberalidade ; orelha pegada, signal de ser rico ; dentes raros signal de chocalheiro ; unha com ponta vermelha, mentirosa.

Os *sonhos* são uma das fórmas mais espontaneas dos agouros e sortilegios populares ; a antiguidade quiz fazer d'este phenomeno psychico o objecto de uma sciencia, a *Oneirocritia*, representada no livro de Artemidoro, que se tornou a delicia dos eruditos da Renascença. A interpretação dos sonhos era uma arte em Roma, cultivada pelos *Conjectores* ; muitos sonhos relatados na Biblia influiram no animo dos Padres da egreja, que não rejeitaram esta fórma da credulidade, acceitando-a como revelações ou toques divinos, e por isso cultivando-a na ingenuidade popular. É por isso que muitos sonhos têm interpretações tradicionaes, umas provenientes de allegorias, outras de coincidencias, e outras de concepções cultuaes, que deixaram de ser praticadas. Sabe-se a relação que tem o *boi* com o casamento, na constituição da familia primitiva : «Sonhar com um boi, é signal de casamento breve.» Conhecida a relação cultural do porco com as cerimonias funerarias, não nos surprehende a interpretação dos arredores de Lisboa : «Sonhar com carne de porco é signal de desgosto na familia.» (3)

(1) F. de Arruda Furtado, *Materiaes para o estudo dos povos açorianos*, p. 42.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 476.

(3) *Ibid.*, *Superst.*, n.º 443 e 444.

Alguns sonhos acham-se interpretados egualmente entre os diversos povos occidentaes: «Sonhar que cae um dente, é morte de parente.» (Beira Alta.) Bernoni cita esta mesma crença em Veneza, e o abbade Thiers, no seu *Tratado das Superstições*, em França; ainda ultimamente o bibliophilo Jacob no seu livro da *Onci-rocrícia* traz a interpretação: «Perder os dentes significa perda de bens ou morte de parentes.» Da indole do animal com que se sonha, tambem se tira a interpretação: «Sonhar com gatos, é traição.» (Douro.) Outras vezes sae a interpretação de um equivoco da linguagem: «Sonhar com gallinhas ou outros animaes de *pennas*, é signal de *pennas*.» (Ilhas dos Açores.) Outras vezes a conjectura forma-se por anti-phrased, como: «Sonhar que alguém morreu é signal de mais dez annos de vida.» Ou tira-se o sentido de uma relação natural: «Sonhar com sangue, é desgosto; com um cemiterio, é herança; com botas, que alguém se ausenta.» (Lisboa.) A crença na influencia malefica da figueira, apparece na fórma: «Sonhar com figos é signal de doença.» A phrase usual do *pêmo da discórdia*, tambem revela uma certa reminiscencia tradicional no: «Sonhar com maçãs é desgosto,» (1) que o bibliophilo aponta como identica em França. A relação dos *haveres* ou thezouros enterrados com o carvão, acha-se no: «Sonhar com carvão é signal de dinheiro.» (Porto.)

É notavel o sonho attribuido ao infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, contado por Frei Luiz de Sousa: «Achava-se acaso o infante na villa da Azinhaga. Levantando-se n'uma manhã, referiu aos fidalgos que o vestiam que sonhara aquella noite, que vira sair de

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 99. Nas Constituições do Arcebis-pado de Braga, prohibe-se: «nem faça *conjecturas* pelos alimentos ou por sonhos...»

uma casa, em Abrantes, trez tumbas juntas e cobertas de negro. Era o infante de animo grande, bom christão e nada agourento: nenhum caso fez do sonho. Ao segundo dia chegou-lhe recado de ser fallecida a senhora Dona Luiza, sua unica filha, que já não tinha outra. Era por outubro do anno de 1534: foi correndo a consolar a infante, que amava com grande extremo. Adoeceu logo, e falleceu aos sete do mez de novembro seguinte; e a condessa sua mulher foi apoz elle, sem se metter mais tempo em meio, que quanto houve de sete de novembro até 9 de dezembro. De sorte que, no espaço de pouco mais de dois mezes se viu cumprido o sonho das trez tumbas...» (1)

A vida em todas as suas manifestações e relações está cercada de agouros. Comecemos pelos amores até chegar á morte. As prendas entre namorados, nunca devem ser lenço (apartamento) nem santos, rosarios ou thezoura.— Comer o canto do pão, faz com que se case cedo. (Porto.) Offerta de um alfinete é amor de um anno.— Quando se calça bota e sapato por engano, desmancha-se casamento na familia. (Lisboa.) Metter o pé no meio alqueire é casamento; canta-se:

Se me queres, eu te quero,
Meu amor porque perguntas;
Mette o pé no meio alqueire
Ficarão as almas juntas.

Quem põe agua benta na testa á saida da igreja fica solteiro. (Lisboa.) Trazer sapatos de côr diversa faz com que se perca o casamento.— Para se conciliar um namorado com arrufos, pica-se um limão com

(1) *Hist. de S. Domingos.*— Rib. Guimarães, *Summ. de varia Hist.*, t. II, p. 122.

um alfinete, dizendo por tres dias á hora das trindades :

Assim como eu pico este limão,
 assim pico o teu coração ;
 para que não possas comer,
 nem beber,
 nem dormir, nem descansar,
 em quanto me não vieres fallar. (1)

Quando o amante é alteroso, para elle se tornar affavel, diz-se :

Eu te vejo e venero em cruz !
 Vem para mim manso e cordeiro,
 assim como foi Jesus
 ao santo lenho da cruz !

Pax tecum.

A paz do Senhor, se metta em mim e ti ;
 abranda leão duro ; humilha-te a mim,
 assim como Jesus
 se humilhou á cruz.
 Com a sciencia dos magos,
 com as forças de Sansão,
 e sciencias de Salomão
 tudo heide acabar. (Almada.)

Para saber qual dos namorados ama com mais ardor, lança-se fogo a duas bolas de estopa, a que arder primeiro representa aquelle que está mais apaixonado. (Porto.) (2) A maior parte dos agouros dos namorados anda ligada ás cerimoniaes tradicionaes da festa de S. João.

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 472.

(2) *Revista scientifica*, p. 565. Porto. «Na Lithuania, as jovens aldeãs fazem duas pequenas bonecas de canamo, representando uma o rapaz e outra a rapariga, botam-lhe em seguida fogo; se as duas labaredas se aproximam, assim aquelles de quem são a imagem se unirão.» *Dicc. des Religions*, t. iv, p. 654. (Coll. Migne.)

O casamento é cercado por complicados agouros : sendo á sexta feira, nunca haverá filhos ; na noite do casamento o que primeiro entra na cama, ou apaga a luz, é o que morre primeiro. (Porto.) Em fevereiro ha trez dias em que se não deve casar. (Minho.) Se os noivos ouvem lér os pregões, serão infelizes ou morre um d'elles dentro de um anno. (Bragança.) Se o numero das letras dos nomes do noivo for par, morre a mulher ; se for só de um nome morre o mais velho. (Alemtejo.)— Quem casa por procuração, fica sujeito a perigo. (Porto.) Não se deve fazer casamento quando ha cova aberta na egreja.

Quando uma mulher grávida passa por baixo do palio de procissão, tem bom successo ; deve-se-lhe dar caldo de perdigoto, pouco antes dos nove mezes, para não ter retortas (ou dor de torto) ; se não se lhe dá o que deseja, nasce a criança com a bocca torta ; se se quer saber de que sexo será a criança, queima-se folha de oliveira,— se estala é rapaz, se arde é menina ; se der um ponto em si, na occasião do parto não deita as secundinas ;— ou saem-lhe os filhos aleijados ; se traz alguma cousa no seio, vem o filho malhado ; se vae ser madrinha de uma criança, fica a criança muda ou idiota ; se semeou ou plantou alguma cousa, ella não póde dar á luz, sem por sua mão colher o que semeou na terra.— Quando uma mulher tem difficuldade no parto vae um parente dar certo numero de badaladas no sino de uma egreja ; (Porto) ou irá o marido tocar o sino com os dentes. (Arredores de Lisboa) ; ou deita-se n'um copo de agua a rosa de Jericó, e á medida que ella abre facilita-se o parto. (Almada) ; ou veste-se á parturiente o casaco do marido, sem que este o saiba, ou põe-se na cabeça outra roupa d'elle.— Logo que a criança nasce atira-se um punhado de sal para cima do telhado, para as bruxas ficarem a apanhal-o. (Bragança.) A mulher grávida,

se quer que a criança seja linda, deve encobrir a sua gravidez ; se chegar qualquer animal a si, a criança fica com feições d'esse animal ; quem nega qualquer cousa a uma mulher grávida nasce-lhe um terçol. Em um processo de feiticaria, vem esta oração para o parto difficil :

Santa Anna pariu a Virgem,
a Virgem pariu Jesus Christo,
e Santa Isabel a S. João Baptista ;
assim seja o corpo d'esta mulher despojado
são e salvo,
e que traga este fructo a lume. (1)

Depois do parto devem enterrar-se as secundinas para que não aconteça mal á mãe ou á criança. Para sairem as secundinas põe-se um chapéo velho á parturiente. Não se deve dizer á mãe de que sexo é o filho, antes de sairem as secundinas, porque difficulta este trabalho.

Se a criança nasce ao domingo, nunca entrará com ella cousa ruim ; se nasce em anno bisexto não é atacada de bexigas ; se nasce em dia de anno bom ou natal, é feliz ; se nasce envolta nos amnios, a que se diz *nascer em um folle*, hade ser sempre feliz ; o mesmo, se traz uma veia atravessada no nariz. Em quanto a criança não tem nome official ou de baptismo chama-se *Custodinho* (Porto) ou *Ignacio* (Algarve.) Para que a criança vingue, está sujeita a mil cuidados : é preciso *fazer-lhe a moleirinha*, ou a *estopada*, para que a cabeça tome uma boa conformação ; depois *destrava-se* cortando com a unha debaixo da lingua ; se se embalança o berço, sem estar a criança dentro ella torna-se brava ; se se lhe toma o pezo, não cresce e

(1) *Sentenças da Inquisição*, vol. I, p. 436. Ap. *Boletim da Socied. de Geographia*.

fica anasada; para ser mansa deve dormir com o fato com que fora ao baptisado; se a lua entra no quarto em que está a criança, talha-se com uma facca no chão onde der a claridade. (Açores.) Se se estende o enxoval ao luar, entra elle com a criança. Se a criança vae no berço de uma sala para outra, não deve ir com os pés para diante; em quanto não for baptisada, não deve ir á rua, nem dormir sem luz no quarto; (Porto) se não chora na occasião do baptismo não chega aos doze annos. Para que a criança seja mansa deve-se-lhe dar a beber da agua em que é lavada; ou pol-a em cima do altar dando-lhe trez palmadas, ou deitar por cima d'ella o casaco do padrinho, ou perfumal-a em cruz com alecrim e louro. Se a criança tem quebranto passa-se trez vezes por uma meada de linha; se é desmamada em sexta feira santa não morrerá phtysica; se a criança se demora a fallar, a madrinha é que a pôde curar levando-a dentro de um sacco a trez casas da visinhança, em trez dias a fio, pedindo:

Dae uma esmolinha
 Á menina do folle,
 Que quer fallar e não pôde.

No Minho faz-se com que a criança segure um cartucho de confeitos, e passa-se com ella debaixo do andor de S. Luiz, dizendo:

S. Luiz, rei de França,
 Dae falla a esta criança,
 Que ella quer fallar e cança.

(Braga.)

Deve-se evitar que os ratos comam o umbigo da criança, porque ficaria ladra; e deve ser queimado,

para que não fuja de casa ; se quem dá de mamar bebe em quanto a tiver ao peito, fica a criança com ataques epilepticos. Se a criança nasce de sete mezes tem uma cruz no céu da bocca e o dom de adivinhação, mas não se deve saber isto antes dos sete annos. Na Biscaia é o septimo filho que é marcado com uma cruz sobre a lingua, e tem a virtude de curar pela succção as feridas feitas por cão damnado.— Para que nasçam os dentes á criança, untam-se-lhe as gengivas com cebola ; se lhe custa a andar, põe-se a um canto da casa ao toque da Ave-Maria, dizendo trez vezes :

Ave-Marias a dar,
E o meu menino a andar !

Andar, andar,
C'um pesinho no ár,
P'ra da terra
Chegar ao ár.

Se alguém lança a perna por cima de uma criança, fica enguiçada e já não cresce, (1) sendo necessario desfazer o acto por um movimento inverso ; se se julga que a criança está embruxada, lança-se sal no lume, e passa-se por cima d'elle a criança, esperando se o sal estala, porque então não ha maleficio ; se se queima figueira na casa onde se cria, fica enguiçada e seca-se o leite á mãe. Se se quer que seque o leite a uma mulher, dá-se uma gota d'elle a uma gata ; se a criança não póde mamar o leite todo, chega-se ao peito dois cachorrinhos, que depois se matam. Em quanto a criança não tem seis mezes, não se lhe deve

(1) Os rapazes dizem :

Eu te enguiço
Pela porta do caniço,
Que não cresças mais do que isso.

metter na mão codea de pão de centeio para não lhe darem áres máos. Se a criança é tardeira no fallar, ou gagueja, dá-se-lhe a beber agna por um chocalho. Se ha dois gêmeos, o mais velho tem o dom de adivinhar, e ás terças feiras e sextas apparece-lhe a figura do crucificado na lingua. Os talismans que livram a criança de quebranto são um cordão de seda preta tendo enfiado um *sino-saimão*, *trez vintens* em prata furados, uma *argola*, uma *meia-lua*, uma *figa* e um *dente* de lobo. Não se deve deixar uma criança beijar ou estar defronte de espelho, porque lhe retarda a falla. Se a criança anda com o *somno trocado*, lavam-se e torcem-se os cueiros por trez vezes secando-os em trez noites na asa de um cantaro e vestindo-lh'os de dia. Para evitarem as dadas no peito, as mulheres que criam devem trazer qualquer objecto de azeviche. Se a criança muda de dentes, o que lhe cae atira-se para detraz do forno dizendo: Dente fóra, outro já na cova! Se a criança está com quebranto passa-se pela fumo de quatro farrapos de chita, quatro de algodão, quatro de sapatos velhos, quatro de chifres, quatro de ramo de asoeira, quatro de rosmaninho, e quatro de alecrim. Se a criança espirra, diz-se para esconjurar o mal:

Para bem cresça
e appareça!
Bons olhós a vejam,
e os máos cegos sejam.

Se a criança de um anno é levada de noite á rua, precisa ir ao collo do pae, para não ser embruxada; indo ao collo da mãe hade ella levar comsigo sal ou pão. (Minho.) Quando a criança vê comer, e lhe não dão, fica *ougada*; para a *desougar*, dá-se-lhe bolo de massa do meio da masseira frito em azeite, para ella comer atraz da porta, e o resto dá-se a um cão preto.

(Fafe.) Tendo a criança bichas, esfrega-se-lhe as costas com sangue de frango preto até fazer empolas, e cortando estas com uma navalha de barba ficam cortadas as cabeças das bichas. Quando a criança morre ficando com os olhos abertos, morre em seguida a pessoa que mais lhe queria; se morrer depois de ter mamado, para se limpar passa pela *nuvem de fumo* do purgatorio. (Bragança.) (1) Todos estes agouros influem no character magico que o povo attribue ás crianças, sobretudo aquellas que *choraram no ventre da mãe*, aos *homens-pequenos*, das apparições diabolicas, e ao sentido prophetic dos seus brinquedos e cantigas.

A *Casa* e os objectos de uso quotidiano são cercados de infinitos agouros; assim diz um anexim:

Casa de esquina
Ou morte, ou ruina.

Quem faz uma casa está sujeito a que se realise o adagio: «Ninho feito, pèga morta.» Quem vae alugar uma casa, conta as tabuas do tecto, dizendo: *Ouro, prata, cobre, nada*; se o numero coincide com alguma d'estas ultimas palavras, evita o alugar aquella casa. (Lisboa.) Não se deve varrer a casa á noite, porque se bota fóra a fortuna. Se acontece ficar de noite a porta da casa aberta, é felicidade; se a cama fica com os pés para a porta, morre-se cedo; deve-se pendurar á porta cinco réis, para ter dinheiro todo o anno; *salgando a porta* de uma pessoa, chama-se sobre ella a desgraça. Para *desalgar* a casa, emprega-se a seguinte fórmula:

O ente supremo vele por esta casa.
Jesus Nazareth! Christo crucificado

(1) A maior parte d'estes factos foi colligida por communicações da Extremadura, Minho e Traz os Montes.

Que esta salgação e mal
Que á minha casa me fizeram não tenha poder,
Nem para arruinar a minha casa,
Nem para empatar os meus negocios.
Tudo me adiante;
Tudo quanto eu tentar vá ávante !
O Santissimo Sacramento e S. Silvestre ;
Quem tal me fez nada lhe preste ;
Nem tenha fortuna,
Nem cousa nenhuma !
Deus tudo póde fazer querendo
Tem todo o seu santo poder
Para mim, para os meus filhos e parentes.
Jesus ! Jesus ! Jesus !

(Almada.)

Nas superstições para uma pessoa se tornar querido, e obter de outra tudo quanto quizer, a *porta* da casa é o principal logar onde os philtros adquirem mais poder. Em Luiz de la Penha, a Oração de

Portal, portalejo,
aqui me cruso e omilho

devia ser dita pela pessoa que «hade estar á *couceira da porta* em pé ; e no *portal* da casa aonde isto se fizer hade ter entrado por elle a pessoa que quizerem fazer o que quizerem.» A *porta dourada*, a que allude Gil Vicente, pertence ao culto da prostituição sagrada, á entrada das cidades, onde as mulheres se entregavam aos estrangeiros. Em uma outra superstição para «obrigarem alguém a vir para junto de outrem» a fórmula devia ser dita com a *porta aberta*. Na Ordeção manuelina tambem se prohibe *cortar cobro em limiar da porta*.

Sentir bater á porta com o pé, é signal de presente. Quando se vae de casa deve-se fazer a cama, para que não aconteça que nos não tornemos a deitar

n'ella. Quando uma casa está enfeitada, benze-se, dizendo :

Esta casa tem quatro cantos
 Quatro anjos que a guardam ;
 E' Lucas, é Marcos,
 S. João Baptista e todos os seus.
 Orga e desorga
 Trez vezes desorga,
 Tres vezes desorga ;
 Bruxas e feiticeiras
 D'esta casa para fóra.

Quando se vae morar em uma casa nova ou pela primeira vez, deve accender-se lume novo. Se estalam vidros em casa é signal de desgosto. Em cima da mesa em que se come não se põe dinheiro, porque traz pobreza ; nem sentar-se em cima, porque faz gota. Se a visita arrumar a cadeira em que se assentou, não volta mais. Derramando-se azeite em casa é signal de desordem, e deve-se-lhe logo deitar um punhado de sal em cruz.

O *fogo* do lar é tambem objecto de agouros importantes : se estala ou crepita, é porque estão dizendo mal de quem o accendeu ; se é a candeia que crepita, é signal de presente. Os morrões que caem no chão accesos não se devem apagar, porque alumiam as almas do purgatorio. Trez luzes n'uma sala é signal de enterro ; a luz no chão é morte de pessoa da casa. Beber agua com luz na mão, faz beber o juizo. Cuspir no lume ou apagal-o com agua é peccado ; queimar a palha do enxergão é pobreza.

Os objectos de uso prestam-se a singulares prognosticos ; achar *alfinetes*, indica amores ; *agulhas* testemunhos ; *vassoura* voltada para o ár é signal de bulhas ; *thezoura* ou *faca* que ao cahir se espeta no chão, é porque ha visita ; offerecer um *lenço* é agouro de lagrimas. Vestir roupa do avesso livra das bruxas e

da mordedura de cão damnado. Uma *noz* de trez quinas na algibeira dá fortuna. Grelando as *cebolas* em casa é signal que cresce a fortuna. Se trez pessoas fazem uma *cama* morre a mais velha. Quando se quebra um *espelho* é signal de morte. Bebendo duas pessoas ao mesmo tempo, adocece uma d'ellas. A cama feita só com lençoes e sem cobertor é signal de que morre cedo a pessoa a quem pertence. Deve-se espiar a *roca* todas as noites, para que os defunctos não venham acabar a fiadura. Para que a fornada fique boa deve-se dizer, fazendo uma cruz com a pá no pão :

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo,
Que cresças no forno tanto,
E tanto fóra do forno ;
E os meus inimigos que comam um corno.

Não se deve deixar o *pão* dentado, por causa de maleficios, que consistem em crival-o com alfinetes e dal-o a comer a um sapo. Trincar o *alho* em jejum livra de máo olhado. É máo cheirar o pão, porque a terra depois não come o corpo, mas só a ponta do nariz. Em Coimbra a superstição tornou-se uma lenda da rainha Santa Isabel. Quando se beija o pão, destroe-se o maleficio que poderia vir n'elle; faz-se isto sempre ao pão que cae no chão. Pisar o sal não é bom; nem estar com as mãos cruzadas na cabeça; nem pentear o cabelo á noite, que morre parente proximo. Comer pela primeira vez qualquer fructa do anno, diz-se que se *faz novo*, e pedindo o que se deseja vem a realisar-se. É máo negar uma sêde de agua, ou uma brasa de lume. Quando se está comendo e se engasga, é porque se lhe chora a comida; caindo a comida que se leva á bocca é que alguém nos quer fallar. Treze pessoas á meza, ou entornar na meza o saleiro é um agouro terrivel, commum a toda a Europa.

A roupa de uso é objecto de superstições peculiares: Quem vira o vestido de cima para baixo vira a fortuna. Deitar chinéllos velhos á rua, pôde fazer com que soffra maleficios o seu dono. Calçar as meias do avesso é signal de fortuna. Se cae a saia a uma mulher, é porque anda outra com o marido. O sapato virado com a sola para o ár faz sair as visitas importantes; achal-o virado na occasião de calçal-o é revés. As meias em cima da cama, fazem sonhos; e a travesseira em cima do peito de quem sonha, faz responder a todas as perguntas que lhe dirigirem. As botas á cabeceira da cama fazem ter sonhos máos. (1) Certas vestimentas tornaram-se peculiares da medicina magica, taes como as *cintas*, as *camisas*, as *calças* do marido e o chapéo velho para a parturiente.

Não tem fim estes agouros ou fórmas espontaneas da Superstição popular, um grande numero dos quaes é commum a toda a Europa, e alguns persistem ainda entre as raças nomadas e selvagens. Como diz o poeta comico do seculo XVI, Antonio Prestes:

São isso agouros de velhas,
sois d'essas que tudo créem,
d'essas que vêem
o homem das calças vermelhas,
e o pesadello tambem
da mão furada, e que tem
arrecadas nas orelhas.
Crede em Deus, de meu conselho
não tenhaes á casa entejo. (2)

(1) A maior parte d'estas Superstições ja estavam colligidas por Pedroso, no *Positivismo*, sendo a sua topographia de 1 a 381, arredores de Lisboa; de 485 a 515, e 627 a 660, do Minho; 616 a 631, Bragança; 661 a 667 Gollegã; 668 a 672, e 704 a 713, Leiria; 677 a 701, Bragança.— Grande parte d'estas superstições tem similes na *Bibl. de las Tradiciones populares esp.*, t. 1, p. 211 a 300.

(2) *Autos*, p. 353.

A todas as grandes commoções sociaes corresponde uma revivescência das superstições populares ; o que se observa na Europa com a demonologia, na epoca da Renascença e Protestantismo, repetiu-se em Portugal pela circumstancia accidental das guerras e das pestes. Por occasião das guerras com Castella, e das grandes pestes do seculo xvi, ou depois da batalha de Alcacer-Kibir, em que se extinguiu a independencia nacional, as superstições populares portuguezas apresentaram uma forte recrudescencia reprimida nos documentos legislativos. O Senado de Lisboa condemnou em um Alvará de 14 de agosto de 1423 «os pecados de Dollatria e costumes danados dos gentios que se em ello (o povo) de grandes tempos guardavam...» Transcrevemos essa enumeração curiosissima: «que d'aqui em diante em esta cidade, nem em seu termo nenhuma pessoa nom use nem obre de *feitiços* nem de *ligamento*, nem de *chamar os diabos*, nem de *descantações*, nem de obra de *veadeira*, nem obre de *carântelas*, nem de *gestos*, nem de *sonhos*, nem de *encantamentos*, nem *lance roda*, nem *lance sortes*, nem obre de *devinhamentos*, em alguma guisa que defezo seja por direito civil ou canonico ; nem outro si *ponha mão*, nem *meça* até, nem *escante olhado* em ninguem, nem *lance agoa por joeira*, nem faça remedio outro algum para saúde de algum homem ou animalia, qual nom concelha a arte de fizica....

«haja a pena que o direito civil poem em taes casos, e naquelles casos em que por direito civil nom he posta pena nem remedio, assim como no *medir da cinta* e no *lansar agua polla joeira*, e em outros semelhantes que nom sam expressos em direito....

«Outrosim estabelecem que d'aqui em diante em esta cidade e em seu termo nom se *cantem janeiras* nem *Mayas*, nem a outro nenhum mez do anno, nem se *lance cal ás portas* só titulo de Janeiro, nem se

furtum as aguas, nem se lancem sortes, nem se bntem aguas, nem se faça alguma outra obra nem observancia como se antes fazia....

«Estabelecem que qualquer que para *Mayas* ou *Janeiras* emprestar bestas, vestires, joyas, ou quaisquer apostamentos pèrca tudo aquillo que assim emprestar e hajam todo os accusadores e Concelho de per meio.»

Todas estas superstições se acham minuciosamente referidas nas Ordenações affonsinas e manoelinas, nas Constituições dos bispados, e nos innumerqs procesos da feiticaria da Inquisição portugueza, do seculo xv ao seculo xviii.

No *Leal Conselheiro* de elrei D. Duarte, escripto entre 1428 e 1437, segundo a auctoridade do visconde de Santarem, citam-se outros variadissimos elementos da superstição da sociedade portugueza. No capitulo xxxvii, d'esta notavel Encyclopedia medieval, cita o erudito monarcha «a *crença aas profecias, vysões, sonhos, dar aa vontade, virtude das palavras, pedras e ervas, signaaes nos ceos*, e porque se fazem na terra em *peessoas e alimarias, e terremotos, graças especiaes* que Deus outorga que ajam algumas pessoas, a *astrologya, nygromancia, geomancia*, modo de *trejeitar por sotileza de mãos* ou natural maneira nom costumada.» Elrei D. Duarte não se atreve a negar nem a affirmar sobre estes assumptos, e cita alguns exemplos em que realmente se confessa perplexo.

«Por verdes destes exemplos, quem contar fora da terra que *Pedreanes vee as aguas*, e dá os synaaes que ataa xx braças e mais de soterra serem achadas; e que aqieste moço Pedro tam simprez que assi afirma as vêe, e posto que nom seja de auctoridade, como já em alicerces de casas foy achado certo, sem fallecer cousa em altura e na terra sobre que eram fundados; e da molher que passa de xii que no çumo

de hua maçaam ou semelhante comer, no dia em que mais largo come, se mantem, non gostando carne, pescado, ovos, leite, nem outra boa vyanda mas com tam pouca, como dicto he, sem vynho, se mantem em soo beber d'agua simprez, que he incredyvel; e dos que guarecem os *mordidos dos caães danados* per os beenzer; e como devynham os que os vão buscar por o sentirem no coraçom, segundo me já contarom dous padre e filho, e huu capellam meu que tem esta virtude; e tambem de parirem as molheres sem cajom, em sua presença, nom som cousas que se bem cream. E de *dar aa vontade* o que adiante se acontece, eu vy ja cousas tam certas que seriam muy duvydosas de creer; e assy outras taaes virtudes que Nosso Senhor quer outorgar a alguas pessoas, nom se podem comprehender per razom. E *ferro caldo*, que naquesta terra tantos certificam que o vyrom filhar, quando fóra se diz por muyto que se afirme poucos acham que o bem cream. E semelhante fazemos nós doutras que muytos de fóra contam, porque as obras da feitiçaria, e que se dizem de Catallonha e Saboya, eu lhes dou pouca fé; nem aquellas que muytos affirmam em estes reynos, porque o mays de todo ey por engano e bulra. Sobrestas obras de *feitiços* muytos caem em grandes pecados, e se leixam com grande mal e deshonra continuar em elles por lhes dar fé, ou querendo mostrar que *som forçados que amem algumas molheres* e vyvam com ellas contra consciencia e seu boo estado, dando em prova que se nom deve pensar que huu tal homem, conhecendo tanto mal, se del nom guardasse, nom seendo per *feitiços* vencido. E dizem que sas molheres lhe parecem bestas: e semelhante affirmam as molheres de seus maridos.»

Depois de fallar em maravilhas naturaes, como as *bombardas* e os *troões*, conclue elrei D. Duarte: «nem deemos fé aos feitos e burlas dos alquimystas, que per

taes semelhanças mostram que os devemos aver por verdadeiros, e posto que nom acertem de fazer o que já verdadeiramente se fez, nem dos que afirmam *aver ouro encantado*, o que tenho por grande bulra....» E termina: «*Dagoyros, sonhos, dar aa vontade, symaes do ceo e da terra, algum boo homem nom deve fazer conta....*»

A grande epoca da Renascença, que foi para a Europa como o acordar da razão humana adormentada pelo mysticismo christão, apresenta conjuntamente com o espirito critico uma tendencia para acreditar nos *poderes occultos* dos phenomenos da natureza. O criterio da observação e da experiencia ainda não estava bem determinado, e muitos dos que cooperavam para a positividade mental, entregavam-se á Alchimia, ás panacêas, como Cardan e Agrippa. A lenda do Fausto synthetisa este conflicto mental. A Igreja aproveitava os grandes phenomenos da natureza para conservar os espiritos rudes sob o influxo do milagre. Gil Vicente, o espirito mais complexo da Renascença em Portugal, protestou contra este obscurantismo systematico proclamando o criterio scientifico. O seu *Auto das Fadas* é precioso para o conhecimento das Superstições populares, que redobraram de intensidade em uma sociedade aterrada por grandes convulsões da natureza, como os terremotos e as pestes periodicas.

No estudo das superstições populares portuguezas, pela extrema complexidade d'ellas, é necessario subordinar o trabalho de compilação a um systema, que não pôde ser senão: seguir a ordem chronologica, tomando como base o documento mais importante de cada epoca, desenvolvê-lo com outros documentos secundarios, determinando a vivacidade dos factos pela comparação com os costumes actuaes, e procurar em cada epoca grupos de superstições que se pres-

tam á reconstrucção de um culto decahido ou religião extincta. As superstições do seculo xvi acham-se amplamente apontadas na *Ordenação manuelina*, copiadas depois nas Constituições de Evora de 1534. A epoca de D. Manuel foi enormemente agitada, não só pela perseguição contra os judeus, como pela corrupção da fidalguia; nas *Trovas que se fizeram nas terças em tempo de elrei D. Manuel*, acha-se esboçado esse quadro de dissolução, que além dos desastres naturaes, veio revolver e avigorar as superstições latentes no povo. É no grupo das superstições apontadas no código manuelino, que se determina um systema religioso de cultos chtonianos ou de hetairismo primitivo e da prostituição sagrada; da mesma fôrma, pelo exame das superstições descriptas no *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, se recompõe pela superstição da caldeira e das encruzilhadas, das horas abertas, de lançar varas, o mytho indo-europeu, que entrou no Occidente em fôrma de um culto solar. É pela reducção a estes systemas, que as superstições, como mythos e cultos verdadeiramente decompostos, ainda na fôrma a mais absurda podem receber um sentido, que resulta da comprehensão do seu destino social primitivo.

Superstições derivadas de uma religião chtoniana.

— No livro quinto das Ordenações manuelinas, titulo xxxiii, enumeram-se bastantes superstições populares, mais tarde incluidas nas Constituições dos bispados, e castigadas pela lei com pena de morte; taes são o tomar «de logar sagrado *pedra d'ara* ou corporaes.» — «E isto mesmo qualquer pessoa, que em *circulo* ou fóra d'elle, ou em *encruzilhada* espiritos diabolicos invocar, ou a alguma pessoa *der a comer* ou *beber qualquer cousa para querer bem ou mal* ou *outrem* a elle, morra por ello morte natural. § 1.» — «Outrosi nom seja alguma pessoa tam ousada, que

pera adivinhar *lance sortes*, nem *vdras pera achar aver*, nem veja em agua ou em cristal, ou em espeelho, ou em espada, ou em qualquer outra cousa lusente, nem em espadua de carneiro, nem façam pera adivinhar *figuras ou imagens algumas de metal*; nem de qualquer outra cousa, nem se trabalhe de *adivinhar em cabeça de homem morto* ou de qualquer alimaria, nem traga consigo *dente* nem *baraço de enforcado*; nem qualquer outro membro de homem morto, nem faça com as ditas cousas, ou cada hua d'ellas nem com outra algua (posto que aqui nom seja nomeada) especie alguma de feitiçaria ou pera adivinhar ou pera fazer dano a algua pessoa ou fazenda, nem faça cousa alguma porque hua pessoa queira bem ou mal a outra, nem pera *liguar homem ou mulher* para nom poderem aver ajuntamento carnal.» § 2. — «E por quanto nos he dito, que em nossos regnos e senhorios, antre a gente rustica se usam muitas abusões, assim como *passarem doentes por silvão ou machieiro* ou *lameiro virgem*, e assim usam *benzer com espada que matou homem*, ou *que passasse o Doyro e Minho trez vezes*. Outros *cortam solas em figueira baforeira*. Outros *cortam cobro em lumiar de porta*. Outros tem *cabeças de saludadores* encastoadas em ouro ou em prata, ou em outras cousas. Outros *apregoam os demoninhados*. Outros *levam as imagens de alguns santos a cerca da agua*, e ali fingem que os querem lançar em ella, e *tomam fiadores*, que se atee certo tempo o dito Santo lhes nom der agua, ou outra cousa que pedem, que lançaram a dita imagem na agua. Outros *revolvem penedos* e os lançam na agua para aver chuva. Outros lançam *jueira*. Outros *dão a comer bolo pera saberem parte d'algum furto*. Outros tem *mandráculas* em suas casas, com intenções que tendo-as por ellas averám graças com senhores, ou guanharám nas cousas em que tratarem. Outros *passam agua por*

cabeça de cam pera conseguirem algum proveito.»
§ 3.—»

A *Ordenação manuelina* mandada organizar em 1512, é anterior a todas as Constituições dos nossos bispos nas quaes se reproduziu este titulo. As *Ordenações affonsinas*, codificando um alvará de D. João I não têm a minuciosidade descriptiva das manuelinas, que são um inventario onde se reflecte a crise social da expulsão dos Judeus, das pestes periodicas, dos terremotos que tanto hallucinaram no periodo das descobertas a imaginação portugueza. A Ordenação de 1512 preenche todo o intervallo que vae até ao anno de 1534, data das *Constituições de Evora*, onde se copia palavra por palavra o titulo do codigo, mudando a pena de morte em excommunhão maior, ficando o delinquente *preso e com caroça na cabeça* á porta da igreja. No trecho acima transcripto demos vinte e quatro praticas supersticiosas, que podemos hoje descrever minuciosamente por meio das relações authenticas das sentenças do Santo Officio; fal-o-hemos porém agrupando-as segundo o systema cultural de que são vestigios.

As *pedras* e os *lameiros* pertencem ao culto chtoniano. Na *pedra comprida*, da Serra de S. Domingos, ao pé de Lamego, deitam-se as *mulheres estereis* para se tornarem fecundas; e no Monte de Santa Luzia, no Minho, «ha um Santo *Elyseu* em um nicho, aonde as moças vão ás quartas feiras, e virando o Santo para ellas, lhe *atiram com uma pedra*, e dizem:

Oh meu Santo *Elyseu*,
Casar quero eu.» (1)

Aqui o nome de *Elyseu* tem a extraordinaria relação

(1) Leite de Vasconcellos, *Vanguarda*, n.º 34.

com *Elusia*, ou Artemis de Epheso, (1) e com o epitheto de *Elisa*, a forte Deusa, dado a Dido, hoje equiparada a Anath-Astarte, do culto hetairista. «A uma legua da povoação da Peneda, concelho dos Arcos, ha *um penedo dos casamentos*, a que se atira pedra.» (2) Na Ordenação manuelina prohibe-se o tomar *pedra de ára*, e na superstição popular de Gaia, e em varias povoações do Minho, onde lhe chamam *pedra de era*, é empregada como meio de um rapaz ser amado por qualquer rapariga.

O costume de *revolver penedos*, é ainda actual, e em Villa Nova de Foscôa, para pedirem chuva juntam-se nove donzellas, que vão em procissão ao sitio chamado *Lameiro* de Azinhate, e ali viram para baixo uma grande pia de *pedra*, retirando-se depois seguras de que a chuva não faltará; (3) as preces são feitas a Nossa Senhora.

Na Ordenação manuelina falla-se na superstição de passar doente por *lameiro* virgem; é este um dos vestigios mais importantes do culto chthoniano das *Virgens-Mães*, de que *Martha*, que nos apparece invocada em uma Oração magica do seculo xvii, justifica a relação dogmatica, bem como a outra superstição de *levar os santos junto da agua*. Os sanctuarios de Artemis eram junto dos charcos e lameiros, e aonde quer que chegou este culto de um periodo de hetairismo, apparecem sempre taes monumentos. «Os pantanos, como diz Baissac, eram na primitiva uma das condições exigidas para estas construcções sagradas, que, quando os homens se agruparam, e que a ideia de sanctuario se estendeu a toda a cidade, foi geralmente nos logares baixos e pantanosos, e ao abrigo dos

(1) J. Baissac, *Orig. de la Religion*, t. I, p. 256.

(2) L. de Vasconcellos, *Vanguarda*, n.º 34.

(3) J. Avellino d'Almeida, *Dicc. chorographico*, t. III, p. 229.

ventos seccos que esse centro foi estabelecido. Na nossa antiga Gallia, para não ir mais longe, as cidades de Marselha e de Vienne, entre outras de origem chtoniana, tinham em parte esta situação, e tudo prova que a escolha fôra determinada por um pensamento religioso.» (1) O character sagrado do *lameiro virgem* é o ultimo resto de um systema religioso de que existem fragmentos, taes como : *revolver penedos* para provocar chuva, a *adivinhação pelas crianças* (Artemis era chamada *kourotrophos*, ammamentadora de crianças), os tanques ou *fontes santas*, (Artemis *elaia*, ou dos lameiros) e os ritos do sabath nocturno junto das bordas dos rios (Artemis *potamia*). A pedra que ainda hoje se revolve representa a pedra que symbolisava a Deusa-Mãe Cybele, cujas festas terminavam por levar-a a mergulhar n'um rio; d'aqui ainda o rito popular supersticioso de *levar os Santos á cerca d'agoa*. Escreve Julio Baissac, nas *Origens da Religião*: «Um velho pontifice, vestido de purpura (temos ainda a *opa vermelha*) vinha cada anno mergulhar a pedra na corrente, no meio de alaridos freneticos do côro dos padres, uns flagellando-se com disciplinas (como os nossos *marrocos*) com pontas de ossos ou seixinhos, *flagella tassellata*, e os outros batendo sobre um pandeiro ou soprando com toda a força em charamellas (como os Foliões do Espirito Santo). Esta cerimonia faz lembrar a chegada da deusa syria e de todos os deuses do seu templo ao lago sagrado de Hierapolis, e os gritos, as macerações dos padres, o tambor, as charamellas, tudo isto é essencialmente oriental e nada tem de commum com as religiões patricias.» (2) Em Portugal muitas procissões (a de S. Sebastião no Algarve) tem este character orgiastico, mas sobretudo

(1) *Origines de la Religion*, t. 1, p. 144.

(2) *Op. cit.*, t. II, p. 74.

as procissões em que se levam os Santos junto da agua tem o caracter de penitencia. Estas superstições pertencem pois a um sob-solo ethnico sobre o qual assentaram os dois polytheismos semita e árigo; para serem entendidas precisam ser agrupadas de modo que pela recomposição do systema religioso de que formaram parte se conheça a sua seriedade e importancia inicial. Vejamos a persistencia do culto das Deusas-Mães.

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, cita-se com frequencia a superstição de *Santa Martha*, com orações especiaes de encantamento para que uma pessoa ame outra e fique á disposição de todas as suas vontades. Este facto é importantissimo para se recompôr o culto chtoniano que existiu na Europa antes do christianismo, e que tanto facilitou a sua introducção confundindo-se com o culto da Virgem-Mãe ou da Virgem Maria. Jules Baissac falla do culto de *Martha* em todo o occidente europeu, principalmente no litoral do Mediterraneo: «Na Provença e ao longe do Rheno, até Vienne e em Lyon, conservam-se tradições de que o Christianismo habilissimamente, inconscientemente talvez, se apropriou, mas que no seu estado de transformação actual accusam evidentemente uma outra origem para que seja possivel o equivoco. No numero d'estas tradições de character eneano, figuram as de *Santa Martha* e Magdalena em Marselha, em Tarascon, em Avignon, em Aix, sobre as margens do Durance e em Sainte Baume, etc.» (1)

Nos cultos semitas, a relação do homem para com Deus é a do escravo (*abd*) para com o Senhor (*Adon*, *Baal*); estes epithetos da senhoria divina, apresentam tambem uma fôrma feminina em *Marah* e *Marth*. Este nome foi dado ás divindades femininas equivalentes

(1) *Origines de la Religion*, t. II, p. 100.

a *Baalath*, e em Creta, Diana é chamada Brito-*Martis*, como Jupiter é equiparado por Estevam de Byzancio a *Marna*, de Gaza (isto é *Marna*, nosso Senhor) achando-se assim completo o pár divino. Sobre a costa punica, como diz Baissac, existe uma localidade chamada *Maraza* (de *Marah-aza*, a forte Senhora); assim Epiphanio cita as duas divindades femininas *Marth* e *Marthna* adoradas pelos judeus-pagãos ou gnosticos da Palestina. «A designação de *Martha* era de uso frequente no semitismo para designar a Mãe-Divina, da qual os gregos fizeram a sua Artemis e Diana. Por opposição a Magdalena, que representava o lado he-tairista d'esta Deusa-Mãe, *Martha* representava o seu aspecto virginal.» (1) Este dualismo é importantissimo e tambem apparece citado no Processo de Luiz de la Penha, em *Martha a dina*, ou a Sancta (*Martha-na*, na fórma grega, *Mardiana*) e *Martha a que o peccado encanta*. O character demoniaco d'esta ultima confirma-se pelas proprias tradições da feiticeria medieval, porque o nome de Astaroth, não é senão o nome de *Astoreth* dado a esta divindade. Plutarcho, na Vida de Marius, cita uma prophetisa nas Gallias dois seculos antes de Christo, chamada *Martha*, consultada antes do general romano dar batalhas. «A denominação de *Martha* a Senhora, é anterior na Gallia ao Christianismo e ao Evangelho, como denominação religiosa e objecto de culto.» Em Portugal existe uma romaria de Santa Martha, no Minho, no alto de uma montanha, á qual concorrem as mulheres que soffrem do *utero* e perturbações menstruaes. O character sensual d'estes cultos chthonianos conserva-se nas praticas da feiticeria da Edade media, e no Processo de Luiz de la Penha subsistem as provas d'esses ritos orgiasticos da pro-

(1) *Origines de la Religion*, t. II, p. 103.

(2) *Ibid.*, p. 108.

stituição sagrada. No articulado 17.º do libello, vem : «Que sendo o réo Luiz de la Penha perguntado pelos ditos papeis, confessou que a letra de uns papeis maiores, de que alguns vão juntos nas culpas, eram de sua mão; está escripta uma devaçam a *Santa Martha*, em que conclue assi :

queraes vós prender e sugigar o coração
a todos aquelles que contra mim são.
Alleluyia !

«e apoz isto que chama devação, está outra que chama *Oração de Santa Martha*, que diz ser a *não dina*, que diz assi :

Martha, não já a dina,
nem a sancta,
senão *aquella*
que o peccado encanta ;
de trás da porta estarás,
de luto te vestirás ;
com trez varas te mandarei,
a meu mandado estarás ;
depressa e logo irás,
a embaixada tu trarás.

Com trez varas te mandarei,
quatro cantos catarei
com a vara da maior alçada ;
tu não comerás,
nem beberás
até commigo á conta vires estar.»

No articulado 22.º, cita-se um livro de Luiz de la Penha, no qual «estão muitas e varias cousas com titulo de *devações para querer bem e vir a pessoa donde quizerem*, e a primeira entre o mais tem as palavras seguintes :

.....
Valham-te aquellas trez irmãs
que eu tenho por convidadas,

huma é a sombra,
e outra a solombra,
e outra *Martha a não dina*,
nem a santa,
senão aquella maldita
que os demonios encanta ;
esta te hade trazer
preso e atado,
e *ligado* e encantado,
de pisão e de calhão
e de rinhão
e de estaca e de abuss(ão)
que de todas as tuas conjuncturas
o não deixes durar,
nem aquietar,
nem repousar,
até que a mim (*foão* ou *foão*)
me venha buscar ;
e quanto tiver
me venha dar ;
e quanto souber
me venha dizer.»

É importantissimo este texto ; a *Martha* que aqui se invoca é a demoniaca, isto é, a Senhora, a Deusa hetairista dos cultos chthonianos da prostituição sagrada. Nos livros magicos de Luiz de la Penha abundam as Orações a Santa *Martha* confundidas com as da Virgem : «E assi outra devaçam a *Sancta Martha pera prender e subjugar o coração das pessoas*. E outra de *Martha a não dina para uma pessoa vir a outra*. E outra devação da Virgem da Piedade.» (Art. 22.º) E no articulado 24.º : «E na mesma folha diz que *tomou as mãos a nove mulheres*, dizendo-lhe as sinas *com algumas deshonestidades*. E apoz isto está escripta uma carta de tocar. E apoz ella está escripto o que chama *Oração de Martha, não a digna*, e no cabo diz que é defeza. E no mesmo livro (da letra E, ás folhas 101, 105, 112 e 113) diz que disse as sinas a cento e seis *pessoas casadas e solteiras com muitas*

torpezas sujas e deshonestas, e diz que lhe viu com seus olhos todos seus corpos. E ás folhas 115 e 123 verso, e 24 verso, e 127 e 128, do mesmo livro, nomêa por seus nomes treze *mulheres* que diz ter benzido tambem com muitas torpezas sujas e deshonestas. E no mesmo livro da letra E, ás folhas 130 até 157, entre outras cousas nomêa por seus nomes trinta e nove *mulheres solteiras, casadas e viúvas*, que diz ter benzido com muitas torpezas e deshonestidades, e com algumas estava espaço de huma e duas horas. E nomêa mais quatorze *mulheres....*» Não tem fim; este feiticeiro de que a Inquisição de Evora tomou conta, e que já era herdeiro das tradições magicas de seu pae (articulado 8 do libello) conservava a plena tradição do culto chthoniano de *Martha*, a Deusa-Mãe que precedeu no occidente o culto da Virgem. Entre os papeis avulsos appensados ao processo vem esta outra :

Devoção a Santa Martha

Bem aventurada *Santa Martha*,
 pellas terras do Egypto passastes,
 a *Serpente* fera encontrastes
 com a santa caldeira da agua benta
 e issope na mão saudastes,
 e com ella amançastes,
 e com a vossa preciosa cinta atastes;
 á cidade a trouxestes mansa e pacífica
 aos infieis a entregastes.
 assim como isto é verdade, etc.»

A serpente tem aqui um sentido particular; alludindo ao mytho das *Donzellas* em lucta com a *Serpente* (cuja cabeça é tambem esmagada pela *Virgem Maria*) diz D. Joaquin Costa: «Não é outra a origem do famoso *tributo das Cem Donzellas*, tão popular nas lendas asturianas, portuguezas e catalãs, e que deu argumento ao famoso romance *No Figueiral figueiredo*, e a outros muitos; aqui desapparece o *Dragão*, sub-

stituindo-o os inimigos da patria ; porém esse Dragão reaparece nas *Mouras encantadas* e na Serpe da batalha de Hacinas, segundo a versão do *Poema de Fernão Gonzales...* (1) D'este mytho subsiste na superstição popular o poder das donzellas chamadas Maria, que matam as *serpentes* com qualquer leve toque. São notaveis estes factos para vêr como se opéra a decomposição dos mythos em superstições populares. Segundo Bergmann, ainda nas lendas da Edade media a Serpente symbolisava as cheias dos rios e as inundações, contra a qual luctavam certos Santos, como veremos ao recompôr o culto solar e o symbolismo da *Serpe e da Donzella* dos Regimentos das Procissões de Corpus Christi. Os cultos agricolas ligam-se ás praticas orgiasticas do hetairismo junto das hervas e juncos do charco ; *filho das hervas*, é o que pertence ao regimen da prostituição ou da epoca hetairista da maternidade. (2)

No romance de *D. Ausenda* (Ausêa, Iseu, ou Iseult) ha uma referencia a estas hervas e fontes do culto chthoniano:

Á porta de Dona Ausenda
Está uma herva fadada,
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada... (3)

(1) *Poesia popular española*, p. 311.

(2) Arruda Furtado, nos seus *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos*, allude ao parentesco pelas mães usado na freguezia da Bretanha na ilha de S. Miguel : «consiste em dar como cognome aos filhos masculinos o nome de baptismo das mães, e assim sei que ha na Bretanha Jacintho *Hellena*, Manuel *Ricarda*, Francisco *Albina*, Antonio *The-reza*, Francisco *Josepha*, Francisco *Rita*, José *Guiomar*, unicos nomes porque são muitas vezes conhecidos e porque sempre são tratados familiarmente.» (p. 21, not.)

(3) Garrett, *Romanceiro*, t. II, p. 172. Em um romance asturiano, acha-se tambem :

Hay una yerba en el campo
que se llama la borraja ;

Na versão de Coimbra (*Romanceiro*, n.º 33) em vez de uma herva é uma fonte, o que confirma a interpretação cultural:

A cidade de Coimbra
Tem *uma fonte de agua clara*,
As moças que bebem d'ella
Logo se vêem pejudadas....

Em uma das fórmulas mágicas de Luiz de la Penha, vem o verso «S. Marcos te marque» cujo sentido se comprehende pelo verso popular na Andaluzia:

Agua, señor S. Marcos
Rei de los charcos. (1)

O povo ainda liga á devoção da Virgem Maria (*Marah*) a ideia de um culto chthoniano; na Guarda, diz-se:

Esta agua encharcada,
Valha-me a Virgem sagrada (2)

Anah, a deusa chthoniana, apparece em Portugal

toda mujer que la pisa
luego se siente prenada.

Nas locuções hespanholas tambem se diz: *Pisar mala yerba*, com o sentido de andar errado. Em Portugal chama-se *perdição* á prostituição; *perdida* a mulher sem honestidade. Isto explica a tradição hespanhola e franceza de *La yerba que extra- via*, e da *L'herbe qui egare*, sobre a qual fallam as revistas *Melusine*, e *Folk-Lore andaluz*, p. 453. A generalidade da mesma superstição conduz á ideia de um fundo commum cultural. Em Thuringe chama-se *irrkraut* (a herva que faz perder) ao *feito*, cuja semente é considerada com grandes poderes sobre o amor e a fortuna. Devemos pois considerar a *herva sadada* como a *semente do feito*, de que acima fallámos.

(1) Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*, t. I, p. 58. Nos anexins sicilianos S. Marcos representa o vento. Pitré, *Proverb.*, t. I, p. 52.

(2) Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 68.

assimilada a Santa Anna, como se vê em varias superstições; em Vianna do Castello canta-se:

Senhora *Santa Anna*
Subiu ao *monte*,
Aonde se assentou
Abriu uma *fonte*.

Oh agua tão doce,
Oh agua tão bella!
Anginhos do céu,
Vinde beber d'ella. (1)

Anah é a *Venus* babilonica, que apparece em Roma com o mesmo character orgiastico; as festas sensuaes eram no Idos de Março, e isto nos explica o sentido de um documento de 1346 citado por Viterbo, no qual se prohibe *as mulheres tocarem adufe no mez de Fevereiro*: «E disse que qualquer outra mulher que no dito mez de Fevereiro tanger adufe, que o mordomo a achará e chamará a juizo, até que se avenha, com o mordomo.» (2) Evidentemente refere-se ao culto da prostituição sagrada das *Sucoth Benot*. O templo de *Anah*, a Deusa-Mãe era em fôrma de monte, o adufe era o *tympanum* das hierodulas e dos galas da deusa syria; as aguas de charcos, ou fontes, symbolisavam a concepção do amnios universal. Por todo o litoral do Mediterraneo se estendeu este culto pela influencia simultanea dos phenicios e dos jonios, e onde quer que se achou estabelecido um templo á Deusa-Mãe facilmente foi aproveitado pelo Christianismo para a propagação do culto da Virgem Maria.

As *crianças* amamentadas pela deusa-mãe (os *anginhos* que cercam a Virgem da Conceição) figuram nas superstições populares; o christão velho Pedro Affonso, foi condemnado por ter communicações com o diabo na fôrma de *menino* de dez annos. No processo de Maria Antonia declara que o diabo lhe appareceu «em

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 73.

(2) *Blucid.*, vb.º ACHACAR.

fôrma humana de *homem pequeno...*» Na ilha de S. Miguel canta-se esta jaculatoria a Santa Anna, com o sentido hetairista :

— Senhora *Santa Anna*
Dae-me outro marido,
Que este que eu tenho
Não dorme commigo.

«Senhora *Santa Anna*
Esta mulher mente,
Que eu durmo com ella
E não a contento.»

As superstições sobre o limiar da *porta*, onde tem mais poder os philtros amorosos e os esconjuros, apparecem-nos ligadas ao culto de Santa Anna. Encontramos em Gil Vicente a seguinte Oração do quebranto :

Estava *Santa Anna* ó pé do loureiro,
Vem o *anjo* por mensageiro,
Vae-te á *porta* do ouro,
Acharás teu parceiro.
Vae Joaquim apoz o carneiro,
E n'aquella hora que Deus verdadeiro
Concebeu *Anna* em limpo colleiro
A *Sancta Maria* rezam o salteiro,
Que já o quebranto cahiu no *ribeiro*.

(*Obras*, t. II, p. 13.)

Era á *porta* das cidades semitas que segundo o culto hetairista as mulheres se offerciam aos estrangeiros ; a *porta do Ouro* vem citado no Evangelho apocrypho da Natividade. Aqui o *loureiro* apparece com o mesmo sentido com que era levado na thyasa dionysiaca, e em um canto popular da Andaluzia, estabelece-se a relação entre *Anna* e o *loureiro* :

Entre los arboles todos
Se señorea el *laurel* ;
Entre las mujeres *Ana*,
Entre flores el clavel. (1)

(1) Ap. Gubernatis, *La Mythologie des Plantes*, t. II, p. 188.

A este antigo systema cultural da Deusa-Mãe, ou do Chtonismo plebeu, pertencem essas cerimoniaes orgiasticas do Sabbath nocturno de que fallam os moralistas da Edade media e os demonologistas do seculo xvi e xvii; o nome de *Martha*, dado ao rio que alagava as planicies em que se estabeleceram as colonias asiaticas da Etruria, e o caracter de conjuração politica com que se descobriram as thyasas ou confrarias orgiasticas no Consulado de Postumius Albinus (186 annos a. de C.) levam a considerar este culto como um vestigio da religião dos antigos povos italicos conquistados pelos Romanos. Tito Livio descreve as cerimoniaes sensuaes d'este culto reveladas por um inquerito official, do qual resultou uma execução de perto de quatro mil pessoas accusadas de tomarem parte nos mysterios bacchanaes. Baissac considera este rito como persistindo nos Sabbath da Edade media, apoiado na comparação dos factos do inquerito romano com os depoimentos colligidos por Bodin na *Demonomania*, e por Delancre no *Quadro da inconstancia dos maos anjos e demonios*.

Este conciliabulo tinha na Biscaia o nome de *akke larria*, e em Portugal o de *senzala*. Em uma nota da sua versão das Fabulas de Lafontaine, diz Filinto Elysio: «Eu ouvi algumas velhas chamar *senzala* ao conciliabulo e sitio em que (segundo a crença do vulgo,) se ajuntam na noite de sabbado as bruxas e feiticeiras, e onde aprendem os arcanos mais profundos da bruxaria; dos quaes é ali lente de borla preta o *Cão Tinhoso*, a quem ellas adoram, e a quem em signal de adoração beijam (segundo a narração das velhas) o trazeiro. E perguntando-lhe eu porque rasão lhe chamavam *senzala*, me responderam que pela muita parecença que tinham ellas negras e os demonios tambem negros, com as casas dos pretos, que no Brazil se chamavam *Senzalas*.— Tambem as velhas me con-

taram, que as bruxas se transformavam em diversas figuras, conforme o emprego que intentavam dar ao seu genio malfazejo.» (1)

Em geral os processos da Inquisição portugueza do seculo XVI e XVII descrevem estes conciliabulos ou thiasas, com as mesmas circumstancias referidas por Delancre, signal de que existia uma tradição commum a todo o Occidente. Na *Confissão de umas Bruxas que queymaram na cidade de Lisboa, anno de 1559*, descreve-se a promiscuidade mais desenfreada, dansas vertiginosas, banquete, e as luzes são archotes *encofrados*, como nas thiasas de Roma; o Mayoral ou Archigeta usava um *capuz frisado* com o chapen de bicos dos ritos phallicos; figurava a Mãe do Diabo, com um *pandeirinho*, (o adufe prohibido) e um *novello de linha*, (2) como no culto hetairista celebrando a thiasa *junto do rio*. O *rio*, ou fonte magica, acha-se citado no processo de Anna Antonia, da Inquisição, em 1624: «E assim mais saia a ré com o demonio no habito em que sempre lhe apparecia, a certo lugar *junto de um rio*, onde estavam algumas mulheres conhecidas da ré, em companhia de outros demonios....» No Minho, a mulher esteril que quizer ser fecunda, vae á meia noite para a ponte de S. João no *rio Ave*, e pede á primeira pessoa que passar que a

(1) Trad. das *Fabulas*, p. 302.

(2) Nas locuções populares, a phrase *Lá vae tudo quanto Martha fiov*, condiz tambem com o que se passa na romaria de Santa Martha, no Minho, á qual as mulheres levam offeras de *meadas*; as *meadas* fervidas tambem se empregam na cura das hernias scrotaes. Antonio José nas *Operas*, t. I, p. 98, traz esse outro anexim de character orgiastico:

Morra Martha,
Morra farta.

borrife com agua do rio, dizendo as palavras do baptismo. (1) Em *Agua de Mã Martha* (Cabo Verde) é onde se fazem os pactos com o diabo.

Segundo a crença popular a ida para o sabbath ás terças e sextas feiras, depois das dez horas da noite, faz-se com uma untura previa, dizendo a fórmula: *Vóa, vóa! por cima de toda a folha!* (Lisboa) ou: *Por debaixo dos telhados. Por cima dos silvados.* A prostituição como fórma cultural deixou de existir, mas ainda se conservou por muito tempo com o caracter de instituição, como a *Mancebia* concedida em privilegio ao Conde de Villa Nova, (2) e certas locuções populares se referem tambem a isso, como o *Paço da Mãe*

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 645.

(2) «D. Manoel etc. a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que o Conde de Villa Nova veedor de nossa fazenda nos disse ora q̄ por quanto na dita villa (de Portimão) he necessaria huma *mancebia* e elle por bem e honestidade da boa vizinhança dos moradores della queria fazer aa sua custa em algum logar da dita villa q̄ para isso seja mais conveniente encostada ao muro para se nella recolherem as mancebas solteiras e se apartarem de conversarem com as mulheres cazadas q̄ vivem em sua honra lhe dessemos hum luguar para isso e ouvessesmos por bem que ninguem a podesse fazer salvo esta, e visto por nos seu Requerimento por lhe fazermos merece nos pras de lhe dar luguar como de feito por este damos q̄ elle faça a dita *mancebia* na dita Villa, e outra pessoa alguma ao diante o nom possa fazer nella, e tenha e aja para sempre toda a renda d'ella. E porém mandamos aos juizes e justicas da dita villa e a todos outros officiaes e pessoas a que o conhecimento desta pertence que lhe leixem fazer a dita *mancebia* e ter e aver a Renda della assi elle com todos seus herdeiros que depois delle vierem para sempre como dito he ; e em caso que a dita villa venha a nos e aos nossos successores todavia elle e os seus herdeiros ajam a Renda sobredita porque assim he nossa merece.

Dada em a nossa villa de Almeirim, a seis dias de maio. Jorge Fernandes o fez de 1517.»

(Liv. 7 do Guadiana, fl. 205 v.) Torre do Tombo ; ap. Silva Lopes, *Corographia do Algarve*, p. 268, not. 2.

Joanna, com que se designa a casa que está aberta para toda a gente. (1)

Superstições provenientes de um culto phallico.— A concepção primitiva de um fogo celeste reproduzido no lar por meio da fricção do pramantha com o arani, deu lugar a um certo numero de ritos religiosos, e á interpretação comparativa d'essa producção do fogo (*manthana*) com os actos da geração e com a vida. O pramantha era o instrumento masculino, e muitas plantas que serviam para a producção do fogo eram veneradas como objectos phallicos, taes como a figueira, o loureiro, e a mandragora; ou imitavam formas phallicas, como os fetiches de Priapo ou *figas*, a *vara do condão*, e os bolos dados a comer como amavios. Em praticas cultuaes peculiares a alguns Santos, como S. Gonçalo, S. João e Santo Antonio, apparecem ainda certos ritos phallicos, já mal comprehendidos, mas pelos quaes se recompõe um systema religioso filho de uma mesma concepção mental commum a todas as raças áricas anterior á systematisação brahmanica. Na Ordenação manuelina citam-se varias superstições, taes como dar a comer ou beber para querer bem, ligar homem ou mulher para não poderem ter ajuntamento, e o ter mandráculas; estas superstições são os vestigios de um culto phallico cujos caracteres se evidenciam em certos santos populares. Gil Vicente, cita entre o material da feiticeira do *Auto das Fadas*: «*Bolo de trigo alqueivado*»; Bur-

(1) Em uns Estatutos sobre bordeis de Avignon, attribuidos a Joanna rainha de Napoles e condessa de Provença, com data de 1347, estabelece-se que «tenha uma porta por onde todos possam entrar (*et que siegs une porto... dou todas las gens intrarom.*)» (*De la Prost. en Europe*, fl. F.) Nos Açores é muito usual para dizer que uma porta está escancarada — É como o paço da Mãe Joanna.

chard, bispo de Worms cita varias superstições de cousas de comer para fazer amar, taes como dar a comer *bolo* de mel enxuto no corpo de mulher com farinha, e bolo amassado em nadegas de mulher. (1) O bolo assim amassado (*infra nudas nates conficiatur panis*) é ao que na linguagem popular se chama *pada*, e que se cita na fórmula da Sorte das Favas, de Luiz de la Penha : (articulado 22.º)

Minhas favas, minhas queridas,
eu vos esconjuro
não como favas senão como pessoas,
com deus padre e deus filho
e deus espirito santo,
e com a santissima trindade,
e com a ostia consagrada
e com todos os esconjuros
de *Maria Padilha*
que me falleis verdade
no que eu pergunta e quero saber.

Na *Oracion del Justo juez* (Carmona) cita-se tambem esta entidade phallica :

Esta oracion que echo
para que te quees mansa
te esconjuro con *Maria Paila*
y con toa su cuadrilla. (2)

Na romaria de S. Gonçalo de Amarante, no primeiro sabbado de junho as raparigas vendem pelas ruas bolos de massa cobertos com assucar, chamados testiculos de S. Gonçalo ; (3) Delaure cita os pães phallicos em França no Bas Limousin, no Auvergne,

(1) Dulaure, *Hist. abr. des differents cultes*, t. II, p. 252.

(2) *Folk-Lore andaluz*, p. 83. Na *Oracion de la Galilea* tambem cita a mesma entidade.

(3) Comunicação de Simão Rodrigues Ferreira.

nas cidades de Saintes e de S. Jean de Angely; vê-se aqui o culto persistindo a par da superstição. Assim como se fazia ser amado, também se empregava um meio para *ligar* uma pessoa tornando-a impotente. No processo de Anna Martins, (1694) cita-se uma Oração *Para as pessoas que estavam ligadas*; «sendo homem lhe benzia o chapéu, dizendo-lhe :

Com dois te vejo,
Com trez te despejo,
que é Padre, Filho e Espirito Santo.
Com dois te hei olhado,
com trez te hei desligado,
despicado
desencanhado.

«E ás mulheres casadas mandava que trazendo as *espadas* dos maridos, e pondo-as entre as mãos das pessoas que curava lhes fazia dizer as palavras seguintes :

Assim como tu espada
és cruz de Christo,
assim se meta N. S. Jesus Christo
entre mim e meu marido.

«E deitando logo a espada no chão arrevesada, ensinava á pessoa que dissesse :

Assim como tu espada
estás n'esta casa deitada,
assim me haja
N. S. Jesus Christo desligada
despicada,
destravada
e desencanhada.»

Na Edade media as pessoas que lançavam os maleficios para fazerem a impotencia ou *ligamento*, eram

os *nouveurs d'éguillettes*; (1) nas ilhas dos Açores liga-se uma pessoa mettendo spermen que lhe pertença de baixo de uma talha de agua, e persiste ainda o antigo terror da Edade media. «Para que um homem não deixe uma mulher em toda a vida, enterra-se uma agulha n'um morto, e depois com a dita agulha dão-se alguns pontos escondidos no fato do homem a quem se quer prender. Fazendo isto, elle não torna mais a esquecer a mulher.» (2) A *Cruz* acima invocada é a fórma do ajuntamento do pramantha com o arani, symbolisando os orgãos sexuaes (*manthana, mentula*). Na Ordenação manuelina, prohibem-se as superstições de *ver em espada*, e de *benzer com espada*. Adiante trataremos das espadas magicas.

Na sentença de Anna Martins cita-se outra Oração para curar «as pessoas que tinham cambras ou bixos no corpo»; aí falla em uma planta a que dá o nome de *Ardegaria*, e que hoje podemos explicar pela simillaridade com a *Árthagenia*, que os gregos, segundo Theophrasto empregavam para produzir o fogo «vegetal semelhante á vinha cultivada e á vinha selvagem, e como ella trepando pelas arvores.» Eis como Anna Martins curava as cambras: «tomando trez folhas de silva, e benzendo a pessoa enferma, dizia as palavras seguintes:

Indo eu pela serra d'Albergaria
encontrei com a Virgem Maria,

(1) Gustave Brunet, *Évangiles apocryphes*, p. 101. Tambem se lhe chamava *ligature*; falla d'ella Platão, *Das Leis*, liv. II, e em Virgilio e Ovidio encontram-se os processos dos ligadores do seu tempo, e Plinio aponta como remedio o untar com graxa de lobo o limiar e os umbraes da porta. Os Concilios da igreja condemnaram os *nouveurs*, chegando o cardeal Du Perron a fazer inserir no ritual de Evreux uma oração contra a ligadura. Delancre, Bodin e o cura Thiers fallam largamente d'este maleficio.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 684.

e lhe perguntei o que faria
 a esta pessoa que de *ansansere* (1) morria;
 que lhe picava,
 mordía
 e pruía,
 e todo o mal lhe fazia.
 — Que farei, Virgem Maria?
 «Borrifa-a trez vezes ao dia
 com a folha da *ardegaria*
 e com aguasinha fria,
 que mais não lavraria,
 comeria
 nem mal faria,
 com o nome de Jesus e Virgem Maria.» (2)

A personificação da planta que dá o *soma* ou *hom* havemos também encontral-a na lenda do *Bom Homem*. Na Ordenação manuelina e nas Constituições de Coimbra, tit. LXXXII, prohibe-se ter *mandraculas* em casa para exercer seducção sobre alguma pessoa. Na Edade media, herdeira da antiguidade, acreditava-se no poder benefico da *Mandragora* (*Atropa mandragora*, Linn.) cujas raizes similhavam figuras de homem ou de mulher; sobre este ponto Leroux de Lincy apre-

(1) Na Galliza chama-se-lhe *sársaro*. (*Bibl. de las Trad. populares espanolas*, tom. iv, p. 86.)

(2) É curiosa a fôrma oral que ainda se repete em Ourilhe d'esta oração do seculo xvii:

Indo eu pela serra da Guia,
 Encontrei com o filho da Virgem Maria
 E elle me perguntou o que tinha?
 E disse-lhe que tinha um bicho
 Que me comia
 E ardia.
 E elle me disse que talharia
 Com trez folhinhas d'*ar da guia*
 E trez pinguinhos d'agua fria.
 Deixa (*o nome da pessoa*)
 Que é pobre não tem que te dar,
 Vae para as ondas e aréas do mar.

senta a auctoridade do *Le grand Herbiere français*, do fim do seculo xv, em que se allude a esta crença da gente do campo. (1) Segundo os documentos reunidos por Dulaure, a *Mandragora* esteve na maior voga no seculo xv, e empregava-se para desfazer maleficios, attrahir a felicidade e tornar fecundas as mulheres; apparece citada no Genesis (xxx, 14) como um fetiche phallico empregado por Lia para que Rachel lhe ceda por uma noite o seu logar junto do marido. É ao que o texto biblico chama *dudaim*. Os Templarios foram accusados de adorarem uma *mandragora*, tendo sido costume do seculo xv o trazel-a embrulhada em seda para nunca ser pobre. A mandragora apresenta nas suas raizes a fórma de um homem ou de uma mulher; diz o Abbade Rosier, no seu *Curso de Agricultura*: «Tenho visto mandragoras que representam perfeitamente as partes do homem e da mulher, etc.» O paramantha é nos mythos de fogo considerado como um *homunculo*; o cão, com que se arrancava a mandragora é o Hermes ou Saramá dos mythos d'esta ordem. Escreve Baudry, no bello resumo da obra capital de Kuhn: «a mandragora possui uma raiz espessa, muitas vezes enganchada, e na qual não é impossivel vêr, com os olhos prevenidos da superstição, alguma cousa como a fórma de uma criança. Esta grosseira similhaça fel-a considerar como uma das plantas que semêa a agua fecunda do amrita, ou que implanta o dardo vivo do raio; e d'aqui as suas virtudes: enriquecer aquelles que a tem, dar a saude e a fecundidade ao gado, curar a esterilidade da mulher, facilitar os partos. A mandragora interrogada responde ás perguntas, desvenda os segredos e revela o futuro.» (2) Baudry apresenta as noticias colligidas por Theo-

(1) *Livre des Legendes*, p. 135.

(2) *Revue germanique*, t. xv, p. 21.

phrasto e Plinio sobre o modo de colher a mandragora, (*semihomo mandragoras*, como lhe chamava Columella), e conclue: «Por uma alteração das antigas crenças decahidas, o deus do raio cahido tinha-se tornado o filho da forca, (*galgenmännlein*).» Assim a mandragora foi equiparada sob o nome de *Main de gloire* à mão do enforcado, (*mão refinada*) com que os ladrões nos contos maravilhosos se allumiam. Nas Ordenações manuelinas prohibe-se o trazer dente ou *baraço de enforcado*, superstição que persistiu até este seculo em Portugal, onde se guardava em todas as casas um fragmento de corda, que tambem tinha virtudes para curar a papeira. Nas crenças populares a mandragora nascia debaixo da forca, da ejaculação automatica do suppliciado.

A maior parte das superstições de um culto phallico podem agrupar-se nas praticas da festa de S. João, em que se colhe o *feito*, e em que se passa pelo lume a folha de *figueira*. O santo mais popular de Portugal, Santo Antonio, tambem é objecto de cantigas com sentido phallico:

Santo Antonio é brejeiro
E alguma cousa mais,
Faz chorar as raparigas
E andar sempre aos ais.

(Algarve.)

Santo Antonio de Riba-mar,
Abaixai-me esta barriga,
Que eu não sei o que traz dentro,
Se é rapaz ou rapariga.

(Torres Novas.)

A relação do Santo com o culto do fogo explicar-se-ha pelo *menino*, que segundo a lenda o acompanhava, que é o lume nascido; os peixes a que elle préga, são evidentes symbolos phallicos; (1) os marcos ou columnas phallicas são ainda chamados pelo povo

(1) No *Anuario das Tradições portuguezas*, p. 24, observou o nosso amigo Teixeira Bastos este caracter do santo.

frades. M.^{me} d'Aulnoy cita as *figas* de barro de Extremoz que em Hespanha se usavam no seculo passado ao pescoço das crianças rachiticas. (1)

O fogo celeste transportado á terra pelo raio é tambem personificado em uma ave porta-fogo, o Phoroneo (do sanskrito *bhuranyu*,) que os Sabinos ainda conheceram com o nome de *Feronia*, e os Romanos por meio das lendas da *avis incendiaria*, ou *spinturnix*, e na fórmula symbolica do Picus, ou Picunnos. (2) A ave porta-fogo é o picanço, ou nas crenças allemãs a cegonha, que traz as crianças dos lagos ou das nuvens, segundo se responde ás interrogações infantis. O *cuco* é tambem considerado com virtudes divinatorias sobre o casamento, e este nome designa o marido que soffre infidelidades da mulher, augmentando-lhe a familia sem o saber. A festa do *cuco* em Villa Nova de Famação tem ainda vestigios do seu primitivo sentido mythico.

Superstições sobreviventes de um Polytheismo sideral ou solar.— Nas Orações populares encontram-se invocações de entidades pertencentes a um culto proto-árico. No articulado 18.º do processo de Luiz de la Penha, é accusado por ter : «outro papel com as palavras da conjuração das *cartas de tocar*, em que mette a Deus Padre, e a Virgem Maria, e todos os apóstolos e santos e santas da cõrte do céu, e com elles juntamente diabos, e Santa *Leona*, e Santa *Trebuca* e Santa *Maruta*, e *Montenegro* e seus irmãos e companheiros...» O nome de *Maruta* é de uma importancia extraordinaria para a comprehensão d'estes cultos decahidos. No Alcorão prohibe-se o invocar *Harut* e *Marut*; Gubernatis indica uma lenda ouvida na Persia por

(1) *Relation du Voyage en Espagne*, t. II, p. 66 e 143.

(2) Baudry, *Rev. germ.*, t. XIV, p. 378.

Olearius, na qual Deus enviou á terra dois anjos *Aroth* e *Maroth* com uma missão consoladora. (1) Vê-se portanto que esta lenda entrou no Alcorão com um caracter demoniaco. O vento, no mytho vedico, é adorado na fôrma de Rudra, (isto é o terrível) e de *Maruta* (isto é os zephiros ou rapidos) e ambas estas fôrmas são condemnadas pelo mahometismo apesar dos numerosos elementos zendicistas que entraram no livro de Mahomet. A relação de Rudra com *Marut*, leva-nos a achar o sentido com que na feiticeria entrou o nome de *Trebuca*; um dos doze Rudras era chamado *Triambaka*. O nome de Santa *Leona* é uma personificação das festas mithriacas, que os gregos chamavam *Leonticas*, o que se justifica pela extraordinaria propagação do culto de Mithra no Occidente como o prova Beugnot. Essa outra entidade demoniana chamada *Monte Negro* decompõe-se em *Monkir-Nekir*, os dois anjos negros da crença mussulmana que fazem os primeiros interrogatorios aos mortos. Aqui vemos os Arabes como propagadores no Occidente de certas crenças orientaes anáricas e ário-persas.

Na Ordenação manuelina prohibe-se a *Scapolomania*, a que chama «ver em espadua de carneiro.» Wiliams Thoms considera este processo como formando parte de um systema divinatório dos Druidas. Tylor seguindo as noticias de Klemm, de Burton e Walker, diz que este systema da adivinhação pela *omoplatoscopia* é antiquissimo e ainda está em vigor na Tartaria «d'onde por ventura se diffundiu para todas as regiões onde o encontramos.» (2) Segundo este ponto de vista de tão auctorisado ethnologo, pertence esta superstição a essa camada de população que precedeu na Europa a entrada das tribus áricas,

(1) *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 370.

(2) *La Civilisation primitive*, t. I, p. 140.

a qual deriva das raças amarellas da alta Asia. Pallas conta que entre os Tartaros se adivinha pela espadua de carneiro; põem-na ao lume, e estalando em linhas rectas longitudinaes é prognostico feliz, se em linhas tortuosas ou transversaes é signal de desventura. Na Escossia é conhecida esta superstição pelo nome de *Airich* ou *Slinnairachd*; diz Thoms: «Antes de se inspecionar a omoplata, deve ser descarnada com esmero sem fazer uso de nenhum metal, nem de faca de madeira ou mesmo dos dentes. A maior parte d'estas adivinhações fazem-se inspecionando as manchas que se observam na parte semitransparente da espadua, ainda que os grandes mestres penetram o futuro estudando as partes opacas. Nada se pôde averiguar do que hade succeder além do anno seguinte. Os prognosticos relacionam-se sempre com as pessoas por quem e para quem se faz o sacrificio.» (1) Tylor allude a este mesmo rito na Irlanda; o celticista Mac-Pherson e Ampère (2) encontraram tambem este systema de adivinhação na Grecia moderna.

O *poder dos numeros* liga-se ao culto sideral. Pelo que hoje se sabe dos cultos magicos da Chaldêa, toda a hierarchia demonologica era representada por *numeros* não só nas imprecações como nas especulações theologicas. Diz Lenormant: «Em virtude d'estas especulações, cada deus era designado por um numero inteiro na serie de 1 até 60, correspondendo á sua cathegoria na hierarchia celeste; um dos tijolos da bibliotheca de Nineve dá a lista dos deuses principaes, cada um com o seu numero mythico. Parece que a par da escala de numeros inteiros applicados aos deuses, havia uma escala de numeros íraccionarios applicados aos demonios, e assim correspondendo á

(1) Ap. *Folk-Lore andaluz*, p. 267,

(2) *Grèce, Rome et Dante*, p. 64.

cathegoria reciproca.» Nas fórmulas numericas da tradição popular o valor da imprecação reside na passagem de um inteiro para outro inteiro; e a enumeração em ordem *inversa e decrescente* liga-se ao sentido da demonologia chaldaica, pois os espiritos malignos «movein-se e obram assim ás avéssas do curso natural das cousas e do movimento regular dos astros.» (1) Aos sete deuses dos planetas que governam o universo, a theologia chaldaica oppoz-lhes os *sete phantasmas de chamma*, de que os nossos *sete peccados mortaes* são ainda uma allegorisação. Em uma imprecação chaldaica, das publicadas por Norris e Rawlinson, se diz: «Tu que és conhecedor das acções dos *Sete*, ensina-nos os logares em que elles habitam.— Meu filho, os *sete* habitam a terra; os *sete* saem da terra; os *sete* que nascem da terra, os *sete* que se mettem pela terra, abalam as muralhas do abysmo das aguas.» Aqui temos o numero a converter-se em uma entidade demoniaca; o povo portuguez tambem diz: «*Trez*, é a conta que Deus fez» e contrapõe: «*Sete*, o diabo que te espete.» No processo de Luiz de la Penha temos uma importante Oração numerica, com o titulo de Devação da *Estrella fermosa*:

A ti me omilho,
 Estrella fermosa,
 a *huma*, as *duas*,
 as *duas*, as *trez*,
 as *trez*, as *quatro*,
 as *quatro*, as *cinquo*,
 as *cinquo*, as *seis*,
 as *seis*, as *sete*,
 as *sete*, as *outo*,
 as *outo*, as *nove*,
 as *nove*.
 Todas nove vos ajuntae,

este ceo me corteis
 e nove varas
 de zimbros me colhereis;
 na mão de Caifaz
 m'as amolareis,
 bem amoladas
 e bem aguçadas
 e bem metidas
 e bem trançadas,
 uma no coração
 e outra pelo sentido
 que de mim (*foam*)

(1) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 24.

não seja esquecido ; e outra pelos pees
 e pelos olhos que só a mim busqueis. Fim. (1)
 que não veja mais que mim,

O numero *nove*, que apparece tambem na fórmula de Marcello : «*Novem glandulae sorores*» e que Sauvé encontrou ainda na tradição oral :

Le bubon a *neuf* filles
 De *neuf* elles sont reduites à huit, etc.

foi notado como um numero maravilhoso entre os Mogoos, por Pallas. O *poder dos numeros* é analogo ao poder magico da palavra ; deriva em primeiro logar do rigor do rito ou successão dos actos cultuaes, assim como a liturgia (de *litus*, a vara) é a norma pratica da execução d'esses actos. Quanto mais antiga é uma religião, tanto mais ella é cultural ; é isto tambem o que mais resiste, e o que permanece quer na fôrma prohibida de magia, quer na fôrma indifferente de superstição. Quando se esquecem os actos liturgicos subsiste a sua *enumeração*, como um poder mysterioso da importancia dos actos a que se allude. Desde porém que a allusão é que lhe conserva o perstigio, pelo estimulo das interpretações allegoricas os numeros passam a exprimir entidades divinas. O character esconjuratorio com que o *numero* nos apparece, prova-nos a decadencia de um culto substituido. Em um hymno do *Atharvan-Veda* (Brahma 15, no kanda v) conserva-se este perstigio do numero, referindo-se ás pragas : «A *uma* e a *dez* se afastarão de mim, oh herva da saude ! Faze para meu bem os

(1) Processo publicado no t. III do *Positivismo*.

doces madhus, oh tu que nascees segundo o rita e tens a natureza do rita :

«as duas e as vinte se afastarão de mim... etc.
 «as trez e as trinta.....
 «as quatro e as quarenta.....
 «as cinco e as cincoenta.....
 «as seis e as sessenta.....
 «as sete e as setenta.....
 «as oito e as oitenta.....
 «as nove e as noventa.....
 «as dez e as cem.....
 «as cem e as mil.....» (1)

Depois d'este hymno segue-se outro com uma ordem numeral até ás onze. Basta o simples facto de apparecerem estes hymnos *numericos* no *Atharvaveda*, para se conhecer que elles pertencem a uma raça e civilização inferior, que não á arica, e sem cultura vedica. (2)

Belloguet cita um canto popular da Bretanha colligido por Villemarqué, com o titulo *Arrannu*, (ou as series) no qual se enumeram até doze, as cousas que se fixam por cada numero : «Elle lhe ensina, nos termos os mais concisos a serie das cousas de que a recordação se liga a cada numero, desde um até doze, uma só para o primeiro, duas para o segundo, trez para o terceiro, e assim por diante, fazendo repetir ao que apprende a cada vez todas as series dos numeros precedentes. Este exercicio devia sem duvida,

(1) Abreu, *Contribuições mythologicas*, p. 2.

(2) O caracter esconjuratorio do *Atharvaveda* distingue-o completamente do *Rig-Veda*, e muitas das suas cerimoniaes de impreciação pertencem aos Vratinas ou tribus occidentaes que se não submeteram á constituição sacerdotal brahmanica ; em quanto á linguagem, como diz Weber, o *Atharvaveda* tem fórmas archaicas e populares, e póde considerar-se como um producto da assimilação do elemento negroide e raças inferiores, como os Angas, os Maghadas e outros submettidos á sociedade brahmanica.

para conseguir o seu fim,— que era o gravar na memoria todas estas series successivas — fazer recommençar a criança do numero doze a um, sem o que as series mais desenvolvidas, que eram as ultimas teriam sido repetidas menos vezes que as primeiras ou as mais faceis. O filho branco do Druida assim ficava sabendo que o numero *um* era a morte, a necessidade que nenhuma outra eguala ; o numero *dois* a parrelha de bois, etc.» A maior parte d'estas series tornaram-se para nós obscuros enigmas concernentes á mythologia bretã, á cosmogonia, á astronomia e a antigos feitos de guerra.» (1) Le Men nega a authenticidade d'este canto das series, mas a fôrma poetica que é o que nos interessa tem uma existencia popular como o proprio critico reconhece no canto do *Gousperou ar raned*; Belloguet acha um grande interesse n'este canto das series para mostrar como entre os Druidas, onde era prohibido o ensino pela escripta, se exercitava a memoria.

A transição do sentido *cosmogonico* e *sideral* dos numeros, para a interpretação cabalística foi operada pelos rabinos, como se vê no *Sepher Haggadah*, e o seu apparecimento entre os Judeus confirma a origem, attendendo a que a Cabala se desenvolveu ao contacto dos cultos da Media na epoca babilonica e nas escholas do Egypto, d'onde passou pelos Gnosticos para os padres da Igreja. O uso ritualistico das orações numericas acha-se no modo de contar para traz o dinheiro magico, e nas parlendas dos jogos infantis. (2) Os Indices Expurgatorios do seculo xvi prohibem a Oração do Anjo Custodio; no processo de Anna Martins, acha-se inclusa esta Oração numerica, que acaba pelo triumpho dos treze raios solares

(1) *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 360.

(2) Vid. vol. I, p. 311 d'esta obra.

sobre as trevas ou a sua personificação no diabo. Eis o precioso documento :

Para *lançar fóra espiritos malignos* : usava Anna Martins «da reza do *Anjo Custodio* por ser muito efficaz para lançar fóra todos os achaques, espiritos malignos, que ella lançava dos corpos obcessos, e dizia na seguinte fórma :

— Custodio, queres ser solto ?

Elle respon-

dia : Em graça de Deus quero.

— Dize-me *Um*, que é só Deus, amen ;

Dize-me *Dois* ; que são as tabuas de Moysés ;

Dize-me *Trez* ; as trez são os trez Patriarchas de Jacob ;

Dize-me as *Quatro* ; que são os quatro Evangelistas, Lucas, Marcos e Matheus.

(*Ainda que sejam quatro não se nomeam mais que trez.*)

Dize-me as *Cinco*, que são as cinco chagas

De N. S. J. Christo.

Dize-me as *Seis*, que são os seis cirios bentos

Que a Virgem accendeu

Quando o seu bento filho nasceu.

Dize-me as *Sete*, que são os sete goivos

Que goivaram a Virgem Maria ;

Dize-me *Outo*, que são os outo Corpos santos

Ou os outo corpos christãos que estão em Massarellos.

Dize-me *Nove*, que são os nove anjos ;

Dize-me *Dez*, que são os Dez Mandamentos ;

Dize-me *Onze*, que são as Onze mil Virgens ;

Dize-me *Doze*, que são os Doze Apostolos ;

Dize-me *Treze*, que são as treze varinhas do Sol,

Que arreentam ao diabo do pequeno até ao maior.

«repetindo trez vezes esta Oração, sahiam os espiritos das pessoas que os tinham, sem demora alguma, por que haviam de sahir ou arreentam.» (1)

Na Oração da *Estrella fermosa*, tambem se citam

(1) Sentença, no *Instituto de Coimbra*, t. ix, p. 383.

nove varas de zimbro, com o mesmo sentido dos raios luminosos. A Oração de *S. Custodio*, (versão de Ourilhe) termina :

Doze raios tem o Sol,
Doze raios tem a Lua ;
Rebenta d'ahi Diabo,
Que esta alma não é tua. (1)

Em uma versão que colligimos no Minho (Airão) ha muitas reminiscencias da fórmula do seculo XVII :

«Custodio ! salva ; queres salvar ?
— Sim senhor, quero.
«Dize-me qual é a *uma* ?
— A *uma*, é o Sol mais claro que a Lua.
«Dize-me quantas são as *duas* ?
— As *duas* são as *Tabletinhas*
De Maria Mousinha,
Que correu a Santa Casa de Jerusalem,
Onde Christo morreu por nós ; amen.
«As *tres* ? — São os *tres* Prophetas.
«As *quatro* ? — São os *quatro* Avangelistas.
«As *cinco* ? — São as *cinco* Chagas.
«As *seis* ? — São os *seis* *Scribentes* (*Cirios bentos*.)
«As *sete* ? — São os *sete* Sacramentos.
«As *oito* ? — São os *oito* *Corpos Santos*.
«As *nove* ? — São os *nove* *Goivos*.
«As *dez* ? — São os *dez* *Mandamentos*.
«As *onze* ? — São as *Onze* *mil Virgens*.
«As *doze* ? — São os *doze* *Appostolos*.»
— Doze raios tem o Sol,
O Sol mais claro que a Lua ;
Arrebenta tu diabo
Que a minha alma não é tua.

Á medida que se avança uma unidade é preciso

(1) Ap. *Romania*, t. III, p. 272. No *Almanach de Lembranças* para 1869, p. 286, lê-se : «*Sete raios* leva o Sol.» — Na versão da Feira, são *Treze raios*.

repetir todas as outras já ditas, com a maior correção possível (ditas e *repenicadas* ou *retornadas*) sob pena de cair em poder do diabo, e a pessoa que se chamar Custodio tem obrigação de repetir as doze palavras todas as vezes que disserem diante d'elle qualquer verso d'esta fórmula numerica. Vemos aqui affirmado o poder do *Sol*; vamos pelas diversas superstições desconexas recompôr o systema cultural, representado nas fórmulas *das onze para a meia noite*, e *das onze para o meio dia* e *pino do meio dia*, das horas magicas (Sol que desponta, e Sol que declina).

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, o *Sol* liga-se á ideia de *riqueza*: «e lhe dixe mais que morasse *da parte donde nacesse o sol*, que teria muitos cruzados.» (articulado 6.º) O *Entreaberto*, ou entidade demoniaca, que apparece á hora do *meio dia*, descobre um *thezouro* áquelle a quem se mostra. O thezouro representa o Sol escondido pelas trevas da noite, ou pelo frio do inverno. Esta concepção mythica tem o duplo sentido do solsticio diurno e annual. É á forma diurna que pertencem varias superstições das *horas abertas*, dos *lobishomens*, do *canto do gallo*, assim como á forma annual pertencem quasi todas as praticas da noite do Natal e do S. João.

Analysemos a crença demoniaca da hora do *meio dia*: «Nem só a meia noite é a hora tremenda dos agouros; á luz do sol, no *pino do meio dia*, é que apparecem os Encantados (ilha de S. Miguel) que sabem onde estão enterrados os thezouros. O *Encantado* mostra-se de repente, e traz as costas em uma braza viva; por isso procura encobrir esse tremendo defeito; dirige-se ao individuo que tem a fortuna de o encontrar, e diz-lhe: *Está aqui um thezouro. Cava aqui!* Se o individuo lhe obedece, está perdido, porque é logo ali morto e enterrado; a sua segurança está em responder sempre a todas as suas intimações:

Cava tu! Cava tu! Por fim o Encantado obedece e descobre o dinheiro que está enterrado e some-se. Para que este dinheiro se não converta em carvão, o que teve a dita de o encontrar tem de se ferir e lançar trez pingos de sangue sobre o thezouro, porque só assim é que elle se torna uma realidade. O Encantado é tambem conhecido pelo nome de *Entreaberto*.» (1) Consiglieri Pedroso, no seu estudo sobre as *Tradições populares portuguezas* (2) traz importantes factos sobre a generalidade d'esta entidade demoniaca em varias provincias de Portugal, mas não a relacionou com o character magico da *hora do meio dia*. Compendiaremos alguns d'esses factos. Em Lisboa é crença, que no dia de S. Bartholomeu, quando o diabo anda á solta, é especialmente ao *meio dia*; em Villa Nova de Anços, é ao meio dia que se dão as aparições diabolicas; no Porto chamam-se ás horas aziagas, especialmente a do meio dia, *horas abertas*; em Bragança a hora do *meio dia* é amaldiçoada; no Algarve, no sitio do Cerro vermelho, é á hora do *meio dia* que apparece o genio malefico denominado o *Homem das sete dentaduras*. Em geral, todas as Orações populares portuguezas terminam com a fórmula:

Nem de noite, nem de dia
Nem ao pino do meio dia. . .

É evidentemente o solsticio diurno das crenças gaullezas, como diz Belloguet.

(1) No jornal *A Harpa*, p. 63. As *horas abertas* personificaram-se nas *Entreabertas*, como consta da Visita do Vigario Simão da Costa Rebello, na Igreja de S. Pedro, de Ponta Delgada, em 30 de Março de 1696: «Ha n'esta ilha umas mulheres a que chamam *Éntreabertas*, que por arte diabolica affirmam que as almas vem da outra vida a esta para atormentar os enfermos...» *Almanach do Arch. açoriano* para 1868.

(2) *Positivismo*, t. iv, p. 39 e seg.

Pelo processo de Luiz de la Penha, as *cartas de tocar*, para terem efficacia só deviam ser empregadas «em sexta feira, *depois do meio dia*, e á segunda feira *antes que o sol saia.*» (Libello, articulado 17.º) A hora magica do *meio dia*, apparece citada entre os hebreus em um psalmo (90, n. 6). Escreve o padre Manuel Consciencia sobre esta referencia: «Os auctores disseram que havia duas castas de demonios, uns que tentam de noite, e que se chamavam na lingua hebrea *Keteb*, e outros que tentam e damnificam ao *meio dia*, chamados *Deber*. D'estes ultimos parece seria aquelle, de que conta Gregorio Tolosano (liv. 2, Republ., c. 20) que na Russia oriental ao tempo de se colher o trigo, ao *meio dia* era visto em habito de viuva chorosa, e quebrava os braços dos segadores, que se não prostravam de braços em terra para o venerarem tanto que apparecia. O Escholiaste grego de Aristophanes á comedia *Ranae*, diz que os *demonios meridianos* são aquelles a que os gregos chamam *Empuza*, isto é, demonios que para atemorisarem tomam varias fórmulas de boi, de leão, de serpente, etc.» (1)

A superstição pela sua universalidade é a decomposição de um mytho religioso commum aos povos áricos; citam-na entre os gregos Luciano, Theocrito, Calimacho e Philostrato; entre os Romanos, Lucano; na Edade media, Gervasio de Tilbury, diz que a caçada phantastica do rei *Arthur* era *circa horam meridianam*, superstição commum aos povos germanicos, slavos e bohemios. Walter Scott diz que na Escossia é considerada magica a *hora do meio dia*. Na península hispanica tambem se acha descripto o *Demonio meridiano* na obra de Rodrigo Caro, *Dias geniales ó ludricos*, escripta por 1625. (2) Relacionemos a quasi

(1) *Academia universal de varia erudição*, p. 90.

(2) Ap. Rodrigues Marin, *Cantos pop. españoles*, t. I, p. 30.

universalidade d'esta crença com o mytho solar, comprovando-a com o seu complemento do poder magico da *meia noite*, ou o solsticio nocturno.

O mytho solar do Deus que adoce e succumbe para tornar a resuscitar, repellindo as trevas que o assaltaram e envolveram, apresenta esta dupla acção *diurna*, e *annual*, perfeitamente estudada pelos principaes mythographos europeus. Nas festas da Egreja catholica, como o prova Emile Burnouf, o rito christão apresenta os dois aspectos, *quotidiano*, symbolisado na missa, e *annual*, representado na paschoa. Assim como a parte *annual* do mytho solar subsiste em numerosas festas populares, como descreveremos no capitulo seguinte, a parte *diurna* é a que explica a superstição do povo pela *hora do meio dia*. É ao *pino do meio dia* que o sol declina e começa a descer para o horisonte, a perder o seu esplendor, até que a sua luz arrefece, e as trevas da noite o envolvem enchendo o espaço; é portanto esse o momento critico em que as trevas manifestam o seu poder, e d'ahi o character malefico d'essa hora, cujo influxo crescente se interrompe ao dar da *meia noite*, em que o sol avança para o nosso horisonte. Em Villa Nova d'Anços crê-se que: «Á hora do *meio dia* encontram pelas estradas, nas encruzilhadas, umas cousas más, que se chamam *rosemunhos* (redemoinhos). O *rosemunho* é como uma poeirada: leva páos, pedras, e se apanha alguma pessoa no meio, *leva-a tambem pelos ares*, mas se a pessoa trazer umas contas na algibeira e as atirar á tal cousa má, não lhe acontece mal algum.» (1) A phrase com que se exprime em Bragança o desgraçado: «Parece que tua mãe te pariu na *amaldiçoada hora do meio dia*,» revela-nos que a crença do *rosemunho*, ali conhecida pelo nome do *Secular das nu-*

(1) Pedroso, *Positivismo*, t. iv, p. 43.

vens ou *Escolarão das nuvens*, em tudo semelhantes á crença do *Caçador selvagem*, o *infernalis venator*, que cae das nuvens na lenda allemã, é a caça *circa horam meridianam*. (1) Na Galliza chama-se *Escoler* ao ninguomante. Além da entidade demoniaca meridiana do *Homem das sete dentaduras* (Cerro vermelho, Fuzeta): «Em todo o Algarve se crê na apparição de medos ao *meio dia*, á meia noite, ou ainda depois do toque das ave-marias.» (2) «O *Pretinho do barrete encarnado* (Lagoa e Estombar), apparece sempre á hora de maior calma. É uma entidade graciosa, que faz figas e pirraças ás crianças para as enraivecer.»

Na tradição popular portugueza as feiticeiras atravessam o oceano em uma casquinha de ovo; mas se *ao dar a meia noite* ainda estão no mar, afundam-se. (3) Á meia noite começa o Sol a subir o nosso horisonte, conforme o effeito visual, e portanto a repellir levando de vencida as trevas; tal é a concepção mythica do phenomeno solar, em que o influxo maligno começa *ao meio dia em pino* e termina *das onze para a meia noite* ou *ao dar da meia noite*. Para usar a carta de tocar, ensina o feiticeiro Luiz de la Penha: «sairá a pessoa que d'ella usar *á meia noite* fóra da cidade ou villa, espaço de meia legua...» (articulado 20) É á meia noite, que nasce Christo no presepio com todos os elementos da personificação solar:

Em dezembro, vinte e cinco
Meio da noite chegado,

Um anjo ia no ár
A dizer: Elle é já nado.

(1) *Positivismo, ib.*, p. 414.

(2) Reis Damaso, *Anuario das Tradições port.*, p. 64.

(3) Lê-se em Serrão de Castro, *Ratos da Inquisição*, p. 168:

Dizem que uma feiticeira
em uma noite passou
á India, e de lá tornou
n'uma canastra ligeira.

*Meia noite dada,
Meia noite em pino,*

*Lo gallo cantando
Chorou o Menino. (1)*

A esta crença liga-se o *canto do gallo*, cujo poder sobre as entidades maleficas das trevas é celebrado nos hymnos da Egreja, (2) e nos cantos populares:

*Na noite d'aquelle dia,
Antes do gallo cantar,
Trez vezes negaste Christo,
Trez vezes a porfiar. (3)*

Gil Vicente no *Auto das Fadas*, allude a este poder magico: «*Mas gallo negro suro, cantou no meu monturo,*» e no Avesta esse canto afugenta os demonios e faz surgir a aurora. Nas Orações populares portuguezas as horas venturosas (os nossos *emboras*) annunciam-se pelo canto do gallo:

*Já os gallos cantam, cantam.
Já os anjinhos se levantam...*

Rom. geral.

E na *Oração do Peregrino*, a relação mythica do gallo com a luz é evidente, no verso: «*Canta o gallo, abre a luz.*»

Na *Confissão de umas Bruxas*, manuscripto attri-

(1) *Romanceiro do Arch. da Madeira*, p. 3 e 4.

(2) Lê-se em um hymno de Prudencio:

*Ferunt vagantes daemones,
Laetos tenebri noctium,
Gallo canente exterritos
Sparsim timere et cedere.*

(3) *Rom. do Arch. da Madeira*, p. 45.

buido a 1559, da collecção de Moreira, vem indicado o facto de quebrarem todos os encantos e poderes malévolos ao *cantar do gallo da meia noite*: «E estando n'estes desfadamentos e folgares, *cantava* no campo um *gallo preto*, que estrugia as orelhas, que devia ser algum demonio, que sempre cantava á meia noite a modo de gallo. E logo *n'um momento se desfez a festa* e o folgar e *todos os demonios desapareceram*,...» Garrett eminentemente possuido do sentimento poetico das tradições populares, descreve esta situação magica do poder do *canto do gallo ao dar da meia noite*, no poema *D. Branca*:

Já indo ás duzias em casquinha d'ovo
 Á India de passeio n'uma noite...
 E, ai, se o *gallo cantou*, que á fatal hora
 Incantos quebram e o poder lhe acaba.

(Cant. III, 3.)

E o *gallo preto* annunciou a hora
 Fatal a encantamentos....

(Ib., c. IX, 5.)

É por effeito da generalidade d'esta crença, provada por Liebrecht, que quando a gallinha canta como gallo é um agouro funestissimo. (1)

Ora, assim como á *meia noite*, quando o sol se eleva

(1) «Existe uma superstição muito espalhada na Italia, Allemanha e na Russia, segundo a qual uma gallinha que se põe a cantar como um gallo é de muitissimo mão agouro, e cré-se geralmente que é preciso matal-a, se se não quer morrer antes d'ella. A mesma crença existe na Persia...» Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 299.— Um anexim portuguez diz :

Gallinha que canta como gallo
 Põe o dono a cavallo.

no nosso horisonte, acabam os poderes malévolos da escuridão, também *ao pino do meio dia* é que predominam as influencias sinistras das trevas. Esta é a concepção primordial do solsticio diurno sobre a qual a humanidade antiga tanto mythificou. A representação d'esses poderes malevolos é puramente accidental, variando com as diversas fusões de raças, syncretismo de civilisações, decadencia de religiões, apparecendo n'uns povos o mytho na sua simplicidade, n'outros a sua decadencia demoniaca, n'outros a reminiscencia automatica da superstição, e n'outros a sua elaboração em lendas, contos e em anedoctas pessoas já inintelligiveis. O *Entreaberto* ou *Encantado*, o *Homem das sete dentaduras*, o *Rosemunho*, o *Secular das Nuvens*, e o *Pretinho de barrete encarnado*, só podem ser comprehendidos na fórma demoniaca pela sua relação com o Sol que declina. Vejamos agora, depois do estudo do poder magico do canto do gallo, as entidades demoniacas que se relacionam com o Sol que surge no horisonte. É em volta d'estas concepções mythicas fundamentaes, que se devem agrupar todos os elementos fragmentados das superstições populares, sob pena das compilações as mais minuciosas tornarem-se inintelligentes.

A superstição do *Lobishomem*, que termina as suas vacações ao dar da meia noite, é a principal das entidades do solsticio nocturno, commum a toda a Europa. Herculano descreve-o: «Os lobis-homens são aquelles que têm o fado ou sina de se despirem de noite no meio de qualquer caminho, principalmente encruzilhada, darem cinco voltas espojando-se no chão em logar onde se espojasse algum animal, e em virtude d'isso transformarem-se na figura do animal ai presojojado. Esta pobre gente não faz mal a ninguem, e só anda cumprindo a sua sina, no que tem uma cenreira mui galante, *porque não passam por caminho*

ou rua onde haja luzes, dando grandes assópros, e assobios para que lh'as apaguem...» (1)

Dos *Lobishomens*, nas crenças populares das ilhas dos Açores, descrevemos: «Se uma mulher tem sete filhos a seguir, o mais novo de todos fica *lobishomem*, isto é, tem de correr o seu fado: por isso logo que é noite fechada, elle transforma-se em porco, em burro, ou em qualquer outro animal, e só volta á sua fôrma natural depois de uma vacação forçada até ao despon-tar da *aurora*. Se durante a vacação é encontrado por alguém, se este o ferir e lhe fizer sangue, immédia-tamente volta á sua fôrma natural; sabendo isto, o *Lobishomem* procura os individuos no seu caminho para o ferirem, e os que o encontram montam-lhe em cima, e dão-lhe ordem para os transportarem onde querem.» Esta circumstancia do character magico do *septimo filho* que se torna lobishomem, é vulgar no Porto e na ilha de S. Thiago de Cabo Verde (a hora, que não pertence nem á terça, nem á sexta, nem a noa, da divisão antiga.) Em Lamego basta o poder de certas palavras ditas por uma bruxa (a velha, perso-nificação da noite) para a criança ficar lobishomem; (2) a vacação do lobishomem, é *entre as onze e a meia noite* em S. Christovam de Mafamude e outros pontos de Portugal; a luz encommoda-o e enfurece-o: «Em Villa Nova d'Anços, crê-se que o *lobishomem quando vê luz* n'uma casa, começa aos pinotes á porta para entrar, e se consegue arrombal-a agarra na lampada ou candieiro e foge com elle deixando todos ás escu-ras.» (3) A superstição do *Lobishomem* acha-se em França, e Bonnafoux descreve-a, dizendo que os que

(1) Herculano, *Pan.*, t. iv, p. 164. Comprova o vestigio my-thico do poder das trevas contra a luz.

(2) Pedroso, *Positivismo*, t. III, p. 245, e 246.

(3) *Ibidem*, p. 249.

seguem este fadario vão a um dado logar vestir uma *pelle de lobo*. Em Portugal temos ainda o adagio: «Quem não quer *ser lobo* não lhe *veste a pelle*.» É esta a fôrma simples por onde se recompõe o mytho commum a todos os povos indo-europeus. (1) É por meio da *pelle de lobo*, que a aurora se transforma em noite; (2) e n'uma metaphora espontanea, Lafontaine ainda diz em uma fabula: «Ce n'était pas un *loup*, ce n'était que *l'ombre*.»

Nas tradições scandinavas é que o *lobo* conserva completo os seus caracteres mythicos: «Se Gunnar (o *heroe solar*) perde a vida, o *lobo* torna-se o senhor do thezouro e da herança de Nifl... (importa notar que o Encantado ou Entreaberto, ao pino do meio dia revela um thezouro.) — Todas estas particularidades, dependendo da lenda do lobo no Edda, concorrem a apresentar-nos este animal como um *monstro tenebroso*. A *noite* e o *inverno* são as epochas do lobo, de que se trata no Voluspa; os deuses, que segundo a tradição germanica *entram nas pelles dos lobos*, representam o sol occultando-se na noite ou a estação nevosa do inverno (d'aqui o lobo branco demoniaco, que segundo um conto russo se acha no meio de sete lobos negros.) Quando o heroe solar se torna *lobo*, este lobo é de uma natureza divina; quando, ao contrario, o lobo está sob a sua propria fôrma de demonio, é de uma natureza inteiramente maligna. O condemnado, o criminoso que se proscrevia, o bandido, o *ullugatus* ou *outlaw*, levava, dizia-se, na Edade media uma *caput lupinum* (em inglez *wulfesheofod*; em francez *teste*

(1) Pedroso compilou uma abundantissima noticia sobre o *Lobishomem*, aproximando-o das superstições slavas e allemãs colligidas por Affanasiev e W. Hertz, mas não descobriu a sua relação com o mytho solar da meia noite.

(2) Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 153.

leue.)» (1) A pelle mythica tornou-se um objecto cultural, vindo depois a ser um symbolo degradante: entre os Sabinos, os sacerdotes do deus Sorano, divindade infernal representada como lobo, vestiam-se com essa pelle, e eram chamados *hirpi* (em sabino, lobo.) (2) Os cultos magicos são geralmente orgiasticos, e isto explica como certas populações, os Neures e os Arcadios se tornavam geralmente lobos, significando que se entregavam á orgia nocturna do culto *hirpino*. D'aqui tambem a confusão do bandido comparado ao lobo, o *Wargus*, e affrontado com o symbolo da sua proscricção, levando figurada uma cabeça de lobo.

Por tempo os costumes e as crenças reagem sobre as concepções, isto é, a realidade objectiva impõe-se ás vezes á subjectividade mental quando ha um desarranjo pathologico do cerebro; a *lycantropia*, é esta fórma especial de hallucinação, que se revelou mais intensa á medida que as condemnações da Igreja perseguiram as crenças polytheistas que persistiam na Edade media. Ha outras divindades demoniacas da noite; em Estombar e Lagoa (Algarve) apparece a *Velha da egua branca*. A *velha* é evidentemente a personificação da noite: «Apparece nas noites de luar montada n'uma egua branca, fazendo um barulho infernal pelos campos, e soltando os bois que ruminam debaixo das alpenduradas. Todo o barulho é feito com tachos e panellas de arame.— É a *velha da egua branca*, o terror da meia noite em pino.» (3) «Entre outras divindades maleficas, o *Homem do chapéo de ferro*, sobresae como o mais terrivel. Apparece logo que dá *meia noite* e o gallo canta, á beira das estra-

(1) Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 157.

(2) Nas festas de *Jul*, ou o natal dos germanos, vestiam-se estes com pelles de feras com que vagueavam. Maury, *Fées*, 58.

(3) Rei Damaso, no *Anuario das Tradições*, p. 61.

das, por baixo das oliveiras, das figueiras ou junto ás fontes. Vagueia até á *terça noite*, umas vezes acompanhado de um porco que grunhe, outras de um grande veado — ou ainda de um gallo...» (1)

A este mytho solar pertence ainda a superstição de *lançar varas para descobrir aver*, prohibida no alvará de D. João I e na Ordenação manuelina. Esses haveres ou thezouro enterrado, é o sol, guardado por mouros (para o povo, negros) ou por *velhas* (a noite): «Crearam nossos avós, que apressados os Mouros a sahir de Portugal, enterraram seus thezouros; hoje rondam seus manes pelos jazigos d'aquellas talhas, em *figuras de velhas*, outras vezês de *douradas cobras*, que com assobios e gaifonas engodam os intrepididos a certas condescendencias, preço do thezouro que promettem descobrir-lhe.» (2) A *vara*, antes de ser empregada para descobrir thezouros, era destinada a fins divinatorios em geral, ou a *varinha de condão*, dos contos populares. Diz Baudry, resumindo a obra capital de Kuhn sobre os mythos do fogo: «a vara provindq de uma arvore produzida pelo raio, participa das suas propriedades; ora, é com o raio que Indra abre e quebra as nuvens, que como os rochedos de uma caverna, retêm prisioneiras as vacas celestes. Estas, consideradas tambem como thezouros que occultava a nuvem, personificam simplesmente os raios do sol, chamados raios de ouro em todas as litteraturas indo-europêas, e a chuva, que fazendo germinar as pastagens, alimenta os gados (*pecunia* de *pecus*) que são a riqueza primordial.» (3) Kuhn demonstra como das plantas que são consideradas como incarnação do raio,

(1) *Annuario das Tradições*, p. 62.

(2) Filinto Elisio, *Obras*, t. 1, p. 291.

(3) *Revue germanique*, t. xv, p. 15. A *vara* das riquezas é como uma forquilha, e por isso é com uma *cacheira, cajatinha*,

é que são feitas as *varas*, que já Arriano e Cicero citaram. A adivinhação pelas *varas* ou bellomancia, como diz Bergmann : «praticava-se por meio de varinhas feitas de tamarisco e outras arvores consagradas ao sol.» (1) No Minho empregam-se as varas para descobrir thezouros. São duas as varas, do tamanho de dois decímetros cada uma ; são cortadas de um arbusto chamado azevinho, no dia de S. João, *no momento em que o sol deixa vêr os primeiros raios*. Em quanto se cortam, lê-se o officio de S. Cypriano. Depois as duas varinhas são perfuradas extraindo-se-lhes a medulla, e enchendo-as de mercurio a que o povo chama azougue ; as extremidades da vara são tapadas com *couro* á maneira de dedaes, e depois revestidas as varas com *fitas* entrelaçadas á maneira dos chicotes. Assim preparadas servem indefinidamente as varas para descobrir thezouros enterrados. O processo do descobrimento é longo por causa do ritual : *vae-se ao alvorecer* ao lugar onde se suspeita que está o thezouro, com um padre, que lê o *livro de*

que nas increpações populares é esconjurado o nevoeiro: (L. de Vasconcellos, *Tradições*, p. 49.)

Foge, foge nevoeiro,
Para traz d'aquelle outeiro,
Que lá vem o *S. Romão*
Com uma *cacheira* na mão...

(Melres.)

Carujeiro, carujeiro,
Põe-te atraz d'aquelle outeiro,
Que lá está teu companheiro
Com a *cajatinha* derrabada...

(Mondrões.)

Navoeiro, navoeiro,
Por traz do outeiro
Lá está o João Ribeiro
C'uma *saca de dinheiro*.

(1) *Les Getes*, p. 296.

S. *Cypriano*; (1) o dono das varas colloca-as horisontalmente e em equilibrio sobre os dedos polegares, e se as varas, ao ir caminhando, oscillam para a terra, é porque ha ali metal. Então traça-se no chão um *circulo*, mettem-se dentro d'elle todos os que procuram o thezouro, e em quanto o padre vae lendo o officio de S. Cypriano, elles cavam no chão até acharem o thezouro.» (2)

As *cobras* douradas ou *serpentes* dos thezouros, assim como as *donzellas* ou Mouras encantadas, apresentam mais claramente o seu character nos mythos do Sol estival e hibernal. Nos symbolos da Procissão do Corpo de Deus, no S. Jorge, sequito de cavallos e pretos, é onde se evidencia a concepção mythica, subsistindo á custa de interpretações historicas. Fazia-se a Procissão a titulo de commemorar a batalha de Aljubarrota, e a de Toro e Çamora. D. João II decretou em um Regimento de 1482 a ordem por que se encorporariam as differentes classes e officios n'esse prestito, e quaes os symbolos e elementos pittorescos que lhe pertenciam, os quaes se acham tambem no Meio dia da França, tendo alguns decahido em superstições populares. Do citado Regimento transcreveremos algu-

(1) No processo do christão velho Pedro Affonso, lê-se : «Tinha um *livro* intitulado de S. *Cyprião*, e n'elle se diziam as curas que se haviam de fazer.— Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lh'o mandava o *livro* de S. *Cyprião*. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clerigo, e vendo as torpezas e parvoices que n'elle estavam escriptas, o rompeu e botou debaixo dos seus pés, e o pisou com elles, e por fazer isto, fez com que os diabos tomassem o clerigo, e o levassem a um monte onde estava um mato e o trataram ali muito mal. . . »

(2) Contado por testemunha ocular, como se praticou proximo de Braga em 1874. Da varinha de condão falla Bento Pereira : «A *varinha de condão*, ou *vara de aveleyra*, conforme se inclina para a parte onde ha ouro, assim mostra os thezouros escondidos nos montes e minas.» *Anaceph.*, p. 118 (sec. xvii.)

mas passagens só intelligiveis diante da concepção mythica: «Os alfayates da outra banda, e trazeirão a *Serpe* e seus castellos pintados da sua divisa com pendões e bandeiras.» É mais: «Os Homens d'armas atraz, estes todos bem armados sem nenhuma cobertura, e com as *espadas nuas* nas mãos, e levarão *S. Jorge mui bem armado* com um page e uma *Donzella*, para matar o *Drago*.» (1) Ha aqui um resto das crenças primitivas dos povos getas e scandinavos, n'esta lucta de S. Jorge com o Dragão, ou do Deus solar com a Serpente symbolisando as aguas agitadas do oceano. Diz Bergmann: «como os Dragões em geral passavam por animaes fascinadores, e que a Serpente do Oceano se defendia contra o Deus do Sol por meio de magia, esta Serpente teve tambem o nome de *Fascinador solar*. Como alguns dos attributos do Deus do Sol, entre outros o de Inimigo ou Adversario do Fascinador solar, passaram para Thor, este Deus é na mythologia norrica, o grande Inimigo da Serpente do mar. Nas lendas da Edade media as chelas dos rios ou as inundações embaraçadas por certos Santos que foram substituidos ao Sol, tambem foram symbolisadas por Serpentes ou Dragões representados como subjugados ou vencidos por estes Santos. Entre os Dragões symbolicos nota-se por exemplo, a *Chair salée*, de Troyes, o *Dragon de Saint Marcel*, em Paris, a *Gargouille de Saint Romain*, em Rouen, os quaes são symbolos das inundações do Sena. Taes são a *Kratulla* em Reims, sobre o Vesle, o *Dragon de Saint Bienhemé*, em Vendome sobre o Loire, a *Grande Gueule*, ou a *Bonne Sainte Vermine* em Poitiers, na confluyente do Clain e da Boime, a *Grouille* em Metz sobre o Mozelle, e a *Tarasque* em Tarascon sobre o Rhone.» (2) D'este emblema da *Serpente*, empregado

(1) Nos *Annaes das Sciencias e das Lettras*, t. 1, p. 730.

(2) *Les Getes*, p. 253.

na procissão do Corpus, (d'onde o ditado *Velho como a Serpe*) se deriva a devoção do *Lagarto da Penha* (Lisboa) do qual diz o dr. Ribeiro Guimarães, depois de transcrever de um folheto as suas virtudes medicinaes *contra sezões e febres*: «O caso é que o *Lagarto da Penha* ainda lá leva gente: tem resistido á acção do tempo esta devota basbaquice.» (1)

Ainda hoje os poderes do Estado acompanham officialmente a procissão de S. Jorge, levando a imagem sobre um cavallo, e acompanhada de um séquito de cavallos com fitas, um pagem de lança, e pretos, como se o mytho estivesse no seu fervor cultural. S. Jorge é na realidade uma fórma christianisada de — «Indra, Vichnu, Asura-Mazda, Feridun, Apollo, Hercules, Cadmo, Jason, Sigurd, e muitos outros deuses e heroes celebrados *per terem morto a Serpente.*» (2) A Donzella libertada do Drago, segundo o referido Regimento, completa este mytho conservado hieraticamente; diz Gubernatis: «as aguas e as nuvens pluviosas, que são as esposas monstruosas dos demonios em quanto o monstro as guarda nas trevas, convertem-se em esposas radiosas dos deuses quando são libertadas. O mesmo se pôde dizer da Aurora, retida em captiveiro pelo monstro obscuro ou humido da noite ou da estação estival presa no reino do inverno; em quanto uma e outra estão no poder do demonio tenebroso, ellas são negras e monstruosas e vivem com elle no reino infernal; mas depois do resgate, ellas tornam-se *Donzellas* formosas, de um brilho deslumbrante.» (3) Os pretos do estado de S. Jorge (Lisboa) são o symbolo das nuvens negras e chuvosas que cercam a Serpente do inverno, como o nota Gubernatis. No sul da França

(1) *Summ. de Varia Historia*, t. I, p. 218.— Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 418, fala do mytho do Lagarto.

(2) Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 415.

(3) *Idem, ib.*, p. 418.

ha uma cantiga das Fadas do nevoeiro, em que é evidente o sentido mythico da *Dama e a Serpe*. (1)

Outros elementos mythicos se encontram nos emblemas e symbolos hieraticos da procissão do Corpo de Deus; taes são os *Cavallinhos fuscos*, ordenados no Regimento de 1482: «Os trapeiros, que são os mercadores de pano de linho, e os mercieiros todos com suas tochas accesas e castellos de estanho: e levarão sua bandeira e atabaque e dois *cavallinhos fuscos*.» (2) No Regimento da Camara de Coimbra para a Procissão de Corpus, de 1517, os cordoeiros, albardeiros, odreiros e tintureiros levam quatro *cavallinhos fuscos*, bem feitos e bem pintados.» E no Regimento da Camara do Porto para a mesma Procissão, em 1621, os celleiros, esteireiros e correeiros irão *com os cavallinhos* e Anjo armado no meio. (3) O emblema dos cavallinhos fuscos não pertencia a uma classe especial. D. Francisco Manuel de Mello refere-se a este

(1) Transcrevemol-a da *Hist. de France*, (t. viii, p. 329,) de Henri Martin :

Ay vist una Fantina
Que stendava lá mount
Sa cotta neblousina
Al' broué de Bariound.

Hei visto a Infantina
Que estendia no monte
Sua cota de neblina
No pincaro do Brionde.

Una Serpe la seguia
De couleur d'arc en cel,
Et sù di roca venia
En cima dar Castel.

Uma Serpe a seguia
Da côr do arco da velha,
E por sobre a roca ia
Dar em cima do castello.

Couma na fleur d'arbona
Couma neva dal col,
Pasava en la brona,
Sen z'affermín' ar sol.

Como a flor das giestas,
Como a neve do colo,
Passava sobre as arestas
Sem se firmar no solo.

(2) *Annaes das Sc. e das Lettras*, t. I, p. 731.

(3) Ap. J. Pedro Ribeiro, *Diss. chronol.*, t. iv, P. II, p. 204 e 226.

costume que se tornava divertimento popular : «Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos fusc*os.... Onde enterra o senhor os que mata? Entre as unhas em *valle de cavallinhos*.» (1) Evidentemente estas phrases, ainda populares, referem-se á superstição mythica e germanica do cavallo : «Os Germanos, como os seus passados Getas e Scythas, tiravam prognosticos do relincho dos cavallos. A cidade (*gavi*, em germ.) sustentava nos bosques e florestas *cavallos brancos* consagrados ao Sol, livres de todo o trabalho profano. Prendiam-se ao carro sagrado, e o ministro, rei ou chefe da cidade seguia-os para observar os seus rinchos.» (2) Em Lisboa o rei vae oficialmente na procissão de Corpus. Gil Vicente, no *Auto das Fadas*, cita já o *val de cavallinhos*, como um lugar magico : «Cavalgo no meu cabrão — e vou a val de Cavallinhos...» Na lenda semi-historica, S. Jorge apparecia nas batalhas montado em um *cavallo branco*, no qual hade tambem vir da Ilha encantada o rei D. Sebastião. Na linguagem popular ainda hoje se diz fazer *fósquinhas* no sentido de tergeitos, saltos, tal como descreve Du Méril, fallando da «imitação do cavallo com as suas differentes posições, vivacidades, caracoleios e relinchos.» No *Hyssope* de Diniz, ha já a referencia a um divertimento vulgar :

E por dar mais prazer aos convidados,
De *cavallinhos fusc*os, depois d'elle
Na vaga sala, com soberba pompa
O galante espectaculo prepara.

Du Méril, na sua *Historia da Comedia*, aponta o symbolo do cavallo na *Festa de Diou* da Provença,

(1) *Feira dos Anexins*, p. 160 e 161.

(2) Bergmann, *Les Getes*, p. 301.

d'onde esta procissão foi introduzida em Portugal no tempo de D. Diniz. Porém a generalidade d'este symbolo hieratico em toda a Europa confirma a sua origem mythica, aproximando-o da phrase *val de cavallinhos*; as designações *cavallinhos fuscos* (pintados, segundo o Regimento de 1517) e *cavallinhos fustes* (1) ou armados em páo, são já uma decadencia por incompleta comprehensão, quando se comparam com as designações estrangeiras, como *Cheval-fug* (Allier), *Cheval-foi* (Lyon), *Cheval-frux* (meio dia da França) com o epitheto *Falke* dado ao cavallo do heroe germanico e scandinava Dietrich, o falcão. Tambem no *Nobiliario* se cita um cavallo magico, o *Pardallo*, como o *Fauvel*, que foi um thema poetico da Edade media. Em outras terras o nome do cavallo solar, liga-se mais evidentemente á tradição germanica: *Godon*, em Orleans, *Cheval Godin*, em Namur, *Algodon* em Hespanha, reportam-nos ao Deus *Wotan* sempre representado pelo cavallo. Em outras terras ficou apenas o simples nome de cavallo: *Chevallet* em quasi toda a França, *Caballet* na Catalunha, *Cheval Mallet*, no Loire Inferior, ou por causa dos guisos, *Chinchin* em Mons, *Bidoche*, no departamento de Orne. Na Allemanha chamam-lhe *Schlittenpffer*, e *Schimmel*, e na Inglaterra *Hobby-Horse*. Du Méril, na obra citada, estende a sua investigação até á China e Mexico, e n'este caso o mytho deve considerar-se como tendo passado dos povos mongolicos para os áricos por meio dos ramos scytha e geta, verdadeiros élos de transição entre estas duas grandes raças. Gubernatis observa, que «as religiões são a caricatura das mythologias» como da sua dissolução e decadencia derivam as superstições populares.

(1) Diz Soropita: «uns *cavallinhos fustes*... que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar d'elles.» *Poesias e Prosas*, p. 38.

Certas superstições relacionam-se facilmente com as raças d'onde provieram ; dos *bastões rúnicos*, temos uma referencia no romance açoriano :

Pastores que andaes aqui
Escrevei isto a mi madre,
Se não tiveres papel,
No *bastão d'esta bengala*.

Toma lá tinta e tinteiro
Escreve n'essa bengala... (1)

Nas Constituições do Bispado de Evora, falla-se na superstição das *camisas tecidas e fiadas em um só dia* ; egual referencia se acha no Canon LXXV, de S. Martinho de Braga, e na tradição peninsular do seculo XIII, no *Poema de Alexandre* (st. 89) de Bercco. É ao que se chama *Camisa de soccorro*, e entre os germanos *Nothehendi* ; aquelle que a vestia ficava invulneravel e resistia a todos os perigos. No romance da *Silvana*, da tradição oral, cita-se a camisa com um poder magico :

Mas deixae-me ir a palacio
Vestire *outra camisa*,
Que esta que tenho no corpo
Peccado não o faria.

Antes da Inquisição farejar as superstições semiticas sob o nome de judaismo, dizia um poeta satyrico do *Cancioneiro de Rezende* :

Vi esta vossa cantigua
que da *toura muy antigua*
me parece ser forjada.

(Canc. geral, I, 249.)

(1) *Cantos populares do Arch. açoriano*, n.º 50 e 51.

Um outro poeta satyrico retratando a dissolução da côrte de D. Manuel, refere-se tambem á vulgarisação dos costumes judaicos :

A terra está
de Esnogas bem chéa,
e fazem a céa
dos asmos por cá.
Vereis enfeitados
os sabbados todos,
vereis de mil modos
capuzes frisados.

A adivinhação pelas mãos acha-se referida no *Cancioneiro de Resende* :

Pareceys mouro alfenado
que adivinha pela mão. (fl. 225.)

No processo de Luiz de la Penha, lê-se : «Que usa de adivinhar e o faz assi *vendo as mãos* das pessoas...» (Libello, art. 4, 7 e 8.) A mão é um symbolo phallico em que o principio masculino (*marcos, frades, picotas*, ou columnas de *menhir*) se substituiu aos symbolos do chteis (*cavernas, lapas, lameiros e mamóas*.) Na lista do Auto de fé celebrado em Coimbra em 28 de novembro de 1621, apparece condemnada a mulher de Francisco Dias «porque fazia ás *sextas-feiras* as camas com roupas lavadas.» No processo de Maria Soares, accusada á Inquisição por sua propria filha aconselhada pelos seus confessores, em 1623, impu-tam-na :

«De guardar os *sabbados* de trabalho, vestindo n'elle camisas lavadas e melhores vestidos. (Ainda hoje os operarios largam ao sabbado a obra mais cedo e vão barbear-se.)

«De não comer carne de porco, lebre, coelho, nem

peixe sem escama.— De jejuar em segundas e quintas, sem comer senão á noite cousas que não eram de carne.— De jejuar o jejum do dia grande, que vem no mez de setembro.— De quando morria alguma pessoa em casa, ou nas vizinhanças botar fóra a agua que tinha para beber. (Ainda se pratica nos Açores.)— De lavar a carne quando vinha do açougue até lhe tirar o sangue, tirando-lhe tambem a gordura.— De concertar a casa á sexta feira á tarde, alimpando os candieiros e lançando-lhe azeite limpo e com torcidas novas, deixando-as até por si se apagarem.— De dizer que aquellas candeas eram tochas no céu, e de resar com os olhos n'elle, lavando primeiro as mãos, e de não dizer no fim do Padre-nosso — Amen Jesus.— De que quando certa pessoa saía para fóra não consentir que se varresse a casa...» (1)

As perseguições ás familias judaicas, os terrores do Santo Officio, as grandes pestes como a de 1569, e o desastre da perda da nacionalidade em 1580, agravaram a revivescencia das superstições populares. Uma carta de 1579, escripta depois da derrota de Alcacer-kibir, exprime bem este estado moral: «É para chorar e acabar de pasmar da louquice d'esta terra. Haver n'ella donas illustres e de qualidade com tão larga licença como tomaram, na desolação de andar no modo das romarias, e na invenção com que pedem a Deus vida e liberdade dos maridos e filhos captivos, porque não ha *devoção defeza* que não façam, nem *feiticeria* que não busquem, para lhes dizer o que vae em Africa. Não ha beata que com as suas superstições as não roube de quanto têm.— Em cada rua as achareis com certo numero de mulheres após si, que buscam para cumprir a negra devoção ou superstição, descalças, embiocadas parecem medos.

(1) Do *Algarve illustrado*, n.º 17.

Não sei aonde se acha tanta sarja; e para encherem a copia da devoção beguina, não fica em casa negra nem rapariga que não vá no canto acompanhar-se sempre de um velho parvo e de um rapaz travesso, etc.» (1) Os principaes documentos das superstições populares acham-se nos processos do Santo Officio especialmente do seculo xvii em diante.

As Entidades demoniacas ou malevolas.— As raças amarellas distinguem-se nas concepções religiosas pela crença em um grande numero de entidades vagas immanentes nas cousas; essas entidades foram primitivamente os proprios objectos materiaes reverenciados em um fetichismo espontaneo, e pelo desenvolvimento social tomaram a fórma abstracta de Genios. Os chinezes crêem ainda em um grande numero d'estas entidades a que chamam *Chin*; os Arabes, que tiveram na sua cultura elementos accadicos, crêem tambem nos genios chamados *Gins*, e em Portugal, na tradição popular do Algarve acredita-se na existencia de umas mulheres que ninguem vê, chamadas *Jans*, que fiam linho tão fino que parece cabello. Deixava-se linho no lar, e um grande bolo no borrarho; pela manhã apparecia todo o linho fiado, por mais que fosse; mas se se esquecessem de pôr o bolo no borrarho o linho apparecia queimado: «Muita gente verdadeira sustentava que isto era assim, e até conservavam ainda lenções fiados pelas *Jans*.» (2) Aqui temos o typo mais perfeito da entidade fetichista. Muitos phenomenos naturaes acham-se personificados, como o Vento no *Balborinho*, ao qual se atira com um canivete aberto (Minho); o Nevoeiro, no *Tatro azeiteiro* (Penafiel); a Chuva, em *Maria Molha* e *Maria das*

(1) *Summ. de varia Hist.*, t. iv, p. 135.

(2) Nota de Reis Damaso,

Pernas compridas (Gondifellos); o fogo meteorico de Santelmo em *Corpo Santo* (Açores); a insomniã, no *Insonho* ou Pezadello; o terror da escuridão ou do desconhecido, *Medo, Cousa ruim, Coca, Coca Loba, Farronca*; emfim a doença no *Ar máo*. (1)

Os povos áricos, crêram tambem em entidades derivadas do seu fetichismo primordial, e á medida que se elevaram a uma concepção religiosa abstracta, essas entidades formaram uma classe vaga de sêres divinos indistinctos a que chamaram *Daimones*. N'esta classe decahiram os deuses superiores de povos vencidos e dos cultos prohibidos, e como diz Lenormant: «Toda a religião demonologica, desde que ella se eleva e se apura, conduz necessariamente ao dualismo.» (2) O conflicto social e religioso do zoroastrismo e do christianismo, se levou á definição de um deus de bondade e de poder creador, desenvolveu simultaneamente um deus do mal e da destruição, Ahriman ou o Diabo. Nas concepções áricas, o deus creador é a luz, (*div*, a luz, o dia, o céo, d'onde *dyaus*, e Zeus), e contra-riamente a personificação do mal, será a sombra, a escuridão, os *Asuras*. (3) Nas crenças portuguezas as trevas são personificadas na *Má Sombra*, esconjurada na Oração de S. Bartholomeu; na Oração a Martha, de Luiz de la Penha, se diz: «huma é a *sombra*, e outra a *solombra*,» talvez explicavel pela crença po-

(1) Diz Antonio José, nas *Operas*, t. II, p. 79: «Fantasma, chimera, sombra, illusão, *côco e papão*, que é o que me queres?» A esta categoria pertencem a *avejã*, a *gallinha preta com bacosos*, as *almazonas*, *mão de ferro*, *galgo negro*, *rosemu-nho*, a *colméa*.

(2) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 230.

(3) Diz Gubernatis: «A raiz *sur*, como a raiz *svar*, significa fulgir. Considerando-se os *devas* como os luminosos, não se achou melhor para lhes oppor do que os não luminosos, ou os *a-sura*, falseando assim a verdadeira origem da palavra.» *Pic. Encycl. indiana*, p. 115.

pular em que temos duas *sombras*, uma a do anjo da guarda (que perdemos) e outra a do diabo que nos tenta. (Famalicão.) Todos os actos malignos são praticados nas trevas da noite; a *sombra*, *avantesma* (phantasma) a *alma penada*, são fórmulas demoniacas das trevas, e diz uma locução popular: *O Diabo é negro*. «As pessoas que fazem malefícios vão á meia noite a um cemiterio, e apparece-lhe o diabo em fórmula de *cão preto*, a que ellas chamam o seu protector.» (1) É o mesmo *cão preto*, descripto por Leão de Chypre, e Plutarcho, que subsiste nas superstições da Finisterra. (2) Esta personificação revela-nos as relações do Diabo como proveniente de um dualismo medopersa que se desenvolveu na Europa por via do christianismo (satanistas, e valdenses); muitas são as personificações do diabo ainda com caracter oriental.

Nas locuções populares portuguezas encontra-se empregada com frequencia: *Deu-lhe o Tranglo-Mango*, por aconteceu-lhe mal, perdeu-se, levou-a o diabo. Pela generalidade de uma parlenda em fórmula dithyrambica, com vestigios de caracter magico, somos levados a inferir que o *Tangro-Mangro* não é uma palavra sem sentido, uma neuma para encher o verso, mas o nome de uma divindade, que como decahida conserva o espirito malevolo e que persiste nas superstições populares. O *Tanglo-mango* apresenta fórmulas variadas na peninsula, como o *Tango y Mango*, na Andaluzia, *Tangomão* no castelhano usual, *Tãngano-mãngano* na Galliza, e *Tranglo-Mango* (Açores) e *tangro-mangro* (Penafiel, Lisboa.) A generalidade d'esta expressão já por si bastava para a inferencia de um fundo commum de raças, e esse verificava-se naturalmente na persistencia de caracteres e costumes

(1) Pedroso, *Positivismo*, t. iv, p. 108.

(2) Cambry, *Voyage dans le Finistere*, t. III, p. 22.

da raça iberica da peninsula. A expressão é porém quasi geral á Europa, e encontra-se na Lei Salica sob a fôrma de *Tangano* e no francez de Froissort na fôrma de *Tangre*, e na Italia como no *Tanghero* do dictionario da Crusca. O problema adquire pois uma maior importancia; se na peninsula hispanica esta divindade provém da persistencia da tradição dos povos ibericos, no Occidente da Europa só pôde explicar-se pela persistencia d'esse fundo ethnico turaniano ou melhor scythico, que precedeu na Europa a entrada das raças áricas. (1) De facto essa raça invadida pelas diversas migrações áricas, refluuiu para o sul da Europa, e estacionou no triangulo geographico da Aquitania; o ibero, pertencendo a essa mesma raça differenciou-se d'ella pela sua entrada na Europa tendo atravessado a Africa, como se descobre pela formação do elemento berber. A tradição do *Tangolo*, accusa a homogeneidade dos dois ramos aquitanico e iberico, e conduz-nos á investigação das fôrmas porque esta divindade é ainda conhecida entre os diversos ramos das raças altaicas.

Diz Max-Muller: «Na linguagem mongol, achamos *Teng-ri* (em turco *Tangry*) e esta palavra significa primeiramente céo, em segundo lugar Deus do Céo, depois Deus em geral, e por fim Espirito ou demonio, em bem ou em mal.» (2) Max-Muller aproxima esta palavra da sua fôrma primitiva simples, de que os chinezes se servem para designar a divindade *Tien*; nas relações historicas ácerca dos Hunnos, pelos escriptores chinezes, conservam o nome que os Hunnos davam aos seus chefes, que era *Tangli-kutu* (Tchen-jü) que significava Filho do Céo, nome ainda hoje

(1) Sobre o nome d'esta raça e suas designações, vid. Le-normant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 325.

(2) *Science des Religions*, p. 124.

peculiar dos imperadores da China (*Tient-tze*, correspondendo ao antigo *Tangli-kutu*). «De tudo isto, continua Max-Muller, concluo que o *Tangli*, dos Hunnos, o *Tengri* dos Mogões, e o *Tien* dos Chinezes não são senão um mesmo nome.» (1) Max-Muller leva mais longe a comparação, remontando aos Tukin, ou antepassados dos Turcos, que chamavam aos Espiritos do seu fetichismo Pur-Teng-i-li, sendo o *Teng-i-li* conservado ainda no *Tengri* dos Mongões, e com o mesmo sentido geral de Espirito na palavra *Tangara*, do yakute moderno, bem como entre os christãos convertidos da Siberia, os Santos são designados *Tangara*.

A forma a mais antiga é a accadica *Dingir*, degenerando em outras designações como o *Tenghiri* do Hing-Na, em *Tagri* de Tatar-kusch, no *Tangry* dos Turcos, e no *Tengli* dos Hunnos, cujas aproximações são confirmadas pelas correlações ethnicas de outras raças altaicas.

Como explicar o segundo elemento *Mangro*, ligado a *Tangro*? Nas Inscrições lapidares da península hispanica, publicadas pela Academia de Berlim, apparece com frequencia o nome da divindade *Manyos*, agglutinado com o de outras divindades como em *Aegia-Muni-Aegus*, *Ael-MANFUS*, e *Bor-MANICUS*. Como é sabido, a religião dos Persas soffreu uma transformação no Magismo pelo contacto dos Medas com as tribus turanianas; assim *Dranga* e *Angro* são derivados de alguma das formas *Tangry* ou *Tengri* e a divindade malevola dos Persas *Anromainyus*, isto é, o espirito que mata é a que na península hispanica se conserva na tradição inconsciente de *Tanglo-Mango*, *Tranglo-mango* ou *Tangro-Mangro*. (2)

(1) *Science des Religions*, p. 125.

(2) Nas inscrições cuneiformes do rochedo de Behistun (Tabl. 4, § 4) *Dranga*, é a personificação do mal na mentira — No Peral chama-se ao diabo *Diangras*.

Na parlenda portugueza ha ainda um sentido explicavel pelo sacrificio a *Angromaynias*; diz-se na parlenda de Penafiel:

Nasceram dez meninas
 Mettidas dentro de um fole;
 Deu-lhe o Tangro-Mangro n'ellas
 Não ficaram senão nove. (1)

Na versão de Lisboa, diz-se tambem:

Minha mãe teve dez filhos
 Todos dez dentro de um pote,
 Deu-lhe o *Tangro-Mangro* n'elles,
 Não ficaram senão nove.

Saco y Arcs, colligiu da tradição popular da Galliza a Parlenda semelhante ás versões portuguezas, em que se allude tambem a meninas, que foram eliminadas:

Elas eran once damas
 Todas amigas d'o xuez,
 Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas
 Non quedaron senon dez.

D'aquellas dez que quedaron
 Foran xugar o probe,
 Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas
 Non quedaron senon nove.

D'estas nove que quedaron,
 Deran en comer biscoito,
 Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas
 Non quedaron senon oito.

(1) *Zeitschr. f. rom. Phil.*, III, 199.

Segue-se a fôrma dithyrambica ennumerativa até um, como na versão de Penafiel :

E esse um que ficou
Foi vêr amassal-lo pão,
Deu-lhe o *Tangro-mangro* n'elle
Acabou-se a geração.

Lenormant aponta o facto contado por Plutarcho, de offererem os Magos a *Angro-Mainyus*, em sacrificio a herva dos charcos chamada *omomi*, (evidentemente o *haoma*) e de Herodoto referir da mulher de Xerxes «princeza interinamente entregue á influencia dos Magos, *sacrificando sete meninos* ao deus das trevas e das regiões inferiores. Elle representa tambem um sacrificio analogo como operado em honra do mesmo deus na passagem do Strymon, na marcha dos Persas sobre a Grecia.» (1) Aqui temos o nome da divindade malevola coincidindo com a fôrma cultual; são dez *meninas*, onze *damas*, ou doze *freiras*, em quem dá o *Tangro-mangro*, e que desaparecem, como n'um sacrificio.

Abaixo comprovaremos esta interpretação com a existencia em Portugal do culto do *haoma*, tal como o comprehendeu a religião do magismo.

O Menhir de las *Virgenes*, dos Monumentos megalithicos da Andaluzia, figurou por ventura essa divindade, por isso que o povo canta ainda ácerca da pedra :

Jilaca, jilando,
puso aqui este *tango*,
y *Menga* y *Mengal*
lo volvió á quitar. (2)

A fôrma hespanhola de *Tangomáo*, acha-se tambem

(1) *La Magie chez les Chaldeéns*, p. 206.

(2) *Los Aborigenes ibericos*, de Tubino, p. 24.

na *Arte de Furtar*, do padre Vieira, nas Ordenações philippinas e no Vocabulario de Bluteau. (1) Não é para admirar que na tradição portugueza persistam certos vestigios dos ritos magicos da Chaldêa, renovados sob a fôrma do magismo medo-persa, confluindo ainda pela acção dos Romanos, Judeus e Arabes. Os povos ibericos encontraram nos novos povoadores da peninsula condições para a revivescencia dos seus caracteres ethnicos, pois que, como diz Lenormant: «para a antiguidade *grega* como *romana*, como tambem para a tradição *judaica* e *arabe*, o Egypto e a Chaldêa são as duas fontes de toda a magia erudita.» (2)

Vejamos agora a outra fôrma do sacrificio a *Angromainyus* «consistindo na offerta da erva do charco chamada *εμωμη* — evidentemente o *haoma* — borrifado com sangue de lobo e collocado em um logar escuro.» (3) Nas Orações populares existe uma entidade demoniaca chamada o *Bo Home*, na qual vem uma allusão á planta que dá o liquido sagrado do *Soma*; eil-a como a colligiu Leite de Vasconcellos:

O *bo Home* me deu pousada,
A má mulher me fez a cama,
Em cima das *vides*,
Em cima da lama.
Vae-te dada
D'esta mama.

(1) É apreciavel o estudo philologico de Manuel de Mello, (na *Revista brasileira*, t. vi, p. 163) onde diz: «a expressão *Tangoro-mangoro*, variamente pronunciada (*Tangano-mango*, *Tango-marango*) figura como estribilho de um lundu ou cantiga popularissima no Brazil, analoga a uma ou outra das *formulettes numeratives* inseridas por Eugène Rolland na *Melusine*, e por Ph. Kuluff nas *Enfantines du bon pays de France*.»

(2) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 70.

(3) Lenormant, citando Plutarcho, *De Is. et Osir.*, p. 369, ed. Reiske.

A Oração é applicada como parte esconjuratoria dos remedios contra a espinhela e para talhar a *dada* (inflammação das glandulas mames), mas liga-se a uma lenda arranjada pelo povo sobre elementos tradicionaes não comprehendidos. Na versão de Ourilhe, a lenda entra já na Oração :

O Senhor pediu pousada
Bom homem lhe deu pousada ;
 E má mulher lhe fez a cama.
N'uma grade sobre a lama ;
 Sâra peito, sâra mama.

As *vides*, a grade ou caniço *sobre a lama*, são a herva *omomi*, sacrificada no logar escuro ; a mesma tradição existe na Andaluzia (1) e na Galliza, com o titulo *La yerba de Bon-Varon*, (2) o que nos aproxima da sua origem mythica. O *bo Home*, é uma personificação popular do *Hom* ou *Haoma*, a planta que desempenhava no culto mazdeano a principal funcção. Diz Alfredo Maury : «Personificado em uma verdadeira divindade, o *Hom* (o *omomi*, segundo Plutarcho) assim como o Soma dos Aryas, apresentava-se á imaginação como genio da victoria e da saude, como um mediador, ou uma divindade que, sob uma apparencia sensivel e material, se deixava beber e comer pelos seus adoradores, e conservava no coração a pureza e a virtude.» Em nota acrescenta : «O *Hom* acabou por ser um verdadeiro propheta, que annuncia a palavra santa.» (3) Pela oração portugueza do *Bo home*, vê-se que a crença popular lhe dava virtudes medicinaes ; mas a personificação em fôrma de lenda teve um

(1) Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*, t. I, 444.

(2) *Cuestionario del Folk-Lore gallego*, p. 44, n.º 353.

(3) *La Magie et l'Astrologie*, p. 37.

desenvolvimento litterario e artistico em Portugal como vamos provar. A mandragora na Edade media tambem foi personificada no *homunculo*. A crença do *Bom Homem*, que apparece em França no jogo do *Petit Bot Homme*, é um resto do Manicheismo que penetrou no Occidente, introducindo no christianismo o dualismo medo-persa. (1)

O poeta Francisco Lopes, livreiro, o auctor do *Pas-satempo honesto*, e de tantas composições populares do seculo xvii, escreve umas Redondilhas sobre a lenda do *Homem bom*; este opusculo extremamente raro acha-se descripto pelo fervoroso bibliophilo Fernando Castiço no *Boletim de Bibliographia portugueza*. O titulo é d'esta fôrma: *Sam | Homem Bom | Pay dos Pobres. | Nascimento, cria | ção Vida, Morte & Milagres...* Em Lisboa, Por Matheus Pinheiro. mdcxxviii (In-12, de 44—69 fl. numeradas na frente.)

O poema é escripto em quintilhas em numero de 522, e dividido em seis cantos. O sr. Castiço transcreve as seguintes estrophes :

Canto de hum homem divino
 Donde homens exemplo tomem
 E foi de tanto bem dino
 Que logo se chamou *Homem*
 Inda bem não foy menino.

A razão d'este nome é explicada n'esta outra quintilha :

Pergunta o prelado grave
 Como chamar-se queria ;
 O pay que dizer-lh'o hia,
 Ouviu-se hua voz suave
 A qual *Homem Bom* dizia.

(1) Vid. o nosso vol. 1.º, p. 308.

Bom Homem é a fôrma como apparece nos versos esconjuratorios portuguezes, e *Homem bom* em Andaluza. Na cidade de Braga, havia na porta por onde faziam ingresso os novos bispos um nicho na parte interna do muro, com a figura a que o povo chamava *S. Bom Homem*. O sr. Fernando Cástiço cita tambem um *Sermão* feito pelo Licenciado Thomaz de Barros da Costa a *Sam Bom Homem, que está sobre uma porta da cidade de Braga*, em 1630. (1) Evidentemente é este o objecto da lenda cujo ultimo vestigio se conserva nos ensalmos, e nomes topicos, como *Santo Varão*, proximo de Coimbra.

Como vimos anteriormente, muitas entidades demoniacas derivam do culto solar, como o *Lobishomem*, (lupi-mannari, na Italia) a que no Minho se chama *Corredor*, e *Fado corredor*, (Guimarães) *Peeira* e *Lo-beira*. Nas encruzilhadas ha um sitio a que se chama o *espojeiro*, onde os que correm fado mudam de figura; nas crenças finlandezas *Pohja* é a região sombria onde existe a noite e se perdem os heroes, e d'ali é que se expandem os demonios pelo universo. Segundo a concepção dos quatro elementos, assim existiam entidades para o ár, como os *Sylphos*, para a agua, as *Ondinas*, para o interior da terra ou os *Gnomos*, e para o fogo ou as *Salamandras*; na tradição portugueza existem entidades analogas, porém com nomes diversos. O *Trasgo* é em Traz os Montes e Douro um demonio do nevoeiro, como o *Nubeiro* da Galliza. Bluteau falla d'esta entidade, da qual diz Filinto Elisio: «Creio que ainda em Portugal dão o nome de *Trasgos* aos *Fradinhos da mão furada*.» (2) O epitheto da *mão furada* é dado tambem por Antonio Prestes ao *Pezadello* ou *Insonho*. (3) O nevoeiro é repellido

(1) *Boletim de Bibliographia portugueza*, t. I, p. 86.

(2) *Fabulas de Lafontaine*, p. 276.

(3) *Autos*, p. 355. Ed. Porto.

para longe por toques de sino (Foz do Douro.) Das aguas, temos as *Sereias*, entidades que da tradição classica passaram para o povo portuguez ; nos Açores chamam-lhes *Marinhas*. Nos *Cantos populares do Archipelago açoriano* colligimos :

A *Sereia* quando canta,
Canta no pégo do mar,
Tanto navio se perde,
Oh que tão doce cantar.

Sobre o poder do canto das *Sereias* ou *Marinhas*, fallam dois romances açorianos :

«Escutae, se quereis ouvir
Um rico, doce cantar ;
Devem de ser as *Marinhas*
Ou os peixinhos do mar.
— Elle não são as *Marinhas*,
Nem os peixinhos do mar,
Deve ser Dom Duardos
Que aqui nos vem visitar. (1)

Gil Vicente tambem allude a estas *Fadas Marinhas*: «e vem as *Fadas marinhas* cantando a seguinte cantiga.» E accrescenta :

Vae logo ás *ilhas perdidas*
No mar das penas ouvinhas,
Traze trez *Fadas marinhas*
Que sejam mui escolhidas. (2)

Na ilha de S. Thiago, do archipelago de Cabo Verde, cré-se na entidade *Hiram*, que é sempre a ultima de sete filhas nascidas consecutivamente ; tem corpo franzino e cabeça grande e ao fim de doze annos trans-

(1) *Cantos do archip. açoriano*, n.º 32 e 28; p. 271 e 259.

(2) Comedia da *Rubena*.

forma-se em Serpente e vae viver no mar. (1) As tribus da Guiné adoram a *Hiram* em um templo que se chama *baloba*. (2) Nos Highlandes ha uma entidade chamada *Famhairans*.

A *Mãe d'Agua*, analoga ás Nixen germanicas e *Russalki* slavas, figura nos cantos populares do Brazil; no Peru chamam-lhe *Madre de las Aguas*, e na Cayenna chama-se *Mamman dilo* (maman de l'eau), vindo á superficie da agua pentear-se, attraíndo os incautos que a vêem. É uma variante da *Sereia*. (3)

Á tradição classica da *Sereia* prende-se essa outra do Cyclope, que na tradição portugueza se chama *Olharapo*, e *Olhapim*; na Beira Alta, crê-se que tem um só olho na testa; em Cabeceiras de Basto, que tem trez olhos, vendo para traz e para diante. Ha tambem *Olharapas*. Segundo Menendez Pelayo, o *Ojancano*, em Hespanha parece-se com a figura do gigante Polyphemo, cuja lenda, segundo Costa, é popular na Cantabria e Andaluzia. St. Prato determina em alguns contos italianos esta entidade com o nome de *Occhiaro*, e de *Minocchio* (de *monoculus*.) Em Arouca crê-se que são gigantes. (4)

Das entidades terrestres, a *Moirá* ou o Mouro encantado distingue-se por habitar em covas ou algares

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1872, p. 195.

(2) Sousa Monteiro escreve «nas occasiões importantes se offercem sacrificios não só de mantimentos, mas tambem de animaes volateis ou quadrupedes, com tanto que sejam de côres oppostas, que as aves sejam brancas quando os quadrupedes forem pretos.» *Pan.*, t. xii, p. 71.

(3) Nos *Apologos dialogaes*, (p. 47) cita-se as *Fadas de Mãe*; aqui temos a ultima reminiscencia do culto das *Mães*, essas divindades femininas dos Gaulezes, de que apparecem inscripções na Corunha e em Sepulveda, e que se acham na Scandinavia confundidas com as *Nornes*, e em França com as *Bonnes Dames*.

(4) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 273.—Stanisláo Prato, *Gli ultimi lavoro del Folk-lore neo-latino*, p. 7.

profundos guardando thezouros, ou *averes*. Na sentença de Francisco Barbosa, por alcunha *O Tio de Massarellos*, se diz que «promettia também descobrir thezouros e minas de muitas leguas... convidando logo para esta empreza muitas pessoas de ambos os sexos, segurando-lhes, que dentro de um Mineral achariam doze Moiros ricamente vestidos com seus espadins nas mãos, e outras tantas mouras muito bem adereçadas, com saias bordadas, e muitas peças de ouro, e diamantes...» (1) No processo de Rosa Maria, confessa estar «lembrada de ter ouvido a varias pessoas, que n'aquelle logar (em Gaviam) *haviam muitas Minas do tempo dos Mouros...*» Alberto Magno escreveu no livro *De Animalibus*, que existiam umas formigas chamadas *Mur*, que guardavam montes de ouro. (2) Evidentemente ha sob o nome de *Mouras* syncretismos de elementos de proveniencias diversas; os gregos chamavam ás suas parcas *Moirai*, e a *meir* celtica ou a *moer* scandinava têm o caracter de virgem, como as que penteam os cabellos á borda dos lagos, ou as que vaticinam. A entidade que aqui fixamos é principalmente a das cavernas, de que o *ecco* é a voz de uma Moura.

Certos objectos materiaes também têm o poder de entidades demoniacas; taes são as *espadas magicas*. Na Chronica anonyma do Condestavel, falla-se na espada invencivel temperada pelo alfageme de Santarem. Em Jornandes vem a lenda da espada desenterrada que levaram a Attila: «Alegrou-se Attila e viu que o imperio do mundo lhe seria destinado, pois que a espada de guerra que os Scythas desde longo tempo olhavam como sagrada lhe cahira nas mãos.» (3)

(1) No *Instituto* de Coimbra, t. x, p. 130 a 134.

(2) «custodiunt montes aureos, et homines accedentes discepunt, etc.» Ap. Berger de Xivrey, *Trad. Teratologiques*, 265.

(3) *De rebus geticis*, cap. 35.—Grimm, *Trad. allem.*, t. II, p. 20.

O tio de Massarellos, para descobrir thezouros «mandava aos homens que haviam de ir na sua companhia, que por certo numero de vezes *beijassem as espadas e as puzessem no chão nuas...*» Nas *Operas do Judeu* vem: «com poucos dias de nascido, me punham á *cabeceira uma espada nua* por causa das bruxas.» (1)

O *chifre* é empregado para afastar o quebranto ou acção malefica: «Em muitas marinhas (Aveiro) vê-se espetado n'uma vara um retorcido *chavelho*, como amuleto de virtudes poderosissimas contra os maleficios das *bruxas* e contra o máo olhado de certos visinhos.» (2) O nome de algumas entidades demoniacas tornou-se um insulto, como *Caipira*, dado aos antigos partidarios do absolutismo, e aos gatunos; deriva da divindade malevola dos selvagens do Brazil *Caipora*, e na linguagem usual do Rio de Janeiro *caiporismo* significa a infelicidade, o *azango*, o *callistismo* e *enguicho*.

O terror das *almas penadas*, ou *do outro mundo*, é vulgarissimo: «Gentes ha que não duvida dispender com benzedeadas e impostores todo seu haver, como se lhes figure que em sua casa anda alma do outro mundo.» (3)

O caracter de entidade demoniaca tambem se reconhece em determinadas pessoas; chama-se *Tanso* á pessoa desageitada ou mal fadada. Esta palavra deriva de um antigo sentido historico; o povo dos Hiougnou, antepassado dos chinezes, dava ao seu chefe o nome de *Tanshu* (de *Tian-shu*, filho de Deus). É crível que esta palavra entrasse na Europa com a invasão dos Hunnos, e se renovasse com o terror dos Tartaros. Nos paizes bascos a palavra *Tartarius*, designava os

(1) *Operas portuguezas*, t. I, p. 116.

(2) Maia Alcoforado, *Museu tecnologico*, p. 68.

(3) *Panorama*, t. VII, p. 408.

hereticos albigenses ; (1) e Antonio Prestes cita a entidade : «Por esta *tartaranha* má.» (2) O nome de *Tártaro* apresenta as contracções populares *Tatro*, *Trado*, e *Tardo*, com que no Minho e Douro se designa o Diabo. Seja como for, o poder magico do *Tanso* conserva a sua localisação nos reis, cuja pessoa é *sagrada* segundo o fetichismo da Carta de 1826. O historiador João Muller nota a tradição popular franceza sobre a virtude curativa dos reis n'aquella nação. Em um romance cantado em Extremoz sobre os milagres da rainha Santa Isabel, allude-se a esta mesma virtude :

Estando a santa um dia
 Na sua sala sentada,
 Chegou-lhe um *pobre chagado*
 Se o podia *remediar* ?
 Ella lhe disse
 Com palavras de amor :
 «Mandarei chamar o doutor,
 Que vos haja de curar.
 — Senhora, se queredes
 Ter o vosso coração inflammado,
Deitae-me na vossa cama
Que eu serei remediado. (3)

Da rainha D. Maria I conta Beckford (Carta IX) a virtude curativa : «de uma *perola da rainha* defuncta, e de inestimavel valor, moida para se engolir em beberagens medicinaes...» Os *loucos* e *cretinos* são consagrados em quasi todas as povoações ruraes da Europa, da mesma forma que entre os Esquimaus ; era talvez este o motivo da veneração pela rainha *louca* D. Maria I.

(1) Francisque Michel, *Le Pays basque*, p. 227.

(2) *Autos*, p. 308. Tambem diz : «Um *busaranhas* tortas.»
 p. 33.

(3) Pedroso, *Contribuições para um Romanceiro portuguez*.

Os *padres* tem um caracter de azango entre o povo. Diniz, no poema do *Hyssope*, consigna a crença do Alemtejo e Minho do poder das mães e irmãs dos frades curarem as lombrigas e benzer feitiços :

O benzer dos feitiços e lombrigas
 O grande e extraordinario privilegio
 De irmãs e mães de frades, e outros pios
 E santos institutos que inventaram
 Devotos e subtis nossos antigos,
 E que nós pelo povo propagamos,
 Com zelo e com destreza, maiormente
 Entre o devoto, feminino sexo
 Inda pingando vão de quando em quando. (1)

Santa Rosa de Viterbo fala de uma classe de individuos chamados *Caragos* ou *Carajus*, que fabricavam as *Carantulas*, imagens, linhas, cifras ou caracteres magicos, prohibidas no Alvará do tempo de D. João 1: «Estes *Caragos* faziam os seus encantos, particularmente ás sementeiras; aproveitavam-se do canto das aves para os seus agouros, chamavam os demonios com certas figuras...» (2) O nome de *Carago*, é hoje uma interjeição plebêa. Os *Bentos* são aquelles individuos dotados de poderes magicos contra as doenças, por isso que *choraram no ventre da mãe*; este phenomeno é attribuido a Wainamoinen, o heroe mythico da epopêa finlandeza *Kalevala*; nos contos zulus, Outhlakanyana tambem teve esse dom. O feiticeiro Luiz de la Penha declarava ter chorado no ventre materno. Leite de Vasconcellos retrata-nos um *Bento* da Beira Alta: «Este homem de virtude tinha *chorado no ventre materno*, porque ninguem é bento sem tal condição. Todas aquellas povoações por ali em volta,

(1) Edição de Castro Irmão, p. 194.

(2) *Elucidario*, vb.° CARANTULAS.

inclusivamente Lamego, o chamavam nas doenças. Elle tinha um ár grave, uma voz pausada, e grossa, como de propheta,— só gostava muito do liquido de Sam Martinho. Quando o rogavam, montava na sua burrinha, punha os alforges adiante, lançava um Santo Christo ao pescoço, e lá ia curar a humanidade enferma. As suas receitas não se afastavam das de todos os charlatães : uns chás de hervas seccas, umas bebidas de camisas queimadas dos doentes (*fervedouros*, do seculo xvii) umas rezas, e eis tudo. A justiça por vezes o tinha interrompido nas funcções sagradas ; mas nem o olhar austero do juiz, nem as paredes negras do calabouço o puderam afastar do caminho seguido. Elle *chorara no ventre da mãe* ; recebia de toda a parte as provas evidentes da sua virtude ; ao longe estendiam-lhe os braços ; em casa, á porta, sempre uma multidão de doentes, como eu presenciei ; que mais queria elle. Não costumava receber dinheiro ; recebia fructa, carnes etc. ; para isso levava sempre os alforges em cima da burrinha. Outras vezes tambem os parochos das freguezias corriam-no, e elle, sempre firme na sua missão predestinada, o mais que lhes dizia, era : *Eu cá sou bento, e vós não.*» (1)

Depois dos Bentos, e *Benzilhões* (Alemtejo) temos os *Saudadores*, typo commum a toda a peninsula ; esta classe acha-se prohibida de exercitar-se pelo titulo citado da Ordenação manuelina.

No *Tesoro de la lengua castellana*, escreve Covarruvias : «*Saludar vale curar cõ gracia gratis data, y a lo que esta tienen llamamos Saudadores, y particularmente saludan al ganado, pero yo por cierto tengo*

(1) *Encyclopedia republicana*, p 188. Lisboa, 1882. Subsiste esta crença na provincia do Espirito Santo : «*Quem ouve chorar uma criança no ventre materno deve guardar segredo para que ella seja afortunada.*»

averse dicho de saliva, salivador, por tener en ella la virtud de sanar, y assi los saludadores dan unos bocaditos de pan al ganado cortados por su boca y mojados en su saliva.» No livro do dr. Gaspar Navarro, *Tribunal de Supersticion ladina*, de 1631, se lê: «Estos *Saludadores*, principalmente se emplean en curar ó preservar á los hombres, bestias y ganados del mal de rabia... y para encobrir la maldad, fingen ellos son familiares de Santa Catalina, ó de Santa Quiteria, y que estas santas les han dado virtude para sanar de la rabia, y para hacerlo creer á la simple gente hanse hecho imprimir en alguna parte de su cuerpo *la rueda de Santa Catalina*, ó *la señal de Santa Quiteria*; y assi con esta fingida santidad, traen á la simple gente enganada traz si, y saludan con su saliva y aliento (*bafo*) no solo á los enfermos, mas tambien á los sanos: y saludan el pan y lo mandan guardar por reliquias...» (1) Aqui apresenta-se um bello caso da fôrma e intuito da *tatuagem*. Na Ordenação manuelina prohibe-se *ter cabeças de saudador*; Cepeda y Gusman, e Quevedo referem-se ao costume de trazerem os saudadores sempre consigo uma cabeça de Christo.

Aos Saudadores contrapõem-se os *Semeadores da Peste*; no Repertorio do Archivo da Camara municipal de Lisboa, entre 1630 a 1632, fala-se dos *pós pestiferos*: «O vereador Diogo da Cunha estivesse em Belem, quando se temiam os pós, que se dizia traze-rem os estrangeiros para causarem peste.» E mais: «Ao provedor da saude de Belem, se concedeu usar vara vermelha, emquanto Diogo da Cunha permanecesse em Belem, e *por causa dos pós*, que se dizia traziam pessoas suspeitas.» Estas credices surgiram

(1) Disp. xxxi, fl. 89-90. Ap. Marin, *Cantos populares españoles*, t. II, p. 443.

por effeito das noticias atterradoras da peste de Londres, de 1631. (1)

As *crianças* ainda hoje tem character magico, sendo chamadas para fazerem o *sorteio* das loterias. No processo de Luiz de la Penha falla-se na adivinhação por meio das crianças, e com as quaes curava os infeitiçados: «curava infeitiçados, mas que o não podia fazer senão por meio de *crianças pequenas...*» (Libello, articul. 2.) Alfredo Maury cita esta fôrma divinatória: «Didius Juliano recorreu á adivinhação que se pratica com um *espelho*, detraz do qual crianças cuja cabeça e olhar foram submettidos a certos encantamentos lêem o futuro, segundo se diz.» Na Ordenação manuelina prohibia-se o *ver em espelho*, ou em qualquer cousa reluzente. Em uma carta de D. Jorge de Noronha de 24 de março de 1579 a Philippe II, diz que Portugal lhe pertence, «que o reino de Portugal é de S. M. e que pôde vir quando quizer, *porque até as crianças cantam* que todo o seu remedio está em sua magestade.» (2)

As *velhas* têm entre o povo um character demoniaco, sendo as fadas sempre representadas como velhas; os Albanезes, tribu representante dos primitivos indoeuropeus, chamam ás suas Fadas *Vyles*; no paiz de Gales *Wyll* ou *gwyll*, significa o spectro, a feiticeira, e no islandez *vala*, é a sombra que vaticina. (3) Em uma aldeia do Minho chamavam a uma velha surda a *Noca*; segundo Leroux de Lincy, os dinamarquezes chamam *Nokhes*, aos elfs ou fadas aquaticas, que tambem tomam a fôrma de velhas nas suas aparições. (4)

(1) Guimarães, *Summ. de varia historia*, t. III, p. 145, onde cita o livro que sobre este assumpto escreveu Frei Manuel de Lacerda.

(2) *Pan.*, t. VIII, p. 346.

(3) Malte-Brun, *Geograph.*, t. IV, p. 344,

(4) *Livre des Legendes*, p. 161.

As *velhas* é que povoam a classe das *bruxas*; os highlandes da Escossia, chamam *Gruagach*, aos espiritos familiares e aos feiticeiros, nome que se pôde aproximar da designação portugueza.

Os homens que sabem ler, e mesmo a *letra redonda*, exercem um grande perstigio na imaginação popular; o estudante deu o typo magico do *Seclar* ou *Escolarão*, (Bragança) *Escoler*, (Galliza) e no poema do *Roman de Troie* chamam-se «*oeuvres tregetees*» (1) as que são feitas pelos encantadores ou ningromantes, aos quaes o rei D. Duarte chama *Tergeitadores*, e nos contos populares portuguezes, *Esturgeitante*. No Algarve a palavra *Free-Maçon*, com que no seculo XVIII se designava o Pedreiro-Livre, a portuguezou-se na fórma de *Flamazão*, com um character demoniaco que se attribue a todos os que hostilisam os padres.

As personificações desdobram-se em novas entidades; *Artes da Madre Celestina*, é uma locução vulgar nas ilhas dos Açores, e frequentemente empregada por Jorge Ferreira de Vasconcellos; provém evidentemente do typo da alcayota da comedia *Celestina* de Rojas. A concepção do inferno é personificada na *Caldeira de Pero Botelho*:

E por seres tensoeira
E nom tomar meu conselho,
Lá verás de que maneira
Te chanta *Pero Botelho*
Na sua infernal *Caldeira*. (2)

O Diabo é designado por muitos nomes, que se tornam entidades, como *Mafarrico*, *Pedro de Malasartes*. No *Livro dos Pregos*, da Camara municipal de

(1) Joly, intr., p. 226. No *Livro velho das Linhagens* lê-se de Pedro Munda «que dizem que foi *sepolo* do Demo.»

(2) Simão Machado, *Comedias portuguezas*, p. 181.

Lisboa, descrevendo-se a ordem dos officios e misteres na procissão do Corpo de Deus, vem: «Çapateiros com o Dragão, II Diabos, e 2 *provincos*.» Na linguagem popular dos Açores usa-se reprehender as crianças turbulentas chamando-lhes *Previnco* mão. Também na Beira Alta «As crianças turbulentas dá-se o nome de *Probinco*, e diz-se que o *Probinco* é o diabo.» (1) A palavra deriva evidentemente de *per vinculum*, e confirma-se pela operação magica de *atar o rabo ao diabo*, para que as cousas perdidas appareçam; (Gaia) em Braga *ata-se a perna ao diabo*, amarrando um lenço á perna de uma cadeira, e diz-se a fórmula:

Aqui te amarro, diabo,
 Aqui te amarro o teu rabo,
 Á perna d'esta cadeira,
 Em quanto não apparecer (*a cousa perdida*)
 Aqui hasde padecer. (2)

No entremez do Anjo, do Conde de Vimioso, entra em scena um diabo amarrado; tal é o *previnco*, que se contrapunha á locução *anda o diabo á solta*, e que se tornou uma palavra injuriosa. Ainda diz D. Francisco Manuel de Mello: «Vamos vêr a procissão. Lá vem o Diabo na Dansa com as bexigas.» (3)

O pessoal magico popular: Benzedores e Sortilegos.
 — Segundo a antiga concepção árica, que chegou a representar-se no Rig-Veda, a Magia tinha dois aspectos, um bom, que era a obra divina com que se combatia ou atalhava a obra malefica dos Rakshas e dos Suras, cujo poder se contrapunha ao dos deuses. No pessoal magico portuguez ainda temos esta concepção primitiva, em que os *Sortilegos* empregam as

(1, 2) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 315 e 313.

(3) *Feira de Anexins*, p. 133.

Conjurações, pragas e imprecações que fazem mal, e os Benzedores ou *Benzilhões*, que sabem os Ensalmos para curar as doenças, e as Orações que protegem o individuo em todos os actos da sua vida, quando come, dorme, viaja, ou quando ha trovoadas, sabendo *degradar sombras, cortar o ar, e os feitiços, e descobrir thezouros*.

Estes poderes, maleficos ou benéficos, residem na Oração! É este o pensamento fundamental de todos os cultos e de todas as theologias antigas, e a razão de ser do corpo sacerdotal, como se observa na classe brahmanica. Deus não existe, é a *Oração* que o cria, e que por si mesma se torna Deus; e aquelle que sabe a Oração tem em si a divindade e chega a substituir-se a ella. Tal é o sentido expresso na palavra *Brahman*, que significa a Oração, o acto cultural, a divindade creada pela palavra, (o *Logos* johanino) e por fim o proprio sacerdote brahmanico, que sabe trazer á sua vontade o Deus incorporeo, e que chega a substituir-se-lhe. (1) Postoque esta concepção appareça na India e no Occidente em epochas de elevada abstracção theologica, comtudo ella tem raizes populares que subsistem ainda, nas praticas em que a Palavra rythmica, dialogada, aliterada ou desconhecida se impõe com um perstigio sobrenatural na fórma de Oração omnipotente á credulidade do vulgo.

Sem este ponto de vista é impossivel comprehender a variedade e a persistencia das Orações populares. João de Barros, cita os *cegos rezadores*, do seu tempo: «os officiaes publicos cuja profissão é papel e tinta, que a não tiverem de letra redonda, não sabem rezar hua oraçã per ella, e pela tirada tam mais correntes que *um cego na Oração da Emparedada*.» (2) Nos *Religios*

(1) Gubernatis, *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 472.

(2) *Grammatica*, (1539).

fallantes, allude D. Francisco Manuel aos *Cegos rezadores* (p. 24); e no *Escriptorio de Avarento*, acrescenta: «já sabeis que muito poucas d'aquellas mulheres (as regateiras) tem de christãs, ainda mal, mais que o nome, e com isto assim ser, são a propria pontualidade em assalariar um cego que lhe rese pelos mortos, em quanto ellas vão acabando com os vivos. Era meu primeiro amo o cego de sua obrigação e seu fiel mercieiro, que a troco de 30 réis por mez, que não val mais devoção tão suspeitosa, lhe resava 30 mil desvarios por hora; não deixava *Testamento de Pilatos; Despedida ou apartamento da Alma*, e *Imperatriz Porcina*, que em toada lhes não rezasse.» (1) Os Indices Expurgatorios do seculo XVI prohibem muitas d'estas Orações. A mãe de Filinto Elisio ainda pagava aos cegos rezadores, para lhe recitarem na quaresma as quadras da *Fortaleza divina*. Assim como a Oração é a boa palavra (*sumna*, o hymno) tambem póde ser a imprecação, a *praga*, que se atira e com que se fere.

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, ha preciosas amostras das imprecações ou conjurações populares; eis as *Palavras de encantamento* que empregava:

Eu te encanto,
 E te recanto,
 E sobreencanto,
 Com todos os encantadores,
 E com a Casa Santa de David,
 E com a hostia consagrada
 Se é assim. Alleluia, Alleluia !
 S. Marcos te amarque,
 S. Manços te amance ;
 A graça de Deus e do Espirito Santo te abrande.
 A hostia consagrada te encarne ;
 Quando me vires

(1) *Apologos dialogaes*, p. 94.

Em mi te remires,
Quando me não vires
Por mim gemas e suspires.

Para *evocar a alma de um defuncto*, diz Luiz de la Penha: «Por-se-ha uma pessoa em pé huma hora, com um rolo acceso diante de si de cera, ha de resar trinta e trez credos, e trinta e trez ave-marias, e trinta e trez padre-nossos, e antes que rese isto dirá d'esta maneira :

Deus he luz, luz e Deus,
Resquiescant in pace
Pelos Fieis de Deus.

«E isto trez vezes ; depois ha de dizer :

Alma santa desamparada,
a este mundo sejas tornada
e de Deus sejas desconjurada.

Por aquelles desejos, ardores e fervor,
que tendes de vér a Deus nosso Senhor,
vos peço me venhaes fallar,
me respondeis ao que souberdes ;
e isto que aqui reso
não vol-o offereço nem vol-o dou
até me não virdes fallar ;
e se me vierdes fallar dar-vos-hei
tudo o que até agora resei
e me pedirdes.

«E isto ha-se de fazer todas as noites até que a alma lhe venha fallar e apparecer. (1)

(1) Ap. *Positivismo*, t. III, p. 203.

Ha tambem nos Processos da Inquisição as *Orações para matar*, como a seguinte :

Anjos do céo, justos da terra,
Santos Fieis de Deus,
D'alem mar, d'aquem mar,
No Monte Olivete vos ajuntae,
E por Jesus Christo chamae,
No seu coração gritae
Por (*o nome da pessoa*)
Que não durma !
Que não coma !
Que se afogue !
Que se mate !
Que se enforque !
Por tal santo e tal santa,
E que seja logo e logo e já. (1)

Para fazer mal a uma pessoa, apanha-se terra de uma sepultura e espalha-se á porta d'ella, espreitando-a se a calca com o pé esquerdo, porque então apanha-se depois, guarda-se e essa pessoa nunca mais tem fortuna. (Leiria.) E para se livrar d'este mal, a pessoa entra na igreja, abaixa-se, apanha para traz o primeiro objecto que está á mão, e mette-o na pia da agua benta. (2) As principaes *sortes* que se lançam, são para uma pessoa ser amada por outra, deitando-lhe sal á porta ; eis a fórmula de salgamento :

A porta (*de f...*) venho ressalgar,
Para meu bem e não para meu mal ;
Para que á amante que quizer entrar
Se arme tal rio, tal mar,

(1) *Sentenças da Inquisição*, t. II, p. 182, v.
(2) Pedroso, *Superst.*, n.ºs 622 e 429.

Tal guerra e tal desunião,
Como Ferra-Braz com seu irmão.

(*Deitando manchêas de sal :*)

Esta é para Caipház ;
Esta é para Pilatos ;
Esta é para Herodes,
E esta é para o Diabo-coxo
Que lhe aperte o garrocho,
Que o faça estalar,
E não possa parar,
Sem pela minha porta passar
E commigo fallar ;
Tudo o que sonhar me contará,
Tudo o que tiver me dará,
E todas as mulheres abandonará,
E só a mim amará.

(Evora.)

A *Carta de tocar* era um poderoso talisman para todos os actos maleficos. Luiz de la Penha revelou como ella se fazia : «que se avia a pessoa de despir em uma casa só com elle, e lhe avia de tirar da perna esquerda uma pequenina de carne que fizesse sangue, e que lhe poria uma pequena de massa que elle avia de fazer, e com isso haveria uma *carta de tocar*.» (Libello, art. 3.) Na *Carta de tocar* tem «declarações dos tempos e modos e cousas e evangelhos com que se ha de usar d'ellas (art. 17.)— E apoz isto outra carta de tocar... e escripto o *Evangelho de S. João*, e declarando o que se ha de fazer, e diz que se hão de dizer os trez Evangelhos em trez sextas feiras sobre ella, e que depois a hão de tornar a metel-a debaixo da terra outras tantas sextas feiras em um adro secretamente, e que depois d'isto hão de fazer as devações que n'ella diz, e que hão de tocar em sexta feira de-

pois do meio dia, e a segunda feira antes que saia o sol, com estas palavras :

Ah ! Barrabaz !
 á pessoa que quero
 por mim virás
 e farás
 o que a mim praz !

«Estas letras nos cantos do cabo, e em baixo tem umas letras em trez partes ; depois de tudo cumprido em dia de sabbado, porá debaixo de uma pedra d'ara até que se diga a primeira missa sobre ella, e então servirá ; e que hamde dizer estas palavras o dia que houver de tocar pela manhã á primeira cousa que vir :

Com dois te vejo,
 com cinco te escanto ;
 o sangue te bebo,
 o coração te parto. (Art. 17.)

«E outro papel com as *Palavras da conjuração das Cartas de tocar*, em que mette a :

Deus Padre e a Virgem Maria,
 e todos os Apostolos,
 e Santos e Santas da corte do céo ;
 e Santa *Leona*, e Santa *Trebuca*,
 e Santa *Marúta*,
 e *Montenegro* e seus irmãos,
 e companheiros que levarão
 as cartas e a esconjuração !
 E por poples, e por poples, e por poples
 lhe diga o seu coração
 e a pescadeira e o banqueiro
 e a diaba, e que morrão
 por elle todos os que forem tocados,
 e todos estejam a seus mandados,
 e lhe déem o que tiverem
 e lhe pedir, e lhe digam o que souberem.»

(Art. 18.)

D. Francisco Manuel de Mello, refere-se á «*Carta de tocar*, em materia de casamento.» (1) Esta classe dos sortilegos, 'exerce uma acção de terror entre o povo: «Tambem notamos todos os dias o terror com que alguns encaram aquella mulher que suspeitam professa nas artes da bruxaria, a quem fazem carregar com a morte das crianças, e dos gados, com as doenças prolongadas que padecem, e com todos os seus desastres.» (2) O typo da Feiticeira acha-se admiravelmente descripto por Gil Vicente no *Auto das Fadas*, coincidindo com a entidade social primitiva:

Ando nas *encruzilhadas*
 Per esconjuros provados
 Fazendo vir dez finados
 Por saber uma verdade.
 E havendo piedade
 Das mulheres mal casadas,
 Para as vêr bem maridadas
 Ando pelos adros nua,
 Sem companhia nenhua
 Senão um *sino-samão*
 Mettido n'um coração
 De gato preto e não al.

 Sempre quiz ser *solteira*
 Por mais estado de graça

 Vou pelo *alguidarinho*
 A *candea* e o *saquinho*,
 E veredes labaredas.

Este typo da Feiticeira, que adivinha o futuro e faz curas maravilhosas pertence ao tronco primitivo

(1) *Apologos dialogaes*, p. 98.

(2) N. M. Sousa Moura, *Panorama*, t. VII, p. 408.

das raças áricas, apparecendo completo entre os povos scythas, thracios, getas, gaulezes e celtas; as druidissas ou *galligovenas*, tinham o dom da visão e da prophécia, que se transmittiu ás actuaes *mulheres de virtude*. Diz Bergmann, no seu estudo sobre os *Getas*: «Esta crença dos thracios e dos Celtas na aptidão especial das mulheres-vingens para a visão e para a prophécia, foi transmittida por elles a muitos povos do ramo geta, que desde logo preferiram tambem as mulheres aos homens, mesmo para as praticas da adivinhação.» (1) Sprengel conhecia a realidade do facto eliminando o nome de feiticeiros pelo de *feiticeiras*, como notou Michelet. A Feiticeira descripta por Gil Vicente tambem se conservou donzella para ter maior poder; e como as Mulheres de Visão scandinavas, ella tambem adivinha pelo *caldeirão* (o alguidar), nas *encruzilhadas*, e emprega o *bolo do sacrificio* (bolo de trigo alqueivado.) Diz Bergmann: «A adivinhação pelo *caldeirão*, usada pelos scythas, transmittiu-se tambem aos seus descendentes os povos do ramo geta. Exerceram-na entre elles as Mulheres-Victimarias (*albirunas*) que pela inspecção do sangue das victimas, que era recolhido no *bolo do sacrificio*, prediziam os destinos e os acontecimentos futuros.» E accrescenta: «A adivinhação pelo *caldeirão* era principalmente usada nos sacrificios, como a aruspicina entre os romanos. Nos templos gregos, as grandes tripodes não eram senão os *caldeirões* primitivos do sacrificio collocados sobre a tripeça.» (2) Em Gil Vicente cita-se o *alguidar*, e no processo de Maria Antonia ha a tripeça, a que Prestes chamava *trepem*. Era nas *encruzilhadas*, ou encontro dos caminhos (*veksaman*, scyth.) que os

(1) *Les Getes*, p. 299.

(2) Op. cit., p. 296 e 299.

Scythas collocavam o caldeirão magico consagrado a Targitavus. Diz Gil Vicente :

Este caminho vae para lá,
Est'outro atravessa cá ;
Vós no meio, alguidar,
Que aqui cruz não hade estar.

Diz Bergmann : «Este *caldeirão*, como sagrado, consagrava tambem tudo o que o rodeava ; e por isso o largo da *encruzilhada*, e a fonte que ahi se achava, eram ambos designados *Veksaman-paihur*.» Desde que o bronze deixou de ter character magico, o caldeirão substituiu-se pelo alguidar e bacia ; D. Francisco Manuel refere-se a este uso : «Com sonhos e *bacia de agua* ha dias que ando de quebra. Beata despida, de cabello solto, resando por entre dentes a *Oração de Santo Erasmo*, passeando a casa em louvor de Santo André, nunca d'ella come bom bocado.» (1) Garrett no *Arco de Sant'Anna* tambem traça este retrato da feiticeira : «D'ahi com uma pieira rouca e desafinada se poz a cantar... trovas de má mente, e mão esconjuo, que lhe saiam trepidando dos beiços como espuma de feitiços que fervem n'um lar maldito em *caldeirão de trez pés*, manco, rachado e ao lume de figueira verde.» (2) O retrato mais authentico tomado sobre o vivo é o de Maria Antonia, de 1683 ; lê-se na sua sentença do Santo Officio : «sem saber lér nem escrever, curava todo o genero de enfermidade de quaesquer pessoas ou animaes, que se lhe offereciam, lançando dos corpos de outros *endemoninhados* espiritos malignos ; *fazia unir as vontades discordes entre os casados* ; *levantava os queixos da bocca* aos que lhe

(1) *Cartas*, p. 542.

(2) Cap. xviii.

cahiam, e fazia parir com bom successo as mulheres pejudadas; observando sempre os effeitos das ditas cousas especialmente ás quartas e sextas feiras da semana por as ter mais proporcionadas para os fins que procurava; usando para elles somente de *palavras, orações, benção, agua benta, terra de adro, de nove herbas, de cruces* que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma cousa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em *rios ou fontes* nove vezes uma quarta de agua, a fim de vasadas as outo, a nona servisse para remedio dos ditos males. Para a cura das quaes primeiro estremeçia e se espriguiçava e fazia visagens com a bocca cobrindo-a. Dizia que ella *tomava os males e o ar* dos ditos enfermos, aos quaes mandava que passassem por pontes escuras para traz. Dava *cartas* a que chamava *de tocar* para fins torpes e deshonestos, mandando-as metter primeiro debaixo da pedra d'ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma *meza de trez pés para cima*, pondo em cada um sua vela ou *candeia* accesa, e no meio uma imagem de *Santo Arasmo*, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quaes logo visivelmente lhe appareciam negros, e os consultava para saber d'elles como havia de fazer as ditas curas, e dada resposta desappareciam.» Gil Vicente traz no seu esconjuro: «Negro é o corvo e negro é o pez.» A *Oração de Santo Arasmo*, acha-se no mesmo processo:

Senhor Santo Arasmo, Bispo,
Arcebispo, Capellão e Confessor
De meu Senhor Jesus Christo!
Papa em Roma
Por esses ardores e fervores que tivestes
Em vosso coração quando vistes

Estes crueis inimigos a vossas ilhargas,
 Para vossas tripas vos tirarem
 Em um caneleiro encanelar
 E em o mar sagrado vol-as botar ;
 Assim, Senhor, fazei isto que vos peço.» (1)

A Oração de Maria Antonia, para *conciliar casados*, era : «Eu te desato, desligo, pelo poder de Deus, de S. Pedro, de S. Paulo e de S. Thiago.» E mandava-os lavar dez vezes em agua benta.

A *bacia de agua* era empregada para adivinhações, como na sorte do chumbo, ou na sorte das luzes. Eis a descripção de Luiz de la Penha : «Tomarão uma altamia de agua, e trez *candeas* de palmas de rolo, e cortal-as-hão de cada parte egualmente, e pol-as-hão accesas na dita altamia da banda de dentro que não chegue a *augua* afastadas umas das outras ; á primeira da mão direita porá o nome S. João Evangelista, e a segunda em nome de Nossa Senhora, e a terceira em nome da pessoa ou do que quizerem saber ; e tanto que tiver isto feito hade ser entre as nove e as dez horas da noite e hade resar estas orações : treze *patre-nostres* e treze *avemarias*, e treze *credos*, e acabando de resar cada huma oração d'estas ade beijar a terra com a bocca, e se houver de ser o que pede hase de apagar primeiro a de S. João, e se houver de ser tarde ha-se de apagar a da Senhora, e se não houver de ser o que pede ha-se de apagar a sua da tal pessoa.» (2) Na sorte do chumbo é um *gal de pedra* ou outro vaso com agua, e derramado dentro o chumbo derretido, pelas fórmulas que apresenta é que se adivinha. As sortes eram tambem empregadas para *descobrir furtos*, como vemos pelo processo de Anna Martins : «lançava sortes pegando uma

(1) Collec. de Moreira, t. I, p. 437, v.

(2) Processo, ap. *Positivismo*, t. III, p. 203.

thezoura no arco de uma peneira, e pendurada n'ella repetia varios nomes, e quando a peneira dava volta, dizia que vinha no conhecimento da pessoa, que havia commettido o furto.»

Vejamos agora a Magia benefica, que começa por desfazer o influxo das entidades do mal. Anna Martins na *Cura dos feitiços*: Benzia as pessoas: «e se estavam ausentes benzia aquella parte da roupa ou vestido que lhe traziam, repetindo sempre trez vezes o nome de Jesus, e então nomeava a pessoa enferma, e continuava dizendo estas palavras:

Se alguma bruxaria,
feiticeria,
ataria
redéaria,
acanharia,
e eleciaria
te está feita por inveja
ou por malquerença
que n'ella dormisses
ou por ella passasses,
te seja logo desfeita
pelo poder de Deus e de S. Pedro e S. Paulo,
e do apostolo San Thiago,
que logo sejas são e salvo.
E se pelo poder de Caifaz está feita
pelo poder de S. Thiago seja desfeita,
e logo sejas desatado,
desamarrado,
desencanhado,
desenliçado
e desenfeitiçado.

«E tendo repetido por trez vezes as referidas palavras continuava com as seguintes:

Se pelo poder de Satanaz foi feito,
pelo poder de S. João seja desfeito;

o que tambem repetia por trez vezes e então accrescentava :

Se pelo poder de Lucifer foi feito
pelo poder de S. Thomé seja desfeito.
Um te prende, trez te soltam,
Padre, Filho, Espírito Santo
Trez pessoas e um só Deus verdadeiro.

«E no discurso da dita reza estava sempre nomeando a pessoa que benzia, e se estava ausente fazia as dictas rezas e cerimonias sobre o signal que d'ella tinha, e accrescentava á dicta reza estas palavras :

Um te ata,	um te enfeitiça
trez te desata ;	trez te desinfeitiçam
um te elecia,	um te embruxa,
trez te desenleciam ;	trez te desembruxam ;
um te encanha,	um te pica,
trez te desencanham ;	trez te despicam.

«E nomeando no fim as Pessoas da S. Trindade acaba sempre n'esta fórma a sobredicta resa, a qual fazia por certos dias costumados.» (1)

A velha crença da Edade media *Ubique daemon!* é a que persiste entre o povo, que se acompanha de Orações em todos os actos quotidianos. A crença mazdeana dos *Anjos da Guarda*, é geral aos povos catholicos ; no Minho resa-se :

Anjo da minha guarda	Peço-vos Anjo bemdito
Semelhança do Senhor,	Pela graça e poder,
Que de Deus foste creado	Que do laço do demonio
Para meu amparador.	Me ajudeis a defender.

(Airão.)

(1) Sentenças (no *Inst.*, t. ix, p. 380.)

A *Virgem Mãe* é também invocada :

Virgem soberana	Da vossa vida,
Da Conceição	Onde a minha alma
Livrae-me dos perigos	Não seja perdida,
E tribulação.	Nem eu
Assentae-me no livro	Nem cousa minha.

(Airão.)

No Minho resa-se as seguintes *Orações para o deitar da cama* :

Senhor, n'esta cama me deitei,
 Sete Anjos n'ella achei,
 Trez aos pés e quatro à cabeceira
 E Nossa Senhora na dianteira.
 E Nossa Senhora me disse :
 — Filho meu, dorme e repousa,
 E não tenhas medo de qualquer cousa. (4)

(4) Em uma variante de Ourilhe, acrescenta-se :

Persina-te, e persino-me eu :
 Benta é a hora em que Christo nasceu ;
 Bento o altar
 Benta a hora em que me fui deitar ;
 Tange a hora,
 Christo a tange, a Virgem adora ;
 Ditosa a alma que se deita n'esta hora.

Em Aveiro diz-se pela seguinte fórmula :

Graças a Deus	Não tenhas medo
Que já me deitei,	De nenhuma cousa ;
Sete anjinhos	Não tenhas medo
<i>Eu</i> encontrei	Que aqui está Jesus
Trez aos pés	Seus braços abertos,
Quatr'á cabeceira	Pregado na cruz.
E Nossa Senhora	Seus braços abertos
Na dianteira	Seus pés encravados,
Ella me disse :	Vertendo o seu sangue
«Filha, dorme e repousa,	Por os nossos peccados.

Esta oração popular encontra-se com outros côrtes metricos

Outra :

Senhor, n'esta cama
Deitar-me quero,
E minha alma
Vol-a entrego ;
E se eu durmo

Accordae-me,
E se eu morro
Allumiae-me
Com o auxilio
Da divina graça.

'Outra :

Senhor, n'esta cama
Me vou a deitar ;
Para o meu corpo
Descançar.
E se eu n'ella morrer

Que não possa fallar,
O meu coração
Trez vezes dirá :
— Jesus, Jesus, Jesus,
Me queira salvar.

Outra :

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto,
Com obra e graça
Do Espirito Santo,
E o Senhor nos cubra
Com o seu manto ;
E se eu com elle

Coberto fôr
Não terei medo
Nem pavor,
Nem de cousa
Que má fôr,
E — Amen seja
Em seu louvor.

no livro *Violetas*, de Mello Freitas, p. 278, onde traz esta nota : «Muita gente resa ainda ao deitar da cama esta estranha oração. O mais notavel porém são uns longes de similhaça que tem com outra que Henri Conscience apresenta : «Le soir, quand je vais me coucher — seize petits anges m'accompagnent — deux se placent à mon chevet — deux à mes pieds, — deux à ma droite, deux à ma gauche, — deux me defendent, et deux m'ueillent — et deux me montrent le chemin — du celeste Paradis.

Cette singulière priere de même qu'une autre commençant par ces mots : Bon ange Saint Michel, je vous recommande mon âme et mon corps, — est encore recitée à Anvers par les enfants, dans une foule de familles. Immédiatement après suit le *Notre Pere* ou toute autre prière connue.» (*Les Veillées flammandes.*)

Estas Orações do Minho terminam quasi sempre com o seguinte pensamento :

Quem esta Oração dixer
 Quando se fôr deitar
 E a quando se alevantar,
 Indas que os peccados sejam tantos
 Como as ervinhas dos campos,
 Como as areias do mar,
 O Senhor tudo l'hade perdoar.

Outra :

Eu me entrego a Deus Padre	Sejam marcos da minha alma
E á Virgem sua madre ;	Contra os meus inimigos
E aos quatro Patriarchas,	Baptizados ou por baptizar ;
E aos onze Seraphins	Arrebenta satanaz,
E aos onze Apostolos,	Arrebentem elles todos
E ao Senhor S. Marcos,	E algum mais se fica atraz.

Outra :

Com Deos me deito
 Com Deos me alevanto,
 Com a graça de Deos
 E do Espirito Santo.
 Nossa Senhora do Pranto
 Me cubra com o seu manto ;
 E se eu bem coberto fôr,
 Não terei medo nem pavor.
 Amen, Deus, Jesus, Senhor.
 Se eu dormir, acompanhae-me,
 Se eu morrer, allumiae-me (me alumiaede)
 Com as trez tochas
 Da Santissima Trindade.

Outra :

N'esta cama me venho deitar ;
 Com nossa Senhora quero fallar.

Quatro cousas lhe quero pedir :
 A confissão e a Santa uncção,
 O cirio e a luz ;
 Assim o permitta Jesus.
 Senhor meu Jesus Christo,
 Na minha cama me deito,
 Não sei se me levantarei,
 Eu me confesso e commungo,
 Em a vossa santa lei.
 Senhor meu Jesus Christo,
 Amor do meu coração,
 Perdoae-me os meus peccados,
 Bem sabeis quaes elles são.
 O Anjo tocou a hora,
 Christo a adora,
 Bem dita seja a alma
 Que se deita n'esta hora.
 Fui deitar-me sosinha
 Ergui-me com companhia,
 Em roda da minha cama
 Achei a Virgem Maria.
 Quantos, senhor, se vão deitar,
 E amanhecem finados,
 Não seja, Senhor, eu um d'esses,
 Pelos meus grandes peccados.

Oração para defender a casa

Senhor S. Marcos de Monte Maior,
 Livrae-me de bruxas a casa em redor,
 Toca na nómina, a nómina toca ;
 Os Anjos a tangem, a Virgem a adora.

Nas occasiões de *grande perigo*, o povo costuma repetir : (Porto)

Chagas abertas,
 Lado ferido,
 Sangue derramado
 Meu Senhor Jesus Christo
 Se metta entre nós
 E o perigo.

Quando ha trovoadas, resa-se nas aldeas :

S. Jeronymo e Santa Barbora
 Dae-nos a vida que vivestes
 E livrae-nos da morte
 Em que morrestes.
 S. Pedro e S. Simão
 Que trazem a chave do trovão,
 Assim como elles são santos
 Assim tragam os trovões mansos.

(Carrazeda d'Anciães.)

Santa Barbora bemdita,
 Se vestiu e se calçou,
 Ao caminho se botou,
 A Jesus Christo encontrou.
 O Senhor lhe perguntou :
 — Tu, Barbora, aonde vás ?
 « Vou espalhar as trovoadas
 Que no céo andam armadas,
 Deital-as para a serra de Marão,
 Onde não haja palha nem grão,
 Nem meninos a chorar,
 Nem gallos a cantar. (1)

(Villa-Real.)

No processo de Anna Martins, de 1694, vem uma fórmula *contra as trovoadas* «o que repetia trez vezes e logo cessavam :

Encosta, trovão encosta
 que em dia de S. Goma,
 não tomei sarilho nem roca,

(1) Leite de Vasconcellos cita uma fórmula bretã (Suavé, *Prov. et Dictons*, n.º 909) que merece aproximar-se dos dois ultimos versos :

Va-t'en loin d'ici

 Où tu n'auras coq chanter
 Nons plus qu'enfantelet pleurer.

(Era Nova, p. 515.)

nem cajado para jogar a choca ;
 aos matos maninhos,
 e á serra do Marão,
 onde se não eria palha nem grão,
 pó, nem cousa boa para christão.
 Arreda, trovão,
 arreda, que não faças mal a menhum christão. (1)

Para achar as cousas perdidas costuma-se responder a Santo Antonio ; a antiga divindade Ataecina (em relações com *Athene*, segundo D. Joaquin Costa) conforme uma inscripção de Villa Viçosa era invocada pelos lusitanos para descobrir os objectos roubados. (2) A analogia dos dois nomes actuaria em certo modo na adaptação da tradição. Em Hespanha diz-se :

Santo Antonio portugués
Devota de lo perdido,
 Mio amante se perdio anoche
 Buscármelo, Santo mio. (3)

(1) Em Ourilhe esta Oração resa-se a S. Christovam :

S. Christovam se vestiu e calçou,
 E na sua cajatinha pegou,
 E ao caminho se botou,
 Jesus Christo encontrou.
 « Tu Christovam, onde vás ?
 — Vou talhar estes trovões,
 Sobre nós andam armados.
 « Ora vae, Christovam, vae
 Bota-os ao monte baldinho,
 Onde não haja pão nem vinho,
 Nem ramo de figueira,
 Nem bafó de menino,
 Nem nada que faça mal.
 Amen Jesus.

(Romania, t. III, p. 266.)

(2) *Poesia popular española*, p. 344.

(3) R. Marin, *Cantos populares españoles*, t. II, p. 261.

Na Sentença de Anna Martins, de 1694, vem a seguinte Oração a Santo Antonio *para achar as cousas perdidas* :

Milagroso Santo Antonio,
 pelo habito que vestiste
 pelo cordão que cingiste
 pelo breviario que resaste,
 pela cruz que tomaste
 pelo Senhor que levantaste
 por aquelles trez dias
 que no horto de Jesus
 em busca do breviario andaste,
 pelo contacto que de Jesus tiveste ;
 que nos seus braços se foi assentar,
 pelo rico sermão
 que na cidade de Padua estava pregando,
 e revelação
 que tiveste que levavam vosso pae
 á força por sete sentenças falsas,
 e d'ellas o livraste,
 em quanto a gente resava a Ave-Maria,
 e o vosso rico sermão acabaste,
 assim vos peço P. S. Antonio
 faças apparecer o que se furto...

«E depois da sobredita resa fazia a *sorte da peneira*, pregando no arco d'ella uma thezoura aberta, e fazendo certas benções e esconjuros á peneira, quando ella a um dos muitos nomes que repetia, dava duas voltas, era certo ser aquelle o da pessoa que havia feito o dito furto.» No Minho (Airão) resa-se a seguinte, com algumas analogias com outra Oração popular em Sevilha :

Oh meu alto Santo Antonio
 Em Lisboa foste nado,
 Em Roma foste criado !
 Santo Antonio se levantou,
 Seu bordãosinho agarrou,

Seu caminho andou ;
 Jesus Christo encontrou
 E o Senhor lhe perguntou :
 — Onde vás, Antonio ?
 «Senhor, para o céu vou.

— Tu commigo não irás ; Todas tu as ouvirás,
 Tu na terra ficarás, O que perderes acharás. (1)
 Missas que mandar dizer

Em uma Oração a Santa Barbara (versão de Gondomar) ha o typo commum : «Tu commigo não irás. Tu na terra ficarás.»

Contra os *Cães damnados*, ha tambem uma poderosa Oração, que se resa em Roriz :

Senhora da Luz,	E por achar.
Senhora da Bella Cruz,	De homem morto
Senhora da Reginandade,	Que é máo encontro,
Quemelivre de cães damnados	De homem vivo
E por damnar;	Que é máo perigo,
De bichos achados	S. Romão seja commigo. (2)

(1) *Oração de Santo Antonio*

San Antonio de Pauda,
 que em Pauda nasiste
 en Portugal te criaste,
 en er purpito de Dios pericaste ;
 estando pericando er sermon
 te bino un ange con la embajá ;
 que á tu pare le iban a ajustisiá.
 Er camiñito tomaste
 er berebiario te se perdió
 la Birgen se lo encontró ;
 tres boses te dió :
 Antonio ! Antonio ! Antonio !
 buerve atrás,
 lo orviao será jallao,
 Santo mio,
 por tu ramito e flores
 que paresca lo perdio.

(Carmona, — Sevilla —)
 Ap. *Folk-Lore andaluz*, p. 41.

(2) *Almanach de Lembranças para 1872*, p. 198.

Muitas devoções populares resultam d'estas crenças do poder da Oração contra o perigo ; os santos a que se resam são *advogados*, taes como : Santa Luzia, da vista, S. Marçal dos incendios, e Nossa Senhora da Meca contra os cães damnados. N'esta situação de espirito, as doenças deveriam tomar um caracter *sagrado*, como a epilepsia, o *bemzinho de Deus* ou gota, o *Mal de ave-maria* ou o estupor e propriamente a apoplexia ; assim os benzilhões tornavam-se curandeiros.

Os Curandeiros e a Medicina popular. — Muitas practicas supersticiosas são restos de um *empirismo* espontaneo, quer tradicional ou vulgar, com que o povo trata as suas doenças. O empirismo vulgar consiste em analogias estabelecidas entre as doenças, como a erysipela e as herpes, ou entre os órgãos, como os braços e as pernas, applicando-lhes assim os remedios de uns para os outros. (1) O empirismo tradicional, caracteriza-se n'esta ordem de superstições pela sua proveniencia *egyptia*. É no Egypto que vemos a Medicina com um caracter sagrado ; no templo de Imhotep, em Memphis, existia uma bibliotheca medica, conservada ainda no tempo dos imperadores romanos, e cujos remedios eram adoptados pelos medicos gregos, (2) que para lisongear a sociedade romana retrogradavam do experimentalismo ao empirismo alexandrino. Os medicos egypcios eram essencialmente especialistas, caracter que se conservou na eschola de Alexandria, e que o povo ainda exige, como nos *algebristas* ou endireitadores de articulações. As doutrinas medicas egypcias, consistiam na crença nos *espiritos vitales*, d'onde se conserva ainda na linguagem usual a locução de *sopro da vida*, e *sopro da morte*,

(1) Daremberg, *Hist. des Sciences médicales*, t. 1, p. 172.

(2) Maspero, *Hist. des peuples de l'Orient*, p. 81.

que entre o povo se traduz pela expressão generica de *flato*, e *ár*. Paracelso, que se apresentava como um reformador da medicina, não fez senão retrogradar a esta tradição egypcia; dizia elle no *Labyrinthus medicorum*: «a medicina deve provir d'este *espírito* que ha no homem. O que vem d'este espirito, ao qual regressa é o verdadeiro discipulo da medicina.»

A tradição egypcia passou para Roma, por meio de Asclepiade, amigo de Cicero, lavrando sobre um solo em que dominava o empirismo vulgar, dominando os curandeiros, que nas familias eram os escravos, ou ás vezes os chefes, como Catão o censor, que detestava com todas as suas véras o diagnostico scientifico da medicina grega. Plinio descrevendo minuciosamente este empirismo, conservado em Roma já das praticas etruscas, já da influencia alexandrina, foi um dos propugnadores durante a Edade media d'essa Medicina dos curandeiros, que nos apparece tanto nos livros da polypharmacia (*Portugal medico*, *Polyanthea medicinal*, e outros) como na transmissão oral do povo. Vejamos como a comprehensão das doenças e a fórma do tratamento, são justamente aquellas que se transmittiram do Egypto; escreve Maspero, sobre o *Papyrus de Berlim*, em que se enumeram as principaes doenças, ainda hoje populares, as *Varizes*, *Ulceras nas pernas*, *Erysipela*, o *Bicho*, e a *Epilepsia* ou a doença divina: «as doenças não tinham sempre uma origem natural. Eram muitas vezes produzidas por espiritos maleficos que entravam no corpo do homem, trahindo a sua presença por desordens mais ou menos graves. Tratando-se dos effeitos exteriores, chegava-se quando muito a alliviar o paciente. Para conseguir a cura completa, era preciso supprimir a causa principal da doença, *afastando com rezas o espirito da possessão*. Assim uma receita do medico compunha-se de duas partes, uma *formula magica* e uma fórmula therapeu-

tica.» (1) É este o caracter das receitas medicas do povo, em que se cura directa e exclusivamente com *palavras*, ou em que ha tambem uma parte therapeutica, poções, (*fervedouros*) cataplastmas ou *estopadas*, e pomadas ou *unturas*.

No romance picaresco a *Lozana andaluza*, do padre Francisco Delicado, vem a enumeração da medicina popular do seculo XVI: «Yo sé *ensalmar*, y *encomendar* y *santiguar*, quando alguno esta ahojado, que se vieja me vezó, que era saludadera y buena como yo; sé *quitar ahitos*, sé para *lombrices*, sé *encantar la terciaria*, sé remedio para las *cuartanas*, y para el *mal de madre*, sé *cortar frenillos de bobos* e no bobos, sé hacer que *no duelan los riñones* y sanar las *renes*, y sé medicar *la natura de la mujer* e del hombre, sé sanar la *sordera*, y sé *ensolver sueños*, sé conocer en la frente la *phisionomia*, y la *chiromancia* en la mano, e prenosticar.» (2) Nas Orações populares portuguezas ha Fórmulas magicas para todas estas curas, umas dos processos da Inquisição do seculo XVII e XVIII, outras da tradição oral corrente.

A *palavra* tem um poder excepcional sobre os espiritos que produzem a perturbação pathologica, sobretudo sendo *palavra innota*. (Vid. supra, p. 38.) Na ilha de S. Miguel, diz-se contra o poder malefico das bruxas estas palavras incompreheisiveis :

Coronguena, santa cruz,
Mechicanto,
Jeque domenada,
Domenatatada
Sabistisanto. (3)

(1) *Hist. anc. de l'Orient*, p. 85.

(2) *Retrato de la Lozana andaluza*, p. 216.

(3) *Almanach do Archipelago açor.*, para 1868, p. 110.

Herculano tambem cita uma fórmula com palavras desconhecidas :

Tenato,
Ferrato
Andato,
 Passe por baixo. (1)

O poder de *curar com palavras* foi reconhecido oficialmente por um alvará de D. João IV, de 13 de outubro de 1654, no qual concede ao soldado Antonio Rodrigues 40,000 rs por anno pelas curas que tem feito com palavras, e para assistir ao exercito «*para se poderem valer d'elle.*» (2) Na tradição popular ainda subsiste o titulo de *Doutor da mula ruça*, que era um medico da epoca de D. João III, provavelmente á altura d'este estado mental. Na Finlandia, o curandeiro conhece a doença e o seu remedio por um dom sobrenatural, o *synti*; Anna Martins, que foi condemnada na Inquisição de Coimbra fazia as suas curas: «benzendo, como d'antes costumava, applicando-lhe por maior segurança a dita *reza dos feitiços, por servir para toda a doença*, e tanto que lhe fallavam individualmente n'aquella que padeciam, sentia ella em si o mesmo achaque, e por isso continuára a reza em ordem ao mesmo mal não conseguindo algumas vezes, que primeiro se benziam a si por se livrarem do achaque do que benzessem, porque *o mal sempre hade de vir á pessoa que benzia, para o enfermo ficar livre d'elle*, usando tambem da reza do Anjo Custodio por ser muito efficaz para lançar fóra todos os achaques, espiritos malignos, que ella lançava dos corpos obsessos...» Usa-se geralmente na Extremadura começar o tratamento benzendo o doente com contas de

(1) *Pan.*, t. IV, p. 164.

(2) Publicado no *Jornal de Coimbra*, n.º 45, P. I, p. 219.

azeviche, fazendo-o cuspir sobre brazas dizendo ao mesmo tempo : *Para nada preste ! Para nada preste ! Para nada preste !* As brazas são depois deitadas ao mar. (1) No processo de Anna Martins, de 1694, lê-se que benzendo os enfermos «andava com as contas em circulo da cabeça das mesmas pessoas, dizendo que :

Pelo poder de Deus
de S. Pedro e de S. Paulo
e de todos os Santos
que te livrem d'aquelles males ;
eu te degrado
para a ilha do Enxofre,
e para o mar coalhado
por tantos annos
quantos são os granos
que ha em um alqueire
de milho painço ;
porque eu sou a benzedeira
a senhora e a curadeira...

E algumas vezes accrescentava :

Eu degrado o ár da figueira,
o ár do soar e desoar da porta,
o ár da gallinha choca
o ár do cisco da casa... (2)

Em outro logar da Sentença se lê acerca de Anna Martins : «Antes de fazer a résa e de chegarem as ditas pessoas á sua presença, conhecia o mal que padeciam, porquanto se era *quebranto*, se punha nos braços d'ella Ré, e se eram feitiços, se lhe punham

(1) Pedroso, *Superst.*, n.º 193.

(2) Empregava-a tambem para benzer endemoninhados. *Instituto*, t. IX, p. 381.

no coração, sentindo n'uma e n'outra parte grandes dores.» No Alemtejo chama-se a estes curandeiros *Soldadores*. (1)

Lê-se na Sentença contra Anna Martins (1694) as seguintes capacidades medicas: «curava de varias enfermidades, e para esse fim a procuravam muitas pessoas ou a mandavam consultar a respeito dos achaques que padeciam, e *lançava os espiritos malignos fóra dos corpos de algumas pessoas*, que estavam endemoninhadas, *desfazia feitiços, desligava as pessoas que estavam ligadas, descobria os furtos*, declarando quem os havia feito. E para effeito de fazer as dictas curas e obrar todo o referido, não applicava remedios natu-raes... mas somente usava de palavras que dizia, e bençãos que lançava sobre as pessoas enfermas...» «disse e confessou que... se inclinara a curar todos os achaques e enfermidades para que fosse consultada, e assim se resolveu a applicar remedios ás pessoas que tinham *quebranto, feitiços, ár sciatico, góta, figado, frialdades, febres, maleitas, fogo de feridas, dores de dentes, quebraduras, desmentiduras*, e outras varias enfermidades...» Transcreveremos em seguida algumas das fórmulas e praticas empregadas por esta benzilhona :

Achaques de ár : atalhava o ár benzendo a pessoa

(1) «O costume de se medicarem os enfermos com bençãos, sortilegios e invocações, e de recorrerem aos *soldadores e benzilhões* é antiquissimo n'esta villa (Nisa) assim como as suas funestas consequencias; porquanto já no anno de 1681 o bispo D. Rodrigo Russel as prohibiu com pena de excommunhão, e recommendou em visita ao Vigario da Vara, que inquirisse todos os annos escrupulosamente d'este negocio, e se alguns descobrisse, os fizesse prender e remetter para Portalegre para serem punidos; mas apesar do rigor, elles sempre foram escapando, e hoje, que deveriam acabar pelas luzes da epoca, tem-se multiplicado e engrandecido como nunca...» Dr. Motta e Moura, *Mem. hist. da Villa de Nisa*, t. II, p. 81.

enferma «e nomeando-a dizia as palavras seguintes :

Se um t'ó deu,
Trez t'ó tirem,
Que é Padre, Filho e Espirito Santo,
Trez pessoas e um só Deus verdadeiro.

(E tornando a nomear a pessoa enferma :)

Eu te talho esta sciatica,
góta e frialdades,
pelo poder de Deus,
de S. Pedro e S. Paulo,
que logo sejas são e salvo,
que nenhum mal aqui entraria,
e logo são ficaria.

Chagas ou fogo nas feridas: «nomeava primeiro trez vezes o nome de Jesus, continuava dizendo :

Assim como o mar não tem séde,
nem o lume frio,
nem Deus outro Senhor,
assim se tire d'aqui
este fogo roborado,
figádo,
talhádo,
coceira e pruido,
pera que fique são e salvo
pelo poder de S. Pedro e S. Paulo
e do Apostolo S. Thiago.

E algumas vezes fazia estas benções com folhas de sabugueiro.» (1)

(1) *Sentença de Anna Martins, 1694.*

Para curar quebraduras e deslocaduras.—«Pondo a mão na parte lésa da pessoa, e nomeando-a, dizia :

Assim como Nosso Senhor
foi de setenta e dois espinhos coroado,
de trez pregos na cruz pregado,
de cinco chagas chagado,
dos judeus cuspidos e esbofeteado,
pela rua da Amargura
com a cruz ás costas levado,
de seu corpo e membros desconjuntado,
e depois de ressuscitar
se tornaram ao seu logar,
assim se tornem estas estortegaduras
quebraduras,
desfiaduras,
desmentaduras,
que logo fique são e salvo.

O que tambem repetia por trez vezes.»

Para o fluxo de sangue.—Perguntando á pessoa :

Se lhe pesava aquella sangria ?

Respondendo a dita pessoa que pesava, continuava dizendo :

«Assim pésa á Virgem Maria
como á mulher que ao sabbado fia
e á vespora do seu dia :
Pelo poder de Deus
de S. Pedro e S. Paulo
e da Virgem Maria
que logo estancado seria
e mais aqui não correria.

E quando o fluxo do sangue era dos narizes, accrescentava as seguintes palavras :

Sangue tem-te em ti,
assim como a Virgem
se teve em si.

Dór de dentes.—«Correndo a mão pelo rosto e queixos, dizendo trez vezes o nome de Jesus :

Santa Apollonia !
 Assim como os vossos dentes
 com uma torquez tiraste,
 e os queixos adormentaste,
 assim me adormentae
 os queixos d'esta pessoa ;
 para que d'aqui se tirem corrimentos,
 moimentos e dôres.
 Pelo poder de Deus
 de S. Pedro e S. Paulo
 e do Apostolo S. Thiago ;
 e em nome da Virgem Maria,
 e da gloriosa Santa Apollonia,
 que logo os adormentaria ;
 sam e salvo ficaria.

Comecemos a descripção das doenças da pathologia popular, pelas molestias da pele e suas analogas. A *Fogagem*, talha-se fazendo-lhe cruces em volta com trez olhos de sabugueiro, e cada olho com trez folhas, dizendo :

Sempre-verde venerado,
 Na campa do Senhor fostes achado,
 Sem ser nado,
 Nem semeado.
 Talha este fogo, este roborado,
 Ar de vivo ou morto excommungado,
 Tudo aqui talha (1)
 Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.
 (Penaguião.)

A *Vertoeja* cura-se vestindo uma camisa de mulher

(1) Em Guimarães diz-se :

Ar de vivo,
 Ar de morto,
 Ar de excommungado
 Sae d'este corpo.

se o doente é homem e vice-versa. (Extremadura.) O *Fogo louro*, é ao que no Minho se chama o *Bicho*, e em outras partes *Cobrela*, (Açores); se quando esta fôrma herpética cinge completamente o braço ou pescoço (isto é, que o bicho junta o rabo com a cabeça) morre-se inevitavelmente. *Talha-se o fogo louro*, cortando esparto de archote queimado e palha-alhas, dizendo :

Eu te corto a cabeça,
Eu te corto o corpo,
Eu te corto o rabo,
Eu te corto todo.

Ajunta-se o retraço da tezoura, deitando-o sobre o pescoço do doente, dizendo :

Eu o Tejo e o Douro
E o Minho passei
Fogo louro talhei.

Em outras partes fazem-se cruces com uma faca sobre a parte leza, dizendo :

«Que talho ? — Bicho.
«Bicho e bichão,
«Sapo, sapão,
«Aranha, aranhão
«Bicho de toda a nação,
«Tudo aqui talho,
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
E de S. Pedro e de S. Paulo,
E do apostolo S. Selivestre,
Isto que te eu faço preste.
E elle seja o verdadeiro mestre. (1)
(Airão.)

(1) Em Guimarães, diz-se :

Cobra, cobrão
Sapo, sapão
Todo o bicho da nação

O *Cobrelo*, cura-se no Cadaval deitando cinza de palhas-alhas em agua fria, e borrifando-o com vassoura de esparto; e diz-se:

«Ai senhor, que tenho medo!
 — Não temas Pedro,
 Que isso é um *cobrelo*,
 Dá-lhe com agua da fonte
 E um esparto do monte,
 Co' a ajuda de Deus e da Virgem Maria
 Elle abalaria,
 Padre Nosso, Ave-Maria.

Em louvor de Santa Andreza
 E de Santa Andrezinha,
 Com agua de trez fontes
 E um raminho de oliveira
 Me curou o *cobrelo* que tinha. (1)

Estes ensalmos tambem se applicam para queixa de *lombrigas* e bicho no corpo; no processo de Anna Martins, de 1694, tomam-se «trez folhas de silva por cada vez, benzendo a pessoa enferma;» em Alijó: «em vez de se usar faca, pode-se usar de trez folhas de silva, que se unem e movem em fórma de cruz.» (2)

Em Minde, concelho de Porto de Moz, para curar o *Cobrão* «fazem um mixto de polvora, alhos pizados e vinagre, e depois em fórma de cruz passam trez vezes por cima da parte enferma, com as costas de

Que anda de rasto pelo chão,
 Para que não cresças
 E nem avessas,
 Mas antes obedeças
 Que venhas a bom humor
 Assim como vem o cheiro á flor.

(1) Leite de Vasconcellos, in *Era Nova*, p. 521.

(2) Idem, *ibidem*, p. 523.

uma faca, acompanhando as cruzes.» Aspergem-no com ramo de alecrim e vinagre dizendo :

Eu te corto, corvo,
Cabeça e rabo
E corpo todo !
Quando S. Bento era estudante,
Nenhum bicho ia para diante,
Na mesma eschola andava S. Braz,
Aqui te seques, aqui te mirrarás.» (1)

Na ilha de S. Miguel cura-se a *Cobrela* esmagando com uma faca quente grãos de trigo e com o oleo negro que fica untando a herpe que lava.

No processo de Luiz de la Penha, a *Erizipola* é curada com as seguintes palavras :

Rosa maldita
Enconoza e embelicosa
Vae-te d'ai
Que de agua e de vento
Foste engendrada.
«Com que la secaria ?
— Com el dulce nombre
de la Virgem Maria.
«Com que lo sequára ?
— Com el dulce nombre
De la Virgem sagrada.
Rogo e pido por mercé
A la gloriosa Virgem nuestra Senhora,
Que ella sane esta rosa (*de foão*)
Enconosa e embelicosa
E la eche per donde no abitem animaes,
Nin cousa adomde agua danhe.
Em nome del Padre e del hygo,
E del espiritu santo. Amen. (2)

N'esta fórmula é notavel o mixto de castelhano e por-

(1) *Almanach de Lembranças* para 1868, p. 174.

(2) *Positivismo*, t. III, p. 201.

tuguez ; o nome allemão *rose*, a erysipela, já foi aproximado da imprecação do feiticeiro de Evora ; inconosa é talvez incognita ou desconhecida. Na imprecação de Fafe, a erysipela é a *rosa vermelha*.

A *erysipela* cura-se em Fareja, do concelho de Fafe, fazendo cruces com uma faca ou com ramo de sabugueiro (*sempre-verde*) com azeite, sal e agua, dizendo-se a fórmula :

Pela serra da Naia passei,
 Bichos e bichas, sapos e cobras matei,
 Santa Cecilia encontrei,
 Trez filhas tinha,
 Uma pela agua abaixo,
 Outra pela agua acima ;
 Outra foi visitar Nossa Senhora
 E le perguntou que remedio le daria ?
 — Talha-l'a *rosa vermelha*
 Que le come e doe e próe,
 Com sal do mar,
 E agua da fonte
 E herva do monte.
 Com poder de Deus e da Virgem Maria,
 E todos os santos e santas ;
 Em louvor de S. Pedro e de S. Paulo,
 Em louvor de S. Silvestre
 Que tudo o que eu fizer tudo preste. (1)

Em Guifões, concelho de Bouças, em vez do sempre-verde vae-se buscar ao monte trez raminhos de *carcodia*, demolhando-os em agua e azeite e cercando a parte inflammada ; em uma fórmula de Ourilhe a planta com que se talha a erysipela são trez folhas de *ár da guia*, e na fórmula de Anna Martins de 1694, são trez folhas de *ardegaria*, (a arthagenia dos gregos ou clematite.) Em Sinfães, a erva chama-se *acintro* do monte. Em Penaguião, a *zipla* talha-se fazendo cruces

(1) *Era Nova*, p. 521. Vid. a fórmula de 1694 rétro.

com lâ de ovelha viva, molhando-a em azeite, e tocando o doente :

Jesus, Jesus,
Nome de Jesus !
E nome de toda a virtude.

Pedro Paulo foi a Roma
Jesus Christo encontrou,
E elle le perguntou :
«Pedro Paulo, que vae por lá ?
— Senhor ! morre muita gente
De zipla e ziplão.
«Toma lâ, Pedro, e talha
Co'o azeite da oliva,
E lâ de ovelha viva.
A zipla não mais labraria,
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria. (1)

Em Ourilhe diz-se, além de uma variante d'esta fórmula, a seguinte :

Que faria á *rosa vermelha*
Que aqui come, arde, doe e próe ?
— Dá-lhe com sal do mar
E herva do monte,
Dá-lhe com tudo defronte,
Que a Senhora permittirá
Que este mal abrandará.
Assim venha este mal
A bem e a amor,
Assim como vieram as chagas
De nosso Senhor.
Deus te torne a teu estado
Como foste nado e criado. (2)

A analogia que predominava na medicina empirica e popular, explica muitas d'estas fórmulas; assim para *Talhar bichos*, em Alijó applica-se a fórmula : «Pedro

(1) *Era Nova*, p. 518.

(2) *Romania*, t. III, p. 276.

Paulo foi a Roma....» E para talhar a *queimadura* e *escaldadura*, a fórmula repete parte da que se emprega contra a eryzipela; na Sentença de Anna Martins, de 1694, vem a fórmula com que curava a queimadura:

«Santa Sophia, trez filhas tinha
 Uma mandou-a á fonte,
 E a outra pela lenha ao monte,
 E a outra pelo lume á villa.
 A que foi por lume á villa
 Em fogo ardia.
 — Que lhe faria
 Santa Sophia?
 Cospe-lhe, sopra-lhe
 Trez vezes ao dia,
 Que mais não lavraria.»

A fórmula usada em Fafe para a eryzipela, emprega-se em Guimarães, Porto e Viseu para as *escaldaduras*; e em Sinfães para talhar os *unheiros* (bafejando-os depois de ter trincado a folha de louro ou alho):

Santa Iria	E lhe perguntou
Trez filhas tinha;	Que remedio lhe faria?
Uma foi á fonte	Nossa Senhora lhe respondeu:
Outra foi ao rio	«Cuspe-lhe, cuspe-lhe
Outra em fogo ardia.	Que ella lhe sararia. (1)
Encontrou Nossa Senhora,	

(1) *Romania*, t. III, p. 275. No *Ensalmo del mal francorum*, que vem na novella picaresca da *Lozana andaluza*, imita-se a fórmula typica das trez filhas:

Eran tres cortesananas
 Y tenian tres amigos
 Pajes de Franquilano;
 La una lo tiene publico,
 Y la otra muy calado;
 A la otra
 Le vuelta con el lunario.
 Quien esta Oracion dixere
 Tres vezes a rimano,
 Quando nace sea sano. Amen.

(Op. cit., p. 88.)

No Minho, com a mesma fórmula se *talha o bicho*, tendo um carvão na mão, signal da sua relação com a queimadura. O nome invocado *Efrica* (do grego *ephos*, a espuma) revela uma tradição erudita :

Efrica, Efrica	Outra em fogo ardia,
Trez filhas tinha,	Perguntando pela Virgem Maria.
Uma ia pela agua,	E a Virgem le respondia :
Outra ia pelo lume,	Scope, escape trez vezes ao dia. (1)

A *eryzipela* cura-se na Extremadura suspendendo do tecto uma cebola albarrã presa pela rama ; em outras partes, apanha-se uma *toupeira*, e corta-se-lhe a cabeça, que a pessoa doente traz ao pescoço em um saquinho. (2) A *toupeira* passa por ser um bicho peçonhento, e attribue-se-lhe (Monção) os frunculos que se formam na parte do corpo que ella toca ; chama-se *talhar a toupa* a cura dos *frunculos* (abcessos flegmonosos) que consiste em matar a *toupeira*, guardando o segredo d'isso por um anno. Aqui temos a *analogia* do phlegmon em formação com a *eryzipela*.

A *espinhela cahida*, é o nome que o povo dá a uma deslocção do appendice chifoideu ; cura-se atando uma fita do dedo polegar até ao cotovelo e depois á cinta, com as palavras :

A Senhora Senhorinha
Trez novellos de oiro tinha,
Um urdia,
Outro tecia,
Outro espinhela, espinhaço
E baço erguia.
Assim como abelha e abelhame
Entra no meu cortiçame,

(1) *Era Nova*, p. 525.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 669, 583.

Assim como o padre vae para o altar,
Trez vezes vira o livro e torna a virar,
Assim a espinhela, espinhaço e baço
Torne ao seu logar. (1)

(Guimarães.)

A *quebradura* das crianças (hernia scrotal, ou umbilical) tem uma fôrma dramatica. Em Traz-os-Montes, na noite de S. João serra-se ao meio um tronco de carvalho cerquinho e passa-se através a criança, unindo logo as duas partes do tronco e amarrando-as; se o tronco continua verde, a criança fica boa da hernia. (2) É a persistencia do costume prohibido na Ordenação manuelina, de *passar doente por silvão ou machieiro*. Deve fazer-se a cerimonia em noite de S. João. Na Beira a criança ha de ser passada por um moço que se chame *João* para rapariga que se chame *Maria*, dizendo :

— Toma lá, Maria.
«Que me dás, João ?
— Um corpo quebrado
P'ra m' o pôres são.

O mesmo se usa em Alijó; no Porto pegam na criança o padrinho e madrinha, dizendo :

«Aqui tens a tua afilhada
Que me dizem que está quebrada.
— Eu que a acceito sã e salva,
Como na hora em que foi nada.

Em Villa Alva, do concelho de Cuba, cura-se assim

(1) *Era Nova*, p. 526, do estudo *Carmina magica*, de Leite de Vasconcellos.

(2) *Bibliographia critica*, p. 303.

a criança que está embruxada : «Chamam trez *Marias* (solteiras); entregam-lhes uma porção de farinha de centeio, a qual ellas amassam, fazendo depois um biscoito pelo qual possa entrar a criança embruxada ; chamam em seguida um *Manuel*, (tambem solteiro) e levam todos quatro a criança pela meia noite a uma encruzilhada de caminhos ; ali, segura a criança por duas *Marias*, a terceira com o *Manuel* lançam mão do biscoito e passam a criança trez vezes por elle, dizendo as seguintes palavras :

— *Maria!* aqui tens este menino ensarilhado, e dá-m'o desensarilhado.

«*Manuel!* aqui tens este menino, etc.— Finda que seja a operação, despojam a criança da roupa que leva, e deixam-na á bruxa, que com ella fica entretida a procurar a criança. Desgraçada porém da pessoa que no regresso olhar para o referido logar, porque ficará embruxada infallivelmente.» (1)

No Minho, para curar a criança rendida, vão na noite de S. João, trez moças chamadas *Maria*, fiando cada uma em sua roca, acompanhadas de trez moços de nome *João*, chegam ao pé de um vimieiro, racham-n'o, e passam o doente dizendo os moços :

— O que fazeis vós ?
«Fiamos linho assedado,
Para ligar o vime,
Que o menino é quebrado.

Dita a fórmula trez vezes, ata-se o vime, e se elle soldar fica a criança boa.

Para curar *lombrigas* das crianças a bruxa Anna Martins : «Punha-se ao lar da chaminé, em que estivesse cinza fria, e cortando-a com uma faca pergun-

(1) *Almanach de Lembranças* para 1866, p. 311.

tava á mãe da criança que intentava curar, ou á mesma pessoa se já fallava, dizendo :

— Que talho ? «Bichas.
 — Bichas talho
 Mezinha faço
 Pelo poder de Deus,
 De S. Pedro e de S. Paulo,
 E do Apostolo S. Thiago...
 De Santo Enofre
 E de S. Palofre,
 Que tu sejas são e salvo
 Como em a éra em que foste nado
 Para serviço de Deus, amen. (1)

«Uma das muitas receitas que ha no concelho da Maia para *atalhar a eryzipela*, consiste em fazer cruces na parte molesta com um ramo de sabugueiro, dizendo :

Sempre-Verde bemaventurado,
 Na sepultura de Deus criado
 Fostes nascido sem ser semeado.

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
 Creou esta rosa este chão,
 Reséca esta irzipula, irzipelão.

Em louvor de S. Thiago e S. Silvestre,
 Tudo quanto eu faço preste
 Em louvor de Nosso Senhor, seu divino Mestre. (2)

Em Penaguião applica-se este esconjuro para *talhar o fogo do ar*, dizendo :

Talha este fogo, este roborado
 Ar de vivo ou morto excommungado. (3)

- (1) *Sentenças da Inquisição*, Coll. de Moreira, t. 1, p. 437.
 (2) *Almanach de Lembranças* para 1854, p. 238.
 (3) *Era Nova*, p. 519.

As *sezões* curam-se no povo da Sobrena, do concelho de Cadaval, indo tirar Santo Estevam do seu nicho, rapando-lhe com uma faca as costas, misturando com vinho este pó da pedra, que se chama *Pós de Santo Estevam*, e bebendo-o por nove dias consecutivos em jejum. (1) Na romaria de S. Paio, proximo de Aveiro, o S. Paio é lavado em vinho, que se bebe depois para curar as *sezões*. (2)

Na aldeia de Vinhó, as *maleitas* curam-se offerecendo a S. Domingos da Nespereira, capella a trez kilometros de Gouvêa, algumas telhas *furtadas* (offer-tadas) cujo numero varia segundo a promessa. Os doentes vão em ranchadas ao som de violas e adufes, e mettem as telhas por uma fresta da capella, dizendo : — Em louvor de S. Domingos, que me tirou as *ma-leitas*. (3)

Em Roriz as *sezões* curam-se descascando trovisco e lançando a tona ao pescoço do enfermo, dizendo :

Senhor compadre capitão,
Empresta-me a sua camisa
Para ir a uma funcção ? (4)

Na Extremadura curam-se as *sezões* comendo queijo feito na quinta feira da Ascenção. (5)

«Ha em Fafe, e n'outras mais partes, d'essas *mulheres de virtude*, que curam com palavras os *desfa-mentos* dos braços ou das pernas. Põem para isso ao lume um pucaro com agua, fazem-na ferver, e quando a fervura se activa, vasam então a agua n'um alguidar ou bacia, e põem o pucaro sobre ella com a bocca

(1) *Almanach de Lembranças* para 1863, p. 100.

(2) *Ibidem*, para 1881, p. 82.

(3) *Ibidem*, para 1862, p. 215.

(4) *Ibid.*, para 1868, p. 214.

(5) Pedroso, *Superst.*, n.º 582.

para baixo, collocando depois a parte aberta ou desfiada do doente por cima do dicto pucaro. Toma então a benzedeira uma maçaroca de linho cru, fiada de proposito para semelhante objecto, enfia uma agulha n'esse linho, e passa-a d'este modo por baixo da parte doente, dando voltas successivas com o fio enfiado do linho até á total ou quasi total absorpção da agua pelo pucaro, travando-se então o seguinte dialogo :

Benedeira : Eu que é que aqui côso ?
Doente : Carne aberta, fio torto.
Benedeira : Isso mesmo é que eu côso,
 Em louvor de S. Silvestre,
 Quanto eu fizer tudo preste.

«E se o pucaro, durante este tempo da repetição das *palavras de virtude*, chegar a absorver a agua toda ou quasi toda, sobre a qual está de fundo para cima e de bocca para baixo, ficará então a parte torcida de todo sã da *abertura* ou desfiamento, aliás não poderá o enfermo sarar d'aquella vez, e ficarão sem virtude as palavras da benzedeira. Não é o primeiro pucaro que se enche na fonte, mas só o decimo, depois de cheio e despejado a fio os nove primeiros, o que se põe ao lume. E quando, depois da fervura, o despejam e emborcam sobre a agua, costumam collocar-lhe no fundo e em cruz, umas contas, um pente e uma thezoura, antes de repetir a fórmula.» (1) Em Guimarães pratica-se isto para *coser o pé*, e termina o ensalmo :

Em louvor de S. Gonçalo,
 P'ra que torne o pé ao seu estado.

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1859, p. 153.

E em Sinfães, termina :

Sejas são e salvo
Como na hora em que foste baptisado. (1)

Ha muitos remedios populares fundados unicamente na analogia. Para as *dores de dentes* é bom trazer na algibeira um dente de cão. (Ilha de S. Miguel.) A quem deita *sangue pelo nariz* para o estancar põe-se uma chave nas costas, ou uma cruz de duas palhas. (*Ib.*) Quem soffre do *peito* cospe na bocca de um peixe cachorro que esteja vivo e torna-o a deitar ao mar. (Lisboa.) Para o torticolo enrola-se em volta do pescoço um pé de meia de mulher, que esteja quente. (*Ib.*) Para as *dores de cabeça*, esfregar a testa com um gato preto e cuspir-lhe trez vezes. Contra as *febres*, traz-se ao pescoço em um saquinho uma lagartixa viva, e quando ella morre vão-se as febres. Perna ou *braço deslocado*, volta ao seu logar sendo pisado por uma mulher que tenha tido filhos gemeos. O mesmo para o *peito aberto*. As *verrugas* curam-se no Minho, indo o que as tem bater á porta de pessoa com quem embirre, e bate respondendo aos de dentro :

Verrugas trago,
Verrugas vendo,
Aqui as deixo
E vou correndo.

A *impigem* cura-se molhando-a com saliva, em jejum, dizendo :

Impija, rabija,
Assim como eu já hoje comi e bebi,
Assim tu nasças ahi.

(1) *Era Nova*, p. 524 e 526.

A *azia* talha-se subindo acima de uma pedra, dizendo :

Corto-te a azia,
E corto-te a trêla ;
Salta burrinho
Abaixo da pedra.

(S. Mamede.)

Azedia, azedia
No monte se cria ;
Cabras guardadas
Pr'amor da azedia.

(Golgã.)

O *arujo* ou argueiro, dizendo :

Corre, corre cavalleiro
Pela porta do ferreiro,
Que lá vem a Santa Luzia
P'ra me tirar este arujeiro.

O *terçoço* cura-se fazendo uma fogueira n'um quarto de duas portas, e a pessoa que o soffre entra por uma porta salta a fogueira, e sae pela outra, gritando :

Aqui d'el-rei fogo
Em casa do terçoço !
(Santarem.)

As *inguas* (glandula enfiada), curam-se olhando para uma estrella e dizendo trez vezes :

Estrella, a minha ingua
Diz que seques tu !
E eu digo que seque ella
E que luzas tu.

Ou em cima da cabeçalha do carro, diz virada para o nascente :

Estrella, a hernes
Diz que seques tu
E medre ella !

As *aphtas* das crianças (farfalho) curam-se passando a criança por cima da pia do porco, dizendo :

Farfola vae-te d'aqui
Que porcos e porcas
Comem aqui.

A *gota*, tem o nome de *bemsinho de Deus* ; cura-se no primeiro ataque mettendo as aparas das unhas em um carvalho cerquinho. O estupôr tem o nome de *Mal de Ave-Maria* (Ponta Delgada) ; cura-se tirando a camisa ao doente, rasga-se, queima-se, e bota-se a cinza ao mar. As *feridas* curam-se mettendo o panno em que se limpam debaixo da cabeça de um defuncto, dizendo : Leva-me isto para o outro mundo. (Felgueiras.) As *aphtas* (Douro) curam-se dizendo quando se avista ao longe qualquer luz :

Luzinha da parte de além,
Tira-me esta aphta
Que a minha bocca tem.

A *insulação*, cura-se pondo sobre a cabeça um guardanapo de bordado a olhos, e em cima um copo de agua dizendo : (Sinfães)

Sol, sae da creatura
Com toda a formosura,
Que a Virgem Maria
Tudo me ensinou,
Que eu nada sabia.

As *alporcas* (escrophulas) curam-se coçando-as com as unhas de um morto.

As praticas da medicina popular acham-se prohibidas em varias Constituições episcopaes ; nas Constituições

do Arcebispado de Gôa de 1568 citam-se os *fervedouros* e o *correr carne quebrada e nervo torto*, ou *cortar o baço* a pessoas doentes com palavras e cerimoniaes; nas do Algarve de 1673 falla-se nos ensalmos e palavras para *curar feridas*, «applicando às feridas *pano com numero certo de dobraduras*, laminas e outras cousas semelhantes.» Nas Constituições do Bispado do Porto, de 1687, cita-se o costume dos ensalmos para *levantar a espinhela*. Viterbo cita em um documento de 1258 as *Sortelas de virtude*, que são os aneis prohibidos pelas Constituições do Arcebispado de Lisboa de 1640. A virtude da *cabeça de morto*, era ainda corrente no seculo xvii, como vemos por esta reliquia de Guimarães: «Na capella de Santa Veronica se venera tambem com grande veneração uma *cabeça santa*, por cuja causa aquella egreja é muito visitada de gentes mordidas de cães damnados, trazendo a benzer pão e mantimento para os seus gados...» (1) As *fontes santas*, tão consideradas na medicina popular, são geraes a todo o paiz; á *Fonte do leite*, em Ponte da Barca, as mulheres que criam levam uma offerta de pão, vinho, linho e azeite, que ali deixam para que a primeira pessoa que passe leve tudo. (2) Tambem se curam as maleitas, indo o doente em jejum deixar trez bocados de pão ao pé de uma fonte, dizendo: «Come tu, que eu já comi.» É ao que no Minho se chama *enganar as maleitas*. O dinheiro é tambem empregado em certas praticas medicinaes; diz D. Francisco Manuel de Mello: «dei na vida santaria, com que me achei melhor que tudo. Furou-me ella com uma agulha aqui na borda, como quem fura orelhas a caxorrinha... eu furado campei ao outro dia por *Vintem de S. Luiz* bom para o *dr*, para a *enxa-*

(1) Padre Torquato, *Mem. ressuscitadas*, p. 210.

(2) Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 73.

queca, quartãs, aflacto, mal d'olhos, quebranto, e mulheres de parto. Tão santas informações deu de minha habilidade, que todo o dia andava de mão em mão como conta benta, sempre querido e estimado, ora ao pescoço de innocentes, ora nos pulsos das donzellas, atado com corda de viola...» (1) Da medicina popular subsiste uma grande parte com o nome de *remedios caseiros*, taes como usava em Roma Catão o Censor; outra parte está hoje submettida á alçada administrativa, que encarcera os curandeiros como outros quaesquer assassinos. As romarias a diversos sanctuarios, as aguas santas, e as promessas a imagens milagrosas, formam uma parte importante da medicina vulgar, que só pôde ser descripta ao tratarmos das Festas do Calendario do anno.

As Prophecias nacionaes, e a vinda do rei Dom Sebastião.— O conhecimento das lendas de Merlim pelos trovadores portuguezes do seculo xiv, e o livro d'ellas guardado na bibliotheca do rei D. Duarte, não deixaram de influir na imaginação portugueza, nas nossas guerras contra os Arabes, como na batalha do Salado, e nas expedições maritimas, em que iamos á busca das ilhas encantadas. Na *Chronica en redondillas*, de Rodrigo Yanes, descrevendo a batalha do Salado, o *Leão dormente* das prophecias de Merlim é o rei D. Affonso iv, e o *Porco espinho* é o rei de Benamarim; mais tarde no seculo xvi, o sapateiro de Trancoso, Gonçalo Eannes Bandarra introduziu nas suas prophecias estes dois animaes allegoricos, obedecendo inconscientemente á tradição celtica renovada na peninsula. Os grandes abalos sociaes produzem uma sobreexcitação dos espiritos, que se manifesta em recrudescencia de superstições e de credulidade. Segundo

(1) *Apologos dialogaes*, p. 98.

Thucydides, durante a guerra do Peloponeso, os oráculos e vaticínios dos prophetas antigos exerceram uma enorme influencia entre o povo de Athenas. (1) As guerras de D. João I contra Castella e no norte da Africa acordaram a credulidade popular, generalizando as lendas da *ilha encantada* do rei Arthur e das viagens maravilhosas de Sam Brendam, citadas pelo chronista Azurara. Mais tarde, quando fomos com Carlos V á expedição de Tunis, contra Barba Roxa, quando se deu a extincção da nacionalidade portugueza em 1580, quando se reconquistou a autonomia nacional em 1640, essa mesma tradição de um salvador (um *soter* da epoca alexandrina) toma diferentes fórmas populares, a começar das *Trovas* do Bandarra até ás interpretações do *Encoberto* pelo padre Antonio Vieira, que via n'essa entidade D. Pedro II, que des-thronou seu irmão D. Affonso VI e lhe tirou a mulher. N'esta fórma da credulidade popular, o primeiro factó é a tradição das *Ilhas encantadas*, movel que excitou no seculo XV os navegadores portuguezes a explorarem o Mar tenebroso. Esta crença tem uma grande extensão ethnica: «Algumas lendas dos Esquimáos, fallam de um paiz mysterioso chamado Akillinek, situado além do mar. Alguns groelandezes ai foram, pelo menos levados contra vontade; mas hoje ignora-se a sua posição.— Nada indica que os Esquimáos o considerassem como o paiz dos seus antepassados.» (2) Entre os Celtas achamos tambem esta crença, que é uma das fórmas do seu paraíso: «A mansão dos felizes, onde os homens justos e bravos devem entrar immediatamente depois da sua morte, era chamada *flath innis*, o que significa a *ilha dos bravos*, ou dos

(1) Thucyd., I, 54; VIII, 1. Otfried Muller, *Hist. da Litteratura grega*, II, 47. Trad. Hillebrand.

(2) Abb. Morillot, *Mythes et Legendes des Esquimaux*, p. 225.

justos. Esta palavra é usada ainda no idioma celtico para exprimir céu ou paraíso.» (1) Na celebre Viagem do Barão Leão de Rozmital, em 1465 a 1467, conta-se a tradição portugueza da Ilha encantada: «que um dos reis de Portugal mandára construir navios e os encherá de todas as cousas necessarias, e puzera em cada navio doze escreventes, provendo-os de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar (Finisterra) navegassem pelo espaço de quatro annos até o mais longe possivel, e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes desertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem. Estes, portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado o mar por espaço de dois annos completos, chegaram a umas certas trevas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas, *aportaram a uma ilha*. Alli chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes comtudo não se atreveram a tirar nada. Por cima d'estas casas havia hortas e vinhas, etc.» O ecco d'estas tradições persiste nas Canarias e Açores; escreve Arruda Furtado: «Em S. Miguel, ha a lenda das *Ilhas encantadas*, que parece não ter sido encontrada nas outras ilhas dos Açores, ou ao menos ter aqui mais persistencia.— Para os lados do Nordeste apparecem de noite umas *ilhas brancas*, que são encantadas; em Santa Maria apparece um cavalleiro, porque ella como todas as ilhas fêmeas já se desencantou uma vez, e as taes ilhas brancas que apparecem estão á espera que as desencantadas se tornem a encantar, para quebrarem tambem o seu encantamento.» (2) Sobre esta crença

(1) Smith, *Hist. des Druides*, p. 30.

(2) *Materiaes para o estudo anthropologico dos Povos açorianos*, p. 41.

escreve Alexandre Guichot : « Nas Canarias vê-se uma ilha, chamada de *S. Morondon*, da qual ninguém pôde aproximar-se, porque se afasta dos que querem fazel-o. » (1) É evidentemente a lenda de *S. Brendan*, que Azurara conhecia, (2) de que ainda ha memoria na imprecação algarvia :

Valha-te *S. Borundum*,
Que mejava azeite
E fazia atum.

No Globo de Martim de Behain, vem apontada a *ilha de S. Brendan*, e na legislação portugueza abundam as referencias a ilhas encantadas : « D. Affonso v, em 12 de Janeiro de 1473, faz merce á infanta D. Beatriz de todas as ilhas que descobrir, emquanto proseguir na busca da *ilha que apparecia ás vezes da ilha de S. Thiago*, » e ainda em 1595, Philippe II concede licença ao governador por carta de 26 de Abril, para descobrir a *ilha que apparece por vezes da de S. Miguel*. (3) A tradição d'estas ilhas, chamadas *Antilia, Sete Cidades, Ilha branca*, avivou-se mais na imaginação do povo, quando depois da derrota de Alcacer Kibir o partido nacional sustentava que D. Sebastião não morrera na batalha. Em uma das suas Cartas familiares escreve D. Francisco Manuel : « Seja Deus bemdito, que nos não declarou ainda as *Ilhas empoadas*, como lhes chama F., e quando para lá seja, lá dizem que está el-rei D. Sebastião, que não deixará de nos fazer mil honras (visto que as cousas de certo mundo diz que vão ao reverso das d'este.) » (4) E em

(1) *Bibl. de las Tradiciones populares españoles*, t. I, p. 296.

(2) *Chronica da conquista de Guiné*, p. 45.

(3) J. de Torres, *Originalidades da Navegação do Oceano atlantico*.

(4) *Cartas*, p. 403. (1648.)

outra passagem, referindo-se a um verso de Bandarra, diz: «Aquella vinda já vae tocando da de *el-rei D. Sebastião*; porque já lá vae a éra dos quarenta...» (1) Em uma sentença da Inquisição de Lisboa de 1666 condemna-se uma tal Maria de Macedo «conhecida pelo nome de Violeira; *ia á ilha encoberta fallar com D. Sebastião.*» Em uma outra sentença de 1761, ainda é condemnado Frei Bernardo de S. José, religioso de S. Francisco de Loures «*grande sebastianista, por acreditar e espalhar falsas prophecias e obras de algumas suas dirigidas...*» Segundo a tradição popular, D. Sebastião está na ilha encoberta d'onde ha de vir em um dia de cerração, montado n'um cavallo branco; esta lenda do phantasma das batalhas acha-se referida ao combate de Maratona por Herodoto e Pausanias, e em Hespanha acha-se personificada em S. Milan e em S. Thiago. Nas lendas de Carlos Magno, o grande monarcha resuscitou para commandar a primeira Cruzada, como contavam os *pseudo-prophetas*, condemnados pelo chronista Eckehard; e em Hesse e na Baviera conta-se que Carlos Magno resuscitará para engrandecer a Allemanha, vencer os mãos e reinar sobre o mundo regenerado. É tambem a fórma da nossa lenda do *Quinto Imperio do mundo*, fundado pelo rei D. Sebastião quando vier da ilha encantada. A mesma lenda se personifica em o rei Arthur, dormente na ilha de Avalon, ou em Barbaroxa guardado em Kipphausen, para levantar o imperio germanico. Vê-se que todas estas lendas são anteriores ao facto historico da morte de D. Sebastião, sendo as prophecias da primeira metade do seculo xvi suscitadas por outros motivos.

O gosto e a fórma das Prophecias portuguezas do seculo xvi deve considerar-se como uma influencia

(1) *Cartas*, p. 653.

da *Kabala*, conservada entre os christãos novos; a *gematria*, quarto ramo da *Kabala*, era a mais empregada, considerando as letras como numeros. Nas *Prophcias* de Bandarra ha este systema :

Nove letras tem o nome	Põe um A pernas acima
Duas são da mesma casta ;	Tira-lhe a risca do meio,
Olha qualquer como o gasta	E por detraz lh'a arrima,
Para não morrer de fome.	Saberás quem te nomeio.

Põe trez thezouras abertas
 Diante um linhol direito,
 Contarás seis vezes cinco
 E mais um, vae satisfeito.

A Gematria foi especialmente usada pelos judeus para saberem da vinda do Messias. Nas Prophecias de Bandarra abundam as referencias biblicas, que nos obrigam a considerar aquella parte que pertence ao seculo xvi como derivada do messianismo judaico conservado entre os christãos novos. Uma sentença da Inquisição de Evora, de 1542, condemna «Luiz Dias, sapateiro de Setubal, *por se fazer Messias em Setubal e Lisboa provando-se que com milagres e feitiçarias provocava muitos judeus a acreditarem que o era, e a o adorarem e lhe beijarem a mão.*» Foi um anno antes que a Inquisição de Lisboa se apoderou do celebre sapateiro da villa de Trancoso Gonçalo Eanes Bandarra, cujas prophecias ainda hoje são populares e molde de todos os improvisos d'este genero. (1) Um factó extraordinario se deu no primeiro quartel do seculo xvi para o entusiasmo da propaganda das prophecias messianicas, de que os dois sapateiros são

(1) Em 1873 publicámos o *Processo de Bandarra*, extrahido da Torre do Tombo, Ms. n.º 7197, por exploração directa das fontes. Vid. *Hist. de Camões*, t. 1, p. 411 a 416.

testemunhos inconscientes ; em 1525 aportou a Portugal com o aparato de um príncipe-judeu David Reubeni, que se dava por irmão do rei da Ethiopia, e andava pelo mundo para conciliar todos os judeus dispersos para irem restaurar a terra da Promissão e a Casa Santa de Jerusalem. Dava-se como embaixador dos setenta anciãos do territorio de Habor ; e foi admittido por D. João III na côrte de Almeirim. As esperanças messianicas foram decepadas pelas perseguições aos *judaizantes* (christãos novos que regressavam ao judaismo). No Auto de Fé de 1559 foi queimado o desembargador da casa do civil Gil Vaz Bogalho porque «*compoz trovas em louvor da lei de Moyses, as quaes fazia cantar na Sé de Lisboa, da qual era parochiano.*» (1) As leituras da Biblia em vulgar, durante nove annos é que levaram Bandarra para esse messianismo; em 1531, quando veiu a Lisboa, já lhe pediram explicações das Trovas, e sendo visitado por Heitor Lopes em 1537, em Trancoso, *este queria mandar trasladar o Livro das Trovas porque andava já velho e roto.* No Processo vêm estes versos que faltam nas edições das Prophecias :

Tu Dão, cobra serás
 Que anda por traz dos valados
 Como o cão sorrateiro
 Que mordes o cavallo
 E matas o cavalleiro.

O cêrco e tomada de Tunis, em 1535, motivou um grande numero de prophecias entre o povo : Bayle conta que *fizeram correr uma prophecia* em que se annunciava que o imperador Carlos v derrotaria os francezes, os turcos e conquistaria a Palestina, e em

(1) Ap. Guimarães, *Sum. de Varia Hist.*, t. iv, p. 88.

uma Relação de Antonio Pontes ácerca da tomada de Tunis, diz que para augmentar a coragem dos soldados *se espalhou entre elles esta prophesia*. (1) Pelos cavalleiros portuguezes que regressaram de Tunis se espalharam estas noticias que vieram dar mais vigor á credulidade e provocar mais interesse pelas *Trovas* de Bandarra, que então se começaram a applicar á ideia politica da *Monarchia universal*, á qual se deu entre nós o nome de *Quinto Imperio*. Bandarra morreu em 1550, segundo Antonio de Sousa Macedo, e em 1556 conforme Barbosa Machado; o pobre propheta sapateiro era protegido pelo Bispo da Guarda, D. João de Portugal, da Casa de Vimioso, familia a mais perseguida por Philippe II, quando se apoderou de Portugal. Depois da derrota de Alcacer Kibir, o Bispo da Guarda foi clausurado em um mosteiro augustiniano; é então que o partido nacional começa a interpretar e a ampliar as *Trovas* de Bandarra «umas vezes viciando-as, outras accrescentando-as, outras diminuindo-as» como se lê na dedicatória da edição de Nantes. E tanto as *Trovas* eram interpretadas ácerca do futuro regresso do rei D. Sebastião, que um anno depois da occupação de Portugal, o *Index Expurgatorio* de 1581 (fl. 23) prohibia a leitura das *Trovas* de Bandarra. Em Hespanha, eram conhecidas as Prophecias em 1588, como se vê pelo Tratado *De vera et falsa Prophecia*, de D. João de Horosco. Quando o partido da independenci portugueza collocou as suas esperanças em um Bragança, o perstigio das Prophecias foi aproveitado para fallar do *Encoberto*, que era o rei D. João IV; assim se inventou um segundo corpo de *Trovas* (acrescentando-as, como se diz na edição de Nantes) e se confessa que «foi necessario com não pouca industria, buscar as mais antigas copias, das quaes a de

(1) Na *Historia de Camões*, t. I, p. 20.

menor idade é de outenta annos, nas mãos de pessoas intelligentes...» Foram os partidarios de D. João iv, que mais importancia historica deram á memoria de Bandarra; D. Alvaro de Abranches, que em 1640 arvorou a Bandeira da cidade de Lisboa e tomou o castello, mandou erigir em 1641 um tumulo a Bandarra na egreja de S. Pedro de Trancoso. Em 1644 o embaixador de D. João iv na côrte de França, imprime em casa de Guilherme Monier as *Trovas* de Bandarra. Na *Gazeta*, de Maio de 1642, appareceu tambem esta noticia: «Fez elrei nosso senhor (D. João iv) mercê a hu bisneto de Bandarra de hua Capella com que se pode sustentar sufficientemente.» (1) O conflicto entre a Inquisição e os Jesuitas reflecte-se tambem no Edital do Santo Officio, de 1646, contra as Prophecias de Bandarra; os Jesuitas haviam trabalhado a favor de D. João iv e eram os seus agentes mais activos, ao passo que a Inquisição tinha sido cerceada pelo monarcha nos seus arbitrios.

O povo ficou esperando pela vinda do rei D. Sebastião, desde que D. João iv não satisfazia as suas esperanças. Os Jesuitas continuaram a elaborar as prophecias de Bandarra ampliando-as no sentido do *Quinto Imperio*, que era o Brazil, para onde queriam levar D. João iv, ou a união de Portugal e Hespanha pelo casamento do principe D. Theodosio com a filha do rei de Hespanha. A persistencia da seita sebastianista no Brazil, como se viu em 1838 em Pernambuco, na aldêa de Pedra Bonita no hallucinado João Antonio, que levantou o povo annunciando a vinda do monarcha, (2) provém da antiga esperança da independencia ligada á fundação de um grande Imperio. Quando porém os Jesuitas, pela acção poderosa do ministro

(1) Ap. *Panorama*, t. II, p. 133.

(2) Ferd. Denis, *Portugal*, p. 306.

Castello Melhor, foram afastados do governo de D. Afonso VI, a Companhia tratou de machinar a deposição do monarcha, e o *Encuberto* era D. Pedro II, que havia expulsar do throno o irmão e tomar-lhe a esposa. O jesuita Antonio Vieira, que era do partido de D. Pedro, escreveu commentarios ás Prophecias de Bandarra, e como poeta não deixaria de amplial-as no interesse da causa; elle via no Brazil o *Quinto Imperio* do mundo, e D. Luiza de Gusmão teve traçado o plano do abandono de Portugal aos castelhanos, indo assentar o seu throno no Brazil. Os livros do padre João de Vasconcellos (dr. Gregorio de Almeida) e de Pantaleão Rodrigues Pacheco, e Nicoláo Monteiro, estribam as suas composições historicas nas Prophecias de Bandarra. Em 1729 ainda se simulou um novo achado das *Trovas* de Bandarra, em um pergaminho que pertencera ao padre Gabriel João; as *Trovas* correram apesar da intervenção do Commissario do Santo Officio Domingos Furtado de Mendonça. Pombal, vendo que as Prophecias se tornavam politicas e tinham um grande poder na imaginação do povo, mandou negar na *Deducção chronologica* a existencia historica de Bandarra, a authenticidade das suas *Trovas*, attribuindo-as a machinações da Companhia de Jesus, e pelo Edital de 10 de junho de 1768 da Mesa Censoria consideral-as como um aggregado de imposturas. No seculo XVIII ignorava-se a existencia do Processo de Bandarra de 1541, e por isso se confundiram com as apocryphas o corpo das *Trovas* que pertencia ao seculo XVI. Em outros successos nacionaes, como a invasão franceza, se inventaram mais *Trovas* de Bandarra, animando o povo para a resistencia, e ainda hoje ha interpretações d'essas Prophecias, em relação aos acontecimentos europeus. (1) A nossa litteratura

(1) Vid. *A Nação*, n.º 12:180 (anno de 1882) onde o padre Conceição Vieira explica por Bandarra a eleição de Leão XIII.

prophetica é rica ; citaremos os *Disparatos do Pretinho do Japão*, Clemente Gomes, escravo do Capitão Balthazar Godinho de Sousa, as *Prophecias do Beato Antonio*, da congregação de S. João Evangelista, as *Visões da Veneravel Agueda*, as prophecias do Mouro de Granada, as prophecias achadas na sepultura de D. Manuel, o Vaticinio de um Ermitão de Santa vida, Vaticinio cantado por um Romeiro a D. Sebastião, vindo de Gadelupe, o Sonho do Ourives do Sardoal, etc. Os versos podemos consideral-os como apocryphos, mas os *prophetas* eram sinceros na sua hallucinação ; Fructuoso relata minuciosamente o caso de um propheta da ilha da Madeira, no seculo xvi (1) em tudo semelhante a esses trez prophetas sebastianistas de Pernambuco João Antonio, João Ferreira e Pedro Antonio, que se tornaram fundadores de uma religião sangüinaria. Nas varias Sentenças do Santo Officio, apparecem condemnados muitos prophetas ; assim na Inquisição de Lisboa em 1582, Affonso *Adivinhão*, em 1584 Pedro Affonso *Adivinhão*, em 1638 João Lopes, idiota *propheta*. Ferdinand Diniz publicou um trecho de um viajante francez do seculo xvii, em que se narra as prophecias que um pobre idiota dizia á porta de uma igreja sobre a vinda do rei D. Sebastião. (2) Nos divertimentos do *Entrudo*, a lenda de D. Sebastião tem sido o assumpto de cavalhadas apparatusas, em que ha o desembarque do *Encuberto* com o cortejo dos seus fidalgos, (3) e por ultimo foi apontada como o thema exclusivo para a poesia portugueza.

(1) *Saudades da Terra*, p. 56. (Ed. Azevedo.)

(2) *Portugal*, p. 306.

(3) *Periodico dos Pobres do Porto*, de 1857 (n.º 46, III serie.)

CAPITULO III

As Festas do Calendario popular

Necessidade do computo chronologico na vida social.—O *anno lunar* e o *anno solar*; meios empiricos da sua concordancia.—A Igreja adopta o *anno lunar*, e o povo conserva nas suas festas os *mythos solares*.— Restos do Calendario romano no catholicismo.— JANEIRO: Os primeiros doze dias; os *Annos boinos*: Janeiras e Janeiroiros; o *Aguinaldo*.— Janeiroinhas da Foz do Dão.— Os Reis e S. Gonçalo; Dar o nó.— Santo Amaro e as Sebastianas.— As Fogaceiras de Villa da Feira.— FEVEREIRO: A Candelaria; o S. Braz.— MARÇO: S. Bento; a Festa do Cuco, em Famalicão.— ABRIL: Dia dos Enganos; o Boi-Marcos, no Algarve.— Queimar os Compadres e as Comadres.— O Entrudo; Caça aos Gramosilhos; Dia de Cinza; Serração da Velha e Queima do Judas.— Os Passos de Lamego; a Paixão e Enterro; Folares e Reconhecimentos: Gallo das Trevas e Vella Maria.— Ascensão, Cordeiro Paschal; Benção do lume-novo; Semana dos arrastados.— S. Pedro Gonsalves.— O Compasso, no Minho.— MAIO e JUNHO: As Maias; Ladainhas de Maio, em Nisa.— A Espiga.— Espirito Santo; Bodos e Imperios; Procissão dos Taboleiros; Imperador de Eiras; Rolo de cêra.— Santo Antonio.— Corpo de Deus; Boi bento, Carro das ervas; Santo Grande.— S. João; Cavalleiros de Obidos; Mouriscadas; Porco preto, em Braga. S. Pedro.— JULHO: Fogueiras saloias.— Senhora de Antime.— Bolo de Pombal.— AGOSTO: Procissão dos Ferrolhos.— Romaria do Cabez.— S. Bartholomeu.— SEPTEMBRO: S. Pedro de Niza.— OUTUBRO: S. Simão.— NOVEMBRO: Todos os Santos, e o Pão por Deus.— Fieis Defunctos. S. Martinho.— DEZEMBRO: S. Nicoláo. Santa Luzia.— Côte do Cêpo do Natal; Festa do O.— Natal: Presepios e Lapinhas; Trigo grellado, Rosquilhas, Missa do gallo; Cêa do Natal e Consoadas. Fartes: Bispo dos Loucos, Bispo Innocente.— Galheiro ou Trafogueiro.— Santo Estevam.— Entrega do Ramo, em Aveiro.— As Quendas e Requendas.— Fim do anno.

Em todos os povos que se elevaram á organização civil, as Festas religiosas foram um objecto de acção

commum, e ao mesmo tempo o meio de fixar em dadas epochas do anno o termo dos contractos, o começo dos mercados, o fim das magistraturas electivas, a concorrência aos jogos publicos e a commemoração das datas historicas que interessavam á communidade. O mez foi a primitiva e mais facil base chronologica determinada pela revolução da lua; como porém as estações se apresentavam com regularidade evidente nos phenomenos metereologicos e na vegetação, reconheceu-se um periodo ou circulo, *annus*, dentro do qual se comprehendiam doze mezes, uns de 29 dias, chamados *coiloï*, e outros de 30 dias, chamados *plereis*. Apesar de não coincidirem estes doze mezes com a marcha do sol em relação a um mesmo solsticio, prevaleceu nas civilizações primitivas o *anno lunar* de 354 dias, tendo de menos 12 dias e 6 horas do que o *solar*, ou tambem o *anno lunar* de 360 dias formado de doze mezes *plereis*. A mais vetusta chronologia é fundada na base lunar. Com o desencontro dos dois periodos *lunar* e *solar*, os actos publicos retrogradavam da sua fixação, e a classe sacerdotal a quem competia a celebração das festas e a investidura das magistraturas, teve de corrigir as incertezas do anno lunar, procurando um periodo remoto dentro do qual as duas bases concordassem o mais inteiramente possivel; é assim que já na Chaldêa se encontra esse periodo de dezenove annos lunares, em que as mesmas phases da lua se repetem, e que o geometra grego Meton, cinco seculos antes da nossa éra fixou, e que a Igreja ainda hoje conserva no seu computo sob o titulo de *Aureo numero*. Como porém, n'este periodo as luas-novas não são rigorosamente á mesma hora, dava-se ao fim de 304 annos a differença de quasi um dia; a Igreja adoptou uns numeros complementares, ou as *Epactas*, para conseguir esta concordancia. Em Roma prevaleceu o *anno lunar* até ao governo de

Cesar, e para corrigir a sua incerteza os Pontifices, como arbitros do tempo, formavam a lista dos dias de cada mez com destino á fixação das funcções sociaes, *Dies agendi*, *Dies fasti*. O povo era chamado ao Capitolio para ali ouvir dizer quando era o primeiro dia do mez, e n'esse mez quando eram os dias de tribunal, dos sacrificios, dos jogos publicos, dos mercados, e d'aqui se chamou *Calendas*, á ordem do tempo, que os Pontifices falsificavam segundo a conveniencia das facções politicas, para prolongar ou terminar o praso das magistraturas. Como investido do poder pontifical, Julio Cesar quiz pôr fim a estes abusos, e fez a reforma do computo do tempo adoptando exclusivamente o *anno solar*, tomado dos Egypcios, que o tinham determinado em 365 dias e um quarto. Este quarto de dia formava ao fim de quatro annos um dia completo, e d'aqui a sua intercalação em Fevereiro, ou o anno *bisexto*. A marcha historica da Europa foi computada pela *Era de Cesar*.

A Egreja teve de retroceder á adopção do *anno lunar*, por causa da fixação da festa da Paschoa. Para que a festa christã não fosse uma parodia da Paschoa dos Judeus celebrada «no dia da primeira lua que segue o equinoxio da primavera» estabeleceu-se no Concilio de Nicêa que se fixasse «no primeiro domingo depois da primeira lua cheia que seguisse o equinoxio da primavera.» Como porém o regresso do Sol ao equinoxio da primavera é de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos, ao fim de cento e trinta e quatro annos apparecia a differença de um dia, e ao fim de quatrocentos e dois annos a differença de trez dias. (1) Os padres da Egreja reconheceram a incerteza da fixação da Paschoa, e Gregorio XIII, em 1582, fez a celebre correcção mandando supprimir dez

(1) Hoeffler, *Hist. de l'Astronomie*, p. 320.

dias, passando de 4 a 15 de Outubro. Como o problema a resolver era harmonisar o *anno lunar* com o *solar*, ficou a Paschoa fluctuando entre os limites de 22 de Março e 25 de Abril, para poder celebrar-se sempre no primeiro domingo depois da lua chêa que se seguia ao equinoxio da primavera. A Paschoa é o ponto de partida por onde se regula a celebração das festas da Ancensão, de Pentecostes, da Trindade, denominadas *moveis*, por variarem na successão de 35 dias.

As Estações, pela sua influencia nos trabalhos agricolas, obrigavam o povo a regular-se pelo anno solar; Hesiodo falla do Calendario agricola com prognosticos, *episemastai*, semelhantes aos nossos aphorismos da lavoura. Esses trabalhos agricolas começavam-se ou acabavam-se com festas. Na Igreja, as *Temporas* são as expiações do começo de cada Estação. (1) Nas Festas do Calendario popular vamos achar ainda fórmulas cultuaes allusivas aos phenomenos do *anno solar* da alternancia do Verão e do Inverno, e fórmulas do culto lunar, mesmo independentes da Paschoa da Igreja.

Assim como alguns dias da semana dos romanos conservaram o seu nome entre os povos catholicos, (2) tambem muitas festas do Polytheismo persistem até com o mesmo nome no actual Calendario. A festa de Baccho, ou *Dionisio*, celebrada na primavera nas cidades, sob o titulo de *urbana*, e na epoca das vindimas no campo com a designação de *rustica*, acha-se no Calendario catholico sob o titulo *Festum Sancti Urbani*, a 25 de Maio; e a 9 de Outubro celebra-se a *Festum*

(1) Abb. Pascal, *Orig. et raison de la Liturgie catholique*, p. 1066. (Coll. Migne.)

(2) Lê-se no *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 1132 :

e do lunes ao martes
foy commendador d'Ocres.

Sanctorum Dionisii, Eleutherii et Rustici, sanctificação directa dos epithetos de Baccho. O epitheto de *Demetrius*, acha-se no Calendario catholico a 8 de Outubro: *Festum Sancti Demetrii*, com a legenda do seu martyrio mandado fazer por Maximiliano desesperado com a morte de *Lyceus* (outro epitheto de Baccho.) Por fim o proprio *Baccho* appareceu sanctificado no Breviario em 8 de Outubro sobre a sigla *Festum Sancti Bacchi*. Segundo o mytho polytheista Baccho casa com a brisa representada pela nympha *Aura placida*, da qual o Calendario catholico fez as *Santas Aura e Placida*. A festa de S. *Serapião*, em 14 de Outubro, é a transformação do culto de *Serapis*, que o polytheismo greco-romano tomou do Egypto. As festas de *Santo Hilarião* em 21 de Outubro e de *Santo Hilario* em 14 de Janeiro, são as mesmas *Festas Hilarias* dos Romanos; as festas de Apollo, que os Gregos celebravam com jogos chamados *Apollinarios*, no breviario catholico têm o titulo *Festum Sancti Apollinariii*. As festas romanas de *Florae et luci*, acham-se christianisadas com o nome de *Santa Flora* e *Santa Luzia*, bem como as festas de outros deuses como *Simão*, Anna e Quirino. (1)

Não temos espaço para reconstruir as fórmulas primitivas do anno, que ainda explicam o sentido de muitas festas populares, por isso nos limitaremos á parte descriptiva dos *Dias fastos* que mais profundamente se ligaram aos costumes.

Janeiro.— O aspecto dos primeiros 12 dias d'este mez prognostica o que serão os doze mezes do anno que começa. No 1.º de Janeiro celebra-se a *Circumcisão*, instituida como se sabe pelo canon 170 do Concilio de Tours, de 567, para substituir os costumes

(1) Leoncio de la Vega, *Folk-Lore andaluz*, p. 342 a 345.

populares das *Estréas*, (Strenua) das Mascaradas, Jogos e Banquetes. Diz Santo Agostinho, no Sermão 198: «Os pagãos offerecem *Estréas*, dae vós esmolas; divertem-se com cantos impuros, escutae as santas Escripturas; vão para os theatros, vinde para a igreja; embriagam-se, jejuae.» Apesar da condemnação catholica, persistiram os divertimentos populares do primeiro dia do anno, em que como nas *Festas sigilares* de Roma, em que se tocava buzina pelas portas, os Janeireiros em bando vão pedir as estreias. Em uma Canção de Estevam da Guarda, da epoca de D. Affonso III, falla-se: «em vespera *d'ano novo*» e em «vespera de *janeyras*.» (1) Antonio Prestes nos seus *Autos* tambem allude a estas festas: (p. 10 e 32.)

Quebrae-me os pandeiros
Fazei-vos agora por mim *janeireiros*.

N'um pintar-lhe *Anno bom*...

Nas suas *Cartas*, diz tambem D. Francisco Manuel: «Não acho cousa para *dar bons annos* tão seguros como:

Anos boinos, annos boinos
Deus vol-os mande melhorados...

como dizem as nossas velhas.» (2) Filinto esboça nos seus *Fastos luzitanos* esta festa dos arredores de Lisboa:

Oh quanto é mais feliz o villão toscó
De rubicunda, prazenteira face,
Que em torno da lareira co' as saloias,
Canta ao som da viola que reclama
As simples trovas das pagãs *Janeiras*.

(1) Canção, n.º 919.

(2) *Cartas*, p. 542.

José de Torres tambem descreve estes mesmos costumes nos Açores : «Os *Janeireiros* illetrados arrogam-se no canto e improviso toda a ousadia e liberdade. O mais fino garganteador entôa só cada dois versos da copla, ou o quer que é que elle phantasia ; depois repete-os a chusma em côro em altas berrarias. — A viola, a rabeca, o pifaro soltam sons estridentes. Chusma de curiosos acompanha o tanger por casas de amigos e conhecidos.— Depois dos cantares, os brindes de quem recebeu tão grande honra. E assim cresce o bojo do alforge, té que a manhã desponta, e o dia de anno bom se assoalha.» (1)

Eis os versos colligidos por José de Torres :

Boas festas e bons annos
Hoje vos vimos trazer,
Esp'ramos a recompensa,
Vêde o que deveis fazer.

Gallinhas e fartes
Tudo levaremos,
Que somos de longe
Nada d'isso temos.

Senhores honrados
Mandae-nos abrir,
Que somos de longe
Queremo-nos ir.

Na Galliza e em muitas partes da Hespanha chama-se a esta saudação do anno novo e peditorio das estréas o *Aguinaldo* :

Déanol'o *aguinaldo*
anque sea pouco,
un bon bacalao
e mais meta d'outro :
de postres compota

(1) *Panorama*, t. XIII, p. 104 e 110.

e tamen castañas,
buenas y e bien grandes,
un molete enteiro
e un queixo de Flandres.

Traya o *aguinaldo*
si o hade dar,
castañas e zonchos,
para debullar.

No *Romancero general*, de Duran, vem equal referencia : (n.º 733.)

Dia era de los Reys
Dia era señalado,
Quando dueñas y doncellas
Al Rey piden *aguinaldo*.

Esta mesma saudação passou aos jogos infantis, como se vê nos *Conceptos espirituales* de Ledesma, com que as crianças celebram o Anno novo :

Aguinaldo, aguinaldo
Que dios nos dé *buen ano*.

Estas puertas san de pino,
Aqui vive algun judio.
Aguinaldo !

Estas portas son d'acero,
Aqui vive un caballero.
Aguinaldo !

Por sus pecados pechero,
Que es nuestro padre primero,
Aguinaldo !

Mas darle por nuevas quiero
Aguinaldo !

Que en bien está cercano,
Que Dios nos dé de buen año.
Aguinaldo !

Este grito infantil de saudações ao anno novo é tambem repetido em uma grande parte da França, variando segundo as localidades: *Au gui l'an neuf!* que Belloguet traz sob a fôrma *Hoguilanneuf*, *A guilanné*, *Agui lanlé*, *Aguilable*, *Equinané*, *Guilamen*, *Guilonn-neou*, *Guil-lou-né* e *Guignoleux*. Belloguet queria vêr n'este grito uma reminiscencia popular de uma cerimonia druidica, em que os sacerdotes gaulezes iam colher a resina ou o gui no sexto dia da lua. (1) Schuchardt considera *Aguinaldo* como palavra derivada de *Calenda*, a chamada do povo no primeiro mez do anno.

Nas festas populares do Brazil as dansas fazem-se percorrendo varias casas um magote de individuos, com um rapaz que leva a *figura de um boi*, em que se occulta, e as cantigas simulam uma especie de Auto dramatico. (2)

«No primeiro de Janeiro de cada anno, (Cabo Verde) esperam as raparigas os rapazes, e estes aquellas, e o que avista primeiro o outro, grita com toda a força, dizendo:

—Nhô fulano, *dá-me o Reis?*

«Se a rapariga foi quem pediu primeiro, o rapaz dá-lhe um córte de camisa, ou de saia, que lhe leva a casa no dia 6; e se o rapaz foi quem pediu, vae este a casa d'ella, que já lá tem um córte de calça de cotim ou outro qualquer objecto. No anno seguinte o que recebeu dobra a dadiva, e assim continua todos os annos, até chegar a contar de ouro no valor 20,000 réis, córte de calças, casacos de panno fino, etc. A final, acabam os Reis com o casamento...» (3)

O *dia de Reis*, celebrado a 6 de Janeiro, é uma fôrma de commemoração do nascimento de Christo,

(1) *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 294.

(2) *Cantos populares do Brazil*, n.º 72, e nota.

(3) *Almanach de Lembranças para 1865*, p. 68.

da igreja do Oriente influenciada pelo *achado de Osiris*. (Cruzer.) Prestes, escreve : « Cantae-lhe *Os Reis*, se compris. » (p. 240.) E D. Francisco Manuel de Mello : « E a este proposito não é sem sabor cantar hoje : *Reys miei santos colorados*, e ir proseguindo. » (*Cartas*, p. 542.) Dos costumes açorianos, escreve José de Torres : « O cantar dos *Reis* e *Sebastianas* nas noites que precedem os dias 6 e 20 de Janeiro, são folguedos analogos. Se as cantigas variam, musicas e scenario permanecem os mesmos. Muitas vezes n'esta especie de peditorio tem os ranchos de cantores por fim auxiliar algumas capellas e ermidas pobres. » (1) Na ilha da Madeira costuma-se visitar as *lapinhas* ou presepios : « Quando em dia de Reis a lapinha do villão é visitada por algum fidalgo ou fidalga, por muito honrado se tem o dono em que o senhor ou a senhora tire da lapinha um ou outro fructo, o que em geral lhe é pago bizarramente com uma boa offerta pelos fidalgos. » (2) As casas estão francas durante as trez outavas do Natal.

As *Janeirinhas* na Foz do Dão : — « É costume n'esta aldêa nos dias 3 a 6 de Janeiro, juntarem-se os rapazes em grupos e percorrerem todas as casas a pedirem as *janeirinhas*. Costumam dar-lhes chouriços, cebolas, batatas, alhos, castanhas, maçãs, passas, vinho, etc. Um dos do grupo vae adiante com uma candeia a allumiar ; quando se lhe acaba o azeite é costume encher-lh'a de novo na casa a que vão pedir. Vae outro com um sacco para receber as esmolas. Se acontece, e acontece muitas vezes, não lhe darem cousa alguma, o grupo faz côro diante da porta, dizendo :

Surrão, surrão,
Esta casa vá ao ehão !

(1) *Fastos açorimos, Pan.*, t. xm, p. 444.

(2) *Actualidade*, n.º 293 (1876.)

Quando lhes dão, dizem lisongeando o dono:

Ripa, ripa,
Esta casa seja rica!

Depois do peditorio e correrem todas as casas, vão fazer uma fogueira para assarem castanhas ou alguma outra cousa das que lhes deram.» (1)

No dia de Reis deitam-se trez bagos de romã no lume para o ter acceso todo o anno, trez bagos na caixa do pão, e trez no bolso do dinheiro, para ter dinheiro e pão. (2)

O S. *Gonçalo* (10 de Janeiro): «Por ocasião da festa que lhe fazem em Amarante, e á qual concorre muita gente do Minho, Maia, etc., com festas, descantes, vão os romeiros e romeiras a um giestal proximo da villa *dar um nó* n'uma giesta, e por milagre do santo casam. Os romeiros trazem á volta o chapéo enfeitado com o registo do santo, (como n'outras romarias) figuras de trigo pintadas e cobertas de assucar, etc. O que é mais importante para este estado, é o costume que as raparigas mais garotas têm de trazer da romaria uns pãesinhos pequenos, á maneira de uberes de cabra, a que em boa linguagem popular chamam *phallus* de S. *Gonçalo*. As pessoas que não vão á romaria pedem que lhes tragam estes pãesinhos.» (3) Lê-se na *Description de la Ville de Lisbonne* (1738): «Os velhos e pessoas achacadas têm egualmente uma singular devoção a S. *Gonçalo*, portuguez de nação, que está no convento dos dominicanos, na praça do Rocio. No dia da sua festa *fazem ali umas danças* bailando e cantando:

Quem com o Santo quizer sarar
Ao Santo ha de bailar.»

(1) *Almanach de Lembranças* para 1873, p. 196.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 324.

(3) Leite de Vasconcellos (*Vanguarda*, n.º 27, 1880.)

Eis uma amostra das Cantigas, que se repetem em Penafiel :

S. Gonçalo d'Amarante
Foi ao moinho de vento,
Traz a farinha na testa
Para fazer o fermento.

Prometti a S. Gonçalo,
Prometti hei-lh'o fazer,
Uma papia de maça
Quando minha mãe coser.

As Festas d'alem do Cóa: Na vespera da festa de qualquer Santo, os mordomos a cavallo, um vestido de capitão de infantaria, outro de alferes, e outro de Anjo entre elles, com uma bandeira, e um papel com fitas pendentes, acompanhados ao som do rufo, de muita gente, vão á porta da igreja e depois á do parochio, onde lançam um pregão dos Milagres e vida do Santo.

«Chama-se a esta cerimonia a *Fama*.

«No dia seguinte os mesmos acompanham a procissão com espadas nũas; o Santo na volta fica á porta da igreja, voltado para o povo, e os trez fazem diante da imagem muitas evoluções de esgrima, simulando atacar o Santo, até que lhe depõem as espadas aos pés. É ao que se chama a *Venia*. Depois d'isto é a *Corrida do Gallo*, indo por fim um rancho de trinta homens dar tiros de polvora seca á porta dos novos mordomos.» (1)

Santo Amaro (15 de Janeiro): Na cidade da Horta é festejado Santo Amaro todos os domingos desde 15 de Janeiro até 2 de Fevereiro, fazendo-se leilão de pernas e braços de massa. (2) Em Beja, fóra da porta

(1) *Almanach de Lembranças* para 1878, p. 130.

(2) *Idem*, para 1861, p. 119.

d'Evora, festeja-se este Santo, offerecendo-lhe as camponezas *pernas e braços* de massa de doce: «de noite é que a funcção se torna algum tanto profana, pois se transforma a igreja em mercado, no qual se vendem todas as pernas e braços offerecidos ao Santo. Não haja medo que alguém deixe de comprar um braço ou perna, que logo vae para o estomago do comprador, pois é de fé que assim se evitam as dores no anno seguinte, nas proprias pernas ou nos proprios braços, que tambem ficam livres de se partirem ou desmancharem. Ha annos em que se consommem perto de quarenta alqueires de farinha em braços e pernas.» (1) Na ilha de S. Miguel (freguezia de S. José, em Ponta Delgada) ha esta festa; a venda das offertas faz-se na igreja durante algumas tardes. Na ilha da Madeira, os doces, carne de porco, mel e outros acepipes do Natal, consommem-se em dia de Santo Amaro «em que tem logar o *varrer dos armarios*, costumando as pessoas de amizade irem umas a casa das outras com uma vassourinha varrer os armarios, o que dá logar a muito riso, muita conversa, e ás vezes musica e dança.» (2)

O S. *Sebastião* (20 de Janeiro): Eis como se faz a festa de S. Sebastião em Faro: «Logo na tarde do dia 19, rapazes e crianças de ambos os sexos e em grande numero, invadem as casas da cidade, pedindo vellas, côtos, pavios, tudo finalmente que possa servir para improvisar uma tocha ou cousa que com isso se pareça. Obtido o indispensavel combustivel, é este fixado n'um páo ou n'uma cana, e põe-se-lhe á roda um guarda-vento de papel, em que ás vezes se vêem extravagantes pinturas. Os maritimos preferem archotes ou pedaços de cordas velhas, e reúnem-se todos

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1860, p. 284.

(2) *Actualidade*, n.º 293 (1876.)

em frente da ermida, na noite da procissão (quando é levado para a Sé, onde fica até ao dia seguinte). Ao ingrato som das continuas badaladas de uma solitaria sineta, começa o préstito a mover-se, por volta das 8 horas d'aquella sempre fria e desagradavel noute. Mal que sae da capella o andor do Santo, atrôa os âres uma terrivel vozeria, são trez ou quatro mil pessoas a repetir com toda a força dos pulmões a antiphona popular — *Viva o mártele Sam Sebastião!* E lá vae caminhando o Santo atraz d'aquella desordenada multidão, sem que cessem um unico instante, emquanto o Santo anda por fóra, nem a antiphona, nem os estalos de bombas e foguetes, nem os assobios e gritaria dos rapazes.... é permittido n'essa noite a qualquer maritimo o queimar as barbas e chamuscar o cabelo a outro cidadão que vá munido de uma arma equal... Muitas são as chamuscaduras, muitas as pirraças para apagar os archotes, muitas as graças pesadas, sem que de tudo isto resulte contenda ou rixa alguma. — Quando o préstito chega á praça, é que a solemnidade se torna mais interessante.— De todas as ruas saem ranchos de mulheres conduzindo crianças a pé e ao collo. Na mão d'estas se vê a classica tocha, preparada com desvelo pelo pae ou pela mãe, e que ás vezes é origem de grandes choradeiras. Chega finalmente a procissão á Sé, em cujo largo se diria que debandava o préstito, se em debandada não tivesse elle vindo até alli.» (1)

Em Nisa «De tarde tem logar a venda dos ramos, que são offertas e presentinhos que lhe fazem as donzellas devotas da villa, de algumas cestas de fructa, pratos de doce, carne ensacada, ou queijo de seus rebanhos, em remuneração de alguma assignalada mercê que receberam.» (2)

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1860, p. 82.

(2) *Mem. hist. da Villa de Niza*, t. 1, p. 85.

A *Festa das Fogaceiras*, celebra-se em 20 de Janeiro, na villa da Feira, em louvor de S. Sebastião. São trez grandes fogaças, que trez donzellas pobres levam em procissão á matriz, onde são benzidas, havendo sermão e missa; vem depois em procissão á casa da Camara, onde ellas são repartidas pela população, levando as meninas as fatias pelas portas e recebendo a esmola que cada um quer dar. (1)

Fevereiro.— A festa da *Senhora das Candêas*, celebrada a 3 de Fevereiro, é uma transformação da festa romana da deusa *Febbrua*, em que os rapazes faziam um grande barulho; no Monferrato tem o titulo de *Facirere*. Como o Fevereiro fôra antigamente o ultimo mez do anno, diz Ferraro: «*utebatur libertate decembris.*» (2) Em um jornal lêmos a seguinte noticia, relativa ao dia 3 de Fevereiro: «Realizou-se trasante-hontem, em Lisboa, no Lumiar, a feira de Santa Brizida. Os camponezes concorreram em grande numero com gado, e depois de comprarem as *candêas* e rôlo de cêra, deram trez voltas á roda da egreja, para assim ficar, segundo dizem, livres de molestias provenientes do máo olhado. O gado vaccum e bovino, depois da passeata retirou trazendo nas hastes *candêas* enroladas.» (3) No *Cancioneiro da Vaticana* falla-se n'este costume do seculo XIII:

Quer' eu ora mui cedo provar se poderey
hir queimar mhas *candêas* com gram coita qu' ey,
e por veer meu amigo. (Canç. 265.)

Poys vossas madres vam a Sam Simom
de val de Prados *candêas* queimar,

(1) *Almanach de Lembranças* para 1864, p. 85.

(2) *Rivista de Letteratura popolare*, p. 148.

(3) *Actualidade*, Porto, 3 de Fev. 1885.

nós as meninas punhemos d'andar
 com nossas madres, s'ellas entom
 queymen *candéas* per nós e per si,
 e nós meninas bailaremos hy. (Canç. 336.)

A *Candelaria* é commum a todo o occidente, e é considerada como um periodo de observação meteorologica nos proverbios vulgares :

Se a Senhora da Luz chorar,
 Está o inverno a acabar.

Se a Senhora da Luz rir,
 Está o inverno para vir.

Na Toscana diz-se este mesmo proverbio, em que a observação meteorologica se mistura com o acto cultural :

Se piove o nevica per la Candelora
 Dell' inverno siamo fora.
 Se è sole, o solicello
 Siamo in mezzo al verno.

E na Extremadura hespanhola se diz :

El dia de la Candelora
 que llova, que no llova,
 inverno fora.
 Y se llova y hace vento
 inverno dentro.

O mesmo proverbio é commum á Hespanha, França, Inglaterra e Allemanha. (1)

Em S. Miguel faz-se a festa de *S. Braz*, no dia 3 de

(1) Pitriè, *Spettacoli e Feste*, p. 180. Lê-se em Leroux de Lincy (*Prov.*, t. I, p. 65):

La veille de la Chandeleur
 L' hiver se passe ou prend vigueur.

Fevereiro ; vende-se na igreja pão bento e offertas ao Santo, como na Sicilia, a *cannaruzzedda di S. Brasi*.

Março.— A festa de S. Bento, coincide com a outra da primavera, e confunde-se com a *festa do Cuco*. Ampère falla d'este costume na Grecia moderna : «A canção da *andorinha*, de que fallam os antigos, é ainda hoje entoada pelas crianças gregas no 1.º dia de Março, e mesmo conservaram o costume de levarem comsigo a imagem de passarinhos, cuja volta annuncia a primavera.» (1)

Na *Description de la Ville de Lisbonne*, falla-se tambem na festa de S. Bento em 21 de Março : «Os homens e mulheres têm grande devoção a S. Bento, cujas reliquias repousam em uma grande igreja do seu nome. Vê-se a 21 de Março... um concurso extraordinario de povo, que batendo á porta d'esta igreja — pede ao Santo que lhe não deixe faltar o pão : e pelo anno adiante as raparigas mandam ali dizer missas para encontrarem bons maridos.» Já vimos nas superstições populares a fórmula do *cuco*, commum ao occidente. No Minho a *festa do Cuco* tem uma forma dramatica rudimentar :

«Em Villa Nova de Famalicão, a melhor festa para os habitantes da villa é a do *Cuco*. É sempre no dia de S. Bento (21 de Março.) Vae o *Cuco-mór* mettido em uma liteira puxada por dois burros lazarentos ; depois do *Cuco-mór* segue-se o trem, que consiste em taxos, bacias, caldeiras, etc., tudo muito velho, carregado em jumentos ; e atraz de tudo segue-se o braço d'armas dos irmãos da confraria, que é outro jumento carregado de chifres de boi. Em todos os largos para esta linda comitiva, e o *Cuco-mór* envia então varias aves pequenas, como pardaes, chascos, etc., dizendo

(1) *Grèce, Rome et Dante*, p. 58.

com grande alegria dos espectadores : — Ahi vae um *cuco* para a freguezia de tal ; outro para a freguezia de tal. E assim correm toda a villa.» (1)

Abril.— O 1.º dia d'Abril é o *dia das petas*, (Açores) ou dos enganos (Porto); chama-se-lhe em França *Poisson d'avril*. Lêmos em um jornal provinciano: «Efectivamente um dos enganos mais explorados é o obrigar um individuo a dar passos baldados, procurar um objecto impossivel ou que não está no sitio que lhe designam. E são especialmente as crianças escolhidas para victimas dos enganos, porque a ellas se presta mais a sua innocencia.—Vae buscar uma corda para amarrar o vento.— Ah ! exclamam para outro : Quem te pintou a cara ? E a criança corre ao espelho e só então se lembra que está no 1.º de Abril.»

Entre 22 de Março e 25 de Abril fluctua a festa da *Paschoa*, que n'este logar descreveremos em todos os seus elementos.

No Pegu, como conta Symes, «no *ultimo dia do anno solar*, que corresponde n'aquella região ao nosso 12 de Abril, homens e mulheres fazem uma especie de *Carnaval*, esguichando-se uns aos outros com agua fresca e limpa, com a qual dizem que lavam todos os peccados do anno.» (2) Tambem na India existe o mesmo costume nas festas de Christna, com o nome de *Vasanta*; é a festa da primavera, atirando-se uns aos outros póz vermelhos, ordinariamente de raiz de gengibre, coloridos com açafão, e esguichando-se com agua perfumada, lançando-se folhas de rosa. Temos estes costumes ainda com sentido cultural. José de Torres descreve o *Entrudo* nos *Fastos açorianos*: «Já pouco nos resta d'elle: reuniões frouxas e brindes

(1) *Almanach de Lembranças* para 1857, p. 146.

(2) *Piccola Enciclopedia indiana*, p. 65.

de familia nas quatro *Quintas feiras de amigos e amigas*, de *Compadres e Comadres*, anteriores ao Domingo da Quaresma: as *filhós*, os *sonhos*, as *malassadas*, que como trunfo obrigado se dão n'esses dias, e no domingo gordo até á terça feira de Entrudo.— Aquellas quintas feiras são uma compensação hebdomadaria de quatro semanas roubadas á loucura e priguiza do Carnaval...— os trez ultimos dias de preceito, que apenas se revelam por alguma *mascara* nas ruas, pela agua da rara *caldeirada* ou borrifo da *borracha*, pelo combate dos *projectis de cera* recheados de agua e aroma (que os ovos não são lá de usança) — pela metralha de grãos cereaes ou legumes, por alguma cara assaltada ou *farruscada*, pelo fato empoado de farinha, e o corpo perseguido pelos malditos *papelinhos*, faula de dolichos infaustos; algum *mergulho* nos tanques publicos, alguma *laranjada* de garoto, que a turba applaude e excita, completam a festa.— O logar do combate nenhuma outra cousa annuncia de longe senão a repetida bulha de *estalos* fulminantes.» (1) Do uso das *laranjadas* no seculo xvi, falla Fructuoso: «E andando no paço, sendo mancebo e moço fidalgo no Mosteiro de Santo Agostinho em Santarem outros moços fidalgos *junto do Entrudo* se puzeram todos contra elle ás *laranjadas*...» (2) Um alvará de Philippe III, de 15 de Dezembro de 1608, § 43, prohibiu nas ruas de Lisboa as *laranjadas* e *brigas de Entrudo*. Para afastar o povo das festas do Carnaval instituiu-se o *Jubileu das Quarenta horas* «com pomposas festas de egreja, com recreativas procissões nos trez dias de entrudo. (3) Os Jesuitas em 1608, iniciaram estas devoções, levantando na egreja de S. Roque uma

(1) *Panorama*, t. XIII, p. 112.

(2) *Saudades da Terra*, p. 101.

(3) *Summario de Varia Hist.*, t. II, p. 79.

pyramide encimada por um archanjo que abria e fechava as azas mostrando ou occultando a Custodia, concorrendo ás confissões e communhão para cima de vinte mil devotos, attrahidos pela novidade. Durante os trez dias de Entrudo fizeram trez procissões, dos Meninos, dos Escolares de Santo Antão, e dos Irmãos da Congregação da Doutrina ; a corrente popular prevaleceu. Leite de Vasconcellos cita outro costume : « Nas aldeas da Beira Alta presenciei muitas vezes o costume de *Queimar os Compadres* e as *Comadres*, nas duas quintas feiras mais proximas do entrudo. Uns e outros são monos de palha... os primeiros representam homens e são feitos e queimados pelas mulheres ; os segundos representam mulheres e são feitos e queimados pelos homens. Os *Compadres* queimam-se ordinariamente nas janellas, porque os homens não os deixam sair fóra ; as *Comadres* levam-nas espetadas pelas ruas guardadas por gente mascarada... é costume lerem-se *testamentos* em que os suppliciados fazem as suas deixas. » (1) No Alemtejo e Algarve usa-se por occasião do Entrudo enganar os moços convidando-os para irem á *Caça dos Gramosilhos* ou *Grambosinos* ; consiste o engano em levar-os para o campo, e collocal-os ao pé de um agulheiro de qualquer muro com um sacco na mão á espera que saia d'ali o gramosilho, especie de coelho pequeno. Os cómpañeiros fingem que vão bater o mato, e deixam-no ali até que o rapaz cae em si conhecendo o logro. Na Extremadura e Minho esta pulha faz-se pela *Serração da Velha*.

Na *quarta feira de cinza*, queimam-se os *Ramos* do anno antecedente. « Em Bragança, a Misericordia alluga n'este dia um fato que *figura a Morte*, e o individuo que o veste empunha uma foice, correndo a cidade e

(1) *Vanguarda*, n.º 19 (1880.)

dando pancadaria nos rapazes que o perseguem cantando :

Oh Morte ! oh piella,
Tira a chicha da panella !

O aluguer dura só por uma hora, renovando-se até que o ultimo acompanha a procissão da Cinza, levando ao seu lado um Anjo com a Arvore do paraizo.» (1)

Na *Description de la Ville de Lisbonne*, de 1738, descrevem-se as praticas da Quaresma: «Esperam (as mulheres) com grande impaciencia as procissões da Quaresma, porque se lhes permite então sairem para irem ver as cerimonias, e porque aquellas que têm desejo de fazer outro uso da liberdade d'aquelle tempo o podem fazer sem perigo não sendo quasi possivel espial-as por causa da quantidade de mulheres que se vêem n'estas occasiões e da conformidade dos seus vestuarios.»— «Nas procissões de Quaresma azurram-se a si proprios horrivelmente, ou arrastam ao andarem cadêas prezas ás pernas, e outras penitencias semelhantes. Comtudo n'estas mesmas occasiões alguns trazem uma fita no hombro para serem reconhecidos de suas namoradas.» A *Quaresma* é representada como uma entidade, (2) e logo que se chega a metade d'este periodo de sete semanas, faz-se a *Serração da Velha*. Entre os Arabes, os sete dias de solsticio do inverno são chamados *os dias da Velha*; Gil Vicente, no *Triumpho do Inverno*, representou o inverno como a *Velha*, perseguida pelo *Maião moço* ou o verão. (3)

Na Mouta a *Serração da Velha* apresenta uma realidade pouco agradável para a gente avançada em

(1) J. Avellino d'Almeida, *Dicc. abrev. de Chorographia*, t. I, p. 190.

(2) *Testamento que fez Maria Quaresma*. Acad. das Sciencias: Papeis varios, t. 51. É uma *Serração da Velha* em verso.

(3) *Origens poeticas do Christianismo*, p. 266.

idade: «Reune-se pela manhã toda a rapaziada, munida de grandes chocas, chocalhos e campainhas, e percorre as ruas da villa em procura da velhice. Chegados que são á habitação de alguém que conta um bom par de janeiros, ahi começam a *serrar* (no sentido de *scier*,) o descuidado anachoreta... com uma infernal orchestra composta d'aquelles harmoniosos instrumentos, até que faltando a paciencia ao serrado, recorre ás armas... Trabalham bordões, servem pinceis molhados em cal, não se poupa agua a ferver, em *summa*, emprega o misero condemnado ao chocalho todos os meios que imagina para destroçar a terrível phalange... só deixam a victima depois de a haverem estafado... conseguido isto eil-os ahi vão procurar novo padecente. Dura isto todo o dia e parte da noite, etc.» (1)

As cerimoniaes populares da *Serração da Velha* variam segundo as localidades; porém sempre na noute da quarta feira da terceira semana da quaresma: «Celebra-se á luz de archotes, com musica e algazarras, fingindo-se serrar através do corpo uma velha mettida n'um cortiço, e chamada *Maria Quaresma*. O testamento da velha, enfiada de pulhas em verso de pé quebrado, tem sido por muitas vezes feito e impresso. Aos gallegos boçaes, aos provincianos lorpas, e aos rapazes da rua ainda não traquejados nas cousas de Lisboa, costuma-se pregar a peça de os fazer ir para algum sitio remoto com banco ou escada ás costas, para melhor disfructarem a comica-tragedia, que se reduz ao logro, — e meia duzia de cacholetas ao som de vaias.» (2) Em Lagos tambem se pratica esta usança quaresmal. (3)

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1860, p. 305.

(2) *Ibidem*, para 1855, p. 171.

(3) Lemos na *Folha democratica*, n.º 7 (Lagos, 1883):
«Alguns artistas d'esta terra effectuaram na quarta feira passada a masearada da *Serração da Velha*.

«Foi uma diversão innocente e ingenua que fez lançar nas

A ultima semana da Quaresma, é chamada a *Semana santa*; o povo dá a cada uma das semanas da Quaresma um nome :

Anna,
Magana,
Rabeca,
Susana,

Lazaro
Ramos
na Paschoa
estamos.

No domingo de *Ramos*, costumavam os imperadores do Oriente e os reis de França indultar os criminosos; em Portugal conserva-se esta prerogativa do monarcha. O povo vae ás egrejas buscar *ramos* de palmeira, que pendura em casa ás cabeceiras das camas. Chamava-se a este dia nos antigos prazos e romances tradicionaes *Paschoa florida*; a missa dita sem oblação, consagração e communhão chama-se *missa seca*.

Na *Quarta feira de Trevas*, a cada psalmo que se canta apaga-se uma luz. Diz Viterbo, no *Elucidario*: «*Gallo das Trevas*, assim se chamava em algumas

ruas de Lagos uma verdadeira multidão centenariana, um genuino agrupamento de pessoas avidas de presenciar o que ha trinta e tantos annos se não fazia aqui. Uma enorme procissão bem disposta e arranjada percorreu, á noite, todas as ruas.

«Antes da competente barrica e na frente vinha a respectiva serra, facto no qual alguns reaccionarios da terra viram uma frizante parodia á cruz dos prestigios religiosos. Formavam alas perto de 150 individuos, apropiadamente desfigurados e munidos de lanças. No fim de tudo, vinham, em burros como em andores floridos, primeiro a velha destinada ao supplicio e depois o respectivo consorte lavado em lagrimas de dôr.

«Não queremos expôr aqui o que os mesmos reaccionarios diriam sobre este assumpto.

«Finalmente fechava o sequito o tribunal de justiça, composto de juiz, carrascos e escrivão que lia de vez em quando a sentença e que na praça do Cano, onde estava o cadafalso armado, fizeram cumprir o seu terrivel designio.»

terras da provincia do Minho a vela mais alta no meio do candieiro triangular, que se põe no officio das trevas da semana santa.» É evidente aqui a relação da luz com o gallo na imaginação popular. Em um documento de Ponte do Lima, de 1600, tambem se lhe chama *Vela Maria*; é outra mythificação relacionada com a solidão da mãe, porque esta vela é a ultima que se apaga. O padre Manuel Bernardes clamava: «Emente-se pois o abuso de fazermos ou permittir se façam *vigilias e serões á Cruz* ou aos altares que se armam nas ruas, com aquellas profanidades que só podem ser accites a Baccho e Venus...» (1) O povo reveste as cerimonias de Endoenças com abundantes elementos dramaticos. Costa Cascaes descreve o divertimento das *Trevas*:

Já tocam matraca
 Já maços apromptam
 Rapazes que contam
 As trevas bater,
 A mais não poder.

Peitara um gaiato,
 Que ao bater das trevas
 Nos pregasse o fato... (2)

«Em Lamego, a imagem do Senhor dos Passos é conduzida na quarta feira santa á noite, do convento da Graça para a Sé, d'onde sae a procissão no dia seguinte. Toda a gaiatada da cidade apenas escurece, afflue á Graça em montão, com lanternas de papel no alto de canas e varapãos, e como o Senhor passa da freguezia d'Almacave para a da Sé, a maldita rapaziada fôrma dois partidos, e alli se desenvolve a rivalidade immemorial entre as duas freguezias. As chufas e pulhas cruzam-se logo, apenas sae o andor, e ao mesmo tempo os dois bandos entoam como endia-

(1) *Floresta*, t. II, tit. 1.

(2) *Panorama*, t. XII, p. 115.

Brados — os da freguezia d'Almacave estas e outras edificantes quadras :

O Senhor dos Passos tem
Um madeiro de oliveira
Que lh'o deram os judeus
Da rua da Carqueijeira.

«E os da Sé esta e outras :

O Senhor sae para baixo,
Vem da terra dos judeus ;
Vamo-nos d'aqui embora,
Que lá vem os pharizeus.

«Com o andor lá vão de envolta n'este infernal charivari, até que á porta da cathedral por despedida e cumulo de irreverencia, partem uns nos outros as canas e varapãos e semeiam as pedras como doudos.» (1)

Em Ponte da Barca : «Apoz o guião, vae uma fila de crianças vestidas de branco ; segue-se depois um penitente grande, de costas para ellas, vestido tambem de branco, chale escarlata e lenço na cabeça atado com uma fita, um penitente pequeno lhe vae segurando a saia. O grande leva uma espada na bocca, e mais duas, uma em cada mão, as quaes vai esgrimindo, uma vez para diante e outra para traz. Segue-o outro, com o mesmo apparatus marchando para diante; depois outro que vae recuando, e assim grande porção d'elles ; os que levam porém caudatario são os que andam como o caranguejo. Segue-se Abrahão vestido

(1) *Almanach de Lembranças* para 1863, p. 203.

à turca, Sansão trajando exquisitamente e com as portas de Gaza às costas; depois muitos anjinhos vestidos de côres alegres e vistosas; no meio d'elles Judith com a cabeça de Holophernes, depois o andor do Senhor dos Passos, e atraz as trez Marias, S. João Baptista de corôa na cabeça, e a Veronica com toucado de plumas, todos ricamente vestidos. Segue-se depois um pastor pequeno com um carneiro vivo aos hombros, e os quatro Evangelistas com os nomes nas costas, e escrevendo em grandes livros que levam. Atraz d'elles vae a guarda romana com o Centurião, e fecha o préstito a musica da terra.» (1)

Eis sobre a *Procissão do Enterro*, em Nisa: «O enterro do Salvador, que a égreja celebra em sexta feira santa, fazia-se antigamente de noite na egreja da matriz com grandes gritos e alaridos das mulheres, e depois saia em procissão pela villa, reunindo-se-lhe pelo transito muitos penitentes, que iam açoitando-se, outros com rigorosos cilicios, e outros com pesadas barras de ferro, que arrastavam com grande estrepito; mas porque estas penitencias iam degenerando em escandalos, foram prohibidas expressamente no anno de 1731, e nunca mais se repetiram.

«Tambem as matronas e donzellas da villa eram summamente afeiçoadas a esta funcção da Semana santa, a que assistiam desde o seu principio, a missa de quinta feira maior até á procissão da resurreição, em que se tirava o Sacramento do throno, em que estivera encerrado, ficando toda a noite na egreja, onde dormiam e se commettia todo o genero de irreverencias.» (2)

(1) *Almanach de Lembranças* para 1860, p. 296.

(2) Mota e Moura, *Mem. hist. da Villa de Nisa*, t. I, p. 122.
—Vid. nas Obras de Filinto Elyσιο, t. v, p. 403, a *Charola da Ajuda*, ou uma parodia da paixão pelos rapazes.

Uma das injurias locaes é perguntar em Campo Maior *Quando são lá as Endoenças?* A Paixão é sempre uma grande festa local; conta-se por anedocta que a Camara de Campo Maior para festejar una visita real em 14 ou 15 de Agosto, determinara que se lhe celebrasse em sua honra umas endoenças. (1) Toda a Semana Santa é para o povo um drama; nas Constituições do Arcebispado de Lisboa, prohibe-se a representação dos *Autos da Paixão* nas Igrejas: «E por quanto dos Autos em que com figuras se representa a Payxão de Christo Nosso Senhor se seguem muitas indecencias, defendemos sob pena de excom-munhão mayor, e de vinte cruzados, applicados para a Cruzada e despeza da nossa Relação, que nem nas Igrejas, nem nas procissões que se fazem quinta e sexta feira da Semana Santa se *representem autos ou dialogos da Payxão*, nem se introduzam figuras vivas para o tal effeito. E tudo o que n'ellas se houver de representar, seja com imagens de pão, barro e semelhantes, etc.» (2) Muitas das cerimonias da sexta feira da Paixão tem analogias com as que se praticavam na paixão de Adonis em Byblos, e em que a Virgem da Soledade conserva os traços de Astarte. (3)

No sabbado da Alleluia, o povo costuma fazer o *enterro do bacalhão*, ou o *enforcamento de Judas*. No livro de Marianna Baillie, *Lisboa in the yars 1821, 1822, and 1823*, lê-se: «As cerimonias da Semana Santa, chegaram n'este paiz a um tal extremo de farça impia e absurda, que sem se vêr torna-se impossivel acreditar, pois até nas ruas *enforcavam Judas*, e faziam procissões em que um homem representava

(1) *Almanach de Lembranças* para 1859, p. 269.

(2) Liv. II, tit. VI, § 1.

(3) Alfred Maury, *Hist. des Religions de la Grece antique*, t. III, p. 222.

de Abrahão.» (1) Costa Cascaes descreve este costume, ainda vigoroso por causa das allusões politicas :

E um Judas pendente
Na corda dansava
Ao som da algazarra
Que a plebe soltava...
Contou-me a visinha
Que a festa em Lisboa
Seu Judas lá tinha....

A *benção do lume novo* faz-se no sabbado de Alleluia; (2) sobre o sentido mythico d'esta cerimonia escreve Burnouf na *Sciencia das Religiões*: «Na egreja primitiva a cerimonia do fogo e do cirio paschal tinha lugar no domingo, no segundo nocturno, entre as trez e seis horas da manhã; era na alvorada, porque no dia do equinoxio o sol levanta-se ás seis horas. O fogo produzido pelo attrito serve para accender o cirio paschal; o diacono vestido de branco pega em uma cana que é o *vétasa* do hymno vedico, e na ponta d'ella põe trez velas representando os trez fôcos do recinto vedico; accende cada uma d'ellas com o fogo novo, dizendo de cada vez: *A luz de Christo!* Em seguida accende o cirio paschal, no qual a cêra substitue a manteiga do sacrificio dos árias. É-então que o Christo apparece com o verdadeiro nome de *Agnus*, fórmula latina do *Agni* da India.» A Paschoa celebra-se nas familias com um jantar lauto; lê-se no *Cancioneiro da Vaticana*:

Como eu em *dia de Paschoa*
queria bem comer. (Canç. n.º 73.)

O povo crê que em chovendo no dia de Paschoa

(1) Ap. *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, p. 46.

(2) Na Povoação do Varzim (Vid. *Actualidade* de 31 de Março de 1883.)

não ha nozes n'esse anno (Minho); esta mesma crença existe na Allemanha em relação ao dia de Santa Margarida (13 ou 20 de Julho), e em França em relação ao dia de S. Medardo. (1)

No alto Minho e arredores de Monsão, em todas as familias mata-se um cabrito na segunda feira immediata ao domingo de Paschoa. (2) Segue-se o *Compasso*, ou a visita que o parochio faz aos casaes da sua freguezia depois da Paschoa; no Minho chama-se tambem o *Folar*, offerecendo-se ao parochio uma garrafa de vinho, um pão de ló e uma moeda de prata. Alludindo a este uso, diz Viterbo: «Entre nós comtudo, parece serem restos do antigo costume (dos salarios aos confessores) assim as *reconhecenças* como tambem os *afolares*, que na quaresma ou na paschoa se praticam.» (3)

Depois da quaresma, aquelles que vão ao confêssão, diz-se que vão na *semana dos arrastados* (ilha de S. Miguel). Na freguezia de Santa Comba dos Olleiros havia na egreja um grande chocalho «para com elle fazer grande chocalhada aos que se confessam passado o tempo determinado pelas leis do bispado.» (4)

Lê-se na *Description de la Ville de Lisbonne*: «Expõem algumas egrejas, particularmente em quinta feira da Ascenção, canarios em gaiolas mui acceiadamente enfeitadas com flores e fitas de modo que estes passarinhos animados pelo cantar dos padres, não interrompem seus cantos e formam um concerto e espectaculo assás novo para os estrangeiros.»

Nas Outavas da Paschoa se celebrava a festa de S. Pedro Gonsalves (o fogo meteorico do *santelmo*) «e aquelle dia é o de maior triumpho de todos os pes-

(1) *Rev. germanique*, t. xv, p. 9.

(2) *Almanach de Lembr.* para 1878, p. 261.

(3) *Elucid.*, vb.° ABADENGO.

(4) *Almanach de Lembr.* para 1859, p. 254.

cadores, que todos os outros, e em que elles fazem maiores gastos e despezas, que em todos os mais.» (1) «e andava grande borborinho entre os pescadores de Alfama... porque aquelle anno lhe tirara o Arcebispo aquellas suas tão antigas cerimoniaes com que veneravam e festejavam o dia do bemaventurado S. Pedro Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas, e com muitas folias, e de lá o traziam enramado de coentros frescos; e elles todos com capellas ao redor d'elle, dançando e bailando. E porque nos não lembra vermos escriptas estas cerimoniaes em alguma parte, o faremos aqui brevemente.» (*Relação do naufragio da Náo S. Maria da Barca, 1559; Hist. tragico-maritima, t. 1, p. 312.*)

S. Marcos (25 de Abril). Na freguezia de S. Marcos da Serra (Algarve) os paes levam as crianças travessas ao padroeiro da freguezia, e batem-lhe com a cabeça no touro que está aos pés da imagem, dizendo :

Mé senhor San Marcos
Que amansais bois brabos,
Amansai-me este filho
Que é peor qu' a todos diabos.

A cada verso segue-se uma valente cabeçada, de sorte que a criança atordoada fica mansa. (2) Na freguezia da Penha d'Agua ha uma ermida com uma sepultura que se diz tambem ser de um S. Marcos : «É' de fé por alli, que tem a virtude de amansar os rapazes bravos, que são deitados de costas por espaço de uma hora sobre a sua sepultura.» (3)

Em Alter do Chão festeja-se S. Marcos estrondo-

(1) *Hist. tragico-maritima, t. 1, p. 313.*

(2) *Almanach de Lembranças para 1859, p. 331.*

(3) *Ibidem, p. 362.*

samente, por causa das virtudes de livrar os gados dos lobos e de molestias: «Antes da festa vêm os padres fóra da Igreja, e cantando em côro a ladainha, acompanham para dentro um novilho, que quatro *Empresadores* (irmãos de S. Marcos, e que se têm previamente confessado) alli obrigam a entrar, batendo-lhe com umas varinhas e dizendo: *Entra Marcos, em louvor de S. Marcos!* O novilho entra, chega ao altar-mór, e d'ahi volta á porta, pelo mesmo caminho que se lhe deixara desimpedido. — Depois da festa mettem-se na igreja alguns bezerros, que se oferecem ao Santo, transformando-se assim o templo em um curral.» (1)

Esta festa corresponde ás *Rubigales*, que se celebravam em Roma, á Deusa Rubigo, para apartar as nevoas dos campos. Era a *metade da primavera*, e as festas tinham por fim evitar as chuvas. Os anexins italianos, hespanhoes e portuguezes, conservam este caracter:

S. Marcu é lu lupu de la campagna. (2)

San Marcos
Llena los charcos.

Na provincia de Caceres usa-se esta festa do *boi-marcos*, levado ao altar. (3)

Maió. O 1.º dia de Maio é festejado em todos os pontos de Portugal. O *Bé-il-tin* era uma festa druidica que se celebrava no primeiro dia de Maio, epoca em que

(1) *Almanach de Lembranças* para 1858, p. 369.— O mesmo se usa em Elvas. Vid. *Actualidade*, de 8 de Maio de 1883. (n.º 104.)

(2) Pitré, *Bibl. delle Trad.*, t. XII, p. 250.

(3) No *Folk Lore Betico-extremenho*, vem uma extensa descripção d'esta festa, vid. p. 205, n.º 2, e 297.

começava o anno. O nome celtico de Maio era *Cenduin*, o primeiro mez ou o primeiro tempo. Accendiam-se grandes fogueiras. (1) Ampère, fallando da Grecia moderna diz: «Por toda a parte se celebra o 1.º dia de Maio cantando: — É vinda, é vinda felizmente a nossa nympha.» Em nota accrescenta: «Estas graciosas homenagens á deusa primavera perpetuaram-se pelo menos até uma data recente, na cidade phocense das Gallias: em Marselha no 1.º de Maio, collocava-se sobre altares enfeitados de flores meninos bem vestidos, e seus companheiros chamavam os transeuntes para offerecerem flores á Maia.» (2) Na ilha de S. Miguel (Açores) festeja-se o *Dia de Maio* com papas de milho e leite como o *Beltein* das aldéas escossezas, e as *Palilias* romanas. É uma festa solar, vestigio de uma sociedade pastoral. Escreve José de Torres, nos *Fastos açorianos*: «Quem ha ahi que entre cantos e folgares, entre o fazer e enfeitar de *Maias*, não se tenha com toda a cerimonia campestre deliciado com fumegantes papas? Quem ha que não tenha phantasiado vestes surprehendentes e variegadas para vestir e mascarar n'este primeiro dia de Maio um corpazil de palha? Quem ha que não sorria, vendo nas *Maias* que occupam as janellas e sacadas, que campêam nos balcões e sobre os tapumes das quintas, por onde este dia se consomme, uma ingenua diversão do povo e treguas a maiores cuidados?» (3) No Algarve as festas do Maio duram trez dias, e em quasi todas as casas faz-se uma grande boneca de farrapos, e palha de centeio, que se colloca no meio da casa para ser vista por quem passa pela rua. Á noite ha dansas em roda da *Maia*. A Igreja misturou com as *Maias* o mez

(1) Smith, *Hist. des Druides*, p. 46.

(2) *Grèce, Rome et Dante*, p. 59.

(3) *Panorama*, t. XIII, p. 158.

de Maria ; em Nisa celebram-se as *Ladainhas de Maio*, á maneira dos cantos dos Arvaes da antiga Roma ; sae da igreja da Virgem da Graça uma procissão «em que o clero, senado e povo ia implorar-lhe a protecção para lhe preservar de todo o perigo as suas plantações e sementeiras.» (1) No Algarve é n'este mez que se pagam as *promessas* á Virgem. É ainda no dia 3 de Maio a romaria da *Senhora dos Açores*, sustentada pela camara de Celorico, e á qual Viterbo allude como uma cavahada e «*concurso de vaidade, glotoneria e galhofa.*»

Junto a Vizeu, vestem como *Maias* varias meninas á imitação de Anjos, com corôas de rosa na cabeça e azas de giestas como as *Floralias* romanas ; (2) em Alvações do Corgo, é um rapaz vestido de giestas, cercado de raparigas, que dança em quanto ellas cantam :

Vedes o Maio,
Maio, mocinhas !
Vamos á caixa
Das castanhinhas.

Elle lá vae,
Elle lá vem !
Pelas hortas abaixo
De Santarem.

Lêmos sobre as *Maias* em Beja : «Aqui, juntam-se as criações de ambos os sexos, especialmente do feminino ; enfeitam uma rapariguinha mais pequena, ves-

(1) *Mem. hist. da villa de Nisa*, t. 1, p. 101.

(2) Leite de Vasconcellos aproxima esta analogia da cantiga :

Apromptae pastores
Os ramos e flores,
Que a Cruz do Maio
Nos chama já.
Florindinha
Que bella está ?

tida de branco, contorneam-lhe de flores a cabeça e o peito, assentam-na em uma cadeirinha, que collocam sobre uma meza igualmente ornada e deixam estar alli a pobre pequena toda a tarde, enquanto outras sentadas em redor da meza cantam e toçam adufes. Logo que alguém passa, levanta-se aquella chusma de rapazes e raparigas, e agarrando-se aonde melhor podem deitar as mãos, fazem tal gralhada, que quem se quizer vêr livre d'ella deve ir prevenido com alguns cobres para lh'os deitar. Muitas vezes ainda se não está livre de um grupo, já dois ou trez andam pedindo para a *maia*, e não desistem da perseguição enquanto os não satisfazem com alguma cousa.» (1)

«No seu primeiro dia, usam ainda agora entre nós os rapazes percorrer as ruas, festejando e acclamando uma criancinha enfeitada de flores, a que dão o nome de *Maio pequenino*. Na provincia do Minho põem á borda das estradas um menino e uma menina com o nome de *Maio* e *Maia*, deitados n'uma camilha de flores e verdura, e um prato ao pé para os passageiros deitarem a sua esmola.» (2) «No 1.º de Maio devem collocar nas portas e janellas flores de giesta, preservativo contra o *Maio*, que sem elle aleijará os baco-rinhos, pintos e anhos (Porto.)» (3)

Em 1835 escrevia o celebre antiquario João Pedro Ribeiro: «na cidade do Porto, no presente anno de 1835, ouvi ainda festejar as Janeiras, e no primeiro de Maio enramar as janellas com a flor de giesta amarella, que chamam *Maias*, e nas aldeias não se faltou ao costume immemorial de as pôr nas córtes dos gados, nos linhares e nos nabaes, etc. É natural que se não faltasse ao mesmo costume immemorial,

(1) *Almanach de Lembranças* para 1862, p. 196.

(2) *Ibidem*, para 1855, p. 209.

(3) *Ibidem*, para 1863, p. 228.

tambem na cidade de Lisboa, aonde se fez o Accordão, apparecendo os *Maios pequeninos* (em Inglaterra costumam ser Meninas) infeitados de flores do campo e cercados de rapaziada.» (1) Na reconquista christã era no Maio que se faziam as algaradas, e começava a guerra contra os Mouros; *Ir ao Maio* significava o empenhar-se n'essa lucta. *Agua de Maio* é um conto sobre a loucura de todos aquelles que são molhados pela chuva d'este mez.

Na quinta feira da Ascenção (14 de Maio) faz-se em Lisboa a romaria da *Espiga*; o povo vae passear para os arredores da cidade, e cada um traz um ramilhete com uma espiga de trigo, folhas de oliveira, papoulas e boninas, para pela virtude d'esse ramo ter pão em casa todo o anno. No Porto chama-se a este dia *Quinta feira da Hora*, e em Lisboa *Quinta feira da Espiga*. Segundo a lenda, saem ao meio dia os passarinhos para entoar cantos á Virgem; uma parlenda popular diz:

Em quinta feira da Ascenção
 Quem não come carne
 Não tem coração;
 Ou de ave de penna,
 Ou de rez pequena. (2)

A festa do *Espirito Santo*, era chamada outr'ora a *Paschoa rosada*, e na linguagem liturgica o Pentecoste. Adora-se o symbolo phallico da *Pomba*, e o fervor dos divertimentos era tal, que o rei D. Manuel prohibindo os *Bodos*, permittiu que só se conservassem os do Espi-

(1) *Reflexões historicas*, t. 1, p. 36, not. Na Westphalia em vez de giestas emprega-se a sorveira, apanhada na alvorada do 1.º de Maio; na Sologne enramam as casas e os curraes com espinheiro-alvar.

(2) Pedroso, *Superst.*, n.º 284.

rito Santo: «Que nem façam vodos de comer e de beber, postoque fôra das egrejas sejam, e que digam que os fazem por devoçam d'alguns Santos, sob pena de todo o que pera o tal vodo se receber se pagar em dobro da cadea per aquelles que o assi pedirem e receberem, nom tolhendo porém os vodos do Santo *Espirito*, que se fazem na festa de Pentecoste; porque somente concedemos que estes se façam e outros nenhuns nom.» (1) Heitor Pinto descreve alguns dos caracteres populares d'esta festa: «A prosperidade do mundo é como *Imperio de Pentecoste de aldeia*, que se costuma em Portugal, ou como o rei da fava em França, que não dura mais que um dia ou dois. Um lavrador faz-se *Imperador*, servem-no de joelhos, levam-lhe a salva, fallam-lhe por magestade, está vestido ás mil maravilhas: acabada a festa, torna os vestidos a cujos são, e fica tão aldeão como d'antes, tão baixo e abatido como sempre fôra.» (2) O padre Manuel da Esperança, na *Chronica seraphica*, diz que esta festividade fora instituida pela rainha santa Isabel em Alemquer, passando d'ali para Cintra e depois para todo o paiz. A festa é uma transformação de velhos cultos polytheistas; a sua introducção ou desenvolvimento andava ligado ás cerimonias religiosas contra a peste. Lê-se nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*: «Não foi este o primeiro nem o ultimo flagello de tão grande mal que padeceu esta villa (1507 a 1509) pois no anno de 1489 o havia experimentado: por cujo respeito o cabido e camara *cercando a villa em procissão com um rolo de cera branca*, o levaram em offerta ao Espirito Santo, cuja offerta se faz todos os annos de um rolo do mesmo tamanho, o qual tem o feitio da real collegiada com uma *pomba* em cima,

(1) *Ord. man.*, liv. v, tit. 33, § 6.

(2) *Imagem da vida christã*, t. II, p. 69.

e a imagem da Senhora da Oliveira, com as armas reaes tudo de cera, o que conduzem em andor ornado de flores de cera de varias côres. A procissão leva varias dansas...» (1) Tambem o padre Antonio Cordeiro na *Historia insulana*, conta o milagre da *Pombinha*, a cujo apparecimento cessou a peste na ilha de S. Miguel, commemorando-se o facto com o *Imperio dos Nobres*, em Ponta Delgada. A conhecida festa do *Imperador de Eiras*, proximo de Coimbra tem egual origem; lê-se em manuscripto local, examinado pelo dr. Ayres de Campos: «Consta por tradição antiquissima entre os moradores d'esta villa, que sendo combatida da peste a comarca de Coimbra, todos elles com seu parochio entraram a fazer gravissimas deprecações ao divino Espirito Santo, para que os livrasse de tão grande estrago; e como quer que ficassem singularmente livres, logo fizeram voto ou promessa de em todos os annos elegerem um homem dos melhores do povo, a quem os mais haviam de tributar offertas dos seus fructos, para que com o nome de *Imperador do Espirito Santo* festejasse ao mesmo Divino nos dias da Paschoa, da Resurreição e Pentecoste...» (2) A festa está decahida no continente e vivissima nas ilhas dos Açores; nas margens do Zezere chamam-lhe *Folias do Espirito Santo*.

«Em todas as egrejas estabelecidas nas margens do rio Zezere, desde Cambas até á Guarda, ha um antigo e immemorial costume de festejar o *Espirito Santo*, cuja imagem quasi todos têm em particular altar. Consiste a festa n'uma *Folia*, que é composta de trez *foliões*, como lhe chamam, com seus instrumentos, que são uma viola, um tambor e um arco ou

(1) Padre Torquato Peixoto de Azevedo, *op. cit.*, p. 352.

(2) Ap. *Instituto* de Coimbra, t. XII, p. 43.

soalhas.— Esta folia, em todos os domingos, que vão da Paschoa ao Espirito Santo, acompanha os mordomos da festa, que são dois, e outro intitulado rei, e com a bandeira do Espirito Santo percorrem as ruas, tendo saído da Igreja, onde voltam, cantando suas improvisadas cantigas.— Por ultimo ha o jantar para o qual cada mordomo em trez domingos convida os seus parentes e amigos, e aonde, depois de muito comer e muito beber, os foliões têm de dizer uma cantiga accommodada ao nome e estado de cada conviva, tarefa que ás vezes faz snar a testa ao mestre da folia, que é o que verseja...» (1)

João Pedro Ribeiro escreve sobre esta festa popular: «É tambem de esperar que ainda se conserve junto a Coimbra a burlesca mascarada do *Imperador de Eiras*, e até ainda a haverá em Lisboa, na Lapa e na Esperança.» (2)

Em 1763, fallando o padre João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal* da parochia de Santos, dizia o nome da ermida do Senhor Jesus da Via Sacra contigua á Igreja da Esperança: «hoje da *invocação do Espirito Santo, onde os naturaes das Ilhas fazem todos os annos grande festa.*» (3)

O Espirito Santo é pois a festa caracteristica dos povos açorianos; confirma-o o anexam: *A cada canto, seu espirito Santo*. Diz José de Torres: «Não ha villa, não ha aldêa, não ha logar, não ha bairro, não ha freguezia, não ha rua que não tenha — irmandade do Espirito Santo... Que de *Imperios* e *Coroações* por todas as ilhas dos Açores desde a Paschoa da Resurreição

(1) *Almanach de Lembranças* para 1866, p. 195.

(2) *Reflexões historicas*, t. I, p. 36, nota.

(3) *Op. cit.*, t. III, p. 429. O padre Rey publicou um folheto descriptivo d'esta festa reproduzido pelo dr. Ernesto do Canto no *Archivo dos Açores*.

até á dominica da Trindade !» (1) Consiste a festa em um grupo de individuos constituídos em *irmãos do Espirito Santo* lançarem sortes entre si, e por estas compete a cada um contribuir com uma *pensão* de tantos alqueires de pão alvo, ou com certas arrobas de carne, ou com almudes de vinho. N'este sorteio entra a *corda* e o sceptro com uma *pombinha* de prata na ponta, e uma bandeira de setim vermelho tendo bordada a fio de ouro uma pomba com as azas abertas. Aquelle a quem sae a *corôa* fica com ella durante esse anno em casa, collocando-a em um altar e obrigando-se a illuminal-a aos sabbados de todas as semanas que vão da Resurreição á Trindade. N'estes sabbados é a porta franca para os *bailhos* (*charambas, sapatêas*) ao som de viola de arame, em redor, homens e mulheres diante do sitial em que está a *corda*. No domingo em que ha a festa do *Imperio*, o dono da casa sae para a missa com quatro *foliões* na frente com opas e mitras de chita, tocando viola, rabeça, ferrinhos, e o que *deita as cantigas* leva uma *fogaça* de alfenim em fórma de torre. Atraz vae uma criança vestida de anjo, com a corôa na cabeça, e um grande acompanhamento lançando foguetes. Chegados á igreja a corôa é posta sobre o altar e no fim da missa o padre põe na cabeça da criança a corôa, e volta o séquito para casa, onde ha sempre um lautissimo jantar. Ao canto da rua ha um catafalco enramalhado, com uma meza onde se colloca a corôa; os mordomos do *Espirito Santo* acompanham os carros de bois: uns carregados com cebes de pão cosido, outros com toneis de vinho e outros com rezes mortas, e vão percorrendo as ruas entregando em cada porta as

(1) *Panorama*, t. XIII, p. 190; descripção curiosa mas sem criterio ethnologico.

pensões, que competem a cada um dos da irmandade. Ha tambem mezas ao longo das ruas com *pensões* de carne, pão e vinho que se dão a cem e mais pobres, que vão munidos de bilhetes. Á tarde tiram-se as sortes para o anno seguinte, e então sae a corôa a outro irmão que é apregoado. Sabido o destino da corôa, é ella levada já noite fechada de uma casa para a outra, por um rancho de raparigas em cabello e vestidas de branco, com uma vela accessa na mão na qual pegam com um lenço; sae-lhe ao encontro outro rancho de raparigas a receber a corôa, misturaram-se e vão para casa do novo *Imperador*, onde ha *charamba* até ao dia seguinte. Ha fogo de vistas, girandolas, berros, e grossa pancadaria entre os que liquidam as suas rixas n'essas noites de santo enthusiasmo. (1)

«Como muitos se lembrarão, era costume pela Paschoa levantar-se um mastro, com uma *pomba* no tope, ou uma pequena *bandeira do Espirito Santo*, no meio do largo onde havia de ser o arrayal. Foi pouco a pouco acabando a festa do Imperio, e hoje é já mui limitado o numero dos logares que a celebram.»

Ribeiro Guimarães cita a persistencia d'este costume em Alcabideche, e em Cascaes, festa formada por um grupo de negociantes de Lisboa: «Parece que os de Alcabideche tambem vinham a esta romaria, e *tinham o direito de ir processionalmente com o Imperador soltar um preso.*» (2)

Esta festa persistiu apesar de todas as repressões

(1) Nos *Cantos populares do Archipelago açoriano* vem uma amostra das cantigas dos *Foliões* do Espirito Santo. No *Almanach de Lembranças* para 1869, p. 188, ha uma extensa descrição das Festas do Espirito Santo na villa do Topo (ilha de S. Jorge) com algumas variantes.

(2) *Summ. de Varia hist.*, t. 1, p. 221.

administrativas nas freguezias da Lapa, e da Esperança, considerada como antigo centro de população açoriana.

Ribeiro Guimarães descreve assim estas festas, referindo-se a Alemquer: «No domingo de Paschoa entrava na Igreja do convento o que havia de ser *Imperador*, assistido de dois reis, quatro pagens, e acompanhados da nobreza e do povo. Os pagens traziam as corôas, uma das quaes fôra dada pela propria rainha S. Isabel para este acto. As corôas eram postas no altar, e um padre, depois, coroava com ellas os trez monarchas. Saíam então acompanhando o prestito da Procissão da Ressurreição.— De tarde saía da igreja do Espirito Santo o *Imperador* acompanhado de muitas festas, trombetas e grande multidão de povo com canas verdes nas mãos; e adiante iam dois pagens, um com a corôa, e o outro com o estoque, e tornando ao convento era novamente coroado. Acompanhavam o Imperador duas donzellas honestas, que *dansavam no prestito*, e eram damas do Imperador, e por isso se lhes dava dote para casamento. Voltava o Imperador para a igreja do Espirito Santo, onde offerencia a corôa n'um altar, e de novo a recebia das mãos de um sacerdote. Depois assentava-se n'um throno com o docel, e diante havia *follias* e *bailes* dos nobres e do povo. Todos os domingos se faziam estas festas até ao anterior ao do Espirito Santo, que se chamava dos *Fogaréos*, porque como as festas se prolongavam pela noite, accendiam luzes no arraial.

«Na vespera do Espirito Santo saía da Igreja do convento a procissão do *Rolo*. O *rolo* eram umas madeixas de cêra branca e benta, que um homem levava, ficando uma das extremidades do *rolo* a arder no altar, e que ia estendendo por todo o espaço que a procissão percorria, até á igreja de Triana, como cingindo a villa com o *rolo*, o qual era milagroso, já se

vê, porque livrou da peste uma vez a povoação só com estendel-o pelas ruas.

«Nos tempos modernos o Imperador era sempre e é ainda um *menino*; e este costume procedeu de certo, do outro do *Bispo innocente*, que se fazia na Sé em vespera do dia em que a egreja resa dos Santos Innocentes.» (1)

Lêmos sobre a festa do *Espirito Santo* em Nisa: «a irmandade dos *Moços do Espirito Santo* — começaram logo nos principios da villa, e consiste na reunião de alguns jovens lavradores. . . E para lhe offerecerem estes cultos, erigiram-lhe uma capella, alevantaram-lhe um estandarte, no alto do qual pozeram um molho de espigas e um bolo, emblemas da agricultura, e para exprimirem a sua magestade e grandeza, nos dias de maior festividade improvisam um *Imperador*, vestindo um mancebo na purpura dos césares, e cingindo-lhe a corôa e o diadema; e cercando-o e acompanhando-o de espadas em punho, como guarda pretoriana: trez vezes no anno se faz a cerimonia e ajunta a corporação; no dia e procissão do Corpo de Deus, no de S. João, e no da festa do glorioso patrono, que costuma fazer-se no mez de Septembro; em todos elles tem logar a festividade do *côrte dos gallos*, que é singular d'este povo, porque não consta se repita n'outro.

«Concluidos os officios divinos e tomada uma ligeira refeição, correm os mordomos a villa pedindo ás lavradoras as primicias das suas criações de aves domesticas, para as immolarem como innocentes victimas pelo repouso de suas familias e prosperidade de seus rebanhos: depois de obterem boa porção d'ellas, voltam a casa do alferes, á porta do qual se acha a esse tempo atada e preparada uma corda, e levantado um

(1) *Summ. de Varia hist.*, t. I, p. 222.

solio para o Imperador, que preside a toda a assemblea... separados e escolhidos os melhores gallos, são atados successivamente um a um na corda fatal, e sacrificados com uma espada por aquelles que os ajustam e compram á divindade que se festeja. É uma imperfeita imitação das festas e sacrificios, que os romanos annualmente faziam a Ceres, filha de Saturno e Cybelle, e deusa da agricultura, que os antigos nos transmittiram, e hoje ainda dura, mas os lavradores, por mais occupados não são já os festeiros; por uma imperdoavel negligencia abandonaram-na aos artistas, que com egual pompa e apparatus a celebram.» (1)

Em Thomar, celebra-se a procissão dos *Taboleiros*; lêmos no jornal *A Verdade*: «Consta de grande numero de aldeãs vestidas de branco, levando á cabeça vistosos cargos compostos de pão bento entrelaçado de flores. Segue-se depois um carro carregado de carne de vacca egualmente benta, e precede o cortejo um grave e rechonchudo reverendo ladeado por dois mordomos, conduzindo todos trez egual numero de grandes corças de prata.— Muito foguete, arraial á noite, com bazar e rifa, eis de que se compõe esta festividade historica do velho Portugal.» (2)

Em Matto Grosso (Brazil) celebra-se esta funcção segundo o costume açoriano. (3)

A festa da instituição da Eucharistia, ou do *Corpo de Deus*, não se celebrando em quinta feira maior, por ser de penitencia, foi transferida para quinta feira depois de Pentecoste, sendo depois effectuada em um domingo. É extraordinaria a abundancia dos symbolos pittorescos d'esta procissão, cuja ordem e disposição se achá em Regimentos emanados do poder real, desde

(1) José Diniz da Graça Motta e Moura, *Memoria historica da notavel Villa de Nisa*, t. 1, p. 58.

(2) *Verdade*, n.º 84 (1884) 20 de Junho.

(3) Moutinho, *Noticia sobre a Prov. de Matto Grosso*, p. 21.

o seculo xv; a procissão repetia-se quatro vezes no anno: a 2 de Março pelo vencimento da batalha do Toro, na quinta feira depois da Trindade, ou a Eucharistia, na vespera de Nossa Senhora de Agosto pelo vencimento da Batalha real, e no dia do Milagre da Cêra. Em uma Carta regia de D. João II, de 1 de Março de 1482, ordena-se que em commemoração da batalha entre Toro e Çamora, se faça uma procissão a S. Jorge e S. Christovam pelo estylo da do Corpo de Deus: «sahida da sé — por logares publicos com toda a solemnidade e cerimonia, officios e jogos.» Conforme este Regimento de 1482, iam na procissão os *Carniceiros com hum Touro por cordas*, os Hortelões e pomareiros *com carreta, horta e seus castellos*, as pescadeiras *com duas pellas e seu gaiteiro*, os almoceves *com seus castellos pintados*, carreteiros e estalajadeiros *traserão os trez Magos em sua avença*, os sapateiros *com o seu Emperador com dois Reys muy bem vestidos*, os alfayates *trazerão a Serpe*, os homens de armas *com as espadas nuas nas mãos e levarão S. Jorge muy bem armado com um page e huma Donzella para matar o Drago*, os tecelões *levarão S. Bartholomeu e um diabo preso por uma cadeia* (provinco?), os corrieiros *levarão S. Sebastião*, os ataqueiros *levarão S. Miguel, o anjo com sua balança e os Demos*; os oleiros *levaram Santa Clara com suas duas companheiras*, os carpinteiros e outros *trazerão Santa Catharina muy bem arranjada*, os ourives *levarão S. João*, os trapeiros *dois cavallinhos fuscos.*» (1) Muitas Camaras, como a de Coimbra e do Porto estabeleceram regimentos para esta procissão, cujos symbolos persistem pela provincia. Em 1560 a rainha D. Catherina «expediu uma provisão á Camara do Porto, ordenando a reforma de certos abusos antigos que se praticavam,

(1) *Annaes das Sciencias e das Lettras*, vol. I, p. 729-733.

especialmente, diz a rainha, de se tomarem cada anno para a dita procissão cinco ou seis moças as mais formosas que se acham, filhas de officiaes mechanicos, uma que vae por *Santa Catherina*, com sua *Donzella*, outra que vae por *Dama do Drago*, e outra que vae por *Santa Clara com duas freiras e muitos Mouros com ellas*, que lhes vão fallando muitas deshonestidades, e que dois mezes antes do dito dia de Corpus Christi se occupam em buscar as ditas moças e em as enfeitarem, e que os paes e mães d'ellas clamam que lhes tomam as filhas, sem lhes poder valer.» (1)

Na *Description de la Ville de Lisbonne* falla-se da pompa d'esta procissão: «As ruas por onde passa—estão juncadas de verdura e de flores, e guarnecidas de tropas: estão tapadas pelo telhado das casas de um lado a outro com um toldo de damasco carmesim; vêem-se ali grandes lustres de distancia a distancia e magnificos altares. As casas estão armadas com sedas; vêem-se ás janellas as mulheres mui ricamente ornadas, e é prohibido aos homens apparecerem nellas.»

Vejamos a persistencia d'estas cerimoniaes nas festas provincianas.

Corpo de Deus, em Nisa: «Começava por differentes dansas e folias, em que cada arte e officio apparecia com seu engenho para divertir os concorrentes... Do Livro das Vereações do anno de 1711, consta que a Camara por accordam de 20 de Maio deliberou que os chamisseiros levassem uma *serpente*, e os acarretadores de moinhos a *figura do Diabo* na procissão de Corpus Christi, indo esta adiante de todas as mais insignias, para lhe servir de composição e ornato; e que a esta se seguiriam os ceifeiros com outra da mesma ordem, indo atraz de todos as tecedeiras do

(1) *Diss. Chronologica*, t. iv, parte II, p. 184 e 201; *Memorias de Garrett*, t. III, p. 253.

termo d'esta villa, levando as de cada freguezia uma dança composta de seis raparigas com um tangedor, para as guiar e conduzir: e cada rancho levava no meio o seu estandarte, e recolhia tudo no fim para casa do festeiro onde se comia e bebia e dansava e divertia até á noite; a estes arlequins ambulantes seguiam-se varios passos da Biblia: Adão apparecia corrido e envergonhado junto da cara Eva, coberto de folhas de figueira para disfarçar sua nudez; Abrahão com a espada em punho guiava para o sacrificio o innocente Isac, que conduzia elle mesmo a lenha que o havia de queimar... um grosso mancebo, montado em possante cavallo, adornado com seu capacete com muitas fitas, couraça, escudo e lança, que manejava com destreza, representando S. Jorge, e ia adiante do clero fazendo tregeitos e gaifonas; o que provocava extraordinaria hilaridade, e os motejos dos que o presenciavam, que foram taes no anno de 1694, que passaram a escandalo e motim que ia perturbando a ordem da solemnidade; e sabendo-o o bispo D. Antonio de Saldanha, quando veiu á visita, prohibiu expressa e positivamente tal costume, que nunca mais se repetiu, etc.» (1)

Procissão de Corpus Christi em Monsão: «O campo da feira, logo de manhã cedo está cheio de povo das freguezias proximas, mas especialmente de gallegos. Logo que finda a funcção de igreja... sae a procissão. Na frente vae a musica, que se compõe de uma gaita de folles, um tambor e um bumbo; segue-se-lhe a collossal figura de S. Christovam, que é levada por seis barqueiros. Desfilam depois algumas corporações, e apoz, um boi, a que chamam *boi bento*, com as pontas douradas, e o corpo coberto com um manto de damasco guarnecido de ouro. Atraz segue o *carro das*

(1) Motta e Moura, *Mem. hist. da Villa de Nisa*, t. 1, p. 120

hervas, que é dado pelos marchantes. O carro é todo coberto de buxo e flores, e dentro vão meninos vestidos de branco com enfeites e fitas vermelhas, cantando psalms. Segue a ordem terceira, o clero e o pallio. Depois vem *S. Jorge*. É a parte mais pittoresca da procissão. O *S. Jorge* é um ferrador da mesma villa, que, depois de se confessar e commungar, vae receber á camara 2\$250 rs. Na procissão vae com capacete na cabeça, saia de malha, grévas de aço, lança e espada, montado em um fogoso cavallo. Acompanha-a até que se mette na rua do Castello, ahí volta para traz, esporeia o cavallo, e derrubando gente para a direita e esquerda, entra no campo da feira em procura da *Santa Coca* para travar combate com ella.

«A tal *Coca* é um monstro em figura de dragão. É de arcos cobertos de lona, e rodas por baixo, sobre as quaes marcha e contra-marcha. Tem azas, pontas, e uma grande cauda retorcida. A bocca é de molas, e, para que se abra e feche, atam-lhe uma corda por que pucham atraz os homens que fazem andar o dragão para metter medo ao cavallo. Esta lucta de *S. Jorge* com a *S. Coca* é o que mais embasbaca o povo. Depois de muitos assaltos, *S. Jorge* sempre consegue transpassar o costado do monstro; e, praticado este feito, recolhe-se. Por fim dirigem-se os monçanenses em grande numero a Salvaterra da Galliza, onde passam em folguedos o resto do dia.» (1)

«Costuma a Camara d'esta villa (Feira) no dia de *Corpus Christi*, fazer á custa do municipio uma festa com procissão em que vae *S. Christovam*. É de róca a imagem, e coberta por um saio de damasco vermelho; no seu bojo se introduz um homem, parecendo

(1) *Almanach de Lembranças* para 1867, p. 276. Sobre o Regimento da Procissão de *Corpus*, na Galliza, vid. *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. iv, p. 115.

que o santo, (que tem uns 14 palmos de altura) anda pelo seu proprio pé. — Concorre n'este dia muita gente a vêr o *Santo grande*, que depois da procissão é collocado em frente da casa da camara, onde vão muitas pessoas comer diante d'elle sôpas de pão e vinho, na firme crença de que ficarão por este meio livres de fastio. (1) Vão outras depôr na mão do santo regueifas (ordinariamente de 40 rs. cada uma) as quaes são depois propriedade do homem que carregou com o santo. As crianças costumam aterral-as com o globosinho que leva o Menino Deus, dizendo-lhe que, no caso de cahir aquella bolinha no chão, se arrasará o mundo com chuva. No seculo passado, mandavam alugar a Braga umas mulheres, que iam atraz da procissão tocando bandurra, fazendo tregeitos e promovendo o riso, e na frente ia symbolisada uma santa, outra mulher com uma espada na mão, fingindo querer matar uma serpente, movida por uma pessoa que ia encoberta sob o aparelho.» (2)

João Pedro Ribeiro, alludindo aos Regimentos da Procissão do Corpo de Deus, do seculo xvi, conclue: «Apezar de tantas providencias e reformas, ainda cheguei a vêr na Procissão do Corpo de Deus, no Porto, a *Serpe*, o *Drago* e a sua *Dama*. Foi preciso que o respeitavel Bispo D. João Raphael de Mendonça, auxiliado pelo Corregedor então actual da Comarca, reduzisse a mesma Procissão aos termos do Cerimo-

(1) «Quando alguém tem fastio, leva a S. Christovam, perto do rio Neiva, um prato de sardinhas fritas e um grande bolo; feito isto passa a gastronomia do santo para o doente.» *Almanach de Lembranças* para 1863, p. 228.

(2) *Almanach de Lembranças* para 1860, p. 260. Na *Feira de anexins*, p. 27, allude D. Francisco Manuel a este costume: «Ora, meus senhores, já o nosso gigante tem cabeça: formemos-lhe o corpo, e sairá na procissão de Corpus, com todas as demais figurilhas que em tal dia fazem o corpo da procissão, mas receio que seja o corpo de palha...»

nial romano. Hoje resta apenas n'aquella Procissão o chamado *Estado de S. Jorge...* (1)

Junho.—De 1 a 13 de Junho é na Italia a *trezena de Santo Antonio*, em que os lavradores e negociantes de cereaes observam com cuidado o desinvolvimento das sementeiras, tratando de tornar propicio o Santo. (2)

Santo Antonio é o typo portuguez das sanctificações populares; é adorado como um fetiche contra todos os males, e como tal tambem amarrado, exposto ao relento ou deitado n'um poço para satisfazer o que se lhe pede. Diz o dr. Guimarães, no *Summario de Varia historia*: «Por muitas casas armam thronos onde encarrapitam entre flores e muitas luzes o Santo mais estimado, etc.» Refere-se ao costume de lhe entregarem petições escriptas na sua egreja ao pé da Sé: «Tudo pedem ao santo, até cousas illicitas, até o aniquilamento dos inimigos, até a fortuna alheia.» (Op. cit., I, 12.) Havia uma certa litteratura popular que elaborava as tradições de Santo Antonio, e redigia as petições que o povo lhe apresentava, costume porventura do tempo de Damião de Goes e dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani: «Houve, e não sabemos se ainda ha, perto da egreja do Santo, uma capellista, crêmos nós, que redigia e escrevia as petições, que logo d'ali iam ser entregues ao Santo. Temos á vista as que se acharam em um dos ultimos dias, e o theor d'ellas e mesmo a letra de algumas faz-nos suppôr que ha pessoa que se encarrega do officio de redactor ou escrivão, como se dizia antigamente, dos memoriaes. (*Ib.*, p. 19.) O dr. Guimarães resume alguma d'essas petições populares escriptas apresentadas ao Santo: «Uma requerente pede ao Santo pelas

(1) *Reflex. hist.*, t. I, p. 37.

(2) Pitré, *Spettacoli e Feste*, p. 271.

almas de seu pae e de sua tia Maria Dias, que lhe alcance casar com quem ella tem no sentido, com o seu Luiz.» «Outro requerente pede que o Santo faça com que receba uma divida que lhe tem dado muito trabalho para haver.» — «Outra requerente pede ao Santo que lhe dê uma boa sorte e livre de afflicções, e que lhe arranje um marido que tenha fortuna e que a estime.» «Outra petição... é uma mulher pedindo ao Santo que empregue o seu valimento a fim de que sua irmã por nome Anna, regresse a casa, para a companhia de sua mãe e irmãs, afastando-se de um homem que a traz perdida.» (Op. cit., p. 20.) Este costume acha-se tambem em Lima, mas empregado para o patrocínio da Virgem.

Lord Beckford, descreve nas suas *Cartas* a festa de Santo Antonio, em Lisboa: «em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das labaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das bozinas em louvor da festa... vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas, e até das barracas d'esta populosa capital, collocada em altar e adereçada com profusão de velas de cera e de flores.» (1)

A festa de Santo Antonio, em Cabo Verde (S. Thiago) apresenta bastantes singularidades :

«No 1.º dia de Junho saem duas meninas vestidas de branco, com grinaldas de flores, levando uma um bordão de peregrino e corôa de folha de Flandres, e outra uma sacola ou prato branco, pedindo esmolas de porta em porta para preparativo da festa. Conseguidas as esmolas ao despontar a aurora do dia 11, um homem tocando corneta ou busio, annuncia a solemnidade da festa e reúne os irmãos para decidirem sobre a eleição de novos individuos para irmãos ou escravos do Santo, e a exclusão de outros que se

(1) *Carta VI* (1787).

conduziram menos exemplarmente no anno anterior. Reunindo uma multidão compacta de pessoas de ambos os sexos, alinham em redor de uma casa formando, por assim dizer, uma especie de assemblea tumultuaria, a qual se divide em duas classes, uma denominada os *brancos* e outra a que dão o nome de escravos.

«Concluido este acto, passam a arranjar uma barraca em fórma de capella, ou *casa de orações*, e ahi erigem um pequeno altar sobre que se colloca a imagem do santo. O altar é decorado de lenços de seda de variegadas côres, de paineis de santos, e de algumas paizagens... Á direita e á esquerda do altar collocam-se duas raparigas com uma vara na mão á maneira de cherubins... No meio da barraca — um arco suspenso por cordões em cuja circumferencia estão pendentes cachos de bananas, linguças, pães de ló, bolos, etc.

«Concluidos ritualmente os preparativos da festa no dia 14 ou 15 mandam cantar uma missa, para cujo acto vão vestidos de uma maneira que se pôde classificar extravagante: — A rainha dos brancos e escravos com uma corôa de lata na cabeça, uma saia debruada de fitas encarnadas e um cordão no pescoço, em que estão enfiados bolos e frasquinhos de aguardente; vaé montada n'um jumento, em quanto á frente d'ella vão pulando dois homens andrajosos, mascarados e com as mãos maneatadas, a que chamam *carrascos*. A distancia magna caterva de mulheres com bandeirolas brancas em cujo centro estão estampadas uma corôa e um M, vestidas á similhança das turbas selvagens, vão fazendo continencia á rainha, e dançando ao som do tambor. Acompanhado de um numeroso concurso de romeiros segue tambem o rei a cavallo n'uma egua, e com um chapéo á maneira dos discipulos de Loyola.

«Acabada a missa voltam para casa, onde uma lauta

e opipara comesana os espera. No dia seguinte ao da missa, são convidados os melhores cantores da terra a uma ladainha, onde fazem uma bulha infernal.—

«Cinco dias depois da missa, um *escravo* é obrigado a raptar a imagem e a ir vendel-a a alguma parte. Esta imagem tem sempre comprador, porque se acha enlaçada de cordões de ouro e outros objectos de valor. O producto da venda é applicado a missas e festanças, e o raptado tem a restricta obrigação de resgatar a imagem a expensas suas. Levam assim consecutivamente trez e quatro semanas, e durante todo este tempo entregues ao ocio e á embriaguez.» (1)

Dos costumes populares da festa de Santo Antonio em Lisboa escreve Teixeira Bastos : «As crianças de familias pobres armam o throno á porta da rua, e desde os primeiros domingos de Maio até ao dia da festa, assaltam os transeuntes com bandejas ou pires pedindo esmola para a cêra do Santo.» (2)

A festa de S. João Baptista em todos os povos europeus está ligada a um phenomeno astronomico, o *solsticio do verão*, em 24 de Junho. O celebre ritualista Guilherme Durandus, interpretando allegoricamente a festa do Precursor, não pôde occultar o seu sentido mythico : «Faz-se girar uma roda, em certas localidades, *para assim designar que o sol não se pôde elevar mais*, mas torna a descer no seu circulo, assim tambem a fama de S. João, que era olhado como um Christo, diminuiu quando este appareceu.— Alguns dizem que *é porque n'este tempo os dias minguam, e que crescem de novo no natal de Jesus Christo...*» E' justamente uma tal concepção primitiva que faz com que a festa do solsticio do verão seja commum a todos os povos indo-europeus, (3) e ainda aos povos semi-

(1) *Almanach de Lembranças* para 1881, p. 110.

(2) *Annuario das Tradições port.*, p. 25.

(3) Era a festa do *Mihirgan* dos Persas, segundo Creuzer.

tas ; o phenomeno é diversamente dramatisado, mas entre os povos europeus toma a expressão de um *Combate do Verão expulsando o Inverno*, (24 de Junho) ou a sua inversa, a expulsão do Verão pelo Inverno (24 de Dezembro.) O sentido astronomico da festa do S. João comprehende tambem uma indicação chronologica ; nos antigos prazos portuguezes notou João Pedro Ribeiro que o anno era sempre contado de *S. João a S. João*, e no alvará de 1 de Julho de 1774 chamou-se-lhe *anno irregular*. (1) Em alguns povos da Europa este drama do *combate do Verão e do Inverno* está mais ou menos fragmentado ; entre os povos slavos é onde se apresenta mais completo, correspondendo muitas das suas particularidades a costumes portuguezes, profundamente enraizados pela dupla influencia germanica e arabe. Por um documento da Camara de Coimbra, de 1464, citado por Viterbo, se nota a fórma de combate : «*cavallhada na vespera de S. João com sina e bestas muares.*» Em outros povos esta cavalgada ficou simplesmente lendaria, na *Mesnie furieuse*, que tanto se localisa no solsticio diurno (*circa horam meridianam*) como no solsticio vernal. O *Verão* que expulsa o Inverno, é um mancebo, Wodan, o deus germanico tambem advogado do amor, Adonis, Athys, Gines, S. João ou S. Jorge, Arthur ou o rei D. Sebastião, conforme o mytho primitivo se dissolveu na legenda agiologica ou historica, conservando sempre o caracter da sua morte prematura. O *porco* ou *javali*, que personifica o Inverno, que se persegue na *Mesnie Hellequin*, era tambem perseguido na festa de S. João Baptista em Braga, com o nome de *Corrida do Porco preto* ; dirigiam-se as cavalladas para além do rio Deste, em cuja ponte estava uma capellinha de S. João, que tinha uma irmandade que organisava a festa, sendo

(1) *Reflexões hist.*, t. 1, p. 63.

o mordomo obrigado a criar durante o anno um porco para a montaria d'esse dia. Na alvorada de S. João, depois das cavalhadas iam soltar o porco do alto do Picoto, correndo atraz d'elle, e se passava a ponte pertencia então á gente da margem, se passava o rio ficava pertencendo aos moleiros. (1) Nos costumes provinciaes conservam-se quasi todas as fórmulas dramaticas d'esta antiquissima festa solsticial.

Eis sobre a festa de S. João, em Chaves: «O capitão, cavalleiros e pessoas de qualidade, que formavam antigamente a *Congregação da nobre Cavallaria de S. João Baptista*, acompanhavam em duas alas a bandeira até ao mosteiro de S. Francisco, e depois de ouvirem missa, faziam dentro dos muros da villa *escaramuças, corridas, jogos de canas, forquilha e outros diversos jogos*. Depois eram coroados os cavalleiros com flores pelo guardião do convento, que recebia do alferes da bandeira uma tocha lavrada. D'estas festas apenas subsistem as cantigas e o jogo do pilha-trez.» (2)

Na manhã de S. João, em Roriz, costuma-se ir saudar o azevinho, para que se compre barato e venda caro. (3).

Na antiga villa de Pedrogam-Pequeno, nas margens do Zezere, celebra-se a festa de S. João com a *Mourisca*, bailado antigo que se executa pela seguinte fórma: «São sete figurões exoticamente vestidos de saia com grandes laços de fita, sapato e meia, jaqueta apertada com largo cinturão que lhes sóbe aos hombros, e se cruza nas costas e peito, como o correame dos nossos soldados, e na cabeça um barrete de fórma

(1) Vid. o desenvolvimento d'estas festas nas *Origens poeticas do Christianismo*, cap. iv.—Os arabes de Hespanha celebravam esta festividade com o nome de *Alhansara*. (*Santoral hispano-mosarabe*, p. 25.)

(2) *Almanach de Lembranças* para 1866, p. 226.

(3) *Ibid.*, p. 227.

conica muito enramalhado de flores. Os dois primeiros tocam bandurra, os immediatos pandeireta, e os ultimos empunham compridos thyrsos com um grande ramalhete de cravos na extremidade superior. O septimo porém d'estes personagens, distingue-se pela corôa que lhe descança na cabeça altiva, uma corôa de rei; aos hombros largo chale pendente á guisa de manto; na dextra ferrugenta durindana, e na esquerda um escudo, onde se vê pintado o cordeirinho que acompanha sempre o santo precursor. É este o *rei da mourisca*. Com passo grave e magestoso, dirigem-se os sete bailarinos á capella-mór, curvam-se ante o santo, que n'aquelle dia festival sae do seu nicho... e a um signal do homem da corôa, que deixa cair sobre o escudo a longa espada, rompe o baile, que dura boa meia hora, e que muito se parece com as contradanças francezas. Os pandeiros saltam nas mãos dos dansantes e ferem os ares de agudos sons; o rei, de sceptro em punho repimpa-se cada vez mais, e os dois das bandurras dedilham as cordas com pericia maravilhosa.—A danza conclue com segunda genuflexão ao santo em fórma de despedida, e á voz do rei da festa, que fazendo uma pirueta firmado no pé esquerdo, brada alto e bom som: *Viva meu compadre S. João Baptista!* No fim da solemnidade religiosa repete-se a contradansa no adro da egreja, e de tarde em frente da procissão, que percorre as ruas da villa.» (1)

A *Festa dos cavalleiros de Obidos*, tal como a descreve o padre Malhão, é em tudo semelhante á que se fazia em Chaves; em Obidos, a camara ia collocar todos os annos o seu estandarte na vespera de S. João no Convento de S. Miguel das Gaieiras, de que era

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1864, p. 222.

padroeira. Os camaristas iam de capa e volta, montados em cavallos bem ajaezados, e no dia do santo voltavam outra vez ao convento, passando o dia em merendolas pela mata, e regressavam á villa trazendo outra vez o estandarte, flores e canas verdes na mão, com ramos de freixo; passavam a porta *mourisca*, e davam trez voltas pelas ruas, debandando a cavallhada na praça do commercio. (1)

João Pedro Ribeiro, allude ás superstições populares da noite de S. João: «Entre as mesmas mulheres sómente é que se tem conservado entre nós immensas e variadas superstições, que respeitam á noite de S. João Baptista, em tudo identico ás que grassavam em Hespanha no seculo xvi, de que testemunha o conego de Pamplona Martim de Arles, e de Allemanha o bispo Francisco Nansea do mesmo seculo. Longe porém de mim o caracterisar tambem as fogueiras d'aquella noite por supersticiosas, sem que n'isto queira gratificar a etiqueta da nossa casa real, em que já é antiga e constante esta pratica.» (2)

Na Beira alta accende-se um facho no cimo dos montes (o *galheiro*) ou na ceira das azenhas (a roda, que ainda na Allemanha se deixa rolar dos montes.) «O facho, como escreve Leite de Vasconcellos, é um pouco de lenha em volta de um páo alto. Os rapazes quando o vão accender levam musicas de tambores e pifaros, e grandes algazarras. O monte é além d'isto cercado de pinhas accezas.»

Nos Açores fazem-se as fogueiras na rua, e os rapazes *saltam* por cima das labaredas; o mesmo no

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1859, p. 226.

(2) *Reflexões historicas*, t. 1, p. 40. Em o n.º 11 d'estas *Reflexões*, tracta o illustre antiquario das Superstições populares, iniciando em 1835 este estudo, como se vé muito antes do artigo de A. Herculano, no *Panorama*.

Algarve e Alemtejo. Ao saltarem as fogueiras, dizem diferentes disticos :

Fogo no sargaço,
Saude no meu braço !

Fogo na giesta,
Saude na minha testa !

Fogo no fleito,
Saude no meu peito !

As fogueiras de S. João, em França, chamam-se *Chalibandes*, (Poitou) *Jouannées*, (Touraine) *Bures*, (Commercy). Escreve Baudry no resumo da obra capital de Kuhn : «A fogueira de S. João, sobretudo tem um character bem accentuadamente solar.» E liga-as a «uma antiga festa pagã, que parece ter tido por objecto conjurar a estiagem, representando o disco de Çushna precipitado nas aguas.» (1)

Lêmos sobre a *Festa de S. João*, em Niza: «os rapazes e raparigas preparam e accendem com um regosijo inexplicavel as *fogueiras* de rosmatinho e alecrim, e depois de accesas, saltam e brincam em roda d'ellas, salvando-as, e aticando-as, e lançando uns aos outros innumerables bombas e outros fogos de artificio, com que por toda a parte se festeja o Precursor do Messias: as moças e as donzellas cantam umas em alegre côro acompanhado de pandeiros e almofarizes que tangem com certa harmonia e graça, outras em rodinhas de muitas e variadas modas, e outras ao som de violas e flautinhas dansam os antigos fandangos, que já se dansavam em Niza a velha:—As cachopas vão em grandes ranchos com seus cantaros pedrados e puca-rinhas ás fontes apanhar agua nova, cantando pelo

(1) *Revista germanica*, t. XIV, p. 372.

caminho em louvor do Baptista; e enquanto aguardam a vez, repetem-se as rodinhas e os bailes ao redor dos chafarizes; d'onde voltam de madrugada com grandes molhos de alcachofras, que n'esta noite soffrem o martyrio, e flores para as capellas com que ornam as cabeças...; algumas vão ao depois em logar elevado esperar o nascimento do Sol, que n'este dia visto através de uma peneira ou crivo, apresenta muito vistosas posições; outras ficam em casa deitando o seu horoscopo a fim de saberem se o seu amante lhes é fiel, ou o destino que as aguarda; outras finalmente escondem em buracos de velhas e antigas paredes, ovos de gallinhas pretas postos na ultima sexta feira, e vão logo que amanhece tiral-os, esperando encontrar um formoso diamante, etc.» (1)

O caracter *amoroso* do Santo apparece em muitas superstições populares. Em Elvas, na capella de S. João da Corujeira, existe uma grade de ferro na qual as raparigas mordem para obterem do Santo o milagre de casarem cedo. O costume é antiquissimo, porque a grade tem já marcados os signaes dos dentes.

Em uma Ecloga de Sá de Miranda se encontra: «Mañana de S. Juan, *quando a las flores — Y al agua todos salen.*» (2) Nas Constituições do Bispado de Lamego, prohibe-se «*que se colham as hervas, e levem a agua da fonte para casa, ou se lave a gente e os animaes n'ella, antes do Sol nascer...*» Todos estes costumes persistem no seu vigor. As ervas são a marcella, a salva e o sabugueiro, (Penella) cidreira (Caldas) ou o *Feto real*, (3) planta mysteriosa que dá o amor e a felicidade. (No Hartz é o *springwurz*.)

(1) Dr. Mattos e Moura, *Mem. hist. da villa de Niza*, t. II, p. 114.

(2) *Obras*, p. 295. Ed. 1804.

(3) Na tradição italiana chama-se *Lu fettu* (fertur) o transunte cuja voz se escuta com sentido prophetic. Pitré, *Spettacoli e Feste*, p. 297.

Ha nas cantigas populares um thema dithyrambico sobre o somno de S. João:

S. João *adormeceu*
 Nas escadas do Collegio;
 Deram as moças com elle
 S. João tem privilegio.

Na Andaluzia existe uma lenda relativa a este somno, que para evitar os ruidos das festas no céo (allusão ás trovoadas de Junho) o Senhor lhe deu um somno que dura trez dias. No *Moyen de Parvenir*, vêm citadas as quatro festas annuaes de S. João:

La Saint Jean qu'on fauche;
 La Saint Jean qu'on tond;
 La Saint Jean qu'on bat;
 La Saint Jean qu'on chauffe.

A primeira é a da natividade, a 24 de Junho, a segunda a sua outava a 1 de Julho, a terceira da degolação a 29 de Agosto, e a quarta a do evangelista em 27 de Dezembro.

Sobre os costumes da festa de S. João nos Açores, escreve José de Torres: «Enlevo de moços e desinquietaos são nas ilhas dos Açores as fogueiras nocturnas na vespera do dia commemorativo do Baptista. As crianças madrugam para consultarem o destino na fórmula prophetica que tomara a clara de ovo fresco, mergulhada no copo de agua exposto ao sereno da noite: se é de altar, que prognostique sacerdote; se é de navio que inculque viagens; se é de leito, que diga casamento; se é de tumba que annuncie proximidade de morte.— Formosas e não formosas cidadãs, com bochecho de agua pura, esperam do acaso a sentença do nome de um conjuge. Camponezas armadas de varapáo e carapuça provincial, acantoadas detraz

da porta comem o ovo primicia da gallinha nova, para que o Santo, que não é menos casamenteiro que Santo Antonio nos horisontes de Lisboa, se dê pressa em trazer-lhe o matrimonio e lhes conceda *ventura*, que assim tambem chamam aquelle primeiro ovo. A alcachofra chamuscada, no refrescar do sereno responde a instantes interrogações de amor. As sortes que a agua hade dar e abrir... As praias, cujas aguas n'esta madrugada têm privilegios de benção... Os rostos fazem-se mais formosos e juvenis com a agua serenada; aquella que se toma na bica média de certos chafarizes entre as onze e a meia noite tem virtudes mysteriosas. Com orações cabalisticas, ante mesa de alvissima cobertura, velha paciente espera toda a noite o rapido desabrochar da *penna* que a *boliana* no fim de sete annos de consorcio com o *barbasco* procria para dar riqueza e felicidade ao que acertar colhel-a ou possuil-a. (1) — Se a noite tem encantos, e lôas e cavalhadas, folgares não menos variados tem o dia. De flores e loiros e primicias das fructas do verão se adornam varandas e balcões; as dansas e emmascaradas populares são frequentes.» (2) O Combate do Verão com o Inverno é a *Mouriscada*, auto dramatico popular, em que mouros e christãos dão relevo historico á concepção mythica; na ilha Terceira o combate é substituido pelo costume singular da *corrida de touros*.

Eis a descripção da *Alvorada de S. Pedro* (Ribeira Seca — ilha de S. Miguel): «No dia do Precursor de

(1) Pitré, fala d'este costume na Sicilia: «Una pia usanza, non priva d'interesse, è la raccolta del *puleu* o puleggio (*mentha pulegium*, Linn.) nel giorno preciso di S. Giovanni. Questa pianta odorosa conservasi per ben sei mesi all'ombra; la notte di Natale si mette nel presepe davanti il Bambino, e a mezzanotte in punto rinverde e rifiorisce.» *Spettacoli e Feste*, p. 309.

(2) *Panorama*, t. XIII, p. 222.

Christo, 24 de Junho, ao raiar da aurora, um bando de homens a pé percorre as extensas ruas da villa, tangendo diversos e desentoados instrumentos musicos, a fim de advertir os que cinco dias depois têm de fazer parte da *Cavallhada*. O dia 29 é esperado pelos moradores da villa e seus arredores com grande anciedade.— No largo, em frente da egreja, apinha-se uma multidão immensa, confundindo suas vozes desentoadas com o stridor de innumerous tambores, rebecas, violas e concertinas. Findou a festa na egreja. Põe-se a multidão em ordem e desfilia.

«Na frente marcha o maioral vestido a capricho, em bem enfeitado cavallo; o rosto do cavalleiro é vendado por uma densa mascara; na cabeça avulta-lhe immenso chapéo, ornado de grande numero de cordões de ouro, brincos e outras joias do mesmo metal, que tudo junto fórma um valor sempre excedente a 600\$000 réis. Seguem-no quinze ou vinte cavalleiros, adornados como elle, mas sem mascara. Atraz caminha a multidão, mascarada e a pé; uns conduzindo uma récua de lazarentas e infesadas burras, outras uma parelha das mesmas puchando um arado ou uma grade, similhando lavrar a terra, em quanto outros semeam baganha, mimosiando ao mesmo tempo as pessoas presentes com mãos cheias d'esta, lançada com força contra todos. Alguns ordinhando as burras offertam do mesmo modo o leite aos assistentes.

«O bando sempre alegre e sempre tocando a sua musica monotona e sem variante alguma pulando continuamente e recitando strophes, ora picantes e allusivas a particulares e auctoridades locaes, ora sem significação conhecida, dirigem-se a todas as ruas onde móra algum ou alguns dos que fazem parte da cavallhada, isto é, dos quinze ou vinte que marcham na frente. Chegados que são, passam e repassam cinco vezes em frente da casa que vão comprimentar. D'ahi

dirigem-se a outra, e do mesmo modo a todas.—São talvez seis horas da tarde, quando o bando alegre mas exausto pelo cansaço tem chegado de novo ao largo da igreja de S. Pedro. Ahi dão cinco voltas á roda do mesmo, e encaminham-se para um lugar pouco distante onde se dispersa, para descansarem de tão aturado labor.—O maioral é o representante do Santo apóstolo; os outros quinze ou vinte — são sempre os *Imperadores do Espirito Santo* no anno futuro dos diversos *Imperios* de toda a villa... Em tempos não mui remotos, as bandeiras dos Imperios acompanhavam o prestito...» (1) Nas crenças populares, diz Hunziker, «S. Pedro substituiu *Donar*, e é por esta razão que preside ao bom e ao máo tempo.» (2)

A festa de S. Pedro é uma como continuação da de S. João.

A chamada *Festa de S. Pedro* (em Camara de Lobos — Madeira): «Na frente iam quatro mancebos a cavallo, vestidos á turca, levando cada um uma bandeira hasteada; em seguida uma dansa composta de dez ou doze homens, trajando fatos exquisitos, sobresahindo uma *carapuça* guarnecida de muitas fitas, que lhe cahiam pelas costas abaixo; depois a denominada *barquinha*, conduzida por quatro homens robustos. O enfeite da barquinha, enfeite que ainda hoje dura, consiste em pães de assucar, garrafas de vinho, ovos, doces, fructas, flores, etc. Apoz isto seguia-se uma rede levada por doze pescadores vestidos, diziam elles, á semelhança dos Apóstolos. Atraz seguiam confrarias, Santo e o pallio, rematando, como é uso, por uma boa musica de instrumental.» (3)

(1) J. C. Abranches, *Novo Almanach de Lembranças* para 1883, p. 44.

(2) *Etudes de Mythologie allemande*, (Rev. germ., t. XIV, p. 14.)

(3) *Almanach de Lembranças*, para 1876, p. 129. Na *Carta IX*, de Lord Beckford, descreve-se a festa de S. Pedro em Lisboa.

Julho.— Depois de *La Saint Jean qu'on fauche* (24 de Junho) segue-se a outava, ou *La Saint Jean qu'on tond* no 1.º de Julho; a esta parte ligam-se as fogueiras d'este mez: «Como faltariam *fogueiras no mez de Julho*, e em festa saloia?... por mais ardente que vá o estio, amo *uma fogueira no arraial* em vespera de festa, e aquelle estourar e chispar dos foguetes.» (1)

No segundo domingo de Julho é a festa popular de Nossa Senhora de Antime.

Na freguezia de Santa Maria d'Antime, a um quarto de legua para o sul de Fafe, celebra-se a romaria d'esta Senhora, que é uma pedra tosca (granito metamorphico, sem trabalho esculptural, a não ser o rosto; o mais, pernas e braços são postiços.) O seixo peza oito arrobas, e a *charola da Senhora*, ou andor tambem oito arrobas. E levada em procissão a Fafe, pelas 10 horas da manhã, e regressa para Antime pelas 3 horas da tarde. Eis algumas das cerimoniaes: «Chegava quasi a delirio o afervorado das salvas da *Companhia de mosqueteiros da procissão*, não só na sahida e na volta d'ella, mas sobretudo no accommettimento de um Castello ficticio, de proposito erigido para dar mais realce á funcção e para a tornar mais estrepitosa; o castello a final tomado era abrasado em chammas pelos mesmos mosqueteiros, depois de fingido um apparatuso conflicto de sitiantes e sitiados e vencido a final o Rei Mouro acastellado.

«No meio de folias e extravagancias da romaria, tem ficado algumas vezes esmagados alguns dos conductores da *Charola da Senhora*, os valentões da procissão, valentões que se offerecem com antecipação de um ou dois annos ás vezes, e que não conseguem esta graça especial dos mezarios da Senhora senão a poder de supplicas, empenhos e sollicitações. Não é

(1) Herculano, *Parochio de Aldêa*.

todavia a méra ostentação de forças e robustez de corpo o que assim faz deprecar a graça de carregar com os *banzos da charola* aos hombros: é especialmente porque têm para si os mancebos da localidade (Fafe e Antime) não serem bem succedidos nos seus cazamentos, se não pegarem primeiro ao andor da *Senhora*. N'esta occasião, para elles da maior expansão de coração juvenil, costumam collocar esses *mancebos dos banzos* os seus ramos de perpetuas na charola, aos quaes se dá o nome sacramental de *pinhas da Senhora de Antime.*» (1)

Chama-se a esta romaria da *Senhora do Sol*; e quando pedem chuva é a ella que se dirigem, o que condiz com a crença de «*revolver penedos*» e liga este culto ao das Deusas-meretrizes dos charcos: «Em tempos de grandes sécas, e quando as cearas pedem agua, recorrem os habitantes de Foscôa por meio de preces á Virgem Nossa Senhora; juntam-se nove donzellas, que é essencial que se chamem Marias, (convocadas de ordinario por alguns Manoeis) vão em procissão a distancia de meio quarto de legua, a um sitio chamado *Lameira de Azinhate*, e alli voltam de baixo para cima uma grande pia de pedra que pezará trinta aróbas, senão mais, regressando depois para casa á espera da chuva.» (2)

Eis a noticia do *Bolo de Pombal*: «N'um dos ultimos dias do mez de Julho, percorre as ruas d'aquella villa (Pombal) uma procissão de pequeno apparato, de que faz parte um immenso bolo de outo a dez alqueires de trigo, levado por uns poucos de homens, e destinado a ser distribuido aos devotos como pão bento. É cosido por 24 horas n'um forno, onde entra

(1) J. J. S. Pereira Caldas, ap. *Almanach de Lembranças para 1859*, p. 274.

(2) *Almanach de Lembranças para 1860*, p. 160.

tambem um homem, que é o mesmo todos os annos, e que se tem confessado e commungado. Pára a procissão ao pé do forno que arde todo o dia, e assim que se lhe mette dentro o bolo, entra logo em seguida o bom do homem, com um disforme e grandissimo chapéo armado e de casaca quinhentista, depois de haver mettido na bocca um cravo que tira da mão da Virgem que vae n'um dos andores, dá uma volta á roda do bolo, e sáe com passo acelerado, posto que seja velho e de andar naturalmente vagaroso. Muitos e estrepitosos foguetes sobem aos áres depois de haver o tal sujeito sahido *milagrosamente*, são e salvo de dentro do forno, e logo recolhe a procissão.

«A porta do forno é bastante grande para que possam entrar por ella, de pé e quasi direitos dois homens baixos, alinhados de perfil; o bolo, quando entra, absorve grande parte do calorico; o homem abaixa-se ao andar-lhe em roda, tocando-lhe com as mãos, como para o endireitar, e assim se explica tudo.» (1)

João Pedro Ribeiro, refere a festa de uma Nossa Senhora do Rosario, que era popular no Porto: «Acabou porém já no Porto outra mascarada em que se representava *A Corte del rei do Congo*, com seu rei e rainha, e imaginaria côrte, com que os pretos se persuadiam render culto á sua Padroeira, a Senhora do Rosario; funcção muito apetedida dos rapazes, e que durava trez dias de Julho.» (2)

Sobre a *romaria de S. Thiago*—25 de Julho: «Entre os abusos medicos que encontrei na cidade de Penafiel e suas visinhanças, quando em Fevereiro de 1791 entrei no exercicio de medico de partido, e que ainda hoje se conserva, (1838) ha um que merece correcção

(1) *Almanach de Lembranças* para 1860, p. 267. Vid. *Sanctuario marianno*, t. iv, p. 461.

(2) *Reflexões historicas*, t. I, p. 36, nota.

pelas funestas consequencias que occasiona não poucas vezes, algumas das quaes eu hei presenciado. Consiste elle em ir o povo, no dia de S. Thiago, ou a 25 de Julho, sangrar-se pelas bichas do rio Sousa, que n'esta sazão costuma ser pouco caudal. É na verdade cousa memoranda, mas digna de riso, vêr aqui umas pessoas mettidas na agua com as sanguesugas colladas nas pernas, acolá outras com as extremidades inferiores todas ensanguentadas, esperando a vedação do sangue que mana pelas roturas que as bichas abriam; n'uma parte alguns restaurando já com vinho e alimentos a perda que soffreram pela sangria, n'outra caminhando para suas casas deixando vestigios de sangue pelos caminhos que pizam.

«Qual será a antiguidade d'esta pratica, que não deixa de tambem ter alguma parte de supersticiosa, por ser sómente executada na occasião da festividade de S. Thiago, e só escolher para ella aquella parte do rio Sousa que banha o terreno pertencente á freguezia de S. Thiago? Consultando-se a tradição nada se descobre sobre este objecto; mas na *Europa portugueza*, de Faria e Sousa, se encontra: «En la Provincia de Entre Duero y Miño, junto a una Hermida de Sant-Iago, que llaman de las bichas, ay un rio pequeno, que dos á tres dias del año, vispera e dia de aquel Santo se puebla de sunguijuelas, adonde los que en romaria enfermos se entran, e ellas subindo por elles los muerden e chupan la sangre e salen sanos (t. III, cap. v, p. 351.)» E por consequencia se pôde acreditar que esta pratica allusiva já tem pelo menos dois seculos de antiguidade...» (1)

Em 26 de Julho é a romaria de *Santa Anna* da

(1) Antonio de Almeida, *Mem. medico-historico-corographica ácerca do abuso de tomar bixas pelo S. Thiago no Rio Sousa; nos Annaes da Sociedade litteraria portuense*, n.º 5, p. 125 (1838.)

Oliveira, em barcos pelo rio Douro acima; tanto na ida como na volta dos barcos insultam-se uns aos outros, com parouvellas. Caracterisa a devoção o dizer o maior numero de obscenidades. Liga-se ao culto hetairista de *Anah*. Em Roma a festa de *Anna* fazia-se nas margens do rio *Tibre*.

Agosto.— Por causa da peste de 1599, celebrava-se em 5 d'este mez a *procissão dos Ferrolhos*: «Os rapazes que em grande numero acompanhavam a procissão (à meia noite) iam pelas ruas do transito batendo às portas de todas as casas cujas janellas estavam fechadas, para perturbarem o somno dos moradores pouco devotos, resultando d'este repetido *tocar no ferrolho* o nome da Procissão.» (1)

A 23 de Agosto é o *S. Bartholomeu* da Ponte de Cabez. «Esta romaria a *S. Bartholomeu* é muito querida das pessoas endemoninhadas. Offerece a romaria trez espectaculos todos burlescos, que de tempos antigos a têm tornado notavel e famigerada. O primeiro é a gritaria infernal e tergeitos mais ou menos graciosos, que logo ao avistar a capella faz grande numero de mulheres, que se dizem endiabradas, e affectadas de espiritos malignos! É curiosissimo vêr como estas megéras, gritando e esperneando sempre, são arrastadas a seu despeito até ao altar do Santo, onde, depois de muito gritar e muito saltar, fingem vomitos violentos, que, segundo ellas, são o signal certo da despedida do espirito que as traz inquietas!

«O segundo espectaculo é a emulação brutal que ali se manifesta entre as provincias do Minho e Traz os Montes. Logo no dia 23 á tarde principiam as altercações sobre qual das duas terá a preeminencia; e muitas vezes ha já de tarde cabeças ou braços que-

(1) *Panorama*, t. xii, p. 250.

brados ; á noite é cousa certa. A ponte, que de dia faz parte do terreno do arraial, fica despovoada depois do sol posto. Tomam-se posições de um e outro lado. Começam grandes altercações de lingua, gritos de *Viva o Minho!* — *Viva Traz os Montes!* *Andae ao Santo*, de um lado, *Andae á fonte*, do outro, etc. Sôa um vivissimo tiroteio de parte a parte, que muitas vezes dura toda a noite, e ha annos em que os bandos se aproximam até ao meio da ponte, onde se desfadam a jogar paulada, facada, pedrada, etc., sendo o resultado de tudo muitos ferimentos mais ou menos graves e até mortes !

«O terceiro espectáculo vem a ser a fé supersticiosa que os romeiros têm com a agua da fonte acima dita, a qual segundo a crença, sendo colhida no dia 24, antes de lhe dar o sol é antidoto efficaz contra todas as molestias não realisadas e remedio efficaz para todas as realisadas. E por isso no dia 24 logo de madrugada (hora em que de ordinario costumam accalmar as manobras dos valentões) começa a affluir gente de todos os cantos do arraial, e encher na fonte as garrafas e cabaças para levarem comsigo, e outros a lavarem as crianças affectadas de alguma molestia, sendo parte essencial d'este acto o lançar pelo rio abaixo a camisa do enfermo, que por muitos é esperada.» (1)

Em Mattosinhos, ha a romaria de S. Bartholomeu no dia 24, confluindo ali a gente do campo ao som de cantigas ; vão banhar-se com intuito medicinal, crendo que cada banho vale por sete.

Septembro. — Festa de S. Pedro em Niza : Fazem-n'a os pastores e creadores de Niza no mez de Septembro «é a maior e principal que aqui se faz;» além da parte reli-

(1) *Atmanach de Lembranças* para 1860, p. 300.

giosa «consiste em lauto banquete e jogos, cantares e folias e bebidas, que se distribuem a todos, que concorrem, e sobretudo na *chacota*, que é a maior solemnidade do festim. Ordena-se o préstito pelas 3 horas da tarde da vespera em casa do festeiro, d'onde sae ; vem precedido por um tambor, que bate a marcha, e um pifano ou gaita de folles, que o acompanha, seguem-se seis formosas donzellas vestidas no melhor gosto e elegancia que podem, com pequenas bandeiras encarnadas, e no centro a festeira com o estandarte, e depois uma ala parallela de zagaes, com suas casacas e calções, e meias brancas e fivellas de grandeza patriarchal, que serviram já nos casamentos e baptizados de sete gerações, que as vão protegendo de qualquer avaria ; e atraz d'elles seis pastores e duas respeitaveis matronas com suas saias de chamalote, e roupinhas de grandes abas á polka, e pandeiros de metal e soalhas, levantam as cantigas em honra do Santo, que o côro todo, composto de muitas raparigas da terra, em harmonia e suavidade repete, acompanhado por violas, que menestreis da villa vão tangendo : fecha o cortejo outra ala de jovens pastores que as vão guardando e defendendo de qualquer aperto na grande concorrência que as acompanha e vae seguindo ; e depois de assim ordenado dirige-se á igreja do principe dos Apostolos, quaes outr'ora os pastores do Tibre ao templo de Pan em Roma, onde canta muitas loas e cantigas, que a antiga tradição transmittiu e ninguem ousa alterar, toca-se o sino, levantam-se vivas, é victoriado S. Pedro, e no meio do maior alvoroço e alegria recolhe tudo á villa cantando e folgando... á porta dos pastores é victoriado sempre o pendão do Santo, e á das madrinhas descança o cortejo, recebendo alguns refrescos que lhe estão preparados... pelas dez horas da noite chega ao logar d'onde viera ; então o divertimento varia : um lindo

fogo de artifício arde... repetidos doces, bebidas e tremoços os festeiros mandam servir na rua mesmo...»

No dia seguinte «repete-se a função em casa dos novos festeiros, que recebem a bandeira, e depois a victoriam e conduzem em verdadeira ovação por toda a villa, e depois o mesmo préstito e cantigas e folgares e banquetes da vespera, e ás vezes com maior apparo e grandeza, conforme os brios e haveres de quem dispende...» (1)

Tem analogias com a festa de S. Pedro na villa da Ribeira Grande, na ilha de S. Miguel.

Outubro.— A 27 d'este mez é a vespera da festa de S. Simão e S. Judas; fazem-se os *magustos*, ou merendas de castanhas assadas em uma fogueira. Explica-se pela festa dos Druidas, denominada o *Sam'hin*, ou do fogo da paz: «Era n'esta epoca que os Druidas se reunião no centro de cada região para pacificarem as desavenças entre os habitantes do paiz; desde a vespera apagavam-se todos os fogos que deviam ser renovados n'aquelle que accendiam e que os Druidas consagravam. Não se concedia fogo áquelle que tinha perturbado a paz...» (2) A renovação do fogo ainda se usa em algumas partes da Escossia, e em inglez chama-se-lhe *hallow-eve*. (3)

Novembro.— O dia 1.º ou da festa de Todos os Santos era denominado nos documentos juridicos do seculo xv *Dia de pão por Deus*: «Pagaredes o dito fóro em cada hum anno em dia de pão por Deus.» (*Elucid.*) Em D. Francisco Manuel de Mello, se lê: «Eu não vi as *amendoas*, e já nos convida com os *follares*.— Nem eu

(1) Motta e Moura, *Mem. hist. da villa de Niza*, t. I, p. 82

(2) Smith, *Hist. des Druides*, p. 47.

(3) *Ibid.*, p. 49.

O pão por Deus... (1) Na villa de Alpedriz os rapazes pedem em dia de Todos os Santos o *Pão por Deus*, cantando :

Pão, pão por Deus
 Á mangarola ;
 Encham-me o sacco
 E vou-me embora.

Os lavradores dão-lhes merendeiros de tremoços, maçãs e nozes ; se não vão contentes, cantam a praga :

O gorgulho, gorgulhete
 Lhe dê no pote !
 E lhe não deixe farello
 Nem farellote. (2)

Os pães chamados *darum* entre os mithriacistas, e *mamphula* pelos romanos, tornaram-se n'estas offertas christãs.

A 2 de Novembro é a festa dos *Fieis defunctos* ; os rapazes em Coimbra, pedem os *bolinhos, bolinhós* ; nos arredores de Lamego vendem-se n'este dia os *Santoros*, ou bolo de pão de trigo com ovos. D'esta festa nos Açores, escreve José de Torres : «*Pão por Deus* é puramente a esmola que se dá em tenção dos defunctos, ou seja no dia proprio ou na vespera ; esmola a que tambem a rapaziada se julga com direito, e para o que de porta em porta a todos importuna voz em grita, com monotona cantilena. Quando o pedido é infructuoso, costumam ir ao largo da casa resmungando facecias pouco espirituosas. » (3) Na

(1) *Feira de Anexins*, p. 127.— A palavra *Vicredevas*, na religião hindu corresponde pelo seu significado *Todos os Deuses* a Todos os Santos do christianismo. *Pic. Encyclopedia ind.*, p. 365.

(2) *Almanach de Lembranças* para 1862, p. 332.

(3) *Panorama*, t. XIII, p. 364.

Sicilia tambem se dão *estreias* ás crianças no dia 2 de Novembro, e n'este dia, como nas ilhas dos Açores, comem-se *favas* cosidas. Os costumes d'este dia eram praticados pelas *Columbaria*, ou associações funerarias de Roma, entre as quaes se formou a Igreja. (1)

Sobre a festa de S. *Martinho* (11 de Novembro): «Depois da introduccão do Christianismo, esta grande figura (de *Wuotan*) com a multidão dos seus attributos, foi esmigalhada, assim como uma estatua em grande numero de fragmentos. Na Igreja christã, mesmo, o deus pagão occultou-se sob as azas do archanjo S. Miguel, chefe do exercito celeste. Quasi todas as igrejas e capellas pertencentes a S. Miguel elevam-se sobre montanhas originariamente consagradas a *Wuotan*. O S. Miguel cãe na epoca em que, no Norte da Allemanha, se celebrava a festa de *Wuotan*, em quanto que no Sul, onde o verão é mais longo, esta ultima coincidia com o S. *Martinho*. Muitos dos attributos de *Wuotan* couberam em partilha a S. *Martinho*, que possui o cavallo branco, o seu manto, a espada, e que se mostra ás vezes á frente dos exercitos. Os Merovingianos antes de irem para a guerra, resavam junto do tumulo de S. *Martinho*, e levavam á frente do exercito como um talisman a capa d'este Santo.» (2) No Alemtejo, têm os rapazes um jogo em que dizem :

— Só S. *Martinho*,
Tem lá bom vinho ?
«Rinch' ó diabo
Mé cavallinho.»

A primeira parte d'esta quadra é dita por um rapaz

(1) Vid. *As Lendas christãs*, p. 33.—No volume antecedente vem já tratada esta parte cultural.

(2) Hunziker, *Estudos de Mythologia allemã* (Rev. germ., t. xiv, p. 11.)

a cavallo n'outro, que atira o chapéu a um que está na mesma situação; se o chapéu não é agarrado no ar aquelle apeia-se e é montado pelo que o tinha ás cavalleiras. (1)

Nos Açores usa-se a *salsada de S. Martinho* formada de grupos tangendo «latas, chocalhos e cascaveis,» indo pelas portas chamar os irmãos borrachos; usa-se um sermão burlesco, com textos de latim macarrónico. (2) O nosso anexam:

Por S. Martinho
Prova o teu vinho,

acha-se tambem na Italia:

Pi San Martinu
Si tasta lu vinu.

A San Martinu
Ogni mustu è vinu. (3)

A 6 de Dezembro é o *S. Nicoláo*: «S. Nicoláo é o orago de uma das egrejas parochiaes d'esta cidade (Porto.) No dia do Santo, é costume antigo dar o Abbade da freguezia uma rasa de castanhas, que são assadas n'uma grande fogueira defronte da igreja e ahi mesmo devoradas. Os convivas d'esta especie de magusto são de ordinario rapazes sadios, aqui designados por *garotos*. Na tarde d'aquelle dia pedem as campainhas da confraria, ás quaes juntam outras de fóra, e correm toda a freguezia, badalando horriavelmente

(1) A. Thomaz Pires, *Boletim da Sociedade de Geographia*.

(2) *Panorama*, t. XIII, p. 376.

(3) Pitré, *Spettacoli e Feste*, p. 412.— Na Allemanha celebra-se o S. Martinho como o dia em que acabam as pastagens.

e gritando como desesperados com toda a força dos pulmões :

Quem dá lenha,
Ou um páo,
Para fogueira
De S. Nicoláo ?

Quem dá lenha,
Ou chamiça,
Ou a fralda
Da camisa ?

«Ora como este pedido, feito por mais de trinta gualas, e com acompanhamento de trezentas campainhas, nunca é attendido, os devotos do Santo, por onde quer que passem, agarram em quanto podem, e que julgam proprio para figurar na santa fogueira. Canastras, cadeiras, bancos, barrotes, tudo, enfim, que encontram pelas portas e a que possam deitar a mão, lá vae para a festa. Nem sempre lhes são barata a brincadeira, pois no acto da cobrança são muita vez brindados com uma roda de chicote ou de ponta-pés. Ainda não é bem liquido o que deu origem a este costume antiquissimo na cidade, mas suppõe-se ter sido um legado.» (1). O S. Nicoláo é tambem celebrado pelas crianças em Slobregát, Panades e outros logares da Hespanha, assim como na Italia.

A 13 de Dezembro é *Santa Luzia*. As *experiencias de Santa Luzia* : «O dia de Santa Luzia, 13 de Dezembro, representa para o vulgo o mez de Janeiro, o dia 14 o de Fevereiro, o dia 15 o de Março, e assim por diante. Se por exemplo, a 14, pela manhã, esteve o céu coberto de pezadas nuvens, se houve alguns chuviscos, em Fevereiro cahirão chuvas regulares. Se o

(1) A. M. Leorne, ap., *Almanach de Lembranças para 1858*, p. 361.

diá amanheceu limpo, o sol quente, todo o mez será secco.

«Outra *experiencia* consiste em deitar-se pedras de sal ao sereno, em vespera de Santa Luzia. Seis pedras de sal, collocadas sobre um plano, representam os seis mezes de inverno. Pela manhã, a pedra que mais se dissolver ao relento da noite, indica o mez mais chuvoso. Estas *experiencias* têm grande influencia sobre o espirito dos matutos, a ponto de quando é negativo o resultado, alguns abandonarem logo tudo e tratarem de emigrar.» (1) Como as *experiencias* de Santa Luzia, no Ceará, temos em Portugal as *experiencias* dos primeiros sete dias de Janeiro, por onde o povo regula qual ha de ser o aspecto meteorologico dos sete mezes subsequentes.

Em Beja, pelo S. João, tambem se põe doze montinhos de sal, em cima de uma taboa que se passa pelo lume, com o mesmo intuito de prognostico do anno. (2)

As *Quendas* (Calendas) «designam os doze dias antecedentes e seguintes ao Natal, nos quaes os supersticiosos vêem os representantes dos doze mezes do anno.» (3) Chamam-se *Requendas* os dias observados com o mesmo intuito em outros mezes. (Baião.) Ha nos Açores esta crença localisada nos ultimos dias de Dezembro.

A *Festa do O*, em 18 de Dezembro, é assim descrita por Viterbo: «Beberete ou merenda, convite que se dava nas cathedraes, collegiadas, e mosteiros em cada um dos sete dias antes do nascimento do filho de Deus; principiando nas primeiras vesperas da festa

(1) *Historia da Secca do Ceará* (1877 a 1880) por Rodolpho Theophilo, p. 82.

(2) *Almanach de Lembranças*, para 1864, p. 225.

(3) Leite de Vasconcellos, *Revista scientifica*, p. 587.

da Espectação, que tambem foi chamada *Festa do O*. É porque n'estes sete dias se cantam as sete antiphonas que todas principiam por O. Do O das antiphonas passou o nome para os convites e merendas... Porém dos *Convites* ou *Pitanças* apenas hoje restam memorias entre as communidades que vivem no claustro e que mais tenacidade mostram em conservar as antigualhas primitivas.» Viterbo cita um trecho das *Memo-rias chronologicas dos Prelados de Lamego* sobre estes banquetes do Natal: «D'antigamente ta gora foi costume em esta nossa Sé e Cathedral de se fazerem e darem *sete Os*, ou convites por sete dias antes da Festa do Natal ao Cabido e clerezia da dita Sé, de vinhos brancos, e vermelhos, e fructas e tamaras e passas: cada hum segundo mais avondosamente podia. É como se hi juntava muita gente de desvairadas maneiras, entre as quaes eram vis pessoas, que depois de beberem diziam e faziam muitas enormidades e alevantavam arruidos e contendas, que eram azo de se seguirem algumas violencias...» (1) As consoadas do Natal são uma continuação d'estes convites.

A festa do Natal distingue-se por comidas especiaes ou a *consoada*. No sermão de Santo Eloy, do seculo VII, allude-se ao costume d'estas cêas, que Frei Luiz de Sousa descreve ainda em uso no palacio do rei D. Manuel, em 1516. (2) Fructuoso, fallando do capitão Simão Gonsalves, morto em 1580, diz: «em todas as festas principaes do anno, havia em sua casa custosas *consoadas*, com ricas fructas e curiosos jogos e actos de toda a sorte.» (3) Simão de Castro, allude tambem :

Os meus *fartes* tão perfeitos
que pelo Natal me dão... (4)

(1) *Elucidario*, vb.º O.

(2) *Annaes de D. João III*, p. 14.

(3) *Saudades da Terra*, p. 299.

(4) *Ratos da Inquisição*, p. 143.

E se acaso são de mel,
que são mui bons em tal tempo...

No Douro e Minho usam-se os *formigos* ou *mechidos*; no Porto e alto Minho, é costume o *vinho quente*, e em Braga um *prato de hervas*. Na Madeira fazem-se *bolos* com farinha, pimenta e mel, para dar nos convites aos afilhados e portadores de ofertas; fazem-se cuscus, e leva-se de presente a *papada* aos fidalgos ou os *pés nas mãos* (gallinhas e capões dependurados pelos pés.) A matança dos porcos começa pela Senhora do O, em 18 de Dezembro. Nos costumes portuguezes de Gôa, do seculo xvii, encontramos as fórmias completas de alguns dos nossos usos provinciaes:

«Jejuam vespera de Natal, e jantam ao meio dia; mas antes de irem á *missa da meia noite* pela volta das onze horas fazem uma collação que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas tudo o mais comem e bebem a fartar. As mulheres, sobretudo, assim senhoras como jovens, desejam muito esta noite, porque, como vão todas á missa, servem-se da devoção para gosarem seus amores. Por todas as ruas ha n'esta noite lanternas. No dia de *Natal*, em todas as egrejas se representam os mysterios da natiuidade com grande copia de personagens e animaes que fallam, como cá os bonifrates, e ha grandes rochedos, e por baixo d'elles homens que fazem mexer e fallar estas figuras como querem, e todos veem estes brincos. Mesmo na maior parte das casas e encruzi-lhadas das ruas ha semelhantes divertimentos, e faz lá n'esta estação melhor tempo que cá pelo S. João. Nas ruas, praças e outros logares da cidade ha mesas cobertas de bellas toalhas brancas e bem obradas, e sobre ellas muitos confeitos, doces sêcos e bolos, a que chamam *rosquilhas*, de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente por con-

soada ; e dura esta especie de feira até passar dia de Reis. De noite vão pôr grandes letreiros com estas palavras — *Anno Bom* — acompanhados de musica e instrumentos.» (1)

A universalidade da festa do Natal foi conhecida pelos antigos padres da Egreja, que procuravam separal-a dos polytheismos solares d'onde ella deriva. Bergier cita estas palavras de S. João Chrysostomo : «desde o começo esta festa se celebrou da Thracia até Cadix, em todo o Occidente.» Sendo a consagração da luz do sol no solsticio do inverno, acha-se : 1.º No Egypto sob o titulo *Festum Osiridis nati*, ou *Inventio Osiridis*, e celebrava-se no dia correspondente ao nosso 6 de Janeiro. E entre os Judeus era a Festa das Luzes ou *Kkanu ka*. 2.º No culto accadico da Chaldêa, celebrava-se com o titulo da *Caverna do levante* ou nascimento do sol, no mez que succede ao solsticio de inverno (*tebit*). Por esta transmissão, entre os Sarracenos o sacerdote descia a uma caverna (a lapinha ou presepio) e saia de lá gritando : «A Virgem pariu, a luz vae outra vez crescer.» (2) Entre os Phenicios existia tambem no 25 de Dezembro a festa do *Desper-tar de Melqarth*. 3.º Finalmente entre os povos áricos, acha-se com toda a importancia cultural a festa do *nascimento do Sol* : entre os Hindus é o nascimento de Christna, no fim de Dezembro ; entre os Persas a festa do solsticio de inverno ou *Mirrhanagan*, propagada a Roma pelos mithriacistas, e celebrada na viii calenda de Janeiro, ou 25 de Dezembro, foi chamada no Occidente *Natalis Solis invicti* ; na Phocida, no culto dyonisiaco, as mulheres, ao grito de Licnites, proclamavam o nascimento de Dyonisos, segundo Plutarcho, no solsticio de inverno ; entre os povos germanicos

(1) Pyrard, *Viagem (1601-1611) nas Indias orientaes*.

(2) Lenormant, *Origines de l'Hist.*, t. I, p. 257.

esta festa tomou o nome de *Juel*, e entre os godos de *Jul*. De todas estas proveniencias se acham vestigios na sobrevivencia dos costumes populares, explicaveis aproximando-os de qualquer d'estes trez polytheismos solares. No dia 25 de Dezembro celebravam os Romanos o *Natalis Solis invicti*, ou o dia do Sol que renasce depois do solsticio do inverno; Baur considera que a liberdade e a caridade das saturnaes passaram para o Natal, que a Igreja fixou no mesmo dia. Os Arabes dão a esta festividade o nome de *Id Almilad*, e á vespera do Natal o nome de *Zailat Almilad*.

A vigilia do Natal faz-se armando *presepios* ou *lapi-nhas*, diante dos quaes se representam Colloquios, Villancicos e Autos pastoris. Muitos d'estes presepios armavam-se nas igrejas, e como conta o padre Manuel Bernardes celebrava-se «as noites de Natal nas Igrejas (como eu vi celebrar em uma) com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola e risadas descompostas.» (1) O *Presepio* da Igreja de Bellem era o mais rico: «Imagine-se o pequeno palco de um theatro com seus bastidores e bambolinas, e ali umas poucas de figuras de madeira, do tamanho natural, representando a Virgem, S. José, os Reis e os Pastores, e o Menino n'um berço de obra de talha, debaixo de umas poucas de taboas pintadas para figurarem uma arribana, e juntamente uns mostrengos informes representando a vacca e a mula; imagine-se mais que os pastores estão vestidos á moda da epoca de D. Pedro II, que mandou fazer o presepio, de casacos de damasco de côres já muito fanadas, de cajados na mão, com grandes collarinhos á saloia, e outros de casaca, calças e colletes de pelles de carneiro, tambem de grandes collarinhos...» (2) Era

(1) *Nova Floresta*, t. II, tit. I.

(2) Ribeiro Guimarães, *Sum.*, t. III, p. 34.

diante das *lapinhas* que se representavam os Colloquios ou autos hieraticos, que se desenvolveram em musica sob a fôrma de *Villancicos*. As lapinhas, enfeitadas com fructas e ervas aromaticas, são um vestigio das Suc-coth-Benot; enfeitam-se nos Açores com *trigo gre-lado*, que os gregos tambem usavam nas festas de Adonis. (1)

A *Missa do gallo* resa-se de noite; é ao que na Madeira se chama a *Missa do Parto*, em que toda a gente vaga pelas ruas, uns tocando *machete* e *castanholas*, outros brandindo *fachos*, visitando as lapinhas principalmente nas casas onde ha *viola*, isto é, os bailados *a-la-moda* e o da *meia-volta*.

Na noute de Natal, na Idanha a Nova, é costume queimar-se o *Cépo*, como na Covilhã e em Traz os Montes: «Trez semanas antes, ou um mez, da noute de 24 de Dezembro, vão ao campo buscar o madeiro, que para este fim se acha já cortado, sendo quasi sempre escolhido para elle uma das arvores mais corpulentas. Se o carro quebra, ou os bois cançam, vão outros buscal-o, e por ultimo conseguem trazel-o com acompanhamento de chulas e descantes até ao sitio em que deve ser queimado, e onde o descarregam, saudando-o n'essa occasião com um prolongado *vito!* D'este modo deitam mais dois ou trez nos adros de differentes egrejas. Chegada a vespera do Natal, logo ao cerrar da noute lhes largam o fogo, e depois comecam a malhar n'elles para vêr quem tira a maior lasca, e cada uma que se despede é de novo festejada com um *vito!* por quantos se acham presentes. Dura isto até á missa do gallo; e quando esta chega, não só têm lucrado os que, cantando e tocando, a esperam

(1) Alfred Maury, *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. III, p. 222.— No culto de Mithra existe o *presepio* e o *touro*, e no de Christna, elle é um pastor ou *govinda*.

em roda do madeiro, como tambem os que moram nas casas mais proximas e vão ou mandam buscar as brazas para se aquecerem, quando vêem que as martelladas as têm espalhado.» (1) Em Celorico de Basto chamam-lhe o *Galheiro*, em Traz os Montes é o *Trafogueiro*, cujos carvões têm poder contra as trovoadas; a estes costumes allude Cascaes, nos versos :

Pedaços ao madeiro
Que ardendo é no lar
Vae este cortar :
E o guarda na crença
Que acceso é defesa
Qual sóe vela benta,
Santelmo em tormenta. (2)

Hunziker considera como um vestigio do culto de Frô ou Freyr «os fogos que se accendem não só na Allemanha, como ainda em França, onde ha o tronco ou *cépo do Natal*, com usos supersticiosos que lhe ligam...» (3) Na Italia chama-se-lhe o *Ceppe*, *Souche de Noël* (Lorena), *Trefoir*, *Tison de Noel*, *Bonche de Noel*, *Cariguié*, em França, *Yule Clog* em Inglaterra.

Em 26 de Dezembro é a grande cerimonia da *Entrega do ramo*, em Aveiro, nas suas duas freguezias. Vão os doze mordomos demissionarios da confraria do Santissimo, entregar os ramos, de altura de um metro, á porta dos novos eleitos, sendo em todo o caminho festejados com foguetorio; em casa dos novos mordomos ha mesa franca, para todos os que lhe vão á porta atirar foguetes ou comprimentar o *parceiro*. No dia 27 repete-se a cerimonia na outra freguezia;

(1) *Almanach de Lembranças* para 1864, p. 377.

(2) *Panorama*, t. XII, p. 406.

(3) *Revista germanica*, t. XIV, p. 48.

as dansas começam no dia 28 e duram até ao dia de Reis. (1)

Festa de *Santo Estevam* (Travanca de Macedo) a 26 de Dezembro. Todo o povo se banquetêa em commum na rua, n'este dia em Travanca de Macedo, e em quasi todas as visinhanças de uma legua de circuito : «Logo que se conclue a funcção da egreja, dirige-se cada um a sua casa, enche um açafate de fructas sêccas, a que junta um humilde talher, e com este arranjo vae apresentar-se á porta do mordomo. Ali encontra já armada no meio da rua uma meza de vinte a trinta metros de comprimento, sobre um de largura. O corpo d'esta meza é indifferentemente occupado pelo povo, e a cabeceira pelas pessoas distinctas da terra ; mas este ultimo costume vae caindo em desuso, ainda que não de todo. Á excepção das viuvas, todos devem tomar parte n'este festim popular ; e aquelle que sem motivo plausivel não apparece, é qualificado de misanthropo e pouco sociavel. Depois de reunidos todos os convivas, vem logo a primeira e ultima coberta, que consta de pães centeios, sardinhas assadas, tremoços e algum vinho. Toda a polidez e cerimonia são banidas d'esta meza ; aqui exigem-se mais sardinhas, acolá grita-se por mais pão, ali pede-se vinho, e fazem-se saudes aos mordomos, etc.

«No fim d'esta refeição, em que se devorou a bagatella de um milheiro ou mais de sardinhas, vem o mordomo com uma laranja espetada n'uma vardasca, e offerece-a áquelle que tem de servir no anno seguinte : a esta transmissão de poder, rompem de todas as boccas enthuziasticos vivas ao mordomo ! . . . tudo se agglomera com azafama em volta d'elle ; dois esforçados hercules, enterlaçando as mãos formam uma cadeira, onde o fazem sentar, para ser conduzido á

(1) Bernardo de Magalhães, *Locomotiva*, n.º 94.

sua habitação; se tem familia, é tambem conduzida em cadeira identica, por pessoas de sexo e estado respectivo. — Á noite torna-se a reunir tudo em casa do novo eleito; e é então que se realisa o celebre *jogo do frade*, em que mais figura aquelle que mais estrondo pôde fazer com os sócos; ha tambem outro, regulado por certas leis, cuja infracção (essencial ao jogo) é punida com fortissimas dôses de correadas, o que promove grande hilaridade em todos, sem exceptuar o réo. Como estes, usam-se outros divertimentos e jogos exquisitos, que seria longo enumerar.» (1)

Nos costumes portuguezes do Natal, existem elementos polytheistas do culto de Zagreus, na sua fórma orgiastica. A festa do *Bispo dos Loucos*, na igreja medieval é uma persistencia d'esse culto: «Para agrada a Dyonisos é preciso ensandecer.» Na Epistola aos Corinthios, S. Paulo repete o mesmo pensamento: «Nós sômos *loucos pelo Christo*.» (1, Cor., iv, 10.) E tambem: «A loucura de Deus é mais sabia do que os homens.» (*Ib.*, i, 25,) A Igreja conservou estes costumes da sua origem, perdendo a noção da relação historica que a ligou á vida affectiva das populações polytheistas. Do costume do *Bispo dos Fatuos*, em Portugal, falla Santa Rosa de Viterbo no *Elucidario*: «Eu, que nos meus primeiros annos presenciei este Bispo de theatro, não menino, mas sacerdote, no primeiro de Janeiro e na solemnidade dos Reis, posso dar testemunho á verdade, como o desengano serio fez desaparecer d'entre gente religiosa tão desmarcada loucura.» (2) Era especialmente em 27 de Dezembro esta cerimonia: «Havia na cathedral de Lisboa um costume, a que chamavam do *Bispo innocente*, e que era o seguinte: Na vespera do dia dos Santos

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1867, p. 379.

(2) Ed. Inn., t. 1, p. 136.

Innocentes, depois do Natal, quando no officio de vespersas se entoava o versiculo: *Deposuit potentes de sede*, (Depoz os poderosos da sua séde) o cantor entregava o baculo episcopal ao menino mais moço do córo, o qual governava o clero até se completar o officio do dia seguinte, e saía em procissão com todas as insignias episcopaes visitando as egrejas do arcebispado. O menino em tudo imitava o bispo, e até dava bençãos, e isto era uma festa com comes e bebes, e originava rixas e contendas e provocava os apupos do povo.» (1)

Dos costumes dos Açores, escreve Arruda Furtado: «os nossos camponezes (ilha de S. Miguel) acreditam piamente que os ultimos dias de Dezembro são a imagem fiel dos doze mezes do anno seguinte, e que o estado das novidades d'esse anno será regulado pelo modo porque cresceram o trigo, o milho e as favas que fez germinar, como é costume, dentro de um prato para enfeitar o Natal.» (2)

A personificação do Inverno, em quasi todos os povos indo-europeus é a *Velha*, que em Portugal ainda se conhece na metade da quaresma; na Italia, as estrêas do Natal são tambem personificadas na *Vecchia strina* e *Vecchia di Natali*, e no dia de Reis ou da Epiphania, ainda apparece, tendo em Veneza o nome de *Befana*.

No ultimo dia do anno não ha festa caracteristica a S. Silvestre, postoque o seu nome seja immensamente invocado nas Orações magicas e de medicina popular; depois da noite fechada começam as cantigas do anno novo pelos Janeiroiros.

(1) Dr. Ribeiro Guimarães, *Summario de Varia historia*, t. iv, p. 235; *ib.*, t. i, p. 223.

(2) *Materiaes para o estudo dos povos açorianos*, p. 42.



LIVRO III

TRADIÇÕES E SABER POPULAR

No livro genial da *Sciencia Nova*, iniciou Vico o estudo dos phenomenos demopsychologicos, a que elle chamou a *Sabedoria poetica das Nações*. As acquisições das experiencias de cada geração e idade não se perdem, transmittem-se tradicionalmente, fecundando os espiritos para novas descobertas; ellas constituem a base de um consensus moral, em que as paixões e interesses se harmonisam, e como *synthese especulativa* estabelecem entre as opiniões e os costumes uma progressiva conformidade. Esta dependencia da tradição é explicada lucidamente por Comte pelo seguinte facto psychologico: «O espirito humano, mais apto a aperfeiçoar do que a crear, não póde bem assentar as suas especulações senão sobre uma primeira execução da empreza que elle prosegue.» (1) A esta ordem de estudos deram os criticos allemães e inglezes o titulo de *Folk-Lore*, sem comtudo entrarem ainda na reconstrucção da psychologia do homem primitivo, nem dos estados sociaes correlativos, como o presentira Vico.

A fórma do conhecimento e o character das concepções mentaes são os mesmos, tanto nos espiritos que se elevaram á maior capacidade de abstracção, como no povo que elabora as suas noções concretas. Pare-

(1) *Système de Politique positive*, t. III, p. 79.

cerá talvez um paradoxo, mas não é, como se vê pela historia do pensamento humano: As altas especulações dos philosophos exercem-se sobre dados *objectivos* ou realidade (Eschola jonica), e sobre elementos *subjectivos* ou representações da consciencia (Eschola eleatica). A justa relação de dependencia entre estes dois elementos essenciaes do conhecimento tem sido o trabalho capital dos principaes pensadores da humanidade. Se examinarmos as concepções populares, vê-se que prepondera n'ellas tambem este dualismo; porque as suas concepções são formadas pelo *syncretismo* entre a *apparencia*, ou impressões recebidas, e a *realidade* percebida através d'essas inconscientes modificações sensoriaes.

É por isso que o povo exprime-se sempre por *tropos*, ou a equivalencia aproximada e comparativa da linguagem figurada com que significa noções vagamente concebidas. Quando o povo dá ás *apparencias* da sua impressão subjectiva o relêvo da realidade, é então que elabora espontaneamente os *Mythos*, esboço generativo de toda a poesia; se porém a *realidade* concreta é modificada pelas impressões recebidas, como acontece com os factos narrados por differentes pessoas que simultaneamente os observaram ou os conhecem, essa narrativa, tambem poetica, denomina-se *Lenda*. A mente do povo paira n'esta suspensão, em que a vibração emocional suppre o estímulo de intelligencias sem interesses especulativos; os conhecimentos, noções e concepções populares são pois, segundo a phrase de Vico, uma *Sabedoria poetica*.

É n'este sentido que comprehendemos n'esta parte do nosso trabalho o estudo dos Tropos, Anexins, Adivinhas, Cantos lyricos e heroicos, fôrmas dramaticas, Contos, Lendas, Relações ou Litteratura de cordel e reminiscencias da Historia nacional portugueza.



CAPITULO I

Modismos, Anexins e Adivinhas

As formas concretas da comprehensão popular ; os Tropos, como germens da expressão poetica : Modismos populares portuguezes. Comparações de maior, de menor e de equal ; comparações por differença, por analogia e por plausibilidade.— Comparações communs aos povos occidentaes.— Os *Anexins portuguezes*: Bases criticas para o estudo dos Anexins : relação com a concepção mythica primitiva ; com os estados psychologicos rudimentares ; com os costumes extinctos ; com os contos tradicionaes e com as superstições.— Valor das designações *Dito, Ditado, Verco, Rifão, Adagio, Aneaim, Exemplo*.— Os Anexins conservam a evolução morphologica da Poesia.— Fundo commum da tradição occidental persistente nos Anexins.— Os Anexins na litteratura portugueza.— As *Adivinhas populares portuguezas* : A concepção por analogia, e a expressão mythica são evidentes nas Adivinhas.— Caracter de um saber enigmatico nas religiões antigas.— Relação das Adivinhas com os Contos.— Fundo commum do saber enigmatico no Occidente : Adivinhas comparadas.— As adivinhas populares portuguezas na litteratura.

Ninguém viu tanto para dentro da elaboração da intelligencia e do sentimento humano no seu esforço para attingir as formas da comprehensão logica, como Vico ; essa lei moral e historica formulada e confirmada por Jacob Grimm, que não ha uma unica mentira na poesia do povo, foi presentida pelo auctor da *Sciencia Nova*, quando disse : «Os primeiros homens das nações pagãs tendo a simplicidade e a ingenuidade da infancia, as primeiras fabulas nada podiam conter de falso, e foram necessariamente, como têm sido definidas, narrativas verdadeiras.» Aqui a verdade não consiste no processo critico de conformidade entre

o dado objectivo e a sua representação subjectiva, mas sim na despreocupação, desinteresse e falta de intuito das impressões subjectivas tomadas como realidade. Sem a luz d'este criterio foi impossivel aos philosophos gregos interpretar o passado, bem como aos eruditos da Renascença e do seculo xviii, que não penetraram este estado emocional da razão humana. Sobre a natureza sentimental da *synthese especulativa* popular, Comte vae derivar-a da nossa propria organização physiologica: «Por muito real que seja, sem duvida, a satisfação que se liga á simples descoberta da verdade, ella não tem a intensidade bastante para dirigir a nossa conducta habitual; o impulso de uma paixão qualquer é mesmo indispensavel á nossa debil intelligencia para determinar e sustentar quasi todos os seus esforços.» (1) A linguagem vulgar conserva nos seus modismos ou locuções figuradas a dependencia da fôrma concreta na actividade mental.

Os tropos ou modismos populares.— Depois de apresentar alguns corolarios da logica poetica, Vico escreve: «os Tropos... não são, como se tem julgado até hoje, uma engenhosa invenção dos escriptores, mas sim fôrmas necessarias de que as nações se servem na sua idade poetica para exprimirem seus pensamentos, e estas expressões na sua origem foram usadas no sentido proprio e natural.» Quando, para exprimir um grande perigo, o povo emprega o tropo: *Ver-se em camisa de onze varas*, esta expressão correspondeu em algum tempo á realidade da situação em que se vestia uma alva até aos pés em fôrma de sacco ao que caminhava para o supplicio. Desde que existiram situações psychologicas e sociaes, a que alludem ainda as fôrmas figuradas da linguagem nos seus modismos e

(1) *Système de Politique positive*, t. 1, p. 17.

locuções, é também natural que os tropos sejam reductiveis a categorias universaes, e que se encontrem nas suas fórmulas pittorescas simultaneamente entre differentes povos. Para exprimir relações de antipathia entre duas pessoas, o povo diz: *Como o cão com o gato*; em Hespanha repete-se: «*Se yeban como perros y gatos*»; e na Italia: *D'acordo come cane e gatti*. (1) Para significar que alguém está contente, é natural esta comparação entre povos catholicos: *Contente, como umas Paschoas*; em Andaluzia diz-se: *Más alegre que unas Pascoas*; na Italia diz-se: *Contente come una Pasqua*; e em França: *Jouious coumo l'alleluia de Pascos*. (2) Os Tropos são os radicaes poeticos d'onde derivam os mythos, as fabulas, os contos, fórmulas aphoristicas, as lendas, as imagens e emblemas, as parabolae e os exemplos. Vico reduziu todos os Tropos a quatro typos fundamentaes, que pela sua ordem de syncretismo decrescente e logica crescente, são: a *Metaphora*, a *Metonymia*, a *Synecdoche* e a *Ironia*. Eis como o extraordinario genio discrimina estas gradações nas ficções racionaes: «O mais brilhante (dos Tropos) e porisso mesmo o mais frequente e o mais necessario é a *Metaphora*. Ella só é admittida quando presta sentimento e paixão ás cousas inanimadas.» O que são as concepções do *animismo* primitivo tão largamente estudado por Tylor, senão a consequencia do exercicio inconsciente d'este tropo? E Vico conclue: «Toda a *Metaphora* é o resumo de uma fabula.» Abundam as comprovações, como nos modismos: *Enfeitar-se com as pennas do pavão*, para designar honras indevidamente apropriadas; *Levar a cruz ao calvario*, e *Prégar aos peixinhos*, etc.

(1) Rodrigues Marin, *Quinientas comparaciones populares andalusas*, p. 46.

(2) *Ibidem*, n.º 102-107.

A segunda categoria é a *Metonymia*: d'ella diz Vico, que o facto de «compreender a substancia pela sua fôrma ou accidentes, vem da *incapacidade de abstrair* da substancia os accidentes e a fôrma.» E conclue: «os de causa e effeito são outras tantas *pequenas fabulas*.» A lingua portugueza é riquissima de fôrmas metonymicas; apresentaremos indistinctamente alguns d'esses tropos pittorescos: Jogar com um pão de dois biccós; Dar-lhe a agua pela barba; Pescar nas aguas turvas; Remar contra a maré; Ir por agua abaixo; Malhar em ferro frio; Não vêr toca d'onde saia coelho; Levar a agua ao seu moinho; Puchar a braza para a sua sardinha; Tirar nabos do pucaro sem se escaldar; Levar com os pratos na cara; Aqui torce a porca o rabo; Metter agulhas por alfinetes; Uma no cravo, outra na ferradura; Metter o rabo entre as pernas; Dar com a lingua nos dentes; As paredes têm ouvidos; Saber o nome aos bois; Ter cabellos no coração; Ter lume no olho; Apanhar a talho de foice; Sem metter prégio, nem estopa; Não pregar prégio sem estopa; Pôr tudo em pratos limpos; Fazer cruces na bocca; Ficar em mãos lençóes; Dar-lhe terra para feijões; Dar as mãos á palmatoria; Assentar de pedra e cal; Pôr o sal na moleira; Andar o carro adiante dos bois; Andar de candeias ás avéssas; Andar como gato por brazas; Não ter onde cahir morto; Ficar sem pinga de sangue; Um no papo outro no sacco; Por Dá cá aquella palha; Comer a isca e mijar no anzol; Metter a viola no sacco; Afogar-se em pouca agua; Dar-lhe uma verde com duas maduras; Pilhar com a bocca na botija; Dar ao diabo a cardada; Não cahir em cesto roto; Dar-lhe o pé e tomar a mão. — Assobiar ás botas; Mosquitos por cordas; Agua na bocca; Molhar a sôpa; Sem cunhos nem cruces; Nabos em sacos; De faca e calháo; Ruim de assoar; Culpas em cartorio; Rasgar baetas; Sangrar-se em

saude ; Lamber o beijo ; Comer com os olhos ; Unha na palma ; Cabello na venta ; A sôpa no mel ; A vêr navios ; Levar á parede ; Com pés de lâ ; Justiça de Mouro ; Caldo entornado ; Dente de coelho ; Estrada coimbrã ; Suar o topete ; Metter ferro ; Nariz torcido ; Cara á banda ; Gato por lebre ; Sal na moleira ; Papas na lingua ; Matar o bicho ; Em papos de aranha. (1)

Da terceira categoria de Tropos, diz Vico : «A *Synedoché* foi empregada depois, á medida que se elevou das particularidades ás generalidades, e que se resumiram as partes para compôr os seus todos.» Tal é a fôrma da tendencia synthetica que o povo apresenta nas suas expressões, e dos seus modos de dizer absolutos. Com a ingenuidade popular é tambem compativel a comprehensão dos contrastes, e por isso Vico considera a ironia como um tropo : «A Ironia só podia ter origem em um tempo em que já se reflectisse. Com effeito a *Ironia* consiste em uma falsidade reflectida, que toma os visos de verdade.» (2) Na sua expressão o povo emprega a fôrma de *comparações*, umas vezes por *differença* como nas Fabulas, outras por *analogia* como nos Contos, outras por *plausibilidade* como nas Parabolas e Exemplos, elaborando assim os themas fundamentaes das Litteraturas ; usa porém na linguagem corrente a comparação espontanea de *maior*, de *menor* e de *equal*, como elementos naturaes da equação do raciocinio. Na idealisação poe-

(1) Na lingua portugueza existe um livro curioso sobre locuções e giria popular intitulado *Enfermidades da Lingua, e Arte em que a ensina a emudecer para a melhorar*, por Silvestre Silverio da Silveira e Silva (Manuel José de Paiva). Lisboa, 1760. Embora sem criterio scientifico encerra este livro materiaes muito aproveitaveis.

(2) Um exemplo de ironia é dizer-se do que caminha a pé : *Vae montado no cavallo dos frades*, a que corresponde em francez : *Aller sur la hacquenée des cordeliers*. (Lincy, *Proverbes*, 1, p. 6.)

tica, estas relações comparativas tem um certo desenvolvimento litterario a que se chama *imagens*; sem estas relações imprevistas, e essencialmente pittorescas a expressão poetica perderia o seu caracter de universalidade, e tornar-se-hia uma exposição logica, ou com o laconismo da sentença ou com a diffusão dialectica. A imagem na sua fôrma a mais simples é um *epitheto*; no seu maior desenvolvimento torna-se um *mytho philosophico*.

Alguns investigadores têm explorado este campo das Comparações; Oreste Marcoaldi, na *Guida statistica della città e comune di Fabriano*, Mir, no *Glossaire des Comparaisons populaires du narbonnais et du carcassez*, Rodrigues Marin no opusculo *Quinientas Comparaciones populares andaluzas*, e Antonio Thomaz Pires nas *Quatrocentas Comparações populares alemtejanas*, apresentam fôrmas de modismos communs à Italia, França, Hespanha e Portugal, que mesmo no campo da linguagem espontanea põem em evidencia a unidade ethnica occidental. Transcreveremos do trabalho de Pires as comparações que tem similes entre os outros povos romanicos: Alta como um pinheiro, (*Mas alto que un pino*); Amarello como a cêra, (*Jaune coume de ciro*); Arde como a isca, (*Arde mas que la yesca*); Atira-se como gato a bofes, (*Lo desea como gato a bofe*); Cego como a toupeira, (*Mas ciego que un topo*; — *Cieco come la talpa*); Chora como uma Madanela, (*Yoró mas que una Madalena*; — *Ploura coumo uno Mataleno*); Claro como agua, (*Mas claro qu'el agua*; — *Schietto come el acqua*); Como pedrada em olho de torto, (*Le bino como pedrá en ojo tuerto*); Corre como uma lebre, (*Corre mas que una liebre*); Diz mais pragas que um arrieiro, (*Jura mas que un carretero*; *Jura coumo un carretiè*); Direito como um fuso, (*Mas derecho que un juso*; *Dritto come un fuso*); Doce como o mel, (*Mas dorse que la mie*; *Dolce come*

il mele); Escuro como a noite dos trovões, (*Mas escuro que una noche e truenos*); Falla como um livro, (*Yabla como un libro*; *Parla coumo un libre*; *Parla come un libro stracciato*); Palavra que nem papagaio, (*Charla mas que un papagaio*); Foge como o diabo, (*Fugge come il portasse il diavolo*); Grande como o mar, (*Mas grande que la má*; *Grande coumo la mar*); Ha de tudo como na botica, (*Hay de tó como en botica*); Leve como uma penna (*Mas ligero que una pluma*; *Leggiero come una piuma*); Lindo como o sol, (*Mas bonito que er só*); Mais branco que a neve, (*Mas blanco que la niebel*; *Bianco come la neve*); Mais fiel que o cão, (*Mas lear que un perro*; *Fidel coumo un gous*); Negro como um tição, (*Mas negro que un tison*); Mette-se como piolho por costura, (*Estan como piojos en costura*); Negro como um chapéu, (*Mas negro que mi sombrero*); Passar como cão por vinha vindimada, (*Entrar como perro por viña vindimiada*); Pesado como chumbo, (*Mas pesao que er plumo*; *Pesant coumo un ploumb*); São como um pêro, (*Mas sano que una pera*); Tem sete folegos como os gatos, (*Tiene siete bidas, como los gatos*); Vermelho como um tomate, (*Mas colorao que un tomate*). Das Comparações populares umas derivam de velhos mythos, mas já na fórmula de lendas: *Arrastinho como a cobra*, reminiscencia do Genesis; outros desenvolveram-se em contos: *Como o diabo que vendeu a sogra*; (1) ou *Mais perdido que a vergonha*; (2) outras sobreviveram aos costumes a que alludiam: *Velho como a Serpe*; (3) e *Como a mãe de S. Pedro*. (4) É quasi sempre de uma Comparação que nasce o Anexim popular, precedido da fórmula: *Como dil-o outro*. Lê-se

(1) Marin, *Quinientas Comparaciones*, p. 87.

(2) *Ibidem*, n.º 317.

(3) *Aulegraphia*, fl. 174.

(4) *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, t. 1, p. 120.

em Garcia d'Orta : « e se acerta em uma cousa erra em muitas, *como quem diz* : Uma no cravo e quatro na ferradura... » (*Coll.*, fl. 95.) A relação natural entre a Comparação e o Anexim, resulta do desenvolvimento psychologico da abstracção dos accidentes concretos, e de uma maior capacidade de se elevar da particularidade a uma conclusão geral.

Os Anexins portuguezes.— Segundo Aristoteles, no seu tratado sobre os *Proverbios*, « elles são os restos de uma philosophia primitiva, conservados, graças á sua engenhosa brevidade, através dos maiores desastres. » Explicando esta passagem, Egger accrescenta que Aristoteles achou « a relação entre estas velhas fórmulas do bom senso popular com os costumes e a legislação dos povos. D'aqui veio, que os seus estudos sobre a constituição dos Estados tinham muitas vezes por fim a explicação de um proverbio ; notavel encadeamento das pequenas cousas com as grandes no pensamento de um philosopho, como na natureza e na historia. » (1) Nos anexins conservados no mais elevado gráo de civilisação, persistem os vestigios de estados sociaes primitivos, e a fórmula da concepção psychologica do homem emocional. Assim como a *couvade* foi nas sociedades primordiaes a simulação da paternidade, tambem a *adopção* juridica se fazia symbolicamente mettendo o adoptivo pelo seio, entre o corpo e a camisa ; d'aqui o anexim hoje incomprehendido :

Filho alheio,
Mette-o pela manga,
Sair-te-ha pelo seio.

D'este anexim diz Ticknor : « tem por fundamento

(1) *Mem. de Litterature antique*, p. 35.

um costume muito vulgar no tempo dos Sete Infantes de Lara, e deve ser pouco posterior ao seu tragico fim.» O refrem hespanhol era : *Entrale por la boca-manga y sácale por el cabezon*. E tambem : *Metedlo por la manga, y salirse os ha por el cabezon*. O antagonismo entre as duas fórmulas sociaes derivadas ou da organização da tribu ou da occupação territorial, acha-se reflectido ainda nos anexins populares : *Ou gente, ou fazenda* ; e *Quem não mente, não vem de boa gente*. Este antagonismo apparece no aphorismo latino : « *Plebs gentem non habet*. » A locução usual : *Não é da fórmula do meu pé*, corresponde á expressão symbolica da egualdade civil, que se usava no direito antigo, quando a egualdade entre os esposos se manifestava mettendo a mulher o pé na bota do marido. Resta ainda a locução : *Metter o pé no meio alqueire*, para significar casamento. (1) Esse outro anexim : *D'este pão não comerei, d'esta agua não beberei*, é derivado do costume ainda em vigor na Edade media, com o qual se fazia a prova do furto pelo ordalio do pão, e pelo ordalio da agua amarga, que como se vê pela Biblia servia para a prova do adulterio. As locuções *Pór a calva á mostra*, e *Pedra de escandalo*, são restos da antiga penalidade grotesca da decalvação, e do transporte de pedras prezas por correntes pelas pessoas maldizentes.

Temos um anexim sem sentido desde que se separe dos antigos costumes funerarios : *Quem espera por sapatos de defuncto toda a vida anda descalso*. Escrevia João Pedro Ribeiro, em 1835 : « Temos um proloquio vulgar — *Sapatos de defuncto*. Não sei se com isto tem alguma relação o que encontrei no Compromisso de uma Confraria de Coimbra, que regulando o enterro dos Confrades diz, que os Sapatos do confrade fica-

(1) Vide rétro, p. 99.

riam ao campeiro.» (1) N'estas Confrarias ou irmandades o campeiro era o que avisava para o enterro tocando a campã pelas ruas, competindo-lhe essa gratificação. (2) Na Escossia este costume está decahido em superstição; Walter Scott, traz nos *Cantos populares da Escossia* uma canção que se canta diante da pessoa fallecida, e acompanha-a com esta noticia extractada de um velho manuscripto: «crêem que é bom dar uma vez na vida um par de sapatos a um pobre; esperando que depois d'esta vida se é obrigado a passar descalso através de uma grande balseira cheia de espinhos e matagal, a não ser que pelos meritos da esmola indicada se não resgate d'esta penitencia. Á margem d'esta balseira apparece um velho e vos dá os mesmos sapatos que em vida dêste aos pobres, e calçando-vos podeis com elles atravessar os sitios mais asperos sem vos dilacerardes.» (3) O anexim *Mulher barbuda, de longe a saída*, que se repete na tradição portugueza, explica-se pela crença referida por Herodoto, de que em um templo perto de Halicarnasso, quando crescia barba á sacerdotisa estava para acontecer uma grande desgraça.

Nos anexins populares existem fórmulas do mais

(1) *Reflexões historicas*, t. 1, p. 28.— No seu livro *Le Pays basque*, traz Francisque Michel o anexim vasconço: *Morto na vala, vivo na sala*, que se refere ao costume funerario de banquetes nas familias anojadas. Jorge Ferreira, traz na *Comedia Eufrosina*, p. 45: *A de Çaragoça, que morreu chorando doilos alheios*, referindo-se ao costume das carpideiras. No *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 620, ha uma allusão ao costume de se-mear o morto :

Se assim for, por mim podem dizer
que fui eu a que *semeou o sal*.

(2) *Almanach de Lembranças* para 1868, p. 363.

(3) *Chants populaires des frontières méridionales de l'Ecosse*, t. IV, p. 49.

completo fatalismo, como : *Ninguém pôde fugir á sua sorte ; Tinha de ser ; O que tem de ser vale muito.* Este fatalismo dos povos peninsulares era attribuido ao elemento ethnico dos Arabes ; é porém um caracteristico da raça celtica. Diz Smith, na *Historia dos Druidas* : «O destino, ou a predestinação era um dos dogmas favoritos dos Druidas ; ainda hoje os Irlandezes e os montanhezes da Escossia seguem geralmente esta opinião que os consola na desgraça. *Bha sud an dan dauch*, — isto estava assim decretado para mim, — é uma maxima ou proverbio que accalma as suas mais vivas tristezas.» (1)

Vico interpreta a universalidade e similaridade dos proverbios, como consequencia de um estado social primitivo, de que elles são a ultima sobrevivencia : «Deve necessariamente haver na natureza das cousas humanas *uma lingua mental commum a todas as nações*, a qual possa designar uniformemente a substancia das cousas que participam á vida humana social, e accommodar-se a tantas modificações diversas como as cousas podem apresentar aspectos diversos. Effectivamente vêmos a substancia dos proverbios, que são maximas de sciencia vulgar, serem as mesmas entre todas as nações antigas, e o seu aspecto variar segundo as diversas modificações d'estes povos.» (2) Erasmo, Garibay, Caro e outros concordaram proverbios gregos e latinos com os adagios dos povos modernos. Acontece que os anexins adaptam-se a novas referencias conservando o seu intuito ; assim se diz : *Çamora não se tomou n'um dia*, que apparece na fôrma :

Roma e Pavia
Não se fez n'um dia. (3)

(1) Op. cit., p. 29.

(2) *Sciencia nova*, liv. I, Estabelecimento dos principios, xxi.

(3) Francisque Michel, no *Pays Basque*, p. 34, traz a fôrma euskariana : *Roma não se fez em uma hora.*

A parte comparativa em todos os povos romanicos presta-se a conclusões immediatas sobre a unidade da Civilisação occidental, de que estes povos são herdeiros e continuadores. A mesma região geographica deve attribuir-se a similaridade dos anexins meteorologicos e agricolas, como á unidade catholica os *adagios communs* relativos ás festas do Calendario popular; as noções moraes, resultando de um mesmo consensus em que a sua existencia se basêa, exprimem-se com fórmulas identicas. Esboçaremos aqui essa parte comparativa, mais extensamente tratada em uma edição critica do *Refraneiro portuguez*:

Arco da velha
Por agua espera.

Arco da mattina
Empie le molina.

Onde quinta
Ahi trinta,
Se ao septimo
Não despinta.

La lune est périlleuse au cinq,
Au quatrain, six et huit et vingt.

Janeiro geoso,
Fevereiro nevoso,
Março molinoso,
Abril chuvoso,
Maio ventoso
Fazem o anno formoso.
(Del., *Adagios*, 182.)

Janvier le frilleux,
Février gresilleux,
Et Mars le poudreux,
May clair et venteux
Font l'an et l'om heureux.
(Lincy, *Prov.*, 375.)

Em Janeiro
Põe-te no outeiro,
Se vires verdear
Põe-te a orar,
E se vires terrear
Põe-te a cantar.

Gennaro
Sali 'l monte e mira 'l piano;
Puoco vedi, molto spera;
Molto vedi,
Puoco spera.

Fevereiro coxo
Em seus dias vinte outo.

Febreiriño corto
C'os teus dias vinteoito;
Si duraras mais catro
Non paraba can nin gato.

Lá vem Fevereiro,
Que leva a ovelba e o carneiro.
(Delic., *Ad.*, p. 183).

Março Marçagão,
De manhã focinho de cão,
De tarde, tarde de verão.

Marzo marzan,
Pola manhan cara de rosas,
Pola noite cara de can.

Quando troveja em Março,
Apparelha os cubos e o braço.

En Mars quant il tonne
Chacun s'en estonne ;
En Avril s'il tonne
C'est nouvelle bonne.
(Lincy, *Prov.*)

Abril,
Aguas mil
Coadas por um funil.

Aprile
Ogni giorno
Un barile.

Dia de S. Martinho
Prova o teu vinho.
(Del., 190.)

Dés le Saint Martin
Boy le nouveau vin.

Por Natal ao jogo,
E por Paschoa ao fogo.
(Delic., 189.)

Depuis Pasques au jeu,
Depuis Noël au feu.

Casa quanta mores,
Terra quanta vejas.

Casa pe quanto o copre,
Terre pe quanto ne scuopre.

Dá Deus o frio
Conforme a roupa.

— Dieu donne le froid
selon la robbe.
— Iddio é buon compagno,
Manna'l freddo secundo i panni.

Quando Deus não quer
Santos não rogam.

Quand Dieu ne veut
Le Saint ne peut.

O negociante e o porco
Só depois de morto.

Avaro e puorco
buono quann' é morto.

Duro com duro
Não faz bom muro.

Duro con duro
non fa buon muro.

Tylor, na sua *Civilização primitiva*, cita como um dos exemplos das persistencias tradicionaes os adagios: «Mesmo quando o sentido verdadeiro d'estes velhos proverbios se obliterou no espirito dos homens,

e que acabaram por não terem sentido algum, ou que, apoderados por qualquer ideia moderna elles receberam em apparencia uma significação nova, sua transmissão de geração em geração faz-lhes affectar muitas vezes antes um sentido mysterioso que um sentido absurdo.» (1) Exemplifica com a locução ingleza : *Comprar porco em sacco*, tão incomprehensivel como a nossa locução *Comprar nabos em sacco*. Continúa o illustre ethnologo : «Recorramos á mesma chave ethnographica para os adagios obscuros que nos apresenta a nossa lingua. A expressão *Um pêlo do cão que vos mordeu*, não era originariamente nem uma metaphora, nem um dito picante, mas uma verdadeira receita para curar a mordedura de um cão, e que nos fornece uma das antigas e numerosas applicações da doutrina homeopathica, segundo a qual o que dá a doença tambem a cura. O mesmo dictado se acha nos Eddas scandinavos : *O pêlo do cão cura a dentada.*» (*Hama-val*, 138.) O povo portuguez tem o mesmo dictado, com o seu primitivo intuito pratico : «A ferida do cão, cura-se com o pêlo do mesmo cão.» Gubernatis escreve : «quasi todos os proverbios passaram por fórmulas e variantes contradictorias, e é por meio d'estas variantes que podemos achar nos seus elementos a historia de um grande numero d'elles que parecem extravagantes...» (2) E accrescenta como principio : «Um proverbio, na sua origem, não foi senão uma simples affirmacão, a expressão pura de uma imagem mythica; com o tempo, o mytho foi esquecido, mas a expressão subsistiu; pareceu então que ella se applicava a alguma cousa de extravagante, e foi acompanhada de um ár interrogativo indicando duvida; o proverbio serviu desde então para referir uma cousa impossivel

(1) Op. cit., t. I, p. 96.

(2) *Mythologie zoologique*, t. I, p. 247.

e torna-se um instrumento de ironia. Por este modo, muitos proverbios que tomaram um sentido satyrico, não deviam ser na sua origem, senão phrases mythicas affirmativas.» (1) Eis um anexim, apresentado no *Espelho de Casados*, que em uma phrase mythica affirmativa consigna a subordinação da vida conjugal : «Tambem d'aqui veo que se disse a *ho moynho*, ou a *ho mar* : que se foram casados não andaram tanto.» Temos o caso, em que se esquece a phrase mythica, e fica o sentido ironico ; do anexim *Casa de Gonçalo* eis uma anedocta da sua applicação : Tendo fugido a mulher ao poeta brasileiro Gregorio de Mattos, do seculo xvii, disse elle que a tornaria a receber, com a condição seguinte : «E todos os filhos que tiver, chamar-se-hão *Gonçalos*, pois a minha casa é uma *Casa de Gonçalo*.» (2) Aqui o sentido ironico estava implicito na parte mythica do anexim já obliterado :

Casa de Gonçalo,
Onde póde mais a gallinha que o gallo.

Com relação aos conhecimentos meteorologicos os Anexins apparecem muitas vezes contradictorios, por effeito das modificações introduzidas no calendario ; diz um proverbio toscano : *Santa Lucia, il piu corto di che sia*. No anexim portuguez : *O que se não fez por Santa Luzia, faz-se n'outro dia*, refere-se á mesma observação consignada no proverbio italiano, de que era o dia mais curto do anno. O dia 13 de Dezembro, em que se festeja Santa Luzia, não é o mais curto do anno ; antes da reforma gregoriana este dia correspondia ao 20 de Dezembro, sendo este o que quadrava com o anexim, porque é n'elle o solsticio do inverno.

(1) *Myth. zoologique*, t. 1, p. 248.

(2) *Introducção á Hist. da Litteratura brasileira*, p. 123.

Com a reforma do calendario modificou-se o facto e ficou inalterado o proverbio. Tambem se diz na Toscana: *San Barnaba, il piu lungo della età*. O dia d'este Santo é a 11 de Junho, o qual antes da reforma gregoriana correspondia a 20 d'este mez em que é o solsticio do verão. (1)

Os anéxins tornam-se inintelligiveis, quando se esquece a circumstancia ou o caso particular que lhes deu origem; lê-se em Garcia d'Orta: «já aconteceu em Cochim, porque a um elephante deitou um homem umas cascas de coco, e lh'o quebrou na cabeça, guardou o bom elephante a casca do coco na bocca, e tendo-a guardada n'uma queixada, vendo o homem que lhe havia feito a injuria, lhe arremessou a casca do coco com a tromba, e depois veiu em uso o rifão, (como dizem os castelhanos) dizerem os homens: *Ainda trago a casca do coco na queixada*, por dizerem ainda me lembra a injuria que me fizeram.» (2) Em Lisboa diz-se com um tom offensivo e interrogatorio: *Já deu meio dia em S. Paulo?* o que parece explicar-se por este dito de Garcia d'Orta: «Ha umas mentiras tão grossas, que não é bem, nem merecem ser reprehendidas, senão leixadas passar ávante, até que dêem doze badaladas, como relógio de meio dia.» (3) É frequente encontrar-se nos escriptores do seculo XVI o anéxim ironico: *Ida de João Gomes*; na *Pratica de Oito figuras*, do poeta Chiado, (fl. 3, v.) repete-se este anéxim:

Hi, que nunca vos torneis,
 Não hajaes medo que escorje,
Ida de João Gomes, ser gella,
 Que foi de casa de sella
 E tornou no seu alforge.

(1) Gubernatis, *Myth. des Plantes*, t. 1, p. 210, not. 3.

(2) *Colloquio dos Simples e Drogas*, fl. 88, v.

(3) *Ibidem*, fl. 224.

Um poeta da cõrte de D. Affonso v, chamado João Gomes de Abreu, cujas composições se acham no *Cancioneiro* de Resende, andando diante dos paços de Almeirim a caracolear a cavallo, caiu de uma rampa abaixo, d'onde foi tirado em deploravel estado; os outros fidalgos nos versos improvisados ao serão chasquearam-o em varios apòdos, e d'aqui se derivou o anexim: *Ida de João Gomes, foi a cavallo e veiu em alforge*, que sobreviveu á memoria do personagem. Outros anexins històricos, que perderam este caracter pelo esquecimento do personagem a que se referiam, sãõ: *Oru não se perca a Casa dos Bicos*, (1) allusivo ás riquezas da casa de Braz de Albuquerque, de que ainda existem as ruinas em Lisboa; e *As rendas do Quintella*, allusivo a um antepassado do conde de Farrobo. Por isso que se esqueceu a referencia, empregam-se sempre com um intuito ironico. Outros anexins esquecem-se com os factos a que andavam ligados; dizia-se no seculo xvii: *Mãos atadas, terras abrasadas*, porque no processo da inquisição «os que confessavam de mãos atadas, estando já entregues aos padres, e d'estes é o estado mais perigoso, porque como já não hãõ de purgar pelo tormento as diminuições, sãõ obrigados a acertar em todos os que juraram contra elles, sem lhe faltar hum; e por isso é o adagio: Mãos atadas, terras abrasadas.» (2)

Os dois anexins: *Com o Rei e a Inquisição, chitão!* e *Da Inquisição para o Rei, não vae Lei*, representam o estado da sociedade portugueza desde o seculo xvi até á inauguração do regimen parlamentar. O segredo de Estado e do processo inquisitorial synthetisam-se n'essa interjeição archaica *chitão!* era prohibido fallar

(1) *A volta do mundo*, vol. 1, 280.

(2) *Noticias reconditas y posthumas de las Inquisiciones de España y Portugal*, p. 94, anno 1722.

do rei e julgar-lhe os seus crimes, sob pena de ser enforcado por alta traição ; a intolerancia religiosa impoz-se com a mesma impunidade. Quando a auctoridade civil, pelos regalistas, se libertou da subserviencia do fóro clerical sustentado pelos decretalistas, essa transformação deu logar á nova synthese aphoristica : *Da Inquisição para o Rei, não vae Lei.*

Os proverbios locaes tomam quasi sempre um caracter satyrico, como reflexo do espirito hostile entre as povoações visinhas. O anexam *O burro de Vicente*, apparece em uma satyra politica do seculo xvi, contra os que venderam Portugal a Philippe II :

Chora sobre o mal presente
os bens que passados são ;
já foste asno de Balam,
oje és burro de Vicente. (1)

D'esta locução *Burro de Vicente* conta Gubernatis, que nas armas da cidade de Vicenze figurava um burro, e Padua na sua rivalidade contra aquella cidade empalava publicamente um burro, alludindo assim aos seus inimigos, resultando d'esta affronta o proverbio vulgar. (2) Eis alguns proverbios locaes com caracter de uma hostilidade satyrica :

Serpe, serpente,
Ruim terra,
Peor gente.

Os de *Arrayolos*,
Grande cabeça,
Poucos miolos.

Beja,
Terra é
Sem sé,
Nem fé,
Nem ponte
Nem fonte.

(1) *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, p. 267.

(2) *Myth. zoologique*, t. I, p. 410.

Da *Arruda*,
 Nem mulher
 Nem mula ;
 Nem vento,
 Nem casamento ;

Justiça
 Sem entendimento ;
 Rapazes,
 Ladrões em todo o tempo.

Diz um anexim local, referindo-se ás cheias da ribeira de Figueiró, que nasce na Mourella, entre Alpalhão e Castello de Vide :

Quando Figueiró móe os bolos,
 Mal por todos.

Quer isto dizer, que os moinhos que estão nas suas margens, só móem no inverno e primavera, mas se acontece moerem no outomno, quando se offerecem os *bolos* de Todos os Santos, as terras ficam encharcadas e improductivas. (1) E allusivo ao excellente pescado d'este rio, ha o anexim :

O peixe de Figueiró
 Quem o apanha, come-o só.

Uma grande parte das vezes os anexins são deduzidos de situações descriptas em fabulas e contos populares, como : *O Lobo e a Gopelha* fizeram *uma conselha* ; e pertencendo ao mesmo cyclo dos poemas de Renard : *Da pelle alheia grande corréa*. E estes, referidos a fabulas esopicas : *Parirão os montes, nascerá um ratinho* (2) ; *Perolas orientaes, aos porcos não as lanceis* (3) ; *Mais vale magro no mato, que gordo no prato*, allusivo á fabula do Rato do campo e o Rato

(1) *Mem. hist. da Villa de Niza*, t. II, p. 57.

(2) *Comedia Eufrosina*, p. 27.

(3) Sá de Miranda, *Obras*, p. 97.

da cidade. Na tradição popular portugueza existe um conto baseado em anexins. (1)

A sancção moral funda-se no automatismo do costume, como o revela o anexim: *Filho és, pae serás, como vires assim farás*; outras vezes esse automatismo consiste na imitação material de conformação de actos, como n'este outro: *Se fóres a Roma, faze-te romano*; ou *Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens*. A sancção moral, no seu maior desenvolvimento consiste especialmente na auctoridade; é por isso que as religiões essencialmente dogmaticas ou auctoritarias, quando perderam a sua base mythica, apoderaram-se como campo de disciplina da sancção moral. A auctoridade como não provém da razão, mas de uma imposição de perstigio, é reconhecida nos grandes potentados, emfim em toda a ordem de superioridade, como a riqueza ou a sciencia. D'aqui provém que é tanto mais facil de converter em ditos celebres, ou proverbias as palavras banaes de um homem, quanto esse homem exercer o mais alto perstigio da auctoridade. As maximas, sobretudo as que tomam uma fôrma philosophica, têm esta origem individual e critica; todos ainda se riem dos Apophtegmas, que começam «Ponderava meu tio padre Frei José Supico.» Então anexins empregam-se sempre para justificar o acto praticado. O grande Vice-Rei da India Affonso de Albuquerque, o character mais implacavel da nossa historia, e de uma determinação resoluta, acobertava-se nos seus juizos despoticos com a auctoridade dos anexins; d'elle escreve João de Barros, nas *Decadas* (Dec. II, livr. X, cap. 8): «Era sagaz e manhoso em seus negocios, e sabia enfiar as cousas a seu proposito: trazia grandes *anexins de ditos* pera comprazer á gente segundo os tempos e qualidades da pessoa de

(1) *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, n.º 106.

cada hum.» Ticknor, provando a antiguidade dos anexins hespanhoes, dá a origem historica d'este refrem, que encontramos nos Autos do Chiado, do seculo xvi: *Allá van leyes do quieren reyes.* Allude a um facto dos principios do seculo xii; debatia-se então a questão magna da preferencia entre o rito mosarabe da egreja nacional de Hespanha e a liturgia romana, e o rei Affonso vi ordenou a prova do fogo para se conhecer qual era a liturgia mais santa. De facto passaram os dois rituaes pelo fogo, segundo a tradição, e apesar de ter ficado incolume o livro do rito mosarabe, Affonso vi faltou á promessa, dando lugar assim ao refrem. (Sarmiento, *Mem.*, § 42.)

Um outro facto historico deu origem ao anexim castelhamo: *Ni quito rey, ni pongo rei*, allusivo ás luctas entre Pedro Cruel, e seu irmão bastardo Henrique II. (1) Entre os refrens colligidos pelo Marquez de Santillana, vem este *Mata, que el-rei perdóa*, que se attribue a D. João II, quando puniu com terriveis assassinos as duas conspirações do Duque de Bragança e Duque de Vizeu. O anexim: *Quem passa o Cabo de Nam, ou voltará ou não*, proveiu das tentativas maritimas para a passagem do cabo do Bojador, no tempo do infante D. Henrique; bem como este outro: *É das ilhas e conta maravilhas*, o que coincide com as primeiras relações da descoberta da ilha da Madeira e da crença nas Ilhas encantadas, que chegaram a ser doadas em documentos dos reis portuguezes. Na Comedia *Eufrosina*, de Jorge Ferreira, vem o anexim *Fidalgo francez não mantem palavra*, (p. 60) proveniente das falsas relações de Luiz XI com D. Affonso V; a palavra *francesismo* ficou na lingua como synonymo de mentira perfida.

A designação mais antiga da poesia aphoristica ou

(1) *Hist. de la Litteratura española*, t. III. p. 418.

paremiologia em Portugal é o *Dito* e *Ditado*, como se depreheende da sua relação com o *Dit* da poesia da Idade media. Em uma Carta do seculo xv sobre a conspiração do Duque de Bragança se lê : «e tambem o *Dúo* que diz : *Por tua Lei e Rey e Grey morrerás.*» (1) Sá de Miranda emprega a mesma designação :

Lembra-te de um *Dito* antigo :
Que enfada muito a verdade. (2)

João de Barros diz de Affonso de Albuquerque, que elle usava na conversa *Anezins de Ditos*. Com o titulo de *Ditos diversos* (vulgo *Ditos da Freira*) publicou-se no meado do seculo xvi uma collecção de sentenças de especulação individual.

Na linguagem popular a designação mais frequente é a de *Ditado*; em D. Francisco Manuel de Mello vem ella empregada : «e não fazer com que me salte o fogo nas barbas, que por ver arder as de meus visinhos bem podia deitar de molho, como lá diz o *Ditado.*» (3)

O povo emprega a locução : *Como dil-o outro*; entre os Celtas as principaes maximas eram sempre attribuidas ao *Sean'ar*, o homem do tempo antigo : *Mur thu' irt an sean'ar*,— como diz o homem dos tempos antigos. (4) Formulando as maximas moraes, os que as citam dão-lhes sempre a sancção do tempo ou do uso antigo.

Assim como o *Dito* e *Ditado*, apparece-nos a sua forma culta nos escriptores designando as maximas, como *Verbo* e *Proverbio*. No *Cancioneiro da Vaticana*

(1) Ap. *Annaes das Sciencias e das Lettras*, t. 1, p. 415.

(2) *Obras*, p. 229. Ed. 1804.

(3) *Feira de Anezins*, p. 135.

(4) Smith, *Hist. des Druides*, p. 54, not. c.

vêmos que o *Verbo* era frequentissimo no fim do seculo XIII em Portugal :

Ouç' eu dizer huu *vervo* aguyzado
Que o Bém e mal sempre na face vem.

(Canç. n.º 219.)

De longas vias muy longas mentiras,
Est' é o *vervo antigo* verdadeiro.

(Ib., n.º 979.)

e porém diz o *vervo* antigo :
A boi velho non lhi cates abrigo.

(Ib., n.º 1162.)

Em Gil Vicente e Prestes conserva-se a designação tornada popular já mal comprehendida :

Diz um *verso* (verbo) acostumado
Quem quer fogo busca lenha.

(Gil Vicente, *Obras*, t. III, p. 371.)

Dizem lá *verbos* antigos,
De mãos filhos mãos amigos.

(Prestes, *Autos*, p. 252.)

Como diz o *berbão* antigo
De sengo — ferros de arados.

(Idem, *ib.*, p. 365.)

Os *Proverbios* de Dionysio Cato, tão conhecidos na Edade media, influenciaram tambem na nossa litteratura paremiologica; el-rei D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, traduziu este : «Quem teme a morte perde quanto vive.» Por outro lado a erudição clerical citando os *Proverbios* de Salomão, vulgarisou esta designação aphoristica. Nas Cartas, diz D. Francisco Manuel de Mello : «contra aquelle antigo *proverbio*, de que a tor-

menta não excede o pórtre da embarcação.» (1) Depois que no seculo xv se desenvolveu em Portugal a influencia da litteratura castelhana, a designação de *Rifão* e *Refão* tornou-se quasi exclusiva; o verbo *rifar* significava satyrisar e improvisar sobre um motte, conforme o sentido do *Refran* castelhamo, que era um proverbio glosado. Em uma das Cartas sobre o caso da traição do Duque de Bragança, vem: «E fallo isto, porque me lembra uns *riffões* que se dizem: Bento é o barão...» Garcia d'Orta, nos *Colloquios dos Simplices e Drogas* emprega-o com o sentido do refrem ou estribilho: «e depois veiu em uso e *rifão* (como dizem os Castelhanos) dizerem os homens: Ainda trago a casca do coco na queixada;» (2) em toda a primeira metade do seculo xvi usou-se o *Rifão*, como vêmos em Gil Vicente, Trancoso e Prestes:

Nunca ora ouvi um *rifão*
Mais sabido e mais usado,
Que darem todos de mão
Se jaz o carro entornado.

(Sá de Miranda, *Obras*, p. 246.)

Me faz usar do *rifão*
Dae-lhe o pé...

(Prestes, *Autos*, p. 212.)

Como lá diz o *rifão*.

(Id., p. 317 e 347.)

Em Trancoso encontramos: «Todos os *refões* são quasi sentenças.» «Porém, como diz o *rifão*: A orfã não gosa nem o dia da sua boda.» (3)

(1) *Cartas*, p. 211.

(2) *Colloquios*, fl. 88, v.

(3) *Historias de Proveito e Exemplo*, p. 51 e 116.

As relações dos aforismos com casos anedoticos ou historicos em que se applicaram, ou de que foram deduzidos, fizeram com que o titulo de *Exemplo* servisse para exprimir-os, quando elles eram simplesmente o consectario final. É frequentissimo em Gil Vicente:

Porque diz o *Exemplo* antigo,
Que a amiga e o amigo
Mais aquenta que o bom lenho.

(*Obras*, t. III, p. 127.)

Diz o *Exemplo* da velha,
O que não haveis de comer
Leixae-o a outrem mexer.

(*Ib.*, t. III, 137.)

E diz o *Exemplo* dioso
Que — Bem passa de guloso
O que come o que não tem.

(*Ib.*, t. III, p. 370.)

A designação de *Anexim* e *Adagio* preponderam na segunda metade do seculo XVI; vêmos em Jorge Ferreira de Vasconcellos: «o *anexim* antigo, Tu que sees na seda, qual me vires, tal me espera.» (1) Usa-a tambem Diogo do Couto, e chamou-se *anexirista* o que applicava ou anexava a cada caso a sua conclusão moral; o anexim é um desenvolvimento do rifão pela força da consoante, como vêmos por este dito do seculo XVI:

Ande eu quente
E ria-se a gente,

ao qual se ajuntou ou annexou mais tarde:

E quem tiver inveja
Que arrebente.

(1) Comedia *Eufrosina*, p. 7.

É por isso que na sociedade culta o emprego dos anexins era considerado como falta de delicadeza, como o recommenda Rodrigues Lobo na *Corte na Aldeia*. D. Francisco Manuel de Mello, nos *Apologos Dialogaes* o confirma: «toda a pessoa polida deve fugir que entre o grão limpo das boas palavras, honestas e significativas, se intrometta a *ervilhaca e joio d'esses anexins proprios de regateiras, etc.*» (1) Os eruditos consideravam os Rifões e Anexins como desprezíveis, como toda a outra poesia popular; o Marquez de Santillana, dá á sua collecção o titulo de *Refranes que dicen las viejas traz el fuego*; Gil Vicente allude tambem ao Exemplo da *Velha*: (t. III, p. 137), Jorge Ferreira, diz — Se não anda a *velha*, anda a pedra; outros anexins referem-se a esta fonte natural das sentenças: «Vá a *velha* onde tem d'ir, e volte para casa dormir.» É d'aqui que deriva esse desprezo dos eruditos.

No seculo xvii as maximas tradicionaes eram designadas pela palavra *Adagio*, pela influencia culta da Italia. Diz D. Francisco Manuel, nos *Apologos dialogaes*: «Como aquelle *adagio* que dizem da panella e da pedra: Dá a panella na pedra, mal pela panella. (2) «Ha no mundo um *adagio* que diz — quem bem paga é herdeiro do alheio.» (3) Diz o padre Manuel Bernardes: «Uma das excellencias da lingua portugueza é a copia de semelhantes *adagios*, tão claros, tão breves, e sentenciosos que podem ser uns como canones ou regras da vida economica, ethica e politica ensinadas pela experiencia.» (4) Nas collecções organisadas no seculo xvii pelo padre Antonio Delicado, em 1651,

(1) Op. cit., p. 42.

(2) *Ibid.*, p. 159.

(3) Padre Torquato de Azevedo, *Memorias resuscitadas*, p. 307.

(4) *Nova Floresta*, t. III, p. 383.

e pelo padre Bento Pereira, em 1655, é o titulo de *Adagios* o que as denomina ; os titulos de *Aphorismos*, *Apophthegmas*, *Maximas*, *Conselhos*, *Pensamentos*, *Sentenças* apparecem em obras de elucubração individual, abandonando a fonte tradicional pela intenção philosophica.

A poetica dos Anexins. — A evolução das fôrmas poeticas transmittidas da tradição popular para as Litteraturas, conserva-se em todas as suas phases rudimentares nas expressões aphoristicas. É nos anexins que se pôde bem determinar os elementos primitivos da morphologia poetica, quer na fôrma da *quantidade* e do *accento*, quer no *verso*, na *estrophe* e na *rima*. Existem duas bases de metrificacão poetica, a *quantidade*, nascida da prosa cadenciada e sua conservação no numero oratorio, e a *accentuacão*, proveniente da expressão oral subordinada ao canto ou á dansa. Os povos semitas não conheceram o verso e apenas se elevaram ás fôrmas cadenciadas pelo *parallelismo* ; nas antigas fórmulas sacramentaes religiosas e juridicas as palavras subordinavam-se á cadencia das *tautologias* ou ao effeito de uma *aliteracão*, como se observa na linguagem juridica dos Romanos. A *quantidade* prevaleceu nas litteraturas classicas grega e latina, e a *accentuacão* nas litteraturas romanicas por causas historicas da elaboracão dialectal e das suas origens populares. Nos anexins pôde-se bem determinar ainda o elemento da quantidade implicita na prosa cadenciada e no *parallelismo* :

Mal vae á raposa, quando anda aos grillos ;
É peor quando anda aos ovos.

Quando ao gavião lhe cae a penna ;
Tambem lhe cae as azas.

Quando mais a vacca se ordenha,
 Maior tem a teta.

Um pae para cem filhos ;
 E não cem filhos para um pae.

O *parallelismo* pôde desenvolver-se em numero oratorio:

Casa em que caibas ;
 Vinho que bebas ;
 Terra quanto vejas.

Manda o amo ao moço ;
 O moço ao gato,
 E o gato ao rabo.

Por um cravo se perde uma ferradura,
 Por ella um cavallo ;
 Por um cavallo um cavalleiro ;
 Por um cavalleiro um campo,
 E por um campo um reino.

O *parallelismo* tambem se desenvolve na fôrma dithyrambica ou litanica, que se conservou nos hymnos religiosos. Na litteratura portugueza temos este genero cultivado por Gregorio Affonso, nos seus *Arrenegos*, em Gil Vicente no *Arraes da Barca do Inferno*, em Antonio Ribeiro Chiado, nos *Avisos para guardar*, e em Jorge Ferreira de Vasconcellos. D'este ultimo transcrevemos a seguinte fôrma dithyrambica dos anexins :

Guarde-vos Deus
 Da ira do senhor,
 E do alvoroço do povo ;
 De doudos em logar estreito,
 De moça adivinha,
 E de mulher latina ;
 De pessoa sinalada,
 E de mulher trez vezes casada ;
 De homem porfoso,
 De lodos em caminho,
 E de longa enfermidade ;

De physico experimentador,
 E de asno ornejador ;
 De official novo
 E de barbeiro velho ;
 De amigo reconciliado
 E de vento que entra por buraco,
 E de hora minguada
 E de gente que não tem nada. (1)

Nas Orações e parlendas populares de esconjuros é onde se observa na sua mais evidente clareza a fôrma dithyrambica ou litanica, que chegou até ao moderno lyrismo culto ou subjectivo.

Dentro da phrase cadenciada pelo parallelismo vão-se destacando novas cadencias pela *tautologia*, ou repetição do mesmo pensamento por effeito da necessidade do rythmo. As fórmulas legaes antigas e modernas conservam estas tautologias como perstigio imperativo; nos anexins são ellas frequentissimas e como que a base da sua auctoridade de maxima. Citaremos *tautologias* a dois termos :

Sua alma, sua palma.	Semeia e cria
Seu dito, seu feito.	Terás alegria.
Agua o dá, agua o leva.	Amores e dores
Quem leve vae, leve vem.	Com pão são bons.
Comer e coçar	No soffrer e abster
O ponto é começar.	Está o vencer.
O mal e o bem	Honra e proveito
À face vem.	Não cabem n'um sacco.

Vejamos as *tautologias* a trez termos :

Amor, dinheiro e cuidado
 Não está dissimulado.

(1) Comedia *Eufrosina*, p. 43. Ed. Farinha.

Amor, fogo e tosse
A seu dono descobre.

A par de rio
Nem vinha, nem olival, nem edificio.

Azeite, vinho e amigo
O mais antigo.

Carne, pão e vinho
Fazem o velho menino.

Guerra, caça e amores
Por um prazer mil dores.

Outubro, Novembro e Dezembro
Não busques o pão no mar.

Touro, gallo e barbo,
Tudo tem cessam em Maio.

Existem *tautologias* a quatro, cinco e seis termos, mas essas acham-se hoje exclusivamente nas parlen-
das infantis chamadas de *accumulação*.

A *aliteração*, em que a phrase cadenciada se apoia na repetição de um dado som litteral, apparece nas fórmulas as mais primitivas da poesia como um desdobramento em desenvolvimento exomorpho para o sistema da *rima*. Nos anexins, como documentos de elaboração poetica espontanea, acha-se a *aliteração* com um effeito intencional :

Terra e torrão
Tudo dá pão.

Quem dá pão dá páo.

Vento e ventura
Pouco dura.

De mal o menos.

O dado dado ;
O vendido, vendido.

Se chove, chova ;
Se neva, neve ;
Que se não faz vento
Não faz mão tempo.

Quem torto nasce
Tarde ou nunca se indireita.

Casa-te a teu contentamento.

Quem se empena e não tem pena,
Depois se depena e vive em pena.

Desde que da prosa cadenciada começa a destacar-se o *verso*, o ouvido popular recorre ás *neumas*, palavras ou syllabas sem sentido para encherem os intervallos da accentuação; taes são *homem*, na sua fôrma pronominal, *cá*, *diz*, etc. No velho *Cancioneiro da Vaticana* vêmos alguns anexins receberem a fôrma poetica por meio d'estas cunhas:

mays oy
huu verv' antigo, de mi bem
verdadeyr', e cá diz assy:
Quem leva vae, leve x'ar vem.

(Canç. n.º 713.)

De longas vyas muy longas mentiras.

(Canç. n.º 979.)

E no *Cancioneiro* de Resende, escrevem D. Martinho da Silveira e Duarte de Brito:

*Porqu' a bom entendedor
Poucas palavras abastam.*

(Op. cit., t. I, 441.)

*Dizem que os escarmentados
Que se fazem dos arteiros.*

(Ib., p. 319.)

Adiante exemplificaremos o caso contrario, em que se dá a dissimulação do anexim metrificado e rimado na prosa. Muitos dos anexins pela sua excessiva vulgaridade e universalidade abreviam-se ficando reduzidos a simples locuções ou idiotismos de phrase, taes como *Casa de Gonçalo*, *Volta de Andreza*, *Burro de Vicente*, *Manha de açougue*, *Asno morto*, *Gato escaldado*, *De telhas acima*, etc.

O systema da *accentuação* base fundamental da poetica dos povos modernos, é o que predomina na poesia aphoristica ; nos antigos povos italicos apparece o verso medido pelo *accento* em *syllabas tonicás*, como o verso saturnino, e as nossas *redondilhas menor e maior* têm equivalentes na metrificacção latina, taes como :

O verso *adonico*, que é pentasyllabo ;

O verso *Pherecratiano*, heptasyllabo ;

E o *Glyconio* e *Jambico dimetro*, que são octosyllabicos.

A fôrma trochaica estabelece uma transição entre o *accento* e a *quantidade*; Quicherat explica a *accentuação* romanica como derivada do endecasyllabo latino, cujos *accentos* são na quarta e decima *syllabas*; assim ao verso alcaico é equiparado o nosso endecasyllabo commum á Italia, França e Hespanha, e generalizado na litteratura na epoca da Renascença. A *accentuação* estabeleceu-se nas litteraturas romanicas pelas suas origens populares, da mesma fôrma que os novos dialectos se basearam sobre a persistencia da *vogal accentuada*. Todas as variedades do verso moderno acham-se nos Anexins, quando principalmente elles se apresentam na fôrma de epiphonema, divisa ou monostychio. A divisa é a expressão concisa de um pensamento tomado como norma de acção; como *Faire sans dire*, *Nosce te ipsum*, etc. Os Anexins em um só verso definem-nos os metros mais frequentes da poetica popular; apparecem em versos de quatro *syllabas*, mais como locuções :

Gato por lebre;
Voltas d'Andreza;

ou nos seguintes disticos :

Tu que não pedes
Leva-me ás costas.

Uma no papo,
Outra no sacco.

Monostychios de cinco syllabas são já mais frequentes :

Sae a acha á racha.
 Quem cala consente.
 Quem dá pão dá páo.
 Chover no molhado.
 Pérolas a porcos.
 Usa e serás mestre.

Monostychios de seis syllabas, temol-os em :

Dar o seu a seu dono.
 Valia faz discretos.
 O sangue não se roga.
 O bem sóa, o mal vóa.
 Quanto tens tanto vales.
 Trazer agua no bico.

O verso septisyllabo ou de *redondilha maior* é o mais espontaneo em todas as linguas romanicas ; falla-se e imprövisa-se n'este verso de um modo inconsciente. Os *monostychios* abundam :

Dize-me antes que t'ö diga.
 Ouro é o que ouro vale.
 Quem tem bocca vae a Roma.
 Pela bocca morre o peixe.
 Bocca que diz não, diz sim.
 Quem bem sé não se alevante.
 Quem tem rabo não se assenta.
 Accordar o cão que dorme.
 Não vou lá, nem faço minga.

Os versos *endecasyllabos*, introduzidos nas litteraturas peninsulares no seculo xvi, acham-se com toda a nitidez e variedade de accentuação nos anexins populares, como verdadeiros epiphonemas :

Mais vêem quatro olhos do que dois.
 Nos mais velhos está o bom conselho.
 O costume faz nova natureza.
 Não vejo mouta d'onde lobo saia.

Com outra disposição de accentos :

Honra e proveito não cabem n'um sacco.
 Nem tudo o que diz o pandeiro é vero.
 Conhecer culpa é estrada da emenda.

O verso *alexandrino* apresenta alguns similes, próximos da prosa cadenciada :

De muito desejado é difficil a guarda.
 De ruge, ruge se fazem os cascaveis.

Conhecidas as principaes fôrmas do verso, vejamos a sua construcção strophica em *parelhas* ou distico, em *terceto* ou triada, na *quadra*, na *quintilha*. Os escriptores portuguezes desde o seculo XIII até ao presente conheceram a metrificacção dos anexins populares glosando-os nas suas composições; isto basta para authenticar esta fôrma poetica, que é consciente e não casual. Na estrophe o verso apparece-nos ora *assonantado*, ora *rimado*, porém a assonancia é a fôrma exclusiva do povo :

Palavras sem obras
 Cithara sem cordas.

Arca aberta,
 Justo pecca.

Amigos e mulas
 Falecem a duras.

Não é pelo ovo,
 Senão pelo fôro.

Arde o séco
 Pelo verde.

Qual o tempo
 Tal o tento.

A pão duro
 Dente agudo.

Quem faz a casa na praça
 Uns dizem que é alta, outros baixa.

Rimas perfeitas apparecem com abundancia :

Filho alheio,
Braza em seio.

Quem compra e mente
Na bolsa o sente.

Em que seja tosca
Bem vejo a mosca.

De pequena bostella
Se levanta a mazella.

Quer em jogo, quer em sanha
Sempre o gato mal arranha.

Arrobas não são quintaes,
Nem as cousas são eguaes.

Excusamos de apresentar exemplos dos disticos em outros metros, porque os que acima ficam são os verdadeiramente populares. Na fórma do distico apparece o *Dialogo*, como o rudimento dramatico que dá movimento e acção ao pensamento abstracto da moral :

Diz a abelha : — Traz-me á cavalleira,
Dar-te-hei mel e cera.

«Oh minha mãe, que cousa é casar ?
— Chorar, parir e fiar.

«Como criaste tantos filhos ?
— Querendo mais aos mais pequeninos.

A fórma strophica de *terceto* ou triada teve um caracter augural ; é frequente nos anexins :

Pouco fel
Faz amargo
Muito mel.

Ama quem te ama,
Responde a quem te chama,
Andarás carreira chã (plana).

Quem me quer bem
Diz-me o que sabe,
Dá-m' do que tem.

Quem te não roga
Nem voga
Não lhe vás á boda.

Nora rogada
E panella repousada,
Não a come toda a barba.

Se queres que a fruta
Mal te não faça
Mette-lhe massa.

Antes que cases
Olha o que fazes,
Que não é nó que desates.

Lenha verde
Nem se queima,
Nem accende.

A fôrma da *quadra* apresenta-se com uma exuberancia espontanea :

Amores
E dores,
Com pão
São bons.

Quem te faz festa
Não usando fazer,
Ou te quer enganar,
Ou te ha mister.

Aquelle te deu
Aquelle te dará ;
Mal o haja quem
De seu não ha.

Com arte e com engano
Se vive um anno ;
Com engano e com arte
Se vive a outra parte.

Não cries gallinha
Hu mora raposa,
Nem crêas lagrima
De mulher que chora.

Em Janeiro
Mette obreiro,
De meado em diante
Que não d'antes.

Março ventoso,
Abril chuvoso,
Maio amoroso,
Fazem o anno formoso.

A estrophe em *quintilha* é tambem notavel pela collocação do conceito picante :

Horta sem agua,
Casa sem telhado,
Mulher sem amor,
Marido sem cuidado
De graça é caro.

Pelo Natal
Se houver luar
Senta-te ao lar ;
Se houver escuro
Semeia outeiros e tudo.

A *sextilha* apparece nos anexins contendo regras

ou observações praticas, como os aphorismos da lavoura :

Em Janeiro
Sóbe ao outeiro ;
Se vires verdejar,
Põe-te a chorar ;
Se vires terrejar
Mette-te a cantar.

A festa do Natal
Atraz do lar ;
A da Paschoa,
Na praça ;
A do Espirito Santo
No campo.

A estrophe de sete versos é puramente accidental ;
contudo ainda podemos apresentar um exemplo :

Estopa avelada,
Lã crameada,
E farinha coada,
Não a mostres a sogra

Nem a cunhada,
Porque nunca d'ellas
Serás bem julgada.

As outras fôrmas de *outava* e de *decima* não são populares ; nos anexins, depois das fôrmas acima exemplificadas, a estrophe dissolve-se na fôrma dithyrambica, monorima ou emparelhada.

A dissolução da fôrma poetica nos anexins portuguezes voltando á prosa, começa pela rima e acaba pelo verso. Dá-se egual phenomeno com os Romances heroicos. Citaremos alguns exemplos :

Tanto dá a agua na pedra
Até que quebra. (dissol.: *até que fura.*)

Tantas vezes vae o cantaro á bica (*á fonte*)
Até que lá fica (*até que quebra.*)

Tantas vezes vae o cantaro á fonte
Que lá deixa a fronte.

Cunha nova
Bota a velha fóra. (*Bota fóra a cunha velha.*)

Em casa de ferreiro
Peor apeiro. (*Espeto de páo.*)

Cobra fama
E deita-te na cama (*deita-te a dormir.*)

O phenomeno da dissolução poetica pôde demonstrar-se pela aproximação de fórmulas mais antigas do refraneiro hespanhol; assim lá encontramos :

El usar
Hace oficial.

E nós dizemos : « *Usa e serás mestre* » sem a fórmula poetica. O mesmo com a divisa : « *Antes quebrar que torcer* » consagrada por Sá de Miranda, e que em Hespanha tem a fórmula poetica :

Antes quebrar
Que dobrar.

Este outro :

No quiero, no quiero,
Pero echamelo en el sombrero

temol-o ainda com fórmula poetica :

Não quero, não quero
Botae-m'o aqui no capello.

e dissolvido em prosa : « *Não quero, não quero, botae-m'o aqui na mão.* » O mesmo com este outro ane-

xim: «*Sonha o cego que vê, porque o deseja; e em hespanhol:*

Soñaba el ciego que via
y soñaba lo que queria;
ó yeran las ganas
que de ver tenia. (1)

Nos *Refranes*, colligidos no seculo xv pelo Marquez de Santillana, vem:

Dime con quien andavas
É decir-te-he que hablavas.

Em Portugal está dissolvido na prosa: «*Dize-me com quem andas, (lidas) dir-te-hei as manhas que tens.*» E este: «*Dá Deus nozes a quem não tem dentes,*» cuja fôrma poetica traz Santillana:

Dió Deus fabas
Á quien non tiene quixadas.

E este: «*Vão-se os anneis e fiquem os dedos,*» ao qual corresponde a fôrma mais antiga:

Si se perdieron los anillos
Aqui fincaron los dedillos.

«*Mais vale um toma, que dois te darei*» este anexim seguiu as transformações da linguagem: Mais vale um *ávache* (Jorge Ferreira), mas ainda assim veiu-nos incompleto, como se depreheende da fôrma colligida por Santillana:

Faré, faré;
Mas vale um toma,
Que dos te daré.

(1) Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*, t. II, p. 186.

As allusões e referencias litterarias dos escriptores assim como influiram para a conservação dos Anexins populares, tambem determinaram certas alterações já para as glosas dos seus versos, já acompanhando as modificações da linguagem em cada epoca. A litteratura dos anexins é importante em Portugal e os nossos principaes escriptores foram os que mais se aproveitaram d'este rico veio tradicional para opulentarem a lingua com locuções fecundas.

As Adivinhas populares. — A universalidade dos enigmas, desde as sociedades mais atrazadas, como a dos povos selvagens, até ás altas civilisações, em que o povo conserva em uma inconsciencia espontanea as tradições primitivas, revela-nos que este producto da imaginação não nasceu como um divertimento sem intuito. O Enigma ou Adivinhação é o exercicio de uma linguagem mythica, em que as relações de analogia são um rudimento de especulação e um primeiro estimulo mental; a somma das comparações já estabelecidas constitue um saber geral que se transmite tradicionalmente por perguntas de iniciação. Este modo de vê applica-se principalmente ás Adivinhações que têm paradigmas na tradição de todos os povos. Ha no genio popular um trabalho constante em que o poder de *aproximar analogias* se exerce ainda, como uma faculdade mental de mythificação. Por isso nas adivinhas ainda as mais recentes, o que primeiro se observa é uma *personificação* do objecto material proposto para enigma, e a relação de *analogia* mais ou menos imprevista; assim para exprimir o Céu, as Estrellas, a Lua e a Noite, formula-se uma adivinha (Amarante):

Campo grande,
Semente meuda,
Menina bonita,
Loba gadelhuda?

Em muitas adivinhas populares encontra-se a primitiva concepção do universo, tal como se acha nos monumentos da civilização árica; para exprimir o Céu, as Nuvens, o Sol e o Vento, encontramos uma adivinha nos arredores do Porto e em Rezende :

Curral redondo,
Vacas ao lombo,
Moço formoso
Cão ravinoso ?

Campo redondo,
Ovelhas ao longo,
Pastor formoso,
Cadello raivoso ?

Coincide com a concepção vedica : o *curral* redondo é o céu, conforme a impressão que produz em quem o observa na sua maior largueza; *vacas* ao lombo, são as nuvens brancas ou negras, que dão a abundancia, segundo os hymnos do Rig-Veda; *moço formoso* é o sol, o louro Surya, que defende as vacas contra o *cão* ravinoso, que é o vento que as dispersa no espaço, como que roubando-as. Aqui temos a adivinha, em que o mytho se desenvolveu no sentido theologico; outras vezes a Adivinha é uma acção praticada por um heroe por onde manifesta o seu intuito. No canto de *Gudruna*, dos Eddas, Rauduer é mandado matar por seu proprio pae, mas antes de morrer, o filho envia-lhe o seu falcão querido inteiramente depenado; quando Hermannarick viu o presente que lhe mandava o filho, comprehendeu o sentido e disse : « Assim como este falcão perdeu as azas com que voava, eu perdi o filho que sustentava o meu reino. » Na historia romana, a resposta muda de Tarquinio decependo com o bastão as papoulas mais altas, é uma expressão heroica enigmatica. O desdobramento de certos mythos em Contos, faz com que existam contos baseados sobre Adivinhas; é ao que na Allemanha se chama *Räthselmärchen*, e d'este genero diz Machado y Alvares, que: « tanto em Portugal, como em Italia, Allemanha e

Grecia, como em Hespanha, existem Contos de Adivinhas...» (1) Por fim a Adivinha basêa-se sobre problemas arithmeticos e equivocos de linguagem; assim achamos em D. Francisco Manuel de Mello:

Se esta cotovia mato
Faltam-me trez para quatro. (2)

A fôrma das Adivinhas é geralmente metrica, como elemento indispensavel para a transmissão oral; a base das analogias é a *personificação anthropomorphica*, e os dados comparativos são tirados dos objectos que correspondem aos varios grãos da civilisação, podendo por elles remontar a cadeia da historia. Desde que outros problemas preoccuparam a intelligencia humana, e que as relações de analogia foram substituidas por processos logicos de analyse, os Enigmas decahiram do seu fim serio em divertimento de convivencia, foram elaborados nas litteraturas, passaram das camadas sociaes mais instruidas para as incultas, e transmittidos automaticamente pelos velhos receberam a sympathia das crianças como o estimulo natural das suas primeiras especulações da intelligencia.

Tylor, nas *Civilisações primitivas*, reconheceu a relação entre o Enigma e o Mytho religioso, citando o exemplo do Oraculo de Delphos, que ordena a Temenos que entregue o exercito para ser guiado por um homem com trez olhos; Temenos interpretou o oraculo tomando como guia um zarolho que ia a cavallo. Tylor determina este enigma em um mytho scandinavo proposto por Odin ao rei Heidrek: «Quem são os dois que vão à assemblêa com trez olhos, dez pés e uma cauda? — Odin, que é cego de um olho, montado no seu

(1) Demofilo, *Collecion d'Enigmas*, p. 306. Sevilha, 1880.

(2) *Feira de Anexins*, p. 156.

cavallo *Sleipnir*, com oito patas.» (1) A palavra *interpretação*, segundo Vico, é a explicação dada pelo padre, o que leva á inferencia, que a constituição sacerdotal se baseou em quanto á synthese especulativa em explicar os Enigmas com que se velavam por vezes os mythos religiosos, ou tambem as respostas ambiguas, allegoricas e capciosas dos Oraculos.

Os Enigmas acompanharam sempre a vida social até tornarem-se themas de litteratura; da sua generalidade resultou essa universalidade com que os mesmos enigmas se repetem entre os povos do Occidente. Strabão fallando dos mineiros turdetanos e da superioridade dos seus trabalhos em relação aos processos da Attica, diz que tiravam melhores vantagens: «Emquanto estes, na verdade, parecem realizar o celebre enigma: *Não tiveram o que esperavam ter, e perderam o que tinham?* os turdetanos auferem enormes lucros das suas minas.» (2) Na litteratura grega existiam comedias de enigmas, iniciadas por Cratinas, por ventura imitando os usos domesticos e os divertimentos dos banquetes. (3)

A aristocracia portugueza usava certos divertimentos á maneira de *Perguntas*, como os *Devinalls* provençaes; na *Vida de Manuel Machado de Azevedo*, cunhado de Sá de Miranda, descreve-se um banquete dado em Crasto, indicando algumas perguntas que se fizeram á meza. «Qual es el mayor engano? — El mundo y la pintura. Qual la mayor salud? — El tenerla. Qual la mayor riqueza? — El despreciarlas. Qual la mayor pobreza? — Desear riquezas...» No folheto da *Donzella Theodora*, de origem arabe, commum á Hespanha e Portugal, ha um certame de *Perguntas* e

(1) *Civilisations primitives*, t. I, p. 110.

(2) *Geographia*, liv. III, cap. 1, § 9.

(3) G. Guizot, *Menandre*, p. 144.

respostas dadas a varios sabios : — «Qual a cousa mais pezada do mundo? A divida. — Qual a cousa mais aguda? A lingua do homem e da mulher. — Qual a cousa mais apressada que a seta? O pensamento. — Qual a cousa mais dura que o ferro? A verdade...» É curiosa a aproximação d'este conto arabe com os costumes da aristocracia portugueza no seculo XVI; por esta relação seguiremos a sua manifestação na litteratura e na vida popular. No *Auto pastoril castelhano*, de 1502, traz Gil Vicente uma scena sobre o divertimento das adivinhas :

BRAZ : Juguemos a adivinhar.
 LUCAS : 'Que me plaz.
 BRAZ : Di, compañero...
 Mas comience Gil primero.
 GIL : Que me plaz de començar.
 Comenzad de adivinhar.
 LUC. : Qué?
 GIL : Sabello has tu muy mal :
 Qual es aquelle animal
 Que corre y corre, y no se ve?
 BRAZ : Es el pecado mortal.
 MATH. : Mas el viento, mal pecado,
 Creo yo que será ese.
 LUCAS : Que no es buen juego este ;
 Demos este por passado. (1)

Na Grammatica de João de Barros, de 1538, encontra-se esta Adivinha quasi universal :

Ainda o pae não é nado,
 Já o filho anda por cima do telhado ?

Ainda não está bem ateado o fogo, e já o fumo

(1) *Obras*, t. I, p. 15.

atravessa a telha-van dos casaes da aldêa ; na Catalunha, segundo Milà y Fontanals, diz-se :

Qu'es aixó :	El padre no è nato,
Il pare encara no est nat,	El fiço stá sul tetto.
Qu'el fill ya corra pel terrat ? (1)	(Gianandrea, <i>En.</i> 24.)

D. Francisco Manuel de Mello, nos *Apologos dialo gaes*, (p. 7) traz esta adivinha do RELOGIO, ainda hoje popular :

Todos o crêem	En alto vive, en alto mora,
Nenhum o adora ?	En él se cree, y no se adora ?
	(Marin, <i>Cant.</i> , 1, 769.)

Falta-lhe aqui o começo : Alto está,— alto mora. Tambem nas *Cartas familiares*, (p. 339) traz esta outra adivinha da CHAVE :

Tamanho como um camarão,
Guarda cem moios de pão ?

Ainda hoje no Alemtejo se diz :

Qual é a cousa, qual é ella,
Que é tamanha d'um oução,
E guarda cem moios de pão ? (2)

Este elemento tradicional está representado na Litteratura portugueza em um livro extremamente raro, que se intitula *Passatempo honesto de Enigmas e Adivinhações*, por Francisco Lopes ; a primeira edi-

(1) Demofilo, *Collecion de Enigmas*, p. 354. Rolland nas *Devinettes ou Enigmes populaires de la France*, p. 155, traz outra variante ; vid. o estudo de Köhler, no *Orient und Occident*, vol. II, p. 688, e na *Melusine*, vol. I, col. 200, apontando-se este mesmo enigma na Finlândia, na Albania e na Servia.

(2) A. Thomaz Pires, *Adivinhas portuguezas da tradição oral do Alemtejo*, n.º 51; cita uma variante hespanhola, em Rodrigues Marin, n.º 627.

ção é de 1603, pelo que se pôde inferir que a tradição n'elle contida pertence totalmente ao seculo XVI, em que a litteratura tanto se inspirou nas fontes populares. Nas Adivinhas que se lêem n'esta collecção erudita, acham-se por vezes fórmulas que se dissolveram ou provieram de versões oraes ainda hoje persistentes no povo. Comparemos a adivinha dos ALFINETES :

Somos quinhentos soldados	Não já para pelejar
De nossas armas compostos,	Porque não somos temidos,
Todos cobertos e armados,	Antes de damas queridos,
Em fileiras ordenados,	Que nos põem n'um alto logar
E n'um campo branco postos.	Onde andamos escondidos.

(Part. I, n.º 8.)

Eis como o auctor do *Passatempo honesto* se explica: «Um papel de alfinetes, tem quinhentos; todos armados, porque são de metal; e postos no papel, que é o campo branco; em fileiras não para pelejar; nem são temidos, antes as mulheres os estimam e põem na cabeça.» (p. 60.) Eis como se repete na versão oral do Alemtejo:

Quatrocentos soldados
Formados n'um campo branco,
Nós não somos destemidos,
Somos das damas queridos,
Que nos trazem em salvos logares
D'onde andamos escondidos? (1)

Duzentos soldados armados
No campo grande estão formados?

Regimento de soldados
Todos n'um campo formados,
De nobres damas estimados
Postos em altos logares?

(Porto.)

(1) A. Thomaz Pires, *Adivinhas do Alemtejo*, n.º 58 e 59.

Entre a fôrma litteraria de 1603 e a versão oral existem versos communs, phenomeno importante para o conhecimento da elaboração tradicional. Na adivinha do SAL, traz Francisco Lopes as quintilhas :

Sem ser carne nem pescado	E sem tanger nem cantar
Sou dentro d'agua nascido,	A todos dou muito gosto,
E se depois de creado	Que sem mim não ha gostar,
For a minha mãe tornado	Mas escondido hei de andar
Serei logo consummido.	Em outro trage decomposto.

Eis como esta adivinha do *Passatempo honesto* se repete na tradição popular do Sardoal e Alemtejo :

Eu fui nascido no mar	Venho das ondas do mar
Sem ser peixe, nem pescado ;	Nascido na fresquidão,
Se eu tornar a minha mãe	Não sou agua, nem sou sol,
Serei logo consummido.	Trago o tempéro na mão. (1)
Eu vivo só n'este mundo	
N'este trajo descomposto,	
E sem cantar nem bailar	
A tudo dou muito gosto.	

Estes factos nos obrigam a transcrever mais algumas adivinhas litterarias do *Passatempo honesto*, antes de reunirmos aquellas colligidas das versões oraes em todas as provincias de Portugal :

O DIA E A NOITE :

Um homem e uma mulher
Grandes inimigos são,
Que nunca se podem vér,
E ambos sem descansar vão
Um apoz outro correr.
Elle é formoso e bello
Como a folha de uma rosa ;
Ella nunca póde vél-o,
E é tal que lhe põem o sello
Da mais feia e mais perigosa.

OS MEZES :

Uns certos filhos nasceram
No mundo sem pae nem mãe,
Que um mesmo nome tiveram,
E ao tempo que feneceram
Logo fizeram seu pae.
Com um só dia, mais ou menos
Que todos chegam a ter,
Morrem sem se vér, pequenos,
Porque não póde ser menos
Para seu pae vir a ser.

(1) Thomaz Pires, *Adiv.*, n.º 46.

A SEMANA :

Cinco irmãs e dous irmãos
Que sempre um traz outro vem,
Dão á mãe o nome que tem,
Porque só d'entre os christãos
Mana o seu nome também.

O mais moço que é mais nobre
Deus em descanso o criou ;
E o nome antigo dotou
A outro irmão, por ser pobre
Seu trabalho o sustentou.

O ANNO :

Quatro filhos de um pae são,
Em nome e ser diferentes,
Alegre um d'elles *verão*,
Com uma *prima* pela mão,
Verdadeira para as gentes.

O outro tem nome *Des*
Tio é d'alegre dama ;
O outro chorando o ves
O outro por um *tom* se chama
Castelhano ou portuguez.

O NOVELLO :

Fiei-me d'uma mulher,
E por estar confiado
Foi causa de me perder,
Que acabei despedaçado
E cosido em seu poder.

E quando estava encolhido
Sem mostrar pés nem cabeça,
Então mais fui conhecido,
E foi meu corpo partido
Como digo, peça a peça.

O ALHO :

Já vistes em muita gente
Nascерem como eu nasci,
Do ventre da mãe com dentes,
E comem-me mil contentes,
Mas eu a todos mordi.

Quem nasce assim d'esta sorte
É signal de forte gente,
Assim nasci eu bem forte,
Mas não me viram até á morte
Mais que cabeça sómente.

A predilecção litteraria pelas Adivinhas continuou-se além do seculo xvii ; no livro de Soror Maria do Céu, *Enganos do bosque, desenganos do rio* (1741) vêm sob o nome de Adagios uma collecção de trinta e cinco enigmas. (1) Eis o da LUVA :

Eu sou um odre de vinho,
pelo nome e pelo sér,
se me quereis entender
na mão tendes o adivinho.

E explica-se: «Uma *luva*, é vinho pelo nome, que

(1) Servimo-nos para esta noticia do artigo do dr. Sousa Viterbo, no *Commercio portuguez*, n.º 277, de 1882 (vii anno.)

acaba em uva, odre pelo ser, porque é de couro, na mão está a adivinhação, porque se calça n'ella.» Na versão oral, a luva é objecto de uma adivinha picaresca, cujo genero se caracteriza por esta outra que Filinto Elisio traz em uma nota das *Fabulas* de Lafontaine :

Qual é a cousa, qual é ella ?	Un cazador
Tem o cantar de perdiz,	Y no de perdices,
Põe a mira ao calcanhar	Que apunta a las corvas
E acerta com o nariz ?	Y da en las narices ?
	(Marin, <i>Cantos</i> , 1, 334.)

Assim evolutivamente veio a corrente litteraria a encontrar-se com a tradicional, tornando-se este estudo um objecto scientifico, não só pelo criterio comparativo com as versões de outros povos, como pelas conclusões de ethnologia e psychologia a que conduz.

As *Adivinhas* têm uma grande vitalidade nos costumes populares da península ; na Galliza chama-se-lhes *Acertijos*, nome tomado do sentido certo que se procura; no castelhano antigo e moderno são *Adivinanzas*; na Catalunha e Valencia *Endevinallas*; em Ribagorza *Divinetas*, e nas Asturias *Cosadielles*. As Adivinhas portuguezas são na sua quasi generalidade variantes de tipos communs aos povos occidentaes. Esboçamos o processo comparativo :

- | | |
|--|--|
| (1) Burro de ferro,
Albarda de linho,
Tiquele, tiquele
Com um pausinho ?
(<i>A candea</i> ; Minho.) | (2) Serra na cabeça,
Foncinha no rabo,
Adivinha, tolo,
Que é gallo ?
(<i>O gallo</i> ; Açores.) |
|--|--|
-
- | | |
|---|--|
| (1) Besta de ferro,
Albarda de linho
Tizalle, tizalle
C'um garabullino ?
(Galliza ; Demofilo,
<i>Col. d'Enigmas</i> , p. 339.) | (2) Fouce n'o rabo,
E serra n'a testa ?
Qué cosa e esta ?
(<i>Ibid.</i> , op. cit., p. 342.) |
|---|--|

- (3) Campo branco,
Semente preta,
Cinco bois
A uma chavelha ?
(*Papel, tinta, dedos, penna.*)

Cinco arados,
Uma aradeta,
- Terra branca,
Semente preta ?
(Var., Alemtejo.)
- (4) Branca por fóra,
Branca por dentro,
Alço a perna
Metto-lh'a dentro ?
(*As ceroulas.*)
-
- (3) Leira blanca,
Semente negra,
Cinco cabezallas
E unha chavela ?
(*Ib., p. 343.*)
- El camp es blanch,
La llavó' es negra,
Cinq son els bous,
que tiran la rella.
(*Ib., p. 357.*)
- Cinch son los bous
Que l'arada menan ;
Lo camp es blanch,
La llava es negra ?
(*Mallorca, ib., p. 359.*)
- Campo blanco
Simiente negra,
Y cinco boyes
Aran con rella ?
(*Marin, Cantos, t. I, p. 282.*)
- Campo bianco,
Semenza negra,
Doi la guarda,
E cinque la mena ?
(*Italia, Indovinelli de Trevigi, n.º 63.*)
- Blanc est le champs,
Noire la semance,
- L'oume qui le semme
Est de tres grant science.
(*França ; Rolland, Dev., n.º 250.*)
- (4) Pélo por fóra,
Pélo por dentro,
Érgom'a perna
Metto-a n'ó medio ?
(*Galiza ; Demofilo, Enig., p. 344.*)
- Pelosa de fóra,
Pelosa de drento,
Alza la gamba
E mettela drento ?
(*Italia ; Gianandrea, Enig. 15.*)
- Poil dehors,
Poil dedans,
Lève la jambe
Fourre la dedans ?
(*França ; Rolland, n.º 135.*)
- Bourrut defora,
Bourrut dedins,
Aussa la camba,
Mets la dedins ?
(*Languedoc ; Roque Ferrier.*)

- (5) Quatro na cama,
Quatro na lama,
Dois que l'assistas,
E um que l'abana ?
(Minho ; *O boi.*)
- (6) Mãe pequena,
Pae grande,
Filho negro,
Neto branco ?
(Minho ; *Pinheiro e sementes.*)
- Dois pés na cama,
E dois na lama ;

- Peu dehore,
Peu dehens ;
Lhèbe la came,
Hique l'y dehens ?
(Bearn ; Lespy, en., XII.)
- Pelludo por fóra,
Pelludo por dentro,
Viene la garra
Y se hi fica dentro.
(Ribagorza ; Dem., ib.,
p. 396.)
- Pelut per fóra,
Pelut per dins,
Alsa la cama
E ficamins dins ?
(Valencia ; ib., p. 369.)
- (5) Cuatro andantes,
Cuatro mamantes,
Un quitamoscas
Dos apuntantes.
(Andaluzia ; Marin,
Cantos, I, p. 203.)
- Cuatro terrosas,
Cuatro melosas,
Dos huixaracans,
Y un huixaramoscas ?
(Ribagorza ; ib., p. 382.)
- Dos miras, miras,
Dos varas, varas,
Un ventamoscas,
E quatre mengalas ?
(Catalunha ; ib., p. 357.)
- Dos punxentes,
Dos luentes,
Cuatre tups, tups,
Y un ventador de mosques.
(Mallorca ; Demofilo,
ib., p. 363.)
- (6) Grand père,
Rude mère,
Et petit enfant
Habillé de blanc ?
(França ; Roland,
Dev., n.º 112.)
- Altos padres,
Chicas madres,
Hijos prietos,
Blancos netos ?
(Andaluzia ; Marin,
Cantos, I, n.º 464.)
- Ei pare es gran,
La mare xica,
Els fills son negres,
Yls nets son blancs ?
(Catalunha ; Dem.,
p. 355.)

- (7) Uma velhinha
Muit' encurrihadinha,
Encostadinha,
A uma tranquiha ?
Passa, asno,
Passa é !
Adivinha o que isto é ?
(Minho ; a *Passa*.)
- (8) Nasce no Monte
E vem cantar a casa ?
(Minho : A *dobadoura*.)
- No mato nasce,
No mato se cria,
E vem para casa
Dar ais com alegria ?
(Castello de Vide :
Dabadoura.)
- (9) No alto estás,
Do alto me miras ;
Comer me querias
Mas não poderias ;
Mas tu irás
E eu ficarei,
E tu deixarás
Onde me meterei ?
(Minho : A *cabra*, o
centeio e o *folle*.)
- (10) Uma casinha branca,
Sem porta nem tranca ?
(Minho : O *ovo*.)
- (11) Casinha encarnada
Sem porta nem sacada ?
(Alemtejo : A *laranja*.)

- (7) Unha vélla arrugadinha,
Nocuciñounha tranquiña,
Que se lla bica o señor,
Non asi o labrador,
E ben quixera el, á fé,
Adiviña o que isto é ?
(Galliza ; *Dem.*, p. 348.)
- Una vieya gurrumbina
Tien atrás una tranquina,
Pasa ye,
El que non adivine burru y é ?
(Asturias ; *ib.*, p. 378.)
- Una biejecita
Muy arrugadita,
Y en er cu
Una tranquita ?
(Andaluzia ; *Marin*,
Cantos, I, n.º 471.)
- Qués aixó :
Una vella arenzadeta,
Que porta una estaqueta ?
(Catalunha ; *Dem.*, p. 352.)
- Una velleta
Tota arrugadeta,
Y abaix té
Una coneta ?
(Mallorca ; *Dem.*,
p. 362.)
- (8) N'o monte nace
N'o monte se cria,
Cando vem a casa
Baila com' unha rapaza ?
(Galliza ; *Dem.*, p. 350.)
- (9) D'alto me miras,
Comerme querias,
De si salirá
Quen me levará ?
(Galliza ; *Dem.*, p. 350.)
- (10) A que non sabes
O que é y o que non é ;
Unha airexiña branca
Sin porta nin tranca ?
(Galliza ; *Dem.*, p. 350.)

- Casinha vermelha,
Sem porta nem telha ?
(Alemtejo: *A laranja.*)
- Casinha amarella,
Sem porta nem janella ?
(Ib.: *O limão.*)
- (12) Por baixo pinho,
Por cima linho,
Ao redor amores,
No meio flores.
(*A meza, a toalha, e comidas.*)
- (13) Á meia noite
Se ergue o francez,
Sabe da hora,
Não sabe do mez ;
Traz esporas
Não é cavalleiro ;
Tem serra
Não é carpinteiro ;
- Tem picão
Não é pedreiro ;
Cava na terra
Não ganha dinheiro.
(Minho : *O gallo.*)
- Passéa na praça
Não é estudante,
Canta de missa
Sem ser sachristão,
Sabe da hora
Mas da morte não ?
(Alemtejo : *O gallo.*)
- (14) O que é, que é
Vae deitado,
E vem em pé ?
(Minho : *O Cantaro.*)
- (15) Altos pendentés,
Deu uma risada
Cairam-lhe os dentes ?
(Alemtejo : *A Romã.*)

Un terrenin de bon, boran, bon,
Non tien tapa, nin tampon ?
(Asturias; ib., p. 370.)

Ina granzita
Plena di pastourita,
San alcuna finestrita ?
(Italia.)

Una iglesia blanca
Sin puerta, ni tranca ;
No entra en ella luz ninguna,
Ni de vela,
Ni de sol, ni de luna ?
(Andaluzia; Marin,
Cantos, 1, p. 374.)

Qu' est-ce qui est plein,
Etn'a ni porte, ni fenêtré ?
(França; Rolland, *Dev.*,
n.º 65.)

Una capseta blanca
Qu' én obrilla, may se tanca ?
(Mallorca; *Dem.*, p. 360.)

- (12) Pino sobre pino,
Sobre pino lino,
Sobre lino flores,
Y al redor amores ?
(Marin, n.º 745.)

- Altos picotos
C'os seus maranhos,
Tanto riso lhe deu
Que lhe cahiu
O que Deus lhe deu ?
(Minho : *Castanheiro e ouriços.*)
- (16) Garças brancas,
Em campo verdes,
Co' o bico n'agua
Morrendo á séde ?
(Brazil : *Navio sem vellas, no mar.*)
- (17) Altas janellas
Abrem e fecham
Sem ninguem
Bolir n'ellas ?
(Penafiel : *Os olhos.*)
- (18) Semente preta,
Terra mimosa,
Salta a semente
Fica uma rosa ?
(Minho : *A pulga.*)
- (19) Casa caiada,
Lago d'agua ?
(Brazil : *O Ovo.*)
Casas brancas
Aguas claras
- Paredes amarellas
Sem ninguem morar n'ellas ?
(Alemtejo : *Ovo.*)
- Menina bonita,
Saia amarella,
Casa caiada
Ninguem entra n'ella ?
(Lisboa : *id.*)
- (20) Delgada, delgacella,
Corre villa e Castella ?
(Minho : *A Estrada.*)
- (21) Negra como o pez,
Agarra como a torquez ?
(*A formiga.*)
- (22) Seméa-se ás taboinhas
E nasce ás campainhas ?
(*O linho.*)
- (23) Seméa-se aos regos,
Nunca botam grelos ?
(*As telhas.*)
- (24) Semeio latas,
Nascem cordas,
E colho bolas ?
(*As aboboras.*)
-
- (17) Dos arquitas
De cristal,
Que abren y cierran
Sin rechinar ?
(Andaluzia : *Marin, Cantos, p. 298.*)
- (18) Un bichito muy ligero,
Que anda por terra preciosa,
- Y en cada assiento que hace
Deja sembrada una rosa ?
(*Ib., Marin, Cantos, n.º 441.*)
- (23) De qu' ès acò, de que ès acò ?
Una costa laurada
Que la rella i 'es pas passata ?
(Languedoc; *ap. Ferrier.*)

- Semei taboas,
Recolhi toneis ;
Adivinhae bachareis ?
(*Aboboras.*)
- Semearam-se taboas,
Nasceram papeis,
Colheram-se toneis.
- (25) Que é que é,
Que na bocca tem o pé ?
(*A cabaça.*)
- (26) Pae alto,
Mãe raivosa,
Filha saborosa ?
(*A castanha.*)
- (27) São trez cousas ;
Uma diz que vamos,
Outra que fiquemos,
Outra que dancemos ?
(*Água, areia, espuma.*)
- (28) Altos castellos
Verdes e amarellos ?
(*Larangeiras.*)
- (29) Pequena como uma pulga,
E dá uma orelha
Que nem uma burra ?
(*Semente de couve.*)
- (30) Verdeja como o linho,
E dá um berro
Que junta todo o povinho ?
(*O sino.*)
- Tem só um dente,
E chama toda a gente ?
(*Idem.*)
- Alto mora,
Chama a gente,
E fica fóra ?
- (31) Cabe dentro de uma rasa,
E enche toda a casa ?
(*A luz.*)
-
- (28) Muchas damas en el castillo.
Y todas visten de amarillo.
(*Marin, Cant., n.º 462.*)
- (30) Una vieja con un diente
Llamando à toda la gente?
(*Marin, Cantos, n.º 461.*)
- Qu'est-ce qui est haut monté
Qui appelle le monde di tout coté ?
(*Rolland, Devinettes,*
n.º 274.)
- Qual 'é quella cosa ?
Sotto la pietra pialta,
Gli stá la muta mata,
- Sorda che non sente
E si chiama totta la gente?
(*Coll., Trevigi, n.º LXVII.*)
- Quen c'un dente
Chama pela gente ?
(*Galliza; Demofilo,*
n.º 345.)
- Una vella ab un dente
Que fa corre tota gente ?
(*Catalunha; id., ib.*)
- (31) Tamaño com' una armendra,
Y toa la casa la yena ?
(*R. Marin, Cantos, I,*
287.)

- Tamanho d'uma bolota,
Enche a casa até á porta?
- (32) Tem rabo e coração,
Adivinha tolo que é cão?
(*O cão.*)
- (33) No monte se cria,
E vem para casa
Dar senhoria ?
(*A bengala.*)
- (34) Verde como o linho,
Amarga como o fel,
E sabe como o mel ?
(*A noz.*)
- (35) São muitos visinhos
Com os mesmos modos,
Quando um erra
Erram todos ?
(*Os botões.*)
- (36) Vinte mil meninas
N'uma varanda,
Todas a chorar
Para a mesma banda ?
(*Alemtejo : As telhas*)
- Correnteza de senhoras
Quando uma mēja, mējam todas ?
(*Airão : As telhas.*)
- (37) Altos pirineus,
Tristes innocentes,
Deram uma gargalhada,
Cahiram-lhe os dentes.
(*Alemtejo : Pinha e
Pinhões.*)
- (38) Sem osso nem espinha,
No calor se empina ?
(*Lisboa : O pão.*)
- (39) Qual é que é a cousa
Que já foi vivo,
E agora é morto,
Traz cinco vivos
Dentro do corpo ?
- (40) Mil merilinhos,
Mil merilhões,

Jo ci ho na casa
Larga com' um' amendala,
Che rischiaro tutta la cambora ?
(*Ginandrea, Cant.
march.*)

(36)
Un cercado
Bien arado,
Bien binado
Y reja en el no ha entrado ?
(*Marin, Cantos, n.º 604;
Demofilo, p. 387.*)

Qu'est ce qui
N'étant pas plus grand qu'une amende
Peut cepandant remplir
Tout un appartement ?
(*Rolland, Dev., n.º 167.*)

(39)
Una casa hecha de vestidura de animales,
Y habitan cinco hermanos desiguales ?
(*Marin, Cantos, n.º 642.*)

- Dois perafitas
Quatro chantões ?
(Lisboa : *O boi com pellos, couros e pernas.*)
- (41) Armadinha nova,
De bom parecer,
Nenhum carpinteiro
A póde fazer,
Só Deus do céu
Tem esse poder ?
(Penafiel : *A noz.*)
- (42) Que será ? que será ?
Passa o rio e fica cá ?
(Penafiel : *A espingarda.*)
- (43) Que será ? que será ?
Pastorinho de páo,
Sóbe ao monte
A botar o gado ?
(Penafiel : *Pente, cabeça e piolhos.*)
- (44) Redondinho, redondete,
Folga a moça
Quando se lh'o mette.
(*O anel.*)
- (45) Parada faz rasto,
A andar apaga o rasto.
(Alemquer : *A peneira.*)
- (46) Tenho uma caixinha
Cheia d'ossinhos,
Não a dou
Por mil cruzadinhos ?
(Alemtejo : *Bocca e dentes.*)
- (47) Tem dentes e não come
Tem barbas, não é home ?
(Alemtejo : *O alho.*)
- (48) Cinco irmãs
Todas eguaes,
Anda uma nua
A despir as mais ?
(Alemtejo : *Aguilhas de meia*)
- Cinco mulheres
N'uma rua,
Quatro vestidas
E uma nua ?
(*Id., ib.*)
- (49) Torcida e lambida
E pelo c. mettida ?
(Alemtejo : *Linha e agulha.*)
- (50) No mato se cria
No mato se corta,
Ninguem me quer
Ver á sua porta ?
(Alemtejo : *Caixão de defunctos.*)
-
- (41) Archita chiquita
De buen parecer,
Ningun carpintero
La ha podido hacer,
Si no Dios del cielo
Con su gran poder.
(Andaluzia ; Marin,
Cantos, n.º 564.)
- (47) Tiene diente y no come,
Tiene barbas y no es hombre ?
(Andaluzia ; Marin,
Cantos, n.º 502.)
- (50) En el campo fui criado
En el campo fui nacido,

- (51) Trez cada vez,
Sete cada noite
E uma cada mez ?
(Lisboa : *Comer trez
vezes ao dia, dor-
mir sete horas, e
confessar-se todos
os mezes.*)
- (52) Vae para o mato
Sempre encolhida,
E quando volta
Vem estendida ?
(Porto : *A corda do
carro.*)
- (53) Campo redondo,
Ovelhas ao longo ?
Pastor formoso,
Cadello raivoso ?
(Resende : *Céo, nu-
vens, sol e vento.*)
- Campo grande
Semente meuda,
- Menina bonita
Cão gadelhudo ?
(Amarante : *Céo, estrel-
las, lua e noite.*)
- (54) Que é, que é
Que anda sempre á roda
E nunca chega á porta ?
(O moinho.)
- (55) Redondinho, redondão
Cabe no ninho
Do pimpalhão ?
(O novello.)
- (56) Qual é a cousa
Qual é ella,
Mal entra em casa
Põe-se á janella ?
(O botão.)
- (57) Q'ál é a cousa
Cal é ella,
Onde está
Bem parece ella ?
(Minho : *A cal.*)

Donde quiera que yo entro
Todos lloran y supiran ?
(Marin, *Cantos*,
n.º 807.)

No monte nace,
No monte se cria,
Cando ven para casa
Hay mais choros que alegria ?
(Galliza ; Demofilo,
p. 349.)

(52)
Sai pra fora encollidiño,
E vén pra casa estiradiño ?
(Galliza ; Demofilo,
p. 347.)

(54)
Anda y anda toito l'año,
Y no ayega en cá e su amo ?
(Marin, n.º 607.)

Corre que te corre
Y nunca traspone ?
(Idem, n.º 608.)

- (58) Nasce na deveza
E vem comer
Com o rei á meza ?
(Minho : *A mosca.*)
- (59) Todos o tem,
Ninguem o quer ter,
E depois que o vêem
Não o querem perder ?
(Airão : *O piolho.*)
- (60) Estando o negro negrate
No seu carrapitate,
Veiu o vermelhete
E no cu lhe bate ?
(Douro : *Panella
ao lume.*)
- (61) Quando não tem agua
Bebe agua ;
Quando tem agua
E' que bebe vinho ?
(Ovar : *O moleiro.*)
- (62) Nós somos dois irmãosinhos
Ambos de uma mãe nascidos,
Ambos aguaes nos vestidos,
Porém não na condição;
Para gostos e tempéros
A mim me procurarão ;
Para mezas e banquetes
Fallemlá com meu irmão,
Que a uns faz perder o tino
E a outros a estimação.
(Rio de Janeiro: *Vinagre e vinho.*)

(58)
Qu' é o que nace na debeza
Vên à casa e come co'a gente á meza?
(Galliza ; Demofilo,
p. 346.)

(60)
Er güey morenito
En la casa stá,
La chumaretada
'Ner cu le da ?
(Marin, *Cantos*, n.º 689.)

Que c'est qui peut et tent,
Et le rouge blicque blacque
Qui tout droit au cul li frappe,
Se fait remouvoir chou qui est ens ?
(Rolland, *Dev.*, n.º 160.)

De qu'es acó? de qu'es acó?
Madamo la Negreto
Puntado sur tres cambetos

E moussu lou Rouget
Qui li bafo al quienlet ?
(Languedoc; Roque
Ferrier.)

(61) Agua bebo
Porque agua no tengo ;
Qui si agua tuviera
Vino beberia ?
(Marin, *Cantos*, n.º 861.)

Sans eau je bois del'eau,
Triste effet du destin ;
Mais beaucoup d'eau
Me fait boir du vin ?
(Hilaire le Gai.)

No mi trovo aver acqua,
No bevo altro que acqua;
E s'io avessi dell'acqua
Al mio dominio
Acqua mai no beverei
Mà sempre vino.
(Ap. Marin, 1, p. 382.)

- (63) Uma senhora mui assenhorada
 Aceida no comer,
 Mastiga e bota fóra
 Engolir não póde ser ?
 (*A serra.*)
- (64) Estou aqui no meu cantinho
 Onde todos me vêm vér
 Mastigo e boto fóra
 Engolir não póde ser ?
 (*O moinho.*)
- (65) Uma Viuva presumida,
 Toda de luto vestida,
 E de Flores coroadada,
 E do Velho perseguida ;
 Quando o velho a persegue
 Ella faz a retirada.
 (*A noite, as estrellas
 e o dia.*)
- (66) Vim ao mundo sem ter pae.
 Minha mãe morreu queimada
 Fiquei uma pobre orfã
 De todos mui procurada;
 Uns para mimse chegam
 Outros de mim se afastam,
 Sebuscam onde persiste,
 Antes do terramoto
 Na Patriarcal assiste.
 (*Lisboa : Cal.*)
- (67) Verde foi meu nascimento
 E de luto me vesti
 Para dar luzes ao mundo
 Mil tormentos padeci ?
 (*Alemtejo: Azeitona.*)
- (68) Capella sobre capella
 Capella do mais fino panno ;
 Não adivinhas este anno
 Nem no anno que vier,
 Só se eu t'o disser.
 (*Castello de Vide: Ce-
 bolla.*)
- (69) Outo batem na calçada,
 Quatro olham para o céu;
 Um guia a cangalhada,
 Outro toca o chirineo ?
 (*Junta de bois; patas,
 cornos, carreiro e moço.*)
- (70) Estando a Dona Princeza
 Entre taboas e taboinhas,
 Chova que não chova
 Sempre está molhadinha ?
 (*Lisboa: A lingua.*)
- (71) Verde foi meu nascimento
 E de roxo me vesti ;
 Na cabeça me puzeram
 Uma corôa de rainha;
 De dentro de mim tiraram
 Cento e uma perola fina ?
 (*Lisboa : A romã*)
-
- (67) Verde fué mi nacimiento
 Y de luto me vesti,
 Y por darle gusto al mundo
 Dos tormentos padeci ?
 (*Marin, Cantos, n.º 458.*)
- (68) Demofilo, *Coll. de Eni-
 gmas*, p. 349, uma ver-
 são gallega.
- (70) En una sala
 Stá Doña Ursula,
 La cáatala, la mirala
 La escuchala.
 (*Marin, Cantos, n.º 308.*)

(72)
 Sou filho de pass cantantes,
 Minha mãe não tinha dentes,
 Nem nenhum dos meus parentes,
 Eu de mim sou todo calvo,
 Meu coração amarelo,
 E o meu rosto é alvo?
 (Alemtejo: *O ovo.*)

(73)
 De Roma está bem perto,
 Uma casa bem ordenada,
 E tem corôa
 É d'aboboda fechada?
 (Alemtejo: *A romã.*)

(74)
 Anda de buraco em buraco
 Sempre com as tripas arrasto?
 (*A agulha e a linha.*)

(75)
 Sou senhora e não soberba,
 De espiritos elevados,
 E a muitos homens no mundo
 Tenho feito desgraçados:
 Tenho um pae bem conhecido
 De toda a casta de gente,
 Tenho um irmão muito agreste
 Que de mim sempre anda ausente,
 Minha avó, velha enfeitada
 Sem bordão não se sustem;
 Porque a catem de anno a anno
 Dará tudo quanto tem.
 (Alemtejo: *Aguardente,
 Vinho e a Cêpa.*)

(76)
 Uma menina entrevada,
 Quando sae vae de carrinho,
 Quando come lança fóra,
 Um treme, um ri, outro chora?
 (Alemtejo: *A peça de
 artilheria.*)

(77)
 É de carne e não tem carne,
 É de osso e não tem osso,
 Tem um páo no pescoço,
 Tem um olho que lhe chora;
 Adivinha o que é isto agora?
 (Alemtejo: *A borracha
 de vinho.*)

(78)
 Ninguirininhim, coitada,
 Não tem camisa nem fralda;
 Anda por onde anda a gente,
 Quando a matam fica contente.
 (Alemtejo: *A fome.*)

(79)
 Para andar lhe ponho a capa,
 E tirei-lh'a para andar;
 Que elle sem capa não anda,
 Nem com ella pôde andar?
 (Porto: *O pião e a feira.*)

(80)
 Toda a gente a pôde vêr e causar,
 Mas ninguem vender ou trocar?
 (Porto: *A sombra.*)

(74)
 De burato en burato
 Vai co' as tripas arrastro?
 (Galliza; Demofilo, p. 344.)

Sauvé, nas *Devinettes
 bretones*, p. 95, traz
 uma variante fran-
 ceza.

(79)
 Atar para andar
 Para andar desatar;
 Para andar me pongo capa,
 Y con ella no puede andar.
 (Marin, *Cantos*, n.º 757
 e 758.)

As *Adivinhas* populares apresentam fórmulas que constituem generos progressivos; umas vezes são equívocos de linguagem, homonymias e duplo sentido pendendo para o lado licencioso; outras vezes são problemas numericos, de somma, de multiplicação e finalmente allusão a contos vulgares. Exemplifiquemos:

(81)
Estava para passar, não passou,
Porque passou quem passou;
Se não passasse quem passou
Tinha passado;

Passou quem passou, não passo.
(*O figo colhido por um viandante.*)

(82)
Uma dama tão galante,
Nos braços do seu amante,
Com buraco na barriga,
E as tripas adiante?
(*A guitarra.*)

(83)
Uma meia, meia feita
Outra meia por fazer,
Diga-me, minha menina,
Quantas meias vem a ser?
(*Metade de uma meia.*)

(84)
• Quatrocentos guardanapos,
Seis vintens em cada ponta,
Diga-me lá por cantigas
Em quanto somma esta conta?
— A conta está bem deitada,

Sem alcaide, nem escrivão;
Quatrocentos guardanapos
Quatrocentos pintos são.
(*Alemtejo e Brazil.*)

(85)
Estando o durmo, durmo,
Debaixo do pende, pende,
Vem o curro, curro
Para matar o durmo, durmo,
Caiu o pende, pende
Na cara do durmo, durmo,
Acordou o durmo durmo,
Correu atraz do curro, curro,
Matou o curro, curro,
E comeu o pende pende.
(*Porto: Rapaz, castanheiro e cobra.*)

(86)
Estando dois-pés com pé
Em cima de trez-pés sem pé,
Veiu quatro-pés sem pé
Furta-lhe o pé sem pé;
Dois-pés sem pé
Pega em trez-pés sem pé
Atira-o a quatro-pés sem pé
E quebra-lhe um pé sem pé.

(86) D. Joaquín Costa, na *Poesia popular española*, p. 272, traz esta adivinha como a ouviu no Pirineu de Aragão:

Dos peus se comeba um peu,
encima de tres peus,
va veni cuatro peus,
y furta el peu;

dos peus coge el tres peus
lo hi tira a cuatro peus
y le rompe un peu.

CAPITULO II

Cantigas, Romances e Comedias populares

As fórmãs universaes das Litteraturas, *Lyrismo, Epopea e Drama*. — A Nacionalitteratura considerada como origem das obras primas individuaes. — *As Cantigas portuguezas*: Unidade do lyrismo occidental. — As fórmãs mais antigas das canções portuguezas: Controbaduras (Serranilhas, Muineiras, Villanellas.) — A poesia popular ligada á vida domestica: Despiques de conversados; Epithalamios ou cantigas nupciaes, Cantigas do berço e Endexas dos mortos. — Cantigas das Festas religiosas: Janeiras e Reis Magos; S. Pedro, S. João, Santo Antonio, Espirito Santo, Paixão, Colloquios do Presepio. — Fórmulas dos jogos, dos apódos locais, dos anexins, adivinhas, esconjuros, Neumas e estribilhos. — *Romances ou Aracias populares*: Unidade do Romanceiro occidental; Romances communs a Portugal, Hespanha, França meridional, Italia e Grecia moderna. — As tradições homericas na região mediterranea. Plano de classificação dos Romances heroicos segundo os themas fundamentaes: Cyclos da Mulher infiel; da Esposa fiel; da Mulher forte; da Mulher captiva; da Esposa perseguida. — As modificações do Romanceiro segundo D. Francisco Manuel. Romances citados nos escriptores portuguezes. — As explorações criticas d'este veio tradicional. — *As Comedias populares e as origens do Theatro nacional*: A comedia separando-se do elemento lyrico, Córos e Bailes de terreiro, Mascaras, Dansas religiosas. — Typos comicos: O Ratinho — A Comedia separando-se das narrativas heroicas: *Mascaradas, Auto de El-rei de Barberia, Rei da Mourama, Auto de Ferrabras e Floripes*. — Autos hieraticos: Natal, Loas do Cirio do Cabo, Auto de S. Catharina. — Dialogo do Martyr S. Sebastião — Origens tradicionaes de alguns Autos de Gil Vicente. — Theatro aristocratico: Cavalhada de D. Sebastião — As Touradas. — As Farças: As festas dramaticas em Niza — As Malhadas do Centeio no Minho; os Azeiteiros no Alemtejo e Algarve; Procissão das Séstas em Coimbra. — O theatro prohibido pela intolerancia ecclesiastica.

Antes de receberem o desenvolvimento e fixação da fórmula escripta, as linguas cultas tiveram um longo

periodo de elaboração oral, de incerteza de sons, de divergencia dialectal, de superabundancia synonymica, até que por circumstancias historicas vieram constituir-se em disciplina grammatical; correlativamente as Litteraturas nacionaes, antes de serem escriptas n'essas linguas, tiveram tambem um periodo de efflorescencia espontanea, em que os themas tradicionaes se transmittiam oralmente entre o povo e de idade em idade, até que foram fixados em obras individuae que caracterisam as epochas classicas das Litteraturas. Nas Litteraturas antigas, o seu periodo oral só pôde ser recomposto incompletamente através dos vestigios tradicionaes conservados pelos escriptores; nas Litteraturas modernas esteve por muito tempo perdida a noção d'esta relação mutua do povo com o escriptor, mas é facil determinar ainda hoje na multiplicidade das tradições populares os typos fundamentaes das Litteraturas que subsistem oralmente. Deve ser este o ponto de vista scientifico na investigação dos cantos populares de qualquer paiz.

As Litteraturas antigas ou modernas, do oriente e do occidente, apresentam as mesmas fórmas ou typos fundamentaes universaes, que são o *Lyrismo*, a *Epopeia* e o *Drama*. Derivam estas fórmas communs da expressão do sentimento de phases sociaes analogas nas raças superiores; o *Lyrismo* nasceu da idealisação da vida domestica, e desenvolveu-se na estabilidade do trabalho pastoral ou agricola, como se vê nos *Epithalamios* ou cantos nupciaes, nas cantigas do berço ou *Nannarisma*, nos cantos funerarios ou *Nenias*, nos cantos das segadas e das vindimas. Quando um culto publico foi o consensus commum d'estes interesses sociaes, e o governo exercido pela classe sacerdotal se tornou theocratico, a consagração dos actos familiares fez-se por meio de hymnos, (de *sumna*, a boa palavra) como se comprova pela inapreciavel col-

lecção do Rig-Veda. Quando a ordem social se baseou na actividade guerreira, e as familias ligadas em tribus sob chefes militares obedeciam ao poder aristocratico ou feudal, os cantos serviram para a idealisação dos fortes, para a narração das luctas de resistencia nacional, e produziram-se as cantilenas ou rhapsodias das *Epopéas* da Chaldêa, da India, da Persia, da Grecia, da Germania e da França. Quando finalmente o trabalho industrial ou constructivo se substituiu á actividade da guerra, que de destructiva se tornou em defensiva, a multiplicidade dos interesses subordinou-se á noção de deveres mutuos; d'aqui as collisões moraes que produziram os elementos do *Drama*, os typos individuaes, as situações e a intriga. As fórmulas dramaticas correspondem a uma phase social democratica, encerrando no seu desenvolvimento todos os elementos da anterior constituição, taes como o intuito cultural no drama hieratico ou *Moralidade*, o conflicto da força heroica no drama aristocratico ou *Tragedia*, e a peripecia do antagonismo dos pequenos interesses no drama burguez ou *Farça*. Ao estudo d'estas fórmulas universaes transmittidas oralmente tem-se dado o nome de Nacionalitteratura.

As Cantigas populares portuguezas. — O primeiro facto que se impõe á observação do investigador é a multiplicidade das fórmulas do lyrismo popular portuguez, ligadas aos actos da vida individual ou social; temos os cantos epithalamicos para celebrar o casamento, costume commum á Galliza onde tem o nome de *Regueifas*. Em Traz os Montes, o casamento divide-se em trez actos cerimoniaes, sempre acompanhados de cantigas; ao dia em que se escrevem os pregões, chama-se *ir aos cachos*; á festança depois dos pregões chama-se *levar os parabens*, e á espera que se faz aos noivos quando vêm da igreja, obrigando-os

passar por debaixo de um arco enramalhado, chama-se *deitar os laços*. No *Cancioneiro popular* vêm algumas cantigas (p. 133) das que usam n'esta occa-sião; já vimos como Fernão Lopes descrevendo o casamento de D. João I, falla das «*donas filhas d'algo e isso mesmo da cidade cantavam indo detraz como he costume de vodas.*» (1)

As cantigas do berço ou de acalantar constituem um dos generos mais bellos do lyrismo do povo, como as *lullabies* do norte, as *nannarisma* dos Hellenos, e as *Ninni-nanne* da Corsega.

Em uma cantiga de Coimbra se diz :

A cantiga do ró, ró
Minha mãe m'a ensinou ;
Quando eu estava no berço
Logo m'a ella entoou. (2)

N'esta outra cantiga do berço :

Viste a donzella	Maria lavava
À beira do rio	José estendia,
Lavando os panninhos	O menino chorava
De seu bento filho,	Com o frio que fazia...

acham-se os seguintes versos italianos, do canto Gesù bambino :

Maria lavava
Guisèppe stennéva,
Èr su fijo piagnéva. (3)

Dos cantos funerarios restam apenas vestigios

(1) Vide retro, vol. I, p. 251.

(2) Neves e Mello, *Musicas e Canções populares*, p. 228. Vid. retro, vol. I, p. 284.

(3) *Rivista de Letterature popolare*, p. 175.

historicos, nas *Endexas* ao Condestavel e á morte do principe D. Affonso; comtudo em Santarem ainda se usam os cantos funebres em côro, todas as noites de quaesma, em que se *pede para as almas*.

Os cantos amorosos são os mais geraes; a fórma da quadra presta-se ao improviso, aproveitando qualquer comparação ou imagem. A quadra apparece entre os Arabes, os Celtas e os povos germanicos; no paiz de Galles tem o nome de *Pennill*, no Frioul é a *villota*, na Toscana o *Rispetti*, em Hespanha é a *Seguidilha* e em Portugal é propriamente a *Cantiga*. Schuchardt achou quadras andaluzas, semelhantes no pensamento e fórma ás quadras que se cantam nos Alpes allemães (Stiria, Carintia, Salzburgo, Tirol e Suissa.) Contam-se aos centenaes as quadras communs a Portugal, Galliza, Asturias, Castella e Andaluzia, o que revela a persistencia de um fundo tradicional; comtudo este genero é principalmente improvisado, e em desafio poetico a que se chama a *desgarrada*, havendo em geral pelas aldeias cantadores de fama e de profissão.

É admiravel a persistencia de um typo primitivo do lyrismo popular, a que Berceo chamava *Contrabadura*, que apparece nos nossos Cancioneiros provençaes, com o nome de *Serranas* ou *Serranilhas* dado pelo Marquez de Santillana, a que na Gasconha se chama *Villanelas*, e na Galliza *Muñeiras*. Estes cantos, que se acham intercallados bastantes vezes nos *Autos* de Gil Vicente, e em outros poetas que se aproximaram das fontes populares, como Castillejos e S. João da Cruz, subsistem ainda em toda a sua graça em Rebordainhos. (1) As fórmas da Serranilha apparecem

(1) Vide o estudo d'esta fórma no nosso trabalho *Sobre a Poesia popular de Galliza*, servindo de introdução ao *Cancioneiro gallego* de D. José Perez Ballesteros.

na sua rigorosa estrutura nos cantos accádicos, traduzidos por Lenormant, e em muitos cantos chinezes do *Chi King*, traduzidos por Legge, o que comprova a these d'este trabalho em todas as suas particularidades. (1) Gil Vicente reproduz este typo poetico «arremedando os da Serra»:

E se porei la maõ em vós,
Garrido amor !

Um amigo que eu havia,
Maçanas de ouro me envia ;
Garrido amor.

Um amigo que eu amava
Maçanas d'ouro me mandava,
Garrido amor.

Maçanas de ouro me envia ;
A melhor era partida ;
Garrido amor.»

(Obr., II, 444.)

Os primeiros dois versos formam o que ainda entre o povo se usa e chama *Pé de cantiga*. Gil Vicente indica nos seus *Autos* muitas canções populares, para se repetirem na representação scenica, apontando-lhes apenas o *pé de cantiga*, por serem muito conhecidas ; a *Farça dos Physicos* termina com uma *Ensalada* composta dos pés de diferentes cantigas. (2)

Gil Vicente allude a um outro genero de cantigas populares, a que chama *Cantar guaiado* (III, 143) ; é assim denominado da neuma *Guay* ou *Ai*, como se

(1) Este ponto de vista acha-se desenvolvido na *Introdução* ao Cancioneiro portuguez da Vaticana.

(2) *Obras*, t. III, p. 323.

usa ainda no Minho, e de que apparece um exemplo nitido na cantiga asturiana :

Ay ! un galan d'esta villa,
 Ay ! un galan d'esta casa,
 Ay ! él por aqui venia,
 Ay ! él por aqui llegaba.
 — Ay ! diga lo qu' él queria,
 Ay ! diga lo qu' él buscaba !
 • Ay ! busco la blanca niña,
 Ay ! busco la niña blanca,
 Que tiene la voz delgadina,
 Que tiene la voz delgada... (1)

Conforme as *neumas* usadas nas cantigas populares assim se constituia um genero poetico ; na Galliza chamam-se cantigas de *Alalála* as que acabam com este estribilho ; uma composição de Pedr'Anes Solaz é acompanhada do estribilho *Leia*, (2) que faz lembrar as *Leilas* arabes, prohibidas no seculo xvi por Filippe II. Antonio Prestes allude a este genero, no *Auto da Ave Maria* :

Moço : Outra letra que mais sôa
 de mais lévedo fermento
 que essa sei eu.
 RAZÃO : De que intento ?
 Moço : *Lé, lé, lé Maria Leitôa*
Lé, lé, lé para que sois boa. (p. 21.)

Serei *Maria Leitôa*
 contra vós, *porque era boa,*
lé, lé, para apanhar ratos.

(Serrão de Castro, 187.)

As cantigas em tercetos, a que na Galliza se cha-

(1) Menendez Pidal, *Romancero asturiano*, p. 147.

(2) *Canc. da Vat.*, n.º 415.)

mam de *Ruada*, apenas as temos encontrado no Minho; os dialogos em descante de desafio ou desgarrada, são como as *Enchoyadas* da Galliza; os *apupos*, que se podem graphicamente escrever *Hihih!* apparecem no Alto Aragão com o nome de *renchilido*, usados no fim dos cantos, e D. Joaquin Costa transcreve-os na fórma *Ijji!* Diz este critico: «Com grande surpresa nossa encontrámos nas montanhas de Sobrarbe, junto do Sanctuario de San João de la Penha esse grito bellico que até agora era patrimonio exclusivo dos asturianos, e que os eruditos remontavam á epoca celtica da nossa historia.» (1) Em quanto ás tradições poeticas, as Asturias, Galliza e Portugal fórmam uma perfeita unidade ethnica, como muito bem observou Menendez Pidal.

O *Cancioneiro popular* está ligado aos sentimentos da vida publica, tendo por objecto as festas religiosas; taes são os Cantos das *Janeiras*, dos *Reis*, de *S. Gonçalo*, de *S. João*, *Santo Antonio* e *S. Pedro*, as *Maias*, *Passos da Paixão*, *Espirito Santo*, *Alvoradas* e *Romarias*, *Colloquios de Presepio*, e *Orações* para acompanharem todos os actos da vida. (2) As fórmulas poeticas dos *Jogos*, *Apodos pessoases e locaes*, dos *Anexins* e *Adivinhas*, *Esconjuros magicos e medicinaes* e das *Prophecias*, conservam os typos mais vetustos do lyrismo popular, em que o verso tem ainda o poder maravilhoso do *Carmen*, e em que as tautologias, aliterações e rimas são empregadas com seriedade.

Os Romances ou Aravias populares.— Existe entre o povo um certo numero de narrativas heroicas em verso quinario ou octonario, assonantados, a que os

(1) *Poesia popular española*, p. 174 e 278.

(2) De todos estes generos temos apresentado os typos principaes nas collecções por nós colligidas ou publicadas.

escriptores deram o nome de *Romances*, e a que na linguagem vulgar se chamou *Aravias*. D'estes Romanes uns são communs a todo o Occidente europeu, como Portugal, Hespanha, Provença, Italia e Grecia moderna, outros versam sobre factos de historia nacional, e foram pelos antigos chronistas recebidos como documentos coevos, ainda hoje de um alto valor lendario. Tanto a palavra *Romance* como *Aravia* são designações anachronicas d'estes rudimentos epicos da tradição occidental muito anteriores á civilisação romana e arabe; o nome de romano contrapoz-se ao de barbaro, e exprimindo uma certa unidade de civilisação recebida da incorporação romana, a palavra *Romance* veiu a designar as linguas novo-latinas e simultaneamente os cantos vulgares. O povo não sabe repetir essas narrativas heroicas sem se acompanhar de uma melopêa, e como a musica na epoca do maior desenvolvimento dos romances era a dos arabes, como vemos pela persistencia dos instrumentos, como a *quidra*, d'aqui a designação de *Aravia* tirada da sua dependencia melodica.

Na Andaluzia, chama-se aos romances populares *Corrio*, *Corrido*, *Carrerilla*. (1) Alguns dos cantos heroicos occidentaes apparecem nos seus contornos nas rhapsodias homericas, como o notou Lang, e Ampère aproximando a *Bella Infanta* ou a volta do Cruzado do *Regresso de Ulysses*. (2) Strabão falla da existencia de lendas do cyclo de Troya entre os povos ibericos; e referindo-se ás viagens de Ulysses diz: «Não só na Italia se conservam restos e logares d'essas historias, senão que na Iberia existem mil vestigios

(1) Duran, *Rom.*, t. I, p. 177.

(2) Pittré na tradição popular da Sicilia encontrou a lenda de Polyphemo. (*Rev. des Deux Mondes*, 15 de agosto de 1875.) Por isto se vê que fragmentos epicos que entraram nos poemas homericos ainda subsistem no Occidente.

de taes expedições assim como da guerra de Troya.» (L. III, II, § 13.) Não quer isto dizer que essas tradições fossem recebidas pelas colonias jonicas, porque a raça jonica que elaborou os poemas homericos tomou a maior parte dos seus themes de uma raça mais antiga, como Lang observa nos vestigios achados entre os Chinezes e Oguzes, o que leva a inferir que a primitiva população occidental era effectivamente mongoloide.

A forma do Romance explica-se pois pela theoria de Lachmann em relação aos poemas homericos, ou á epopêa germanica. De uma epoca ante-historica proveu-nos um certo numero de Cantos isolados entre si, independentes na narrativa que desenvolvem, apenas com a relação ao cyclo commum de Lendas d'onde derivam. É este o periodo de elaboração espontanea da epopêa; aquelles que repetem essas Canções isoladas são os *Sutas* na India, os *Aedos* na Grecia, os *Troveiros* ou jograes na Edade media. Succede-se um periodo de coordenação systematica feito por outros cantores, como os *Kavy* da India, os *Rhapsodos* na Grecia ou os *Clerc* nas Gestas frankas. Os Romances peninsulares ou occidentaes são o primeiro rudimento das Lendas epicas primitivas, que não chegaram a ser systematisadas, porque outros interesses historicos provocados pelas conquistas romana, germanica e arabe, e pelo conflicto de diversas crenças polytheistas christã e islamica, não lhe deram a convergencia de uma expressão nacional. O facto da unidade d'estes themes epicos, ou Romances, foi reconhecido por Nigra, Liebrecht e Du Pymaigre, resultando esta conclusão do mais evidente processo comparativo de qualquer romance vulgar. É tambem evidente que as situações sociaes e moraes que apparecem n'esses Romances, quer sejam portuguezes, hespanhoes, francezes ou italianos, representam um estado de atrazo

barbaro, e inferior ao que pela historia se sabe dos povos hellenicos, italicos e celticos. Pôde-se affirmar, que pela monstruosidade das situações moraes os Romances correspondem a uma sociedade barbara, inferior ao que se conhece da mais antiga constituição de todos os ramos áricos; considerando esses themas, vê-se que todos elles têm por personagens heroicas *mulheres*, circumstancia singular que ajuda a fixar a sua origem. Foram creados esses poemas sobre as reminiscencias de uma sociedade hetairista; comprova-se isto com os vestigios dos cultos femininos de prostituição sagrada deixados por uma raça que occupou o Occidente antes dos Árias. É a este fundo ethnico que se deve attribuir o elemento proto-semita da epopêa hellenica, bem como os Romances communs ao Meio dia da Europa. Os poemas de Istar, de Proserpina, de Ceres, de Andromeda, de Pasiphae, de Phedra, de Medêa, representam a mythificação de forças telluricas e successivamente a sua decomposição em lendas poeticas na passagem de uma sociedade agricola para a constituição aristocratica ou guerreira sob chefes patriarchaes.

Nos Romances da *Sylvaninha*, do *Conde Alarcos*, do *Conde da Allemanha*, do *Bernal francez*, do *Rico Franco*, ha um estado de consciencia compativel com uma civilização extremamente rudimentar, e as catastrophes excedem as emoções de uma sensibilidade delicada. Como a população hispanica, de que resultou o povo das actuaes nacionalidades peninsulares, foi formada pela contribuição de muitas raças diferentes, nos Romanceiros acham-se elementos epicos de diversas proveniencias; ha assim rudimentos propriamente áricos, gregos, germanicos, e normando-byzantinos. Se houvessemos de estabelecer uma classificação dos Romances populares actualmente colligidos da tradição oral, na Beira Baixa, Traz os Montes,

Algarve, ilhas dos Açores, Madeira e Brazil, formarmos os seguintes grupos de temas :

CYCLO DA ESPOSA FIEL, que foi desenvolvido nas lendas de Penelope : *Bella Infanta, D. Catherina, Não Catherineta, Noiva roubada, O cativo, D. João da Armada, Santa Cecilia, D. Henrique d'Alencastro.*

CYCLO DA ESPOSA INFIEL : *Bernal francez, Morena, Conde da Allemanha, D. Alberto, Flor de Marília, Romance da Condessa, Moiro atraído, D. Ouliva, Mal casada, O soldado;* o valor d'este cyclo acha-se no desenvolvimento epico do typo de Helena.

O CYCLO DA MULHER FORTE, synthetizado no typo de Kudrun : *Infantina, Donzella que vae á guerra, Gerinaldo, Filha do Imperador de Roma, Duque de Lombardia, D. Carlos de Monte'alvar, Lisarda, D. Areria, Juliana e Jorge, a Pastorinha.*

CYCLO DA MULHER CAPTIVA, de que se conhece o typo indiano de Sita : *D. Gaiheiros, Melisendra, Branca-Flor, Senhora dos Martyres, Flora, D. Franco, Florbella, Donzella e o punhal, A Enganada.*

CYCLO DA MULHER PERSEGUIDA e DA ESPOSA DESGRACADA, de que o typo mais universal é o de Crescencia : *Alferes roubador, Romeirinha, Sylvana, Conde Niño, D. Aleixo, D. Pedro, Hortelão das flores, D. Agueda de Mexia, Casamento e mortalha, Conde Preso, Roncesval, Iria a Fidalga, O Cego, Toureiro namorado, Donzella que se fina de amor, D. Hellena, D. Maria, Má nova, D. Duardos, Galantinho, Cavalleiro da Silva, D. Rodrigo, Pomba sem fel.* (1) Desde que estes romances não foram entendidos, ficaram abandonados ao automatismo popular, adaptando as situações

(1) De muitos d'estes romances temos publicado mais do que uma versão, acompanhada de notas comparativas. Não desenvolvemos este estudo, porque está amplamente tratado na *Historia da Poesia popular portugueza e Epopêas mosarabes.*

violentas aos novos costumes sociaes; assim o que é hoje uma referencia ao Brazil, substitue uma reminiscencia das Cruzadas, que derivou de uma expedição jonica. Os successos contemporaneos foram, como acontece com a *parodia*, repetindo-se na fôrma metrificada, narrativa e dialogada dos successos antigos; é assim que o povo elabora os cantos heroicos. Quando, no seculo XVI, os principaes escriptores portuguezes se aproximaram das fontes populares da Litteratura, chamaram *Romances velhos* aos que andavam na tradição, e *Letra nova* aos que se formavam sobre esses typos; diz Jorge Ferreira: «e eu enfadado de certezas não vos darei uma palha por um romance velho...» (1) E quando no *Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel, vae D. Gil cantar á guitarra a *Sylvana* e a *Infantina*, diz-lhe a moça: «Uma *Letra nova* quero» das que pertenciam ao genero de *Romances trovados*. Os guerreiros portuguezes na India, como refere Diogo do Couto, cantavam versos de Romances velhos applicados á situação em que se achavam nas batalhas, e o romance *Mira Nero da Tarpea*, era applicado sarcasticamente a D. Constantino de Bragança, então vice-rei. Assim o romance tradicional veio a constituir um genero litterario, em que escreveram em Hespanha, Lorenzo de Sepulveda, Juan de la Cueva, Lasso de La Vega, Lope de Vega, e em Portugal, Gil Vicente, Jorge Ferreira, Prestes, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel, até que esta fôrma uma vez desnaturada tornou-se a perder no ditado popular.

A conservação dos Romances velhos foi devida principalmente ás mulheres; Miguel Leitão de Andrada fallando do Romance do *Figueiral*, diz: «A qual me lembra a mim ouvil-a cantar muito sentida a *uma velha de muita idade*, natural do Algarve, sendo eu

(1) *Aulegraphia*, fl. 465, v.

muito menino.» (*Misc.*, 27.) O primeiro romance portuguez colligido n'este seculo por Costa e Silva, foi-lhe ditado por uma senhora natural de Gôa; Garrett que iniciou a investigação das tradições nacionaes, foi embalado na sua meninice pelos romances que lhe cantava uma criada mulata, e os primeiros romances que colligiu, deveu-os, diz elle, ao «obsequioso cuidado de uma *joven* senhora, minha amiga muito de coração.» E em outro logar recorda-se: «De pequeno me lembra, tinha um prazer extremo de ouvir *uma criada* nossa em torno da qual nos reuniamos, nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio resadas, estas xacaras e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros.» Nos Açores completou a sua collecção por uma circumstancia fortuita: «Foi o caso, que umas *criadas velhas* de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irmã appareceram sabendo varios romances...» Silva Pereira, em um estudo *Da Poesia antiga*, escrevia em 1845, alludindo aos romances tradicionaes portuguezes «os quaes só na bocca do povo se encontram, e com especialidade na bocca das *velhas criadas*, que muitas vezes costumam cantar ás criancinhas e para entreter os rapazes.» (1)

Na transformação dos velhos Romances, os cavalleiros da epoca feudal substituiram-se muitas vezes por salteadores, idealisados pelo povo por causa da sua audacia; em Hespanha formou-se espontaneamente o

(1) *Revista litteraria*, do Porto, t. xii, p. 121. Nos versos do poeta sevilhano Bernardo del Alcazar, do seculo xvi, descreve a vida da aldêa, indicando este costume das *Aravias*:

Tener una esclava mora,
Que os hable algarabia.

Ap. Gallardo, *Bibl. esp.*, p. 88.

cyclo de Romances de Guapos y Valentones, ou as xácaras e xacarandinas, em que são heroes Francisco Esteban, Salvador Bastante, Escobedo, Rasgado. Na Italia, principalmente Sicilia, Napoles e Toscana, abundam as *Storie dei più famosi banditi*; (1) e na Grecia moderna pertencem a esta nova poesia epica os cantos do Klephtas, e em Portugal os *Fados*.

Conservam-se na transmissão oral alguns Romances da historia portugueza, taes como os da *Rainha Santa*, colligidos no Funchal, Estremoz e Elvas, o *Cantarillo á Forneira de Aljubarrota*, o *Casamento mallogrado* cantado desde a morte do principe D. Affonso, o romance sobre a Batalha de Lepanto ou *D. João da Armada*, o fragmento de romance da tomada de Salsete, e o romance sobre o Terremoto de Villa Franca, de 1522, «Do qual, como escreve João de Barros, se fez uma cantiga ao modo como ácerca de nós se cantavam os romances de cousas acontecidas.» (2) Ha tambem romances sobre as lendas de Santo Antonio, dos amores de Iñez de Castro, do Conde D. Pedro Menino, e cantos diologados relativos ao Condestavel Nun'alvres, o Cid portuguez.

Em todos os Romances populares, a parte descriptiva resume-se quasi sempre em um simples verso; a parte narrativa é apenas a indispensavel para collocar a acção, que se passa de um modo objectivo, em dialogos. Pelo desenvolvimento natural de qualquer Romance elle converte-se espontaneamente em drama, como vemos não só no do *Conde de Lusbella*, de uma versão popular da ilha de S. Miguel, como na fôrma litteraria dada por Balthazar Dias ao romance do *Marquez de Mantua*. D. Joaquin Costa observa, que o romance com fôrma dramatica conserva-se no

(1) *Rivista di Letteratura popolare*, p. 302.

(2) *Decada III*, liv. 1, cap. 5.

Alto Aragão, entre os Bascos francezes, no Tyrol, na Bretanha, no Artois e nas Filipinas. (1)

As Comedias populares.— Como uma criação artistica ulterior ás fôrmas estheticas do Lyrismo e da Epopêa, o theatro apresenta nas suas origens a dupla influencia d'estes elementos. Segundo Valerio Maximo o drama tinha uma origem hymnica, e segundo Aristoteles provinha dos episodios da epopêa, e assim se explicava a etymologia da palavra Comedia, de *komé* a aldeia, e de *komos*, o festim. Não se excluem estas duas origens, sendo necessarias ambas para estabelecer por um processo generativo o desdobramento das fôrmas do theatro popular. Começemos pelo elemento lyrico da comedia; o seu germen é o *Côro*, do qual se destaca uma Voz ou Guia, a que na Grecia se chama *Ypocrites*, (2) que vae respondendo ou ajudando a dar movimento á lenda que se celebra.

Nas Cantigas em *Côro* em volta da sepultura do Condestavel, tambem se destacava uma *Voz*, que levantava o canto narrativo, ao qual respondiam *Todos*: «*No me digades, none,— Que santo é o Conde,*» e tambem: «*Sancto Condestabre,— Bone portuguez.*» Juntamente com o *Côro*, o rhytmo é marcado pela *Dansa*, que dá á parte narrativa uma expressão figurada; por isso juntamente com o *Côro* religioso apparece a *Dansa* hieratica subsistindo nos costumes populares. Depois da Peste grande, fez-se em 1570 a Procissão, que ainda hoje se conserva em Lisboa, com *Dansas e invenções*; na procissão de Corpus usavam-se as *Dansas* dos officios, e Bluteau em um Sermão de 1723 allude á parte mimica das procissões: «Em Lisboa, nas procissões de quaresma, saem uns penitentes

(1) *Poesia popular española*, p. 200, nota.

(2) Burnouf, *Hist. de la Littérature grèque*, t. 1, p. 223.

cercados de tantas espadas tiradas da bainha, como em som de batalha...» A Voz, que se destacava do Côro é a *Persona* ou a *Mascara*, rudimento do typo popular; na Ordenação philippina prohibiam-se as mascararas nas procissões. (1)

Já vimos como dos *Threnos* lyricos provinham as festas sepulchraes com *character dramatico*; dos *Hymneos* tambem derivam fôrmas theatraes desenvolvidas pelo povo. No *Romancero del Cid* vem a descripção de um casamento, com o seguinte facto:

Salio Pelayo hecho toro
 Con un paño colorado,
 Y otros que le van siguiendo,
 Y una danza de lacayos.

 Y Pelayo con vejigas
 Fugendo de los muchachos.

Em um Sermão de Santo Eloy, do seculo vii, prohibe-se: «Que nas calendas de Janeiro se não representem farças ridiculas, *transfigurando-se em novillo ou em veado novo.*» Este costume apparece ainda actualmente no Brazil, por occasião da festa do Natal, figurado dramaticamente com o titulo de *Bumba meu Boi* e de *Cavallo Marinho*. (2) Celso de Magalhães descreve este costume persistente na Bahia: «Um outro grupo pulava e saltava diante de um Boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados.»

Na *Revista brasileira* lê-se: «um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas trazendo consigo a *figura de um boi* por baixo do qual occulta-se a figura de

(1) Liv. i, tit. 66, § 48.

(2) Vid. *Cantos populares do Brazil*, vol. i.

um rapaz dansador. Pedem com cantigas licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença *apresenta-se o Boi e rompe o Côro*. O Vaqueiro representa sempre a figura de um negro ou de um caboclo, vestido burlescamente e que é o alvo das chufas e pilherias populares.» (1) O Theatro portuguez recebeu fôrma litteraria no monologo do *Vaqueiro*, de Gil Vicente. Dos costumes do campo, e das hostilidades locaes, destaca-se o personagem objecto das chufas da multidão, que vem a tornar-se o typo consagrado de drama popular. Gil Vicente creou este primeiro typo da comedia popular portugueza, ou o *Ratinho*, o aldeão lórpa da povoação de Rates, e em geral de toda a Beira :

Muitos *ratinhos* vão lá
De cá da serra a ganhar,
E lá os vêmos *cantar*,
E *bailar* bem como cá. (II, 443.)

E no mais triste *ratinho*
Se encherava uma alegria
Que agora não tem caminho. (II, 447.)

Como este typo isolado, creou-se entre o povo o typo de Doutor pedante, de um personagem do tempo de D. João III, o *Doutor da Mula ruça*, e o typo da criada ladina ou *Siriganta*. (2) Aos cantos alternados, que deram origem ás Fesceninas italiotas, correspondem os nossos *Foliões*; e ás Dansas mimicas ou *Satura*, ou acompanhadas de canto com mascara, como as *Atellanas* oscas, correspondem as cerimoniaes do enterro das Sestas, do fim das malhadas e da colheita das azeitonas. Antes porém de descrevermos estes

(1) *Rev. brasil.*, t. I, p. 265.

(2) Filinto, Trad. das *Fabulas de Lafontaine*, p. 292.

costumes dramaticos portuguezes, vejamos como do desenvolvimento dos typos comicos tradicionaes nasceu a *Comedia del Arte*, em que as situações são improvisadas. Da Atellana osca, veio para a *Comedia del Arte* o Maccus que se chama *Polichinello*, o Pappus que é hoje o *Pantalon*, Casnar ou a *Cassandra*, Lannio ou o *Zanni*, Manducus ou *Croque-mitaine*, Desennus ou o *Dottore*, e Bucco ou a *Bringella*. Com estes personagens improvisam-se as mais surprehendedentes comedias; nos costumes populares hespanhoes, depois do trabalho do campo ou por occasião dos casamentos na Andaluzia, fazem-se os *Juegos de Cortijo*, em que se improvisam comedias, das quaes diz Lafuente y Alcantara: «solo hay premeditado y convenido el asunto principal y el desenlace; el dialogo y demas incidentes son improvisados por los actores. A veces es una relacion ó monologo, ó un sermon disparatado, que predica el mas suelto y gracioso en el decir, vestido con varias mantas y cubiertas del aparejo, de un burro, y mostrando en lugar de un crucifijo un conejo muerto, ó cosa tal.» (1) Já Scali- gero notara que entre os Lacedemonios existia egual costume, em que era um thema comico ou enredo *ir roubar fructa, e especialmente uvas*, o que corresponde ainda entre nós ao proverbio pittoresco: *O medo é que guarda a vinha*, como á fabula da Raposa e as uvas corresponde a locução: *Estão verdes*. Vejamos alguns dos themas dramaticos populares. Lêmos em um jornal ácerca da *Procissão da Sésta* em Coimbra: «Os aprendizes de pedreiros e carpinteiros festejaram no dia 15 do corrente, (Abril) o *primeiro dia da sésta* pela fórmula tradicional. Um rapaz, quasi nu, conduzido em triumpho n'uma padiola, esparge agua com uma vassoura e canta modas populares, que são acom-

(1) *Cancioneiro popular*, t. I, p. LI.

panhadas de vivas, entoados pela grande chusma de *trolhas*, que seguem o *andor* da sésta. É uma usança antiquíssima em Coimbra, e a nosso vêr, inoffensiva, a não ser o rapaz do andor que anda sujeito a varios perigos. A procissão costuma realisar-se do meio dia ás 2 horas da tarde e percorre toda a cidade.» A fôrma dramatica de Procissão, que o povo usa nas Malhadas do Centeio no Minho, e nos Azeitoneiros do Alemtejo, é o *Exodium* italico, ou o *Sainete* hespanhol.

É ao som de buzios, (como os Tibicinios) que os ranchos das *Azeitoneiras* vêm a Santarem acompanhadas de bandeiras enfeitadas com lenços e fitas de côres, nos mezes de Novembro a Fevereiro, durante a apanha da azeitona nos olivæes. O maior desenvolvimento dramatico d'este serviço campestre observa-se no Alemtejo :

«Tem muita graça o *apanhamento da azeitona e acabamento*, no concelho de Elvas, se bem que não podemos dispensar-nos de dizer, que ha ahi um acto a que ninguem deixará de chamar barbaro. É o *arrebolar*, do qual adiante trataremos. Ao aproximar-se o desejado Dezembro, não ha em Elvas uma rapariga, não ha em todo o concelho uma tricana que não salte, que não pule para alistar-se nos ranchos, que para apanhar a azeitona se formam por essa occasião. As criadas abandonam a casa onde estavam servindo, e desde o principio de Dezembro até ao fim de Janeiro subsequente, ou ainda principio de Fevereiro, estão os pobres amos á espera de criadas, pois antes d'esse tempo difficilmente as conseguem.

«No dia em que começa a colheita é eleito um *alferes*, uma *juiza* e uma *mordoma* em cada rancho. A colheita principia. Os rapazes já taludos occupam-se em varejar a azeitona, e as raparigas em apanhar a que vae cahindo. Durante este serviço reina verdadeira alegria entre esta gente. Os ditos exoticos, as

graças amorosas roubam-lhes mais atenção do que o trabalho. Ha em cada rancho um *feitor*, homem, que encarregado pelo dono do olival, regula e vigia os trabalhos.

«A certas e determinadas horas do dia, cada uma das raparigas e cada um dos rapazes se senta por entre as arvores, abre o seu farnel, a que chamam *panno aviado*, tira d'elle queijo e pão e começa a comer, pois é esse quasi sempre o alimento d'aquella pobre gente. Ha duas refeições no dia.

«Impertinentes brincuedos de rapazes, constantes esquivanças das raparigas, eis tudo o que acontece nas horas de refeição. Mas as travessuras dos rapazes não acabam ainda ahi. Convidam elles as raparigas para *arrebolar*, e se acaso ellas hesitam em acceitar o convite, hão de por força ceder. Cada um d'aquelles latagões corre para aquella que mais lhe *enche o olho*, enlaça-a, lança-se com ella de rojo, e ai do par que ao acaso se encaminha para algum sitio ladeirento... E n'este viver de delicias e de encantos vão atravessando Dezembro e Janeiro.

«No dia em que se deve acabar a colheita, e a que chamam *acabamento da azeitona*, as raparigas levam para o olival, cuidadosamente enfardados, vestidos e fitas de variadas côres, similhando os fatos de uma verdadeira mascarada; e os rapazes conduzem para ali um grande numero de archotes, e uma bandeira posta em comprida haste. Um pouco antes do sol posto, a *mordoma* e as demais raparigas tratam de enfeitar umas às outras, sendo sempre os melhores enfeites privativos da *juiza*, que pela maior parte das vezes deve a sua eleição á circumstancia de ser a mais formosa. Ao anoitecer, quando tudo se acha disposto, começa a procissão. O *alferes*, rodeado de archotes e agitando a bandeira, rompe a marcha em direcção á cidade; a *juiza* trazendo a *mordoma* ao seu lado es-

querdo, segue-o ; o rancho vem em descantes caminhando atraz. Chegando á cidade, dirigem-se á residencia do dono do olival, que saudam com vivas e palmas, este apparece, manda abrir-lhes as portas, dá-lhes de comer e de beber ; novas palmas e novos vivas lh'o agradecem, e em seguida pela mesma fôrma em que vieram, partem para a residencia do *feitor*, onde os espera uma bôa ceia. Depois de cear ha baile. N'aquella noite não deixam a casa do *feitor* ; cantam e dansam ao som de pandeiros, e, chegando o dia retiram-se saudosos do melhor tempo que passam em todo o anno.

«É n'aquelles ranchos que muitas inclinações se despertam, é alli que muitos casamentos se contractam.» (1)

No Minho a colheita do centeio é tambem o assumpto de um drama primitivo. Estende-se a palha na eira antes de romper o sol, e vem os *malhadores* convidados de vespera ; postam-se frente a frente quatro ou seis de cada lado, e cada qual ao compasso alternado descarrega o malho de modo a ouvir-se *cantar a eira* muito longe. Como este trabalho é feito debaixo das fortes calmas de Julho, vem de vez em quando a dona da casa com cangirão ou infusa de vinho verde dar de beber aos trabalhadores. Rompem os *apupos*, ou vivas inarticulados. Proximo da hora do meio dia, alguns trabalhadores a pretexto de irem compôr os malhos, buscam assaltar a cosinha, ha combate com as mulheres que estão em casa, saindo os malhadores quasi sempre vencidos e enfarruscados. Depois que se acaba a malhada, passêa-se a familia da casa em cadeirinha de mãos em roda da eira, e arrumada a palha procede-se ao drama do *Enterro da Velha*. Arranja-se um mono de palha, vestido de saias, deitam-no

(1) *Almanach de Lembranças*, para 1863, p 316.

n'uma padiola, e os malhadores levam-no em volta da eira, até que correm á desfilada pelos campos ; ao lado da velha vae pranteando o *viuvo*, dizendo chufas e respondendo, e assim levanta as gargalhadas. Outras vezes o viuvo não quer que vão enterrar a sua *velha*, e foge com ella indo pendural-a no alto de uma cereijeira.

As antigas *Dyonisiacas* eram os dramas rudimentares que nas aldêas se faziam por occasião das vindimas. Como os *Ludi compitales* de Roma, achamos outros rudimentos dramaticos de character profano na vida provincial portugueza.

Eis a descripção das Festas dramaticas em Niza, em 1828 : « Vinham os officiaes artistas muito compostos e preparados com suas jalecas de chita e drogas de varias côres, calça branca e chapéos de palha com muitas fitas e laços, e alguns com mascaras, por serem mais vergonhosos, e recatados, em duas fileiras, e os que traziam insignias e instrumentos no centro, todos muito contentes e alvorotados : na frente os Alfaiates, com suas reguas e tezouras, e chegando ao Rocio, e fazendo uma grande roda, começaram a desempenhar o seu papel, que consistia n'uma engraçada contradança e pantomima em roda de um cortiço, que já alli se achava quando elles chegavam.

« Para vêr a dansa e gosar o divertimento, foi sahindo do cortiço uma enorme e feissima aranha, que para estar mais á vontade e contente se collocou em cima d'elle, e ahi ficou ; mas reparando n'ella os danzantes, e sendo os Alfaiates homens de pouco animo e valor, não poderam continuar a dansa na presença de tão asqueroso e repugnante hospede, e trataram de o afugentar : vieram todos com suas regoas e tezouras alçadas fazendo varios trejeitos e gaifonas, mas o peçonhento bicho, apenas os avistou, refugiou-se no profundo covil, com o que ficaram vexados e cor-

ridos os aggressores, que immediatamente retiraram a seus logares; e querendo continuar o folguedo, viram de novo o atrevido insecto, que do alto do baluarte os provocava a novo conflicto, que seus inimigos reprehenderam com equal resultado; mas tanto foram e vieram, que a pobresinha teve de perecer victima de uma cilada que lhe armaram, ficando um dos mais corajosos embuscado junto do forte, e cortando-a depois com a tezoura, quando ella mais se ufanava e ensoberbecia de sua victoria. Uma estrondosa acclamação dos circumstantes, e muitos foguetes annunciavam o final do divertimento dos primeiros artistas.

«Seguiram-se os Pedreiros, que, em limpas e aceiadas padeólas, conduziam os precisos materiaes para levantarem e construir um edificio; era o cimento e argamassa saborosissimo arroz doce e crêmes, e a pedra e tijolo eram substituidos por delicados biscoutos e varios doces; começam a obra no meio de grandes festejos e folias, e porque mal empregados eram os materiaes serem lançados á terra para encherem os alicerces, iam-nos mettendo pela bocca dos companheiros, que muito lhe agradeciam a lembrança, e immediatamente lhe retribuiam com equal fineza; tudo isto com grande raiva e inveja dos serventes e mais rapaziada, que desesperavam de não serem contemplados e admittidos a tão seductora construcção e trabalho.

«Vieram depois d'elles os *Moleiros*, que com as mãos dadas e os pés unidos no centro, executaram uma manobra semelhante á roda de seus moinhos no exercicio de sua profissão; e em seguida os quinteiros e hortelões, que prepararam, adubaram e semearam um bello canteiro de hortalice, que nasceu e prosperou com tal fórmula, que logo se colheu e plantou no mesmo dia.

«Appareceram depois os *Cardadores* com seus cavallinhos de canastra e outras invenções que muito divertiram e agradaram ; mas os que de todos mais seduziram e maravilharam a assemblêa, foram os *Sapateiros*, que conduziam um bosque portatil, figurando uma *gonia* da America, e tão pretos e mascarados vinham, que os proprios cáfres, mungovienses ou negricios não o eram mais. Traziam com elles arcos, aljavas e settas, que manejavam com muita destreza e propriedade e uma muzica de tambores, gaitas e atabales, que tangiam com muita bulha e desharmônia. Chegada a sua vez ordenaram uma caçada e bateram o matto, d'onde saiu uma prodigiosa quantidade de passarinhos, aos quaes elles atiravam e perseguiam ; e depois d'elles muitas lebres, coelhos e perdizes, que foram victimas da multidão que os apanhou e adquiriu ; mas de todas a que mais divertiu o auditorio foi uma infeliz raposa, que máo grado da astucia e agudeza, que Esopo e Lafontaine lhe attribuiram, tambem succumbiu.....

«Seguiu-se o mais bello e magestoso espectaculo de todo o divertimento. Os Carpinteiros e Ferreiros haviam edificado na parte meridional do Rocio um pequeno reducto de madeira com suas peças e canhões, e o tinham guarnecido com boa e valente tropa escolhida d'entre os seus, preparada com muitas bombas e rodinhas a repellir qualquer ataque ; apesar d'isto, os que estavam de fóra munidos de algumas peças de artilheria ligeira e obuzes emprehenderam o cêrco e a tomada da fortaleza e correram para ella com muito denodo e desembaraço ; defenderam-se os sitiados com egual coragem lançando sobre os aggressores muitos fogos de artificio, que faziam uma vista e effeito maravilhoso por ser já noite escura ; mas, apezar d'isto, a praça foi tomada, e a bandeira nacional appareceu arvorada n'ella, sendo victoriada por todos com

muito enthusiasmo e patriotismo, e com a victoria acabou a festa n'aquelle dia, fazendo nos seguintes os Cavalleiros da villa vistosas cavalhadas e torneios.» (1)

Na Romaria da Senhora das Neves, no Minho, em 5 de Agosto, é costume representar-se no terreiro á esquerda da capellinha um Auto popular:

«Apoiado sobre grossas estacas, vestidas de varia e interlaçada ramagem, lá se alevanta do chão, á altura de seis palmos um tablado, onde se recita todos os annos o predilecto drama — *Ferrabraz e Floripes*.

«Começa já o dia a declinar, e eis que chegam quinze cavalleiros (é conta fixa e sabida) escarranchados uns em selim, outros em albardão, nos seus bucephalos, e fazendo-os girar meia duzia de vezes no largo, tendo primeiro formado duas linhas como dispostos em campo de batalha, agora os vereis disputando-se em oppostos campos. Uma das linhas representa os denominados *Doze Pares de França* com seu chefe Carlos Magno; arremeda a outra um troço de Mouros, ás ordens do almirante Balão. Trajam todos fardetas, que dizem *á moura*. O resultado da peleja sae favoravel aos Pares, que então sobem ao tablado e ahi representam seus papeis, seguem-se-lhe os outros, e egualmente ahi tem seu papel a magnanima Floripes, namorada de Guy de Borgonha; esforçam-se todos para receberem os applausos de que effectivamente os cobrem os espectadores, e termina a festa por um segundo combate, em que o almirante mouro se finge victima dos *Pares* francezes, e Floripes com seu irmão Ferrabraz ficam em poder dos mesmos.» (2)

(1) Dr. Motta e Moura, *Mem. hist. da villa de Niza*, t. II, p. 101—104.

(2) *Almanach de Lembranças*, para 1860, p. 370. Da romaria de Nossa Senhora do Fayal, a 8 de Setembro, diz Gaspar Fructuoso, nas *Saudades da Terra*: «vem de dez e doze leguas

O theatro popular conserva-se nos costumes provinciaes tal como o achamos prohibido desde o principio do seculo xvi nas Constituições episcopaes. (1) Em uma correspondencia de Lamego para uma gazeta do Porto lê-se: «Com a epoca das romarias começou a epoca dos *entremezes*, em que se mostram n'um tablado provisório, burlescos e farsantes, uns pobres homens que passam uma vida laboriosa a excavar o solo, inundados de camarinhas de suor, e com as mãos calejadas sob o pezo do alvião... O *entremez* nas aldéas que circumvisinham Lamego, tem passado n'uma tradição oral de geração em geração, perpetuando-se todos os annos, accentuando-se nos mesmos dias de festa, e modificando-se, talvez, pouco na sua essencia e na sua originalidade.— As obras dramaticas de Antonio José.... têm muitos pontos de contacto com alguns dos entremezes a que assistimos, pelo menos no caracter de alguns personagens, na liberdade de phrases que hoje melindram a decencia, e na pureza da linguagem.» (2) Alguns d'estes Autos são classicos, como o de *Santa Catherina*, de Balthazar Dias, representado em S. Christovam de Mafamude, ou o *Auto da Paixão*, do Padre Francisco Vaz; João Pedro Ribeiro falla do *Auto do Abbade João*, representado em Monte-mór, (3) e em D. Francisco Manuel de Mello encontramos referencia a elle: «Oh senhor! Leu alguma vez o *Auto d'el-rei Almançor da Berberia*? — Porque? — Porque

por terra mui fragosa, e juntos fazem muitas *festas de comedias*, dansas e musicas de muitos instrumentos de violas, guitarras, rabis e gaitas de fole;» (Cap. xviii, p. 99, ed. Azevedo.)

(1) Não transcrevemos estes documentos para não avolumarem este capitulo; acham-se na *Memoria* de Trigoso. Vide supra, p. 275.

(2) Correspondencia de 4 de Agosto, de 1877. (*Jornal da Manhã*, n.º 1495, vi anno.)

(3) *Dissertaç. Chron.*, t. iv, P. II, p. 28.

não sei que almas christãs haverá que aturem a sua arenga; em começando, agonia-se-me a alma.» (1)

Na freguezia de Arcozello da Serra, na diocese da Guarda, quando se faz a festa da Senhora da Assumpção, representam-se nas ruas estes quatro *Autos* entremeados de dansas, cuja descripção pertence ao auctor do *Diccionario abreviado de Chorographia*.

—«DANSA DAS DONZELLAS: Seis ou oito meninas, de oito a dez annos, trajadas com decencia, e um menino vestido de anjo, na frente, percorrem as ruas da povoação, dansando ao som de mal afinada viola, e parando de estação em estação, representam uma pequena farça allusiva á conversão e baptismo d'aquelles innocentes; repete cada uma o seu *dito*, como ellas lhe chamam, e pedem todas ao Anjo que as baptise, pois querem abjurar a religião de Mafoma, em que foram criadas; o anjo, depois de breve exhortação, as asperge com agua que leva em um pucaro.» Esta é a feição mais antiga do nosso theatro hieratico, porque corresponde a uma certa lembrança das relações da sociedade mosarabe.

—«DANSA DOS MARUJOS: Oito homens vestidos decentemente com capacetes muito enfeitados com fitas, que lhes adornam igualmente o fato, e tambem guiados pela indispensavel viola, percorrem a povoação, representando em diversos logares a farça de serem uns pobres maritimos que em occasião de temporal fizeram voto de ir em romaria á *Senhora da Assumpção* festejar-lhe o seu dia; cada um diz o seu *dito* analogo ao assumpto e dansa-se nos intervallos com a maior galhofa e alegria.» Feição caracteristica de um povo de navegadores, que no romance da *Nao Catherineta* já revelou o seu genio aventureiro.

—«DANSA DOS ESPINGARDEIROS: São tambem oito

(1) *Feira de Aneaxins*, p. 61.

ou dez alentados mancebos, que vestidos com o traje do seu sexo e com grandes chapéos altos, marcham em dous bandos, ao som do tambor, com armas de fogo, bem perfilados, tendo cada bando o seu comandante na frente com espada desembainhada: representam os dois exercitos portuguez e hespanhol, que em tempos remotos tantas vezes se bateram, sempre com vantagem dos primeiros, que d'esta vez ainda não deixaram a palma aos contrarios; essa tropa corre tambem as ruas, e nos logares que escolhem para dar batalha, postam-se os dous exercitos um em frente do outro, ha parlamentarios, desafios, e por fim trava-se a peleja e vencem os portuguezes, vindo o general hespanhol ajoelhar aos pés do vencedor, que lhe concede a vida a elle e aos seus. Toda esta farça é tambem representada por *ditos*, que cada soldado repete, differentes uns dos outros, mas analogos ao objecto.» Este genero dramatico é inspirado pela aversão popular a Castella desde o tempo de D. João I, e que ainda hoje existe.

—«DANSA DOS PRETOS: Oito pequenos de nove a dez annos, com as caras enfarruscadas, assim como as mãos, pés e pernas, vestidos de vermelho, com muitos guizos pelo fato, conduzidos por um guia tocando o fandango, fazendo mil caretas e visagens, correm todas as estações, e tambem de quando em quando representam a farça de serem escravos maltratados pelo seu senhor; faz cada um a sua queixa repetindo o seu *dito*, pela maior parte cheio de palavras indecentissimas, que offenderiam os ouvidos menos castos em outra occasião, mas n'aquelle dia consagrado á Virgem, tudo é permittido e applaudido!... mas o que é de extranhar... é que todas estas dansas acompanham a procissão, indo ora atraz, ora adiante do Sacramento, causando até embaraço á marcha e regularidade do préstito, com suas evoluções e figuras

de dança.» (1) Esta farça dos pretos é a que melhor representa a vida burgueza do seculo XVI, como vemos pelo que descrevem Nicolao Clenardo e Gil Vicente. Estes quatro *Autos* encerram todos os caracteristicos da vida do povo, sobre que se devia fundar o drama burguez. Quando Gil Vicente começou a escrever, já o theatro não podia ser instituição, foi um protesto franco, que os seus successores levaram ao pedantismo litterario.

Em um artigo sobre as «Palavras e locuções usadas em S. Miguel,» é definida a palavra *Mourisca* — «representação sobre um tablado ao ár livre, de uma peça em fôrma dramatica, por homens do povo, com vestuario apropriado ao assumpto. Suppomos ainda, que as guerras com os mouros, simuladas depois em alguns dos seus episodios, aqui na ilha, e em certos dias de regosijo publico são a origem d'aquelle nome. Foi de rigor o entrar Santos ou Santas na peça como o elemento protector e salvador dos christãos. Modernamente as peças representadas têm variado assumpto, sob o nome de *Comedias*, com quanto o *costume historico* que os figurantes vestem continue a ser de *mouros*, ao que elles dizem.

«As ultimas representações chamadas *Mouriscas* foram, uma, cujo nome ignoro, no logar de Santo Antonio, na qual o santo orago da freguezia era o patrono dos christãos, e outra nas Feteiras, — *Vida da Rainha Santa Isabel*.

«As ultimas comedias foram nos Mosteiros, *O Villão* (dialogo em que todas as freguezias da ilha são julgadas graciosamente); e na Fajam de Baixo, *João de Calaes* e a *Formosa Magalona*.

«Conheci na Fajã de Baixo o sr. Luiz Diniz, falle-

(1) J. A. d'Almeida, *Diccionario abreviado de Chorographia* t. I, p. 75.

cido no anno passado, que foi quem *quadrou* aquellas duas comedias. *Quadrar* era a expressão que elle empregava para significar — *pôr em quadras*.

«A *Formosa Magalona*, de Luiz Diniz, (que eu li; 445 quadras) pouco tem de inventivo, proprio da imaginação popular. O que ali achei de mais curioso foi o uso tradicional no theatro antigo, da apresentação da peça e seu argumento, em algumas quadras que iniciam a representação, e a despedida do auctor, como fechando. Na *Formosa Magalona* ha na despedida estas trez quadras entre outras :

Estando a scena acabada
N'um vivo contentamento,
Ninguem diz que homem leigo
Fez este divertimento.

Se quizerem para o anno
Aqui se acharem presentes,
Inda ei-de estudar cousa
Para irem mais contentes.

Um pobre homem como eu
Metter com tanta funcção,
Devia pelo governo,
Ter uma gratificação.»

José de Torres, descrevendo alguns dos mais caracteristicos costumes das ilhas dos Açores, falla dos *Autos populares* do S. João, conhecidos pelo titulo de *Mouriscadas*: «E as *Mouriscadas*? O que é isto que tanto fanatiza o povo, e lhe dá praça a ostentar o seu tacto plastico, nem sempre dos mais finos? Sirva de exemplar a descripção de uma que ha annos se deu no norte da ilha de S. Miguel, no adro da igreja parochial do Bom Jesus de Rabo-de-Peixe. O dia e a estação lhe desafiavam concorrentes a milhares. De uma extremidade do adro corre sobre a praça tablado ele-

vado: é o palco scenico. São moiros scenario e vestuario; moiros actores; moira toda a acção e relação; a lingua que fallam ainda mais moira e sarracena! Tratam ali amores e raptos e consorcios ou combates de morte (fim de tam banalissima frequencia em romances vulgares e quejandas peças de theatro!) e no meio da fingida confusão e alarido, o povo ri, applaude sem entender, viverêa o embaraço de actores improvisados. Para que tudo seja singular, até essa especie de drama, versificado a seu modo com variedade de metros, é composição de José Raposo Abelha, homem desconhecedor até dos rudimentos do ler e do escrever, que ao sol dos campos consomme a vida, e com a enxada e o arado constringe a terra a resolver-se em fructos.» (1) Ha certas localidades em que o Auto achou uma *sympathia* geral, e pela sua frequencia produziu a illusão de se julgar que teve ali uma origem espontanea. O que vêmos com as *Atellanas* (do nome de *Atella*, capital dos Oscos) dá-se com as *Mouriscadas*; os moradores de Rabo-de-Peixe davam-se pelos inventores da Comedia, como se vê por esta anedocta contada por José de Torres: «N'um logar publico de Ponta Delgada. capital da ilha, algumas pessoas amadoras da arte liam um drama. Entrementes acêrca-se d'elles um homem do campo, que fica embevecido, porque a leitura prosegue. Admiram a attenção do homem; perguntam-lhe se o prende o gosto, se sabe o que aquillo é emfim. Responde affirmativamente, e conclue: — *Se sei o que aquillo é! Pudera não? quando sou da terra em que se inventaram as comedias.* Indagado o caso, era o homem natural de Rabo-de-Peixe.» Gil Vicente allude á dansa chamada *Mourisca*, (Ob., t. III, p. 53) e é natural que da dansa tornada fallada saísse espontaneamente o

(1) *Panorama*, t. XIII, p. 223.

Auto do genero das *Mouriscadas*; a *Dansa das Donzellas*, na Guarda, participa d'este caracter dramatico religioso. Nas festas do casamento de D. Maria I, em 1760, exhibiu-se uma «dansa dos officiaes da cutellaria e carpinteria, asseadamente vestidos com *farças moiriscas*.»

Em Vianna do Castello ainda se representa na Procição da Senhora do Carmo uma dansa chamada do *Rei da Mourama*: «especie de rusga entre catholicos e mouros, os quaes, como era logico, apanhavam grossa pancadaria dos defensores da fé, no meio de muita algazarra dos espectadores devotos. Note-se, que para que o cunho nacional estivesse ali efficazmente impresso, esta contenda era toda obrada em *redondilhas toantes*, misturando-se piedosamente as lóas á Virgem com as petulantes chufas que os nossos iam jogando á soffredora mourisma.» (1)

No Cirio do Cabo, em que se gasta 1:200\$00 réis, uma das partes da festa é as LÔAS. D'este uso diz Ribeiro Guimarães, alludindo aos regulamentos que dirigem os mordomos: «Os pontos que os festeiros têm a considerar são os seguintes: Composição das LÔAS, as quaes *devem ser feitas por quem o intenda, e o verso tenha melodia e conceito*;— escolha de trez Anjos, que tenham boa pronuncia, medição nas palavras e acção competente.» (2)

«Proximo da ermida da Senhora do Cabo existe uma edificação chamada DA OPERA, que foi construida pelo cirio de Lisboa. Tinha este theatro uma ordem de camarotes, que hoje está reduzida a uma galeria geral. A caixa é espaçosa e com boas serventias. Teve bom scenario e vestuario, mas hoje está tudo velho.

(1) Correspondencia para a *Actualidade*, em 23 de Julho de 1877.

(2) Ap. *Summario de varia Historia*, I, p. 199.

Ha annos ainda, por occasião d'alli ir um cirio, houve representação n'este theatro.» (1)

«Os festeiros quando vão receber a prata ao Cabo, se entram no arraial com musica e anjos, devem antes pedir licença aos que estão festejando; dirigindo-se depois ao adro do templo, os anjos recitam LÔAS, e acabadas estas apeiam-se e vão ao templo fazer oração.

«O juiz da bandeira que sâe, entrega-a então ao seu anjo, e logo os outros anjos recitam as LÔAS, e concluidas estas, o anjo que tem a bandeira vae entregal-a ao anjo dos que entram. É esta cerimonia acompanhada sempre de copioso pranto.» (2)

«Nas povoações do transito, ou em algumas que tambem costumam receber a Senhora, pára o Cirio, e os Anjos recitam *Lôas apropriadas*. (*Id.*, p. 208.)

«Os Anjos, na chegada (ao Cabo) recitam os seus versos.» (*Id.*, p. 208.) Ha missa solemne, sermão, arraial, e fogo de artificio, e ás vezes *toiros e cavalhadas*.» (*Id.*, p. 209.) «O Cirio logo que entra no arraial do Cabo, dá trez voltas em redor, e no adro do templo os Anjos recitam lôas.» Estes costumes apparecem-nos mesmo nas colonias portuguezas desde o seculo xvi, resistindo a todas as prohibições episcopaes, jesuiticas e dos moralistas pedantes. (3)

(1) *Summario de varia Historia*, 1, 205.

(2) *Ib.*, 1, 207.

(3) Os Jesuitas combatiam em Portugal as Comedias populares, como conta Balthazar Telles, na *Chron. da Companhia*, t. II, p. 235, e no Brazil empregavam as Comedias na catechese dos indigenas e nas procissões. Escreve o Padre Fernão Cardim (1583-1590), sobre a festa de S. Sebastião no Rio de Janeiro: «Desembarcando viemos em procissão até á Misericordia que está junto da praia... Estava um theatro á portada da Misericordia com uma tolda de uma vella, e a santa reliquia se poz sobre um rico altar emquanto se representou um devoto *Dialogo do Martyrio* do Santo, com côres e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado

a um pão. Causou este espectáculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que viesse á festa ; por onde, acabado o Dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes préguei no mesmo theatro. . . »

No fim do seculo xviii o pessimismo moralista ainda se insurgia contra as comedias populares nos arraiaes e romarias, sem comtudo desraigar o costume : « Mas como querem que lhes resulte gloria (aos Santos) conciliando-se o povo para q̄ no adro de suas Igrejas assista á representação dos progressos del *Desden con el Desden*, da *Vida de D. Quixote de la Mancha*, dos *Amores de Jupiter e Alcmena*, guarnecendo-se estes pratos com um *Sermão de vinho*, com o *Entremez do Velho namorado*, com o baile da *Fofa*, e outras ridicularias semelhantes. . . ? Dizem que para ser maior o concurso dos romeiros se lhes brinda com estes prazeres, pois sendo este o principal estimulo que os commove, seja o applauso mais extenso por mais numeroso, etc. » Silvestre Silverio da Silveira e Silva (*Trabalhos de Job*, 1780.)

CAPITULO III

Contos, Lendas, Livros populares, e Historia de Portugal na voz do Povo

O costume popular dos Contos; as paramythia na Grecia, as *Skaski* na Russia, e os Patranheiros peninsulares. Fundo commum dos Contos populares fetichistas. — O typo dos Contos da Carochinha. — Os Contos polytheistas, de origem semita ou anthropopathicos, e de origem árica ou anthropomorphicos. — *As Lendas portuguezas*: Enumeração das principaes lendas nacionaes. — Elemento poetico raramente aproveitado na Litteratura. — *Os Livros populares portuguezes*: Escriptos que foram vulgares no seculo xvi, xvii, xviii e xix. — Gil Vicente e Balthazar Dias como escriptores populares. — *As Sete Partidas do Infante D. Pedro*; a *Donzella Theodora, Imperatriz Porcina, Carlos Magno*. — A irmandade dos Cegos vendedores de Folhas volantes. — Os Cegos resadores. — *Bertholdo, Bertholdinho e Cacasseno*; *João de Calais* e o cyclo do Morto agradecido. — *Cosme Manhoso*; *Corcovados de Setubal*. Catalogo das Folhas volantes da Litteratura de cordel. — *A Historia de Portugal na voz do Povo*: As trez epocas tradicionaes da historia portugueza. — Distincção entre *Estorias* e *Caronicas*, e entre Fóros e Leis. — A vida dos Concelhos. — O typo popular de D. Diniz. — Apódos contra D. Fernando — Acclamação de D. João i. — A revolta de Lisboa; o typo popular do Condestavel; Metter lança em Africa. — O Cabo de Nam e a Viagem da India. — Os heroes portuguezes e o poder real. — As satyras contra o clericalismo. — A jurisdicção inquisitorial. — Extincção da nacionalidade portugueza — Os Braganças nas cantigas populares: D. João iv, D. João v; D. José e o Marquez de Pombal. — O governo de D. Maria i. — Regencia de D. João vi e governo de Beresford. — A revolução liberal. — Miguelistas e Cabralistas. — A Maria da Fonte, e a intervenção estrangeira. Conclusão.

No esgotamento da sua actividade muscular, o povo sente a necessidade de viver pela intelligencia; d'aqui a grande curiosidade em ouvir o que se conta, e

de repetir os successos modificados pelas proprias impressões, que elle confunde com os factos na sinceridade da sua alma. Os ditados vulgares : *De longas vias, longas mentiras*, e *Quem conta um conto acrescenta um ponto*, resumem em uma perfeita synthese os processos da psychologia popular. Os Contos são essas narrativas, que vieram com a migração das raças indo-européas, e que apparecem com as mesmas peripecias entre as raças negra e amarella, entre os árias e os semitas, e em todas as nacionalidades da Europa ; nas *longas vias* que percorreram desde as sociedades selvagens e fetichistas até ás mais elevadas civilisações, revestiram-se de uma imaginosa efflorescencia, uma vez conservando os velhos costumes sem a comprehensão do tempo presente, outras vezes servindo de norma para transmittir a memoria de novas situações. Quer o Conto se tome como uma realidade acontecida, quer a presente realidade se identifique em um typo novellesco conhecido, essa elaboração popular constitue a creação poetica da *Lenda*, d'onde resultou a fixação da Historia, como se vê na relação dos Logographos para com Herodoto. O uso dos Contos occupa entre o povo um logar importante, especialmente nas *seroadas* da aldêa. Gonzaga, na Lyra XIX, da primeira parte da *Marilia de Dirceu*, allude a este costume :

Nas noites de serão, nos sentaremos
 C'os filhos, se os tivermos, á fogueira,
 Entre as falsas historias que contares
 Lhes contarás a minha verdadeira. . . .

Na Grecia certas mulheres tinham a profissão de contar contos; eram as *Paramythias*. Segundo Guthrie, na Russia, as casas opulentas tinham mulheres encarregadas de contar *Skaski* ou contos para suas amas

adormecerem; assim também entre os arabes, as *zambbras* eram reuniões para ouvir contos, narrados pelos *rawia*, que entre si disputavam o triumpho poetico. Gil Vicente allude a este costume em Portugal, nos versos: «E folgam de ouvir novellas — Que duram noites e dias.» Nas aldéas do Minho chamam-se *Patranheiros* os que nas seroadas entretêm os circumstantes com Contos ou Patranhas; elles mal sabem que o thema que revestem com a sua linguagem improvisada no momento, e que bordam a capricho com incidentes casuaes, proveiu de uma remotissima antiguidade, achando-se entre os áwaros, como o *Conto dos dezaseis quintaes*, ou entre os indus, como o da mulher que queria cegar o marido, ou são verdadeiramente universaes, como as *Trez Cidras do Amor*, ou o da *Gata borralheira*. Filinto Elisio, tão latinista, não deixou de impressionar-se com este facto, que se tornou um importante problema scientifico; diz elle: «Contem-me *Pelle-d'Asno*... Conto em França tão conhecido, como entre nós o das *Trez Cidras do Amor*.» (1) E mais: «Com o titulo de *Gata borralheira*, contava minha mãe a historia da *Cendrillom*. *E nunca minha mãe soube francez*.» (2) É esta falta de connexão historica que torna surprehendente a universalidade dos Contos; Gubernatis consigna a impressão causada pela «grande parecença dos Contos sicilianos com uma certa serie de contos russos;» (3) este mesmo facto foi observado por Pedroso em relação aos contos portuguezes cujos typos principaes se acham nas collecções russas de Afanasiev. Lembrando-nos que os Gregos chamavam aos seus contos fabulas *lybicas* e *ethiopicas*, vê-se que esta similaridade da tradição das cama-

(1) *Fabulas*, p. 324.

(2) *Obras*, t. III, p. 60.

(3) *Myth. des Plantes*, t. II, p. 36.

das mongoloides da população russa, provém da identidade ethnica d'essa outra povoação dos iberos communs a todo o Mediterraneo. (1)

Pequeno estudo sobre o Conto da Carochinha.— Na linguagem popular existe uma locução generica para significar toda a classe de tradição imaginosa, desde a lenda local ou pessoal até á simples parlenda infantil, — *Historias da Carochinha*. De facto os contos ou *historias da Carochinha* são ignorados por aquelles que empregam a locução com um certo desdem pejorativo. Na *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manuel de Mello, do meado do seculo xvii, acha-se uma preciosa referencia á *Historia da Carochinha*, como sendo o feitiço e encanto das crianças:

«— Espere; contar-lhe-hei uma historia.

— A da *Carochinha*?

— Não buscará outra mais cara, que essa é muito barata?

— Pois digo-lhe, que ainda com a carocha, *esta historia é o feitiço das creanças.*» (2)

N'este trecho ha dois equívocos seiscentistas, o da relação entre carochinha e barata, (contraposição de *caro* com *barato*) e o da *carócha* com a mitra de ignominia que a Inquisição enfiava na cabeça dos desgraçados que atirava ás fogueiras. O que nos interessa aqui é a referencia ao gosto das crianças por esta historia, no seculo xvii, enlevo ainda vigorosissimo na vida domestica actual. A *Historia da Carochinha*, apresenta na tradição portugueza diversos estados de

(1) Na collecção dos *Contos tradicionaes do Povo portuguez* deixámos estudado este problema nas introduções sobre a *Novellistica popular*, e sobre a *Litteratura dos Contos populares em Portugal*, e Notas comparativas.

(2) Op. cit., (edição de Lisboa), p. 8.

conservação ; em Coimbra a sua primeira parte acha-se dissolvida em prosa, tendo o final na sua fôrma de lenga-lenga ainda a estructura poetica ; (1) na ilha da Madeira repete-se uma versão inteiramente poetica, mas um pouco obliterada na sua parte final. (2) Dos Açores recebemos algumas versões, entre ellas uma mais completa, que publicamos. Em um entremez, *Récipe de pão*, (1792) achamos uma referencia ao texto da Carochinha : «está posta todo o dia áquella janella, com uma mão sobre a outra, feita a *Carochinha*, e não se envergonha, sendo uma mulher viuva, e estar com os penteados tão indignos ao seu character.» (3) Eis a parlenda tal como anda nas versões insulanas :

A Carochinha

Era uma vez
A Carochinha,
Achou cinco réis
Ao varrer da cosinha.
A Carochinha
Poz-se á janella
A vér quem queria
Casar com ella :

«Quem quer casar
Com a Carochinha,
Que ella é fermosa
E bonitinha ?

Passou um porco :
— Quero-vos eu !
«Que comes tu ?
— Do que Deus deu.
«Fó, fó, ó porco,
Eu não te quero ;
Melhor marido
Que tu espero.

Quem quer casar
Com a Carochinha,
Que ella é fermosa
E bonitinha ?

(1) *Contos populares portuguezes*, p. 4 a 5.

(2) *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, por Alvaro Rodrigues d'Azevedo.

(3) Também nos *Ineditos de Alexandre de Gusmão*, p. 274, se lê : «Digo que tudo são *historias da Carochinha*, e que sei mui bem o que sei.»

Passou um cão :
 — Quero-vos eu !
 «Que comes tu ?
 — Do que Deus Deu.
 «Fó, fó, ó cão,
 Eu não te quero;
 Melhor marido
 Que tu espero.

*Vão passando o boi, o gato
 e outros animaes, e ella
 sempre :*

Quem quer casar
 Com a Carochinha,
 Que ella é fermosa
 E perfeitainha ?

Passou um rato :
 — Quero-vos eu !
 «E tu que comes ?
 — O bom é meu.
 «A ti, ó rato,
 A ti eu quero :
 Melhor marido
 Não no espero.

*Casaram-se, e elle chama-
 va-se o João Ratão.*

Domingo á missa
 Ambinhos vão ;
 Feijões ao lume
 No caldeirão.
 Viu-se a Carochinha
 Sem leque na mão :
 «Carochinha sem leque !
 Que não dirão ?
 Vae-me por elle,
 Meu João Ratão.

Chega elle a casa
 Vae ao caldeirão,
 Metteu um pé,
 Metteu a mão,

Cahiu lá dentro
 O João Ratão.
 Acabou a missa ;
 Carochinha então
 Veiu sem leque
 Nem João Ratão,
 Procura na casa,
 Vae ao caldeirão...

«Ai meu marido,
 Meu João Ratão
 Cosido e assado
 No caldeirão !

Pergunta a tripeça
 Do pé do lar :
 — Que tens, Carochinha,
 Que estás a chorar ?
 «Morreu João Ratão
 E eu estou a bradar.
 — E eu que sou tripeça
 Ponho-me a dansar.

Diz d'alli a porta :
 — Que tens, tripeça,
 Que estás a dansar ?
 — Morreu o João Ratão,
 Carochinha a chorar,
 E eu que sou tripeça
 Puz-me a dansar.
 — E eu que sou porta
 Ponho-me a abrir e a fechar.

Diz d'alli a trave :
 — Que tens tu, ó porta,
 A abrir-te e a fechar ?
 — Morreu o João Ratão,
 Carochinha a chorar,
 A tripeça a dansar,
 E eu que sou porta
 Puz-me a abrir e a fechar.
 — «E eu que sou trave
 Vou-me quebrar.

Diz d'alli o pinheiro :
 «— Que tens tu ó trave,
 Que te estás a quebrar ?
 —«Morreu o João Ratão,
 Carochinha a chorar,
 A tripeça a dansar,
 A tripeça a dansar,
 A porta a abrir e a fechar,
 E eu trave a quebrar.
 «— E eu que sou pinheiro
 Vou-me arrancar.

Vem os passarinhos :
 «Que tens tu, pinheiro,
 Para te arrancar ?
 «— Morreu o João Ratão,
 Carochinha a chorar,
 A tripeça a dansar,
 A porta a abrir e a fechar,
 A trave a quebrar,
 E eu a m'arrancar.
 «Nós os passarinhos
 Tirámos os olhinhos.

*Elles foram beber agua e
 perguntou a fonte :*

«Porque foi, passarinhos,
 Que tirastes os olhinhos ?
 «Morreu o João Ratão,
 Carochinha a chorar,
 A tripeça a dansar,
 A porta a abrir e a fechar ;
 A trave quebrou-se,
 O pinheiro arrancou-se,
 E nós os passarinhos
 Tirámos os olhinhos.
 «E eu que sou fonte
 Vou-me seccar.

*Vieram os filhos do rei
 com os cantarinhos e
 acharam a fonte secca:*

«— Que tens tu, fonte,
 Para te seccar ?
 «Morreu o João Ratão,
 A Carochinha a chorar,
 A tripeça a dansar,
 A porta a abrir e a fechar ;
 A trave quebrou-se,
 O pinheiro arrancou-se ;
 Os passarinhos,
 Tiraram os olhinhos,
 E eu que sou fonte
 Não havia de seccar ?
 —«E nós, infantinhos,
 Quebrámos os cantarinhos.

*Foram os principes para
 palacio e perguntou a
 rainha :*

«— Que tendes, meninos,
 Que quebraes os cantarinhos ?
 —«Morreu o João Ratão,
 A Carochinha a chorar,
 A tripeça a dansar,
 A porta a abrir e a fechar ;
 A trave quebrou-se,
 O pinheiro arrancou-se ;
 Os passarinhos
 Tiraram os olhinhos,
 E nós quebrámos
 Os cantarinhos.
 «— E eu que sou a rainha
 Ponho-me em fraldinha,
 E o rei com pezar
 Poz o seu cú a assar.
 (Porto, e ilha de
 S. Jorge.)

Hollywell, nas *Nurserey Rhymes*, dá a este genero novellesco o nome de historias de accumulção, a

cujo typo pertencem o conto do *Macaco*, a *lenga-lenga do Gatinho*, e da *Formiga e da Neve*, (1) verdadeiramente universaes.

O casamento da Carochinha com o rato ou João Ratão, parece absurdo; mas desde que encontrámos este conto na versão italiana em que o rato se chama *sorcio* e *serece*, inferimos que existem relações entre estes nomes, podendo assim remontar-nos a uma tradição mais antiga. Nos *Contos e Cançonetas infantis de Pomigliano*, colligidos por Vittorio Imbriani, e publicados em 1877, acha-se este conto da *Serece* ou da *Carochinha*, muito semelhante á tradição portugueza. Eis o seu resumo: «Uma velhinha achou uma pequena moeda, e depois de matutar em que a gastaria comprou alvaiade e carmim para pôr na cara, e poz-se á janella. Passam diversos animaes (tantos quanto se quer) que a pedem em casamento, e ella diz-lhes:

— Deixai-me ouvir a voz que tendes.

O asno zurra, o cão ladra, o gato mia, o touro berra, e assim por diante. A velhinha responde a cada um d'elles:

— Vós metteis-me medo de noite.

Veiu o rato, que se pôz aos ginchos cheios de ternura. A velhinha casou com o rato, e no dia que ella foi á missa deixou-o perto da panella do jantar, re-commendando-lhe que não lhe tocasse. Quando chegou a casa, não encontrou o marido. Procurou-o por toda a parte (aqui abundam as particularidades) e acabou por dar com elle cahido morto dentro da panella. A dôr da velha é pungente.

Este mesmo conto acha-se em outras provincias italianas. Em Avellino, não é uma velha mas uma gata

(1) *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 454, 457, 463 e 467.

que casa com o rato; singular casamento. Na terra de Otranto, a viuva do conto é uma formiga. Existe também uma versão grega, em que a formiga desolada se lamenta cercada das suas companheiras, dizendo o texto grego: «E a formiga fica viuva, porque aquelle que é rato deve ser guloso, etc.» (1)

Na versão insulana, o rato é também considerado guloso e por isso preferido. Em um lai de Marie de França, ha o casamento com uma rata, mas é esta a scena principalmente desenvolvida; por esse lai nos remontamos ás suas origens orientaes do *Pantchatantra*, e d'ahi ao elemento mythico d'esta parlenda infantil.

A vulgarisação d'este conto cumulativo é extensissima; limitar-nos-hemos a indicar as collecções em que se acham paradigmas indispensaveis para o processo comparativo. Nos *Rondallayre ou quentos populaires Catalans*, de Mapons y Labros, a Carochinha é a *Rateta*; e nos *Contes populaires lorrains, recueillis dans un village de Barrois*, por Emmanuel Cosquin, vem duas versões: a de *Pou et Pouce* e *La petite Souris*. Além da versão italiana de Pomigliano, colligida por Imbriani, Giuseppe Pitré, na *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* traz uma outra intitulada *La gatta e la surci*. Gubernatis transcreve na *Mythologia zoologica*, (t. II, p. 54) uma canção infantil relativa ao casamento e viuvez da formiga com o grillo, a qual termina:

La formicuccia andó alla festa a il Porto,
Ebbe la nova che il suo grillo era morto.
La formicuccia, quando seppe la nova
La cascò in terra, stette svenuta un'ora, etc.

(1) Marc Monnier, *Rev. des Deux-Mondes*, 1877 (1.º de novembro, p. 441.)

Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, (p. 375) allude a uma historia de accumulacão colligida por Hollywell nas *Nursery Rhymes*, que começa como a nossa historia da Carochinha: «*An old woman was sweeping her house*» etc.

Nas tradições populares, a *Velha* é a personificação mythica da noite; em um conto de Pomigliano a Carochinha é substituida por uma velhinha, assim como no inglez de Hollywell, e em portuguez este nome de Carôcho é synonymo de escuro e negro. O Conto decimo terceiro do terceiro livro de *Pantchatantra* é o que nos revela o sentido mythico primitivo da historia da Carochinha. Eil-o, resumidamente:

«Sobre a borda do Ganges, banhava-se um asceta e começava a lavar a bocca, quando uma Morganha (rata pequenina) escapando do bico do falcão lhe veiu cahir na mão. Quando elle a viu pôl-a em cima d'uma folha de figueira, acabou os outros actos purificatorios e pelo poder das suas austeridades fez d'ella uma rapariga. Levou-a para casa, e disse para a sua mulher, de quem não tinha filhos:

— Toma esta menina, e cria-a com cuidado.

A mulher do asceta educou-a, até que ella chegou aos doze annos; depois disse ao marido que era tempo de pensar em casal-a.

— Dizes bem; hei de dal-a a um seu equal. Hei de fallar ao sol, a vêr se casa com ella.

Veiu o sol, e disse o asceta para a filha:

— Aqui tens o sol que alumia os tres mundos; vê lá se te agrada.

— Meu pae, elle é muito quente; eu não o quero. Chama outro que esteja mais alto que elle.

O asceta disse para o sol:— Quem ha superior a ti?

— A nuvem, porque me encobre.

Veiu a nuvem; disse a pequena:

— É fria e negra, não a quero. Dae-me um marido maior do que a nuvem.

O asceta perguntou á nuvem : — O que ha de superior a ti ?

— O vento, que me bate e fórma em mil farrapos.

Chamou o vento, para ser marido da pequena. Disse ella :

— Não o quero, porque é muito variavel. Chama outro superior a elle.

O asceta perguntou ao vento quem lhe era mais superior, e elle respondeu que — o monte, porque o retém.

Veu o monte ; ella respondeu :

— Não o quero ; porque é duro e hirto. Dae-me a outro marido.

O asceta perguntou ao monte quem haveria que lhe fosse superior ? elle respondeu :

— Os ratos são superiores a mim, que me furam.

Depois o asceta chamou um rato, mostrou-o á filha e disse :

— Eu vou-te dar a este. Agrada-te este rei dos ratos ?

Quando a moça o viu, pensou : — Elle é da minha especie.— E cheia de alegria, pediu ao pae que a transformasse em rata para casar com elle.» (1)

Este conto acha-se no *Kathásaritságara*, no *Kalila e Dimna*, no *Anwâr-i Suhaili*, no *Livro das luzes*, no *Hitopadesa*, no *Harivansa*, no *Livro das Maravilhas*, nos *Laïs* de Maria de França, fabula 64, e ainda na *Historia do povo judaico* de Basnage, como se vê pelas fontes achadas por Benfey na sua introdução ao *Pantchatantra*, e nas notas de Lancereau. Por aqui se infere a sua transmissão do Oriente para a Europa da Edade media e para as tradições populares ; e

(1) *Pantchatantra*, trad. de Edouard Lancereau, p. 250.

quanto mais profundas são as suas raizes tradicionaes, com mais segurança nos aproximamos do seu pensamento mythico inicial. Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, interpreta este conto nas suas relações mythicas: «A rata da noite (a carochinha) é a primeira que apparece; o crepusculo (o falcão, ou os outros animaes) procura agarral-a; a noite torna-se aurora; o sol offerece-se a ella como esposo; o sol é offuscado pela nuvem, e a nuvem é dissipada pelo vento; comtudo, a aurora da noite, a menina, mostra-se sobre a montanha, a rata da noite torna a apparecer e a menina confunde-se com ella.» (1) Gubernatis conclue: «N'este bello mytho, a revolução que se effectua nas vinte e quatro horas do dia acha-se completamente descripta.» Na parlenda da *Formiga e da Neve*, da tradição popular portugueza, apparece tambem o sol, que a nuvem esconde, a qual é espalhada pelo vento, que o muro veda, e que o rato fura. Vê-se que a tradição se desviou da situação do casamento para o encadeamento d'essa outra maravilha popular, a força. Na linguagem popular, a *Carocha* identificou-se com a velha na locução: *chupado das carochas* ou *das bruxas*, o que acontece sempre de noite. O sentido mythico da parlenda infantil portugueza acha-se na segunda parte da historia da Carochinha, quando morre João Ratão, e é chorado pela natureza inteira, como Balder e todos os outros heroes solares.

A lenda portugueza acaba por o rei não chorar, e é por isso como na de Balder, que representa a vaga claridade da noite, que João Ratão não resuscita.

O facto da Velha, dos contos italiano e inglez, ou da Carochinha no conto portuguez, acharem a moeda ao varrer da cosinha, existe ligado nas superstições populares á crença de que na casa em que ha bara-

(1) *Myth. zoologique*, t. II, p. 68.

tas existe dinheiro. Diz Gubernatis, estabelecendo a relação mythica com as riquezas: «A rata nunca é concebida senão em relação com as trevas nocturnas, e por consequencia, dando extensão ao mytho, em relação tambem com as trevas do inverno, d'onde sahem mais tarde a luz e as riquezas.» (1)

Esta categoria de contos de accumulção deve-se considerar como uma das fórmãs mais antigas da novellistica, a que correspondem no lyrismo popular as enumerações dithyrambicas das Orações dos Números. Assim como existem cantos aliterados e onomatopaicos para desenvolverem a loquela das crianças, (genero de *traba-lenguas*, hespanhol) as historias de accumulção perderam totalmente o sentido mythico, conservando nos processos espontaneos da psychologia popular o destino de um exercicio mnemonico.

As Lendas populares — têm quasi sempre um fundo de realidade modificado pelas impressões subjectivas, e com a acção do tempo, á medida que o facto deixa de ser comprehendido ou conhecido, é tambem alterado no sentido da plausibilidade. Em Strabão acha-se a lenda das *Ilhas encantadas*, que tanto suscitaram a imaginação dos navegadores portuguezes. O Mytho das Nuvens, ou as Apsaras indianas, presas pelo Dragão, e libertadas pelo raio solar ou clava do heroe, acha-se na fórmula de Lenda historica na tradição asturiana, portugueza e castelhana do *tributo das Donzellas* que se pagava annualmente aos mouros, e foram libertadas pelo auxilio de S. Thiago. O dr. João de Barros, no manuscripto das *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, cap. 8, conta esta lenda: «ha outro costume n'esta comarqua, que é o censo, foro dos *Votos* de Santiago, que paga cada morador d'esta terra

(1) Op. cit., t. II, p. 76.

e do Reyno de Leão, huma medida de pão e outra de vinho; e os de Leão se pagam ao Arcebispo de Santiago e os d'esta comarqua ao Arcebispo de Braga, que lhe foram permudados por outros direitos que deixou a S. Thiago, e tem nacimiento do tempo del Rey Ramiro godo, o qual se levantou contra os Mouros, e lhe tolheu o tributo que lhe prometteu o rei Mauregato, que lhe dava cada anno *Cem Donzellas*, e por este rei se levantar se quebrou antre elles e os Mouros a paz. E houveram batalha onde milagrosamente appareceu o apostolo S. Thiago. E os Mouros foram vencidos, e foi isto anno de E por esta victoria se prometteram para sempre ao glorioso apostolo estes Votos por os subsidios d'este reino de Leão: que não tinham então mais os christãos, e tudo o mais era de Mouros. Hoje em dia em Galliza, antre a cidade de Coruña e Betanços, está hu logar que chamam o *Peito Burdello*, onde levando os Mouros estas Donzellas lh'as tolheram por força certos christãos, e deram causa á guerra, e por isto se chama aquelle logar *Peito Burdello* por ser Feito triste e feo.» Com esta lenda, inventada sobre um mytho meteorologico para justificar o censo pago á egreja, está relacionada a nossa lenda poetica de Guesto Ansures da trova do *Figueiral*. As lendas repetem-se mudando de epoca e logar, como a do *Milagre de Ourique*, que deriva da tradição do *Lábaro* de Constantino, e a da *Rainha Santa*, e o *Pagem*, que é popular na Alsacia, que Affonso o Sabio contava como um Milagre da Virgem, e que se acha nas collecções orientaes como a de *Katha sarit sagara*. Muitas vezes a explicação etymologica de um nome dá logar a uma lenda; Fernão de Oliveira explica com a seguinte lenda o nome de Aveiro: «Dantes n'essa terra morava hu caçador de *aves*, ao qual como d'alcunha chamavam o *Aveiro*.» Viterbo explica a lenda do *Bispo Negro*, como corre-

spendendo ao facto de se chamarem monges negros aos frades de S. Bento, (1) e regeita a lenda de *Fuas Roupinho*, ou do milagre da Nazareth. (2) A justa comprehensão do valor poetico da Lenda, como uma expressão da realidade segundo a impressão de uma epoca, é um dos mais elevados criterios a que se elevou a moderna sciencia da Historia; os velhos chronicistas serviam-se de todas as tradições populares como documentos positivos de historia, como vemos na Chronica geral de Affonso o Sabio, e este syncretismo não é mais condemnavel, do que a severidade analytica quando regeita todos os elementos que a tradição pôde prestar á comprehensão de um successo. Herculano aborrecido contra a impudencia dos compiladores dos falsos-chronicões, despiu a historia portugueza das magnificas lendas poeticas que lhe dão vida. Não podendo estudar as nossas Lendas nacionaes na sua origem e fórma, limitamo-nos a indical-as pelos titulos, com que geralmente são conhecidas. São ellas: Ilhas encantadas, Milagre de Ourique, Pagem Henrique, Praga de Dona Tareja, Fidelidade de Egas Moniz, Fundação de Lisboa, Geraldo Sem pavor, Gaia, Moura Saluquia, Traga-Mouros, Dama pé de cabra, Egas Moniz Trovador, O Bispo Negro, João Soares de Paiva, a Torre do Sapo, Tributo das Donzellas ou Guesto Ansures, Fuas Roupinho, Martim de Freitas, O solar dos Marinhos, Castello de Faria, D. Branca, Rainha Santa, Maria Paes, D. Ignez de Castro, Confissão de D. Pedro 1, o Castigo do Bispo, Roussada de Bemfica, Beato João de Montemór, a Ala dos Namorados, Doze de Inglaterra, Preste João das Indias, a Espada do Condestavel, Pêgas de Cintra, Beato Amadeu, a Abobada da Batalha, Estatua do Duque de Coimbra,

(1) *Elucidario*, vb.º CLERIGO, p. 197. Ed. Inn.

(2) *Ibid.*, vb.º ALCOBAXA, p. 92.

Morte de D. Guiomar Coutinho, os Amores de Machim, Padeira de Aljubarrota, Estatua da ilha do Corvo, Quinto Imperio, Amores de Bernardim Ribeiro, o Annel de Benção, Vinda de D. Sebastião, Barbas de D. João de Castro, Náo Catherinetta, Obras de Santa Engracia e o Callado é o melhor, Pedro Cem. (1)

A tradição entre o povo não é simplesmente oral; a palavra escripta exerce na sua imaginação um enorme perstigio. *Está em letra redonda*, eis um dos mais elevados grãos da veracidade; *Fallar como um livro aberto*, é o supra-summo do saber, e para concordar com uma verdade intuitiva e universal têm a phrase: *É dos livros*. Isto nos revela a existencia de uma Litteratura de Livros exclusivamente do povo, que elle conserva como uma das suas mais especializadas predilecções.

Os Livros populares portuguezes (Folhas-volantes ou litteratura de cordel.)—As pequenas nacionalidades têm fracos estimulos de actividade, e por isso a sua vida politica, industrial, litteraria e artistica apresenta um poder limitado, que parece á primeira vista uma falta de vigor, de invenção e de originalidade. Conhecida porém a relação dos phenomenos sociaes com o meio, immediatamente se sabe julgar as manifestações mais ou menos conscientes d'essa pequena nacionalidade. Em Portugal o povo só começou a ter vida politica nos Concelhos, e a par d'essas garantias estabelecidas nas Cartas de Foral existiu uma fecunda poesia lyrica tão bella que o que penetrou nos Cancioneiros aristocraticos por imitação não tem nada que o exceda nos Cancioneiros da Edade media da Europa.

(1) Estas Lendas são objecto de um volume que publicaremos em tempo, transcriptas na sua redacção mais antiga, com estudos sobre a sua formação.

No seculo xv começam algumas regalias parlamentares em D. João I, e o povo apresenta os seus cantos festivos, como os que entoava em volta da sepultura do Condestavel, o typo épico da independencia portugueza. (1) No seculo xvi cria-se a riqueza publica pela exploração colonial, e se esse seculo é o mais fecundo da litteratura portugueza, cuja epoca é conhecida pelo nome de Quinhentista, rivalisando quasi com a Italia, — pelo seu lado o povo portuguez tambem teve interesses moraes bastantes para inspirar uma litteratura particularmente sua, com *Autos*, ou dramas hieraticos, com *Trovas* ou composições épicas e lyricas, e com *Relações* ou pequenas narrativas historicas como as bellas descripções dos naufragios na carreira da India.

São numerosos os livros populares do seculo xvi em Portugal, mas antes de fallarmos d'elles importa notar que os principaes escriptores quinhentistas como Gil Vicente, Antonio Ribeiro Chiado, Sá de Miranda, Jorge Ferreira inspiraram-se directamente das tradições populares; outros, como Trancoso, Bandarra, Balthazar Dias, Affonso Alvares, Gregorio Affonso foram exclusivamente os escriptores do povo, os que tiveram o privilegio de lhe dirigir o sentimento, de impressional-o na sua ingenuidade. O conjuncto d'estes livros, que se caracterisam pela sua fôrma material de *folha volante*, ou como lhe chamam os hespanhoes *pliego suelto*, fôrma uma litteratura especial, de uma grande importancia ethnica e historica, á qual se dá em Portugal o nome pittoresco de *Litteratura de cordel*, pelo modo como esses folhetos eram outr'ora apresentados ao publico dependurados em um barbante. Nicoláo Tolentino de Almeida, que conheceu tão bem

(1) Fr. José Pereira de Santa Anna, *Chron. dos Carm.*, t. I, P. I, p. 466.

a physionomia intima da sociedade portugueza do seculo XVIII, refere-se a esta litteratura de cordel, na satyra do *Bilhar* :

Todos os versos leu da Estatua equestre,
E todos os famosos Entremezes
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

Apesar de haver passado um seculo sobre este uso, ainda se conservam algumas canastras de folhetos da antiga litteratura de cordel na concorrida rua do Arsenal. Bocage, que tambem teve intimas relações com o povo portuguez, que lhe perpetuou o nome em lendas picarescas, allude á litteratura popular, quando ella era ainda exclusivamente explorada pelos cegos por um privilegio real de D. João v :

Mercenario pregão de cego andante

.....
Audaz impinge semsabor novella
Munida de um Bocage altisonante.

O poeta reagia contra a falsa attribuição de traductor da *novella exemplar* de Cervantes, a *Hespanhola Ingleza*, que os cegos apregoavam sob o nome de *Bocache*.

Hoje os cegos ainda vendem relações, trovas e historias, mas recorrem a industrias complementares como a venda de jornaes e caixas de phosphoros. A litteratura popular portugueza apresenta trez epochas: a primeira e a mais fecunda, que revela o vigor do povo portuguez, é indubitavelmente no seculo XVI. Não só os escriptores communicaram com o povo, como as obras que o povo adoptou ficaram de tal fórma radicadas no seu gosto, que grande parte dos livros de cordel ainda hoje lidos, como os *Autos e Trovas*

de Balthazar Dias, data da ultima metade do seculo decimo sexto.

A segunda epoca apresenta menos fecundidade, porque se deu uma invencivel concorrência com os escriptores hespanhoes, e os escriptores asceticos desviaram o gosto do povo para os sermões, milagres e vidas de santos. Restam d'esta segunda epoca poucos folhetos populares, e só chegaram ao seculo XVIII o *Fidalgo aprendiz* de D. Francisco Manuel de Mello, as coplas anonymas da *Menina formosa*, o auto do *Colloquio dos Pastores*, de Frei Antonio da Estrella, e o *Tratado dos Passos* de Frei Rodrigo de Deus.

A terceira epoca, pela criação da Confraria do Menino Jesus, por onde se reservou o privilegio exclusivo da venda de folhetos aos cegos, foi bastante fecunda, mas em geral a litteratura de cordel d'esta epoca, quer no theatro ou nas trovas, foi essencialmente picaresca; houve bastantes escriptores populares, como Alexandre Antonio de Lima, que chegou a escrever em plebeismos e giria vulgar, Antonio José da Silva, que soube crear a baixa comedia com a graça popular ou *chalaça*, José Daniel Rodrigues da Costa, auctor do romance picaresco o *Piolho Viajante* e do jornal *Almocreve de Petas*, e Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, o auctor da popularissima comedia do *Manuel Mendes Encundia*.

Depois da vulgarisação dos jornaes extinguiu-se a litteratura popular portugueza, e hoje só se lêem os melhores productos das trez epocas que esboçamos.

Existe uma differença profunda entre *popular* e *tradicional*, que importa bem distinguir para comprehender esta parte da historia litteraria; em geral as creações tradicionaes conservam-se nas versões oraes do povo, mas tambem se conservam entre o povo obras litterarias individuaes que se não derivam da tradição. Muitos dos livros populares pertencem a esta segunda

classe, porém os mais profundamente radicados no gosto do povo são aquelles que se inspiram na tradição. É por isso que todas as vezes que os escriptores se separam do povo as suas obras não tem intuito, e tornam-se quando muito uma habil curiosidade.

O escriptor que mais profundamente conheceu a vida e o gosto do povo portuguez foi Gil Vicente ; por mais minuciosamente que se estudem as suas obras, ha sempre revelações historicas a descobrir ai. Elle converteu o costume popular das representações hieraticas em bellas composições dramaticas a que deu o nome de *Autos*. Estas composições tornaram-se uma necessidade moral da classe burgueza no seculo xvi, e a gente do baixo povo pagava ás crianças da escola para as ouvir lér. Diz Jorge Ferreira, na *Eufrosina* (p. 187): «Se escreveis a lavadeira, que falla fraudado, morde os beiços, lava as mãos com farellos, canta de soláo, inventa trovas, dá ceitis para cerejas a menino da escola que lêa Autos...»

No tempo de Filinto Elysio, especialmente na sua infancia, pagava-se doze vintens aos cegos para recitarem os versos da paixão. Alguns Autos de Gil Vicente foram conhecidos pelo nome que o povó lhes impoz, como a Farça de *Quem tem farellos?*

Jorge Ferreira de Vasconcellos, tão verdadeiro na pintura dos costumes portuguezes do seculo xvi, allude frequentemente a Autos e trovas de Gil Vicente que se haviam tornado populares. Citaremos alguns d'esses Autos ; o da *Mofina Mendes*, baseado sobre a tradição universal da *Bilha de azeite*, é citado como proverbial na *Aulegraphia* : «Fermosura com vangloria dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (*Auleg.*, fl. 52).

Os Autos das *Barcas do Inferno* e do *Purgatorio* tambem foram bastante populares, e ainda no se-

culo xviii se imprimiam e representavam; as folhas volantes perdidas entre as mãos do povo differem das obras impressas sobre o manuscrito pelo filho de Gil Vicente. O *Auto das Barcas* tem duas redacções, uma castelhana publicada em Braga em 1539, e outra portugueza representada em Lisboa antes do fallecimento da segunda mulher de el-rei D. Manuel.

Ambas as redacções differem entre si, parecendo a castelhana derivada ou imitada do *Dialogo de Mercurio e Caronte*, de Valdez; esta redacção tem a mais do que a portugueza, um Introito, no qual se allude a Lisboa:

Mia fé os quiero contar
No sé que vi en Lisboa,
Que dicen que *es cosa boa*.

Tem a mais do que a redacção portugueza um Argumento, em que cita todos os personagens que entram no Auto (os mesmos que apparecem na redacção portugueza) e «Un hidalgo portugues;» tem lá mais quatro quadras moraes endecasyllabas. D. Bartholomé José Gallardo, no *Ensaio de una Bibliotheca de Livros raros*, cita a redacção hespanhola sem conhecer o auctor, e traz excerptos das scenas: do Diabo com o Fidalgo; — do Diabo com o Onzeneiro; — do Anjo com o Frade; — da Alcoviteira com o Diabo; — do Judeu com o Diabo.

Na redacção portugueza das *Barcas* existem variantes fundamentos, sobretudo no seculo xvii. Em um folheto impresso por Domingos Carneiro em 1620, vem uma imitação dos *Arrenegos* de Gregorio Affonso, criado do bispo de Evora, que Gil Vicente poz na bocca do Arraes do Inferno. Os *Arrenegos* foram a obra mais popular do fim do seculo xv, e acham-se no *Cancioneiro* de Resende de 1516, e nas folhas volantes do seculo xvii; o poeta popular Antonio Ribeiro

Chiado tambem os imitou nos seus *Avisos para guardar*. (1) Esse genero de trovas satyricas tem a fórma dithyrambica, que facilita a improvisação e a adaptação popular.

Os *Arrenegos* de Gregorio Affonso foram pois imitados pelo seu contemporaneo, o insigne Gil Vicente; esta imitação, que prova a sua grande popularidade, anda junta á folha volante do criado do bispo de Evora com o titulo:

Arrenegos do Barqueiro do Inferno, novamente trovados.

Por Gil Vicente, de Lisboa

Pois o rio vae tão mal,
e a barca tão vasia,
começo de arrenegar
primeiro de minha tia.
Arrenego da phantasia
de quem mais que a mim amou.
Arrenego eu do grou
que voando foi ao céu.
Arrenego de quem morreu
de medo de uma sardinha.
Arrenego da mesinha
que faz inchar o doente.
Arrenego da semente
que não nasce em dois annos.
Arrenego dos humanos
que tem miolo de pato.
Arrenego do barato
que me leva quanto tenho.
Arrenego eu do lenho
que se faz verde no fogo.

Arrenego eu do jogo
onde vou escalavrado.
Arrenego do Prelado
que se preza de tافل.
Arrenego do azul
que está no meio do olho.
Arrenego do piolho
que mais que seu dono val.
Arrenego do relógio
que não sabe que horas são.
Arrenego do caravelão
que sempre está em secco.
Arrenego do dinheiro
que ganho n'esta viagem.
Arrenego da barcagem
e do malvado Barqueiro.
E a Lucifer requeiro
que por este arrenegar
me queira logo entregar
a priminencia do Inferno. (2)

(1) Citados nas folhas volantes do seculo xviii com o titulo *Avisos contra os enganos*. Papeis varios, coll. da Academia, t. 65, no Escudo apologetico.

(2) Extraídos de uma folha volante impressa em Lisboa por Domingos Carneiro em 1649, com as licenças datadas de 4 de dezembro de 1620. Consultámos o rarissimo exemplar do

Estes *Arrenegos* de Gil Vicente não se encontram intercalados no *Auto da Barca do Inferno*, e devem-se considerar como pertencendo áquelle numero de *obras meídas*, que Luiz Vicente já em 1562 dava como perdidas. Falta em todas as edições das obras completas de Gil Vicente. No Escudo apologetico, folha volante de 1732, cita-se entre as obras populares o *Auto da Barca*, o *Auto da Segunda Barca* e o *Novo Auto da Barca*. E no *Folheto d'Ambas Lisboas*, de 1730, n.º 2: «e até querem governar a *Barca do Inferno*, etc.» Foi na segunda metade do seculo xviii que acabou a popularidade d'este cyclo de Autos hieraticos de Gil Vicente.

Depois dos *Autos das Barcas*, a tragicomedia de *D. Duardos* foi a obra mais popular de Gil Vicente, dedicada ao principe D. João, successor de D. Manuel, e por muito tempo attribuida sem fundamento ao infante D. Luiz. Esta tragicomedia pertence ao cyclo cavalheiresco de aventuras; traz um romance final que o povo portuguez assimilou em versões curiosissimas, tanto em Hespanha como nas ilhas dos Açores, (1) e que o proprio Camões conheceu:

Voyme á las tierras estrañas	Voyme á tierras estrangeras
A dó ventura me guia.	Pues ventura allá me guia.
<i>Aut. dos Amph.</i>	<i>Gil Vicente.</i>

Na *Arte de Galanteria* D. Francisco de Portugal cita o *D. Duardos* como uma composição favorita das damas da cõrte; (2) e a sua popularidade chegou

fallecido Minhava, a quem devêmos a communicação dos Autos mais raros da Litteratura portugueza. Na Bibliotheca do Porto existe outro exemplar.

(1) Vid. Duran, e *Cantos populares do Archipelago*, n.º 56 e 57.

(2) Prestes no *Auto dos Cantarinhos*, cita-o tambem:

Aqui não me pranteis horta,
Com *Dom Duardos* e *Flérída*.
Porque isso me não conforta. (p. 485)

ainda á segunda metade do seculo xviii, porque o *D. Duardos* vem citado em uma lista de folhas volantes que se vendiam no Loreto em 1732. A fórma dramatica decaía da lembrança do povo, e ficou apenas na corrente da tradição oral o bello romance de *Flerida*. No *Folheto de Ambas Lisboas*, de 1731, (n.º 14) citam-se alguns assumptos populares tratados em uma parodia de Academia chamada dos Fleumaticos, e aí se lê: «Feita pausa, nomeou o Secretario o primeiro assumpto heroico, que foi a heroica acção do *Principe D. Duardos* se fingir hortelão para ver e fallar á princeza Flérída, como consta do *Auto* do mesmo D. Duardos logo na segunda folha.» Por este mesmo tempo o Cavalheiro de Oliveira colligia uma bella versão popular do romance de *Flerida*, que Almeida Garrett publicou no seu *Romanceiro*.

Resta de Gil Vicente uma obra que foi popular durante trez seculos, o *Pranto de Maria Parda*; já no meado do seculo xvi fallava d'estas trovas na comedia *Aulegraphia*, o primoroso Jorge Ferreira de Vasconcellos: «Vós, em pessoa nobre agraduado a obreiro, sabe que já competem as padeiras, lee pelo Conde Partinoples, *sabe de cór as Trovas de Maria Parda*, e entra per figura no *Auto* do *Marquez de Mantua*.» (fl. 12). Cita-as tambem Antonio Prestes:

N'um pintar-lhe Anno bom,
N'outro *Maria Parda* (1)

«Meu compadre N. que tomou por sua conta prover-me de todos os Autos de *Maria Parda*, me soccorreu com os villancicos.» (2)

Junto das Trovas de Gil Vicente vem citada uma

(1) *Autos*, p. 32. Ed. Porto.

(2) D. Francisco Manuel, *Cartas*, p. 543.

das obras mais queridas do povo portuguez, o *Marquez de Mantua* do cego Balthazar Dias. As trovas de *Maria Parda* figuram na lista das folhas volantes que se vendiam no Loreto em 1732, e Filinto Elysio, escreve ainda no fim do seculo xviii: «E foram grandes poetas os que compozeram as Cantigas dos Cegos e *Autos de Maria Parda.*» (*Obras*, t. III, 3.)

Hoje nenhuma obra de Gil Vicente subsiste na leitura popular, porque os livreiros voltaram-se para a exploração dos romances francezes; porém pôde-se afirmar que este grande escriptor renasce para a sciencia, que o estuda como a luz mais viva para revelar a existencia moral da sociedade portugueza no seculo xvi. Além d'estes escriptos, Gil Vicente tem ainda uma communicacão bem intima com o povo pelos romances heroicos que intercalou nos seus *Autos*, pelos jogos, pragas, superstições e locuções proverbiaes e fragmentos de cantigas.

Depois de Gil Vicente foi o poeta Antonio Ribeiro Chiado o mais popular pela sua graça franca; Jorge Ferreira diz d'elle: «Em algumas cousas teve graça esse escudeiro.» (*Aulegraphia*, fl. 126, v.) Camões tambem o cita: «e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, como eu, ou como o *Chiado.*» (Pr. da Comedia *El-rei Seleuco.*) Ainda no fim do seculo xvi Soropita referia-se ao poder satyrico d'este poeta popular: «mas basta para elles o Chiado, que lhes soube assentar as costuras.» (*Poes. e Prosas*, p. 109.) As obras de Chiado são extremamente raras e só se conhece o exemplar da Bibliotheca nacional; apenas se conservaram na tradiçãõ a *Pratica de tres Compadres*, e os *Avisos contra os Enganõs*, que ainda se vendiam entre as folhas volantes em 1732. O seu rival Affonso Alvares, criado do Bispo de Evora, foi mais feliz, porque dos seus escriptos ainda se conservam domi-

nando o gosto popular o *Auto de Santo Antonio* e o *Auto de Santa Barbara*, apesar de serem escriptos «a pedimento dos muy honrados e virtuosos conegos de Sam Vicente.» Affonso Alvares era mulato, e saíra das infimas classes. As obras populares de Affonso Alvares e de Balthazar Dias soffreram duros córtes no Index Expurgatorio de 1624, que as não pôde arrancar do gosto publico, representando-se hoje mesmo nos theatros ao ár livre pelas aldeias.

Balthazar Dias, poeta cego, do tempo de D. Sebastião, é o escriptor classico do povo portuguez; as suas obras conservam-se quasi integralmente na leitura vulgar. Elle teve o dom de se apoderar da imaginação ingenua do povo, e os seus versos nunca são ouvidos sem lagrimas; e merece estas manifestações do sentimento, porque Balthazar Dias soube achar os veios auríferos da poesia tradicional; a *Historia da Imperatriz Porcina*, que elle tratou em verso de redondilha, é a celeberrima lenda de *Crescencia*, que occupou a imaginação da Edade media da Europa; no *Folheto de Ambas Lisboas*, (n.º 25) achamos esta referencia: «Canta lindamente per solfa de *Tyranno amor*, aquella delicada xacara que tantas vezes lêmos no Auto da *Imperatriz Porcina*.» Filinto Elysio, tambem allude nas suas *Obras* (t. III, p. 130):

E constrictas choravam maviosas
Ao lerem a *Divina Fortaleza*,
Ou lendo as maguas, queixas e amarguras
Da *Imperatriz Porcina* ou *Mangalona*? (1)

No n.º 2 do *Folheto de Ambas Lisboas*, descrevendo

(1) *Imperatriz Porcina* — *Crescencia* — Genoveva, são a lenda de *Merhuma*, do Tuti-Namé, (1, 7) cuja relação mythica com a Aurora perseguida e libertada é evidente, como o prova *Gubernatis*. (*Myth. zool.*, 1, 131.)

as conversas populares e os sitios mais frequentados na primeira metade do seculo xviii, enumera as principaes obras de Balthazar Dias, notaveis pelo privilegio das lagrimas: «Lembraram-se das commuas conversações d'este genero, onde se junta todo o jarra de humor peripatetico, como v. g. o Balcão do Livreiro de Sam Domingos, o Adro do Monte, a Ribeira das Nãos, o Caes da Pedra, o Cano Real aos domingos de tarde. Alli se repetem historias que succederam a Damadana avó da antiguidade, tão compridas como legua da Povia, alli se traz á memoria a *Historia de Valdevinos*, a morte da *Emperatriz Porcina*, e cada jarreta d'aquelles quando repete aquellas tristes tragedias deita tamanha lagrima como punho, sem advertirem os tolos, que aquillo passou ha muitos tempos, e pode ser que seja mentira. Alli se murmura da *Malicia das Mulheres*, dão-se *Conselhos para bem cazar...*» A historia de Valdevinos é o Auto do *Marquez de Mantua*, citado já como popular por Jorge Ferreira de Vasconcellos, e do qual colligiu o Cavalheiro de Oliveira uma versão preciosa aproveitada por Garrett. Os Autos hieraticos de *Santo Aleixo* e de *Santa Catharina* são ainda hoje representados pelas aldeias, e a *Malicia das Mulheres* tem sido refutada e imitada bastantes vezes. N'esta corrente voraz do tempo muitas obras de Balthazar Dias se perderam ou ficaram esquecidas do povo, taes como o romance *Retrahida está a Infanta*, o Auto de *El-rei Salomão*, o Auto do *Nascimento de Christo* e o Auto breve da *Paixão*, devido com certeza ás prohibições do Index Expurgatorio de 1624.

Apesar dos córtes dados pelos Indices Expurgatorios de 1564, 1581 e 1597, a litteratura popular do seculo xvi pôde sustentar até hoje um grande numero de folhas volantes, das quaes é a principal a Historia de *Roberto do Diabo*, anonyma. A vida de

Roberto do Diabo imprimiu-se em Burgos em 1509 com o titulo *Vida de Roberto admirable y espantosa*; reproduziu-se em 1530 em Alcalá de Henares, e em 1532 em Sevilha. No Index Expurgatorio de 1581 acha-se a fl. 22 prohibido: *Roberto el Diablo*. Foi sobre o texto hespanhol que se fez a versão portugueza. Tem-se dado a Roberto do Diabo a realidade historica de Robert Curte-Heuse, filho de Guilherme o Conquistador; diz porém Littré: «Comtudo estas razões não me parecem sufficientes para que se veja verdadeiramente no heroe do romance uma imagem do filho de Guilherme.» (1)

Ainda hoje o folheto do *Roberto do Diabo* é um dos mais lidos do povo portuguez. Citaremos outros livros populares prohibidos pelo Index de 1581: *Desenganos de Perdidos, Gamaliel*, e o *Lazarinho de Tormes, todas as partes*, (fl. 18, v.) fonte de todos os romances picarescos dos seculos xvii e xviii; *Peregrino e Genebra, Perla preciosa, Selva odorifera, Selva de aventuras, Tratado de Belial*, e *Trovas de-Bandarra*. D'entre estas obras prohibidas sómente as Trovas de Bandarra se conservaram entre o povo, e só por si constituem uma vasta litteratura. Gonçalo Eanes Bandarra é um dos typos mais populares de Portugal e ainda hoje uma grande parte da população crê nas prophecias do sapateiro de Trancoso. As trovas de Bandarra já eram conhecidas desde 1531; ellas são para o nosso povo o que as Prophecias de Merlim foram para os povos bretãos.

Depois das Prophecias o livro mais popular é o que se intitula *Livro das Partidas do Infante D. Pedro*. De facto o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra e digno filho de D. João 1, fez uma viagem aventureosa antes de 1428; allude a essa viagem João de Mena em uns versos publicados no *Cancioneiro* de Resende,

(1) *Études sur les Barbares*, p. 305.

e sabe-se por um documento dos archivos de Flandres, que em 1425 D. Pedro se achava em Bruges: «Pelo fim de dezembro de 1425, o filho do rei de Portugal desembarcado em Ostende, veio visitar Bruges, passando por Odenbourg. Demorou-se mais de um mez na cidade brugense, onde houve festas por sua honra, e além d'outras cousas um torneio sobre o Bourg, a 31 de janeiro de 1426. Os nossos Archivos não dizem de que filho de rei de Portugal (D. João I reinava então) se trata, mas é provavel que fosse D. Pedro, duque de Coimbra.» (1) Camões tambem se refere a esta excursão ao norte. A relação d'esta viagem do Infante D. Pedro é attribuida a um dos seus companheiros de aventuras Gomes de Santo Estevam. Ferdinand Denis revela a existencia d'esta relação apocrypha mas popular em um folheto que se guarda na Bibliotheca nacional de Paris com o titulo: «*Livro do Infante D. Pedro, que andou as quatro Partidas do mundo*. Lisboa, 1554.» Este critico deduz que a primeira redacção fosse em castelhano, e feita por algum espanhol, em nome de Gomes de Santo Estevam, não só porque a primeira edição conhecida é a castelhana de 1546, como tambem nas fallas do Infante com os varios monarchas que visita dá-se como filho de um rei poderoso que conquistou a Hespanha, ou como vassallo e parente do rei de Leão. Este opusculo verdadeiramente popular tem sido alterado nas successivas impressões, e pertence como livro de viagens ao genero das *Mirabilia* de Mandeville, Cubero e outros phantasistas. (2) Hoje o folheto tem um titulo

(1) Emile Vanden Bussche, *Memoires sur les relations qui existèrent autrefois entre les Flamands de Flandre et les Portugais*, P. II, p. 4.

(2) Nouvelle Biographie universelle, v.º *Gomes de Santo Estevam*. Por ventura compilado da *Viagem á India* de Hieronymus de Santo Stephano.

diverso; chama-se as *Sete Partidas do Infante D. Pedro*, e proveiu essa alteração de andar ligado quasi sempre á folha volante dos *Sete Sabios de Roma*, como se pôde verificar pela edição de Barcelona de 1595: «*Los siete Sabios de Roma con el Libro del Infante D. Pedro que anduvo las quatro Partidas del mundo.*»

Commentando a estancia 37 do Canto VIII dos *Lusiadas*,

Aquelle faz que fama illustre fique
D'elle em Germania com que a morte engane,

escreve Faria e Sousa: «Aquel, és Don Pedro, que corrió muchas partes del mundo, con que dió motivo, a que de su peregrinacion se escriviessen cosas que parecen fabulas a quien ha visto poco: principalmente un quaderno que vulgarmente se llama *Auto do Infante D. Pedro*. Algunos piensan que el nombre és improprio, por que piensan, que Auto no passa de significar mas de una suerte de comedia. Pero quien escribió aquel pedaço de historia se devia acordar del titulo de los Apostolos de Christo, que es *Actus Apostolorum*, etc. Assi que el *Auto del Infante* quier decir acciones suyas: de manera, el titulo está ajustado a lo escrito.» (1) Conhecemos depois da edição de Paris, como mais antiga a edição de Lisboa de 1602, de casa de Antonio Alvares. As *Partidas do Infante D. Pedro* tambem foram populares em Hespanha, como vemos pelos versos de Gongora; e em Portugal falla d'ellas como populares no seculo XVII D. Francisco Manuel de Mello. Filinto Elysio cita tambem o opusculo das *Sete Partidas* tal como falla d'elle Faria e Sousa: «Emquanto me lembrar o *Auto do Infante D. Pedro que correu as sete partidas do mundo...*» (Trad. de Lafontaine, p. 361.)

(1) Comm., t. III, p. 434.

As edições numerosas d'estes folhetos differem todas entre si, porque os livreiros têm modificado a linguagem segundo as epochas, para assim satisfazerem a curiosidade do povo. As ultimas edições são do Porto e não tem valor litterario, sendo aliás um monumento digno de estudo esta relação de viagem. A litteratura popular tambem pertenceram no seculo xvi as relações de naufragios dos galeões da India, colligidas no seculo passado em dois volumes sob o titulo de *Historia tragico-maritima*, por Bernardo Gomes de Brito; das mais celebres relações é a do *Naufragio do Galeão S. João*, onde se descreve de um modo shakespeareano a morte de Sepulveda e da sua formosissima mulher D. Leonor de Sá. Esta relação é anonyma e julga-se escripta sob o ditado de Alvaro Fernandes, guardião do galeão grande. Nenhuma das Relações de Naufragio existe hoje na corrente do gosto popular, e infelizmente acham-se substituidas pela Historia de *João de Calais*, abreviada do romance francez de Madame Gomez (née Madeleine Angeliqne Poisson) ultima representação do gosto dos Calpernede e Scudery. (1) Tambem foram populares no seculo xvi a Ecloga do *Crisfal*, de Christovam Falcão, cujos versos apparecem como proverbio nas Cartas de Camões; as *Trovas do Moleyro* de Luiz Brochado, (2), e as trez partes avulsas dos *Contos proveitosos* de Trancoso; estes ultimos conservaram-se no gosto publico até ao meado do seculo xviii. Perderam-se outras obras bastante queridas do povo, como o Auto de *Braz Quadrado*, *Gonçalo Chambão*, as *Coplas da Burra*, e um grande numero de Orações. Foi nas mãos do povo que se perdeu a quasi totalidade das *Obras meúdas* de Gil

(1) Ch. Nizard, *Hist. de la Litterature de Colportage*, t. II, p. 408.

(2) Vid *Antologia portugueza*.

Vicente. Das obras anonymas apenas se conserva ainda no gosto do povo o *Auto do Dia do Juizo*. «Não deve esquecer aqui, que na Praça chamada do Pelourinho velho estão de continuo assentados muitos homens com mezas ante si, os quaes se podem chamar notarios ou copistas, sem character de officiaes publicos, e que n'este exercicio ganham a sua subsistencia. Sabida que é a ideia de qualquer freguez que chega a elles, immediatamente redigem o que se pertende, de modo que ora compõem *Cartas de amores*, de que se faz grande gasto, ora elogios, *Orações, versos, sermões*, epicedios, requerimentos, ou outro qualquer papel, em estylo chão ou pomposo.» (1)

O grande desenvolvimento da litteratura popular no seculo xvi ligado a causas historicas da propria nacionalidade, é a explicação clara do esplendor da epoca dos Quinhentistas, comprovando de um modo positivo o pensamento de Frederico Schlegel: «A separação absoluta dos sabios, do vulgo e do povo, é o maior obstaculo para os progressos intellectuaes de uma nação.» (2) Deu-se esta calamidade em Portugal no seculo xvii; os escriptores saídos das escolas dos Jesuitas eram puros humanistas, e não se preocupavam com o povo. D'aqui a sua grande inferioridade; apenas D. Francisco Manuel de Mello e Francisco Rodrigues Lobo conheceram o veio da poesia popular, e por isso o seu lyrismo é de uma inquestionavel superioridade. D'estes dois escriptores restam dois Autos o do *Fidalgo Aprendiz* e *Auto da Natividade*, que foram populares até ao meado do seculo xviii.

A inferioridade litteraria do seculo xvii começou

(1) *Viagem de Tron e Lippomani a Portugal, em 1580.* (Pan., t. vii, p. 83.) Herculano diz que este costume era já notado por Damião de Goes na descripção latina de Lisboa.

(2) *Hist. da Litteratura antiga e moderna*, 1, 2. Trad. franc.

pelo estabelecimento da intolerancia catholica do reinado de D. João III, e fundação da censura pelo Cardeal D. Henrique. A litteratura popular foi profundamente atacada, mutilada, prohibida, e ainda assim subsistem bastantes composições que dominam de um modo absoluto o gosto nas classes agricolas. O Index Expurgatorio de 1581 traz esta fórmula prohibitiva: «Os vendedores de Autos e Cartilhas, nam vendam nem comprem para vender outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque algumas pessoas escondidamente tem alguns livros que elles comprom e vendem sem saber o que ha nos taes livros, e se seguem d'isso inconvenientes: e ha enformações, que nas taes tendas se acham livros suspeitos e prejudiciaes. E os Sollicitadores do Santo Officio visitarão algumas vezes os ditos logares e farão saber ao Revedor os livros que ali se vendem. O mesmo se fará dos livros que se vendem nas feiras.» A esta tremenda condemnação não escaparam os pobres livros populares ou *de feira*, nem as mais sublimes maravilhas de arte como os *Lusiadas* em 1584.

O tremendo Index Expurgatorio de 1624, organizado pelo padre Balthazar Alves, da Companhia de Jesus, atacou principalmente a litteratura popular, alargando a fórmula: «E geralmente quaesquer Autos, Comedias, Tragedias, Farsas deshonestas, ou onde entrem pessoas ecclesiasticas indecentemente, ou se representa algum sacramento ou Acto Sacramental; ou se reprehendem e vituperam as pessoas que frequentam os Sacramentos e as Egrejas, ou se faz injuria a alguma Ordem ou Estado, aprovado pela Egreja.» (p. 96.)

Apesar das prohibições d'este terrivel Index, alguns livros populares radicaram-se no gosto do vulgo, como o *Auto ou Historia de Theodora donzella*. (Ib. p. 96.) É de crêr que esta redacção fosse a original caste-

hana; na primeira metade do seculo xviii foi traduzida por Carlos Ferreira Lisbonense com o titulo *Historia da Donzella Theodora, em que trata da sua grande formosura e sabedoria*. (Lisboa, 1758.) Este celeberrimo conto hespanhol, sobre o qual Lope de Vega fundou uma das suas bellas comedias com aquelle instincto do genio que lhe fazia presentir o valor das tradições nacionaes, foi continuado em Portugal em um outro folheto intitulado: «*Acto de um Certamen politico que defendeu a discreta Donzella Theodora no reino de Tunes; contém nove conclusões de Cupido, sentenciosamente discretas e rhetoricamente ornadas*. (Lisboa, 1745 fl., 14 p.)

Na epoca em que o Index de 1624 condemnou o *Auto ou Historia de Theodora donzella*, tambem o grande escriptor dramatico Tirso de Molina, na sua comedia *El Vergonzoso en Palacio*, ao pôr na bocca de um amante o elogio da sua dama, allude a este typo proverbial: «*¡Qué Doncella Téodor!*» Segundo Ticknor esta pequena novella não é anterior á conquista de Granada, (1) e Ferdinand Denis caracteriza as noções scientificas n'ella expendidas como inteiramente medievaes. (2) A edição mais antiga conhecida pelos eruditos Gayangos y Vedia é a de Burgos de 1537, in-4.º gothico, geralmente unida á *Historia del Conde Ferran Gonzales* e á de *Los Siete Infantes de Lara*, impressas no mesmo anno por Juan de Junta. (3)

A origem litteraria da novella *A Donzella Theodora* é um problema interessante para a comprehensão das

(1) *Historia de la Litteratura española*, t. II, p. 353, not.

(2) *Chron. chevall. d'Espagne*, t. I, p. 285.

(3) Estes dois ultimos folhetos entraram tambem na Litteratura popular portugueza, e a sua ultima edição é do Porto, 1863: *Historia curiosa da Vida do Conde de Castella Fernão Gonçalves, e das Façanhas dos sete Infantes de Lara*. (Livraria popular, n.º 6.)

fontes tradicionaes da península, em que o elemento arabe é de uma importancia fundamental apesar de todos os esforços da reacção catholica. Nicoláo Antonio diz que passa por auctor da novella um *aragonez* chamado *Alfonso*, (1) e Latassa colloca-o entre os escriptores aragonezes; (2) Gayangos propõe uma conjectura plausivel identificando este Alfonso com Pedro *Alfonso*, judeu natural de Huesca, chamado Rabbi Moseh, que se converteu ao christianismo recebendo no baptismo o patronymico de *Alfonso* por ser padrinho o rei de *Aragão* D. Affonso o Batalhador. Pedro Alfonso é o celebre auctor da *Disciplina clericalis*, formada de contos traduzidos do arabe para latim; de facto existe tambem uma redacção arabe do conto da *Donzella Theodora*, e os vestigios de uma traducção latina ainda se conservam nos nomes latinos dos doze signos do Zodiaco; a versão castelhana seria por ventura feita depois da tomada de Tunis em 1535, com variantes fundamentaes como as que exigem uma adaptacção a novos usos. Assim a conjectura torna-se quasi uma realidade; diz Gayangos: «Não ha que extranhar que chegando ás mãos de Alfonso o original arabico da *Historia da Donzella Theodora* o traduzisse em latim, alterando-o, e que mais tarde a obra latina se vertesse em castelhano com variantes maiores. Devemos accrescentar a isto, que o conto arabico tem todas as fórmas assim como o estylo próprio d'esta classe de obras populares; e que o exemplar que possuimos se attribue a obra de Abu Bequer Al-war-rac, celebre escriptor do segundo seculo da Hegira, e auctor de outros contos e tratados do mesmo estylo; isto fortalece a suspeita mesmo de que a obra poderia

(1) *Bibliotheca Nova*, t. I, p. 9.

(2) *Bibl. ant. de Escriptores aragonezes*, t. II, p. 364. Ap. Ticknor.

ter sido traduzida para latim e vertida depois para castelhano. (1)

Gayangos traz uma exposição abreviada do argumento da redacção arabe da *Donzella Theodora*, cujo titulo é: *Historia da Donzella Theodora e do que aconteceu com um astrologo, um ulema e um poeta na côrte de Harún Ar-Raxid*. (2) Eis o argumento: «Um opulento mercador e droguista de Bagdad comprou uma escrava de tenra idade, e a educou com particular esmero, ensinando-lhe não só os trabalhos e prendas proprias de seu sexo, se não tambem as sciencias mais abstractas e reconditas, sendo tal a sua disposição e tão grandes os seus progressos, que com grande brevidade chegou ao ultimo gráo de perfeição e sabedoria. Andando o tempo, o mercador, que tinha pela sua escrava e pupila o amor mais terno, viu-se reduzido á miseria em consequencia de uma especulação arrojada que lhe arrebatou de uma só vez todas as riquezas. N'estes apuros decidiu-se, depois de ter consultado a sua propria escrava e a seus amigos e parentes mais proximos, a ir offerecel-a ao Califa, e utilizar-se na sua necessidade do preço que por ella lhe dêsse. Para este fim vestiu-a com as suas melhores roupas, adornou-a com ricas joias, e tendo solicitado uma audiencia apresentou-se com ella na côrte do Califa, expoz o motivo que ali o trazia, os varios dotes que adornavam a sua escrava, as sciencias que possuia, e concluiu pedindo por ella dez mil dinheiros de ouro (dez mil dobras de bom ouro vermelho, diz a relação castelhana.) O Califa assim que viu Theo-

(1) *Historia de la Litteratura española*, t. II, Adiciones y Notas, p. 557.

(2) *Quissat chariat Tudur gua ma cana min haditsiha mã-munachem, gua-l-âalem gua-u-nadham fi hadhrati Harun Er-Raxid*.

dora, ficou muito cativado da sua formosura ; porém parecendo-lhe exorbitante o preço que o mercador pedia por ella, propoz sujeital-a a um exame rigoroso, offerecendo pagar por ella as dez mil dobras pedidas se saisse bem da prova, e no caso contrario dar só mil, preço que lhe pareceu justo e razoavel. Aceite a proposta pelo mercador, Harún Ar-Raxid mandou logo vir á sua presença um celebre Doutor e poeta chamado Ibrahim (a novella castelhana chama-lhe Abraham o Trovador), o maior letrado dos seus reinos, assim como a outros dois, um grande theologo e moralista, philosopho, e o outro mestre nas sete artes liberaes. Todos trez foram vencidos pela discreta Donzella na disputa ou Certamen que na presença do Califa e da sua côrte se entabolou, resultando por ultimo, que este não só pagou por ella as dez mil dobras pedidas, senão que por um d'aquelles rasgos de generoso desprendimento que os escriptores arabes se comprazem tanto a attribuir-lhe, renunciou á escrava e presenteou com ella o mercador.» (1)

Depois d'este argumento extraído por Gayangos, este illustre arabista conclue que é a mesma situação da novella castelhana, substituindo-se alguns detalhes accidentaes, como o mercador de Bagdad pelo mercador christão e inverosimil de Hungria ; a collocação da scena em Tunis, então popular pela conquista de Carlos v ; o nome de Harún Ar-Raxid é substituido pelo typo lendario de Miramolín Almanzor, das chronicas hespanholas ; as questões theologicas e metaphisicas da religião mussulmana modificadas nas fórmulas analogas do catholicismo. As questões scientificas tem a mesma ordem que na redacção arabe. É possivel que a redacção castelhana de 1537 fosse conhecida em Portugal pela circumstancia de tambem

(1) Op. cit., p. 554.

havermos tomado parte na aventura cavalheiresca da tomada de Tunis; apesar da transformação catholica da redacção latina de *Alfonso*, ainda o Index de 1624 entendeu de vel-a prohibir. Este folheto é um dos mais vigorosos nas leituras populares, e reproduz-se annualmente. Em geral os nossos livros populares derivaram-se de Hespanha, como temos visto pelo *Marquez de Mantua*, *Historia de Carlomagno* (Alcalá, 1570), *Roberto el-Diablo*, *Donzella Theodora*, o *Conde Fernão Gonsalves*, *Sete Infantes de Lara*, e a *Historia da formosa Magalona*.

Esta ultima novella pertence á influencia do romance francez sobre as litteraturas da peninsula; foi, segundo Victor Leclerc, escripta primitivamente em provençal no seculo xiv por Bernardo de Trèves, e diz-se que aos quatorze annos de idade Petrarcha retocára o texto. Loiseleur des Longchamps cita um manuscrito do seculo xv com o texto de — *Pierre de Provence et de la belle Maguelonne* (de fl. 60 a 109. — Ap. *Essai sur les Fables indiennes*, p. xxxvi da *Description des Ms.*) A edição mais antiga que se conhece em Hespanha é a de Sevilha, de 1519, com o titulo *La Historia de la linda Magalona, fija del rey de Napoles, y del muy esforçado cavallero Pierres de Provença*. O livreiro Jacob Cromberger, allemão, trabalhava em Portugal por 1521, e portanto é de crêr que esta novella se vulgarisasse desde o segundo quartel do seculo xvi; é ainda hoje um dos livros do povo mais apetecidos. (1) Filinto Elysio cita-a com o nome que lhe deu o povo, *Formosa Mangalona*.

A parte original da Litteratura popular do seculo xvii é menos fecunda; era impossivel a victoria contra os Indices Expurgatorios e contra a invasão castelhana.

(1) A ultima edição é a do Porto de 1859 (Livraria do povo n.º 12.)

Ainda assim alguns d'esses opusculos conservaram a sua popularidade até ao fim do seculo XVIII. No folheto intitulado *Escudo apologetico*, de 1732, cita-se o *Auto da Fortaleza*; a este mesmo se refere Filinto Elyσιο (*Obras*, t. IV, p. 236):

E constrictas choravam maviosas
Ao lerem a *Divina Fortaleza*....

Em uma nota accrescenta: «Certo Auto impresso que começa:

A fortaleza divina
Grandemente aqui tremeu.

«Nunca o li (quando era pequeno,) a minha mãe e a sua comadre Maria Antonia, que lhe não escorressem as lagrimas em pinga, etc.» Filinto refere-se aqui, bem como o annuncio do *Auto da Fortaleza* ás coplas em redondilhas, que vem no capitulo II do *Tratado dos Passos, que se andam na Quaresma*, pelo padre Frei Rodrigo de Deus, guardião do Convento de Nossa Senhora da Arrabida, natural de Bretiande, junto a Lamego. Impresso em Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1618; acham-se a fl. 35 a 60 e começam:

A fortaleza divina	Aos discipulos mandou
Grandemente aqui tremeu,	Que o esperassem aqui,
A alegria dos Anjos	E vigiassem por elle
Muito aqui se entristeceu.	Emquanto foi orar ali, etc.

Os versos não primam pela belleza, mas incutiram-se no gosto do povo fanatisado pelas via-sacras e bandeiras da santa doutrina. O *Colloquio dos Pastores* de Frei Antonio da Estrella, onde se imita a linguagem popular, é um Auto digno representante da

escola nacional de Gil Vicente ; Filinto ainda o cita nos versos :

E eu fui um d'esses
Que no *Auto dos Pastores* e mais outros
Fiz meu papel a gosto dos visinhos.

(*Obras*, t. iv, 236.)

Esta parte da litteratura popular completava-se com os espectaculos dos presepios, a que pertence tambem a manifestação semi-popular das Lôas :

Ou c'os Zagaes, c'os Reis se compozeram
Do nosso Redemptor na fausta Aurora
Lendo *Lôas*, que no Natal divino
Em tempos mais singelos que os de agora
Diante de presepios mui vistosos
Representámos já.

(Filinto, *Ib.*)

O *Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Mello, o *Auto do Cazeiro de Alvalade*, e algumas *Sylvas* de Francisco Lopes Livreiro conseguiram popularisar-se chegando até ao meado do seculo xviii. As Coplas ou *Trovas da Menina formosa*, (1) que começam:

Menina formosa
Dizei de que vem
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem,

foram bastantes vezes glosadas, e a sua fórma em redondilha menor, sympathica ao ouvido popular, fez com que se vulgarisassem a ponto de serem citadas como allusão proverbial. Entre os escriptores do seculo xvii o que teve o tino de fazer-se querido do povo

(1) Vid. *Antologia portugueza*.

foi Francisco Lopes, cujas quintilhas devotas foram assimiladas pelo povo em romances populares, como o *Milagre de Santo Antonio* e a *Princeza de Leão*. (1)

A litteratura popular apresenta-nos no seculo xviii um phenomeno de revivescencia importante; não só se conservam no gosto do povo os velhos auctores das folhas volantes, Gil Vicente, Affonso Alvares, Balthazar Dias, Gomes de Santo Estevam e Gonçalo Fernandes Trancoso, como tambem novos escriptores surgem dotados d'esse segredo magico de se fazerem ouvir pela alma ingenua da multidão: taes são pela sua ordem Antonio José da Silva, Alexandre Antonio de Lima, Diogo da Costa, José Daniel, Antonio Xavier e Jeronymo Moreira de Carvalho. Alguns dos velhos Autos que se liam desde o seculo xvi em hespanhol, como o *Roberto el Diablo*, prohibido no Index de 1581, e o *Auto ou Historia de Theodora, donzella*, prohibido no Index Expurgatorio de 1624, foram novamente traduzidos, como para acabar a sua perfeita assimilação popular. Em 1733 publicou Jeronymo Moreira de Carvalho a folha volante com o titulo «*Historia do grande Roberto, duque de Normandia e Emperador de Roma, em que se trata da sua conceição, nascimento e depravada vida, por onde mereceu ser chamado Roberto do Diabo, e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia...*» Em 1735 Carlos Ferreira Lisbonense satisfaz a curiosidade publica traduzindo, como Moreira, a *Historia da Donzella Theodora*, seguindo-se-lhe em 1745 o *Acto do Certamen politico da Donzella Theodora*, que suppomos original portuguez.

Assim como alguns livros populares francezes, como a *Formosa Magalona*, nos vieram por via de Hespanha, repetiu-se esse mesmo itinerario com relação á *Historia de Carlos Magno*, traduzida por Jeronymo

(1) *Floresta de Romances*.

Moreira de Carvalho da redacção castelhana de Nicoláo de Piamonte. Este livro, que é ainda hoje o mais lido e reproduzido em Portugal, foi pela primeira vez publicado em Sevilha em 1525, quarenta annos depois da publicação do seu original francez que se intitula *Conquêtes du grand Charlemagne*. (1) O titulo d'esta primeira edição é «*Carlo Magno. Historia de emperador Carlo Magno, y de los Doze Pares de Francia: e de la cruda batalla que uvo Oliveros con Fierabras Rey de Alexandria, hijo del grande Almirante Balan*. Sevilha, impressa por Jacob Comberger, a 24 de abril de 1525.» Existem outras edições de Sevilha de 1528, 1534, 1547, 1548 e 1549; a edição de 1570 traz um prologo interessantissimo, onde não só se allude ás fontes francezas da novella, como tambem ao auctor da versão: «Por ende, yo, *Nicolas de Piamonte*, propongo de trasladar la dicha escriptura de leguaje francez en romance castellano, sin discrepar, nin añadir, ni quitar cosa alguna de la escriptura franceza.» (2) Segundo Gaston Paris, que conhece admiravelmente o valor poetico das Gestas carolinas, apesar do favor que este livro encontrou na peninsula considera-o máo, (3) não tendo influencia na litteratura.

A *Historia de Carlos Magno*, foi conhecida desde muito tempo em Portugal, reimprimindo-se em Lisboa, por Domingos Fonseca em 1615, em folio de trinta folhas a duas columnas, e em Coimbra em 1732, em in-8.º A traducção de Jeronymo Moreira de Carvalho, comprehende duas partes, a primeira impressa em Lisboa, em 1728, e a segunda em 1737, segundo a auctoridade de Innocencio. No prologo da edição de

(1) Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, p. 214.

(2) Reproduzido nas Adições e Notas da trad. de Ticknor, *Hist. de la Litteratura españ.*, t. 1, p. 524.

(3) Op. cit., p. 215.

Nicoláo de Piamonte, de 1570, diz-se que a obra é dividida em *trez livros*; Jeronymo Moreira misturou na sua segunda parte as ficções de Boiardo e Ariosto com o syncretismo das Gestas, desviando-se da obra hespanhola. Em 1745 appareceu uma *Verdadeira terceira parte da Historia de Carlos Magno, em que se escrevem as gloriosas acções e victorias de Bernardo del Carpio, e de como venceu em batalha aos Doze Pares de França*, escripta por Alexandre Caetano Gomes Flaviense, presbytero do habito de S. Pedro, graduado nos sagrados Canones, protonotario apostolico e natural da praça de Chaves. Estas trez partes andam em dois volumes in-8.º pequeno da impressão de Simão Thadeu Ferreira, e com a erudição pedante das chronicas hespanholas misturada com as ficções italianas; a parte de Caetano Gomes é a mais disparatada: «Para servir de divertimento e diversão do somno nas compridas noites de inverno» é que elle comprehendeu a «copia resumida das grandes acções de Bernardo del Carpio» conservando apenas o nome de Carlos Magno no titulo da obra, e começando pela historia da creação *ab ovo*. Como a obra grande não podia chegar a todos, fez-se um resumo em folha volante intitulado: «*Historia nova do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França: contém a grande batalha que teve com Malco, rei de Fez a qual venceu Reinaldos de Montalvão, e dos muitos trabalhos que este padeceu por traição de Galalão, sendo sempre leal, constante na Fé, e melhor dos doze Pares.* Lisboa, 1789.» A historia mais volumosa era conhecida pelo nome de Carlos Magno commentado, e o resumo era extraido dos *Nove da Fama*. Nicoláo Tolentino, nas suas salgadas quintilhas, refere-se á leitura predilecta do nosso povo:

Iremos vér no outro lado
Onde acaso os olhos puz

Em quarto-grande estampado
 Saiu novamente á luz
Carlos Magno commentado. (1)

Á irresistivel tendencia para o gosto picaresco não escapou o cyclo de Carlos Magno, apparecendo uma folha volante da *Vida do façanhoso Roldão*, em duzentas e onze quadras, tratando os seus feitos como trampolines de vagabundo. (2) Do cyclo de Carlos tambem saiu um Auto popular, que não chegou a vulgarisar-se, pertencendo á immensa collecção das comedias de cordel.

Em um folheto de 1732 intitulado *Escudo apologetico contraposto aos golpes do descuido critico*, se acha uma importante enumeração dos principaes opusculos que no principio do seculo XVIII constituíam a litteratura de cordel ou os Livros populares portuguezes: «Aqui se acham o *Auto e Colloquio do Nascimento*, o *Auto de Santo Aleixo*, o *Auto de Santo Antonio*, o *Auto de Santa Barbara*, o *Auto de Santa Catherina*, o *Auto de Santa Maria Egypciaca*, o *Auto ou Vida de S. João de Deus*, o *Auto do Dia do Juizo*, o *Auto da Barca*, o *Auto do Fidalgo aprendiz*, o *Auto das Padeiras*, o *Auto do Cazeiro d'Alvalade*, o *Auto da segunda Barca*, o *Conselho para bem casar*, o *Pranto de Maria Parda*, o *Infante D. Pedro*, o *de D. Duardos*, o *Tratado dos Passos*, o *Lazarinho de Tormes*, os *Avisos contra os Enganos*, a *Pratica de trez Compadres*, o *Tratado das Lições da Espada preta*, as *Trovas da Menina formosa*, a *Magalona*, o *Marquez de Mantua*, ou *Valdevinos*, a *Emperatriz Porcina*, a *Malicia das Mulheres*, o *Terremoto de Roma*, a *Ousadia do menino morto*, o *Novo Auto da Barca*, o *Auto da fortaleza*, e outras curiosi-

(1) Ed. das *Obras* de Tolentino, por J. de Torres, p. 239.

(2) É de 1790. Vimol-o na Bibliotheca do Porto.

dades.» Eram estes os folhetos que se vendiam pendurados em barbante pelas paredes do Loreto. (1) Todos estes livros de cordel são conhecidissimos, e alguns d'elles, dos principaes escriptores portuguezes do seculo xvi e xvii, ainda se conservam no gosto do povo.

É do meado do seculo xviii, o folheto da *Padeira de Aljubarrota*, tradição da historia nacional accommodada ao gosto do vulgo por Diogo da Costa; segundo Barbosa Machado, este nome é supposto, e Innocencio por um antigo catalogo de livros que consultou na Academia das Sciencias, diz que era um mestre de grammatica chamado André da Luz; o folheto publicado em Lisboa, em 1743, intitula-se *Auto novo e curioso da Forneira de Aljubarrota, em que se contem a vida e façanhas d'esta gloriosa matrona*. O Auto é uma relação alambicada e conceituosa, mas ainda assim as edições para o povo repetem-se; (2) esta tradição nacional foi tambem tratada em um poemeto em cinco cantos (61 p. in-8.º pequeno oblongo) pelo consul portuguez em Hamburgo em 1806 José Anselmo Corrêa Henriques. O povo ama as lendas e sanctificações locaes; pertencem a este genero o Auto de S. João de Deus, com o titulo; *Gloria de Monte-Mór, ventura de Granada, em S. João de Deus* — de Luiz da Rocha, senhor de Thomar. Lisboa, 1754; e a farça do *Abbate João*, de Francisco de Pina e Mello, que annualmente se representava em Monte-Mór-o-Velho. Este velho Auto ficou inedito, e sabemos da sua existencia por João Pedro Ribeiro, que diz: «representava-se annualmente a farça (do *Abbate João*), que dizem ter sido

(1) Vid. este opusculo na collecção de *Papeis Varios*, da Academia das Sciencias, t. 65.

(2) Possuimos a edição do Porto de 1856 (N.º 20 da Livraria do Povo.)

composta pelo celebre Pina, do seculo passado, natural da mesma villa.» (1) Muitos Autos conservados tradicionalmente alteraram-se na linguagem, como o que começa: *Herodes, monarcha angústio*, etc. Alexandre Antonio de Lima, da Academia dos Occultos, escreveu n'este estylo cartas e versos, bastante curiosos, conhecido pelo nome de *giria alfamista*.

As tradições nacionaes deviam constituir o thema dos livros populares, se os nossos escriptores comprehendessem a sua missão; as fôrmas rhetoricas e o pedantismo erudito tirava ás suas relações a simplicidade ingenua que lhe daria a vulgarisação. A *Pa-deira de Aljubarrota* apresenta estes defeitos, mas subsiste; a tradição dos Doze de Inglaterra ficou ignorada do povo. Em 1732 publicou Ignacio Rodrigues Védouro uma folha volante imitando as fôrmas de chronica com o titulo: *Desaño dos Doze de Inglaterra, que na côrte de Londres se combateram em Desagravo das Damas inglezas...* (2) Depois das *Partidas do Infante D. Pedro* seria este um assumpto da sympathia popular; o folheto ficou esquecido por causa da sua fôrma pedantesca, e a primitiva relação do seculo xv vista por Faria e Sousa ficou inedita e perdeu-se. Sobre a existencia de uma pequena *Chronica dos Doze de Inglaterra* é cathgorica a affirmação de Faria e Sousa: «Yo quando no huiera visto *un papel antiguo d'este successo* le tuviera por verdadero forçosamente...» (*Comment. dos Lus.*, cant. vi, est. 43.)

Existiu em Lisboa por 1749 uma associação de Cegos com character de irmandade religiosa, a qual tinha o privilegio da venda exclusiva das Folhinhas, Historias, Relações, Reportorios, Comedias portuguezas e castelhanas, Autos e Livros usados; intitulava-se

(1) *Dissertações chronologicas*, t. iv, P. II, p. 28.

(2) Bibliotheca da Academia das Sciencias: E. 423—26.

Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, sita na igreja parochial de S. Jorge em Lisboa, e depois na igreja parochial de S. Martinho. D. João v deu uma Provisão, de 7 de janeiro de 1749, estabelecendo os privilegios da irmandade e nomeando-lhe um juiz conservador, e cominando a multa de 60\$000 réis, metade para os captivos e metade para a confraria, a todos aquelles que violassem o privilegio dos Cegos. O prologo que precede a Provisão é interessante :

«Dom João etc, Senhor de Guiné, etc. Faço saber que o Juiz e mais officiaes da Mesa da Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, sita na Parochial Igreja de Sam Jorge d'esta cidade, me representaram por sua petição que elles tinham o seu compromisso e accrescentamento approved por mim e pelo Ordinario, como se mostrava pelo instrumento que juntavam, do qual se mostrava as penas que impunha áquelles cegos, que, sem serem Irmãos da dita Irmandade resassem pelas portas ou vendessem papeis avulsos, como tambem aos de vista ; e para melhor augmentarem a dita Irmandade, pois o não podiam fazer senão das esmolas que lhes davam os devotos que os mandavam resar, e dos papeis que vendiam, porque dos mesmos Irmãos haviam muitos, que não só por si vendiam papeis e livros, que lhes era permittido o venderem, mas os mandavam vender por seus moços, e em tendas que tinham por sua conta, no que lhes causavam grande prejuiso, e para o evitarem recorriam a mim para ordenar que um dos Corregedores do Civel da Côrte fizesse ir á sua presença os Irmãos, que pela Mesa dos Supplicantes lhe fossem nomeados, e tambem os de vista que costumavam vender pelas ruas, ou em tendas do Terreiro do Paço, e lhes fizesse a todos assignar termo, e aos Cegos de não venderem papel algum senão em uma só parte, e que sendo em mais o não poderem fazer sem pri-

meiro o requererem á Mesa dos Supplicantes, e lhes serem impostas as penas do Compromisso, e que o Corregedor nomeado as fizesse executar todas as vezes que pela Mesa lhe fosse requerido, sem que fossem ouvidos em cousa alguma, e que os de vista não podessem vender papel algum dos que pertenciam aos Supplicantes, e isto se entenderia sómente n'este Patriarchado, e não em mais parte alguma, e reputando algum, fosse preso. Pedindo-me lhe fizesse Mercê mandar passar ordem na fôrma sobredita.» (1)

Nas folhas volantes do seculo XVIII acham-se bastantes annuncios das tendas dos cegos; reproduzimos algumas linhas que vem na comedia o *Viajante*: «Na mão de Romão José, homem cego, na esquina da casa dos Padres de S. Domingos, no Rocio, voltando para a praça da Figueira, se acharão as comedias seguintes...» E n'outros folhetos: «Casa de Joaquim de Pina, Mercador de Livros, assistente nas Casas dos Religiosos de S. Domingos com a frente para o Rocio, na escada n.º 3.» Por ventura era *um de vista*, que pertencia á Irmandade dos Homens Cegos; os livreiros das folhas volantes andaram sempre em lucta com os cegos: «Ainda em 1820 houve Resolução do Desembargo do Paço, mantendo os Privilegios da Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, que sempre *foi muito favorecida dos senhores reis d'estes reinos*, como diz a consulta.» (2) As Escadas do antigo Hospital de Todos os Santos, o Loreto, e a arcada do norte do Terreiro do Paço eram as principaes tendas dos Cegos, onde estavam os folhetos, como diz Tolentino, e tambem a cavallo n'um barbante.

Tolentino criticando um escriptor de folhas volan-

(1) Reproduzido do *Summario de Varia Historia*, t. IV, p. 58, do Dr. Ribeiro Guimarães.

(2) Dr. Ribeiro Guimarães, *Ibidem*.

tes, na sua satyra do *Velho*, descreve o typo do cego andante, o propagador da litteratura de cordel :

Enfastiados freguezes
 Juram que este auctor é louco ;
 O Cego grita seis mezes ;
 E á noite, raivoso e rouco,
 Conta os mesmos entremezes. (1)

Pela Provisão de 7 de janeiro de 1749, se vê que os Cegos pediam o privilegio de só poderem resar pelas portas os que pertencessem á Irmandade do Menino Jesus. As Orações populares são um rico capitulo d'esta litteratura de cordel, e embora prohibidas em todos os Indices Expurgatorios, ainda no seculo XVIII eram uma boa fonte de receita, como diz Filinto Ely-sio, fallando das regateiras que ouviam a «Paixão, que na queresma lhe iam cantar os Cegos por doze vintens.» (*Obras*, t. III, p. 130.) No Entremez dos *Cegos enganados* citam-se diferentes Orações :

- 1.º CEGO : Mandem-me resar, senhores,
 A *Oração de Santo Anselmo*.
- 2.º CEGO : E a mim mandem-me resar
 A do *Santo Nicodemus*.
- 1.º CEGO : Mandem-me, mandem-me resar
 A de *S. Bartholomeu*,
 Que tem por uma cadêa
 Todos os demonios presos.
- 2.º CEGO : Ha quem me mande resar
 Da *Virgem Santa os Mystérios*,
 E tudo mais que a Cartilha
 Nos manda resar aos Cegos.
 (*Musa entretenida.*)

(1) *Obras*, p. 264.

É esta uma das partes mais vivas da poesia tradicional, e como especimen das mais puras é a *Obra da Creação* colligida de um mendigo portuguez no Rio de Janeiro. Existem bastantes folhas volantes com Cantigas devotas a S. João, S. Pedro, S. Gonçalo de Amarante, que se vendiam e recitavam por occasião das festas populares d'estes Santos, entre os quaes era S. Martinho um dos mais picarescos por ser o patrono da confraria dos bebados.

As Folhas volantes tornaram-se quasi exclusivamente litterarias, pelos assumptos palacianos e particulares que os poetas tratavam; são numerosas as collecções de folhetos em verso e prosa impressos por occasião da morte da princeza D. Francisca Benedicta, por occasião da subida da *Passarola* do padre Lourenço de Gusmão, pela morte de D. João v, pela Elevação da Estatua Equestre, pela morte do principe D. José, pelo nascimento do principe D. Antonio, etc. Estes folhetos não penetraram no povo, que continuou lendo as antigas obras dos seus poetas favoritos, Gil Vicente, Balthazar Dias, Affonso Alvares, D. Francisco Manuel, Francisco Lopes, e admittindo com difficuldade as composições que lhe apresentavam á sombra da caridade dos cegos.

Para explorarem a vulgarisação dos folhetos, os livreiros reproduziram algumas composições litterarias sem destino popular, mascarando-as com o nome de Auto ou de Historia; assim appareceram em folha volante as outavas do quinhentista Antonio Ferreira a *Santa Comba dos Valles*, com o titulo: *A Formosura do Campo. A Flor peregrina dos montes. Historia de Santa Comba dos Valles*. Com o titulo de *Auto das Lagrymas de S. Pedro*, publicaram-se em folha volante umas outras outavas de Diogo Bernardes; o livreiro Francisco Luiz Ameno publicou com o titulo de *Auto dos Novissimos do Homem* uns versos endecasyllabos

soltos de Jeronymo Côrte-Real, com diminuto valor poetico ; finalmente com o titulo de *Auto de Adão* appareceu um resumo popular em prosa por José da Cunha Brochado, dos factos da creação segundo o *Genesis*.

Nem sómente nos versos de Filinto Elysio encontramos a prova da popularidade da *Ecloga de Albano e Damiana*, de João Xavier de Mattos ; na comedia de cordel *Os curiosos punidos*, diz um personagem : « eu aprendi de côr em dois dias e meio a *Ecloga de Albano e Damiana*, e a repetia a umas visinhas da escada, com tal graça que todas diziam : a rapariga é o demónio. » Em Filinto se lê : « Como tambem n'outra éra, depois (tinha eu trinta por quarenta annos) saberem as regateiras de côr as oitavas da *Ecloga de Albano e Damiana...* » (*Ob.*, t. III, p. 130.) Tendo Filinto nascido em 1734, a epoca em que algumas obras litterarias entraram na corrente do gosto popular deve fixar-se aproximadamente por 1769.

De um catalogo dos folhetos que se vendiam em 1783 no logar de João Henriques, no principio da rua Augusta, encontramos citadas as seguintes folhas volantes que formam a melhor parte da litteratura de cordel da ultima metade do seculo :

Historia nova de João de Calais, dos grandes trabalhos que padeceu e a fortuna que teve depois.— *Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador de Roma, e suas virtudes e trabalhos.*— *Historia da Princeza Magalona, e seus amores e trabalhos.*— *Historia de Roberto do Diabo, que depois mereceu por sua penitencia ser chamado Roberto de Deus.*— *Historia do Marquez de Mantua, que conta a morte que elle fez dar ao filho do Imperador Carlos Magno.*— *Historia verdadeira acontecida no Algarve a D. Pedro e D. Francisca.*— *Historia de Reinaldos de Montalvão, um dos Doze Pares de França.*— *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, que correu as sete partidas do mundo.*— *Vida e famosas*

acções do celebre Cosme Manhoso, 3 partes.— Autos de Santo Aleixo, Santa Genoveva, Santa Catherina, do Dia do Juizo, da Paixão, de Jesu Christo, de Santa Barbara, e todas as qualidades de Comedias e Entremeses; Astucias subtilissimas de Bertoldo. Por este mesmo catalogo se nota que a influencia hespanhola começava a ser substituida pela influencia franceza, como se vê pela versão dos Contos de Voltaire e das comedias de Molière; porém de tantos folhetos só entraram no gosto popular formando parte da litteratura de cordel o *Cosme Manhoso*, as historias de *Bertoldo*, *Bertoldinho e Cacasseno*, a historia de *João de Calais*, e os *Trez Corcovados de Setubal*.

Depois d'estas obras entraram ainda na corrente da leitura popular o *Auto de Santo Antonio*, e a farça de *Manuel Mendes Encundia* por Antonio Xavier Ferreira de Azevedo; contra ellas protestava a indole biliosa e cheia de inveja do padre José Agostinho de Macedo, como contra as comedias de Nicoláo Luiz protestára, até certo ponto com razão, o erudito Manuel de Figueiredo. As obras de outro escriptor popular José Daniel Rodrigues da Costa, taes como o *Piolho Viajante*, *Almocreve das Petas* e *Barca da carreira dos tolos* foram bastante lidas, mas não entraram na corrente da vulgarisação.

Apesar da sua origem estrangeira, os typos de *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno* tornaram-se proverbias entre o povo portuguez; elles pertencem a essa genealogia de lórpas com relampagos de bom senso, que vêm desde Esopo até Sancho Pansa; o povo conhece-os e ama-os. A fórma de dialogo, como os de Marculfo e Salomão, é sancionada pela tradição da Edade media; o nome de *Bertoldo* tem suas analogias com o nome ou typo popular do velho anexam francez: «Il est bon que *Berthol* boive, si la bouteille est sienne» colligido por Gomés de Trier no *Jardin de Récréa-*

tion, do seculo xvi. (1) Foi no fim do seculo xvi, que o escriptor popular bolonhez Giulio Cesare Croce escreveu as *Astucias de Bertoldo*, na fórma com que se vulgarisaram em francez, allemão, hespanhol, portuguez e grego moderno. Importa conhecer alguma cousa da personalidade de Croce ; nasceu em Perficeto em 1550 e morreu em 1620. A sua profissão de cantor ambulante dava-lhe um conhecimento profundo da alma popular, na sua ingenuidade, graça e desconfiança. As obras de Croce acham-se colligidas em quatro volumes (1598, 1617). A importancia que a Italia ligou sempre aos seus dialectos, fez com que alguns escriptores bolonhezes se aproveitassem d'este thema popular de Croce, compondo um grande poema sobre Bertoldo, Bertoldinho e Cacasseno, em verso heroico, e com notas e magnificas estampas ; cooperaram n'este poema os dois Zanotti, Barufaldi, Zampieri e outros, commentando a obra Giovanandrea Barotti juntamente com outros, acompanhando-a com o retrato do creador Croce. A publicação d'este poema não deixou de influir na vulgarisação do thema primitivo, e os exemplares d'esta edição luxuosa que temos visto em Portugal, não foram extranhos ao conhecimento d'este cyclo de facecias italianas. As edições portuguezas trazem no frontespicio «*traduzida do idioma italiano em portuguez ;*» de facto os titulos coincidem com os originaes como os vêmos citados em Brunet e no catalogo La Valière :

Astutie sottilissime di Bertoldo, dove si scorge un Villano, accorto e sagace, il quale dopó vari e strani accidenti á lui intervenuti, alla fine per il suo raro et acuto ingegno vien fatto huomo di corte e regio consigliere, opera nova e di grandissimo gusto, di Giulio Cesare

(1) *Livre des Proverbes français*, de Leroux de Lincy, t. II, p. 29. Ed. 1842.

Croce, *con figure...* 1620. A esta facecia seguiu-se-lhe uma outra, que se acha em volume junta com a primeira (Vid. Catalogo La Valière, n.º 10:667) com o titulo: *Le piacevoli e ridicolose simplicità di Bertoldino, figliuolo del già astuto e accorto Bertoldo con le sottile ed argute sentenze della Marcolfa, sua madre...* 1620, in-12. A estas duas facecias seguiu-se uma terceira parte, ajuntada por Camillo Scaligero, intitulada as *Aventuras de Cacasseno*; na versão portugueza intitulada-se *Vida de Cacasseno, filho do simples Bertoldinho, neto do astuto e sagaz Bertoldo*. (1) As referencias mais antigas que conhecemos d'estas trez facecias italianas são de 1783; são ainda os folhetos mais lidos pelas nossas aldéas. (2)

A *Historia de João de Calais* (3) é um dos folhetos mais apetecidos pelo nosso povo; foi escripto originariamente em francez por madame Gomez (Magdalena Angelica Poisson, filha do celebre actor Paulo Poisson) casada com um hespanhol D. Gabriel Gomez

(1) Livraria popular, n.º 33. Porto, 1857.

(2) Sobre Croce e as facecias de *Bertholdo*, vide Brunet.

(3) Fomos accusados de não ligarmos o conto de *João de Calais* ao cyclo novellesco do *Morto agradecido* estudado por Köhler, na *Germania*, vol. III, p. 199, o por d'Ancona, na *Romania*, vol. III, p. 191, e nos *Studi di critica e storia letteraria*, p. 354; e bem assim de não termos aproximado a abreviação portugueza da versão n.º XIX dos *Contes populaires lorrains*, de Cosquin; e de não termos consultado Benfey, no *Orient und Occident*, vol. I, p. 322, e vol. II, p. 174, e vol. III, p. 93; e de nós não termos aproveitado das notas de Benfey na sua edição do *Pantchatantra*, vol. I, p. 221, e vol. II, p. 532, e da noticia bibliographica do *Zeitschrift für romanische Philologie*, de 1878. Com os trabalhos magistraes de Benfey e de Köhler é facil simular uma vasta erudição sobre estes assumptos, e por isso limitamo-nos a transcrever do *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, de 1881, n.º 11, p. 412, aquillo que sem prevenções alheias á sciencia pôde ser utilizado n'estes estudos.

por quem se apaixonára ; o hespanhol apresentára-se como fidalgo, nadando em riquezas, e Madame Gomez achou-se diante da realidade de uma profunda miseria, recorrendo ao labor da sua penna para subsistir e sustentar o marido. Esta vida da auctora de *João de Calais* já é um curioso romance ; madame Gomez lançou-se a escrever comedias, tragedias, novellas, contos, romances sentimentalistas, orientaes, allegoricos, historicos, emfim em todos os generos, fazendo reviver o estylo de Scudery e de Calprenède. As suas obras formam dezenas de volumes, chegando algumas das suas tragedias a terem grandes successos como *Habis*, tragedia em verso em cinco actos representada em 1714, e alguns dos seus contos a adquirirem o maximo da vulgarisação, isto é, a formarem parte da *Bibliothèque bleu*, como leitura predilecta do povo francez. O pequeno conto de *João de Calais* faz parte de uma vasta collecção intitulada *Cem Novellas Novas*, (8 vol. Paris, 1735-1758) e d'ái saiu para a collecção d'Épinal, e para a *Bibliothèque bleu* de Desöer. Este pequeno conto, um pouco alambicado, tem alguns traços que o deviam tornar popular ; funda-se sobre as luctas contra os piratas argelinos e nas aventuras maritimas das ilhas incognitas, conhecidas em França pela relação de Bettencourt. A vulgarisação de *João de Calais* em Portugal explica-se não só pelo mesmo interesse das relações de aventuras dos captivos pelos piratas, mas especialmente porque a parte principal da historia se passa em Portugal ; João de Calais salva duas damas captivas dos piratas, e uma d'ellas, Constança, com quem casa, é filha do rei de Portugal ; e quando um dia veiu a Lisboa, como trazia o retrato de sua mulher na camara do navio, o rei veiu a conhecer que era o de sua filha, soube que estava viva e depois de varios incidentes declarou-o principe e herdeiro do throno portuguez. O traductor da *Historia*

de João de Calais alterou esta feição da redacção de Madame Gomez, substituindo o porto de Lisboa e o reino de Portugal pelo porto de Palermo no reino de Sicilia; o principe D. João, rival de João de Calais, é tambem substituído pelo principe Florimundo. Outras alterações existem que tornam o caracter de João de Calais mais extraordinario, e em geral a traducção portugueza é totalmente paraphrastica. Existem duas redacções francezas, a de Epinal, que Charles Nizard considera como mais sensata, e mais abreviada do texto original, e a edição de Paris (1849, in-12, de 36 p.) que traz a declaração de «*revue et corrigée par un académicien*» e é mais digressiva, achando-se «*estragada por uma affectação de estylo poetico incompativel com a vulgaridade do assumpto.*» (1) A lição portugueza, embora derivada da fonte mais pura, tambem soffreu por causa da redundancia rhetorica do traductor paraphrasta. O folheto continúa a ser lido, e as edições succedem-se; pertence á classe d'aquelles opusculos de que os livreiros dizem: «*Vende-se como canella.*» Visto que conhecemos já a auctora do *João de Calais*, resta terminar-lhe a sua biographia; viuva do fidalgo Gomez passou a segundas nupcias com um tal Bonhomme, fallecendo em 1770. (2)

«Não ha muito, que colligimos da bocca de uma mulher analphabeta, que declarou tel-a ouvido na sua infancia a uma companheira que tambem não sabia ler, uma versão da celebre historia de *João de Calais*, que muito recentemente entrou no nosso paiz graças a um dos numerosos folhetos da chamada — Litteratura de cordel — historia que na sua fôrma litteraria representa a appropriação de um conto popular pertencente ao cyclo do *Morto agradecido*, mas que apesar

(1) *Histoire des Livres populaires*, t. II, p. 411.

(2) *Nouvelle Biographie generale*, de Hoeffer, t. XXI, p. 161.

de ter vindo modernamente por um canal erudito para o nosso paiz, está hoje tão assimilada pelo povo, que poderia, se não fossem as coincidencias demasiadamente numerosas entre o conto popular e a sua redacção litteraria, suppôr-se aquelle existente na tradição oral já antes do conhecimento d'esta ultima.» (1) As origens tradicionaes de João de Calais é que nos explicam a facilidade e profundidade da sua vulgarisação em Portugal; um facto analogo se dá com os versos da *Viola de Lereno*, de Caldas Barbosa, que o povo brasileiro assimilou na sua tradição oral, não pelo merito d'essas cançonetas, mas por ellas conservarem as fórmas tradicionaes typicas da Serranilha galleziana representada na Modinha brasileira.

A *Historia jocosa dos trez Corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano*, onde se escreve a *equivocação graciosa de suas vidas*, é um dos contos populares portuguezes com raizes tradicionaes bem profundas; (2) na *Bibliothèque bleu* é conhecido com o titulo de *Histoire des trois Bossus de Besançon*, d'onde parece ter-se derivado immediatamente para a versão portugueza. Este conto oriental acha-se introduzido na corrente litteraria nas *Noite piacevole* de Straparole (Nott. v, fab. 3,) com o seguinte summario: «*Berthaud de Valsable teve trez filhos, todos trez corcundas e de uma mesma feição, um dos quaes se chamou Jambon e foi pelo mundo á busca da sua ventura; e tendo chegado a Roma foi morto e lançado no Tibre com outros dois seus irmãos.*» Loiseleur des Longchamps analysa as origens orientaes d'esta tradição nas *Parabolas de Sendabar*, na *Historia dos Sete Sabios*, e apresenta um

(1) Consiglieri Pedroso, *Mythographia*, Positivismo, t. II, p. 456.

(2) Temos á vista a edição do Porto, de 1857 (Livraria do Povo, n.º 22).

conto resumido do hebraico por Mr. Pichard semelhante á historia dos trez corcovados. (1) A tradição oriental foi versificada pelos troveiros francezes, no fabliau de Durand, do seculo XIII, intitulado *Les trois Bossus*, e no fabliau de Hugues Pianeèle, *Estourmi*. Da corrente franceza passou para a Italia, e da redacção de Straparole para os *Contos tartaros* de Gueulette; apesar de determinado um grande numero de paradigmas ainda não estão estudadas as origens mythicas d'este conto universal. A redacção portugueza traz a declaração «*escripta por um curioso lisbonense,*» e é de tal fórma amplificada e cheia de contrasensos, que só o sabor tradicional do conto é que o podia tornar popular.

A *Vida e formosas Acções do celebre Cosme Manhoso, em que se relata a sua ambição, trabalhos, miserias e logros em que caiu*, é uma semsaborona relação de um gallego sordido e lorpa, tal como se encontra representado nas comedias de cordel do seculo XVIII. Não tem o minimo vislumbre de valor artistico, e tende a ser esquecida. (2)

Muitas das obras das litteraturas peninsulares versam sobre a situação vulgar mas sempre interessante dos captivos christãos em Argel, Fez ou Marrocos; as composições mais bellas de Espinel, Cervantes, Mattos Fragoso, emfim as novellas, os livros ou pliegos sueltos, os romances tradicionaes fazem vibrar o sentimento com as continuas historias dos captivos raptados pelos piratas nas costas de Portugal e de Hespanha. Esta situação era mantida pelo systema clerical, que pela sua influencia no governo de Hespanha e de Portugal, não consentia que se fizessem contractos diplomaticos para salvaguardar as costas maritimas dos

(1) *Essai sur les Fables indiennes*, p. 157, nota.

(2) Livraria popular, n.º 21. Porto, 1857.

dois paizes, por isso que julgavam indigno de governos catholicos entrarem em contracto com os inimigos da Fé. Foi no governo de Carlos III, animado pelo espirito francez, que os interesses clericaes foram submettidos aos interesses da nação, e em 1782 Floridablanca fez um tratado com a Turquia, d'onde resultou o termo das guerras de religião entre esses dois estados; em 1784 effectuou-se a paz de Tripoli, em 1785 com Argel, e em 1786 com Tunis. Foi assim que acabou a tremenda pirataria do Mediterraneo, e que as ricas povoações do litoral começaram outra vez a serem habitadas, pela segurança de que não seriam mais investidas. D'esta fôrma deixou de funcionar a ordem religiosa dos Trinitarios, que se estabelecera para tratar exclusivamente da redempção dos captivos; e por seu turno acabou a Arca da Piedade, para onde convergiam as multas judiciaes e as apprehensões fiscaes destinadas a essa remissão. Durante muitos seculos, a pirataria do Mediterraneo foi uma fonte de receita para os estados maurescos, e um motivo de popularidade para o clericalismo que alimentava essa espinha na desorganisação economica de Portugal e de Hespanha. (1) Bastou um simples acto de bom senso pratico para acabar com essa perturbação social permanente. O folheto popular da *História de D. Francisca do Algarve*, representa na litteratura popular portugueza esta propaganda sentimental, que se reflectia em adhesão ao obcecado clericalismo.

No *Hyssope*, Diniz allude ás leituras populares no seculo XVIII :

O Bastos, n'este instante, homem versado
Na lição de *Florinda* e *Carlos Magno*,
Quer metter seu bedelho. . .

Ed. Ramos Coelho, p. 140, v. 8.

(1) Buckle, *Historia da Civilisação em Inglaterra*; cap. I do tomo II: *A civilisação em Hespanha*.

Refere-se aos *Infortunios-tragicos da Constante Florinda*, do padre Gaspar Pires Rebello, de 1665 :

Lembra-me a mim, que sendo inda estudante
Do *Bacharel Trapaza e Peralvilho*
De *Cordova* as *Historias* portentosas
Ouvi lér (por signal que por ouvil-as
Na classe pespeguei valentes gazios)
A um clerigo visinho, bom poeta...

Id., p. 189.

Pertencem estes dois livros á classe dos romances picarescos do seculo xvii, cuja moda teve mais recrudescencia em Portugal no seculo xviii, como vemos pelo *Piolho viajante*, de José Daniel. *As Aventuras del Bachiller Trapaza*, de Solorzano são de 1637; *O Peralvilho de Cordova*, é uma continuação de Matheus da Silva Cabral (n. 1666), natural de Setubal.

No poema heroicomico *O Desertor*, de Silva Alvarenga, de 1774, citam-se alguns livros, então de leitura corrente :

Por baixo está de *Sam Patricio a Cova*,
A *Imperatriz Porcina*, e quantos *Autos*
A miseria escreveu do Limoeiro
Para entreter os cegos e os rapazes.

Junto d'estes livros da litteratura de cordel figuram o *Baculo Pastoral*, em que abundam os contos populares, e o *Peregrino da America*, de Nuno Marques Pereira, especie de novella allegorica pelo estylo de Bunyan.

Depois dos catalogos de 1731 e de 1783, por onde vimos quaes eram os principaes folhetos da litteratura de cordel, resta-nos apresentar o catalogo da *Livraria popular* do Porto, de 1863, por onde se verá a per-

sistencia de certos escriptos dos trez seculos anteriores, na epoca actual :

Auto da vida e milagres de Santo Antonio de Padua ; — *Auto da muito dolorosa Paixão de N. S. Jesus Christo* ; — *Auto do Dia de Juizo* ; — *Auto de Santo Aleixo, filho de Eugenio, Senhor de Roma* ; — *Auto de Santa Catherina* ; — *Auto de Santa Genoveva, princeza de Barbante* ; — *Auto de Santa Barbara* ; — *Auto novo e curioso da Padeira de Aljubarrota*, por Diogo da Costa ; — *Astucias subtilissimas de Bertoldo, vilão de agudo engenho e sagacidade* ; — *Confissão geral do Marujo Vicente* ; — *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* ; — *Historia do Grande Roberto, Duque de Normandia e Imperador de Roma* ; — *Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma* ; — *Historia da princeza Magalona, filha de el-rei de Napoles e do nobre e valoroso cavalleiro Pierre, Pedro de Provença* ; — *Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria* ; — *Historia verdadeira acontecida no reino do Algarve* ; — *Historia de João de Calais* ; — *Historia jocosa dos trez Corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano* ; — *Livro do Infante D. Pedro, o qual andou as sete partidas do mundo*.

No meio d'esta lista classica acham-se citados outros folhetos modernos, traduzidos ou macaqueados sem intelligencia, como *Secretarios de amantes*, *Linguagem das flores*, *Diabo com botas*, e outras cousas que o povo regeita, e a que não dá a consagração dos seus risos e das suas lagrimas. Este genero de litteratura tem andado abandonado á especulação insciente dos livreiros ; e os escriptores que possuem ainda a veia de Antonio José ou de José Daniel, fazem romances de brasileiros para a burguezia ou reclamos de touradas. É de crêr que a litteratura de cordel ficará circumscripta a esses velhos folhetos, porque o povo já pro-

cura orientar-se com os acontecimentos do dia; e n'este caso já é tempo de colligir em uma edição critica esses ingenuos documentos da vida moral do povo portuguez. (1)

A Historia de Portugal na voz do povo.— Assim como o povo sem ter communicação com os homens de letras possui a base fundamental de todas as litteraturas, — a tradição, que transmite com respeito, e de que se serve para exprimir as emoções do grande combate da vida; assim como, sem relação com os philosophos que formam os complicados systemas metaphysicos, o povo tambem alcança noções geraes, que constituem pelos annexos esse conjuncto a que se cha-

(1) Garrett com a sua grande intuição artistica não se pejou de lêr os *Livros populares portuguezes*, e foi assim que descobriu a belleza poetica do *Marquez de Mantua*, de Balthazar Dias, introduzindo-o no seu *Romanceiro*: «Eil-o que se apêa de seu classico barbante em que tantos annos cavalgou, e despindo o papel-pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre *Marquez de Mantua* tomar o seu logar entre os mais venerandos e antigos romances do cyclo de Carlos Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: franceza ou provençal. Sem profundar nenhuma d'estas questões contento-me de sacar do lixo da Feira da Ladra esta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente logar o nobre *Marquez de Mantua*, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.» (1) Garrett protestaria mais eloquentemente ainda se com o seu grande tino artistico organisasse a litteratura dos *Livros populares portuguezes*. Sómente em 1865 é que encetámos a primeira tentativa para este trabalho em um pequeno artigo intitulado *Da Litteratura de cordel*, (2) sendo impossivel até hoje obter os meios typographicos para darmos uma edição critica e tão necessaria d'esta parte da Litteratura portugueza.

(1) *Romanceiro*, t. III, p. 193. Ed. 1851.

(2) No *Jornal do Commercio*, de Lisboa.

ma com certa graça pittoresca a *philosophia de Sancho*; assim consequentemente apesar de separado do exercicio da soberania nacional pelo absolutismo monarchico, explorado pelo centralismo administrativo como materia collectavel, esmagado pelos exercitos permanentes para os quaes fornece a *chair à canon*, estupidecido systematicamente pelo clericalismo que faz da pobreza de espirito uma virtude, ainda assim o povo tambem vae fazendo a historia do seu tempo, que umas vezes perpetua em grandes epopéas, em lendas locaes, e, não poucas vezes, em protestos vigorosos, a canção politica, o pasquim revolucionario, a satyra mordaz, que nunca mais esquece.

No povo portuguez faltam as epopéas nacionaes, esses productos organicos das grandes raças,— o que se explica pela exiguidade do nosso territorio e pelo facto tardio da nossa independencia politica; as lendas locaes não receberam fórma escripta, e foram-se substituindo pelas santificações com que a igreja se ligou á vida dos *pagi* ou povoações ruraes; as garantias municipaes, a independencia dos Concelhos, foram absorvidas pelo poder real, e sob a pressão de um despotismo secular, e sob o regimen da intolerancia catholica, o povo portuguez compoz a sua historia com refrens sarcasticos, que como outros tantos protestos correspondem á evolução da Nacionalidade portugueza. É por isso que os pasquins politicos abundam na tradição oral portugueza, e por elles se pôde conhecer como este povo fez a sua historia. (1)

O ingenuo, mas profundo chronista Fernão Lopes, consultava as tradições, a que elle chamava *Estorias*; o trabalho erudito consistia em subordinal-as ao nexo

(1) Ha um estudo analogo ao nosso com o titulo *A historia da Russia commentada pelo Povo*, por Bèlloff. (No *Messenger historique*, artigo na viii livraison.)

material da successão do tempo, que elle definia: *pôr as estorias em caronicas*. O povo abstrae do tempo, e visa só á relação moral entre o homem e os factos. No povo portuguez ha a recordação de trez epochas historicas geraes, que lhe servem de orientação no passado; são ellas *O tempo dos Mouros*, *O tempo dos Affonsinhos*, e *O tempo dos Francezes*. Cada uma d'estas epochas corresponde a determinada realidade historica; a primeira é uma como antiguidade ante-diluviana, a segunda como uma idade homerica, e a ultima é o ponto de partida da vida politica moderna. Sob os reis D. Affonso I a D. Affonso III a sociedade portugueza organisou-se pelo estabelecimento dos Foraes reconhecendo a independencia dos Concelhos; é crível que sob o despotismo monarchico essas liberdades locaes fossem designadas irrisoriamente como uma cousa do *tempo dos Affonsinhos*.

Ha nos documentos outras datas populares, como o *Anno máo*, nome dado ao anno de 1124 em que houve fome e peste; *Quando a noite foi dia*, isto é, 1220, em que houve um grande eclipse. (1) No Nobiliario cita-se como data a *Lide do Porto*; no seculo xv cita-se o anno das *Fomes do Alemtejo*, em 1496; o *Anno do catarro*, nome dado ao de 1557; (2) o de 1569 ou da *Peste grande*, e o *Tempo das alterações*, antes da morte do Cardeal-Rei.

E assim como na expressão do sentimento humano o povo só conserva os grandes effeitos da realidade, os contornos geraes a que raramente se elevam os genios apesar do seu profundo subjectivismo, assim na historia só conserva as linhas com que destaca os caracteres das individualidades. Os grandes historiadores procuram retratar as epochas aproveitando-se

(1) Viterbo, *Elucid.* vb.° DIA NOITE.

(2) *Annaes das Sciencias e das Lettras*, t. I, p. 302.

d'estas syntheses espontaneas do povo ; e n'este processo são conformes Fernão Lopes e Froissart por uma intuição admiravel, ou um Michelet e Agostinho Thierry pelo conhecimento do determinismo psychologico.

Em uma canção do *Cancioneiro da Vaticana* acha-se este verso que resume a lucta da independencia local contra a invasão da jurisdicção real : *Tal Concelho tal campana*. (1) O Concelho tinha as suas leis consuetudinarias, a que dava a fôrma escripta nas Cartas de Foral, da mesma fôrma que a plebe romana reduzira o *jus incertum* ás Doze Taboas segundo a tradição da democracia grega ; aqui as Cartas de Foral, como se vê pelo seu vigoroso symbolismo juridico, davam a fixidez da escripta ás garantias primitivas dos homens-livres germanicos atacadas pelo desenvolvimento do feudalismo, e mais tarde pela constituição das monarchias independentes, que operaram o renascimento artificial do direito romano.

Entre estas duas fôrmas de legislação existiu um antagonismo, que se reconhece nas duas designações de *Foros* e *Leis*, como se vê nas Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra, a proposito de D. Affonso Henriques : «E per tanto tempo senhorezase e regese, tanto foy o seu cuidado de accrescentar em a onrra do regno, que ante de sua morte emcomendou a seu filho que fizesse as *lex* e *foros*, que visse que compriam pera boo regimento do reyno, mostrando que em toda sua vida nunca tevera tempo ocioso em que

(1) Um anexim hespanhol esclarece o sentido social d'este verso ; D. Joaquin Costa, na obra *Poesia popular española*, p. 48, traz :

Cañizar y Villarejo,
Gran campana y ruin concejo.

as podesse fazer.» (1) O fazer *foros* consistia em mandar redigir as garantias consuetudinarias dos Concelhos, com os quaes a realeza se fortalecia contra a prepotencia senhorial; de sorte que as Cartas de Foral não são uma generosidade regia, mas um reconhecimento da independencia dos Concelhos por necessidade das circumstancias. Assim a differença entre as *Leis* e os *Foros* corresponde a essa differença fundamental do direito na Edade media da Europa, o direito ou *estatuto pessoal* e o direito ou *estatuto territorial*. O direito romano, para as povoações que foram subjugadas pela invasão germanica, mas que ficaram com a sua legislação e costumes, tornou-se o *direito pessoal*; o direito germanico, applicando-se áquelles que não escolhiam legislação alguma, mudara de caracter tornando-se *territorial*. (2) Os Foraes encerram e estatuto territorial; fóra das fronteiras do Concelho acaba a garantia do individuo, bem como não existe a criminalidade dos actos ahi praticados. O desenvolvimento da jurisdicção real, em que a monarchia vae fazendo reviver o direito romano, ataca lentamente a autonomia local; assim as instituições populares, já perturbadas pelos barões, já pela realeza, são defendidas pela revolta, e é o sino que toca a rebate para chamar o burguez ou o vilão á defeza das suas franquias. Aqui a independencia popular mede-se pela resistencia, e é isto o que significa o verso: *Tal Concelho, tal campana*. (3)

As Cartas de Foral foram redigidas emquanto a realeza precisou defender-se contra os barões; desde

(1) *Mon. hist.*, Scriptorum, fasc. 1, p. 25.

(2) Giraud, *Hist. du Droit Romain*, p. 391. Paris, 1847.

(3) O caracter de *extrangeirismo*, que a realeza conservou ao reunir sob a sua soberania os Concelhos ou Behetrias portuguezas observa-se na designação tambem estrangeira *El Rey*, já notada por Fernão de Oliveira. Vide retro, vol. 1, p. 43, nota.

que ella se tornou independente, atacou as garantias foraleiras, primeiramente pelo renascimento do direito romano, applicado nos tribunaes e glossado nas Universidades, depois pela formação de um código geral, em que sob a mesma auctoridade se unificaram os direitos locaes. Até D. Affonso III é que se redigiram as Cartas de Foral; e a sua omissão completa no reinado de D. Diniz, coincidindo com a formação dos nobiliarios, ou da *nobreza por fóro de el-rei*, com a applicação das leis romanas nos tribunaes, e com o ensino erudito do direito romano na Universidade de Coimbra, revela-nos que a monarchia entrava no seu periodo de independencia absoluta.

O grito *Áque d'el Rei*, que o povo ainda profere nas afflicções, corresponde á preponderancia do foro real e da sua justiça sobre a vindicta pessoal e a justiça privada.

A constituição politica de Portugal entrou em bases novas, em que o direito se tornou um regalismo, isto é, as *garantias* foram substituidas pelas *regalias*; esta profunda alteração, implicita inconscientemente nos documentos, acha-se na voz do povo, nos versos conservados por Duarte Nunes de Leão:

- 1) El-rei Dom Diniz
 Fez tudo quanto quiz;
 Porque quem dinheiro tiver
 Fará tudo o que quizer.

No romance da *Rainha Santa*, da tradição da Madeira, vem o verso referente a D. Diniz: *E elle fez quanto quiz.* (1) E na *Arte de Furtar*, (p. 342) lê-se: «Então manda el-rei D. Diniz, o que fez quanto quiz...»

Em D. Pedro I pôde ver-se até onde foi levado o

(1) *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 29.

arbitrio da auctoridade real, apesar dos mais sinceros intuitos de justiça; o facto d'essa auctoridade irresponsavel leva á allucinação e á immoralidade, como se vê nos imperadores romanos e nos autocratas da Russia; em D. Fernando acham-se as consequencias d'essa irresponsabilidade, que produziram a revolução popular de Lisboa, e a entrada do terceiro estado na constituição politica sob D. João I. O povo que soffreu as invasões castelhanas provocadas pelos desvarios de D. Fernando que chegou a estar cercado em Santarem, atacou-o nos seus amores dissolutos em um *Rifam de escarnho*, que Fernão Lopes traz na sua Chronica:

2) Exvollo vai, exvollo vem
De Lisboa para Santarem. (1)

Este pasquim historico conservou-se tão profundamente na tradição oral, que o achamos em duas variantes:

Tolo vae,
Tolo vem,
De Lisboa
A Santarem.

E esta outra applicada ás luctas constitucionaes de 1832:

D. Pedro vae,
D. Pedro vem;
Mas não entra
Em Santarem.

A vida popular, que se revela na revolução que deu o throno a D. João I, conhece-se tambem em um

(1) *Chronica de D. Fernando*, cap. 36.

grande desenvolvimento de poesia e no grito de acclamação :

- 3) Real, real !
 Pelo Mestre de Avis
 Rei de Portugal.

Esses cantos são uma participação directa da historia. Fernão Lopes, descrevendo a revolução de Lisboa, traz este canto do povo, em que celebra os actos da sua grande justiça :

- 4) Esta es Lixboa fidalga,
 Miralda y leixalda !
- Si quisierdes carnero,
 Qual dieran al Andero ;
 Si quisierdes cabrito
 Qual dieran al Arçobispo.

Era este o grito da nossa *Jacquerie*; na *Chronica anonyma do Condestavel*, (cap. 37) tambem se acha um canto popular de despeito, com que Vasco Pires de Camões ataca os que se declararam a favor de D. João I, por não o subornarem como elle queria para entregar a alcaidaria de Portel.

Mas assim como o povo tinha os gritos de imprecação contra os traidores, tambem tinha os descantes de glorificação, como vemos nas varias seguidilhas colligidas dos manuscriptos de Azurara, em que do Condestavel Nuno Alvares Pereira se ia formando de um modo espontaneo o typo heroico do Cid portuguez. O povo cantava á porta do convento do Carmo, onde o Condestavel se refugiara como o bom cavalheiro da Edade media, essa canção que começa :

- 5) O santo Condestable
 Em o seu mosteiro,

Dá-nos sua sôpa,
Mail-a sua roupa,
Mail-o seu dinheiro.

Tanto estes versos, como as outras seguidilhas que o povo dos arredores de Lisboa cantava dansando em volta da sepultura do Condestavel, acham-se colligidos na Chronica do convento do Carmo, d'onde os extrahimos para o nosso *Cancioneiro popular* (p. 9 a 13.)

Com o governo de D. João I, o eleito do povo, rei pelo mandato da *soberania da nação* e não pela irrisoria investidura da *graça de Deus*, começam as expedições militares da Africa e depois o grande cyclo das descobertas maritimas. O povo portuguez perpetuou essa actividade fecunda; Azurara, na *Chronica do conde D. Pedro de Menezes*, traz este dito do cavalheiro Gomes Freire, proferido na Cabeça de Almenara:

- 6) — Oh noite má,
Para quem te aparelhas?
«Para os pobres soldados
E pastores de ovelhas.
— E os homens do mar
Onde é que os deixas?
«Esses ficam mettidos
Até ás orelhas.

Azurara, Christovão Alão de Moraes, na *Pedatura Lusitana*, e o dr. Alexandre Ferreira, nas *Memorias historicas das Ordens militares* (p. 189, cap. 2, § IV) trazem apenas os dois primeiros versos; na tradição popular encontrámos ainda persistente o resto d'este canto em que o povo portuguez pintou a sua vida nacional nas expedições militares e descobertas maritimas, porque o cavalheiro Gomes Freire usou-o como *proverbio*, e Azurara apenas o indicou como muito conhecido. Na tradição do povo circularam outros

anexins ou proverbios tirados da sua nova situação **historica**, como *Metter lança em Africa*, e *africanadas*, e este que demarca o começo da actividade maritima do infante D. Henrique :

- 7) Quem passar o cabo de Nam
Ou tornará ou não. (1)

Quando no seculo xvi já faltava gente para equipar as armadas da carreira da India, tocava-se um tambor pelas ruas de Lisboa, para chamar os aventureiros ao alistamento na Casa da India ; o povo acompanhava o rythmo d'esse rebate da *Nau de Viagem*, com o anexim ainda corrente no seculo passado :

- 8) Quantos irão, Á India mais vão,
Que não voltarão. Do que tornarão.

Quando os navegadores portuguezes recebiam em premio do seu amor á patria a injustiça brutal do egoismo monarchico, como se viu no rei D. Manuel, era corrente entre o povo este anexim, que João de Barros consignou nas Decadas :

- 9) Dos nescios leaes
Se enchem os hospitaes. (2)

Confirmaram-no com as suas desgraças Duarte Pacheco, Antonio Galvão, Affonso de Albuquerque, Fernão Mendes Pinto, Camões, e tantos que eternisaram o nome portuguez.

Sá de Miranda falla com a sua alta severidade moral

(1) J. de Barros, *Dec.* 1, cap. 4. Foi passado em 1433 por Gil Eannes.

(2) *Decada* III, liv. 9, cap. 1.

d'este mercantilismo do seculo XVI, em que a provincia se despovoava convergindo para Lisboa, e em que a ambição das riquezas orientaes fazia desvairar todas as cabeças ; mas a nossa decadencia não começou por aqui, veiu-nos da invasão da auctoridade civil pelo clericalismo. O povo comprehendeu-o claramente ; em uma quadra picante, ataca-se o bispo da Sé da Guarda, D. José de Mello, por causa dos seus escandalos com uma dama chamada Mesquita :

- 40) O Bispo que deixa a Sé
 Por se metter na Mesquita,
 Mouro foi e mouro é,
 Pois d'ella se não desquita.

Na *Vida do infante D. Duarte* por André de Rezende, acha-se tambem o começo de uma canção contra o papa Clemente VII, que o principe mandou interromper, mas que nos revela que o povo sabia contra quem tinha de reagir :

- 41) Padre nuestro en quanto Papa,
 Sois clemente sin que os cuadre ;
 Mas reniego yo del padre
 Que al hijo quita la capa.

E quando a intolerancia estava reduzida a systema de governo, e a Inquisição ultrajava a humanidade com o canibalismo em nome da unidade das crenças, o povo resumiu em um rifão sarcastico todas as iniquidades do processo do Santo Officio :

- 42) Damel-o Judeu,
 Que eu t'o darei confesso ;
 Deixa-me fazer o processo
 E julguel-o o seu pae.

A atonia da consciencia nacional fez-se sentir na impossibilidade de resistencia contra as absorpções do jugo castelhanao; o cardeal D. Henrique, o primeiro inquisidor geral portuguez, foi o instrumento passivo com que os jesuitas nos entregaram ao nosso inimigo natural. Quando em 1580 se achou de repente extincta a nacionalidade portugueza, o povo cantava pelas ruas de Lisboa e em Santarem essa cantiga, que ficou na historia como o unico grito da consciencia de uma nação que se escravisa :

- 13) Viva el-rei D. Henrique
 No inferno muitos annos,
 Pois deixou em testamento
 Portugal aos castelhanos.

Ficámos sob o jugo do terrivel Filippe II, que obteve pela espada o que o servilismo da nobreza vendida lhe não pôde entregar; o povo conheceu o homem que assassinava o seu proprio filho, e fez-lhe este epigramma, que encontrámos em um cancionero manuscrito do fim do seculo XVI :

- 14) Lo del Principe fue cierto ;
 De la Reina está encubierto :
 Del Marqués no ay que dudar,
 Que El-Rey lo mandó matar.

A intolerancia religiosa, pelas fogueiras do Santo Officio, e o despotismo monarchico pelo garrote, pacificaram este povo; esses dois poderes abusivos entenderam-se como se entendem os grandes facinoras. O povo fez um anexam, que pinta esse accordo :

- 15) Com Rei e Inquisição
 Chitão !

Chitão, quer dizer : Silencio! Não julguemos os seus actos. Mais tarde, quando o poder real se emancipou do clericalismo, o povo celebrou esse desaccordo, a que se deve a liberdade moderna, n'este outro anexam:

16) Da Inquisição para o Rei
Não vae Lei.

Por fim fez-se a revolução de 1640, em que o povo portuguez saccudiu o jugo castelhano, dirigido pelo tino politico do grande cidadão João Pinto Ribeiro. O povo não conhece este heroe nacional, mas tambem não glorifica D. João IV, como o fazem estultamente as commissões patrioticas do 1.º de dezembro.

Das guerras da independencia entre Portugal e Hespanha em 1640, cantavam esta cantiga os povos da fronteira :

17) La guerra en Portugal
ha sido muy sanguina,
mas sangre mea un pollo...
cuando tiene mal de orina. (1)

O povo fez o confronto do governo dos Filippes com o do começo do despotismo e ambição bragantina. Esta animadversão popular contra os Braganças apparece tambem em uma quadra allusiva ao casamento de D. Serafina, filha da Duqueza de Bragança D. Catharina, com o primogenito da familia de *Escalona* :

18) La que aspiró a la corona
Con tan altas persuneiones,
Baixó tantos *escalones*
Que vino á ser *Escalona*. (2)

(1) Nicoláo Dias y Peres, *El Folk Lore Betico Extremeño*, p. 204.

(2) Ap. Rebello da Silva, *Hist. de Portugal*, t. III, p. 191.

Em uma carta dos jesuitas de 1644, que se conserva nos manuscriptos da Academia de Historia de Madrid, acha-se este pasquim popular contra D. João IV:

- 19) Bom Rey teemos
Boa Reyna e bons Infantes ;
Mas o governo
Peor que dantes. (1)

O povo referia-se ao abandono das colonias do Brazil aos hollandezes, e á entrega de Bombaim aos inglezes ; e sem formular o seu juizo sobre a devassidão de Affonso VI e o crime de D. Pedro II, synthetisa a evolução historica de todo o reinado de D. João V, retratando-o n'esta quadra epigrammatica :

- 20) Nós tivemos cinco Reis
Todos chamados Joões ;
Os quatro valem milhões,
O quinto nem cinco réis.

E os amores escandalosos d'este monarcha com uma mulher casada, D. Luiza Clara de Portugal, que os nobiliarios dão como a celebre *Flôr da Murta*, foram tambem satyrisados n'essa outra cantiga :

- 21) Oh Flôr da murta,
Raminho de freixo ;
Deixar de amar-te,
É que eu te não deixo.

Por occasião do terremoto de 1755, attribuiu-se ao Conde de Oeiras, o celebre dito : *Enterrar os mortos*

(1) M. legajo suelto, n.º 4, fl. 818, vuelto ; ap. Fernandes de los Rios, *Mi Mission*, p. 90.

e cuidar dos vivos! synthetizando assim a sua energia :
«Esta resposta . . . não foi do ministro, mas sim do
illustre general Pedro de Almeida, Marquez de Alorna,
a quem el-rei fez a pergunta e que respondeu :

- 22) Sepultar os mortos,
Cuidar dos vivos
E fechar os portos.» (1)

Da posição omnipotente que conservou o Marquez
de Pombal usando a chancellia real de D. José, dizia
o povo :

- 23) Rei ao torno,
Pombal no throno. (2)

O reinado de D. José sob a acção exclusiva do Mar-
quez de Pombal, esse que segundo a voz do povo *tinha*
cabellos no coração, é apreciado por um meio indirecto,
comparando-o com os abusos e insensatez do *intoleran-*
tismo do reinado de D. Maria I ; assim perpetuou-se o
anexim :

- 24) Mal por mal,
Antes o Marquez de Pombal.

E exprimindo o juizo sobre a reacção da côrte de
D. Maria I, que destruia systematicamente as reformas
do Marquez de Pombal, chegando até á estulticia de
mandar tirar o medalhão do ministro do pedestal da
estatua equestre substituindo-o pelas armas de Lisboa,
que são um navio, o povo fez esse outro refrem :

- 25) Adeus Portugal,
Que te vás á vella.

(1) *Panorama*, t. III, p. 140.

(2) *Revista da Sociedade de Instrucção*, vol. II, p. 163, not. 2.

Do governo de D. Maria I, corria a seguinte satyra, alludindo a seu marido D. Pedro III, Cardeal Cunha, Arcebispo de Thessalonica, confessor, Marquez de Angeja, presidente do erario, Visconde de Villa Nova de Cerveira, Martinho de Mello e Ayres de Sá :

- 26) O negocio se propõe ;
 Duvida el-rey meu senhor,
 Atrapalha o Confessor,
 Angeja a pagar se oppõe ;
 Nada a Rainha dispõe,
 Martinho marra esturrado,
 Ayres não passa de honrado,
 E o Visconde em conclusão
 Pede nova informação,
 Fica o negocio empatado. (1)

O principe D. José, que seguia as ideias administrativas do Marquez de Pombal, morreu repentinamente ; e o principe D. João, depois do Arcebispo Confessor ter governado este paiz á custa da desorganisação mental de D. Maria I, tomou conta das *redeas do governo*, como então se dizia, porque o povo era considerado a besta de carga. O povo retrata o principe regente D. João VI, n'este celebre pasquim :

- 27) · Nós temos um rei,
 Chamado João,
 Faz o que lhe dizem,
 Come o que lhe dão ;
 E vae para Mafra
 Cantar canto-chão.

Quando D. João VI se prestou a ser instrumento passivo da Inglaterra reagindo contra o blocus continental de Napoleão I, provocou a invasão dos exercitos

(1) *Panorama*, vol. XI, p. 3.

francezes em Portugal sob o commando de Junot ; a dynastia de Bragança fôra deposta em um artigo da gazeta official, e já o general Junot estava em Abrantes aquartelado, e só D. João vi ignorava tudo o que se passava ; o povo fez-lhe esse celebre epigramma, que hoje se repete como proverbio :

28) Quartel general em Abrantes,
Fica tudo como de antes.

De facto ficou tudo como de antes, porque o rei paternal abandonou o seu povo fugindo para o Brazil com as riquezas da corôa e com os dinheiros dos cofres da nação, indo viver vida de Sardanapalo no palacio de S. Christovão, mandando ensinar musica aos pretos para abrilhantar a sua capella, e enviando decretos para Portugal. Junot foi celebrado em muitas cantigas populares cheias de improperios. (1) A nação tendo resistido aos exercitos francezes do Imperio, viu-se sob um jugo mais duro, esse protectorado inglez exercido pelo marechal Beresford, contra o qual foi preciso uma revolução nacional, a celebre revolução de 1820, em que Manuel Fernandes Thomaz egualou o vulto sublime de João Pinto Ribeiro.

A deploravel situação em que Portugal se achava sob o dominio de Beresford, que collocara no exercito portuguez sómente a officialidade ingleza para operar um golpe de mão quando lhe fizesse conta, explica as tentativas de movimento nacional, como a de Gomes Freire. O terrivel marechal inglez abafara toda a vontade de independencia com sangue, com a execução de Gomes Freire, e as forcas do Campo de Sant'Anna. Quando todas as vozes estavam caladas, e o marechal inglez recebia plenos poderes do Rio de Janeiro, foi

(1) Vide *Cancioneiro popular*.

a voz do povo que lançou para a historia o seu appello de justiça. Em 1817 appareceu este curioso pasquim, que a Intendencia da policia recolheu immediatamente para não irritar os nossos *feis aliados*:

29) — Quem perde Portugal ?
«O Marechal.

Quem sanciona a lei ?
«O Rei.

Quem são os executores ?
«Os Governadores.

Para o marechal — um punhal.

Para o rei — a lei.

Para os governadores os executores. (1)

Beresford não contente dos seus poderes discricionarios que já empregara, foi ao Rio de Janeiro impedir de D. João vi uma lei draconiana ; quando regressou já lhe não foi possível o desembarque.

A revolução de 1820 fortalecendo-se com o principio da *soberania nacional* realisou o pensamento da voz do povo em 1817: *Para o rei a lei*, vindo D. João vi a jurar a constituição de 1822.

Formaram-se as côrtes constituintes de 1822, em que a *soberania da nação* foi outra vez proclamada ; D. João vi depois de ter perdido a esperança de obter dos governos reaccionarios da Europa uma intervenção armada contra as côrtes constituintes, regressa a Portugal, desembarca em desmaios, jura tremendo a Constituição de 1822, e depois de achar-se de posse do poder executivo rasga-a e restaura o absolutismo

(1) Archivo da Intendencia da Policia, Livro xvi, fl. 271 (15 de janeiro de 1817). Citado tambem por Barros e Cunha, na *Historia da Liberdade em Portugal*, 1, p. 283.

em 1823, fugindo para Villa Franca de Xira. O povo lançou na historia este traço profundo, em dois versos eloquentes que se repetiram como pasquim :

- 30) Povo, alerta !
Que o rei deserta. (1)

Já se conhecia o alcance da deserção para o Brazil ; a deserção para Villa Franca veio tambem a produzir essa longa serie de desastres que vão de 1826 a 1833, em que o povo comprou á custa de sangue no cêrco do Porto a sua liberdade.

Nas luctas da independencia do Brazil, cantava-se :

- 31) Luiz do Rego valoroso
Sete campanhas venceu ;
Na outava de Goyana
Luiz do Rego esmoreceu. (2)

Depois de ter desmembrado o Brazil do dominio portuguez, e de ter perdido pela necessidade de uma abdicção o novo imperio, D. Pedro outorgou a carta constitucional de 1826, fonte dos grandes desastres por que tem passado esta nacionalidade. D. Pedro fez regressar seu irmão D. Miguel da côrte de Vienna de Austria, confiando-lhe a regencia do reino na menoridade de sua filha D. Maria da Gloria, em quem tinha abdicado a corôa portugueza. O povo cantou então esta cantiga :

- 32) D. Miguel chegou á barra
Sua mãe lhe deu a mão :
—Vem cá filho da minha alma,
Não queiras constituição.

(1) *Policia secreta*, p. 77.

(2) Na *Historia do Brazil-Reino*, por Mello Moraes, p. 93.

A terrível Carlota Joaquina, representante do partido *apostolico* de Hespanha, tinha reagido sempre contra as garantias constitucionaes, e conspirava até contra a vida do marido para restaurar o absolutismo. D. Miguel era o instrumento passivo d'esta megêra de Queluz, e sob seu impulso é que se operou a retirada para Villa Franca, e o attentado da *Abrilada*. Quando regressou a Portugal em 1828, apresentou-se como pretendente do absolutismo, tomou conta do governo, dissolveu o parlamento, declarou-se absoluto, e fez-se jurar rei pela convocação phantastica dos trez estados segundo o antigo regimen.

Os constitucionaes não consideravam D. Miguel como filho de D. João VI, nem mesmo de D. Pedro, Marquez de Marialva, e motejava-se :

33) Nem de Pedro,
 Nem de João,
 Mas do caseiro
 Do Ramalhão.

Começaram as perseguições contra os liberaes, ao som do hymno :

34) Rei chegou, Rei chegou,
 Em Belem desembarcou !
 Aos malhados não fallou,
 Realistas abraçou.

As localidades apodavam-se n'esta lucta entre o absolutismo e o constitucionalismo :

35) Oh Braga fiel,
 Oh Porto ladrão,
 Que sempre quizeste
 A Constituição.

Em 1829 a cabeça de Victorio Telles de Medeiros Vasconcellos, um dos enforcados da Praça Nova, foi levada para Coimbra, e espetada n'um poste defronte da casa do seu amigo João Lopes de Sousa, na praça de Sansão; ali lhe pozeram o pasquim canialesco :

36) Defronte de mim está
Quem me deu chá.

Rodipiavam os cacetes contra os queixosos do preurio miguelino, organisaram-se as alçadas e arvoraram-se as forcas. Foi a violencia das repressões, os sequestros, os assassinatos que provocaram a união do partido liberal sob os interesses dynasticos de D. Pedro. O povo viu mais claro do que os liberaes, como se depreheende d'esta cantiga :

37) Entre Pedro e Miguel
Ninguem metta o seu nariz;
Pois se Dom Miguel é rei
Foi Dom Pedro que o quiz.

Depois de largos trabalhos da emigração em Inglaterra e França, é que os liberaes se aproveitaram de um nucleo de resistencia na Ilha Terceira convergindo para ali. As noticias das primeiras victorias da liberdade consolavam os que estavam sob o regimen da forca; quando chegavam essas noticias favoraveis, os partidarios de D. Miguel corriam as ruas desancando com desespero os liberaes que encontravam. O povo consignou essa pagina negra da nossa vida politica no anexam «do tempo de rara felicidade»:

38) Chegou o paquete,
Trabalha o cacete.

C
Da
dizia

Er
e fa
Port
O
o at
o se
a fo
da
ent
ger
plo
à r
me
de
co
ve
re
q
T
f
t
C

Da vinda de D. Maria da Gloria para a Europa, dizia outra cantiga :

- 39) Quando do Brazil partiu
 Princeza de Gram Pará,
 Seu pae lhe metteu no dedo
 Um *annel de piassá*.

Era o anel de piassá o emblema do liberalismo, e fabricavam-no os presos politicos da Relação do Porto.

Os homens livres que tiveram a força de supplantar o absolutismo no cêrco do Porto, que remiram com o seu sangue a liberdade de Portugal, tinham direito a formularem em uma constituinte as bases politicas da nova vida nacional. D. Pedro não o quiz assim, e entendeu que todo esse heroismo fôra uma homenagem á sua pessoa, com o fim de *restaurar* essa deploravel carta de 1826, em que o rei é que concedia á nação a liberdade que lhe convinha. D'aqui um germen permanente de revoluções contra os ministerios de resistencia, instrumentos cegos do paço que reagia contra a *soberania nacional*. A revolução de 1836 proveiu da necessidade de restabelecer os principios da revolução de 1820; Manuel da Silva Passos, o eloquente tribuno, revelou-se á altura de um Fernandes Thomaz. Mas a carta de 1826 tornou-se então um fetiche para alguns homens de boa-fé, que como partido sob a denominação de *cartistas* apoiaram o paço contra a nação. Bem cedo os que eram homens de bem reconheceram o ludibrio em que haviam cahido, e não quizeram acompanhar as consequencias do movimento reaccionario; os que foram até ás rebelliões militares, e á chamada dos exercitos estrangeiros contra Portugal, denominaram-se *cabralistas*, do nome do ministro favorito.

Em 1846 fez-se um movimento popular espontaneo contra o estado de violencia em que o governo pessoal collocara a nação; chamou-se a revolução da *Maria da Fonte*. N'esta agitação dos espiritos ouviu-se um hymno cuja musica é tanto senão mais bella do que a *Marselheza*. O hymno da *Maria da Fonte* é o grito revolucionario de Portugal, torna a insurreição contagiosa. O povo celebrou a sua resistencia n'estes versos :

- 40) A Maria da Fonte
Tem uma faca na mão,
Para matar os Cabraes
Que são falsos á nação.

O estribilho ou côro é cheio de audacia :

Eia ! avante, portuguezes,
Eia ! avante, sem temer ;
Pela santa liberdade
Triumphar até morrer.

Foi este hymno que acordou segunda vez a nação, quando a rainha deu o golpe de estado de 6 de outubro de 1846, faltando a todos os seus compromissos ; assim formou-se de repente no Porto a Junta da *Patuleia*, e essas outras juntas revolucionarias que venceram as tropas da rainha e chegaram a proclamar a sua destituição. A Junta de Santarem era uma das mais fortes, e contra ella partira o marechal Saldanha, que fôra um dos que preparou a restauração do absolutismo em 1823 ; Saldanha nada pôde fazer, e o povo perpetuou-lhe a fraqueza n'essa cantiga ironica :

- 41) Saldanha para cima,
Saldanha para baixo ;
Mas elle não passa
Do Cartaxo.

Os que defendiam a dictadura de Costa Cabral
mofavam das queixas de todos com o anexim :

- 42) Andam no trigo os pardaes,
A culpa é dos Cabraes.

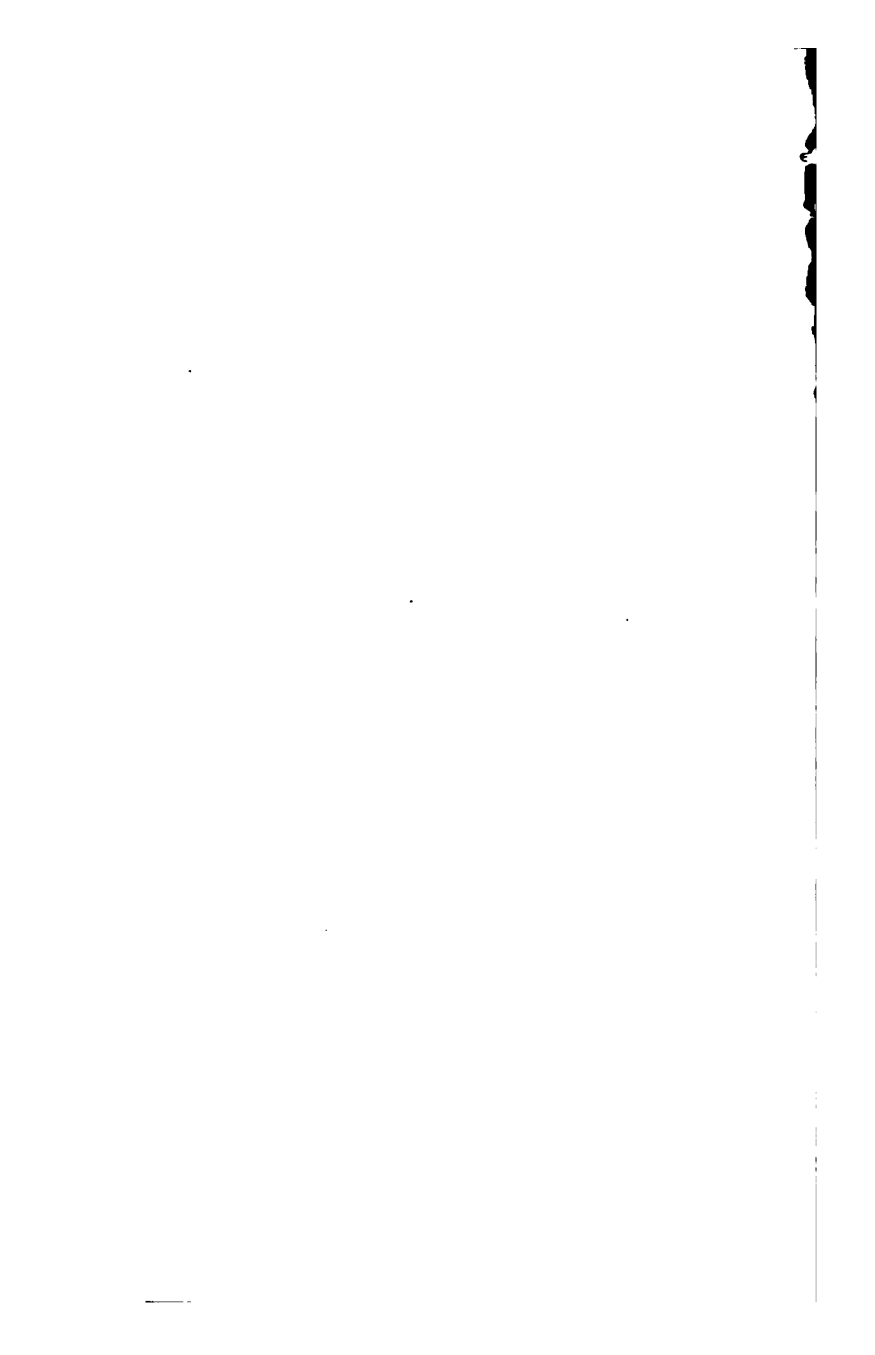
Mas a fraqueza só se torna forte pela traição ; assim aconteceu com o pedido de intervenção armada, reclamada pela rainha D. Maria II contra Portugal em 1847.

A este crime allude a cantiga alemtejana :

- 43) Se não fossem as Nações
Accudir á Rainha,
Adeus Saldanha
Que te faziam em farinha.

O general hespanhol Mendes Vigo em uma proclamação mandava-nos entrar na ordem, sob pena de nos castigar. A nação entregou-se ao arbitrio da realza, e os politicos reconciliados com o paço levaram-na até ao ultimo gráo da inconsciencia, e depois fizeram o que bem quizeram. Eis aqui a causa da actual decadencia, de que a nação só póde sair quando acordar do marasmo em que a conservam. O povo está mudo, e por isso não se lê no futuro ; pelo conhecimento do seu passado vê-se que tinha uma forte individualidade ethnica, com que resistiu á incorporação dos Estados peninsulares, e fortificando-se pela expansão colonial, assinalou-se na historia pela circumducção do globo.

FIM.



INDICE



LIVRO II

CRENÇAS E FESTAS PUBLICAS'



CAPITULO I

Bases criticas da Hierologia

Importancia ethnica e historica das Superstições populares.— Estados mentaes e sociaes em que se elaboram ou persistem as superstições.— O ponto de vista de Hume, e sua applicação por Buckle ao character supersticioso dos povos peninsulares.— Coordenação historica das Superstições em : Cultos magicos propiciatorios segundo o typo accádico, e Cultos magicos esconjuratorios, segundo o typo egypcio.— Persistencia de um fundo tradicional de superstições da Chaldéa transmittido á Grecia; a Roma, aos Arabes e populações da Edade media.— Nova interpretação das Fórmulas marcellicas, e a região da Aquitania como centro de irradiação das tradições occidentaes.— As vinte oito Fórmulas do palacio de Ninive coincidem ainda com as superstições actuaes.— O Chaldaismo no seculo XI, e sua dissolução na Feiticeria.— Importancia da descoberta dos hieroglyphos para a comprehensão d'este problema

Pag.

7 a 44

CAPITULO II

Superstições populares portuguezas

A concepção espontanea das Divindades malevolas : A materia em acção : os Asuras e os Agouros.— Restos d'estas concepções na linguagem usual.— *Classificação dos Agouros* : das Pedras, das Plantas, dos Animaes, do Fogo, do Tempo, do Dia e da Noite e das Estrellas.— Dos Agouros da Casa, das vestimentas, das comidas e bebidas.— Agouro das pessoas, do nascimento, dos namorados, das mulheres, das crianças.— Agouros dos Sonhos, dos Mortos, das Vozes, dos Números, e dos objectos de uso.— *Superstições derivadas de uma Religião chthoniana, ou de Prostituição sagrada* : Lameiros e bordas de rio.— Penedo dos casamentos e o Filho das hervas.— Character chthoniano do culto de S. Marcos e de Santa Anna.— Fontes Santas, Montanhas sagradas.— As Thiasas e o Sabbath nocturno.— *Superstições provenientes de um culto phalico ou lunar* : A figa, o Canto do Cuco, caracteres phalicos em S. Gonçalo.— O asno e as favas.— As mandragoras.— *Superstições sobreviventes de um Polytheismo sideral, ou solar* : Entreabertos e Homem das Sete dentaduras (Sol que declina); Canto do gallo, Lobishomem (Sol que desponta); Cavallo branco e Cavallinhos fuscos.— Tributo das Donzellas.— *As Entidades magicas e malevolas* : Tanglo-Mango, Provinco, Tanso, Trasgo, Tartaranho, Fradinho, Estrugeitante, Pezadello, Breca, Coouro, Jans, Escholar das Nuvens, Hiram, Olharapos, Fadas, Mãe d'Agua, Anão, etc.— *O pessoal magico popular* : a) Os Esconjuradores dos Espiritos.— Fórmulas magicas portuguezas.— b) Os Curandeiros e a Medicina popular.— Braços e pernas offercidos a Santos.— Hervas magicas.— Cura das hernias, cobro, parto difficil, dadas.— Fórmulas magicas para talhar cobros, fogo louro.— Semeadores da peste em Portugal.— c) Pessoas de virtude: Os Reis e os Padres.— Orações contra o quebranto e para acompanhar os actos quotidianos.— Os Bentos e os Benzilhões.

— Os Adivinhões. — As Prophecias nacionaes, e a vinda do rei D. Sebastião..... 45 a 248

CAPITULO III

As Festas do Calendario popular

Necessidade do computo chronologico na vida social.— O *anno lunar* e o anno solar ; meios empiricos da sua concordancia.— A Egreja adopta o anno lunar, e o povo conserva nas suas festas os mythos solares.— Restos do Calendario romano no catholicismo.— JANEIRO : Os primeiros doze dias ; os *Annos boiros* : Janciras e Janeireiros ; o Agualdo.— Janeirinhas da Foz do Dão.— Os Reis e S. Gonçalo ; Dar o nó.— Santo Amaro e as Sebastianas.— As Fogaceiras de Villa da Feira.— FEVEREIRO : A Candelaria ; o S. Braz.— MARÇO : S. Bento ; a Festa do Cuco, em Famalicão.— ABRIL : Dia dos Enganos ; o Boi-Marcos, no Algarve.— Queimar os Compadres e as Comadres.— O Entrudo ; Caça aos Gramosilhos ; Dia de Cinza ; Serração da Velha e Queima do Judas.— Os Passos de Lamego : a Paixão e Enterro ; Folares e Reconhecimentos : Gallo das Trevas e Vella Maria — Ascenção, Cordeiro Paschal ; Benção do lume-novo ; Semana dos arrastados.— S. Pedro Gonsalves.— O Compasso, nó Minho.— MAIO e JUNHO : As Maias ; Ladainhas de Maio, em Nisa.— A Espiga.— Espirito Santo ; Bodos e Imperios ; Procissão dos Taboleiros ; Imperador de Eiras ; Rolo de cera.— Santo Antonio.— Corpo de Deus ; Boi bento, Carro das hervas ; Santo Grande.— S. João ; Cavalleiros de Obidos ; Mouriscadas ; Porco preto, em Braga. S. Pedro.— JULHO : Fogueiras saloias — Senhora de Antime.— Bolo de Pombal.— AGOSTO : Procissão dos Ferrolhos.— Romaria do Cabez.— S. Bartholomeu.— SEPTEMBRO : S. Pedro de Niza.— OUTUBRO : S. Simão.— NOVEMBRO : Todos os Santos, e o Pão por Deus.— Fieis Defunctos S. Martinho.— DEZEMBRO : S. Nicoláo. Santa Luzia.— Córte do Cépo do Natal ; Festa do O.— Natal : Presepios e Lapi-nhas ; Trigo grellado, Rosquilhas, Missa do gallo ; Cêa do Natal e Consoadas ; Fartes ; Bispo dos Lou-

	Pag.
cos, Bispo Innocente.— Galheiro ou Trafogueiro.	
— Santo Estevam.— Entrega do Ramo, em Aveiro.	
— As Quendas e Requendas.— Fim do Anno...	249 a 332

LIVRO III

TRADIÇÕES E SABER POPULAR

CAPITULO I

Modismos, Anexins e Adivinhas

As fórmulas concretas da comprehensão popular ; os Tropos, como germens da expressão poetica; Modismos populares portuguezes. Comparações de maior, de menor e de igual ; comparações por differença, por analogia e por plausibilidade.— Comparações communs aos povos occidentaes.—

— *Os Anexins portuguezes* : Bases criticas para o estudo dos Anexins : relação com a concepção mythica primitiva ; com os estados psychologicos rudimentares ; com os costumes extinctos ; com os contos tradicionaes e com as superstições.— Valor das designações *Dito, Ditado, Vervo, Rifão, Adagio, Anexim, Exemplo*.— Os Anexins conservam a evolução morphologica da Poesia.— Fundo commum da tradição occidental persistente nos Anexins.— Os Anexins na litteratura portugueza.

— *As Adivinhas populares portuguezas* : A concepção por analogia, e a expressão mythica são evidentes nas Adivinhas.— Character de um saber enigmatico nas religiões antigas.— Relação das Adivinhas com os Contos.— Fundo commum do saber enigmatico no Occidente : Adivinhas comparadas.— As adivinhas populares portuguezas na litteratura 333 a 397

CAPITULO II

Cantigas, Romances e Comedias populares

As fórmulas universaes das Litteraturas, *Lyrismo, Epopea e Drama*.— A Nacionallitteratura consi-

derada como origem das obras primas individuais.— *As Cantigas portuguezas* : Unidade do lyrismo occidental.— As fórmias mais antigas das canções portuguezas : Controbaduras (Serranilhas, Muñeiras, Villanellas.)— A poesia popular ligada á vida domestica : Despiques de conversados ; Epithalamios ou cantigas nupciaes, Cantigas do berço e Endexas dos mortos.— Cantigas das Festas religiosas : Janeiras e Reis Magos ; S. Pedro, S. João, Santo Antonio, Espirito Santo, Paixão, Colloquios do Presepio.— Fórmulas dos jogos, dos Apódos locaes, dos anexins, adivinhas, esconjuros, Neumas e estribilhos.— *Romances ou Aravias populares* : Unidade do Romanceiro occidental ; Romances communs a Portugal, Hespanha, França meridional, Italia e Grecia moderna.— As tradições homericas na região mediterranea. Plano de classificação dos Romances heroicos segundo os themas fundamentaes : Cyclos da Mulher infiel : da Esposa fiel ; da Mulher forte ; da Mulher captiva ; da Esposa perseguida.— As modificações do Romanceiro segundo D. Francisco Manuel. Romances citados nos escriptores portuguezes.— As explorações criticas d'este veio tradicional.— *As Comedias populares e as origens do Theatro nacional* : A comedia separando-se do elemento lyrico, Córos e Bailes de terreiro, Mascaras, Dansas religiosas.— Typos comicos : O Ratinho.— A Comedia separando-se das narrativas heroicas : *Mascaradas, Auto de El-rei de Barberia, Rei da Mourama, Auto de Ferrabrás e Floripes*.— Autos hieraticos: Natal, Loas do Cirio do Cabo, Auto de S. Catherina.— Dialogo do Martyr S. Sebastião.— Origens tradicionaes de alguns Autos de Gil Vicente.— Theatro aristocratico : Cavalhada de D. Sebastião.— As Touradas.— As Farças : As festas dramaticas em Niza — As Malhadas do Centeio no Minho ; os Azeitoneiros no Alemtejo e Algarve ; Procissão das Séstas em Coimbra.— O theatro prohibido pela intolerancia ecclesiastica..... 398 a 432

CAPITULO III

**Contos, Lendas, Livros populares,
e Historia de Portugal na voz do Povo**

	Pag
O costume popular dos Contos ; as paramythia na Grecia, as <i>Skaski</i> na Russia, e os Patranheiros peninsulares. Fundo commum dos Contos populares fetichistas.— O typo dos Contos da Carochinha.— Os Contos polytheistas, de origem semita ou anthropopathicos, e de origem arica ou anthropomorphicos. — <i>As Lendas portuguezas</i> : Enumeração das principaes lendas nacionaes.— Elemento poetico raramente aproveitado na Litteratura.— <i>Os Livros populares portuguezes</i> : Escriptos que foram vulgares no seculo xvi, xvii, xviii e xix.— Gil Vicente e Balthazar Dias como escriptores populares.— <i>As Sete Partidas do Infante D. Pedro</i> ; a <i>Donzella Theodora, Imperatriz Porcina, Carlos Magno</i> .— A irmandade dos Cegos vendedores de Folhas volantes.— Os Cegos resadores. — <i>Bertholdo, Bertholdinho e Cacasseno</i> ; <i>João de Calais</i> e o cyclo do Morto agradecido.— <i>Cosme Manhoso</i> ; <i>Corcovados de Setubal</i> . Catalogo das Folhas volantes da Litteratura de cordel.— <i>A Historia de Portugal na voz do Povo</i> : As trez epochas tradicionaes da historia portugueza.— Distincção entre <i>Estorias</i> e <i>Caronicas</i> , e entre Fóros e Leis.— A vida dos Concelhos.— O typo popular de D. Diniz. — Apódos contra D. Fernando — Acclamação de D. João i. — A revolta de Lisboa; o typo popular do Condestavel; Metter lança em Africa.— O Cabo de Nam e a Viagem da India.— Os heroes portuguezes e o poder real. — As satyras contra o clericalismo.— A jurisdicção inquisitorial. — Extincção da nacionalidade portugueza. — Os Braganças nas cantigas populares : D. João iv, D. João v; D. José e o Marquez de Pombal.— O governo de D. Maria i. — Regencia de D. João vi e governo de Beresford.— A revolução liberal.— Miguelistas e Cabralistas.— A Maria da Fonte, e a intervenção estrangeira. Conclusão.....	433 a 517



INDICE ANALYTICO

ADAGIOS.—Vol. I: Como synthese ethnologica, 20, 43, 69, 70; Fogo e Lógo, 84; Trabalhar como mouro, 92; Vento de Hespanha, 94; Roupa de Francezes, 96; Framengos á meia noite, 98; Comer cardos, 114; Puchar a braza para a sardinha, 115; Cheirar ao alho, *ib.*; Quem não trabuca, 117; Enganar a fome, 119; Andar no cambão, 140; Plantar batatas, 145; Casamento em terça feira, 180; A terra lhe seja leve, 187; Pagar as favas; Ir á fava, 209; Casamento e mortalha, 228; Ficar para tia, 233; Filho alheio, 236; Levam com o sacco nas pernas, 254; ADAGIOS juridicos, 255; Pedra de escandalo, 258, 262; Mudar o pelourinho, 259; Sem eira nem beira, 261; Tirar palha; Por dá cá aquella palha, 269; Velho e relho, 374.

—Vol. II.—Comer com os olhos, 25; relativos ao gallo, 80; Decada em cabeça de asno, 83; relativos á casa, 106; Paço da Mãe Joanna, 131; Vestir a pelle de lobo, 157; Velho como a serpe, 163; Anda o Diabo á solta, 191; A cada canto seu Espirito Santo, 286; Burro de Vicente, 352; Quem conta um conto, 443; Relação dos anexins com os estados sociaes, 342; sua explicação, 343, 344; Lingua mental universal, 345; Comparações dos anexins occidentaes, 346; — historicos, 354, 355; locaes, 352, 353; — Vestigios de Contos, 354; Synthese moral, 354; Dito e Ditado, 356; Verbo, Verbão, 357; Refrem e Rifão, 358; Exemplo, Anexim, 359; Abreviação em locuções, 365; Dissolução da forma poetica, 371, 373.

ADIVINHAS —Vol. II: Sua universalidade, 374; Concepção mythica das cousas, 375; Problemas, 376; Adivinhas nos antigos povos peninsulares, 377; — na aristocracia portugueza, *ib.*; — nos livros litterarios, 378-9-80-81-82-83; Comparações das principaes adivinhas populares, 383 a 396; Persistencia nas classes cultas, 397; Objecto das Adivinhas: Candéa (1); Gallo (2); Papel, tinta, dedos e penna,

(3); Ceroulas (4); Boi (5); Pinheiro e sementes (6); Passa (7); Dobadoura (8); Cabra, centeio e folle (9); Ovo (10); Laranja (11); Limão, id.; Meza toalha e comida (12); O gallo (13); Cantaro. (14); Romã (15); Castanheiro e ouriços, ib.; Navio sem vellas (16); Olhos (17); Pulga (18); Ovo (19); Estrada (20); Formiga (21); Linho (22); Telhas (23); Aboboras (24); Cabaça (25); Castanha (26); Agua, areia, espuma (27); Lorangeira (28); Semente da couve (29); Sino (30); Luz (31); Cão (32); Bengala (33); Noz (34); Botões (35); Telhas (36); Pinha e Pinhões (37); Pão (38); Luva (39); Boi, pellos, pernas e pontas (40); Noz (41); Espingarda (42); Pente, cabeça e piolhos (43); Annel (44); Peneira (45); Bocca e dentes (46); Alho (47); Agulhas de meia (48); Linha e agulha (49); Caixão do defunto (50); Comer, dormir e confessar-se (51); Corda do cano (52); Céu, nuvens, sol e vento (53); Moinho (54); Novello (55); Botão (56); Cal (57); Mosca (58); Piolho (59); Panella ao lume (60); Moleiro (61); Vinagre e vinho (62); Serra (63); Moinho (64); Noite, estrellas e dia (65); Cal (66); Azeitona (67); Cebolla (68); Junta de bois (69); Lingua (70); Romã (71); Ovo (72); Romã (73); Agulha e linha (74); Aguardente e Vinho (75); Peça de artilheria (76); Borracha de vinho (77); Fome (78); Pião e fleira (79); Sombra (80); O Figo colhido (81); Guitarra (82); Metade da meia (83); Problema (84); Rapaz, castanheiro e cabra (85); Problema (86); Abel (87).

AGOUROS — Vol. II: Definição, 17; Relação com o animismo; 18; Persistentes desde o seculo VIII, 57; Arte de agouraria, 76; no seculo XIV, 77; dos dias da semana, 50, 51; dos namorados, 99; do casamento, 101; da gravidez e do parto, ib.; das crianças, 102 a 106; da casa, 106; dos objectos da casa, 108; das roupas de uso, 100. Vid. **SUPERSTIÇÕES**.

AGRICULTURA — Vol. I: Celleiros communs, 50; Cabaneiros, 112; Milho, 113; Bracé, 114; Bessadas, 114, 137; População rural na peninsula, 120; tradição technica dos Arabes, 121; Queimadas, 123; Silos ou Celleiros subterraneos, 124; Atamorras, Matmorras, e Masmorra, ib.; na ilha Terceira, 125; Noras e Onias, 126; Alcacel, 126; Debulha de trigo, 126; — do centeio, 127; Carros de duas rodas, 127; Medidas agrarias, 128; Grade, Engaço, ib.; Cultura do Milho, 137; do trigo e centeio, 129; trigo durazio, 131; Abeção, 134; Manajeiros e Maltezes, 135; Mangra, 136; Alfara, ib.; Milho maiz e de maçaroca, 136; Deitar as milhãs, 138; Andar no Cambão, 140; Cultura da vinha, 141, 142; Fructas, 143.

—Vol. II: Colheita das nozes, 277; divertimentos nos trabalhos agricolas, 446; Azeitoneiras de Santarem, 417; Aparna da azeitona no Alemtejo, *ib.*; Malhadas do Centeio no Minho, 419.

ALIMENTAÇÃO —Vol. I: A bolota, 44; dos porcos e burros com sardinha, 80; nos diferentes districtos administrativos, 118; vegetal, 131; Glandes de carvalho, 113; Bilhós, Milho cosido, *ib.*; Favas cosidas, 114; Berças, *ib.*; Borôa, *ib.*, 157; Cardos, 114; Comer á lareira, 115; Badulaque, Persigo, Alho, Apeguilho, Castanhas da Beira, 115; Horas de comer, 116; Caldo, 157; Governar o pão, 170; Bodos, 215; Mustella, 116; Vicera, *ib.*

—Vol. II: Comidas da Paschoa, 277; Folares, 277, 318; Magustos e Pão por Deus, *ib.*; Bolinhós e Santoros, 319; Consoadas do Natal, 322, 324, 325; Banquete com caracter social, 330. (Vid. FUNERAES.)

AMULETOS —Vol. I: Entre os Esquinãos, 43; Corno de carneiro, 139; Ferradura de mula, 139.

—Vol. II: Figa, 29, 41, 91, 122, 139; Ferro, 27; A imagem, 37, 116; Nomina, 41; Medidas, 41, 87; Bentinhos, 41; Signo Saimão, 41, 92, 198; Espelho e Vara, 41; Meia lua, 50, 105; Cunhas de pedra, 65; Dinheiro de grelha, 73; Flor de penna, 72; Braço do Senhor de Matosinhos, 87; Sanelimão, 92, 105; Fita encarnada, 87; Mão de finado, 92, 93 e 138; Trez vintens furados, 105; Dente de lobo, Argola, 105; Letra redonda, 20, 448; Bengala ou bastão runico, 167; Camisa de soccorro, 167; Chavelho, 184; Roda de Santa Catherina, 188; Evangelho de S. João, 196; Caldeirão, 200; Trempe e tripeça, 199; Bacia com agua, 202; Candéa de S. João, 202; Vintem de S. Luiz, 237; Contabenta, 238; Sortelas de virtude, 237; Ramos de palmeira, 271; Penna de boliana, 308; Feto real, 306; Concepção dos amuletos, 47; Ceraunias, 65.

ANIMISMO —Vol. I: A alma representada n'uma pomba, 193; Arvore sepulcral, *ib.*; Pezagem das almas, 206; Almas penadas, 220; Almas do outro mundo, 223; Alma por herdeira, 223; Poderes malevolos, 223; Fallar alma em alguem, 224; Evocação de uma alma, *ib.*; Balborinhos e Almas perdidas, 225; Besbrinho, *ib.*; Zorra de Odeloca, 226; Procissão dos defunctos, *ib.*, etc.

—Vol. II: O animismo entre os selvagens, 17; O outro mundo, 23; Almas de Mestre, 89; Alma separada do corpo, em pomba, 89; Almas penadas, 23, 171, 184; Ter alma, 23; Zorra de Odeloca, 89.

ANTE-HISTORIA —Vol. I: Habitações lacustres, 11; Punhaes

de pedra, *ib.*; Amuletos em fôrma de coração, *ib.*; Cutellos de bronze, 42; Silex da epoca miocene, 42; Cidades lacustres, 44; Hachas de bronze do Alemtejo e Algarve, 44; Planaltos artificiaes e Penedo de escorregar, 49; Citanias ou Acitanias, 50; Dolmeu da villa de Redondo, 58; Mamôas e Antellas, 110; Monticulos do Valle de Ancora, 188; Enterro na epoca neo-lithica, 184;—Vol. II: Penedo Mouro e Eira do Mouro, 63, Ceraunias, 65.

ANTHROPOLOGIA —Vol. I: Caracteres das raças primitivas persistentes em França, 14; — na Italia e Grecia, 15; — na Allemanha, *ib.*; Systema de Waitz, 25; Relações com a Historia, segundo Edwards, 40; Conservação dos caracteres physicos, 41; Raça dolichocephala do Occidente da Europa, 42; Barba ruiva, 45; Hereditariedade dos caracteres, 46; Estatura portugueza, 48; Celta, seu orgulho nacional, 47; Revivescencia no Portuguez, 51; Celtas na peninsula, 53; Jonios, 54; Romanos e Germanos, *ib.*; Invasão dos Arabes e criação do typo Mosarabe, 57; Schema das Raças da Hespanha. 63;— sua persistencia na povoação actual, 120; Portuguez e varidade de seu typo anthropologico, 39; pé pequeno, 47; orgulho nacional, 47; differenciação de dois typos fundamentaes, 46; nariz de cavallete, 51; genio imitativo, *ib.*; — amoroso, 52; belleza das mulheres de Aveiro até Vianna, 54; Mosarabes, 55; Saloios, 59; Separação entre Portugal e Hespanha, 64 a 67; Mulheres de Avintes, 76; Character do povo, 122; sua mendicidade, 123; Região lusitano-Extremenha, 298.

—Vol. II: Contraste da aptidão mental com a religiosa, 11, 12.

ASTROLOGIA —Vol. I: Tramontana, 82; Carreiro de S. Thiago, 206.

—Vol. II: Eclipses, 23; Terror dos eclipses, 50, 57, 59; Solsticios, 52; A sina, 55; Desastre e Astroso, *ib.*; Restos de Astronomia hebraica, 56; Luas, 66.— Astrologia em Portugal no seculo XIV, 66, 67; Horoscopos, 68; Estrellas cadentes, 69; Poder das estrellas, *ib.*; Signaes no céu, 112, 114; Horas abertas, 148; Pino do Meio dia, 143; Solsticio diurno, 149; Estações, 252.

BENZILHÕES —Vol. II: Seu character, 187; Saludadores, *ib.*; differença dos Sortilegos, 191; poderes, 192.

BOTANICA —Vol. I: Arvore do Natal, 23; Moliço, 77; Ensaio, 78; Fava do mar, 82; Couve, 117; murciana, 123; Alcaparras e espargos, 126. — Botanica maravilhosa, 174; Erva de Nossa Senhora, *ib.*; Feitelha, *ib.*; Moliãna, *ib.*; Azevinho, 175; Cypreste, 193; Favas, ervilhas e feijões funerarios, 208.

- Vol. II : Relações da vida vegetal com a humana, 19, 74; Babosa, *ib.*; Ervas de S. João, 52; Arruda, 54, 75; Plantas magicas, 56; Florestas sagradas, 57; Erva pinheira, 69; Planta aneira, *ib.*; Figueira phallica, 70, 71, 138; Laranja para dar fortuna, 74; Feito phallico, 38; Junco verde, 70; Zimbro, 71; Alecrim, Oliveira, 71; Azevinho, 72, 160; Funcho, Rosmaninho, Boliãna, 72; Solaneas, seus poderes magicos, *ib.*; Mentrasto, Orgevão, Sabugueiro, Sempre Verde, 75; Favas, 83; Rosa de Jericó, 101; Erva fadada, 125; Loureiro, 128; Ardegaria, 135; Mandráculas, 136, 137; Vides, 178; Trovisco, 232; Feto real, 406.
- CAÇA** — Vol. I: Com furão, 69, 72; Cães da Serra da Estrella, *ib.*; Pedir com pelle de lobo, 70; Apeiro de caça, *ib.*; Aduas, 71; Altenaria, na tradição, *ib.*; Armelas com visco, Naças, Costellas, 73; Abuizes, 74; Cabras do Suajo, *ib.*; Festas religiosas da caça, *ib.*; Montaria do Porco preto, 75.
- Vol. II: Caça furiosa, 53, 152; aos Gramosilhos, 268.
- CALENDARIO** — Vol. II: Sua origem social, 251; restos do Calendario polytheista no christão, 252; Vid. **CHRONOLOGIA**.
- CANTIGAS** — Vol. I: Fados, 62; Funerarias ou Nenias, 194; sua origem, 195; costumes funerarios a que alludem, 218; Epithalamicas ou dos Noivados, 250; do berço, 284, 285; da Bahia, 399.
- Vol. II: Voceros e Endexas, 57; Janeiras, 111; Maias, 112, 281; Santo Antonio, 138; Janeireiros, 255; Aguinaldo, 256; S. Gonçalo, 260; Procissão dos Passos, 272; do Espirito Santo, 285.— Como o lyrismo nasceu da vida domestica, 399; Cantos de casamento, 400; do berço, 401; Serranilha, 402; Pé de cantiga, *ib.*; Cantar guaiado, 403; Leilas, 404. Vid. **POETICA**.
- CASA** — Vol. I: Resume a vida publica, 9; Reboco, 48; Casas redondas, 110; em Citania de Briteiros, *ib.*; Colmo, Berga, Bergança, Cardenha e Palhoça, *ib.*; Alcheria, 112; Casas isoladas, *ib.*; Mudança de habitação, *ib.*; Altura das casas, 156; Muro francez, 156; Diferença das construcções, 158; Aspecto das casas, 163; Azulejos, *ib.*; Relação do lar com a familia, 179.
- Vol. II: Transição da vida domestica para a vida publica, 6; Livrar a casa dos raios, 65; Janella-com ensaião, 72; Defumar a casa com alfazema, 75; Agouro ao sair de casa, 78; Dono da casa, 89; Seus agouros, 106.
- CASAMENTO** — Vol. I: Sua forma religiosa, 181; por coemptio e raptio, 228; Regimen do matriarcado, 229; União tempo-

- raria, no Bouro, 230; Morganheira, 232; Cohabitação dos Saloios, 233; Virgindade ignobil, 233; Collaços, 234; Escolha do marido pela mulher, em Vermoil, *ib.*; Polyandria, 234; Casamento em Bomfim, 235; Dote, 236; Regimen patriarchal, 236; Couvade entre os Iberos, 236; nos usos provinciaes, *ib.*; Endogamia, *ib.*; Sacrificio á Communnidade, 237, 238, 239; Direito de pernada, 237; Casamento em Braga e Thomar, *ib.*; em Manteigas, Peral, e Villa da Feira, 238; Rapto da noiva, 239; Dote no regimen patriarchal, 240; Offerta de mulas, 241; Compra de corpo, 242; Cohabitação, 243; Exogamia, 244; Correr á pedrada, 244; Furtar a mulher, 245; Combate em Miranda do Douro, 245; Patrulhas e Manadas, 246; Confarreação, *ib.*; Prelibação no paço, 247; Cerimonias religiosas no casamento, 248; Offertas no casamento, 249; Trajos do casamento, *ib.*; Deitar trigo, 250; Ramo nupcial, *ib.*; Cantos nupciaes, 251; Superstições do casamento, 253; Levvar com o sacco nas pernas, 254; Simulação do casamento no jogo da Condessa, 335.
- Vol. II: Sobre o futuro de um casamento, 52; Prognostico pelo cantar do cuco, 81; Superstições dos namorados, 99; Santos casamenteiros, 117; usos nupciaes na festa dos Reis, 257; na festa de S. Gonçalo, 259; Metter o pé no meio alqueire, 343; Actos no casamento em Traz os Montes, 400; Festa de um casamento, 414.
- CAVALHADAS** — Vol. I: Nos casamentos, 87; a Fama, Venia e Corrida do Gallo nas festas religiosas, 260; de S. Sebastião, 261; Festa do Cuco, em Famalicão, 265; Touro por cordas, 292; Cavalhada de S. João, 301; Corrida do Porco preto, 301; Cavalhada de S. Pedro, 309.
- Vol. II: Cavalhada de D. Sebastião, 248.
- CHRONOLOGIA** — Vol. I: Base no trabalho da lavoura, 119; Dia martes, 171; Semana da mulher preguiçosa, 176.
- Vol. II: Mez incompleto, 36; Mez lunar e a semana, 50; Dias aziagos na semana, 51; Observação dos dias e horas, 52; Hora do meio dia; Horas abertas, 53; Dias do mez aziagos, 54; Janeiro, 111; Pino do meio dia, 150; Meia Noite, 151; Terça á noite, 159; Dias magicos, 201; Mez, base lunar chronologica, 250; Anno lunar e solar, sua concordancia, 250; Dias fastos e nefastos, 251; Lunes e Martes da semana polytheista, 252; Anno irregular, 301.
- CIVILISAÇÃO OCCIDENTAL** — Vol. I: Seus differentes fócios, 35; marcha na peninsula, 59; Unidade nos cantos, VII; na raça, 8, 42, 52, 299.

- Vol. II: Ideia de Charrière, 31; Unidade nas Superstições, 42; nos Romances, 407.
- COMEDIAS** —Vol. I: Nas malhadas do centeio, 137; nas cavas das vinhas, 142; na construcção das casas, 159; Pantomima funeraria, 197; Jogo em fórma dramatica, 335; Paradas ou Estados, 399.
- Vol. II: Character dramatico das Orações magicas, 39; Bumba meu Boi, e Cavallo marinho, 59, 257, 414, Fórma dramatica na Medicina popular, 233; Cavalhada de S. Sebastião, 248; Queimar os Compadres e as Comadres, 268; Caça aos Grambosinos, 268; Correria da Morte, 268, 269; Serração da Velha, *ib.*; Figuras dramaticas na procissão de Passos, 273; Autos da Paixão, 275; Enforcamento de Judas, *ib.*; Maio pequenino, 282; Fórmulas theatraes da Procissão de Corpus, 292; Figuração da Escriptura sagrada, 294; Estado de S. Jorge, 297; Combate do Verão e do Inverno, 301; Rei da Mourisca, 302; Alvorada de S. Pedro, 308; Mosqueteiros da Procissão de Nossa Senhora, 309; Córte do Rei do Congo, 313; Chacota de S. Pedro, 317; Salsada de S. Martinho, 321; Presepios, Lapinhas e Colloquios do Natal, 327; Cépo do Natal, 328, 329; Entrega do Ramo em Aveiro, 329; Enterro das Sestas, 415, 416; Apanha da Azeitona, 417; Malhadas do Centeio, 419; Parada dos Officios, 420; Ferrabrás e Floripes, 423; Entremezes nas romarias, 424; Dialogo de S. Sebastião, 431; Vida da Rainha Santa Isabel, 427; o Villão, *ib.*; Formosa Magalona, 427; Rei da Moirama, 430; Lôas, 430, 431.
- COMMERCIO** —Vol. I: Feiras, 171; Feira da Ladra, 173; Feira de Março, 173; Feira dos Moços, *ib.*; Feira do Rocio, 376; Capellistas, *ib.*
- Vol. II: Leilões das offeras aos santos, 261, 262; Feira de Santa Brizida, 263.
- CONTOS** —Vol. I: Peixe que dá fortuna, 75; Palacios destruidos, 44; Petit Poucet, 189; Arvores que vertem sangue, 194.
- Vol. II: Mão de gloria, 92; Vestigios de Contos nos Anexins, 341, 353; Contos de Adivinhas, 375; Universalidade dos Contos, 434; Patranheiros do Minho, 435; Trez Cidras do Amor, e Gata borrarheira, 435; Similaridade dos contos russos, sicilianos e portuguezes, 435; Contos da Carochinha, 436; estudo comparativo, 440, 441; seu sentido mythico, 444.
- COSTUMES** —Vol. I: Sua transformação, 20; classificação synthetica, 36, 37; unidade segundo as relações anthropolo-

- gicas, 34; Reacção catholica contra os costumes arabes na peninsula, 62. Vid. ETHNOLOGIA.
- CULTOS** —Vol. I: Influencia das invasões tartaras nos cultos magicos, 17; fórma orgiastica no christianismo, *ib.*; Culto das montanhas, 49; das cavernas, *ib.*; Peixes salvadores, 75; Deusa Marna, 82; dos mortos, 180, 214; no casamento, 248; hetairista, 230; Tocar adufe em Fevereiro, 252.
- Vol. II: Cultos decahidos, 6; da Chaldéa e do Egypto, 14, 15; Revolver penedos, 26, 60, 312; Prostituição sagrada, 36; hetairismo do culto lunar, 52; Adufe, 57; Charcos, culto chthoniano, 65; Semente de Feito, 70; Junco verde, e as Hastilias phallicas, 70; Cortar junco, 71; Mandragoras, resto do culto chthoniano, 72; Cantigas das meretrizes a Boliana, 74; Porta dourada, 107, 128; Pedras e lameiros, 117; Elusia, 118; Character religioso dos Charcos, 118, 119, 126; Martha, deusa da prostituição, 120, 121, 122, 123; precede no occidente o culto da Virgem, 124; Filho das ervas, 126; Parentesco pelas mães, 125; Annah, no occidente, 127; Montanha sagrada, *ib.*; Culto phallico, 132; Vale de Cavallinhos, 165; Preponderancia do culto phallico, 168; Pães phallicos de S. Gonçalo, 259.
- DANSAS** —Vol. I: Sua origem iberica, 50; Zambras e Leilas arabes, 61; Mourisca, *ib.*, 386, 391; Funerarias, 194; Dansa da Morte e a Procissão dos defunctos, 226; Batuque nos casamentos, 241, 400; Character religioso da dansa, 384, 389; Diferenciação nacional, *ib.*; Fados, 385, 402; Baylia, 386; Baixa, 395; Villão, Chacota, 387, 388, 390; Tordião, 388, 395; Tiro-líro, 389; Chacoina, 389, 391; Meninos indios, 390, 398; Dansas nas festas dos Santos, 390; Sarambeque, 392; Alta, Pavana, Galharda, Pé de Chibão, 394, 395; Sarabandas, 396, 397; Allemã, 396; Xacaras, Çapateado, 397; Talheiras, Quicumbis, 398; Ciganas, Cajadinhos, Fofa, Arrepia, 432, 400; Fandango, 399, 401; Outavado, 400; Chiba, 400; Bahiano, *ib.*; Balhos, 402; Cana verde, Pésinho, Chula, *ib.*; Retorta, 407.
- Vol. II: Fosquinhas, 165; Dansa com as bexigas, 191; Dansa a S. Gonçalo, 259; do Espirito Santo, 287 a 289; Charambas e Sapatéas, 287; Mourisca, 302; Fandangos, 305; A-la-moda e Meia volta, 328; Dansa religiosa, 413; com character dramatico, 424; Dansa das Donzellas, 425; dos Marujos, Espingardeiros e dos Pretos, 426.
- DEMOTICA** —Vol. I: Systematisação dos elementos descriptivos da Ethnographia, 26; Demopsychologia, 27; Hierologia, 28; Nacionalitteratura, 31 a 34; Ethologia, 34, 64.

DEVOÇÕES—Vol. I: Escorregar pela pedra, 49; Bodos, sua origem, 51; Guardar o domingo, 270.

— Vol. II: Voltas em roda da Pedra leital, 63; Procissões a Outeiros e Penedos, 64; Foliões do Espirito Santo, 119; Devoções a Santo Antonio, 210; 211; Pernas e braços offerecidos a Santo Amaro, 260; Cercar a igreja com rolo de cera, 263, 284, 289; Queimar candéas, 263; S. Marcos e os rapazes travessos, 278; Cartas a Santo Antonio, 298; Peditorio para S. Antonio, 300; Fogueiras a S. João, 304; Mancebos dos Banzos, 312; Bolo de Pombal, 312; Trigo grellado, 332. Vid. FONTES SANTAS e ROMARIAS.

DIREITO—Vol. I: Foraes, vi; Furto de caldeira, 49; Malados, 84; Behetrias, 84, 110; Pendão e Caldeira, 85; Villares e Casaes, 110, 125; Malhom, 110, 258; Sino corrido, 113; Casaes e Caserias, Encortijadas, 120; Mesta, ib.; Usos e Costumes, 121; Tunginus ou Tanganho, 125; Sepultura dos justicados, 188, 189; Divisão annual das terras; 142; Adopção, 236; Osas e Luctuosa, 240; Compra de corpo, ib.; Arras, 242; Camera çarrada, 242; Estatuto territorial, 256; Azylos, 256, 257, 265; Visinhança e Companhia, 257; Irmandades, ib.; Pelourinhos, 258; Justiça de Monte-Mór, 260; Justiça de Fafe, ib.; Justiça do Rei, 261; Penalidades : Derrubar as casas, 261; Salgar o chão, ib.; Enterrar o assassino com a victima, 262; Montar ao revés da sela, 263; Calça ou sacco de areia, 265; Vindicta pessoal, 265; Combate judiciario, 266; Cabello atado, 267; Desnudação, 268; Alborgues, 268; Talha de fuste, 269.

— Vol. II : Dar a comer para saber um furto, 116; libertação de um preso, 267; Formas da Adopção, 342; Fóros e Leis, sua differença, 497; Character estrangeiro do titulo de El-Rei, 498.

DOENÇAS—Vol. II : No seculo XVI, 215; seu character sagrado, 213; Quebranto, 217; Achaques de ar, 218; Chagas ou Fogo louro, 219, 222; Quebraduras, 220 e 229; Deslocações, 220; Fluxo de sangue, ib.; Dór de dentes, 221, 234; Fogagem, 221; Vertoeja, ib.; Erizipola, 224; Zipla, 225, 228, 331; Queimaduras, 227; Espinhela cahida, 228; Fogo do ar, 231; Maleitas, 232; Sangue pelo nariz, 234; Febres, 233; Peito aberto, Braço deslocado, Verrugas, Impigens, 234; Azia, Terçogo, Inguas, 235; Aphtas, Farfalho, Alporcas, Insulação, 236; Carne quebrada, Nervo torto, 237; Quartãs, Afflacto, 238. Vid. MEDICINA.

EMBLEMAS—Vol. II : Pomba phallica, 283; Corvo e Pombinha, 287; Bandeira do Espirito Santo, 288; Coração e chave, 397; Relação com as Adivinhas, ib. Vid. SYMBOLOS.

ENTIDADES DEMONIACAS — Vol. I: Genius loci, ou divindades poliades, 16; Tanso, 98; 207; Tanganhão, 125; Homem-bom, 308; Tatro-Azeiteiro, 98.

— Vol. II: Tatro, 170; Tanso, 184; Homem-bom, 136, 177; Pezadello, 20, 110; Diabo, 21; suas formas, 181, 172; Phantasma, 23; Avantesma, 172; Demonio do Deserto ou Entreaberto, 36, 148, 155; Fadas marinhas, 36; Homem das sete dentaduras, ib., 149; Fadas de Mãe, 63; Mouras encantadas, 64, 125, 182; Martha a não dina, 65; Cão tihoso, 84, 129; Porco preto, 86; Lobishomem, 85, 148, 155; Pardalo, 180; Velha da egua branca, 158; Chapéo de ferro, 90, 152, 158; Sombra e Solombra, 93, 171; Escolar das nuvens, 93, 151, 190; Homem das calças vermelhas, 110; Maria Padilha, 133; Harut e Marut, 139, 197; Montenegro (Monkir Nekir), 140; Rosemunho, 151, 155; Pretinho do barrete encarnado, 152, 155; Cavallinhos fuscros, 164; Jans, 170; Balborinho, ib.; Maria Molha, Maria das Pernas compridas, 170; Insonho, 171, 180; Medo, Cousa Ruim, Coca, Coca Loba, Farronca, Ar Mão, 171; Papão, Gallinha preta com bacoros, Amazonas, Mão de ferro, Galgo negro, Colmea, 171; Cão preto, 172; Tanglomango, 172, 176; Diangras, 174; Fado corredor, 180; Peeira e Lobeira, 180; Trasgos, Fradinhos da mão furada, ib.; Mãe d'agua, 182; Olharapos, Olhapi (Cyclope), 182; Caipira, 184; Tartaranho, Tardo e Trado, 185; Escolarão, Tergeitador, Esturjeitante, Madre Celestina, Pedro Botelho, Flamazão, Mafarrico, Pedro de Malas Artes, 190; Previnco ou Probinco, 191; Santa Coca, 295.

ESCONJUIROS — Vol. I: Para afugentar a passarada, 139; Contra o nevoeiro, 140; Para os mortos não voltarem a este mundo, 222; Para evocar uma alma, 224.

— Vol. II: Esconjuro das Favas, 132; Para lançar fóra espirito maligno, 146; Para atar a perna ao diabo, 191; Evocar alma, 194; Palavras de encantamento, 193; Oração para matar, 195; Para fazer mal, ib. Vid. **FÓRMULAS e ORAÇÕES.**

ETHNOLOGIA — Vol. I: Observação no conjunto das sociedades, 2, 10; Relação com a Psychologia e Sociologia, 3; Caracteres nacionaes, ib.; Methodo comparativo, 4; Automatismo nos Costumes, 5; Presente explicado pelo passado, 6, 8; Meio social, 7; Persistencia dos costumes, 9; Acção do meio cosmico, 10; Regressões a costumes atrasados, 14; Razão das instituições politicas, 16; Isolamento dos povos, 17; Sobrevivencias de costumes atrasados, 18, 21; Homem emocional, 19; Ideias de Steinthal e Stuart-Mill, 24; Estado agricola e pastoral, 29, 55; Regimen da

maternidade ou hetairista, 28; Familismo e Cantonalismo, 30; Concelhos e Behetrias, 55; Fim da Ethnogenia, 192; Gynecocracia, 234; Influencia do sexo e da idade, 272; a Mulher na differenciação dos costumes, 273; Conservantismo dos velhos, 274; Funções especificas ou automatismo, 294; Imitações dos actos sociaes, 295; Coordenação synthetica dos Costumes, 36.

— Vol. II: Synthese affectiva, 5; especulativa, 333, 433; Camadas sociaes definidas pelas Superstições, 9; Selvagismo, Barbarismo e Paganismo, 18; Condições para o Sobrenaturalismo, 46; Influencia das commoções sociaes, 111; Methodo no estudo das Superstições, 114.

FESTAS—Vol. I: S. João, seu sentido solar, 43; Corpo de Deus, 74; Montaria ao Porco preto, 75; Correr o Montujo, *ib.*; Ascensão, *ib.*; Lanço da Cruz, 76; Vespera de Entrudo, 138; Dia de Finados, 209; Maias, 377; das Regateiras, ou de S. Gonçalo, 391; Tarasca de Corpus Christi, 393.

— Vol. II: Festa da espiga, 26; Natal, 54, 55, 148; Trevas, 54; S. João, 58, 72, 73, 148, 160; Maio, 58; S. João e Natal resto do culto sideral, 66; Santo Antonio, 69; Matança dos porcos, no Natal, 85; Procissão do Corpo de Deus, 161; Destino social das festas, 250; Estréas do Anno bom, 254; Annos boimos, Janeiras e Janeiroiros, 254 e 255; Aguinaldo, 255; Dia de Reis, 257; Visita das lapinhas, 258; Peditorio das Janeirinhas, 258; S. Gonçalo, seu culto phallico, 259; Fama, Venia e Corrida do Gallo, 260; S. Amaro, 260; Varrer dos Armarios, na Madeira, 261; S. Sebastião, *ib.*; Fogaceiras, 263; Senhora das Candéas, 261; S. Braz, 264; S. Bento, 265; Dia das Petas, 266; Entrudo, 267; Ramos, 268; Semana santa, 271; Gallo das Trevas, 271; Vella Maria, 272; Trevas, *ib.*; Passos, *ib.*; Enterro, 274; Compasso e Reconhecenças, 277; S. Pedro Gonçalves, 277; S. Marcos, 278; Boi Marcos, 279; Enfeitar as Maias, 280; Maio pequenino, 282; Bodos do Espirito Santo, 283; Imperio de Pentecoste, 284; Folia do Espirito Santo, 285 a 289; Procissão do Rolo, 289; Côte dos Gallos, 290; Festa dos Taboleiros, 294; Corpo de Deus, 294; S. Jorge, 294; Carro das ervas, 294; Santa Coca, 295; Santo Grande, 296; Santo Antonio, 297; S. João, 300; Cavalleiros de Obidos, 303; Galheiro, 304; S. Pedro, 309, 310; S. Thiago, 313; Santa Anna, 314; Procissão dos Ferrolhos, 315; S. Bartholomeu, 315; S. Pedro de Nisa, 316; S. Simão e S. Judas, 318; Fieis defunctos, 319; S. Martinho, 320; S. Nicoláo, 321; Santa Luzia, 322; Festa do O, 323; Natal, 324; Missa do Gallo, 325; Galheiro, 329; Santo Estevam, 330; Bispo Innocente, 331.

- FONTES SANTAS** — Vol. II: Prohibidas desde o seculo VII, 57; Caracteres cultuaes, 119; Bordas dos rios, 130; Agua de Má-Martha, 130; Fonte de leite, 237; de S. Bartholomeu de Cabrez, 316; Rio Sousa, 314.
- FÓRMULAS MARCELLICAS** — Vol. II: O seu texto, 32; Interpretação de Grimm, Zeus e Pictet, 33; Pertencem á região da Aquitania, 33; Aproximação das fórmulas accádicas da Chaldéa, 34, 35; Persistência da Magia accádica nas Superstições portuguezas, 36.
- FÓRMULAS MEDICINAES** — Vol. II: Reza dos feitiços para toda a doença, 217; Para o achaque de ar, 218; para chagas, 219; para curar quebraduras, 220, 229; para o fluxo de sangue, ib.; para dores de dentes, 221; para a vertoeja e fogo louro, 222; para o cobrello, 223; para a erizypela, 224, 225, 227, 231; para escaldaduras e queimaduras, 227; para talhar bixo, 228; para espinhela cahida, 228; para o fogo do ar, 231; para sezões, 232; para verrugas, 233; impigens, 234; azia, 235; aphtas, 236; insulação, 237; invocação a S. Gonçalo, 259.
- FORTUNA** — Vol. II: Modo de a obter, 72, 74; Modo de a tirar, 87; quando crescem muito as unhas, 93; noz de trez quinias, 109.
- FUNERAES** — Vol. I: O Logno, 110; Mamôas, Antellas e Dolmens, ib., 184; Relações dos ritos funerarios com o casamento, 178; Systematisação dos ritos funerarios, 182; Morte dada aos velhos, ib.; Ajudar a morrer, 183; Despenadeiras de Nisa, 183, 214, 227; Despenhação dos velhos, 183; Assassinato voluntario, 226; Tirar o travesseiro, 227; Poços seccos, 185; Incineração, 184; Tripudios, 184, 194; In-humação, 185; Poço dos Negros, 187; Monticulos funerarios, 187, 188; Antinhas, 187; Montes Gaudios ou Fieis de Deus, 188; Atirar pedras á sepultura, ib.; 189, 219; Cruz na sepultura, 190; Arvore sepulcral, 191, 193; Pinheiro funerario, 194; Cantos funebres, 195; Bradar sobre findo, 197; Voceros, 199; Pranto, 200, 213; Cerimonia official do pranto, 200; Carpideiras, 201, 203; Fórmias de lucto, 203, 204; Içar bandeira branca, 204; Sete badaladas, 205; Dinheiro de cruces, ib.; Passar o carreiro de S. Thiago, 206; Funeral dos reis, 207; Banquetes, ib.; Obradas, Banquete commemorativo, 208; Offertas aos meninos, 210; aos parochos, 211; Anho ou anejo, 211; Os anojados, 212; Guisa e Esteira, 212; Semear o morto, 212; Dansar ao anjinho, 214; Banquetes sobre as sepulturas, 215, 216; Pedir para as almas, 217; Bodos, sua origem, 219; Superstições dos mortos, 220; Forma insulana de semear o morto, 222; Requerer alma, 223.

- Vol. II : Restos do rito funerario nos carvões e cinzas dos Dolmens, 63; Sapatos de defuncto, 343.
- GARANTIAS** — Vol. I : Franquias, 63; Sino do Concelho, 87; Picota e Pelourinho, 181; Ghilde ou banquete em commum, 245; Irmandades, *ib.*, 343; Foro e Fara, 255, 256; Aldéa, 268.
- Vol. II : Classes sociaes representadas na procissão de Corpus, 292; Banquete em commum, na Travanca, 330; as Garantias substituidas pelas Regalias, 499.
- GUERRA** — Vol. I : Duello, 14; Guerras privadas, 16; Hostilidade das povoações, 19; Guerrilhas, 54, 83; Emboscadas dos Luzitanos, 83; Almenaras, 84; Dias de luctas, 85; Jogos guerreiros dos Luzitanos, *ib.*; Bafordos, Aléos, 86; Valentões, *ib.*; Arcabuz e Chuço, 87; Castros, Castrellos, Campos e Campellos, 110.
- HISTORIA DE PORTUGAL** — Vol. I : Endexa á morte do rei D. Diniz, 196; á do principe D. Affonso, 198, 199; Cantos na sepultura do Condestavel, 199, 206; Casamento da infanta D. Leonor, 243; Casamento de D. João I, 251; Cantigas ao embarque de D. Sebastião para a Africa, 408.
- Vol. II : Influencia dos terremotos no caracter do povo, 12; Sonho do infante D. Fernando, 98; Derrota de Alcacer kibir, 111, 169; Batalha do Toro, 161; Ir ao Maio, 283; Romances relativos á Historia de Portugal, 412; D. Diniz, 499; D. Fernando, 500; Acclamação do Mestre de Aviz, 501; Revolta de Lisboa, *ib.*; O Condestavel, 502; Expedições de Africa, 202, 203; Ingratidão dos reis, 503; Processos do Santo Officio, 504; Cardeal Rei, 505; Assassínatos por Philippe II, *ib.*; Guerra da independencia, 506; D. João, IV, 507; D. João V, *ib.*; D. José e o Marquez de Pombal, 508; Côrte de D. Maria I, 509; D. João VI, *ib.*; Entrada dos francezes, 510; Protectorado de Beresford, 511; Villa francada, 512; Luctas de D. Pedro e D. Miguel, 512; Maria da Fonte, 516; Intervenção armada estrangeira, 517.
- HOSTILIDADES** — Vol. I : De raça : Typo ruivo, 45; Morte aos estrangeiros, 89; Berlenguches, *ib.*; Ladino, Grego, Gothico, Mouro, 92; Sarrasina, 93; Rabudos, 95; Francezismo, 96, 355; Franchinote, *ib.* — Locaes : Serranos e Ribeirinhos, 45, 68, 90; Montanhões, 69; Os de Alemquer, 90; Chanter pouille, 91; Rabellos e Carecas, 92; Gallego, 93; Chamorros, 95; Alfacinhas, 99; Tripeiros, 99; Apódos a Lisboa, 99; Coimbra, Aveiro, 100; Povoações do Lentejo, 101; do Algarve, 102; Beira e Douro, *ib.*; Os da Lourinhã, 106; Ratinhos, 106; Vianez, 252; Apódos nos Casamentos, 239. — Hostilidades dos officios : Alfaiates, Sapateiros,

Ferreiros, 106; Trolha, Caldeireiro, Pedreiro, 107; Barqueiros, *ib.*; Moleiros, *ib.*; Leva a gata, 138; Fadistas, 216; — Hostilidades nominaes: Antão, Anna, Augusto, 107; João, José, Luiz, Rita, 108.

— Vol. II: Hostilidades na festa dos Reis, 258; Perguntas pelas Endoenças, 275; Serpa, Arrayolos, Beja, Arruda, 352; Apódes em forma dramatica, 427; Braga e Porto, 513.

IBEROS — Vol. I: Sua expansão no Occidente, 34; Passagem pela Africa para a Europa, 42; o problema dos Fullahs, 43; Conciliação das ideias de Huxley, 42; Diferenciação dos dois typos ibericos, 44; Persistencia de usos celtibericos, 46; Acitanias ou povoações dos Ausci, 50; Dansas ainda actuaes, 50; Celleiros communs, *ib.*; Duplicidade do elemento iberico, 52; descriptos por Cesar, 56; Ideia de Paul Broca, *ib.*; Cidades ibericas, 109; Tecelagem, 167; Couvade, segundo Strabão, 236.

— Vol. II: Culto dos Betylos, 48; Homogeneidade entre Aquitanios e Iberos, 173.

INDUSTRIAS LOCAES — Vol. I: Cambas, Zangas, Molinheiras e Picarneys, 114; Potes de barro, 121; Cubas, *ib.*; Pequena industria, 145; Situação do operario, 157; Rendas, 166; Flores de pennas, *ib.*; Bragal, 167; Baetas e retinas, *ib.*; Tearas, 168; Cotins, *ib.*; Linha de Guimarães, 169; Lãs, *ib.*; Padaria, 170; Trabalho na pedra, 155; Canteiros, 156; Muro francez, 156; Trolhas, 158; Pão de fileira, Construção naval, Cordoaria, 159; Louça de pão, 160; Concas, gamellas, palitos, obras de vime, 160; Croças, 170; Barro, infusas, 161; Pucaros de Extremoz, 161; Louça preta, 162; Louça de Coimbra, 163; Azulejos, 163, 164, 165; Mosaicos e Embrexados, 166; Chancas, 170; Fiação portugueza, 340; Modistas, 381; Serrelharia, 154; Ferrarias, 155; Candéas de ferro, prego batido, fechaduras, *ib.*; Nomes arabes dos officios, 62; Redes, 78; Salinas, 81; Lanificios, 133; Alternancia das industrias, 144; Minas, 145 a 147; Ourivesaria, 148, 151; Filagrana, 150; Systema de Associação operaria, 153; Cordão de ouro, 153.

INSTRUMENTOS MUSICOS — Vol. I: Guitarra, 62, 404, 408; Adufe, 252, 386, 405; Flauta, Trombeta, 385; Citolom, 386, 405; Castanholas, 394; Rabeca, 403; Charamella, *ib.*; Gaita de capador e de folles, 404; Campainhas, 405; Laude, 406; Enxabea, 406; Viola de arco, 407; Berimbau, 408; Timbales e Menestrins, 408; Zabumba, Ferrinhos, Çanfonha, 409; *ib.*

— Vol. II: Adufe em Fevereiro, 127; Viola, rabeca e pifaro, 255; Soalhas, 286; Machete, 328; Castanholas, 328.

JOGOS — Vol. I: Naipes, 62; Corridas de touros, 86; Serra madeira, 124, 358; Jogo das Visinhas, 277; do Sino, 287; Psychologia dos jogos infantis, 294; Elementos de classificação 298; Jogos da rua, 296; Fórmulas religiosas dramaticas e judiarias, 297; Processo comparativo, 297, 298; Cebra-cega, sua universalidade, 299; Almolina, 304; Dou-te-lo vivo, 303; Dedos para o ár, 306; Conversa dos dedos, 310; Pimpolhinha, 311; Jogos numerativos, 312; Vassourinha, 313; Pão quente, 316; Sola Sapata, 316; Queimado ou Senhor Villão do Cabo, 317; Viuvinha, 319, 348; Galdir e Galdar, 319; Quatro cantos, 320; Caracol, 320; Palmas e palminhas, 322; Põe aqui pillinha o ovo, 323; Bichinho gato, 323; Arre burrinho, 324; Punho, 325; Cadeira de mãos, 326; Santeiro, ib.; Mão morta, 327; Pedrinhas de taixos, 327; Estopinhas, 328; A cavallo, n'um pão, ib.; Pé de Galinha, o Homem, 329; Adivinha quem te deu, 330; Estallos, Annel, ib.; Tirar palha, 332; Abbadessa, Castello de Bimberimbello, 332; Aqui está a corda, 334; Silencio, 335; Condessa, 335; Condessinha de Aragão, 338; Trebelhos, Bafordo e Tabolado, 345; Malham, Pião, 349; Badalassa, Pega-chuna, 348; Cubre, fitelho, 348; Jaldeta, Conca, Sarrilho, ib.; Dinheiros seccos, 349; Torrelha, Dados femeas, Vacca, Butir, Porca, Curre-Curre, Aléo, 346; Panellinha, 347; Malha, ib.; Bilharda, 347, 357; Pira, 348; Bola, 349; Marralha, ib.; Tintinini, 350; Pato, Canas, Argolinha, Damas, 350; Xadrez, 351; Naipes, 352, 353, 354; Toque emboque, 355; Tourinhas, ib.; Martim Cortez, 356; Passarinho á orelha, 356; Escondidas, 358; Abraços, Corriola, 357; Bisca coberta, Truque, ib.; Gamão, 358; Arrenegada, ib.; Serra madeira, 358; Papagaio, 359; Botão, 360; Lista de outros jogos populares, 361; Trepas cordas, Tornos de meza, Salto real, 387.

— Vol. II: Fórmulas religiosas, 179; S. Martinho, 320; Jogo do Frade, 331.

LENDAS — Vol. I: Cidades subvertidas, 44; Ilhas encantadas, 53; Rei Arthur e D. Sebastião, 75; D. João, 226; Torre de D. Sapo, 240.

— Vol. II: Do homem na lua, 55; da oliveira, 71; do trovisco, 72; dos tremoços, ib.; de S. Vicente, 76; de S. Isabel, 109; Tributo das Cem Donzellas, sua origem mythica, 125, 445; do rei Arthur, 150; do Bom Homem, 180; da Espada do Condestavel, 183; de Merlim, em Portugal, 238; Ilhas encantadas, 27, 181, 239; descripção de Rozmital, 240; Ilhas brancas, ib.; Tradição de S. Brendan, e das Ilhas empoadas, 241; da Antilia ou Sete Cidades, 241; D. Sebastião,

- 242; Lendas troyanas, 406; Formação das lendas, 434; Enumeração das lendas historicas portuguezas, 446, 447.
- LINGUAGEM** — Vol. I: Documento ethnologico, 23, 40; Toponomastico, 53; representa a cultura material, 57, 59; Vestigios arabes, 60, 61; Adri, seu sentido, 194; Philologia generativa, 274; Gestos, 275; Intonações, 277; Interjeições universaes, 279; Onomatopéas, 281, 282, 283; Linguagem infantil, 284; Imitação dos sons, 287; da marcha dos soldados, 286; Parodia da intonação das rezas, 288; Vozes dos animaes parodiadas, 289; Lenga-lengas, 292; Girias, 293; Trabalenguas, 290, 291; Neumas, 292.
- Vol. II: O assobio, 28; Elaboração oral da linguagem, 398; Fórmias figuradas da linguagem popular, 336; Comparações communs ao Occidente, 337, 340; Modismos portuguezes, 338; relação com os Contos e Anexins, 341.
- LITTERATURA POPULAR** — Vol. I: Epopéas solares, 30; Origem dos cantos lyricos, 33, 56; Serranilhas e Aravias, 58, 61.
- Vol. II: Livro de S. Cypriano, 160, 161; Vida de S. Bom Homem, 179; Imperatriz Porcina, 193, 458, 459; Trovas de Bandarra, 243; Litteratura prophetica, 248; Adivinhas na litteratura, 377, 378; Fórmias universaes da Litteratura, 399; Dupla origem do Theatro, 413; Côro com fórma lyrica no theatro, *ib.*; Origem tradicional do Theatro portuguez, 415; Typos nacionaes, Ratinho, Dr. da Mula Ruça, Sirigaita, 415; Fórmias improvisadas da Comedia, 416; Fórmia epica no theatro, 423; Dansas agonisticas, 425; Mouriscadas, 427, 428; Litteratura de cordel, 448; suas epochas historicas, 450; Autos de S. Catharina, 424; da Paixão, do Abbade João, de El-rei Almançor de Berberia, *ib.*; João de Calais, 427, 463, 486 a 488; Formosa Magalona, *ib.*, 473; Roberto do Diabo, 459, 460; Sete Partidas do Infante D. Pedro, 460, 461, 462; Cartas de amores, 464; Obras litterarias tornadas populares, 452 a 457; Irmandades dos Cegos vendedores de Folhas volantes, 479; Orações dos Cegos, 481; Catalogos das Folhas volantes do seculo XVIII, 483; Origem italiana de Bertoldo e Bertoldinho, 484, 485; Trez Corcovados de Setubal, 489; Vida de Cosme Manhoso, 491; D. Francisca do Algarve, 491; Garrett comprehendeu o valor da litteratura popular, 494.
- MEDICINA** — Vol. II: Sua origem magica, 15; Santos medicinaes, 22; Agua das tres marés, 26; Aguas santas, *ib.*; Sucção, 27; Rachitismo, 37; Cobro e cobrello, *ib.*; Ervas de S. João, 53; Contra a esterilidade, 61; Modo de ter leite, 61; Cura dos argueiros, *ib.*; das doenças de olhos, 62; In-

fluencia dos penedos nas curas, 62; Trez voltas em redor do altar, 64; Poder da estrella para curar, 69; Contra o hysterismo e febres, 75; Contra os bruxedos nas crianças, *ib.*; Fogo do ar e Ar mão, *ib.*; Corações de aves, 80; Para despertar somnolentos, 82; Bafo de cão, 85; Barro das bilhas de Estremoz, 91; Pôr a mão, 91; Contra a dôr das retortas, 101; Fazer a molleirinha ou a Estopada, 102; Dadas no peito, 105, 177; Contra o somno trocado e vermes, 106; Mordeduras de cães damnados, 113; Lameiro virgem, 118; Hernias scrotaes, 130; Cura das Cambras, 135; Contra sezões e febres, 163; Virtude medica dos réis, 185; Lombrigas, 186; Fervedouros, 187, 233; Pós pestiferos, *ib.*; Cura dos Feitiços, 203; Procissão contra as pestes, 284, 289; Tradição da Medicina egypcia, 213; Curar com palavras, 216; Benzeduras, 217, 218; Cura de quebranto, 217; Benção com folha de sabugueiro, 219, 221; Raminhos de cacordia, 225; Ardegaria para a eryzipela, 225; Acintro, *ib.*; Talhar a toupa, 228; Maleitas, 232; Coser pé, 233; Cabeça de morto, 337; Panno dobrado, *ib.*; Enganar as maleitas, *ib.*; Bichas de S. Thiago, 314; Banhos por S. Bartholomeu, 316; Pello do cão, 348.

METEOROLOGIA — Vol. I: Santelmo, 79; Vento gallego, 95; Nevoeiro ou Tatro azeiteiro, 98; Orvalho ou Mangra, 135; João das Calças queimadas, João Preto, 141.

— Vol. II: Arco da velha, 26; Cinza espalhada ao vento, 66; Prognostico de vento, 82, 87; Nevoeiro, sua personificação, 160, 170; Chuva, *ib.*; Santelmo, 171, 277; Prognosticos de Janeiro, 253; de Fevereiro, pela Candelaria, 264; Trovoadas de Junho, 307; Experiencias de Santa Luzia, 322; Quendas e Requendas, 323, 332; Meteorologia dos Anexins, 349.

MODAS — Vol. I: Regressão a costumes selvagens, 17; Mandil, 361; Rebuço, 362; Barrete, *ib.*; Cuia e Mantilha, 363; Bragas, *ib.*; Coroça, Galochas, Chapim, 364; Capotilha, Cachouceira, Chamorros, 365; Tranças, 366; Arrecadas, Bichas, Arriel, 367; Espelho de latão, 371; Trajos do seculo XIV, 367; do seculo XV, 372; Relho, 374; Picote e burel, 375; Trajos do seculo XVI, 375; Gorras, 374; Abanico, 376; Trajos do seculo XVII, 376; Guardinfantes, Verdugadins, Capinhas, 377; Cosmeticos, 378; Donaires, Merinaques, *ib.*; Regalos, Bengalas, Leques, 379; Sinaes no rosto, 380; Trajos do seculo XVIII, 381; Zuarde, Lustrina, 382; Capote e lenço, *ib.*; Tratamentos cerimoniaes, *ib.*

MUSICA — Vol. I: Lundum chorado, 397; Fados, 407; Gosto do povo pela musica, 408.

MYTHOS—Vol. I: Personificação do Santelmo, 79; da Conve, 117; do Milho e Centeio, 130; do Trigo, ib.; da Aveia, 131; do Nevoeiro, 140; dos Sinos, 287; dos Dedos, 310.

—Vol. II: Definição do Mytho, 8; Relação com as Superstições, 9; Boliana, 72; do Fogo e da Penna de Boliana, 73, 75; Mytho do Burro, 82; solar da Serpente, 125; Fogo celeste ou Paramantha, 132; Soma ou Hom, 136, 176; Solsticio diurno, 148; Meia noite, 151; do Lobishomem, 155; Noite e Inverno, 155; do Fogo e Vara de condão, 159; S. Jorge, 162; Bom Homem, 177; Mytho solsticial da Serração da Velha, 269; de Adonis, na Sexta feira da Paixão, 275; Mythos vedicos, na benção do lume novo, 276; Mytho solsticial na festa de S. João, 300; Wuotan equiparado a S. Miguel e a S. Martinho, 322; Relação do Natal com o solsticio, 326; A concepção mythica nas Adivinhas, 374, 378; das Trevas nocturnas, 445.

NOMES—Vol. I: Maria, seu poder para afugentar a passarada, 139; para lançar a semente á terra, 138.

—Vol. II: Horoscopo dos nomes, 24; Nomes provenientes do totemismo, 25; Schem, ou nome secreto de Deus, 40; João, 41, 229; Maria, 41, 230; Bento, Custodio, Custodinho, Ignacio, 108; Nomes dos doentes citados no curativo, 220; Manuel, 230.

NUMEROS—Vol. II: Sete, 89, 142; Badaladas do sino, 101; O septimo filho, 104; Treze á meza, 109; Poder religioso dos numeros, 141; Nove, 143; Contar para traz, 145; a Gematria, ou reducção das letras a numeros, 243.

ORACÕES—Vol. I: Para levedar o pão, 171; Cantar a Moliana, 174; do Azevinho, 175; da Laranjinha, 175.

—Vol. II: Rythmicas, 79; á lua Nova, 49; Invocação ao Sol, 54; da Pedra de Ara, para ser amado, 62; para quando cae uma Estrella, 69; Oração de Martha, 71; da Estrella fremosa, ib.; para cortar o Trovisco macho, 74; Contra o pio do corvo, 79; prognostico do tempo pelo gato, 82; Ensalmos do Asno, 83; Oração para ser amado, 84; contra as moscas, 88; contra a má olhadura, 93; para os maledicentes, 94; a S. Zacharias para adivinhar as vozes, 96; para reconciliar namorados, 100; para tornar affavel o namorado, ib.; para o parto difficil, 102; para a criança falar, 103; para nascerem dentes á criança, 105; para desenguiçar a criança, 104; para esconjurar o espirro da criança, 105; para desalgar a casa, 106; para benzer a casa, 108; para ficar boa a fornada, 109; de S. Martha para prender o coração, 122, 123, 124; de S. Anna, 127, 128; para ligar duas pessoas, 134; para as Cambras, 135, 136;

- Oração dos Numeros, 142, 146, 147; Oração de S. Custodio, 147, 216; da Emparedada, 193; para as Cartas de tocar, 197; de S. Arasmo, 201; para curar feitiços, 203; Oração ao Anjo da Guarda, 204; á Virgem mãe, 205; para o deitar da cama, 205, 206, 207; para defender a casa, 208; para um grande perigo, *ib.*; contra as trovoadas, 209; para achar cousas perdidas, 210, 211, 212; a S. Christovam, 210; contra os cães damnados, 212; Cegos rezadores, 481.
- ORDALIOS** — Vol. I: Combate judiciario, 86, 266; Andar sobre brazas, 263; a Porca de Murça, *ib.*; Ferro quente, 263.
— Vol. II: Agua amarga, 343; Ferro caldo, 113.
- PACTOS DEMONIAÇOS** — Vol. II: Perder a sombra, 21; Covas de Salamanca, 24; pelas trez pedras, 60; Petra Fetal, 65; Sangria no dedo minimo, 94; Apregoar demoninhados, 116; Senzalas, 129; Sabath, 131; Bruxas, 198.
- PALAVRAS MAGICAS** — Vol. II: Desconhecidas, sua força, 32, 38, 215; Malfazeja, 37; Sua origem, 39; Relação da Grammatica com a Nigromancia, 67; Artimanha, *ib.*; Virtude das palavras, 112; Palavras retornadas, 148; seu poder medicinal, 215, 216.
- PASTOS** — Vol. I: Deambulação dos gados, 132; origem da Mesta, *ib.*; Alfeire, *ib.*; Doeiras, 133; Queijos, 144. Vid. AGRICULTURA.
- PEDRAS PHALLICAS** — Vol. I: Origem ante-historica, 232.
— Vol. II: Pedra da calçada, 60; de ára, 60, 62, 118; Revolver penedos, 60, 118; Penedo dos casamentos, *ib.*; Conta leital, Arguerera, andorinha, *ib.*; Pedras cavalgares, 64; Ceraunias ou pedras de raio, 65; Pedra comprida, 117; Frades, 118.
- PELOURINHOS** — Vol. I: Seu sentido politico, 258; Genius loci, 259; Comparação com os francezes, 259.
— Vol. II: Petrasfitas e Picotas, 32. Vid. GARANTIAS.
- PESCA** — Vol. I: Por mulheres, 76; Redes, Acederes, Enxaqueques, Chinchorros e Tartaranhas, *ib.*; Companhas, 77, 78; Pilado, 77; Quinhões, 78; Bois puchando rédes, 80; Qualidades de rédes, 81; Marroteiros e Marnotos, *ib.*; Galeões, Barcos de bocca aberta, 82; Hostilidade da classe, 107; Barinel, 159; Varinas, *ib.*; Barcos moliceiros, 159.
- PESSOAS DE VIRTUDE** — Vol. II: Gemeos, 28; Hereditariedade dos poderes magicos, 43; Velhas, 53, 189; Fetalista, 65; Mestras, 68; Corcunda, 94; Coxo, Vesgo, Calvo, 94; Signaes distinctivos, 97; Nascer n'um fole, 102; Septimo filho, 104; Chorar no ventre da mãe, 106, 186; Veedores, 112; Adivinhação pelas Crianças, 119; Menino de dez annos, 127; Noueurs d'eguilletes, 135; Loucos, 185; Reis,

- 185; Padres, irmãs de clérigos, 186; Caragos, Bentos, 186; Saudadores, 187, 218; Meninos virtuosos, 187; Cegos rezadores, 192; Mulheres de virtude, 199; Adivinhões, 248.
- POETICA POPULAR** — Vol. I: Leis rythmicas, 255; Neumas, 292.
- Vol. II: Quantidade e Accento, 361; Parallelismo, 361, 362; Tautologias, 363; Aliteraões, 364; Transição da Quantidade para o Accento, 366; Neumas 365, 404; Rondilhas, 366, 367; Endecasyllabo popular, 367; Alexandrinos, 368; Assonancia e Rima, 368, 369; Fórmulas strophicas, 369 a 371; Origem da quadra, 402; Serranilha, sua origem iberica, 402; Pé de Cantiga, 403. Vid. LITTERATURA.
- PODERES MAGICOS** — Vol. II: Mão olhado, 90; do Dedo polegar, 93; Degradar sombras, 95; Saber se uma pessoa é viva ou morta, 96; Andar ás vozes, 96; Roupa do marido da parturiente, 101. Vid. PESSOAS DE VIRTUDE.
- PROPHECIAS** — Vol. II: Acerca do Encoberto, 239; sobre D. Sebastião, 241; Trovas de Bandarra, 243, 244; sua influencia na revindicação da nacionalidade, 245; Interpretação das Trovas, 247.
- QUINTO IMPERIO** — Vol. II: Como esta ideia politica se tornou popular, 246.
- RELIGIÕES** — Vol. II: Sua relação com as Superstições, 6; Fetichismo, 10, 47; Totemismo, 25, 56; Synthese religiosa, segundo Varrão, 14; Religião solar, 15, 51, 52; lunar, 48; Atheismo espontaneo, 46; Manituismo, Sabeismo, 48; Polytheismo dos árias e semitas, 57; Proibição do culto lunar e solar, 59; Corvo da Sé de Lisboa, resto do fetichismo, 76; Porca de Murça, 85; Relação das Religiões com as Mythologias, 166; Perseguições aos Judeus, 169.
- ROMANCES** — Vol. I: do Conde Ninho, 193; Maravilhas do meu velho, 201; Dona Infanta, 202; Casamento mallogrado, ib.; Toureiro namorado, 204.
- Vol. II: D. Ausenda, 125; do Figueiral, 124; Silvana, 167; D. Pedro Menino, 89, 181; Filha Maria, 181; Santa Isabel, 185, 499; Não Catherinetta, 425; Conde Lusbella, 412; Dom Duardos, 455; A evolução da fórmula epica, 400; Character do Romanceiro occidental, 406; Formação dos Romances, 407; Classificação dos Romances seguindo os themas epicos, 409; Formação ou adaptação dos Romances a novos successos, 410; Acção das mulheres na conservação dos Romances, 411; Aravia, seu sentido entre o povo, 406, 411; Romances de Guapos no Occidente, 412.
- ROMARIAS** — Vol. II: Seu intuito cultural, 238; a S. Gonçalo, 259; da Espiga, 283; de Antime, 311; de S. Thiago, 313;

de S. Anna da Oliveira, 315; de S. Bartholomeu, 315; da Senhora das Neves, 423; como epoca dos Entremezes, 424; da Senhora da Assumpção, 425; Cirio do Cabo, 430; Comedias nas Romarias, 432.

SONHOS — Vol. II: Forma de sortilegios, 97; Modo da sua interpretação, ib; Comparação com a credulidade franceza, 98, 112.

SORTES — Vol. II: Seu character maléfico, 39, 116; Scopulomancia, 140; Numeros, seu poder, 141; Adivinhar pelas mãos, 168; Ver em espelho, 187; Bolo do sacrificio, 199; sorte da peneira, 211; da noite de S. João, 304. — Philtros amorosos, 82, 113, 115; Ligar homem e mulher, 116, 134; Bolo ou pão phallico, 133.

SYMBOLOS JURIDICOS — Vol. I: Provenientes do passado, 7; Corôa, 13; Vara, 13; Estudo de Grimm, 25; Osculo de paz, 90; Pomba funeraria, 193; Adopção, 236; Formação dos Symbolos, 254; Marco salgado, 262; Cabellos soltos ou atados, 267; no Casamento, 343; Stipulação, 269; parte symbolica na Procissão de Corpus, 269.

— Vol. II: A independencia dos Concelhos, e a Campana, 497.

SUPERSTIÇÕES — Vol. I: Definição por Tylor, 21; das Almas penadas, 43; Bastão runico, 63; Deitar as milhas, 138; Esconder a ferramenta, 158; Alfinetes na mortalha, 206; Defunctos e ritos funerarios, 220, 221; Aparições e Balborinhos, 225; Procissão dos Defunctos, 226; Casamentos, 253.

— Vol. II: Causas das Superstições, 7; Processo scientifico do seu estudo, 8; Criterio ethnico e psychologico, 9; Terror do desconhecido, 10; Aspectos da natureza, 10, 11; Exacerbação inquisitorial, 13; Superstições da Chaldéa e do Egypto entre os povos modernos, 14, 15; sua passagem para o Occidente, 16, 29 a 31; Carantulas, 24; Encruzilhadas, 25; Classificação das Superstições, 29; Origens accadiccas, 36; Systema de coordenação, 43; Mostrar dinheiro á Lua nova, 49; Superstições provenientes de um culto solar, 52, 54; Dias aziagos, 54, 55; Poderes dos astros, ib; das Plantas, 69 a 75; das Aves, 76; das pessoas e seus actos, 93; dos Sonhos, 97; da Casa, 106; dos objectos de uso, 108; da comida, 109; das roupas, 110; Superstições do seculo xv, 114; do seculo xvi, 115; Superstições judaicas entre o povo, 169; da festa dos Reis, 259; Agua de Maio, 283; da noite de S. João, 305, 307.

TALISMANS — Vol. II: Cinco réis á porta, 106; Dente ou barão de enforcado, 116, 138; Espada que mata homem, Cabeça de Saludadores, 116; Mandraculas, 137; Cartas de

tocar, 139, 150, 196; Contas, 151; Vara de Condão, de Aveleira, Cacheira, 159, 160, 161.

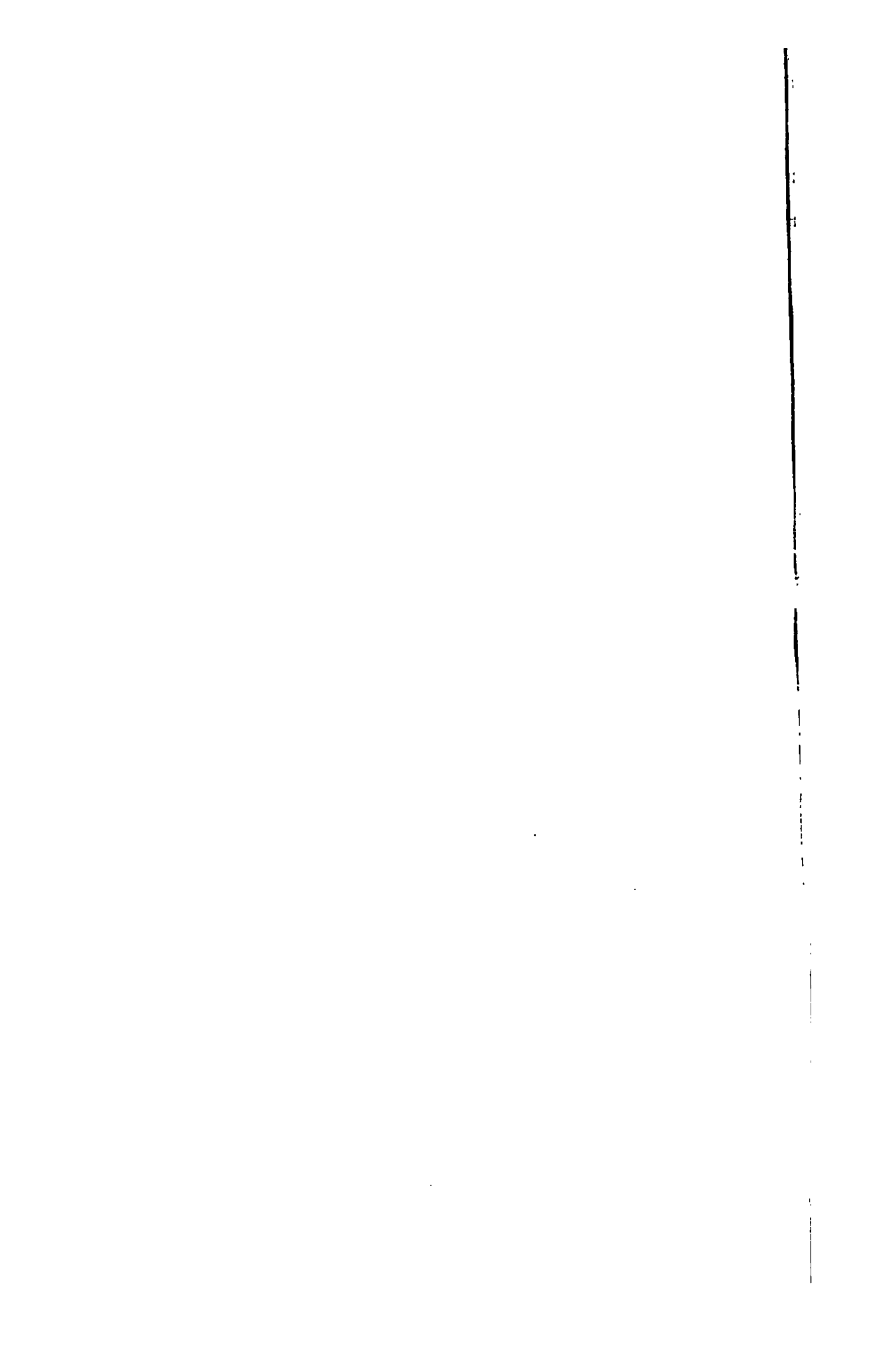
THEZOUROS — Vol. II: Ideia ligada aos Menhir e Dolmens, 63; Carvão em lugar de thezouros, ib.; Lançar varas, 116; Fixar o thezouro desencantado, 149; Character mythico do thezouro, 159; Pecus e Pecunia, ib.; Ritual para descobrir, 160; Haveres do tempo dos Mouros, 183.

USOS — Vol. I: Tatuagens, 70, 363; Orelhas furadas, 70; Usos sem relação com os costumes, 12; Cortar os dedos, 83; Signaes na cara, 380.

— Vol. II: Tatuagem, 28, 188; Mancebias, 131.

ZOOLOGIA POPULAR — Vol. I: Urso, 74; Cabras do Suajo, ib.; Montujo, 75; Porco preto, ib.; Furão, 69, 72; Lobo, 70; Falcão, 71; Atum, 77; Carneiros, 133; Zorra da Odeloca, 226.

— Vol. II: Auspicios, 56; Aves de agouro, Corvo, 76; Gallo negro, Pombos, Gallinha, 80; Cuco, 81, 131; Gato preto, Pega, 81; Burro, 82; Cão, 84; Lobo, 85, 157; Porco, ib.; Cavallo, 87; Sapo, 87; Aranhas, ib.; Baratas, Centopéa, Grillo, Mosca, Formigas, Borboletas, 88; Basilisco, 89; Serpentes mythicas, 125; o Cão, 137; Canto do Gallo, 152; Cobras douradas, 159; Dragão, 162.



.

.

.

MAY 25 1942

